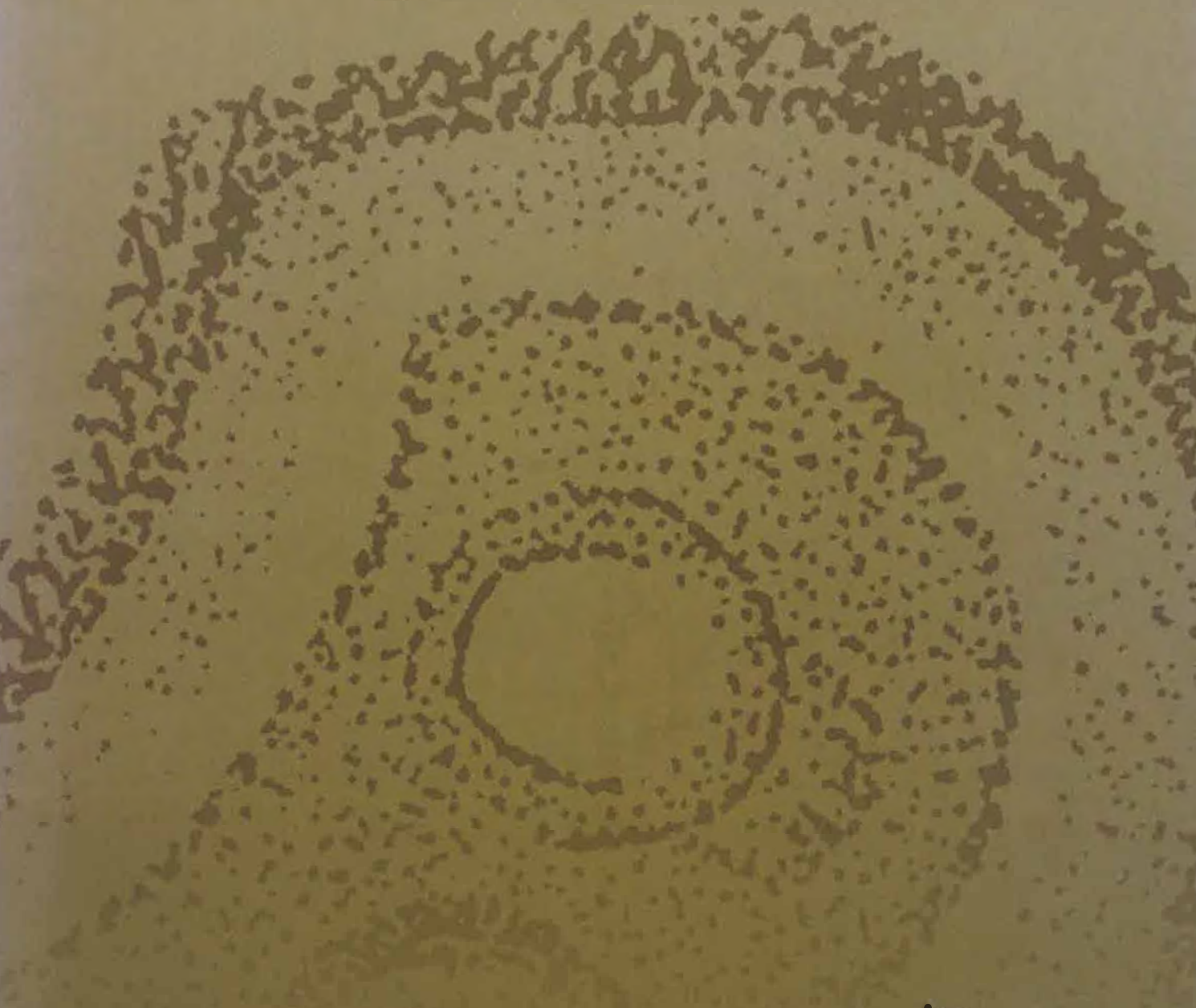
museu municipal
abade pedrosa
Colecção arqueológica



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

museu municipal
abade pedrosa

Colecção Arqueológica

Álvaro Brito Moreira

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

Ficha Técnica

Título
Museu Municipal Abade Pedrosa.
Colecção Arqueológica.

Autor
Álvaro de Brito Moreira

Desenhos
Álvaro Moreira / Rosário Melo / Lídia Azevedo / Paulo Carvalho / Miguel Sousa Dias / Eugénio Martinho

Fotografia
Foto Irís – Augusto Soares
Processamento de imagem – Cristiano Soares
Museu Municipal Abade Pedrosa – Nestor Borges
Arquivo Municipal de Fotografia. Santo Tirso

Capa
Avelino Leite

Concepção gráfica
Albino Carvalho
Mediana - Sociedade Gestora de Imagem e Comunicação, SA

Edição
Câmara Municipal de Santo Tirso

Impressão e acabamento
Rainho & Neves

Tiragem
1500 Exemplares

ISBN
972-8180-17-9
978-972-8180-17-1

Depósito Legal
257977/07

Instituto Português de Museus
Rede Portuguesa de Museus

Programa de Apoio à Qualificação de Museus
P2 – Programa de Apoio à Investigação e ao Estudo de Colecções

museu municipal
abade pedrosa

Colecção Arqueológica

Álvaro Brito Moreira

Índice

Apresentação
O Museu Municipal Abade Pedrosa. A história da instituição
O Regulamento Interno do Museu Municipal
Instalações. A antiga hospedaria conventual do mosteiro de S. Bento
O patrono do Museu Municipal e a sua acção no domínio da Arqueologia
A colecção arqueológica
Locais de proveniência dos materiais
Exposição permanente
Bibliografia

Apresentação

Com a edição deste catálogo cumpre-se mais uma etapa na história e na consolidação do Museu Municipal Abade Pedrosa.

A 7 de Novembro de 1985 a Câmara Municipal deliberou em reunião ordinária reactivar este Museu, cumprindo as suas competências enquanto instituição pública com responsabilidades na preservação e valorização do património cultural concelhio. Desde essa data que o Museu tem cumprido com determinação os objectivos que estavam subjacentes à referida deliberação exercendo "actividades no domínio da investigação, da museologia, da divulgação cultural, do ensino e apoio da defesa do Património Cultural".

A sua concretização tem uma história longa, que começa com a vontade e a visão de Abade Pedrosa, que lhe deu o nome e que dedicou grande parte da sua vida e do seu saber à arqueologia e ao estudo das manifestações humanas. Mas é na década de oitenta, que se assume enquanto estrutura organizada com funções e vocação específicas. É a Câmara Municipal que, associada a Instituições do Sistema Cientifico Nacional, nomeadamente a Universidade do Minho, assume o papel de promotora do Museu e da investigação arqueológica que com ele se reinicia. Assim o Museu Municipal Abade Pedrosa assenta a sua actividade no exterior através da investigação dos sítios arqueológicos e devolve-a à comunidade na exposição e divulgação do espólio, organizado e comunicável.

Porque um museu não pode ser apenas a colecção e organização de um conjunto de testemunhos de valor patrimonial, tem que ser também um meio capaz de transmitir à comunidade o legado da sua história e do seu património e por isso deve estar organizado de modo a permitir comunicação. Neste sentido a edição deste catálogo é uma peça essencial, tanto para consolidar a sua organização interna, como para orientar as leituras e fundamentar cientificamente o conhecimento do nosso património. Com ele, com a edição do regulamento interno, com a inventariação de todas as suas peças, consciencializa-se a sua história, valoriza-se a sua actividade, podendo dizer-se que o Museu atinge a sua maturidade.

O Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso
António Alberto de Castro Fernandes (Eng.º)

A história da instituição

museu municipal **abade pedrosa**

O Museu Municipal Abade Pedrosa

As primeiras manifestações de carácter museológico documentadas em Santo Tirso datam de 1915, momento em que foram expostas, pela primeira vez, no claustro do mosteiro de S. Bento, espécies arqueológicas recolhidas pelo Padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa.
A ideia da criação de um Museu Municipal em Santo Tirso, desenvolvida por um conjunto de personalidades da elite intelectual tirsense, tem origem no início da segunda década do século XX, assumindo, a partir desse momento, uma significativa expressão pública, amplamente registada nos jornais locais.

De uma forma simplista, poder-se-ia dividir a história da instalação do Museu Municipal de Santo Tirso em três grandes períodos cronológicos que, em certa medida, reflectem as principais correntes de pensamento que formaram a sensibilidade cultural do século XX em Portugal.
O primeiro, enquadra a transição do século XIX para o século XX e, em traços gerais, coincide com o fim do movimento romântico que então animara a Europa Ocidental, claramente influenciada por um conjunto de descobertas arqueológicas de grande significado histórico e científico. Também em Portugal esse entusiasmo se fez sentir tendo surgido um grupo de investigadores que integraram a corrente de pesquisa científica internacional, a quem se poderá, com propriedade, atribuir a criação dos alicerces das novas disciplinas científicas no domínio das ciências humanas, nas quais a Etnografia e a Arqueologia, nos anos vindouros, encontrariam um lugar de destaque. Neste período, as questões científicas e museológicas abordam, fundamentalmente, aspectos relacionados com as origens e a identidade cultural, motivadas pelas incertezas de carácter espiritual e filosófico, em paralelo com a busca de uma identidade nacional que se manifesta de diferentes formas nos vários planos da sociedade.
Naturalmente, neste período, a história da Arqueologia e da Museografia tirsense reflecte o ambiente profundamente dinâmico e activo desenvolvido no Norte de Portugal. Na realidade, nomes pioneiros da Arqueologia e da Etnografia portuguesa dos finais do século XIX e da primeira metade do século XX, como, por exemplo, José Leite de Vasconcelos e Martins Sarmento, personalidades que marcaram esta ciência de forma indelével, visitaram o concelho de Santo Tirso e investigaram diferentes realidades arqueológicas nesta região.

O segundo, desenvolveu-se do final da década de vinte até meados da década de setenta do século passado, momento a partir do qual se criaram as instituições que actualmente enquadram e regulamentam a actividade arqueológica e museológica nacional. Poder-se-á caracterizar como tendo sido uma época de forte actividade arqueológica, com particular destaque para as décadas de cinquenta e sessenta, período em que se registam importantes trabalhos arqueológicos e se verificaram inúmeros achados ocasionais, muitos deles salvaguardados nos museus regionais, nomeadamente no Museu de Etnografia e História do Porto.
Entre nós, no domínio da Arqueologia, merece particular destaque o trabalho desenvolvido por Carlos Manuel Faya Santarém[1], seguramente um dos mais ilustres historiadores do concelho de Santo Tirso, tendo a sua actividade de investigação abrangido um amplo leque de áreas de conhecimento no âmbito das Ciências Sociais. Apesar de profundo e profícuo investigador da história local, foi na área da Arqueologia e Epigrafia que a sua obra mais se destacou. O seu nome encontra-se relacionado com a actividade arqueológica do concelho, nomeadamente com o castro do Monte do Padrão, com um alargado conjunto de descobertas arqueológicas, assim como com a recolha de materiais para o Museu Arqueológico, cuja colecção tinha sido já iniciada, anos antes, pelo patrono do Museu Municipal, o P.e Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa.

O terceiro momento desenvolveu-se a partir de meados da década de setenta e enquadra-se num período de intensa actividade arqueológica e museológica registada, um pouco por todo o país, fortemente incrementada pelos diferentes serviços da Administração Central e diversas Universidades que contou com o forte apoio dos municípios, então em clara fase de afirmação e valorização dos valores patrimoniais concelhios. Em Santo Tirso, a partir de 1984, a ligação à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho intensifica-se com a realização dos primeiros trabalhos de limpeza, consolidação e restauro das ruínas escavadas por Carlos Faya Santarém. O trabalho de intervenção no castro do Monte do Padrão aprofundar-se-ia com a assinatura de um protocolo de colaboração entre as duas instituições, que resultou, entre outras actividades na realização de cinco pequenas intervenções arqueológicas (1985-1989), entre as quais a que deu origem à publicação dos resultados preliminares das sondagens realizadas em 1985.
O vínculo à UAUM permitiu o desenvolvimento do programa museológico que esteve na origem da definição de conteúdos da exposição permanente do Museu Municipal que, em grande medida, ainda hoje se mantêm, apesar de algumas alterações pontuais e da ampliação da colecção.

Durante mais de meio século foram várias as personagens que pugnaram pela criação de um Museu em Santo Tirso. Todavia, não obstante os esforços desenvolvidos, a sua efectiva concretização apenas ocorreu cerca de meio século após a doação da colecção arqueológica do Abade Pedrosa à Câmara Municipal de Santo Tirso. De facto, na história do Museu Municipal, foram muitas as tentativas frustradas para a sua definitiva instalação, o que, a determinada altura, motivou o desinteresse daqueles que haviam acreditado que a criação de um Museu constituiria um instrumento de vital importância para a promoção turística e dinamização cultural do concelho.
Apesar de as diligências desenvolvidas pela edilidade se terem iniciado em 1940, com a recepção do espólio do Abade Pedrosa, só na década de setenta se documentam iniciativas concretas tendendes à instalação do Museu que, apesar de inicialmente infrutíferas, estiveram na base dos desenvolvimentos documentados na década seguinte, que verdadeiramente constituíram os alicerces da criação da Instituição.
A partir do início da década de oitenta do século passado, a instalação do Museu Municipal foi entendida pelos órgãos autárquicos como fundamental para o desenvolvimento cultural do município, quer enquanto reserva da memória colectiva da comunidade tirsense, quer como estrutura de apoio às actividades desenvolvidas no âmbito do estudo, salvaguarda, dinamização e gestão do património cultural concelhio.
A partir de 1985 a Câmara Municipal desenvolve um conjunto de iniciativas com vista à definitiva implementação do Museu Municipal, entre as quais merece particular destaque a decisão de reservar o edifício dos antigos Paços do Concelho para a sua instalação. Nesse mesmo ano tiveram início as obras de beneficiação e adaptação do edifício da antiga hospedaria do mosteiro de S. Bento que se prolongariam até ao segundo semestre de 1986.
O Museu foi inaugurado em 10 de Março de 1989 com uma exposição permanente de Arqueologia, tendo vindo a funcionar, desde esse momento, de forma ininterrupta, tendo registado mais de 300 000 visitantes até à data.
Em 1997, no âmbito de uma candidatura ao Subprograma C do PRONORTE, a exposição permanente foi remodelada, tendo sido criados novos espaços expositivos e implementados novos serviços destinados ao público, tais como, os serviços educativos e uma biblioteca especializada. Em 2000, instalou-se um auditório com capacidade de 72 lugares.
Actualmente, a sua estrutura é constituída por quatro salas dedicadas à exposição permanente, um espaço para a realização de exposições temporárias, uma sala para os serviços educativos, um auditório, uma loja/recepção, uma sala de serviços administrativos, um pequeno laboratório e reservas.
A sua actividade incide fundamentalmente em três áreas: a exposição permanente, as exposições temporárias e a divulgação do património. A exposição permanente é dedicada exclusivamente à Arqueologia, retratando a ocupação da região desde a Pré-História até à Idade Média. As exposições temporárias subordinam-se a várias temáticas com destaque para as artes plásticas e a história local. No auditório promovem-se várias actividades de índole cultural relacionadas com as artes do espectáculo e com a divulgação do património cultural concelhio.

[1]Carlos Manuel Faya Santarém nasceu em 6 de Junho de 1921 em Santo Tirso e faleceu em 7 de Fevereiro de 1989. Ilustre investigador da história local deixou publicada uma vasta obra, em muitos campos pioneira, que hoje constitui uma referência incontornável para a abordagem da história de Santo Tirso. Como arqueólogo desenvolveu um importantíssimo trabalho de recolha, estudo e publicação de materiais, assim como realizou trabalhos de escavação no castro do Monte do Padrão, que publicou com reconhecida competência. Destacam-se, entre outros, os trabalhos publicados sobre epigrafia latina e portuguesa e sobre materiais provenientes de achados dispersos.

A história da instituição

1915
A primeira notícia que documenta acções e eventos relacionados com a museografia em Santo Tirso data de 1915, momento em que, pela primeira vez, foram patentes ao público, no claustro da Igreja Matriz, espécies arqueológicas recolhidas pelo Padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, tendo o facto merecido a atenção do mais importante jornal local, que refere:

(…) *O jornal de Santo Thyrso informa que se encontra exposta para visita do público, no claustro do Convento, uma colecção de objectos arqueológicos, e de fósseis, reunida pelo Abade Pedrosa* (…).

1920
A 9 de Fevereiro de 1920, assiste-se ao falecimento de Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa.

1933
A 20 de Abril de 1933 documenta-se a primeira proposta de criação de uma *Biblioteca Municipal e Museu Regional anexo* em carta dirigida ao Presidente da Comissão Administrativa da Câmara, Mário Faria Carneiro Pacheco, endereçada por Alexandre Córdova[2], cujo conteúdo foi publicamente divulgado na data acima referida pelo *Jornal de Santo Thyrso*.

(…) *A propósito da recente deliberação camarária, que deve ter enchido de júbilo os tirsenses e merecer o mais caloroso e eficiente apoio, recebeu o Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara a seguinte carta:*

Exmo. Sr. Presidente da
Comissão Administrativa da Câmara Municipal de
Santo Tirso

(…) *Acabo de receber um ofício de V. Ex.ª por onde vejo, com imensa satisfação, que a Câmara Municipal de Santo Tirso deliberou criar uma biblioteca municipal para a qual V. Ex.ª solicita o parco auxílio dos meus reduzidos e apagados volumes publicados.*
Permita V. Ex.ª que eu, como bairrista impenitente, louve a Comissão Administrativa pela criação da referida biblioteca, facto este de largo e profundo alcance para a formação mental das sucessivas gerações futuras de Santo Tirso.
Desde já me coloco incondicionalmente ao dispor de V. Ex.ª na organização dessa biblioteca não só oferecendo os meus poucos volumes publicados, como solicitando aos meus amigos e camaradas de letras, entre os quais tenho o orgulho de contar os mais ilustres nomes literários do País, as suas obras, como ainda num futuro que eu espero não seja longo, ofereça as minhas colecções de moedas, de zoologia e de botânica. ***E já agora seja permitido que eu avente a ideia da criação de um Museu Regional anexo à biblioteca, que para já poderá ser formado pelas minhas colecções particulares e pela valiosa colecção arqueológica do falecido ilustre Abade Pedrosa, e que se encontra nos claustros da igreja.***
Por minha parte comprometo-me a completar o mais possível as minhas colecções e mesmo depois delas na posse da Câmara, eu continuarei a aumentá-las.
A resolução de agora da Comissão Administrativa da Câmara da minha terra enche-me de alegria.
Caso aceitem o meu oferecimento agradecia uma resposta. Com toda a estima pessoal e subida consideração. (…)

1933
Na acta da reunião ordinária da Câmara Municipal de Santo Tirso, realizada em 26 de Abril de 1933, regista-se um breve parágrafo que documenta a aceitação da benemérita doação de um dos mais empenhados e intervenientes defensores da criação do Museu Municipal – Alexandre Córdova.

(…) *Alínea b) aceitar e agradecer o valioso oferecimento feito pelo dedicado tirsense e distinto advogado e oficial do exército Doutor Alexandre de Córdova manifestando o seu aplauso à Comissão, pondo-se à disposição da mesma para a coadjuvar na organização da Biblioteca Municipal, não só oferecendo aos seus volumes publicados, como solicitando dos seus amigos e camaradas das letras dos mais ilustres a oferta das respectivas obras, bem como das suas colecções de moedas, de zoologia e botânica para um Museu regional anexo à Biblioteca, do qual poderiam, no seu entender, fazer parte a valiosa colecção arqueológica do ilustre Abade Pedrosa, que está depositada na Igreja Matriz* (...)

1933
Pouco tempo depois, em 18 de Maio do mesmo ano, no *Jornal de Santo Thyrso*,[3] Joaquim Ferreira[4] reforça a ideia da necessidade de criar a Biblioteca-Museu. O Museu anexo, segundo sugestão do autor, deveria ter salas de Geologia, Arqueologia, Zoologia e Pintura.

(…) *Já que o Dr. Alexandre de Córdova, com tão rara como prestante isenção, ofertou ao município a sua interessante colecção de aves nacionais, de moedas, etc. – cumpre aproveitar a filantrópica dádiva. São muitas as dezenas de exemplares, alguns de difícil aquisição, que não iriam desdourar o museu que se organizasse.*
E já que o abade Pedrosa, (santa figura de evangelizador, que é um dos raios de luz na minha infância), conseguiu reunir curiosíssimos espécimes de geologia, arqueologia e numismática, obtenha-se a necessária autorização para se retirar dos claustros o armário que os exibe, sujeitos às irreverências dos garotos, e removam-no carinhosamente para o museu municipal. (…)

1934
Em 9 de Maio de 1934, António Augusto Ferreira Cruz, ilustre paleógrafo e historiador tirsense, formaliza uma proposta à Câmara Municipal de criação de um Museu na vila de Santo Tirso, cujo conteúdo seria publicado na *Semana Thyrsense*, em 13 de Maio do mesmo ano. O teor da proposta reflecte claramente uma perspectiva instrumental da história, de cariz vincadamente nacionalista, de afirmação dos valores nacionais, muito em voga no segundo quartel do século XX. A estrutura sugerida comportaria a instalação de duas secções – Arqueologia e Etnografia, corporizando um *Museu Regional*.

(…) *Repito: nesta hora de ressurgimento, importa, antes de mais, que se ministrem lições ao povo, mas lições que se tornem eloquentes e para que fiquem marcadas na sensibilidade daqueles que as venham a receber. Desta forma se levará o povo a conhecer e a amar a pátria. Pois é preciso que o povo se inteire da realidade que é a sua existência de 60 séculos, habitando esta nesga ocidental da península, sacudindo sempre o jugo dos invasores, proclamando sempre o seu valor e a sua independência.* (…)
(…) *Para isso, é absolutamente necessário que se crie, mas com urgência, um Museu Regional. Fim a que visa: reunir e agrupar, classificando-os, todos os elementos materiais que possam concorrer para o estudo da região e dos seus habitantes, desde as eras mais remotas até aos nossos dias. Trajos, indústrias, costumes, crenças, habitações; arranjos domésticos, gostos artísticos, lembranças de romarias - tudo será representado no Museu Regional!* (…)

1940
A Câmara Municipal de Santo Tirso, na presidência de Mário Faria Carneiro Pacheco, negoceia com os herdeiros do Abade Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa os termos da doação do espólio arqueológico que compunha a sua colecção. A doação concretiza-se, sob condições bem definidas, dando origem à criação do **Museu Municipal Abade Pedrosa**, conforme se documenta na respectiva deliberação (Acta de 4 de Março de 1940, item t).

[2] Alexandre Francisco Ferreira, cujo nome enquanto homem de letras se vulgarizou como Alexandre Córdova, foi, a par do irmão, Joaquim Ferreira, o verdadeiro paladino da criação do Museu Municipal em Santo Tirso. São da sua autoria as primeiras diligências desenvolvidas com vista à criação do Museu. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, desenvolveu uma intensa actividade política e literária, onde, para além de várias colaborações em revistas nacionais e estrangeiras, se destacam várias edições de poesia (AFONSO 2004, 159-160).
[3] *Jornal de Santo Thyrso*, 18 de Maio de 1933, Ano 52, N.º 2, pp. 1, 4.
[4] Joaquim Francisco Ferreira (1899-1985) ao nível da comunicação social foi um dos principais intervenientes e responsável pela difusão do propósito de criação do Museu Municipal. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, desenvolveu uma intensa actividade literária no domínio da poesia e na área do ensino, designadamente no âmbito da Literatura Portuguesa (AFONSO 2004, 183-184).

(…) *t) Comunicou o senhor Presidente que entabulara negociações com a excelentíssima família Pedrosa, desta vila, herdeiros e representantes do falecido pároco Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, a fim de se transferir para o museu municipal o curioso fundo de fósseis, minerais e objectos pré-históricos e históricos que aquele apaixonado tirsense e distinto arqueólogo recolheu e coligiu com destino a um museu local, que iniciou e se encontra em precárias circunstâncias de segurança e em risco de destruição e desaparecimento, nos claustros do convento Beneditino, (e tem a comunicação) digo tem a satisfação de comunicar que a Excelentíssima irmã e os excelentíssimos sobrinhos do fundador generosamente ofereceram ao município aquela colecção, com a condição de, depois de inventariada, ser conservada e patente gratuita ao público no Museu Municipal e jamais ser negociada ou por qualquer forma diminuída ou dispersada. A Câmara congratula-se com tão meritória resolução e deliberou aceitar reconhecida a oferta nas condições indicadas, incorporar desde já o valioso espólio no Museu Camarário instalado no Museu Municipal, dando, em homenagem ao infatigável investigador o nome de Abade Pedrosa ao dito museu, o que tudo se comunicará à família e se dará à publicidade.* (…)[5]

1943

Em 24 de Setembro de 1943, Joaquim Francisco Ferreira, em artigo publicado no *Jornal de Santo Thyrso*[6], propõe novamente a criação de uma Biblioteca-Museu, colocando em evidência a pouca eficácia das diligências efectuadas pela Câmara Municipal para dar cumprimento aos legítimos anseios da comunidade tirsense, inúmeras vezes expressos por alguns intelectuais da vila de Santo Tirso.

(…) *… a criação em Santo Tirso de uma biblioteca-museu. Abordámos este assunto haverá uma dúzia de anos* (…) *… Quanto ao museu, há instantíssima necessidade da sua criação. Ninguém nesta vila ignorará que o saudoso abade Pedrosa pôde angariar belas espécies geológicas, numismáticas e arqueológicas. Sabemos também que o advogado Dr. Alexandre Córdova ofereceu ao município uma excelente colecção de aves regionais devidamente mumificadas.* (…) *Haja, pois, vontade na realização deste objectivo, e Santo Tirso terá em breve uma biblioteca-museu para instruir e recrear. Aqui fica a proposta* (…).

1945

Em 7 de Setembro de 1945, Joaquim Ferreira volta a exprimir publicamente[7] a necessidade da criação de uma Biblioteca-Museu em Santo Tirso, dando ênfase à falta de iniciativa dos poderes autárquicos, chegando, inclusivamente, a propor uma solução de iniciativa privada para a sua concretização.

(…) *A colecção do saudoso Abade Pedrosa, acrescida de outras; as colecções dos pintores Pelaio e Cavadas e daqueles que, por oferta ou por compra, vierem a integrar-se nelas; os objectos de algum valor histórico possivelmente esquecidos por essas freguesias tirsenses: tudo isto constituirá o recheio do museu, para entretenimento dos turistas.* (…).
(…) *Fundemos a Biblioteca-Museu de Santo Tirso. Mas o dinheiro para a fundação? Eu proponho que seja organizado o «grupo dos amigos da Biblioteca-Museu», esportulando cada um a mensalidade que lhe for possível – cinco, dez, vinte ou mais escudos; e que se crie uma comissão directiva, presidida por qualquer personalidade benemérita da vila.* (…).

1945

Alexandre Córdova, em 21 de Setembro de 1945, publica no *Jornal de Santo Thyrso*[8] o que seria o seu último e derradeiro repto para a criação de uma Biblioteca-Museu que, apesar do entusiasmo patente, não esconde a desilusão de 12 anos de inglória luta e pessoal empenho na criação de um museu municipal.

(…) *E aproveitei a oportunidade, para dar início da efectivação dum Museu Regional anexo à Biblioteca projectada, de ofertar à Câmara as minhas colecções de moedas, de zoologia e botânica, bem como a respectiva mobilia, colecções estas de certo valor e valendo milhares de escudos, que mais tarde vi no Liceu desta vila num tristíssimo estado de abandono, vá-se dizendo em abono da verdade.*
Aventava também a ideia de imediatamente fazer parte desse Museu a valiosa colecção arqueológica do falecido e ilustre Abade Pedrosa, que nos Claustros da Igreja Matriz se encontrava… lançada ao mais desolador abandono (…).
(…) *Que acorde o velho espírito bairrista da gente desta encantadora terra, de há tanto apagado na modorra dum comodismo lamentável, e lhe faça ver claramente os luminosos benefícios da fundação de uma Biblioteca e Museu Municipal.* (…)

1954

Com a extinção do Liceu Municipal D. Diniz, o espólio museológico foi transferido para a Escola Industrial e Comercial de Santo Tirso.

1960

Durante a década de 50 e 60 regista-se a incorporação no espólio do Museu de espécies arqueológicas provenientes de escavações dirigidas por Carlos Faya Santarém no castro do Monte do Padrão, em Monte Córdova.

1974

Carlos Faya Santarém, enquanto munícipe, na reunião de Câmara de 29 de Outubro de 1974 (fl. 162), no momento da comunicação da nomeação de Rosa Maria Correia Gil Pinheiro, como presidente da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, denuncia o facto de as condições de doação dos materiais do Abade Pedrosa terem sido contrariadas até ao momento.

1975

No decurso da presidência de Manuel José de Castro Neto (9 Outubro 1974--15 de Maio 1976), na reunião ordinária de 11 de Novembro de 1975 (fl. 29), a propósito da gestão da colecção do museu municipal, regista-se a seguinte consideração:

(…) *Do encarregado dos Serviços do Turismo, Biblioteca e Museu*[9]*, prestando informação sobre a inexistência do inventário do Museu, cuja tentativa foi por si iniciada em mil novecentos e cinquenta e dois, sem resultado, em razão das contrariedades, sugerindo que convém fazer regressar ao referido museu instalado num corredor dos antigos Paços do Concelho, a secção de mineralogia, comprometendo-se, finalmente, a iniciar a sua reorganização. A Comissão Administrativa deliberou tomar providências devendo o encarregado proceder com a maior urgência ao inventário e à reorganização do Museu.* (…)

1976

Na presidência de Abílio Camões da Costa Carvalho (15 de Maio 1976 - 22 de Janeiro 1977), na reunião de 4 de Setembro de1976 (fl. 44-45), a propósito da libertação do espaço em que viria a ser instalado o museu municipal regista-se:

(…) *Pelo vogal senhor Luciano Ferreira foi dito que dado a urgência, digo urgente, necessidade de proceder à organização do Museu de Arte e Arqueologia e à reestruturação dos serviços da Biblioteca, o que implica, no mais curto prazo de tempo, que o antigo edifício dos Paços do Concelho se destine exclusivamente a esse serviço: Proponho; Primeiro. Que a sede dos retornados que nele funciona seja transferida para uma sala no mercado municipal a deixar livre pela Junta de Freguesia. Segundo. Que o vogal do Pelouro da Cultura proceda, no prazo de quinze dias, a contactos para uma reunião desta Comissão Administrativa e o Grupo Unitário de Cultura Popular, tendo em vista a desocupação das actuais instalações. A Comissão Administrativa deliberou aprovar esta proposta.*

1977

Na presidência de Azuíl Dinis Linhares Carneiro (22 de Janeiro 1977-17 de Janeiro 1980), na reunião ordinária de 17 de Setembro de 1977 (fl. 29), regista-se a seguinte deliberação:

(…) *Pelo vogal Senhor Manuel Andrade foi presente a seguinte proposta: Primeiro – Tendo a directora do Museu Alberto Sampaio, nomeada para o efeito pela Secretaria de Estado da Cultura, iniciado ontem os trabalhos de organização e instalação do Museu e havendo desde já a necessidade de fotografar vários objectos, proponho que o encarregado dos Serviços de Turismo, Biblioteca e Museu, seja autorizado a encarregar dessas fotografias um fotógrafo profissional desta vila. Segundo. Havendo urgência em fotografar as moedas encontradas no castro de Alvarelhos para poderem ser devidamente catalogadas e classificadas e objecto de publicação no Boletim Cultural -* O Concelho de Santo Tirso, *proponho que, do mesmo modo, o encarregado dos Serviços de Turismo, Biblioteca e Museus se encarregue de as fazer fotografar* (…)
(…) A Câmara aprovou a proposta do vogal Senhor Manuel Andrade (…).

[5] A designação de (…) *Museu Camarário instalado no Museu Municipal* (…) reporta-se efectivamente ao museu do Liceu Municipal D. Diniz, identificando-se, inclusivamente, uma nota marginal ao texto da acta onde se escreve Liceu antecedendo a designação de Museu Municipal.
[6] *Jornal de Santo Thyrso*, 24 de Setembro de 1943, Ano 62, N.º 21, p. 1.
[7] *Jornal de Santo Thyrso*, 7 de Setembro de 1945, Ano 64, N.º 19, pp. 1-2.
[8] *Jornal de Santo Thyrso*, 21 de Setembro de 1945, Ano 64, N.º 21, pp. 1-2.
[9] Carlos Manuel Faya Santarém.

1978
Em 15 de Julho de 1978 é nomeada a Comissão de Instalação do Museu Municipal Abade Pedrosa.
Pelo vereador Avelino Soares Moreira foi presente a seguinte proposta:

(...) *O facto de a colecção do Abade Pedrosa estar entregue à responsabilidade dos Serviços de Turismo e Museu não implica que esteja montado o Museu principal, nem tal compete à mesma Comissão. Para que se concretize um Museu, é necessário que haja instalação, serviços e direcção. Considerando que até à data nada foi feito no sentido dessa concretização, desde a doação da citada colecção, a não ser esforços dispersos, como a recolha de outros elementos arqueológicos e a aquisição de quadros de pintores tirsenses, a indicação de instalações definitivas para o Museu é uma recta necessária e própria, verifica-se a falta de uma capacidade dinamizadora e centralizada de todos os esforços, para que o Museu seja uma realidade em Santo Tirso.*
Considerando que, ultimamente, uma comissão composta pela Dr.ª Maria João Vasconcelos, directora do Museu Alberto Sampaio, de Guimarães, o Sr. Carlos Manuel Faya Santarém, Chefe dos Serviços de Turismo, Biblioteca e Museu, e o antigo Vogal da extinta Comissão de Arte e Arqueologia desta Câmara Municipal, o Professor Américo Miranda Soares, têm desenvolvido em estreita colaboração, uma acção de dinamização concreta para a montagem do Museu, proponho:
Que a referida Comissão que está a ser orientada superiormente pela supra mencionada Dr.ª Maria João Vasconcelos, seja a nível local encabeçada pelo Dr. Américo de Miranda Soares, professor do ensino secundário.
A Câmara depois de discutir e analisar a proposta deliberou aprová-la por maioria com a abstenção dos Vereadores José Augusto Pereira Alves, Manuel Luciano da Costa Gomes e Adélio Pereira Serra, e com o voto contra de Manuel Ferreira de Andrade.

1979
Em reunião do executivo camarário de 20 de Janeiro de 1979, presidido por Azul Dinis Linhares Carneiro, regista-se a seguinte proposta apresentada pelo Vereador Avelino Soares Moreira:

(…) *Em reunião de 15 de Julho de 1978, esta Câmara Municipal nomeou uma Comissão composta pelo Dr. Américo de Miranda Soares, Dr.ª Maria João de Vasconcelos, nomeada pela Direcção Geral do Património Cultural, como responsável pela orientação técnica da instalação do Museu Municipal Abade Pedrosa, e Carlos Faya Santarém, Chefe dos Serviços Municipais de Turismo. Esta Comissão em reunião efectuada em meados de Dezembro, verificou a necessidade de incluir um arquitecto para o estudo da adaptação das instalações destinadas ao Museu, assim como verificar a necessidade de uma articulação com as instalações da Biblioteca Municipal, que se encontra no mesmo edifício, pelo que propõe a inclusão na dita Comissão da Dr.ª Umbelina Cerqueira Afonso Ferreira da Silva e do Arq.º Artur Micael Amaral.*
Mais propõe que esta Comissão tenha como finalidade a instalação conjunta do Museu e Biblioteca municipais de modo a conciliar os interesses de ambos e as necessidades de expansão de cada um destes sectores.
A proposta foi aprovada com a abstenção de Luciano Gomes.

1980
Em 2 de Outubro de 1980, em reunião do executivo camarário presidido por Armando Palhares de Magalhães (17 de Janeiro de 1980 - 13 de Janeiro de 1983), documenta-se:

(…) A Comissão Instaladora do Museu Municipal Abade Pedrosa apresentou um projecto de Estatuto para aprovação da Câmara Municipal.
A Câmara deliberou encarregar o Vogal do Pelouro da Cultura e Desporto de propor uma solução para o assunto.
Lugares criados: 1 técnico auxiliar de BAD; 1 auxiliar técnico BAD; 1 servente.
(…)

1984
Na presidência de Joaquim Barbosa Ferreira Couto (15 de Janeiro 1983 - 15 de Novembro 1999), a Câmara Municipal de Santo Tirso desencadeia um conjunto de acções com propósito de promover a instalação definitiva do Museu Municipal Abade Pedrosa.
Os materiais arqueológicos existentes na Escola Industrial e Comercial de Santo Tirso e na posse de particulares são recuperados, efectua-se o inventário de todo o espólio existente e, com a colaboração do Museu Regional D. Diogo de Sousa e do Museu Monográfico de Conímbriga, procede-se ao restauro de exemplares cerâmicos e à conservação de objectos metálicos.

1985
Em 17 de Janeiro de 1985 (acta n.º 3, ponto 29, fl. 27-29), delibera-se a implementação do Museu Municipal Abade Pedrosa.
(…) *Considerando que à Câmara Municipal compete, entre outras competências, a manutenção e divulgação de tudo o que se relaciona com o Património Cultural do Concelho;*
Que, por Património Cultural, se entende tudo o que diz respeito ao Homem de Santo Tirso, nos aspectos económicos, sociais, políticos e das mentalidades, quer dizer, que tudo no Concelho deve ser preservado e divulgado;
Que nada melhor para atingir este objectivo que dotar o Concelho de uma estrutura que possa abarcar todos estes campos de acção;
Que essa estrutura, pelo âmbito e importância que terá deve ser o Museu Abade Pedrosa.
Que a implementação do Museu em Santo Tirso reveste-se de um significado tanto mais importante quanto o tempo que se esperou por ele, pois, na realidade, o Museu nunca existiu como Museu, se entendermos por Museu o que hoje em dia é aceite, um espaço aberto às manifestações culturais da população que serve e ainda como Organismo actuante em tudo o que se relaciona com a "Vida" do Concelho, com o seu passado, com o presente, com o futuro.
Que o Museu deverá ter em conta uma sociedade em mudança, carente de estímulos e por isso potencialmente pronta a envolver-se em iniciativas válidas.
Que um Museu, como ficou dito, não é só um sítio: e o de Santo Tirso deverá ser entendido como coordenador de três sectores importantes:
Centro de Exposições
Biblioteca
Centro Cultural
Que, necessariamente, cada um destes três sectores terá uma função diferente, que no final se conjugam para a melhoria do nível cultural da população;
Que, deste modo, todas as iniciativas culturais serão coordenadas por um certo responsável, evitando-se perdas de tempo e dinheiro;
Que pelas especificidades de cada um destes sectores, o responsável do Museu terá de ter em conta os meios próprios de que dispõe cada um destes sectores;
A Câmara deliberou abrir concurso para contratar pelo prazo de seis meses, um técnico superior, licenciado em História, com remuneração equivalente à 2ª classe da categoria, para implementar e dirigir o Museu Abade Pedrosa com os seus sectores de Exposição, Biblioteca e Centro de Cultura.

1985
Em 11 de Abril de 1985 (acta n.º 16, ponto 18, fl. 12-16), é assinado um acordo de cooperação com a Universidade do Minho:

Protocolo para estudo e conservação do Património Arqueológico do Concelho, com a Universidade do Minho.

1985
Em 7 de Novembro de 1985 (acta n.º 46, ponto 30, fl. 19-21, ponto 30), em reunião ordinária, delibera-se a **reactivação** do Museu Municipal Abade Pedrosa, definindo-se o âmbito das suas colecções e a sua área de actuação:

(…) *MUSEU MUNICIPAL ABADE PEDROSA*
Considerando que o Museu Abade Pedrosa é uma aspiração do concelho de Santo Tirso, particularmente da cidade, se entendermos que se encontra sem vida há muitos anos.
Que o Abade Pedrosa foi um diligente coleccionador de antiguidades e por isso o Museu Municipal deve ter o seu nome, uma vez que estas antiguidades foram doadas à Câmara Municipal.
Que o Concelho de Santo Tirso é rico em vestígios arqueológicos, como é rico em etnografia e na arte em geral.
Considerando que o espólio, artístico e etnográfico do Concelho corre risco de se dispersar;
Considerando que a riqueza arqueológica, artística e etnográfica do Concelho deve ser estudada e divulgada;
A Câmara deliberou:
Que seja reactivado o Museu Municipal Abade Pedrosa no antigo edifício da Câmara Municipal (Mosteiro Beneditino);
Que o Museu seja formado por todos os objectos com valor arqueológico, artístico, histórico ou etnográfico do Concelho de Santo Tirso, já inventariados, por cedência ou depósito de particulares ou colectividades, por objectos de valor de posse da Câmara Municipal, além de outros objectos que sejam cedidos;
Que o Museu seja considerado como organismo cultural e científico, exercendo as suas actividades no domínio da investigação, da museologia, da divulgação cultural e do ensino e apoio da defesa do Património Cultural:

Que o Museu deva, preferencialmente, cooperar com os estabelecimentos do concelho, associações do Concelho, universidades da região e Serviços Regionais de Arqueologia.
Que o Museu Municipal Abade Pedrosa compreenda as seguintes áreas de actuação:
a) Museografia e divulgação cultural
b) Técnico-laboratorial
c) Documental
d) Administrativa
e) Apoio Geral
Mais deliberou, sem prejuízo da aprovação posterior do Quadro de Pessoal do Museu, admitir, imediatamente, um funcionário, com experiência museográfica, para executar as seguintes tarefas urgentes de instalação do Museu.
1 – Recolha e limpeza dos materiais do Museu
2 – Catalogação dos materiais
3 – Inventariação e ordenamento
4 – Outros serviços administrativos, etc. – que se prendem com a reabertura do Museu.
Deliberou ainda, que, imediatamente a seguir à reinstalação do Museu, deve ser aprovado o Quadro de Pessoal, a ser preenchido de forma gradual, conforme as necessidades (…).

1989

Três anos após a deliberação da sua reactivação, em 10 de Março de 1989, o Museu Municipal Abade Pedrosa foi oficialmente inaugurado pela Sua Ex.ª o Sr. Vice-Primeiro Ministro e Ministro da Defesa, Eng.º Eurico de Melo, pela Sua Ex.ª a Secretária de Estado da Cultura, Dr.ª Teresa Patrício Gouveia e pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso, Dr. Joaquim Ferreira Couto.
O *Jornal de Santo Thyrso*, no relato da visita de Sua Ex.ª o Sr. Vice-Primeiro Ministro e Ministro da Defesa, Eng.º Eurico de Melo, reservou um espaço de destaque para a inauguração do Museu Municipal, que constituiu o principal motivo de interesse na visita efectuada ao concelho.

(…) Após os cumprimentos das individualidades presentes ao Sr. Vice-Primeiro Ministro, a comitiva dirigiu-se ao Museu Abade Pedrosa, onde foram inauguradas as suas novas instalações, implementadas pelos Serviços de Cultura da Câmara com o apoio da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Aqui foi dada uma palestra com o tema: «Arte e Arqueologia», que esteve a cargo do Dr. Manuel Real[10]*, o qual, através da projecção de «slides», versou vários temas, como por exemplo: Mapas da Reconquista cristã e Arqueologia ligados à vida de S. Rosendo; Capiteis do séc. X; Escavações no convento de Santa Maria da Costa; Arte Visigótica, Românica, etc. De referir aqui a presença do Presidente do Instituto Português do Património Cultural, Dr. António Lamas. O Presidente da Câmara, antes de começar a sessão, referiu: «É velha aspiração dos tirsenses a abertura do Museu Abade Pedrosa … Penso que é uma grande dia para Santo Tirso. O Museu Abade Pedrosa será, concerteza, um lugar aberto. A cidade necessita deste espaço …» (…).*[11]

2002

Em 13 de Maio de 2002, o Museu Municipal integra a Rede Portuguesa de Museus, passando, a partir dessa data, a fazer parte de um grupo relativamente restrito de instituições museológicas "credenciadas" pelo IPM/RPM. O facto foi transmitido à Câmara Municipal de Santo Tirso em ofício com a data acima mencionada, cujo teor da comunicação parcialmente se transcreve.

(…) Relativamente ao assunto em referência, informa-se V. Ex.ª que se encontra formalmente concluído o processo de apreciação da candidatura à Adesão à Rede Portuguesa de Museus, oportunamente formulado pelo Museu Municipal Abade Pedrosa. Tendo em conta a apreciação dos elementos constantes do processo de candidatura – de acordo com os critérios e parâmetros constantes do regulamento de Adesão à Rede Portuguesa de Museus e com a visita efectuada ao mesmo museu – venho por este meio informar que mereceu aprovação a integração do Museu Municipal Abade Pedrosa na Rede Portuguesa de Museus. (…).[12]

2006

Em 20 Setembro regista-se a aprovação do Regulamento Interno e Politica de Incorporações do Museu Municipal Abade Pedrosa (acta n.º 18, ponto 2, fl. 8-26).

Regulamento Interno

Preâmbulo

O Museu Municipal Abade Pedrosa foi "reactivado" por deliberação camarária, datada de 7 de Novembro de 1985 (acta n.º 46, fl. 24-25), na qual se definiu o âmbito das suas colecções e a sua área de actuação. Em 10 de Março de 1989 foi inaugurado e formalmente aberto ao público.

O Museu teve origem num conjunto de objectos arqueológicos recolhidos pelo Abade Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa que, em 1940, foram doados à Câmara de Santo Tirso pelos seus herdeiros. A colecção foi posteriormente ampliada com materiais arqueológicos recolhidos na década de cinquenta por Carlos Faya Santarém e, de forma mais sistemática, a partir da década de noventa, com escavações arqueológicas realizadas pelo Gabinete Municipal de Arqueologia, serviço com o qual o Museu articula a sua actividade no domínio da investigação científica.

O Museu Municipal encontra-se instalado no piso superior do edifício conventual do antigo mosteiro de S. Bento, concretamente na antiga hospedaria, actualmente propriedade da Câmara Municipal de Santo Tirso.
O mosteiro foi fundado por Dona Unisco Godiniz no ano de 978, e a sua filiação à Ordem Beneditina data de 1092. Actualmente, pouco resta do primitivo mosteiro e do seu templo de traça românica. A sua actual composição resulta, em grande medida, das amplas obras realizadas no séc. XVII, dirigidas por Frei João Turriano. O seu interior, ricamente ornamentado em talha dourada, tem o risco de um dos mais notáveis entalhadores da "escola bracarense" – Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. A sua arquitectura, onde se cruzam influências do Barroco Romano e do Rococó Francês e Alemão, reflecte um espírito inventivo e gracioso que a igreja matriz de Santo Tirso transmite em todo o seu esplendor.
O edifício no qual está instalado o Museu foi construído no período que medeia entre 1737 e 1740 e integra o complexo monumental do antigo mosteiro de S. Bento, classificado como Monumento Nacional desde 1910. O edifício, de planta rectangular, desenvolve-se longitudinalmente, seguindo a orientação da igreja matriz, definindo a face este do adro da igreja, hoje Largo Abade Pedrosa. O alçado, de dois pisos, revela a continuidade das portas do primeiro andar com as janelas que lhes correspondem no piso térreo por meio de painéis de recorte serpentino. As janelas do andar superior, mais trabalhadas que as do rés-do-chão, apresentam frontões vasados e interrompidos, interior e exteriormente delimitados por linhas contracurvadas. O topo ocidental possui um frontão muito realçado, onde se inscreve um monumental brasão da Ordem de S. Bento. Os vãos unem-se à exuberância do enquadramento pelo seu forte vigor impressionista. Simétrica à janela existente, no lugar da actual porta de entrada do Museu, a enquadrar o brasão, houve uma outra janela trifoliácia, de igual recorte, que foi destruída em 1842.

O Museu foi inaugurado e aberto ao público com uma exposição permanente de arqueologia. Em 1997 a exposição permanente foi remodelada, tendo sido criados novos espaços expositivos e implementados novos serviços destinados ao público, tais como os Serviços Educativos e uma Biblioteca especializada em Arqueologia. Em 2000, instalou-se um auditório com capacidade de 72 lugares.
Actualmente, a sua estrutura é constituida por quatro salas dedicadas à exposição permanente, um espaço para a realização de exposições temporárias, uma sala para os serviços educativos, um auditório, uma loja/recepção, uma sala de serviços administrativos, um pequeno laboratório e reservas.

A actividade do Museu incide em três áreas principais: a exposição permanente, as exposições temporárias e o auditório. A exposição permanente do Museu é subordinada à arqueologia, retratando a ocupação da região, desde a Pré-História até à Idade Média. As exposições temporárias subordinam-se a várias temáticas com destaque para as artes plásticas e a história local. No auditório promovem-se várias actividades culturais relacionadas com as artes do espectáculo e com a divulgação do património cultural concelhio.

[10] Erradamente referido no texto original como Dr. Manuel Areal (*Jornal de Santo Thyrso*, 17 de Março de 1989, Ano 107, N.º 44, p. 9).
[11] *Jornal de Santo Thyrso*, 17 de Março de 1989, Ano 107, N.º 44, pp. 1, 9.
[12] Excerto do ofício enviado pelo Instituto Português de Museus – Rede Portuguesa de Museus (Ref. 380c/IPM-RPM/2002) datado de 13 de Maio de 2002.

CAPÍTULO I
Disposições gerais

Artigo 1.º – Colecções

1) O Museu Municipal Abade Pedrosa possui colecções de arqueologia de grande interesse e relevância científica provenientes de várias estações arqueológicas do concelho de Santo Tirso e da região envolvente, ora procedentes de trabalhos de escavação arqueológica ora de achados fortuitos, cujo contexto arqueológico actualmente se desconhece. Fazem ainda parte do espólio do Museu um significativo número de obras de arte (pintura e escultura) resultantes de doações de artistas plásticos.
2) Do acervo arqueológico destacam-se os materiais líticos do período Neolítico e Calcolítico, provenientes de contextos funerários associados a expressões culturais vinculadas ao fenómeno megalítico; o conjunto de materiais cerâmicos e metálicos provenientes da necrópole do Corvilho, datada do Bronze Médio/Final; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico, numismático e osteológico proveniente do Castro do Monte do Padrão, cuja ocupação se desenvolve desde o Bronze Médio/Final ao início do séc. XVII; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico e numismático proveniente do Castro de Alvarelhos, cuja ocupação aqui representada se desenvolve desde o Bronze Final a meados do séc. V; o espólio cerâmico e vítreo da necrópole galaico-romana de Rorigo Velho e os monumentos epigráficos de S. Bartolomeu e Roriz.

Artigo 2.º – Localização

1) O Museu situa-se na Rua Unisco Godiniz, 100/4780-373 Santo Tirso
2) Tel. 252 830 400 | Ext. 363/364/370
3) *E-mail*: museusantotirso@cm-st.webside.pt
4) Sítio *Web*: www.cm-stirso.pt

Artigo 3º – Enquadramento orgânico

O Museu Municipal é um Serviço dependente da Câmara Municipal de Santo Tirso e organicamente integra a Divisão de Património e Museus.

Artigo 4º – Vocação

1) O acervo do Museu Municipal Abade Pedrosa é constituído essencialmente por objectos arqueológicos provenientes de várias estações arqueológicas, cujo horizonte cronológico se estende desde o Neolítico até à Idade Média, compreendendo objectos de diferente natureza – materiais líticos, cerâmica, moedas, objectos em ferro e bronze, vidro e epígrafes. A exposição permanente procura documentar o quotidiano das populações nos diferentes períodos históricos, em estreita relação com os sítios arqueológicos que constituem o repositório do conhecimento das culturas retratadas.
2) O Museu Municipal Abade Pedrosa possui como principal vocação:
   a) Estudar, documentar, conservar e divulgar o acervo que detém, bem como apoiar e colaborar no estudo, salvaguarda e divulgação do património arqueológico e arquitectónico a ele associado. O Museu tem também como objectivo apoiar e colaborar em estudos de carácter científico que envolvam realidades patrimoniais associadas à história e arqueologia da região em que se insere;
   b) Promover a sensibilização, divulgação e promoção da história e do património, assim como incentivar a realização de projectos de investigação no domínio das ciências sociais;
   c) Estimular a prática e frequência de actividades culturais, nomeadamente as que se relacionam com as exposições temporárias e demais actividades desenvolvidas nas diferentes valências do Museu, designadamente no domínio das artes plásticas e do espectáculo.

Artigo 5.º – Objectivos

São objectivos do Museu Municipal Abade Pedrosa:

a) Salvaguardar, estudar e divulgar as colecções que constituem o seu acervo.
b) Valorizar os bens arqueológicos enquanto testemunhos insubstituíveis para o conhecimento das culturas e realidades históricas precedentes.
c) Apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património arqueológico e arquitectónico concelhio.
d) Alargar e diversificar os públicos do Museu.
e) Estabelecer parcerias com instituições congéneres tendo em vista a conservação, estudo, divulgação e fruição do património cultural.
f) Criar e desenvolver núcleos museológicos que venham a integrar a sua estrutura orgânica em diferentes domínios e realidades patrimoniais, associadas à arquitectura e arqueologia, de forma a promover a divulgação da história e do património do concelho.
g) Colaborar, na medida do possível, na criação e organização de núcleos museológicos ou centros interpretativos a serem criados na área geográfica do concelho de Santo Tirso, incentivando a implementação de boas práticas inerentes à nova museologia.

CAPÍTULO II
Orgânica do serviço

Artigo 6.º – Instrumentos de gestão

Os instrumentos de gestão do Museu, dos quais merecem destaque o plano anual de actividades, o orçamento previsional, o relatório de actividades, a avaliação interna e estatística de visitantes, são executados anualmente pela direcção do Museu e integram a programação geral da Divisão constituindo os documentos essenciais de enquadramento da actividade do serviço.

Artigo 7.º – Estrutura orgânica dos serviços do Museu

O Museu é constituído pelas seguintes áreas técnicas:

a) Direcção – O Museu tem um director nomeado pelo Presidente da Câmara Municipal, ao qual compete a direcção das áreas técnicas do Museu, procurando assegurar a totalidade das funções museológicas. Compete ainda ao director do Museu propor o plano anual de actividades e outros instrumentos de gestão, tendo sempre em conta as linhas programáticas do órgão executivo da Câmara Municipal.

b) Laboratório de Conservação e Restauro – Compete ao Laboratório de Conservação e Restauro assegurar a correcta salvaguarda das colecções do Museu, sendo responsável pela monitorização, conservação e restauro das peças que compõem o espólio do Museu, assim como dos materiais resultantes das intervenções arqueológicas realizadas no âmbito geográfico do município que são integrados no acervo do Museu.

c) Serviços Educativos – Compete aos Serviços Educativos desenvolver o acompanhamento das diferentes actividades organizadas pelo Museu que exigem contacto com os diferentes públicos, especialmente as actividades de carácter pedagógico orientadas para o público escolar.

d) Secretariado – Os Serviços Administrativos promovem a gestão da comunicação, designadamente, o tratamento, envio e recepção de correspondência, a comunicação telefónica e a organização e gestão financeira da loja.

e) Serviços Auxiliares – Os Serviços Auxiliares desenvolvem actividades que se relacionam com a recepção de visitantes, vigilância, montagem e expedição de exposições, trabalhos de monitorização, manutenção, limpeza e reparação.

CAPÍTULO III
Gestão do acervo

Artigo 8.º – Política de incorporação

O Museu pratica uma política de incorporação definida de acordo com a sua vocação e que se traduz num programa de actuação que tem por objectivo dar continuidade ao enriquecimento do seu acervo museológico.

A política de incorporação do Museu consta no documento anexo ao presente regulamento – *Anexo I – Política de Incorporação* – de acordo com o definido na Lei-Quadro dos Museus Portugueses.

Artigo 9.º – Inventário

1) Os bens culturais incorporados no Museu, de natureza arqueológica ou outra, são objecto de inventário museológico, cujo propósito visa a identificação individual de cada peça de acordo com as normas técnicas mais adequadas à sua natureza, características e proveniência.
2) O inventário é registado em suporte físico e em suporte informático, sendo, para o efeito, utilizado diferente software de acordo com a natureza da peça.

Artigo 10.º – Bens classificados

O Museu Municipal Abade Pedrosa está instalado no que foi a hospedaria do mosteiro de S. Bento integrando o conjunto patrimonial classificado como Monumento Nacional (igreja, convento, cerca e cruzeiro processional – Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 de Junho de 1910; Dec. n.º 38 491, DG 230 de 6 de Novembro de 1951 e Dec. n.º 28/82, DR 47 de 26 de Fevereiro de 1982).

Artigo 11.º – Investigação e estudo de colecções

No âmbito da investigação e estudo das colecções considera-se a investigação interna e a externa.

1) Investigação interna – Tendo em consideração que o acervo do Museu é constituído essencialmente por bens arqueológicos e dado que o Museu tem como vocação promover e apoiar o estudo do património arqueológico, entende-se que as principais linhas de investigação a desenvolver pelos técnicos do Museu devam ser as que directamente se relacionam com as colecções do Museu, com a investigação necessária para apoiar a salvaguarda do património arqueológico existente na sua área de influência, e, por último, com a investigação necessária à formação de núcleos museológicos e centros interpretativos dependentes da Câmara Municipal de Santo Tirso.

2) Investigação externa – O Museu encontra-se disponível a colaborar com investigadores externos à instituição, dentro das limitações de pessoal e espaços a que está sujeito. Aos investigadores – quer a nível particular ou enquadrados em instituições de carácter público ou privado – será facultado o acesso às colecções e à documentação inerente a estas, sempre na estrita observância e cumprimento das prerrogativas e prioridade científica dos investigadores detentores desses direitos, designadamente no que se refere a materiais provenientes de escavações arqueológicas.
3) O Museu facultará informações respeitantes ao seu acervo mediante a realização de protocolos de colaboração, e/ou mediante um pedido escrito, devidamente fundamentado, no qual deverá constar a identificação do investigador e da instituição no qual se enquadra, quais as peças e documentos a consultar e qual a finalidade a que se destina a investigação.
4) Caso se verifique o uso indevido e não autorizado de dados pertencentes ao Museu, serão accionados os direitos legais previstos no Código de Direitos de Autor e direitos conexos, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 63/85, de 14 de Março, alterado pelas Leis n.º 45/85 de 17 de Setembro, 114/91 de 3 de Setembro e Decretos-Lei n.º 332/97 e 334/97 ambos de 27 de Novembro e pela Lei n.º 50/2004 de 24 de Agosto.

Artigo 12.º – Conservação
1) O Museu assegura as condições adequadas e implementa as medidas preventivas necessárias à conservação dos bens culturais nele incorporados, de acordo com os princípios definidos pelas entidades competentes na matéria.
2) Os procedimentos tendentes à manutenção e conservação do espólio do Museu decorrem de um documento – Normas e Procedimentos de Conservação Preventiva – elaborado para o Museu Municipal Abade Pedrosa de acordo com as suas especificidades, avaliação de riscos e respectivos procedimentos.
3) Os funcionários são conhecedores das normas e procedimentos de conservação preventiva existentes e implementados no Museu.

Artigo 13.º – Segurança
O Museu dispõe das condições de segurança indispensáveis para a protecção e salvaguarda da integridade dos bens nele incorporados, designadamente, equipamento de detecção de intrusão e detecção de incêndios.

CAPÍTULO IV
Normas de acesso aos espaços do Museu

Artigo 14.º – Horário
O Museu Municipal está aberto ao público no seguinte horário:
1) O horário de abertura ao público
Terça a sexta-feira: 9h00-17h00
Sábados, domingos: 14h00-18h00
Encerra às segundas-feiras e feriados nacionais.
2) O horário de abertura ao público está afixado no exterior do Museu.
3) A Biblioteca está aberta nos dias úteis, excepto segunda-feira, entre as 9h00 e as 17h00.
4) Os horários dos funcionários são estipulados de acordo com as regras da administração autárquica e adaptadas às necessidades e ao funcionamento do Museu, sendo estipuladas pelo Presidente da Câmara Municipal.

Artigo 15.º – Restrições à entrada
1) Não é permitida a entrada a pessoas com objectos de grandes dimensões, assim como com outros objectos, tais como, mochilas, chapéus-de-chuva e sacos de compras, devendo estes ser deixados na recepção.
2) Caso o visitante pretenda guardar na recepção objectos que repute de elevado valor, estes devem ser declarados e identificados pelo visitante.
3) A responsabilidade civil do Museu pela guarda de objectos de valor elevado implica por parte do visitante a respectiva declaração e identificação.
4) O pessoal da recepção pode recusar-se a guardar objectos pessoais do visitante, caso se verifique que estes não podem ser guardados com segurança na área de acolhimento.
5) Relativamente às actividades do domínio das artes do espectáculo realizadas no auditório:
a) Não é permitido fotografar, filmar ou efectuar gravações de som em qualquer zona do auditório, excepto se tal for previamente autorizado;
b) No caso das fotografias ou gravações de som e de imagens de artistas, grupos de artistas ou outros intervenientes e participantes, será ainda necessária a autorização prévia destes, de modo a salvaguardar os direitos de autor e as condições necessárias para o normal desempenho durante as actuações.

Artigo 16.º – Ingresso e registo de visitantes
1) O ingresso no Museu é gratuito em todo o seu horário de abertura ao público.
2) As entradas livres para determinados espectáculos ou outras iniciativas estão limitadas, em qualquer caso, pela lotação dos espaços destinados para o efeito e poderão implicar o levantamento prévio de bilhete grátis.
3) O registo de visitantes do Museu dever-se-á efectuar de modo exaustivo, de forma a proporcionar um conhecimento rigoroso dos visitantes da instituição, com o propósito de realizar estudos sobre a evolução dos públicos, assim como permitir efectuar uma permanente avaliação do funcionamento e desempenho da instituição e seus colaboradores.

Artigo 17.º – Acolhimento ao público
1) Na recepção/loja existe em permanência um funcionário destinado a fazer a recepção do visitante e fornecer as informações solicitadas.
2) O diálogo com o visitante que manifeste a pretensão de efectuar uma reclamação deve ser, numa primeira fase, estabelecido com o vigilante/recepcionista mais graduado que, no momento, se encontre no Museu.
3) No caso de necessidade de intervenção superior, deverá ser solicitada a presença do Director do Museu ou, na sua ausência, o técnico superior mais graduado.

Artigo 18.º – Normas de visita
1) Não é permitida a entrada a animais no espaço do Museu.
2) Não é permitido comer ou beber, salvo em situações devidamente autorizadas.
3) Não é permitido correr nos diversos espaços de exposição permanente ou temporária.
4) Não é permitido tocar nas peças.
5) Não é permitido fumar.
6) Não é permitido fotografar ou filmar, sem autorização prévia da direcção do Museu.
7) Não é permitido usar telemóvel, quer para manter conversação quer para tomada de imagens de peças do Museu.

Artigo 19.º – Apoio a pessoas com deficiência
Dentro das condicionantes estruturais existentes, devido ao facto de o Museu Municipal Abade Pedrosa estar instalado num imóvel classificado como Monumento Nacional, e, por isso, não responder a todas as condições de acessibilidade que actualmente se exigem aos edifícios mais recentes, é norma do Museu e prática dos seus Serviços Educativos, dentro das limitações referidas, trabalhar com as pessoas portadoras de necessidades especiais que pretendam visitar o Museu.

Artigo 20.º – Acesso às reservas
1) O Museu Municipal Abade Pedrosa é um espaço público, pelo que as peças à sua guarda em reserva encontram-se disponíveis aos investigadores, mediante os seguintes critérios:
a) O acesso dos investigadores às peças em contexto de reserva pode ser autorizado mediante solicitação fundamentada, apresentada ao Director do Museu e devidamente autorizada, na qual deverá constar a identificação do investigador e a instituição no qual se enquadra, quais as peças e documentos a consultar e qual a finalidade a que se destina a investigação;
b) Quando concedido aos investigadores o acesso às peças, a sua consulta e manuseamento será efectuada nas instalações do Museu, em local e horário previamente definido e nas condições determinadas pela Direcção do Museu.
2) Constituem motivo de interdição de acesso à consulta os seguintes factores:
a) O mau estado de conservação das peças;
b) Necessidades especiais de conservação das peças que impeçam o seu manuseamento;
c) Caso se encontrem sujeitas a reserva de prioridade científica de investigadores detentores desses direitos, designadamente no que se refere a materiais provenientes de escavações arqueológicas.

Artigo 21.º – Acesso à documentação
1) O Museu Municipal Abade Pedrosa é um espaço público, pelo que a informação relativa às peças à sua guarda é considerada de uso público.
2) O Museu disponibiliza, mediante solicitação fundamentada, o acesso aos dados constantes nas fichas de inventário, assim como aos elementos constantes no processo técnico que algumas das peças possuem.
3) O acesso à documentação será condicionado ou interdito sempre que os elementos constantes do processo sejam considerados confidenciais, nomeadamente quando a sua divulgação possa pôr em causa a segurança das peças, ou quando as peças depositadas ou doadas ao Museu possuam normas restritivas impostas pelos depositantes ou doadores.

Artigo 22.º – Normas para a utilização das colecções e documentos por investigadores
1) O Museu Municipal Abade Pedrosa é um espaço público, pelo que a informação relativa às peças ou à documentação com elas relacionada será dis-

ponibilizada aos investigadores que a solicitem para efeitos de investigação e publicação.

2) O acesso dos investigadores à documentação e respectivas colecções deverá ser alvo de uma solicitação escrita, devidamente fundamentada, na qual deverá constar a identificação do investigador e a instituição na qual se enquadra, quais as peças e documentos a consultar e qual a finalidade a que se destina a consulta.

3) O investigador ou instituição requerente deverá sempre mencionar a autoria da informação disponibilizada pelo Museu.

4) Em caso de uso indevido e não autorizado de dados ou documentos pertencentes ao Museu, serão accionados os direitos legais de acordo como definido no Código do direito de autor e dos direitos conexos segundo o Decreto-Lei n.º 63/85, de 14 de Março, alterado pelas Leis n.º 45/85 de 17 de Setembro, 114/91 de 3 de Setembro e Decretos-Lei n.º 332/97 e 334/97 ambos de 27 de Novembro e pela Lei n.º 50/2004 de 24 de Agosto.

Artigo 23.º – Auditório

1) O Museu dispõe de um auditório cuja utilização, prioritariamente, se vincula com actividades relacionadas com a sua vocação e objectivos.

2) De acordo com a sua programação o Museu pode ceder o auditório para actividades de diferente natureza desde que estas não colidam com o âmbito da sua missão.

3) Os pedidos de cedência do Auditório são aceites até (10) dez dias antes da realização prevista, estando a marcação de datas e horários condicionada pela programação regular do Museu.

4) O pedido deve ser acompanhado de informação escrita pormenorizada sobre a actividade que se pretende levar a cabo e na qual devem constar, designadamente:

a) Organização responsável pelo evento;
b) A natureza do evento;
c) Indicação precisa do ou dos espaços a utilizar;
d) Indicação dos meios técnicos que se pretendam utilizar;
e) Plano de trabalhos;
f) Período de tempo e horários de utilização.

CAPÍTULO V
Instrumentos de divulgação

Artigo 24.º – Exposições

1) O Museu encontra-se instalado no antigo Mosteiro Beneditino de Santo Tirso, cuja propriedade se encontra repartida por três instituições: Câmara Municipal de Santo Tirso, Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso e Paróquia de Santo Tirso. A ala correspondente ao Museu Municipal, funciona autonomamente não tendo ligação física com os restantes espaços do Mosteiro.

A área do Museu Municipal é repartida pelos seguintes espaços: Exposição Permanente; Exposição Temporária; Serviços Educativos; Serviços Administrativos; Auditório, Recepção/Loja; Reservas; Laboratório e Instalações Sanitárias.

2) A actividade expositiva do Museu incide em três áreas principais:

a) Exposição permanente – A exposição permanente é subordinada à arqueologia, retratando a ocupação do território desde a Pré-História até à Idade Média;
b) Exposições temporárias – As exposições temporárias subordinam-se a várias temáticas: história, fotografia, pintura, escultura e desenvolvem-se, preferencialmente, na área definida pelo corredor de acesso às diferentes salas de exposição permanente;
c) Actividades lúdicas e de formação – No auditório promovem-se várias actividades culturais relacionadas com as artes do espectáculo e com a divulgação do património cultural concelhio.

Artigo 25.º – Difusão de acervos

1) Documentação impressa – A documentação gráfica elaborada pelo Museu deve conter referências gráficas que o identifique, bem como outros dados relevantes para o seu conhecimento e identificação, assim como deverá sempre existir uma referência à tutela – Câmara Municipal de Santo Tirso – devendo o mesmo suceder com as publicações elaboradas em co-edição.

2) Internet – O museu deve divulgar na Internet, quer no Portal da Câmara Municipal de Santo Tirso, quer noutros sítios em que participe, as actividades que desenvolve bem como o conteúdo das suas colecções. O sítio *web* deve ser actualizado com regularidade, sempre que a programação o justifique.

3) Documentação fotográfica e audiovisual – A execução e utilização dos registos fotográficos e audiovisuais dos objectos integrados nas colecções do Museu encontram-se condicionadas ao cumprimento das seguintes regras:

a) Todas as espécies fotográficas de objectos pertencentes ao espólio do Museu são propriedade desta instituição;
b) Em todas as imagens destinadas a fins comerciais ou outros, será obrigatoriamente mencionado o nome do proprietário da imagem, bem com os créditos fotográficos;
c) A cedência de imagens fotográficas pressupõe o estabelecimento de um compromisso aceite pelo requerente, definindo as condições de cedência;
d) A cedência de imagens para efeito de produção multimédia, em suporte óptico ou magnético, está sujeita às regras previstas para a cedência de imagens para publicação em suportes tradicionais;
e) A realização de filmagens ou de gravações em vídeo, do Museu ou das exposições temporárias, com o objectivo de promover a sua divulgação, poderá ser realizada mediante autorização prévia da Câmara Municipal de Santo Tirso.

4) Publicidade – Tendo presente a crescente importância da comunicação social na divulgação das actividades desenvolvidas nos Museus procurar-se-á divulgar as iniciativas do Museu.

Para o efeito, no interior do Museu existe um espaço apropriado para a colocação de informação relativa às actividades desenvolvidas pelo Museu. No exterior, o Museu possui sinalética própria que suporta a informação das actividades em curso, no qual constam os elementos gráficos identificativos do Museu e da tutela – Câmara Municipal de Santo Tirso.

Artigo 26.º – Educação

1) O Museu dispõe de um Serviço Educativo cujo objectivo consiste em dinamizar as actividades desenvolvidas pela instituição, quer sejam de natureza museológica quer sejam relacionadas com as artes do espectáculo, promovendo assim a sua interacção com o público.

2) O Plano de Actividades do Museu, apresentado anualmente, considera uma proposta de actividades no âmbito dos serviços educativos que contempla, para os diferentes públicos, os seguintes programas:

a) Visitas guiadas à exposição permanente;
b) Visitas guiadas às exposições temporárias;
c) Visitas aos monumentos arqueológicos do concelho;
d) Visitas guiadas ao património arquitectónico concelhio.

3) Cada visita é orientada por um técnico do Museu sendo obrigatória a presença de um responsável por grupo.

4) As marcações deverão ser efectuadas por escrito, com pelo menos 10 (dez) dias úteis de antecedência.

5) O Museu não se responsabiliza pelas crianças que participem em visitas guiadas, quer a sua participação se verifique em grupo, quer individualmente, para além do exercício das actividades enquadradas no referido programa de visita.

6) As visitas realizam-se durante todo o ano, de segunda a sexta-feira, em horário a combinar. Em situações pontuais poderão realizar-se durante o fim-de-semana.

Artigo 27.º – Actividades comerciais

1) A loja do Museu está disponível dentro do horário de abertura do Museu ao público.

2) O controle de caixa é feito por um funcionário designado como responsável pelas vendas e gestão de stocks existentes neste serviço. No fim de cada semana as receitas obtidas devem ser entregues na tesouraria da Câmara Municipal de Santo Tirso, assim como os respectivos mapas e guias de receita.

3) Os produtos comerciais expostos são da responsabilidade da Câmara Municipal de Santo Tirso e, preferencialmente, devem estar relacionadas com a sua vocação e objectivos.

4) Apenas a título excepcional e com carácter temporário se admite a venda de produtos em regime de consignação que devem estar relacionados com as colecções do Museu ou com o conteúdo de alguma exposição temporária a que se reportem.

CAPÍTULO VI
Colaboradores

Artigo 28.º – Voluntariado

O Museu aceita voluntários maiores de idade, que aceitem participar, de forma desinteressada e não remunerada, em actividades superiormente definidas pela direcção do Museu, em horário a combinar e integradas no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção, sempre desenvolvidas sem fins lucrativos.

Anexo I - Política de Incorporação

Preâmbulo

A política de incorporação do Museu Municipal Abade Pedrosa justifica-se e enquadra-se no espírito das disposições definidas no capítulo I do seu Regulamento Interno.

CAPÍTULO I
As colecções e a política de incorporação

Artigo 1º – Colecções

1. O Museu Municipal Abade Pedrosa possui colecções de arqueologia de grande interesse e relevância científica provenientes de várias estações arqueológicas do concelho de Santo Tirso e da região envolvente, ora procedentes de trabalhos de escavação arqueológica ora de achados fortuitos, cujo contexto arqueológico actualmente se desconhece. Fazem ainda parte do espólio do Museu um significativo número de obras de arte (pintura e escultura) resultantes de doações de artistas plásticos.

2. Do acervo arqueológico destacam-se os materiais líticos do período Neolítico e Calcolítico provenientes de contextos funerários associados a expressões culturais vinculadas ao fenómeno megalítico; o conjunto de materiais cerâmicos e metálicos provenientes da necrópole do Corvilho, datada do Bronze Médio/Final; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico, numismático e osteológico proveniente do Castro do Monte do Padrão, cuja ocupação se desenvolve desde o Bronze Médio/Final ao início do séc. XVII; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico e numismático proveniente do Castro de Alvarelhos, cuja ocupação aqui representada se desenvolve desde o Bronze Final a meados do séc. V; o espólio cerâmico e vítreo da necrópole galaico-romana de Rorigo Velho e os monumentos epigráficos de S. Bartolomeu e Roriz.

Artigo 2º – Historial da incorporação de colecções

1. O Museu Municipal Abade Pedrosa foi "reactivado" por deliberação camarária, datada de 7 de Novembro de 1985 (acta n.º 46, fl. 24 – 25), na qual se definiu o âmbito das suas colecções e a sua área de actuação.

2. A colecção nuclear do Museu Municipal, no momento da sua abertura ao público, em 10 de Março de 1989, consistia na colecção de objectos arqueológicos recolhidos por Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa nas últimas décadas do séc. XIX e primeira década do séc. XX que, em 1940, tinha sido doada pelos seus herdeiros à Câmara Municipal de Santo Tirso sob a condição de *(...) depois de inventariada, ser conservada e patente gratuita ao público no Museu Municipal e jamais ser negociada ou por qualquer forma diminuída ou dispersada. (…)*.

3. A colecção arqueológica do Museu Municipal, em meados do século passado, conheceu um significativo aumento do seu acervo museológico com a incorporação do espólio arqueológico resultante das escavações realizadas no Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova, dirigidas por Carlos Faya Santarém na década de cinquenta.

4. Após a celebração do protocolo de colaboração com a Universidade do Minho (acta n.º 16 de 11 de Abril de 1985, f. 12 – 16) cujo propósito consistia em promover o estudo e a conservação do património arqueológico, móvel e imóvel, do concelho de Santo Tirso, teve início uma nova fase de incremento do acervo museológico com a incorporação de materiais arqueológicos resultantes de trabalhos de prospecção e escavações arqueológicas.

5. A criação e implementação do Gabinete Municipal de Arqueologia (acta n.º 26, fl. 54 - 56, 25 de Outubro de 1990), em articulação com o Museu Municipal, permitiu a implementação de projectos de estudo, salvaguarda e valorização de vários imóveis de grande relevância patrimonial, dos quais se destacam o castro de Alvarelhos e castro do Monte do Padrão, cuja escavação sistemática proporcionou um significativo espólio arqueológico que integra hoje o acervo do Museu Municipal Abade Pedrosa.

6. Para além do património arqueológico o Museu tem vindo a incorporar no seu acervo um conjunto de obras de arte (pintura e escultura) provenientes de doações de artistas plásticos.

7. Desde a sua criação até à actualidade o Museu tem vindo a enriquecer o seu espólio através de trabalhos de campo, desenvolvidos nas principais estações arqueológicas do concelho e de doações.

Artigo 3º – Justificação da actual política de incorporação

1. A actual política de incorporação do Museu rege-se pelos princípios estipulados na Lei-Quadro dos Museu Portugueses, aprovada pela Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto.

2. O Museu Municipal Abade Pedrosa tem por objectivo a salvaguarda e preservação do Património Móvel e Imóvel, de acordo com a sua vocação e objectivos, descritos no art.s 4 e 5 do seu Regulamento Interno.

3. Para além do disposto no número anterior, o Museu incorpora no seu espólio objectos provenientes de outras origens, sempre que os mesmos se integrem no domínio da actividade da instituição e constituam uma mais valia para a mesma.

4. Todas as peças provenientes de escavações arqueológicas realizadas na área geográfica do concelho de Santo Tirso são directamente incorporadas no Museu Municipal Abade Pedrosa, de acordo com os princípios estipulados no Artigo 14º da Lei-Quadro dos Museu Portugueses.

CAPÍTULO II
Incorporação de peças

Artigo 4º – Condições de incorporação

1. Todas as peças provenientes de escavações arqueológicas realizadas na área geográfica do concelho de Santo Tirso, realizadas ou não pelo Gabinete Municipal de Arqueologia, devem ser incorporadas no Museu Municipal Abade Pedrosa ou em núcleos museológicos da sua dependência, independentemente da sua natureza, estado de conservação, relevância científica ou patrimonial.

2. Para além das peças resultantes de escavações arqueológicas, todas as peças a incorporar no acervo do Museu devem enquadrar-se nos objectivos definidos no Artigo 3º deste documento, seguindo o estipulado na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, n.º 47/2004 de 19 de Agosto, tendo em conta: a vocação e os objectivos do Museu; o enquadramento temático e cronológico nas colecções do Museu; o seu estado de conservação e a garantia de que na instituição existem as condições necessárias (recursos humanos, materiais e financeiros) para manter as novas incorporações nas devidas condições.

3. As modalidades a seguir na incorporação de peças regem-se pelo estipulado no Artigo 13º da Lei-Quadro dos Museus Portugueses, n.º47/2004 de 19 de Agosto, a saber: compra; doação; legado; herança; recolha; achado; transferência; permuta; afectação permanente; dação em pagamento.

4. Não serão incorporadas no acervo do Museu, no âmbito das modalidades definidas no n.º 2 do presente Artigo, peças ou colecções que:

- **a)** Não sejam enquadráveis nos objectivos definidos no ponto 2 do Artigo 4º deste documento;
- **b)** Estejam em mau estado de conservação;
- **c)** Estando em bom estado de conservação e/ou manutenção não seja possível ao Museu assegurar e manter;
- **e)** Possuam condicionantes de depósito, contrárias ao interesse do Museu e do seu público.

Artigo 5º – Responsáveis pela incorporação de peças, no âmbito das modalidades definidas no n.º 2 do Artigo 4º.

1. A incorporação de peças ou colecções no acervo do Museu deve ser submetida a avaliação e apreciação do Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso ou do Vereador com competência delegada, mediante parecer do director do Museu, ficando salvaguardado o direito de renúncia.

2. As doações, legados e heranças de peças ou colecções, e demais situações em que se revele necessário, devem ser submetidas a avaliação e apreciação da Câmara Municipal de Santo Tirso, mediante parecer do Director do Museu, ficando salvaguardado o direito de renúncia.

3. A efectivação da incorporação só se verificará depois de expressa a necessária autorização da tutela.

Artigo 6 – Critérios para a incorporação de peças no âmbito das modalidades definidas no n.º 2 do Artigo 4º.

Quando uma nova peça é incorporada no acervo do Museu devem-se observar os seguintes procedimentos:

- **a)** Recolha e registo do máximo de informação disponível sobre a peça que deverá constar do processo técnico da mesma;
- **b)** Atribuição de um número de inventário próprio, seguindo o estipulado no Artigo 7º deste documento;
- **c)** Incluir no processo técnico da peça cópia da deliberação de aceitação produzida pelo executivo camarário.

Artigo 7º – Método de registo

1. Quando novas peças são incorporadas no acervo do Museu é-lhes atribuído um "Número de inventário", constituído pela seguinte informação:

- **a)** Abreviatura das três primeiras letras da localidade de origem;
- **b)** O número do ano em que a peça foi incorporada, composto por dois dígitos;
- **c)** O número do lote (atribuído sequencialmente);
- **e)** Número de inventário de cada um dos elementos dentro do respectivo lote.

2. Os materiais provenientes de escavações arqueológicos conservam a sua identificação e inventário próprio, constituído por um código que compreende os seguintes elementos:
a) Abreviatura das três primeiras letras da estação arqueológica de origem;
b) Ano de intervenção;
c) Sector e subsector de referência na planimetria geral;
d) Quadrícula (coordenada e abcissa);
e) Horizonte estratigráfico;
f) Data de recolha.
3. O número de inventário é aposto na peça e ao proceder-se a esta tarefa assegurar-se-á a legibilidade do código, bem assim, que a marcação não causará dano nem interferirá na leitura da peça.

Artigo 8º – Procedimentos de incorporação
1. Quando uma peça inicia o processo de registo e de catalogação pressupõe-se que já foi cumprido o estipulado nos Artigos 4, 5 e 7 do presente Anexo.
2. A peça é registada no "Livro de Registo de Entradas", com o número de inventário que lhe foi atribuído.
3. O objecto a integrar no espólio do Museu deverá ser inventariado em software de gestão de colecções museológicas, devendo ser preenchidos todos os campos cuja informação seja do conhecimento da instituição no momento da incorporação e, sempre que possível, deverá ser anexada uma imagem e desenho técnico, em formato digital, ilustrativa do objecto incorporado.
4. Não obstante do disposto anterior, o objecto a integrar possuirá, também, uma ficha de inventário em suporte de papel, devendo ser preenchidos todos os campos cuja informação seja do conhecimento da instituição no momento da incorporação.
5. A ficha de inventário museológico manual e o inventário informatizado devem ter uma actualização permanente, nomeadamente em campos relacionados com a investigação produzida sobre a peça, condições de conservação, e outras alterações consideradas pertinentes.
6. Com regularidade deverá ser feita uma cópia de segurança do inventário informatizado de forma a salvaguarda a informação sobre o acervo museológico do Museu.

Artigo 9º – Proposta de incorporação noutros museus
No caso das peças ou colecções cuja incorporação não foi aceite pelos motivos expostos no n.º 2 do Artigo 4º, o director do Museu pode sugerir a sua integração noutros museus cujo acervo seja consentâneo com a temática daquelas.

CAPÍTULO III
Abatimento de peças

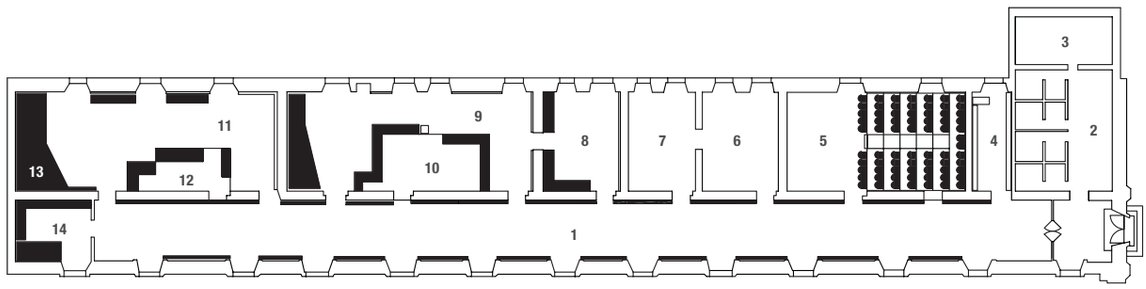
Artigo 10º – Abatimento de peças
O abatimento de uma peça é o processo através do qual esta é definitivamente retirada do acervo do Museu.

Artigo 11º – Normas para o abatimento de peças
1. O abatimento de uma peça não deve basear-se em critérios individuais, casuísticos ou relacionados com a obtenção de lucro com a sua venda. O abatimento de uma peça deve ser feito em consciência, de modo ponderado e obedecendo a critérios bem definidos, obrigando à actualização da documentação que a ela diz respeito.
2. Os critérios que podem justificar o abatimento de uma peça são os seguintes:
a) A peça não se enquadra nos objectivos definidos nos Artigos 3º e 4º do presente Anexo;
b) A peça sofreu danos irrecuperáveis, por motivo de acidente ou catástrofe;
c) A peça encontra-se em avançado estado de deterioração, apesar de ter sido alvo de cuidados de conservação preventiva;
d) A peça exige cuidados especiais de conservação e de armazenamento que não podem ser cumpridos pelo Museu.

Artigo 12º – Procedimento para o abatimento de peças
1. A decisão do abatimento de uma peça é da responsabilidade do Director do Museu que deve propor à tutela o seu abatimento através do envio de uma proposta formal.
2. A informação a constar na proposta de abatimento é a seguinte:
a) Código individual de colecção;
b) Fotografia da peça;
c) Historial da peça;
d) Justificação para a proposta de abatimento;
e) Cópia da ficha de inventário;
f) Outros dados considerados relevantes.
3. A efectivação do abatimento verificar-se-á após autorização expressa da tutela.
4. Deverá ser constituído um livro de registo de abatimento de peças, no qual se enumeram todas as peças abatidas, assinalando-se os dados constantes na proposta de abatimento e a data em que tal sucedeu.
5. O inventário e o processo técnico da peça deverão ser actualizados com a informação sobre o seu abatimento ao cadastro.

CAPÍTULO IV
Disposições finais

Artigo 13º – Revisão do presente Anexo
Este documento deve ser revisto e actualizado quinquenalmente.



Museu Municipal Abade Pedrosa – Instalações

1. Espaço de exposições temporárias
2. Sanitários
3. Laboratório
4. Recepção / Loja
5. Auditório
6 | 7. Gabinetes de trabalho
8. Sala – Pré-História
9. Sala – Proto-História
10. Reservas
11. Sala – Romanização
12. Reservas
13. Reservas
14. Sala – Idade Média

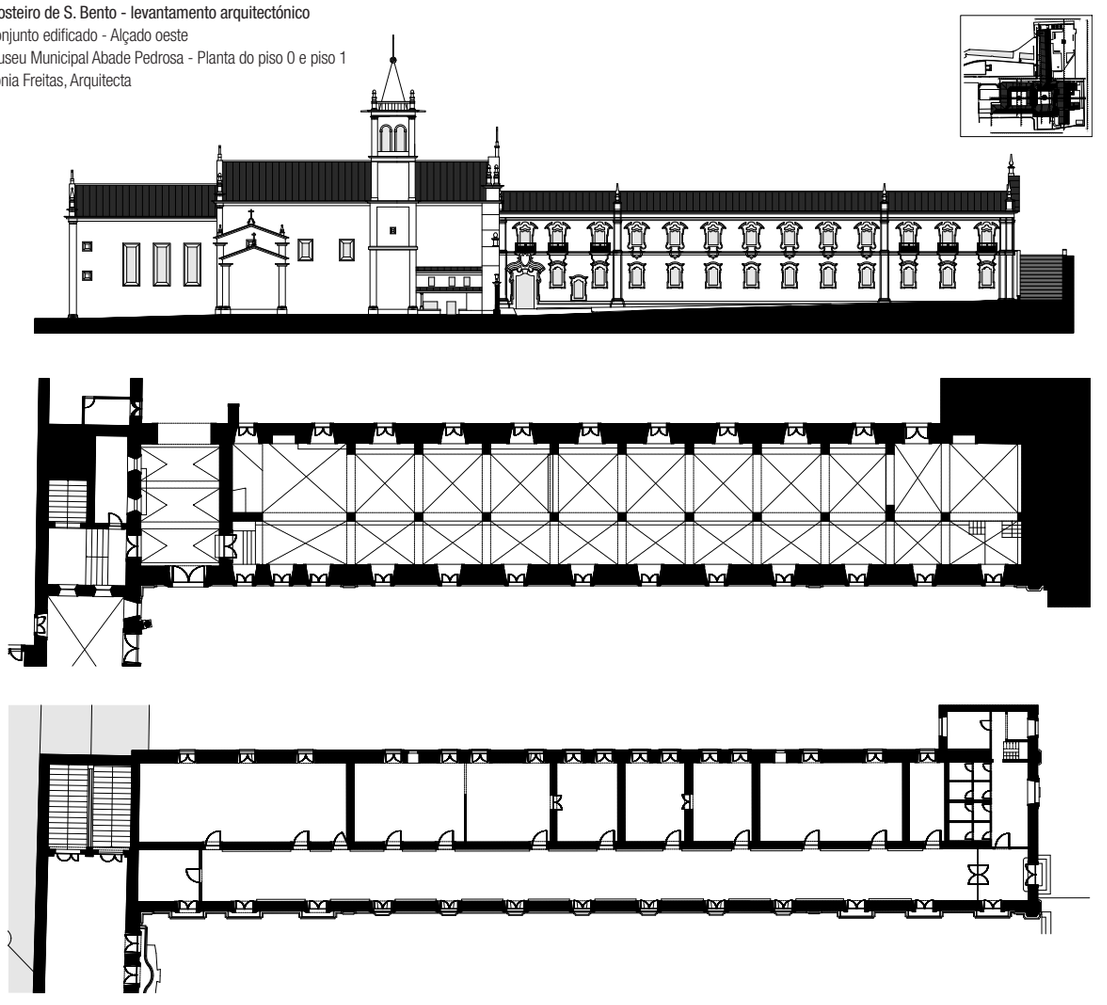
O edifício

O Museu Municipal Abade Pedrosa encontra-se instalado no piso superior do edifício conventual do mosteiro de S. Bento, concretamente na antiga hospedaria, cuja construção ocorreu no triénio compreendido entre 1737 e 1740, no abaciado de D. Plácido de S. Bento. Actualmente o edifício é propriedade da Câmara Municipal de Santo Tirso e integra o conjunto patrimonial designado por **Mosteiro de S. Bento**, imóvel classificado como **Monumento Nacional** (Dec. 16/06/1910, DG 136 de 23 de Junho de 1910; Dec. n.º 38 491, DG 230 de 6 de Novembro de 1951 e Dec. n.º 28/82, DR 47 de 26 de Fevereiro de 1982).

O mosteiro de S. Bento foi fundado por Dona Unisco Godiniz no ano 978, e a sua filiação à Ordem Beneditina data de 1092. Actualmente pouco resta do primitivo mosteiro e do seu templo românico. A sua actual traça resulta, em grande medida, das amplas obras realizadas no séc. XVII, dirigidas por Frei João Turriano.
O edifício no qual está instalado o Museu apresenta uma planta rectangular, de desenvolvimento longitudinal, seguindo a orientação da igreja matriz, definindo a face este do terreiro, hoje Largo Abade Pedrosa. O edifício, de alvenaria de granito, apresenta os paramentos rebocados com uma argamassa de saibro, pintados a branco, mantendo-se, quer no interior quer no exterior, o granito aparente nos elementos estruturantes (caixilharias, pilares, fenestrações, entablamento).
O alçado da face oeste, de dois pisos, revela a continuidade das portas do primeiro andar com as janelas que lhes correspondem no piso térreo, por meio de painéis de recorte serpentino. As janelas do andar superior, mais trabalhadas que as do rés-do-chão, apresentam frontões vasados e interrompidos, interior e exteriormente delimitados por linhas contracurvadas. O alçado este, mais modesto, apresenta apenas janelas rectangulares, encimadas por frontões trifoliácios vazados, interrompidas por pilastras rectangulares, que subdividem os alçados em três tramos de dimensão desigual.

O topo ocidental possui um frontão, muito realçado, onde se inscreve um monumental brasão da Ordem de S. Bento. Os vãos unem-se à exuberância do enquadramento pelo seu forte vigor impressionista. Simétrica à existente, na face oeste, no lugar da actual porta de entrada do Museu, a enquadrar o brasão, existiu uma outra janela trifoliácia, de igual recorte, destruída entre 1841 e início de 1842, no decurso das obras de adaptação do edifício para Tribunal e Paços do Concelho, das quais também resultou num pequeno acrescento no topo este, cujas características arquitectónicas desvirtuaram a simetria rigorosa da composição original.
O piso inferior, adega e celeiro do antigo mosteiro, conserva ainda hoje as suas funções originais. Apresenta uma colunata de pilares rectangulares, equidistantes, implantados no terço oeste da nave, de suporte a uma cobertura de abobada de arestas que, aparentemente, subdivide a área em duas naves, funcionando uma delas, a mais estreita, como acesso ao restante espaço que se mantém amplo. A cobertura do edifício é composta por um telhado de duas águas em telha cerâmica.
A entrada do edifício faz-se pelo topo sul permitindo o acesso a um espaço intermédio, definido por um pára-vento em madeira e vidro, que acentua a separação do interior do exterior. A partir deste espaço define-se também o acesso a uma área de serviços que comporta os sanitários públicos e de serviço, o laboratório e parte das reservas.
O interior do edifício estrutura-se a partir de uma ala que percorre longitudinalmente todo o edifício pela face oeste, a partir do qual se estabelece o acesso às diferentes salas, nas quais se encontram instalados os vários serviços do Museu e a exposição permanente.

Mosteiro de S. Bento - levantamento arquitectónico
Conjunto edificado - Alçado oeste
Museu Municipal Abade Pedrosa - Planta do piso 0 e piso 1
Sónia Freitas, Arquitecta



O patrono do Museu e a sua acção no domínio da Arqueologia

O interesse pela Arqueologia no concelho de Santo Tirso remonta a finais do século XIX e centra-se, fundamentalmente, na figura de Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, cuja colecção de objectos arqueológicos, recolhidos nas principais estações do concelho, esteve na origem da criação do Museu Municipal. Em reconhecimento do seu pioneirismo e profundo envolvimento na salvaguarda e valorização do património cultural tirsense[13], a Câmara Municipal de Santo Tirso deliberou a adopção da sua insigne figura como patrono do Museu Municipal[14].

Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa nasceu em S. Martinho de Bougado, a 30 de Novembro de 1848, no seio de uma família da classe média, muito considerada e influente na vida social de Santo Tirso. Frequentou o liceu de Braga e, em 1866, ingressou no Seminário Maior do Porto. Em 1874 passa a exercer as funções de pároco na vila de Santo Tirso, lugar onde se manteve até falecer em 9 de Fevereiro de 1920[15]. O seu perfil humanista manifestou-se em várias áreas do domínio social e humanitário tendo granjeado, ao longo do seu sacerdócio, uma enorme influência na comunidade tirsense que tem vindo a ser vincada por vários historiadores[16].

Se o *Património Cultural*, em sentido lato, é hoje entendido como uma expressão intemporal, de pensar, sentir e agir, que sendo apreendida e partilhada por um conjunto alargado de pessoas, constituiu a estrutura identificadora de uma colectividade, Santo Tirso, em muito beneficiou da sua acção desenvolvida em prol da ciência e da salvaguarda dos bens culturais, nomeadamente daqueles que hoje constituem as mais importantes referências patrimoniais do concelho e da cidade[17].

Neste sentido, a título de homenagem, apresentamos uma breve resenha histórica das principais descobertas e actividades arqueológicas desenvolvidas pelo patrono do Museu, às quais acrescentámos notas de interpretação e contextualização arqueológica, com o propósito de realçar a sua importância histórica e o seu significado cientifico, destacando, naturalmente, os vestígios arqueológicos localizados no concelho de Santo Tirso.

O Abade Pedrosa, enquanto arqueólogo, foi um destacado colaborador de Martins Sarmento tendo-se distinguindo pelos inúmeros achados arqueológicos que efectuou, assim como pelas escavações que dirigiu. A actividade arqueológica que desenvolveu centra-se, fundamentalmente, na década de oitenta e noventa do séc. XIX, momento a partir do qual se verifica um afastamento progressivo da actividade de investigador, certamente relacionada com a morte de Martins Sarmento, ocorrida em 1899, cuja amizade recíproca teria certamente constituído um forte estímulo para uma intervenção activa na Arqueologia da época[18].

Este momento da Arqueologia portuguesa, em traços gerais, enquadra o seu nascimento e afirmação enquanto ciência emergente que, ideologicamente, se relaciona com a criação de um imaginário de identificação e exaltação dos valores nacionais em consonância com outras referências do domínio das ciências humanas.

Nesta conjuntura, de intensa e profícua actividade de investigação, várias personalidades imprimiram um forte rumo à Arqueologia nacional.

Neste período criam-se um conjunto significativo de instituições de carácter científico que constituiriam as bases do desenvolvimento da Arqueologia no norte de Portugal. Entre as mais significativas destacam-se o *Instituto de Antropologia do Porto*, criado em 1911 e, mais tarde, em 1918, a *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, cuja origem radica num grupo de investigadores que colaborou com a revista *Portugália* na transição do século (1899-1906), e, de maior importância, a *Sociedade Martins Sarmento*, fundada em 1882, que viria a constituir-se como o principal órgão aglutinador das actividades arqueológicas desenvolvidas no norte de Portugal.

A par de um alargado número de ilustres estudiosos, de grande reputação científica, como Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira, Estáço da Veiga, Carlos Ribeiro, José Fortes, entre muitos outros, existiram inúmeros "arqueólogos" amadores que procuravam conhecer as antiguidades locais e mantinham os arqueólogos informados.

Do grupo de arqueólogos que conheceram projecção nacional, são conhecidas várias intervenções na região, quer no que respeita a intervenções directas de escavação quer de recolha e publicação de materiais.

Entre os mais significativos trabalhos publicados nos finais do séc. XIX (1895), ainda hoje uma referência incontornável para o estudo da rede viária romana do norte de Portugal, conta-se o extenso *corpus* de epigrafia viária publicado por **Martins Capela**[19], que hoje constitui, em muitos casos, a única referência para o estudo de alguns marcos miliários actualmente desaparecidos. Na área meridional do *Convento Bracaraugustano*, respeitante à via XVI do itinerário de *Antonino*, que ligava *Bracara Augusta* a *Cale*, identificam-se na área de Entre-Leça-e-Ave vários marcos miliários cuja leitura constitui a única referência a partir da qual se efectuam actualmente as diferentes propostas interpretativas, uma vez que, com excepção do marco miliário da Quinta do Paiço, Alvarelhos, nenhum outro exemplar conserva a sua inscrição legível.

Neste âmbito, o relacionamento de Martins Capella com o Abade Pedrosa documenta-se a propósito dos achados epigráficos ocorridos em 1888 em S. Tiago de Bougado, na reconstrução da ponte sobre o rio Sedões, na EN n.º 14 e a propósito do marco miliário descoberto pelo Abade no lugar da Espinhosa, em S. Pedro de Avioso, em 1894.

[13] Apesar do indiscutível pioneirismo do Abade Pedrosa no domínio da Arqueologia, merece referência a acção desenvolvida por Luís Correia de Abreu que, em meados do século XIX, empreendeu algumas iniciativas no âmbito da Arqueologia de muito mérito e interesse científico. Natural de Santo Tirso, dedicou grande parte da sua vida ao ensino e ao estudo e divulgação da cultura. A sua actividade no domínio da investigação, apesar de reduzida, revela uma preocupação que extravasa a do pequeno coleccionador, facto que se demonstra pelos inúmeros manuscritos que deixou, entre os quais merece destaque o que se reporta à freguesia de Burgães – *Descripção das antiguidades e costumes velhos da freguesia de Santiago de Burgães.* O seu conteúdo, apesar de pouco rigoroso, conserva algumas informações relevantes, uma vez que algumas delas são as únicas referências conhecidas para os respectivos achados. Entre elas refira-se a nota referente à descoberta de um tesouro monetário ocorrido em 1841 no "Cham das Cruzes", próximo do lugar de Santa Cruz, Burgães, supostamente tardo-romano, a fazer fé na referência do autor (…) *huma panella de barro cheia de moedas de cobre do tempo de Constantino Magno* (…). Próximo deste local, em data anterior à descoberta do tesouro, terá sido recolhida a epígrafe votiva dedicada a *Cosunemeoecus*, que o autor adquiriu em 1847 e recolheu nos jardins da sua casa para, quarenta anos depois, em 1887, o seu filho, António Maria Correia de Abreu, a doar ao Museu da Sociedade Martins Sarmento (CORREIA, 2000, nota 37). Por último, importa mencionar a referência à descoberta de sepulturas na freguesia de Burgães, com destaque para a que registou na Quinta da Lage que, de acordo com a sua descrição, poderá corresponder a uma tumulação de época romana – (…) *Dentro da Quinta da Lage no Pomar das Eirozes num pedaço de terra, que nunca foi cultivado appareceo no dia 3 de Fevereiro de 1841 huma sepultura com os lados formados de pedra de cantaria bem labrada, e o lastro de grandes tijolos.* (…) (CORREIA 2000, 23).

[14] Após a acção pioneira desenvolvida pelo Abade Pedrosa, a Arqueologia no concelho de Santo Tirso apenas retomaria o seu curso com o trabalho de Carlos Faya Santarém, cuja obra publicada, permite afirmar, que terá sido um dos mais significativos historiadores do concelho de Santo Tirso.

[15] A trajectória sacerdotal e o seu *curriculum vitae* constituem aspectos biográficos já abordados por Francisco Carvalho Correia nas Jornadas Arqueológicas Comemorativas dos 150 anos do seu nascimento, promovidas pela Câmara Municipal de Santo Tirso, em 20 e 21 de Novembro de 1998, em Santo Tirso (CORREIA 2000, 15-44).

[16] Dos vários estudos publicados sobre a vida e a obra do Abade Pedrosa merecem destaque os seguintes; CORREIA, Francisco Carvalho – *O abade Pedrosa. O perfil do Sacerdote,* JST, 27 de Novembro de 1998, pp. 8-9, (Página Literária de Cultura Tirsense, 100), Santo Tirso da Cidade e do seu Termo, vol. II, Braga, 2000, pp. 595-567; O Abade Pedrosa. Perfil de humanista de um sacerdote. Na senda dos pioneiros da arqueologia de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 2-3, 2ª Série, Santa Maria da Feira, 2000, pp. 15-44; O Abade Pedrosa. Nos 150 anos do seu nascimento, *Santo Tirso da Cidade e do seu Termo,* vol. III, Braga, 2001, pp. 229.

[17] A intervenção do Abade no domínio da Arqueologia e do património cultural foi já alvo de alguns trabalhos de grande importância para a historiografia tirsense, entre os quais se destacam a obra monográfica de Francisco Sande Lemos – *O Abade Pedrosa e a Arqueologia de Santo Tirso* – e a publicação do acervo epistolar da correspondência trocada pelo Abade Pedrosa com Martins Sarmento, da autoria de Augusto César Pires de Lima.

[18] Apenas assim se compreende a ausência de ligação com importantes descobertas arqueológicas realizadas no concelho de Santo Tirso nas duas primeiras décadas do século XX. Constituem disso exemplo os achados ocorridos no lugar do Corvilho, em 1915, cuja natureza singular dos achados seguramente não permitiria que passassem despercebidos ao Abade. O mesmo se poderá dizer do processo desenvolvido pela Junta Nacional de Educação, em 1910, tendente à classificação do Castro do Monte do Padrão, então designado por Castro de Monte Córdova.

[19] Martins Capella nasceu no lugar do Assento, freguesia de S. Paio de Carvalheira, Braga, a 28 de Outubro de 1842. Ao longo da sua vida desenvolveu importantes estudos no âmbito da Arqueologia Clássica, com claro destaque para a epigrafia viária, área científica em que a sua obra de referência – *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal* – viria a granjear um lugar de destaque na bibliografia arqueológica portuguesa. Contudo, os seus estudos extravasaram o domínio da Arqueologia, designadamente para o campo da Filosofia, onde não foi menos importante ou original. Destaca-se também o seu papel no ensino sendo justamente considerado como o restaurador dos estudos tomísticos em Braga. A sua biografia e bibliografia foram já alvo de atenção por parte de vários historiadores dos quais se salientam J. M. da Cruz Pontes e A. Luís Vaz (PONTES 1976; VAZ 1942).

José Leite de Vasconcelos[20] manteve contactos directos com alguns investigadores da região, entre os quais o Abade Joaquim Pedrosa, com o qual desenvolveu algumas iniciativas conjuntas, merecendo destaque a que se relaciona com a descoberta dos vestígios que atestam a origem romana da cidade de Santo Tirso.
Em boa verdade, a autoria da descoberta da ancestral origem da cidade deve-se ao Abade Pedrosa que refere, em carta a Martins Sarmento, a descoberta de muita telha e fragmentos de olaria romana, em desaterros junto ao mosteiro (LEMOS 1989, 11). A confirmação do local como de "interesse arqueológico" é efectuada por José Leite de Vasconcelos que visitou o local em 9 de Janeiro de 1893.
Martins Sarmento[21], seguramente o mais proeminente investigador nortenho do séc. XIX, terá sido o principal mentor da actividade arqueológica desenvolvida pelo Abade Pedrosa, cujos contactos de carácter científico se prolongaram por cerca de 20 anos.

Actividades arqueológicas desenvolvidas pelo Abade Pedrosa

As fontes para o estudo da actividade de investigação do Abade Pedrosa são escassas e muito limitadas, uma vez que são constituídas essencialmente pela correspondência epistolar mantida com Martins Sarmento, por referências indirectas efectuadas por este a propósito de alguns achados arqueológicos ocorridos na região, por comentários e por notícias dos órgãos de comunicação social. De facto, como chegou a ser admitido pelo próprio, num rascunho de carta referido por Augusto Pires de Lima[22], nunca o Abade escreveu ou publicou qualquer estudo sobre arqueologia ou história, apesar das inúmeras iniciativas que empreendeu e que constituíram, em muitos casos, acções cruciais para a preservação e salvaguarda de espólio arqueológico de assinalável valor científico e patrimonial – (…) *O distincto archeologo a quem V. Ex.ª se dirige é tão distincto (é mesmo unico), que nunca escreveu uma linha sobre archeologia, nem sobre outra coisa, a não ser cartas em correspondência com o Dr. Martins Sarmento sobre pesquizas de velharias que ainda se acoitavam por estes sítios e com o venerando Possidónio da Silva, e mais nada.* (…).
Merece, todavia, destaque o facto de ter integrado a *Associação dos Archeologos e Architectos Civis*, na qualidade de sócio, desde 1895, ano em que se verifica a visita de Possidónio da Silva a Santo Tirso, com o propósito de registar fotográfica e documentalmente o mosteiro de Roriz. Quatro anos mais tarde, integraria a classe de Sócios Correspondentes da Sociedade Martins Sarmento.

Actividade arqueológica desenvolvida pelo Abade Pedrosa. Sinopse cronológica.

1883
Martins Sarmento visita a cidade de Santo Tirso e, na companhia do Abade Pedrosa, visita o mosteiro de S. Bento e identifica a lápide romana dedicada a *Turiaco*, que analisa detalhadamente, dando início ao processo de desmistificação da lápide do "soldado que venceu Viriato", da qual publicaria uma extensa nota, utilizando os documentos fotográficos disponibilizados pelo Abade (SARMENTO 1884, 303-304).

(…) *Nos meados deste ano, indo casualmente a Santo Tirso e visitando um claustro do seu mosteiro, encontrei embutida numa parede uma inscrição romana, cuja leitura me causou a mais viva surpresa. Nem sequer me lembrava naquele momento que houvesse em Santo Tirso uma inscrição romana. O Sr. Abade Pedrosa, que estava presente avivou-me a memória, dizendo que era esta a lápide, em que os nossos epígrafistas viam o soldado que venceu Viriato* (…) (SARMENTO 1933, 173-174)[23].

No mesmo ano o Abade mandaria limpar e fotografar a inscrição romana, remetendo várias cópias a Martins Sarmento.

(…) *Tenho à vista a fotografia da inscrição, que o meu ilustrado amigo mandou tirar, depois que conseguiu libertar a pedra de toda a caliça que a remendara.* (…) (SARMENTO 1933, 173-174).

A epígrafe encontra-se incrustada na parede norte do primeiro claustro do antigo mosteiro beneditino de Santo Tirso e teria sido encontrada, segundo Carlos Passos, nos escombros da velha igreja do séc. XIV, demolida no século XVII, para a construção da actual igreja matriz (PASSOS 1956, 30). Foi dada a conhecer, pela primeira vez, por Jorge Cardoso em 1666 e transcrita posteriormente por Vilhena Barbosa entre 1863 e 1886, sendo recorrentemente citada a partir desta data[24].

Descrição
Inscrição votiva de granito de grão fino, de tom rosáceo, de forma rectangular. Encontra-se danificada no lado esquerdo com a epígrafe parcialmente destruída. Não apresenta campo epigráfico delimitado.
Inscrição nítida com letra monumental quadrada bem vincada. Apesar de as duas últimas linhas sugerirem uma disposição de texto segundo um eixo de simetria central, as linhas 1 e 2 apresentam alinhamento à esquerda, assim como a terceira, se tivermos em conta que a inscrição nesse local se encontra fracturada. Pontuação bem colocada. Sobre os numerais, apresenta a habitual barra horizontal. A primeira letra da fórmula final consacratória tem vindo a ser entendida como inexistente de forma que se tem apresentado a sua leitura dentro de parênteses rectos, solução que não adoptamos, depois de termos verificado que, apesar de a lápide se encontrar fracturada no local, a haste direita do V é ainda parcialmente visível.
A sua leitura não apresenta dificuldades de maior, pelo que apenas introduzimos a correcção da leitura da 3ª linha, que recorrentemente tem vindo a ser interpretada como [DE] (O) TURIACO, pela existência do que se supunha ser a haste superior do O. Efectivamente, uma observação detalhada limita esta interpretação, não só pelo facto de o esboço da letra não ser conclusivo, como, se se atender à paginação perfeita do monumento, se percebe que a colocação de *Turiaco* se encontra perfeitamente centrada, obedecendo à paginação rígida de todo o monumento.

Dim.: Altura máxima – 38 cm x 87 cm.

Transcrição
L(*ucius*) . VALERIUS . SILVANUS / MILES . LEG (*ionis*) $\overline{\text{VI}}$. (*sextae*) VICT (*ricis*) / TURIACO / V (*otum*) . S (*olvit*) . L (*ibens*) . M (*erito*) .

Leitura
Lúcio Valério Silvano, soldado da VI legião, a Vencedora, a Turiaco cumpriu este voto de boamente.

Alt. letras: *1:* **1**: 7; **2.3**: 6,5; **4**: 7; **5.6.7**: 7,5; **8.9.10**: 7; **11**: 7,3; **12.13.14.15.16.17**: 7;
2: **1**: 7,3; **2**: 7; **3.4**: 7,4; **5**: 7,5; **6**: 7,4; **7.8**: 7; **9.10**: 6,8; **11.12**: 7; **13**: 6,5; **14**: 7;
3: **1**: 7,2; **2**:2; **3.4**: 7; **5**: 6,8; **6.7**: 7;
4: **1**:7; **2**: 7,3; **3.4**:7;

Esp. inter.: **1**: 2,5/3; **2**: 2; **3.4**: 3; **5**:5; **6**:3;

A estrutura da epígrafe e o contexto histórico da legião *VI Victrix*, permitem, com segurança, datar o monumento no período Júlio-Cláudio (TRANOY 1981, 278). A legião *VI Victrix,* integrada no dispositivo militar das campanhas contra Cântabros, Astures e Vacceos, desenvolvidas por Augusto com o objectivo da conquista definitiva da Península, parece ter integrado, numa primeira fase, o

[20] José Leite de Vasconcelos nasceu em Ucanha, Tarouca, a 7 de Julho de 1858. Faleceu em Lisboa em 17 de Janeiro de 1941. Fundou em 1887 a *Revista Lusitana*, vasto repositório de Etnografia e Filologia portuguesa. Por proposta sua, em 1893, Bernardino Machado, Ministro das Obras Públicas, criou o Museu Etnológico, de que passou a ser director. Dois anos mais tarde inicia a publicação da revista *"O Archeólogo Português"*, órgão daquela instituição. Foi professor de Filologia Clássica, Filologia Românica, Arqueologia e Epigrafia na Faculdade de Letras de Lisboa. Etnólogo e Filólogo da maior notabilidade, produziu uma vastíssima obra em vários domínios do conhecimento.
[21] A propósito da sua vida e obra científica veja-se, (CARDOZO 1961b).
[22] Lamentavelmente, o ilustre historiador que publicou a correspondência epistolar entre Martins Sarmento e o Abade Pedrosa não pormenoriza aspectos importantes relativos a esta epístola, nomeadamente a quem se dirigia, a sua data, assim como o restante conteúdo (LIMA 1940, 77, nota 1).
[23] A nota de Martins Sarmento integra a publicação póstuma sob o título *Dispersos,* datada de 5 de Dezembro de 1883.
[24] Bibli. – CARDOSO 1666; SARMENTO 1883-84, 106; 1885, 178-79; 1933, 173, 179, 304, 422; BARBOSA 1863, 238; COELHO 1887, 375-377; GUIMARÃES 1901, 53; VASCONCELOS 1905, 324-326; CARDOZO 1935, 40, n.º 23; 1947, 127, 149-152; LIMA 1940, 97-99, 100; MATTOS 1947, 72-73; PASSOS 1956, 30-31, fig. 3; SANTARÉM 1956, 66-67; BLAZQUEZ MARTINEZ 1957, 182-183; 1962, 196-197; CIL II, 2374; II, S, 5551; TOVAR 1960, 184; UNTERMANN 1980, 350, 360; TRANOY 1981, 278; LE ROUX 1982, 182-183; 2002, 107-128, fig. 1; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/358; ALBALAT 1990, 152-153, nota 148; GARCIA 1991, 351, n.º 199; MOREIRA 1992, 20-21 fot. 4; VILLAR 1993-95, 364-365; H.E., 1071; PEDREÑO 2000, 71;

sector ocidental juntamente com a legião *X Gemina*, cuja presença, por volta de 26/25 a.C., se identifica no espaço compreendido entre as localidades de Benavente-Astorga-León (VAQUERO 1999,145). Testemunhos arqueológicos e epigráficos registam a sua presença no mesmo período, ainda que temporária, em *Lucus Augusti*, documentando-se, designadamente, através de uma inscrição onde pode ler-se L VI, que tem vindo a ser interpretada por vários autores como prova irrefutável da sua presença (COLMENERO 1995, 16; 1996, 130). A partir do ano 19 a.C., data em que se dá por pacificado todo o território e se verifica a reorganização do dispositivo militar, a legião *VI Victrix* instala-se em León, como vem sendo confirmado arqueologicamente, até ao ano 69/70 d.C., momento em que abandona em definitivo a Hispânia (VAQUERO 1999, 150).
A cúpula onomástica de *Valerius Silvanus*[25] indica uma origem hispânica do dedicante, provavelmente da face este da Península (LE ROUX 1982, 183, nota 27; ALFOLDY 1975, n.os 353-354, 195). Recentemente F. Villar interpretou a inscrição como sendo dedicada a Reve, estando o teónimo subentendido (VILLAR 1993-1995, 364-365), sendo Turiaco um adjectivo derivado do hidrónimo *Turia.*
A sua provável proveniência será a *villa* romana identificada na Quinta da Devesa, Santo Tirso, que dista do local em que actualmente se encontra apenas 500 m. Conforme já documentámos anteriormente (MOREIRA 2005b, 9-10), o seu contexto arqueológico integra um conjunto alargado de vestígios da proto-história e romanização identificados na área de Entre-Leça-e-Ave, em particular na área do tramo superior do Leça, cuja estrutura de povoamento permite esboçar uma leitura da evolução da ocupação do território, nomeadamente da última fase da cultura castreja e os primeiros momentos da romanização efectiva do território.
Interpretando a organização territorial estruturada a partir de "lugares centrais", providos de uma certa capitalidade, desenvolvidos no âmbito do reordenamento do território em finais do séc. II a.C., com origem a partir das campanhas militares de *Decimus Iunius Brutus* (138-136 a.C.), genericamente assumidas como marco dos primeiros contactos directos entre indígenas e romanos, cujo fenómeno tem vindo a ser entendido como uma resposta aos estímulos criados por novas motivações culturais (SILVA 1995, 517), ou, em alternativa, como necessidade de organizar a defesa, facto que terá gerado a integração política dos povoados indígenas de menores dimensões e, na sua sequência, a emergência de uma "consciência étnica" (ALARCÃO 1992, 59), o aparecimento de uma outra epígrafe dedicada ao deus indígena – *Turiaco* – identificada na igreja paroquial de Lamoso, Paços de Ferreira, suscita uma interpretação que nos remete para um horizonte geográfico e cultural de âmbito regional.
Assim a unidade gentílicia regional, neste caso a dos *Fidueneae*, localizada na Citânia de Sanfins, cujo território se pode delimitar geograficamente pela serra da Agrela a oeste, o rio Ave a norte e rio Leça e a serra de Valongo a sul, integraria, portanto, o espaço da actual cidade de Santo Tirso, local de aparecimento da epígrafe, definido pela presunção da autonomia relativa dos *castella* em relação ao *populus*, que se depreende, para além de outros factores, pela existência de divindades tutelares próprias, o que tem permitido estabelecer a correspondência e identificação dos territórios com os respectivos *castella* (SILVA 1986, 277).

Esta proposta interpretativa baseia-se numa relação de proximidade geográfica, de posicionamento na hierarquia regional do povoamento e, fundamentalmente, na interpretação de aspectos de carácter sócio-cultural, expressos no domínio religioso, designadamente através do culto de divindades tutelares próprias, de expressão regional, unicamente documentadas nesta área. Referimo-nos às epígrafes dedicadas a *Turiaco* provenientes de Lamoso, Paços de Ferreira e Santo Tirso (MOREIRA 1992, 20-21, fot. 4; 2004, 40-41). Neste contexto, *Turiaco* é interpretado como sendo uma divindade indígena evocativa de uma forma especial de protecção relacionada com as actividades produtivas, ou, de uma forma mais abrangente, com a prosperidade e a fecundidade que, conjuntamente com *Júpiter* e *Cosunea*, esta última explicitamente mencionada nas epígrafes de Burgães, Santo Tirso, e Penedo das Ninfas, Paços de Ferreira, e subentendida na epígrafe de S. Bartolomeu, Santo Tirso, formariam uma tríade de divindades superiores relacionadas, respectivamente, com a sabedoria, a força e a fecundidade (SILVA 1999, 64-65).
Desta forma, a crer na proveniência da epígrafe de Santo Tirso como sendo oriunda da *villa* da Quinta da Devesa, esta, hipoteticamente, corresponderia a um estabelecimento alto-imperial, uma vez que a sua datação é indiscutivelmente do período Júlio-Claúdio. A sua implantação, fora dos limites de exploração directa dos principais povoados da região, indica uma estratégia de exploração intensiva dos vales mais profundos, assim como um claro propósito de não interferência directa, em conflito de interesses, com os povoados indígenas da região.

1885
O Abade Pedrosa participa, com o Abade de Tagilde e Martins Sarmento, na direcção das escavações arqueológicas da necrópole romana de Moure, Vela, no concelho de Guimarães.

(…) *Em 1885, pude também fazer algumas escavações, tanto ao nascente, como poente da estrada, sendo auxiliado nestes trabalhos pelos meus amigos, Abade de Santo Tirso e de Tagilde.* (…) (SARMENTO 1933, 252-253).

Bibli. – SARMENTO 1933, 252-253; 1970, 58; ALARCÃO 1988, 17, 1/314.

1885
Na sequência dos achados arqueológicos ocorridos no Monte dos Saltos, Sequeirô[26], Martins Sarmento visita novamente o concelho de Santo Tirso. Os achados, reportados a Martins Sarmento em carta datada de 25 de Maio de 1885, referem-se a um significativo conjunto de materiais, assim como, a escavações realizadas anteriormente ao aparecimento da necrópole.

Monte dos Saltos, Sequeirô, Santo Tirso.
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 21' 30" N
Long. – 8º 27' 07" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 85 m (CM 1: 25 000, SCE, fl. 98, 1977 – Santo Tirso)

A estação arqueológica do Monte dos Saltos localiza-se na freguesia de Sequeirô, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto.
O acesso ao imóvel faz-se a partir da EN n.º 204, no sentido Santo Tirso-Famalicão, com desvio na Rotunda do Operário Têxtil em direcção à Igreja Matriz de Sequeirô, tomando-se, de seguida, a EM n.º 1102 até ao lugar de Portos (Lama).
A estação arqueológica[27] encontra-se implantada num promontório sobranceiro ao rio Ave, na sua margem direita. O povoado estrutura-se a partir da plataforma superior que revela uma planta oval com cerca de 200 m de comprimento no sentido norte/sul e 100 m no sentido este/oeste. Topograficamente, as suas vertentes sul, este e oeste são relativamente acentuadas descendo até às margens do rio. A vertente nordeste é mais suave criando uma zona de ligação com a restante área que vai progredindo em socalcos.
Os vestígios ocupam uma vasta área onde se observam à superfície fragmentos dispersos de cerâmica romana[28], assim como taludes que denunciam a existência de muros.
O local foi sondado no século passado pelo Abade Pedrosa que, na altura, detectou alguns alicerces de habitações onde foram recolhidos materiais arqueológicos cujo paradeiro desconhecemos, exceptuando um pedaço de *opus caimenticium,* actualmente em depósito no Museu Municipal. Este fragmento de *opus*, cuja dimensão é de sensivelmente 1 m de comprimento por 0,70 m de largura e 0,45 m de espessura, é constituído por uma argamassa muito compacta com seixos rolados de quartzo integrados.
Há ainda conhecimento do aparecimento de um tesouro de moedas da época de Constantino, que é referido por Mário Hipólito (HIPÓLITO 1960-61, 41), cuja notícia tinha sido anteriormente publicada no jornal *Economista.*

(...) *Dizem de Santo Tirso que nas escavações a que se anda procedendo no monte dos Sultos, freguesia de Sequeirô, foi encontrado um vaso com cerca de quatrocentas moedas de cobre romanas, quase todas da época de Constantino. Há diferença na cunhagem, mas o tamanho não excede o das nossas moedas de 5 réis. São muito semelhantes às que apareceram há anos no bairro das Travessas dessa cidade. Tratava-se evidentemente de pequenos bronzes.* (...)[29].

[25] O antropónimo *Silvanus* parece revelar uma incidência cultural e um expressivo carácter mitonímico – deus das florestas, muito pouco vulgar entre nós, embora sejam conhecidos exemplos na Lusitânia (*Silvanus*, antropónimo relacionado com a figura mitológica de Silvano, Deus da floresta (ENCARNAÇÃO 1984, 797, 838, n.º 435).
[26] Martins Sarmento dá conta da sua visita ao Monte dos Saltos, Sequeirô, em missiva dirigida ao Abade Pedrosa datada de Julho 1885 (LIMA 1940, 104 - 105).
[27] O topónimo Porto ou Portos terá origem, provavelmente, na existência de uma barca de passagem no local. A referência à existência de uma barca documenta-se no Inquérito Paroquial inscrito no Dicionário Geográfico de Portugal, de que deu resposta o Reverendo Abade José Rebelo Pacheco, em 21 de Maio de 1758.
(...) Nomes dos lugares ou aldeias desta freguesia são: Gomariz, Carvalha, Ribeiro, Rosal, Jardim, Gondarim, Seara, Azenhas, Bexigo, Penela, Sequeirô, Porto. Em cujo lugar do Porto há uma barca de passar no Rio Ave, cujo rio divide esta freguesia como acima fica dito, e não há notícia de que tenha outro nome do que Ave (...) (CARNEIRO 1955, 452).
Embora os vestígios actualmente visíveis sejam relativamente escassos, a estação arqueológica conta já com uma significativa bibliografia, salientando-se as seguintes referências – CRUZ 1896, 292; PIMENTEL 1902, 349; LIMA 1940, 103; HIPÓLITO 1960-61, 124; PEREIRA, BOST e HIERNARD 1974, 307, n.º 62; MONTEIRO 1985-5/6/7; SILVA 1986, 83, n.º 339; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/356; LEMOS 1989, 10-11, 14; MOREIRA 1991, 28-34;1992, 15-34; 2004, 41-43; 2004 a, 61; DINIS 1993, 104, n.º 5.
[28] Os materiais cerâmicos recolhidos na prospecção arqueológica encontram-se no Museu Municipal Abade Pedrosa inventariados com o código CAST 86 MAS – n.º 0132 a 0139.
[29] *Economista*, n.º 7, vol. V, 2ª série, de 25 de Outubro de 1896.

Alberto Pimentel, para além das referências aos achados já mencionados, refere ainda o aparecimento de (...) *algumas sepulturas revestidas de tijolo, bem como muitas moedas de cobre dentro de uma vasilha de barro.* (...) (PIMENTEL 1902, 349).
No âmbito do "Projecto de remodelação da linha ferroviária de Guimarães, Troço – Santo Tirso/Lordelo" desenvolveram-se, em 2001/2002, trabalhos arqueológicos de grande envergadura na vertente sul (sondagens e recolha de materiais) promovidos pelas empresas *Arqueologia e Serviços* e *Arqueologia & Património*, em consórcio.
Os materiais cerâmicos recolhidos revelam uma grande afinidade nos fabricos e formas, com os provenientes de Alvarelhos, nomeadamente os de cronologia tardo-romana. Referimo-nos, em particular, às *cerâmicas comuns de engobe vermelho de verniz não vitrificável*, às cerâmicas comuns de mesa, às cerâmicas comuns de armazenamento, às lucernas de fabrico local ou regional e ás cerâmicas pintadas. A mesma observação é válida ao nível das cerâmicas de importação, quer de *sigillatas claras* quer *hispânicas*, que revelam a mesma representação percentual ao nível das formas e espectro cronológico.
Numa primeira apreciação, os materiais revelam uma grande similitude com os materiais provenientes de Alvarelhos, Monte Padrão e restantes estações romanas de Entre-Leça-e-Ave, cujo estudo e enquadramento crono-estratigráfico, contribuirá certamente para ampliar o conhecimento sobre os fabricos cerâmicos de carácter regional, assim como permitirá alargar o conhecimento sobre a economia e organização do povoamento em época tardo-romana na área meridional do Convento Bracaraugustano.
De referir ainda a identificação de uma estela funerária em granito, de formato rectangular, com a face superior arredondada e decorada com um tríscele. Encontra-se incrustada na face sul da igreja paroquial de Sequeirô, não conservando actualmente qualquer vestígio de inscrição. No mesmo local encontram-se depositados inúmeros materiais litícos, provavelmente recolhidos no Monte dos Saltos (mós, estelas discoidais, etc).

1885
Em carta datada de 26 de Julho de 1885 (LIMA 1940b, 197, carta II), o Abade Pedrosa meciona o aparecimento de moedas num lugar em que estivera com Martins Sarmento depois do referido achado ocasional. Acrescenta ainda que um ourives que vira as moedas verificou que todas eram de cobre e uma delas do imperador Galieno. Pela sequência cronológica da correspondência, é provável que o abade se reportasse às moedas descobertas no Monte dos Saltos, em Sequeirô, Santo Tirso.

1885
Na mesma missiva, datada de 26 de Julho de 1885, o Abade refere-se a uma epígrafe identificada no mosteiro de Vilarinho, da qual enviou a Martins Sarmento a transcrição e uma interpretação da sua leitura (LIMA 1940, 198, carta II) que, apesar de deficiente, regista a percepção da importância da epígrafe, enquanto fonte de excepcional valor documental para a história do mosteiro.

(…) *Envio a V.Ex.ª a inscripção de Villarinho de que fallamos e que julgo não estar truncada. A coisa não será isto?* (…).

Era : M : CC : VI :
Obiit : Parochi : Er :
It : Abas : Vi
Larino

Tenho duvida, porem, se está escripto Paroki ou Parokia, isto é, se na ultima letra d'esta palavra há uma abreviatura de duas letras, ou trez, parece-me que esta ultima é preferível e que é o que lá esta (…). (LIMA 1940b, 198, carta II).

Efectivamente, conforme se documenta em estudos posteriores (SANTARÉM 1956c, 279-280; CORREIA 2000a, 401), a leitura sugerida pelo Abade não só é deficiente como revela uma interpretação errada.

1888
Verifica-se a descoberta de um *esconderijo de fundidor* no lugar da Abelheira, Trofa, cuja intervenção do Abade se viria a revelar fundamental na salvaguarda e recuperação do espólio, hoje em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento, conforme relata o próprio Martins Sarmento.

(…) *Graças à intervenção do meu amigo, abbade de Santo Thyrso, a Sociedade Martins Sarmento fez a aquisição de machados de bronze apparecidos há tempo em S. Martinho de Bougado. Segundo parece, o numero de machados de bronze subia a trinta e quatro; mas alguns foram mandados derreter pelo achador, para se desenganar de que não eram feitos d'ouro. A collecção compõe-se hoje de trinta, dois em fragmentos, os demais completos ou quasi* (…) (LIMA 1940, 88)[30].

A primeira referência do abade à descoberta dos machados regista-se numa carta datada de 7 de Agosto de 1888, já numa fase adiantada do processo de recuperação dos machados (LIMA 1940 b, 199-200,carta IV).

O esconderijo de fundidor da Abelheira, S. Martinho de Bougado, composto por 36 machados de talão e duplo anel, constitui um dos mais significativos achados datáveis do Bronze Final registados na área meridional do noroeste peninsular. Lamentavelmente, não dispomos de informação sobre o local do achado, assim como das características de enterramento ou do seu contexto arqueológico.
Amplamente documentado na bacia hidrográfica do rio Ave, no seu tramo médio e final, o período do Bronze Final revela uma alta densidade de povoados, com características topográficas e de implantação muito heterogéneas, cujo enquadramento, em conjugação com um alargado número de vestígios descontextualizados, eventualmente conotados com povoados na sua periferia, ainda não identificados, permite uma visão abrangente do quadro do povoamento.
Na área regional em que se insere o achado da Abelheira, designadamente na região Entre-Leça-e-Ave, regista-se ocupação no castro de Alvarelhos, Trofa, no povoado da Bouça da Cova dos Mouros, Ardegães, Maia, recentemente descoberto, e no castro do Monte do Padrão, Santo Tirso. No que respeita a achados dispersos, conotados com esta fase e eventualmente relacionados com outros povoados ainda não identificados, para além do machado de duplo anel proveniente de Palmazão, Guilhabreu, Vila do Conde, relacionado com o castro de Alvarelhos, há um outro achado documentado na região, hoje em depósito no MMAP, proveniente do Chão da Presa/Geão, Santo Tirso, do qual também se desconhece o contexto arqueológico. Trata-se de um machado de talão de duplo anel (MMAP 33). Por último, refira-se um machado de alvado de duplo anel, em depósito no MNA (11039), de proveniência incerta, amplamente referenciado na bibliografia (CARDOZO 1969, 75-79, fig. 5; MONTEAGUDO 1977, 245, Tipo 41 C; HARDAKER 1976, 151-171; COFFYN 1983, 194; 1985, 221, 331, carta 42, est. LV, n.º 4; SILVA 1986, Gráfico 4; MELO; ARAÚJO 2000, 53-56), enquadrado na tipologia de Monteagudo como *Tipo 41 C Santo Tirso*, assim como os achados do Corvilho, Santo Tirso, cuja análise dos materiais cerâmicos e metálicos é consistente com o mesmo horizonte cronológico.

1888
Em carta datada de 28 de Outubro de 1888, o Abade Pedrosa refere a visita efectuada às duas mamoas da Ervosa.

(…) *Fui hoje ver a mamôa de que nos fallou o regedor, ou antes as mamôas, porque são duas, afastadas uma da outra coisa de 50, ou 60 metros. Estão numa bouça próxima da estrada da Trofa para St.º Thyrso, no sítio em que o terreno principia a pender para um ribeiro, que passa próximo. Medem dez metros de diâmetro na base por um e meio d'alto, ficam a trez kilometros da que vimos na bouça das Bicas e na mesma freguesia de S. Martinho de Bougado* (...)

Em 17 de Dezembro do mesmo ano o Abade dá conhecimento da descoberta de uma outra mamoa, eventualmente relacionada com as anteriores.

(…) *N'uma bouça immediata áquella em que vimos a mamôa, ao pé d'Abelheira, na Trofa, encontrei outra mamôa, apezar de me parecer que já não está intacta, hei-de mandá-la abrir, para ver se dá alguma coisa.* (…)

Os detalhes da localização dos monumentos funerários permitiu-nos, mais de cem anos depois, desenvolver trabalhos de prospecção arqueológica com o objectivo de identificar os monumentos referenciados, que permitiu identificar uma outra, eventualmente relacionada com a mesma necrópole.

Mamoa da Ermida, Santa Cristina do Couto, Santo Tirso
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 20' 04" N
Long. – 8º 29' 28" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 94 m (Carta militar 1:25 000, SCE, fl. 98, 1977 – Santo Tirso)

Túmulo megalítico localizado no lugar da Ermida, Santa Cristina do Couto, a cerca de 2 km a sudoeste da cidade de Santo Tirso, junto da via intermunicipal no nó de acesso à cidade.
A mamoa configura uma elevação de planta oval, de recorte irregular, com

[30] SARMENTO 1933, 323.

cerca de 8.30 m de comprimento por 6.20 m de largura e cerca de 1,10 m de altura em relação à área envolvente. Na área central, correspondente ao *tumulus*, existe uma cratera de violação relativamente extensa e profunda, não evidenciando qualquer esteio da câmara tumular à superfície. A estrutura de contenção encontra-se relativamente preservada, revelando alguns elementos da carapaça pétrea à superfície.

1888
O Abade Pedrosa descobre a "estação pré-histórica" de Monte Córdova, onde recolhe vários utensílios líticos, nomeadamente machados de pedra polida (MMAP 6, 11).

1888
Desenvolve diligências no sentido de evitar a destruição dos marcos miliários descobertos na Trofa Velha, no momento da reconstrução da ponte sobre o rio Sedões. O facto é relatado por Martins Sarmento em carta dirigida a Emílio Hübner em Agosto de 1888.

(…) …*O abade comprou os miliários roubados e não me mandou a cópia pedida, por ter desgostos de família que lhe não permitem entregar-se a estas ocupações.* (…) (CARDOZO 1947, 131)[31].

1890
Troca de correspondência com Martins Sarmento com importantes referências ao marco miliário de S. Tiago de Antas (LIMA 1940 b, 202-203, carta VII).

1893
Em carta datada de 6 de Maio de 1894 informa Martins Sarmento do aparecimento e natureza do espólio numismático descoberto em Alvarelhos.

(…) *As moedas, que appareceram no Castro d'Alvarelhos, são todas de prata, e d'Augusto, todas do mesmo cunho, tenho duas, mas imperfeitas.* (…)

1893
Oferta de um modelo da ara descoberta no castro de Alvarelhos dedicada ao Génio por *Saturnino* (GUIMARÃES 1901, 56).
A ara foi encontrada num terreno agrícola no Castro de Alvarelhos, em data anterior a 1893, momento em que, a partir da Quinta do Paiço, onde se encontrava depositada, terá sido transferida para o Museu da Sociedade Martins Sarmento, tendo sido posteriormente oferecida ao então designado Museu Etnológico Português, pelo Abade Sousa Maia, em 1905, através de Félix Alves Pereira, que nesse ano efectuou uma visita à região de Entre-Douro-e-Minho e obteve inúmeros materiais arqueológicos provenientes de Alvarelhos, através do Abade Sousa Maia, então colaborador do Museu Etnológico[32].
Encontra-se actualmente no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa (MNA/n.º E 16711)[33].

1893
José Leite de Vasconcelos visita a cidade de Santo Tirso visita o local de implantação da *villa* romana da Quinta da Devesa.
A notícia é publicada no *Jornal de Santo Thyrso* e dá conta da sua visita à então vila de Santo Tirso que, acompanhado do Abade, terá visitado o local onde outrora existiu o "castro romano", onde recolheu alguns fragmentos de cerâmica romana[34]. Desta visita resultaria uma importante nota de José Leite de Vasconcelos na sua obra de referência – *Religiões da Lusitânia* – no momento em que aborda o estudo da epígrafe romana dedicada a *Turiaco*, descoberta na parede da face norte do primeiro claustro do antigo mosteiro beneditino de Santo Tirso.

(...) *Em Santo Tirso, a uns 300 metros da igreja, houve uma estação archaica, o que se reconhece pelo apparecimento de fragmentos de tégulas e de louça antiga, escóreas, mós, cimento, – como verifiquei em 1893. É possível que o monumento do deus Turiacus estivesse primitivamente ahi.* (...) (VASCONCELOS 1905, 325-326).

Em concreto, as referências reportam-se à *villa* romana da Quinta da Devesa, da qual, infelizmente, apenas conhecemos parte do espólio do seu antigo cemitério, descoberto posteriormente às notícias do Abade Pedrosa e José Leite de Vasconcelos.
O aparecimento da necrópole é noticiado, pela primeira vez, por Alberto Pimentel, em 1902, numa das suas principais obras de carácter monográfico – *Santo Thyrso de Riba D'Ave*.

(...) *existência de um castro luso-romano, onde estão as Escolas e quintaes visinhos, havendo talvez povoação ao norte e poente d'esse castro, como se inferiu da apparição de fragmentos de telha, vasilhas de barro, restos de mós, vestígios de sepulturas antigas e até de uma lápide votiva na parede oriental do claustro.* (…) (PIMENTEL 1902, 15).

Apesar do pouco detalhe da descrição dos vestígios a referência à existência de materiais de superfície numa área de dispersão tão significativa, associada a um contexto funerário é, sem dúvida, indicador da importância do assentamento.
No que respeita à referência da existência de um castro localizado a sudeste da área de aparecimento dos vestígios, no local (...) *onde estão as Escolas e quintaes visinhos* (...)[35] somos reticentes em considerar esta possibilidade como provável, aliás, de acordo com a opinião de Leite de Vasconcelos, uma vez que os materiais cerâmicos recolhidos não se enquadram nesse horizonte cronológico, assim como o local não apresenta as características topográficas próprias desse tipo de assentamentos[36].
O aparecimento da necrópole seria posteriormente referido por Carlos Faya Santarém, ainda que de forma marginal, no momento em que o autor aborda o estudo dos materiais da necrópole do Corvilho[37].
O contexto arqueológico da necrópole far-se-á, com a *villa* romana identificada nos terrenos adjacentes à Quinta da Devesa[38]. A *villa*, actualmente desaparecida, encontrava-se implantada na face norte da Quinta e ocupava uma extensa plataforma natural, com ligeiro pendor para norte, voltada para o rio Ave. Os vestígios distribuíam-se por uma ampla área, tendo sido destruídos nos trabalhos de terraplanagem da construção da Escola EB2/3 de S. Rosendo, em 1979 (MOREIRA 2004, 9-10).
Apesar dos extensos trabalhos de construção, que originaram uma profunda alteração da topografia original, ainda hoje se encontram, com frequência, nos trabalhos de repavimentação das estradas ou na reparação de infra-estruturas básicas de água e saneamento, materiais arqueológicos, nomeadamente, tégulas, tijolos, cerâmica comum e, em menor quantidade, materiais de proveniência forânea, nomeadamente, ânforas, *sigillatas* e vidros.

1894
Em Maio de 1894 o Abade identifica e regista sumariamente o marco miliário de S. Pedro de Avioso, do qual dá conhecimento a Martins Sarmento em carta datada de 11 de Maio.

[31] Martins Sarmento ao mencionar "desgostos de família" referir-se-ía, provavelmente, à morte da mãe do Abade – Angelina da Fonseca Pedrosa, falecida nesse mesmo ano de 1888.

[32] A carta de agradecimento de Leite Vasconcelos, assim como a promessa de publicação da notícia na revista da instituição data de 28 de Fevereiro de 1905. Esta viria a ser publicada no vol. X do *O Archeólogo Português,* pp. 381-382, e dá conta do conjunto dos materiais então recolhidos, que aqui transcrevemos, limitando-nos, naturalmente, aos materiais provenientes de Alvarelhos – (...) *Do Ver.º Abade de Canidelo, Manuel Domingues de Sousa Maia, ...um fragmento, de forma especial, pertencente talvez a algum vaso do castro de Alvarelhos...; um capitel romano, do castro de Alvarelhos; um machado de pedra, do castro de Alvarelhos; um denário deste mesmo castro, e uma moeda de cobre hispânica; vários pesos de barro, de Alvarelhos;... um fundo de passador e um bico de bilha de barro, de Alvarelhos;... um bordo de vaso ornamentado, com incisões, de Alvarelhos;... uma ara votiva, do castro de Alvarelhos...* (...) (AP, vol. X, pp. 381-382). Documenta-se o acontecimento no acervo epistolar de José Leite de Vasconcelos, conforme se aprecia em carta endereçada por este ao Abade de Canidelo, em 28 de Fevereiro de 1905 (BRANCO 1963, 37-38).

[33] Veja-se o capítulo relativo às estações arqueológicas das quais provêm os materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa – *Castro de Alvarelhos.*

[34] *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 36, 12 de Janeiro de 1893, p. 3, col. 1.

[35] O autor refere-se, naturalmente, à Escola Primária Conde S. Bento.

[36] Apesar de existirem diferentes tipos de castros, com significativas diferenças estruturais nos distintos momentos cronológicos definidos para esta cultura, poder-se-ia afirmar, de forma genérica, que os requisitos indispensáveis para o assentamento destes povoados se prendem com a existência de; a) condições naturais de defesa proporcionadas pelo local de implantação e por uma topografia favorável b) amplo controlo visual da envolvente c) existência de recursos naturais nas imediações, propiciatórios da actividade agrícola e pastoril. Ora, como facilmente se constata, nenhuma destas condições se regista no local referenciado o que nos leva a crer que a referencia à existência de um castro será o resultado de uma interpretação errónea dos vestígios que, no limite, poderiam corresponder a estruturas relacionadas com a *villa*, eventualmente correspondendo à *pars rustica* da mesma.

[37] A necrópole do Bronze Médio/Final do lugar do Corvilho, Santo Tirso, foi detectada em 1915 no momento de abertura dos alicerces do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, num terreno da Quinta de Geão, junto do caminho do Corvilho. O espólio recuperado é composto por seis vasos tronco-cónicos e uma bracelete de bronze. Todos os materiais integram hoje a exposição permanente do Museu Municipal Abade Pedrosa (MMAP n.º 34-40), e contam já com uma importante bibliografia de referência; SANTARÉM 1956 a, 169-177; SANCHES 1981, 97; 1982, 56-61; PEREZ 1997, 5-11, est. 1, n.º 2.

[38] As coordenadas geográficas do local são: Latitude 41º 20' 36" Norte; Longitude 8º 28' 30" W (Greenwich); Altitude 61 m (Carta Militar 1:25000, S.C.E., fl. 98 – Santo Tirso 1977).

(…) *Na 6.ª fui a S. Pedro de Avioso ver o marco milliar de que lhe tinha fallado, está levantado ao lado do caminho junto a uma caza, num logar a que hoje chamão Espinhosa, a 2 Kilometros abaixo da carriça e a 19 m ao Poente da estrada de Braga ao Porto. Disse-me o dono da caza, que o prazo d'ella refere-se ao marco, e que chama ao terreno aonde ella está sita e proximidades "bouça da pedra d'Anta". Este marco mede d'alto fora da terra 1,40m, é cylyndrico, tem na parte superior 0,70m de diâmetro e na inferior próximo à terra 0,60.*
Tem vestígios de muitas letras, mas apenas pude ler juntas estas trez, COS, talvez se conheça mais alguma, mas dispersas. (...) (LIMA 1940 b, 206).

Em 16 de Junho desse mesmo ano o Abade daria conta da visita efectuada com Martins Capela aos marcos miliários da Trofa e S. Pedro de Avioso. (LIMA 1940 b, 209).

Descrição
Marco miliário em granito de formato tronco-cónico. Encontra-se hoje praticamente ilegível. Foi recolhido no lugar de Espinhosa[39] em 1894 e "estudado" pela primeira vez pelo Abade Joaquim Pedrosa.
Em 1895 foi transferido para o lugar da Espinhosa e colocado encostado à edícula dedicada a Santo António na margem da EN n.º 14, que liga o Porto a Braga, sensivelmente ao km 11, onde se conservou até ao ano 2000, momento em que foi trasladado para o adro do Museu de História e Etnologia da Terra da Maia, onde actualmente se encontra.
As várias propostas de leitura baseiam-se na cópia efectuada por Martins Capela que permitiu a elaboração da proposta interpretativa de Vasco Mantas, que transcrevemos, pela coerência paleográfica, contextualização arqueológica e concordância com os dados históricos. Encontrar-se-á certamente relacionado com o marco miliário identificado no lugar da Peça Má, dedicado a Marco Aurélio Carino, seu filho.

Dim.: Altura máxima – 1,70m; Diâmetro médio – 0,67/0,69 m.

Transcrição
[IMP (*eratori*) CAESARI] / [M(*arco*) AVR(*elio*)] CAR [O] P(*io*) [F (*elici*)] / [INVICTO] AVG(*usto*) P(*ontifici*) M(*aximo*) / [TRIB(*unicia*) POTEST(*ate*)] II CO(*ri*) S(*uli*) [II ...]

Leitura
Ao imperador César Marco Aurélio Caro, Pio, Feliz, Invicto, Augusto, pontífice máximo, no seu segundo poder tribunício, cônsul pela segunda vez (...)

Alt. letras. : *1*: **1**:?
2: **1-4**: 2/3
3: **1-5**: 2/3
4: **1-5**: 12

Esp. inter.: **1/4**:?; **5**: 3,2;

Bibli. – CAPELA 1895, 251, n.º 99; HÜBNER – *EE VIII*, n.º 205; AZEVEDO 1939, 110; ALMEIDA 1969, 17; TRANOY 1981, 207; ALARCÃO 1988, 23, n.º 1/393; MANTAS 1996, 345-348.

1894
O Abade Pedrosa descobre e salvaguarda os vestígios arqueológicos associados com a *villa* romana de Vila Boa, Guilhabreu, Vila do Conde, designadamente os que se relacionam com a necrópole e os achados epigráficos associados.

Segundo os registos epistolares do Abade Pedrosa a primeira pessoa a intervir no sítio arqueológico terá sido um coleccionador e proprietário de terras no local – David Ramos – com quem privou, conforme se depreende da leitura da carta dirigida a Martins Sarmento datada de 15 de Junho de 1894, na qual relata o teor das escavações, assim como a natureza dos materiais identificados.

(…) *Effectivamente o David é collecionador e tem mais antigualhas na casa do Porto e segundo diz o Abb.e, tem gasto algum dinheiro em excavações*[40].

Quatro meses depois, em 5 de Outubro do mesmo ano, referiu-se novamente aos achados de Guilhabreu efectuados por David Ramos e por ele próprio.
(…) *O David Ramos encontrou já á annos num campo a que chamão Villa Boa, da mesma freguezia de Guilhabreu algumas antigualhas romanas, como restos de cerâmica, algumas moedas de cobre, uma talha, mas pequena, mós etc.* (…)

Por último, em 11 de Novembro de 1894, quando visita a "colecção" de David Ramos, de que dá conta a Martins Sarmento, refere vários achados, nomeadamente de cerâmicas comuns, vidros, moedas, tesselas e, de maior significado, uma escultura em mármore, actualmente desaparecida.

(…) *Vi mais o tronco d'uma Vénus, desde o pescoço á cintura, e mede meio palmo, tem também parte da peanha com pé ainda pegado e o logar do outro, o mármore era bom, muito branco e puro, segundo me disse o David é mármore de Pathmos, o que está, é muito estragado do tempo, a esculptura era excelente.* (…) (LIMA 1940 b, 210).

O local eventualmente terá também sido escavado pelo Abade Sousa Maia no início do século XX, enquanto colaborador do Museu Etnológico Português, cujos materiais terão dado entrada na instituição, sendo o conjunto composto por (...) *espólio funerário, vasos com grafitos e vasos lisos* (…) (VASCONCELOS 1915, 191; BRANCO 1963, 35). As escavações terão provavelmente continuado até finais da década de 20, uma vez que, Serpa Pinto a elas faz referência, ainda que de forma indirecta, em artigo datado de 1928 (PINTO 1929, 159-160).

Vila Boa-Paiço, Guilhabreu, Vila do Conde.
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 16' 54" N
Long. – 8º 38' 08" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 145 m (CM 1: 25 000, SCE, fl. 97 – Bougado, S. Martinho, 1975)

Encontra-se implantada numa extensa plataforma horizontal de planta oval, definida por duas linhas de água. A sua face oeste remata numa vertente acentuada, permitindo uma ampla visão dos terrenos mais baixos de Malta e Guilhabreu.
Os campos na sua envolvência, hoje intensamente agricultados, revelam inúmeros vestígios cerâmicos à superfície – tégulas, cerâmica comum, fragmentos de talhas, tijolos, sigillatas, etc. – assim como abundante pedra faceada, que é visível nas imediações do campo, nas construções actuais e muros adjacentes. A sua área de dispersão cobre uma zona de 200 m por 100 m.
A sua implantação numa zona de contacto de terrenos sem aptidão agrícola para este (unidade cartográfica Ru5.1 = unidade fisiográfica Qgo2 = terrenos sem aptidão agrícola A0), e de terrenos de elevada aptidão agrícola para oeste (unidade cartográfica Te10.1 = unidade fisiográfica Qgp1 = terrenos de elevada aptidão agrícola A1), possibilitaria o acesso a uma ampla e diversificada gama de recursos.
Têm sido recolhidos, ao longo dos últimos anos, inúmeros materiais de diferente natureza, hoje dispersos por um conjunto de instituições. Vários fragmentos de mosaicos encontram-se em depósito no Museu Municipal de Viana do Castelo, um pequeno tesouro monetário composto por seis moedas na Câmara Municipal de Vila do Conde e vários materiais cerâmicos no Museu Nacional de Arqueologia, merecendo destaque, pela cronologia que nos aponta, um fragmento de *sigillata* hispânica tardia da forma 37, decorada com círculos raiados e com pontos inscritos no interior (RODRIGUEZ 1985, 238, lám. 119, n.º 2248).

Bibli. – LIMA 1940 b, 187-214; ALMEIDA 1969, 35; GORGES 1974, 456; RODRIGUEZ 1985, 238, lám. 119, n.º 2248; ALARCÃO 1988, 19, n.º 1/340; PINTO 1995, 234, fig. 2;

Necrópole
O espólio cerâmico recolhido na necrópole de Vila Boa, Guilhabreu, Vila do Conde[41], terá eventualmente sido fruto de uma escavação arqueológica desenvolvida pelo Abade de Sousa Maia, enquanto colaborador do Museu Etnológico Português, em data anterior a 1905, ano em que Félix Alves Pereira, em visita

[39] Lat. – 41º 16' 47" N; Long. – 8º 36' 17" W (meridiano de Greenwich); Alt. – 105 m (C. M. 1. 25 000, S.C.E., fl. 110 – Maia, 1975)
[40] Refere-se o Abade Pedrosa ao Abade de Guilhabreu.
[41] Lat. – 41º 16' 54" N; Long. – 8º 38' 08" W (meridiano de Greenwich); Alt. – 145 m (CM 1: 25 000, S.C.E., fl. 97 – Bougado, S. Martinho, 1975).

à região, terá recolhido os materiais oferecidos pelo Abade de Canidelo com destino ao Museu Etnológico[42]. O espólio cerâmico foi oferecido juntamente com duas aras anepígrafas.
As aras são fruto de achados anteriores, eventualmente no mesmo local, cuja correspondência epistolar entre Martins Sarmento e o Abade Pedrosa documenta de forma inequívoca (LIMA 1940 b, 181-214). Em carta datada de 11 de Maio de 1894 o Abade Pedrosa, entre outras notícias, dá conhecimento do aparecimento dos três monumentos epigráficos recolhidos.

(…) *…D'ahi fui a Guilhabreu, freguezia a 2 Kilometos do Castro d'Alvarelhos, ver umas pedras de que me tinhão falado; encontrei uma ara e dous pilares, que apparecem ao lado da ara, e todas ao alto, numa escavação, que fizeram num campo a qua chamão Agra.*
Teem ellas d'alto 0,90m e a ara no corpo das letras 0,40m de largo, os pilares, que não teem letras, teem de largo em cada uma das quatro faces nas bazes 0,20m, na parte superior são mais estreitos e terminão ambos por uma espécie de capitel com um orifício no centro, são ambos eguaes (…) (LIMA 1940 b, 206).

Das características de implantação e extensão da necrópole, assim como do tipo de enterramentos nada sabemos, designadamente do número de sepulturas e respectivo mobiliário fúnebre. Actualmente apenas constam do inventário do Museu Nacional de Arqueologia três peças cerâmicas provenientes da necrópole, encontrando-se as aras anepígrafas com acesso reservado.

Catálogo de materiais

1. Jarro – Conjunto de fragmentos de fundo, bojo, colo, bordo e asa de fita de secção plano-convexa que não permitem a reconstituição do perfil da peça. Pasta compacta, de cozedura uniforme, com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de calibre médio. Superfície alisada com polimento deficiente. Textura rugosa com abundantes vestígios de fuligem. Cor castanho clara.
Depósito – MNA, n.º inv.º (contentor 881, vol. 10).

2. Jarro – Conjunto de fragmentos de fundo, bojo, colo, bordo e asa de fita de secção plano-convexa que não permitem a reconstituição do perfil da peça. Pasta pouco compacta e ligeiramente friável de cozedura uniforme. Elementos não plásticos à base de mica e quartzo. Superfície polida de cor castanho-escuro, alisada e medianamente polida com vestígios de fuligem.
Depósito – MNA, n.º inv.º (contentor 881, vol. 10).

3. Jarro – Conjunto de fragmentos de fundo, bojo, colo, bordo e asa de fita de secção plano-convexa que não permitem a reconstituição do perfil integral da peça. O gargalo, pouco estrangulado, conserva o vertedouro que apresenta um perfil pouco marcado. Pasta compacta, de cozedura homogénea, com abundantes elementos não plásticos de calibre médio/alto. Superfície alisada com polimento deficiente. Textura rugosa.
Depósito – MNA, n.º Invº (contentor 881, vol. 10)

Bibli. – VASCONCELOS 1905, 381-382; PINTO 1929, 159-164; LIMA b 1940, 181-214; BRANCO 1963, 38; ALMEIDA 1969, 23-24; SILVA 1980, 79-90; ALARCÃO 1988, 19.

Ara funerária

Inscrição funerária recolhida em contexto arqueológico na necrópole romana de Vila Boa, freguesia de Guilhabreu, concelho de Vila do Conde, no ano de 1893[43], actualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.
Ara de granito de grão médio constituída por três corpos, sendo o superior moldurado, sem campo epigráfico definido, confundindo-se com o corpo intermédio. Fuste rectangular. Base rectangular, lisa, fragmentada na face e no canto inferior esquerdo. Capitel rectangular, baixo, moldurado com três toros sendo os dois primeiros simétricos e o superior de maior dimensão. Na face superior conserva o fóculo que se encontra ladeado por dois toros danificados na face superior.
Inscrição em letras cursivas, unciais e capitais, bem vincadas, com inclinação predominante à direita. A paginação é deficiente, o que obrigou o *ordinator* a diminuir progressivamente a dimensão da letra e a colocar a última linha, da qual consta a idade do defunto, na base do monumento, assim como a suprimir a fórmula final consacratória.

Dim.: 98 cm x 44 cm; Camp. Epi.: 60 cm x 35 cm

Transcrição

(EX) (*castro / castello*) U / LIAIN / CA (*rum ?*). LAN / ASUS / MEBDI / (EX) (*castro / castello*) FI (*duenearum ?*) / AN (*norum*) LXX.

Leitura

Lanasus, filho de *Mebdus*, do castro dos *Fidueneae* (?), falecido aos 70 anos, (aqui está sepultado). Os habitantes do castro dos *Ulaincae* (erigiram este monumento).

Alt. letras *1*: **1**: 6; **2**: 7; **3**: 9; **4**: 6,5;
2: **1**: 10; **2**: 9; **3**: 9; **4**: 8;
3: **1**: 6; **2**: 11; **3**: 10; **4.5**: 9;
4: **1**: 6; **2**: 6; **3**: 5; **4**: 6,5;
5: **1**: 5,5; **2**: 6; **3**: 7; **4**: 7; **5**: 7;
6: **1**: 4; **2**: 4; **3**: 7; **4**: 8; **5**: 8;
7: **1.2**: 4; **3**: 8; **4**: 6; **5**: 6;

Esp. inter.: Dois centímetros em todos eles à excepção das duas últimas linhas onde o ordenamento aparece alterado.

De salientar a referência de duas unidades gentilícias, uma das quais surge como entidade colectiva a erigir o monumento à memória de um indivíduo originário de outra unidade gentilícia.
A onomástica revela-nos o carácter indígena dos etnónimos e antropónimos. *Lanasus* é um antropónimo pouco frequente não se encontrando registado qualquer paralelo na região, enquanto que *Mebdus*, ainda que pouco frequente, encontra-se documentado em pelo menos dois monumentos do Convento Bracaraugustano[44].
A sua datação, segundo Armando Coelho, de quem aliás adoptamos a leitura e interpretação da epígrafe, atendendo às suas características paleográficas, considera tratar-se de um monumento de cronologia tardia, enquadrado no séc. IV (SILVA 1980, 84).

Bibli. – HÜBNER – *EE*, VIII, 398, n.º 110; GUIMARÃES 1901, 68, n.º LVIII; VASCONCELOS 1905, 381-382; 1906, 371-373; AP, vol. X, 371-373; PINTO 1929, 159-164; LIMA b 1940, 209; ALMEIDA 1969, 23-24; CARDOZO 1972, 107, n.º 65; ALBERTOS FIRMAT 1975, 33; 1977, 22; SILVA 1980, 82-84; 1982, 386-389; TRANOY 1981, 373; ALARCÃO 1988, 19, n.º 1/340.

[42] No volume X do *O Archeólogo Português* nas páginas 381-382, relacionada com o assunto referido encontra-se a seguinte notícia "(...) Numa excursão que o Dr. Félix Alves Pereira, Oficial do Museu, fez em Entre-Douro-e-Minho, em Janeiro/Fevereiro de 1905, obteve o seguinte: (...) *Do Rev.º Abade de Canidelo, Manuel Domingues de Sousa Maia ...vasos votivos em fragmentos, de um cemitério (de incineração) de Guilhabreu (Vila do Conde)...* (...) *e um vaso ritual com confetti do cemitério romano de Guilhabreu* (...).
Da oferta do Abade de Sousa Maia daria conta, em carta datada de 28 de Fevereiro de 1905, Leite de Vasconcelos, na qual prometia a sua publicação na revista da Instituição, como viria a acontecer mais tarde.
[43] O ano de aparecimento é referenciado por Mário Cardozo com base nas informações fornecidas pelo Abade Pedrosa a Martins Sarmento (CARDOZO 1947, 228, nota 5).
[44] Botelhas, Vila Real, *CIL* IIS, 5556 e Carquere, Lamego *CIL* IIS, 5580; *ILER*, 4139, (SILVA 1980, 84, nota, n.º 20).

Lápide votiva dedicada a *Turiaco*, Santo Tirso.

Inscrição medieval. Mosteiro de Vilarinho, Santo Tirso.

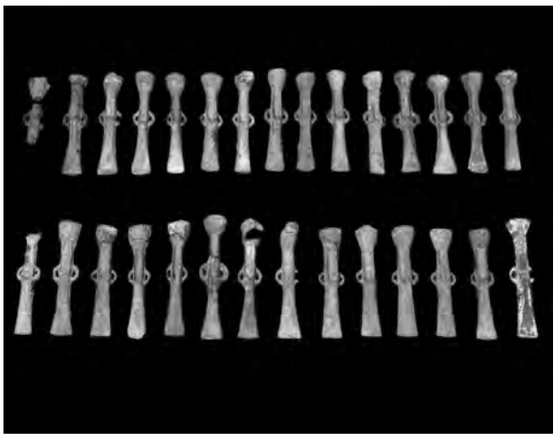
Estela funerária anepígrafe, Sequeirô, Santo Tirso.

Monte dos Saltos, Sequeirô, Santo Tirso.

Mamoa da Ermida, Santa Cristina do Couto, Santo Tirso.

Ara votiva dedicada ao Génio, Alvarelhos, Trofa.

Ara funerária dedicada a *Lanasus*, Guilhabreu, Vila do Conde.



Conjunto de machados de bronze do *Esconderijo de fundidor* da Abelheira, Trofa.

Marcos miliários da via XVI do *itinerário de Antonino*, Trofa.

A colecção arqueológica

museu municipal **abade pedrosa**

A colecção arqueológica

O Museu Municipal Abade Pedrosa possui colecções de grande interesse patrimonial e relevância científica. Os materiais que constituem o seu acervo são provenientes de várias estações arqueológicas do concelho de Santo Tirso e da região envolvente, ora tendo resultado de trabalhos de escavação arqueológica ora de achados fortuitos, cujo contexto arqueológico, em alguns casos, actualmente se desconhece.

Do espólio arqueológico destacam-se os materiais líticos do período Neolítico e Calcolítico provenientes de contextos funerários associados a expressões culturais vinculadas ao fenómeno megalítico; o conjunto de materiais cerâmicos e metálicos provenientes da necrópole do Corvilho, datada do Bronze Médio/Final; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico, numismático e osteológico proveniente do Castro do Monte do Padrão, cuja ocupação se desenvolve desde o Bronze Final ao início do séc. XVII; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico e numismático proveniente do Castro de Alvarelhos, cuja ocupação aqui representada se desenvolve desde o Bronze Final a meados do séc. V; o espólio cerâmico e vítreo da necrópole galaico-romana de Rorigo Velho e os monumentos epigráficos de S. Bartolomeu e Roriz.

No momento da abertura ao público, em 10 de Março de 1989, a colecção nuclear do Museu Municipal consistia no conjunto de objectos arqueológicos recolhidos por Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa nas últimas décadas do séc. XIX e primeira década do séc. XX que conheceu, em meados do século passado, um significativo aumento com a incorporação do espólio arqueológico resultante das escavações realizadas no Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova, dirigidas por Carlos Faya Santarém, na década de cinquenta.

Após a celebração do protocolo de colaboração entre a Câmara Municipal de Santo Tirso e a Universidade do Minho, cujo propósito consistia em promover o estudo e a conservação do património arqueológico, móvel e imóvel, do concelho, teve início uma nova fase de incremento do acervo museológico com a incorporação de materiais arqueológicos resultantes de trabalhos de prospecção e escavação arqueológica.

A criação e implementação do Gabinete Municipal de Arqueologia, em estreita articulação com o Museu Municipal, permitiu o desenvolvimento de projectos monográficos de estudo, salvaguarda e valorização de vários imóveis de grande relevância patrimonial, dos quais se destacam o castro de Alvarelhos e o castro do Monte do Padrão, cuja escavação sistemática proporcionou um significativo espólio arqueológico que hoje integra o acervo do Museu Municipal Abade Pedrosa.

Proveniência dos materiais

Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso
Coordenadas geográficas
Latitude – 41º 18' 53" N
Longitude – 8º 52' 51" W (meridiano de Greenwich)
Altitude – 413 m (CM 1. 25 000, S.C.E. 1950, fl. 98 – Santo Tirso, 1977)

O castro do Monte do Padrão localiza-se na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto, a poucos quilómetros a sudeste da sede do concelho. O acesso ao castro pode fazer-se a partir da povoação de Monte Córdova, em direcção ao lugar de Quinchães, tomando-se, de seguida, o caminho florestal que dá acesso à capela do Nosso Senhor do Padrão, que fica no sopé do castro.

O imóvel encontra-se classificado como **Monumento Nacional** desde 1910, inicialmente com a designação de Castro de Monte Córdova (Decreto-Lei de 16 de Junho de 1910), tendo sido rectificada a sua denominação para Castro do Monte do Padrão em 1951 (6 de Novembro de 1951 – Dec.-Lei n.º 38491, art. 3).

O castro ocupa um esporão rochoso do maciço montanhoso conhecido por Serra de Monte Córdova, que corresponde a um dos relevos mais significativos da sua vertente oeste. Encontra-se implantado na área limite das bacias hidrográficas dos rios Ave e Leça, integrando na face norte a rede de drenagem do rio Ave e na face sul a do rio Leça. O promontório encontra-se sobranceiro ao vale do rio Sanguinhedo e ribeira do Matadouro, ambos afluentes do rio Ave, na sua margem esquerda. Para sul, desenvolvem-se as veigas de Refojos e Agrela, que integram a bacia hidrográfica do rio Leça.

O povoado ocupa uma posição topográfica de destaque na região dominando visualmente para oeste uma extensa faixa da costa marítima que se prolonga desde a cidade do Porto à cidade da Póvoa do Varzim, sendo o seu campo visual mais limitado para este, uma vez que, para o interior se desenvolve uma zona de ligação à plataforma do planalto da serra de Monte Córdova[45].

A sua implantação, de grande protagonismo na paisagem, proporciona uma posição de destaque na região, reflectindo uma clara intenção de controlo visual sobre as principais vias naturais de comunicação, terrestres e fluviais.

Topograficamente o castro estrutura-se a partir de uma plataforma superior, de planta oval, relativamente plana, apesar dos frequentes afloramentos à superfície. A acrópole do povoado é definida pela curva de nível dos 400 m que corresponde, grosso modo, à primeira muralha do povoado. A plataforma desenvolve-se por um comprimento máximo de 183 m no sentido norte/sul, e de 101 m no sentido este/oeste, perfazendo uma área de 14776 m^2. A elevação possui condições naturais de defesas relevantes propiciadas por uma topografia favorável. As faces norte, sul e oeste possuem vertentes com pendor acentuado apresentando-se a vertente do lado este mais suave e curta, correspondendo a uma zona de ligação ao interior do maciço montanhoso.

As características ambientais em que o castro se insere correspondem às definidas para a zona climática designada por Terra Temperada/Quente Atlântica, que se caracteriza pela marcada influência atlântica. Os valores médios da temperatura situam-se entre 14º de temperatura média anual e 16º de temperatura média do mês mais quente, registando uma diminuição gradual da amplitude térmica anual. A precipitação média anual situa-se entre 1200 mm e 1600 mm.

O substrato geológico da região corresponde à grande mancha de granito da face oriental do concelho de Santo Tirso, que é biotítico, apresentando as variedades porfiróide e de granosas de grão de diferente calibre, como predominantes. Em particular na freguesia de Monte Córdova é frequente o tipo porfiróide (ANDRADE 1952, 303-315).

Na área envolvente do castro existem terrenos de elevada aptidão agrícola[46] ao longo das margens do rio Leça, em faixas estreitas e descontínuas, que confrontam, na maior parte dos casos, com terrenos de aptidão agrícola moderada, a que corresponde praticamente toda a área do planalto de Monte Córdova.

O local em que se encontra implantado o castro do Monte do Padrão é referenciado, de forma mais ou menos desenvolvida, na bibliografia de cronistas, corógrafos e viajantes desde finais do séc. XVI, até poucos anos antes de ser definitivamente abandonado no início do séc. XVII. Entre os autores mais significativos contam-se referências efectuadas por André Resende, D. Rodrigo da Cunha, Gaspar Estaço, Carvalho da Costa e Frei Leão de S. Tomás. Na resposta ao Inquérito Paroquial de 1758, o cura e reitor de Monte Córdova, Padre Veríssimo de Araújo, fornece também um contributo significativo para a interpretação dos vestígios medievais do Monte do Padrão, assim como para a história da toponímia local[47]. Mais recentemente, encontramos ainda contributos assinaláveis de Alberto Pimentel e Alberto Pires de Lima (PIMENTEL, 1902, 50-54; LIMA 1948, 543).

De Espanha são também conhecidas algumas referências importantes como, por exemplo, o relato do périplo efectuado por Morales, em 1572 (IGLESIAS 1999, 57-58), e, mais tarde, em 1600, com a redacção do livro da autoria de Fray Benito de la Cueva *Historia de los Monasterios e Priorados Anejos a Celanova,* que viria a ser publicado em 1991(CUEVA 1991, 93-97).

A partir do início da primeira década do século XX inicia-se verdadeiramente

[45] O planalto de Monte Córdova desenvolve-se na face noroeste da serra com o mesmo nome, abrangendo parte do concelho de Santo Tirso e Paços de Ferreira. Apresenta uma planta circular definida pela curva de nível dos 400 m e é delimitado por um conjunto de acidentes orográficos de maior elevação – Pilar, Padrão, Mouro, Costouras e Citânia de Sanfins. As povoações que ocupam o planalto são: Monte Córdova, Cabanas, Santa Luzia, Hortal e Redundo. A área é marcada por uma intensa rede de drenagem que configura a nascente do rio Leça. Os terrenos revelam aptidão agrícola moderada.

[46] O sistema adoptado pela Agroconsultores e Geometral na elaboração das cartas de solos e aptidão da terra foi o definido para a classificação de terras para usos diversos *(land suitability evaluation)* recomendado pela FAO (FAO 1976; 1983). A classificação resulta da ponderação de um conjunto de factores que concorrem para a formação e evolução da terra como, por exemplo, o substrato rochoso, o material orgânico, o clima, o relevo, a vegetação e a acção transformadora do homem ao longo dos tempos. Entre os principais factores de transformação destacam-se os terraceamentos operados em toda a região em zonas de declives superiores a 4-5%, facto que introduz um importante elemento artificial a ter em conta no momento de valorizar os elementos para o estudo de períodos muito recuados.

[47] Santo Tirso, Boletim Cultural, II, (1952-53), p. 491.

a história do imóvel enquanto monumento arqueológico. Em 1910, com a sua classificação como Monumento Nacional, define-se, com clareza, a importância científica e patrimonial do imóvel. Todavia, seria apenas a partir do início da década de cinquenta do século XX que se desenvolveriam os primeiros trabalhos arqueológicos empreendidos por Carlos Faya Santarém entre 1951 e 1956. A publicação da planta dos edifícios romanos intervencionados na face norte da plataforma superior do castro, pela sua singularidade no panorama arqueológico do noroeste peninsular, faria com que os seus trabalhos fossem recorrentemente citados em estudos de síntese relativos ao período romano[48].

Os registos bibliográficos posteriores ocorrem apenas na década de oitenta e noventa e reflectem já metodologias científicas. Merece particular destaque o trabalho publicado por Manuela Martins em 1985[49], pelo facto de documentar, pela primeira vez, a ocupação relativa ao período do Bronze Final, o que motivou inúmeras referências à estação em trabalhos científicos do mesmo horizonte cronológico.

A década de noventa reflecte uma maior preocupação na valorização patrimonial do imóvel (VALDEIRAS 1997, 131-137; FARTO 2000, 65-76), apesar de se registarem alguns trabalhos de carácter científico (MOREIRA 1991, 28-34; 1997 a, 83-87; 2005).

Os trabalhos de investigação

Os trabalhos de investigação realizados no castro do Padrão compreendem fundamentalmente três momentos que, em certa medida, reflectem os principais momentos da Arqueologia nacional. O primeiro ocorre com os trabalhos empreendidos por Carlos Faya Santarém entre 1950-1956, na face norte da plataforma superior do castro, nos quais foram intervencionados dois edifícios de época romana, uma casa circular e parte da muralha da Idade do Ferro. Registam-se ainda outras pequenas intervenções, não publicadas, que terão sido, eventualmente, realizadas pelo mesmo autor, designadamente a sondagem que revelou parte das estruturas medievais e um outro edifício romano na zona central da face este da plataforma superior.

A fase seguinte desenvolve-se na década de oitenta e enquadra-se num período de intensa actividade arqueológica, incrementada pelos Serviços Regionais de Arqueologia e diversas Universidades, que contou com forte apoio dos municípios, então em clara fase de afirmação e valorização dos valores patrimoniais concelhios. A ligação à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho intensifica-se em 1984 com a realização dos primeiros trabalhos de limpeza, consolidação e restauro das ruínas descobertas por Carlos Faya Santarém. O trabalho de intervenção na estação aprofundar-se-ia com a realização de cinco pequenas intervenções arqueológicas (1985-1989), entre as quais, a que deu origem à publicação dos resultados preliminares das sondagens realizadas em 1985.

Com a criação do Gabinete Municipal de Arqueologia, em 25 de Outubro de 1990,[50] tem início uma nova etapa no estudo e salvaguarda do castro. A partir desse momento o enquadramento do seu estudo, valorização e musealização passaria a integrar o projecto de investigação do autor, encontrando-se actualmente em desenvolvimento[51].

Bibli. – RESENDE 1593; CUNHA 1623, Parte I, 143, Parte II, 403; ESTAÇO 1625, 20; TOMÁS 1651, 159-160; ARGAIZ 1675; COSTA 1706, 363; LEAL; FERREIRA 1873, V, p. 471-472; PIMENTEL 1902, 50-54; SANTARÉM 1951, 49-66; 1954, 397-429; FERRO SOUSELO 1973, 7-13; PONTE 1984, 111-114, n.º 15; MARTINS 1985, 217-230; SILVA 1986, 83, n.º 344; CENTENO 1987, 115-116; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/360; CUEVA 1991, 93-97; MOREIRA 1991, 28-30; 1997a, 83-87; 2005; QUEIROGA 1992, 169, n.º 242; DINIS 1993, 98-99, n.º 39; ROSADO FERNANDES 1996, 107; VALDEIRAS 1997, 131-137; FARTO 2000, 65-76;

Ref. Documentais – Inquirições de D. Afonso III, pp. 541, col. 2ª;

Proposta cronológica

O conhecimento das diferentes fases de ocupação do povoado não é uniforme sendo ainda prematuro, com os elementos actualmente disponíveis, efectuar uma caracterização exaustiva da ocupação de cada um dos períodos, quer ao nível da cultura material e das estruturas habitacionais correspondentes, quer ao nível das respectivas áreas de ocupação.

Contudo, os resultados das últimas intervenções permitem esboçar, ainda que provisoriamente, uma periodização das diferentes fases de ocupação do castro, que aqui se apresentam com o propósito de enquadrar cronologicamente os materiais que constam do catálogo.

Fase I – (900/700 a.C. | 500 a.C.)

Corresponde à etapa do Bronze Final do norte de Portugal, cuja periodização tem vindo a ser balizada entre 900/700-500 a.C., e identificada como a Fase I da Cultura Castreja (MARTINS; JORGE 1992, 356)[52]. A intensa actividade arqueológica desenvolvida nas duas últimas décadas no âmbito desta cultura no norte de Portugal e na Galiza tem permitido definir, com algum rigor, o seu âmbito cronológico, assim como determinar as diferentes etapas evolutivas associadas à cultura material correspondente.

Em termos genéricos, caracteriza-se pelo surgimento de uma nova estratégia de povoamento que utiliza promontórios com defesas naturais e pela manutenção dos povoados abertos da primeira fase que, segundo alguns autores, permite formular interpretações que definem hierarquias, nas quais se considera que determinado tipo de povoados possam ter desempenhado funções específicas, designadamente no controlo da produção metálica e na distribuição de produtos de consumo (MARTINS; JORGE 1992, 356).

O espólio do castro do Monte do Padrão compreende taças carenadas de fundo umbilical[53], vasos tronco-cónicos, potes e cerâmicas com decoração boquique, tipo "Cogotas I"[54], cerâmicas decoradas tipo "Baiões" e também materiais líticos – mós de naveta, machados polidos, pesos[55] e lâminas de sílex. A abundância do material lítico, aliada à exiguidade de materiais metálicos, permite admitir que o instrumental de uso quotidiano, necessário às actividades de subsistência, continuou basicamente a ser feito em pedra.

Fase II – (500 a.C. | 138/136 a.C.)

As suas principais características definem-se a partir de influências centro europeias, post-hallstáticas e influências meridionais, designadamente através do comércio púnico e grego, documentado através de cerâmicas gregas e pré-campanienses (SILVA 1986, 37). No castro do Padrão o espólio arqueológico nesta fase é composto maioritariamente por cerâmica, instrumentos líticos e, numa ex-

[48] Veja-se, entre outros; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/360.

[49] Veja-se, MARTINS 1985, 217-230.

[50] O Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Santo Tirso foi criado por deliberação camarária (Acta n.º 26, fl. 54-56, 25 de Outubro de 1990).

[51] O primeiro projecto de investigação submetido à apreciação do então IPPC tinha por título *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e castro de Alvarelhos* tendo sido aprovado em 2 de Junho de 1992. Com a criação do Instituto Português de Arqueologia e as alterações regulamentares daí decorrentes, foi elaborado novo projecto então com o título *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Área Arqueológica de Alvarelhos*, cuja aprovação ocorreu em 15 de Junho de 1998. Uma vez terminado o projecto anterior redefinimos o estudo do castro do Monte do Padrão agora enquadrado num novo projecto de investigação – *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Área Arqueológica de Monte dos Saltos* – homologado pelo Instituto Português de Arqueologia em 22/10/2004. No biénio 2002-2004 decorreu, no âmbito do Plano Operacional da Cultura, Medida 3.9, *o Projecto de estudo, valorização e dinamização da área arqueológica de Monte Padrão.*

[52] As autoras relacionam esta etapa com o aparecimento de um novo tipo de povoado de altura, que aproveita características naturais de defesa, que é acompanhado por um incremento da produção metalúrgica, revelando influências meridionais, designadamente da cultura tartéssica, no momento em que esta alcança o seu maior desenvolvimento (MOTES 2000, 223), e também da Meseta Norte. Do ponto de vista da ergologia regista-se uma maior quantidade e diversidade de instrumentos metálicos e de ourivesaria.

[53] (MOREIRA 1991a, 14, est. VI, n.º 3 Corte D (05) K 29).

[54] As referências a achados cerâmicos morfologicamente enquadráveis no tipo "Cogotas I" são relativamente escassas no noroeste português. São conhecidos exemplares provenientes do povoado da Bouça do Frade, Baião (JORGE 1988, 70-71, fig. 37, n.º 1-2), uma taça da necrópole do Tapado da Caldeira, Baião (JORGE 1980, 36-44), um fragmento decorado com incrustação de pasta branca proveniente do Monte da Ínsua, S. João da Ponte, Guimarães (JORGE 1988, 71), um fragmento proveniente do povoado da Sola, Braga (BETTENCOURT 1991-92, 108-109, est. IX, s/nº), e vários exemplares provenientes do povoado da Lavra, Marco de Canaveses (SANCHES 1988, 129, fig. 3-4).
Os materiais provenientes do castro do Padrão, embora não sejam abundantes, encontram-se significativamente representados (MARTINS 1985, 217-230, est. V, n.º 3-7; MOREIRA 1995, 13, est. I, II, n.º 3-4).

[55] Os pesos em quartzito ou arenito, de formato oval e secção plano-convexa, com entalhes laterais de perfil ovalado, são relativamente abundantes em povoados com o mesmo horizonte cronológico e foram inicialmente identificados como indicadores da actividade piscícola (BRANDÃO; LANHAS 1971, 581-589). Actualmente são interpretados como tendo tido funções mais alargadas, designadamente relacionadas com a actividade de tecelagem.

pressão muito reduzida, por instrumentos metálicos, exclusivamente de bronze.
As cerâmicas de uso corrente e de armazenagem revelam um forte arcaísmo técnico e formal. Predominam potes e púcaros de perfil em S, maioritariamente de fabrico manual. As pastas, relativamente bem depuradas, apresentam elementos não plásticos bem calibrados, essencialmente compostos por quartzo e, em maior quantidade, por moscovite. O tratamento das superfícies exteriores apresenta, na sua maioria, um acentuado polimento trazendo à superfície as lâminas de mica, conferindo às peças um acentuado brilho e um efeito decorativo inovador, em profundo contraste, com o brunido intenso, de cor negra brilhante, característico de algumas peças mais cuidadas do Bronze Final. As decorações, pouco frequentes, são constituídas por motivos incisos, organizados em bandas, compondo motivos geométricos padronizados. O repertório das formas é limitado e pouco especializado sendo, no entanto, de assinalar o aparecimento das panelas de asa interior, cuja peculiaridade formal faria com que se transformassem numa das formas cerâmicas mais emblemáticas desta cultura. O instrumental lítico é composto por seixos truncados, pesos de funções diversas e mós de naveta.

Fase III – (138/136 a.C. | Tibério/Cláudio)
Esta fase regista os primeiros contactos directos entre romanos e indígenas, e desenvolve-se até meados do séc. I da nossa era. Os primeiros encontros verificam-se com a campanha de *Decimus Iunius Brutus*, e foram seguidos por outros episódios militares que resultaram em amplas movimentações internas e, consequentemente, num contacto mais directo com o mundo indígena, entre as quais se destacam as campanhas Sertorianas. É geralmente identificada como a fase de apogeu da Cultura Castreja, na qual se desenvolve um fenómeno de reorganização do quadro do povoamento, com destaque para o surgimento de grandes povoados, com estruturas proto-urbanas e estruturas defensivas de grande envergadura, aos quais, hipoteticamente, corresponderia uma certa preponderância militar e política na sua área de influência directa.
Após as guerras cântabras (27-19 a.C.), fundamentalmente a partir da paz de Augusto e da implementação do novo modelo administrativo da área que viria a ser mais tarde a província da Galécia, documenta-se uma gradual assimilação cultural.
A cultura material documentada nesta fase no castro do Padrão corresponde ao seu auge tecnológico, cujo desenvolvimento ocorre já na esfera do mundo romano, evidenciando um grande desenvolvimento económico e cultural.
A cerâmica, limitada na fase anterior praticamente a recipientes de perfil em S, modestamente decorados com motivos incisos, amplia o seu repertório de formas registando uma maior adequação na relação forma/função, assim como do ponto de vista técnico manifesta significativos progressos. Generaliza-se a utilização do torno, as pastas passam a ser mais depuradas e melhor calibradas e os acabamentos mais elaborados. Surgem, pela primeira vez, tons claros, resultantes de cozeduras oxidantes, de cor bege, rosado e amarelo.
As inovações tecnológicas enriqueceram o repertório de formas registando-se o aparecimento de talhas, panelas de asa de orelha, panelas de asa interior, almofarizes, etc. As decorações, mais abundantes, conjugam frequentemente várias técnicas, sendo agora mais frequentes os motivos impressos e as aplicações plásticas. O instrumental lítico reduz-se, sendo de salientar a generalização da utilização da mó circular.
Os metais, nesta fase, conhecem uma ampla difusão e registam importantes melhorias no seu processo de fabrico, amplamente documentadas na região (MARTINS 1990, 164-165). Todavia, o instrumental metálico identificado no Monte do Padrão é relativamente pobre, merecendo apenas destaque a significativa abundância de vestígios relacionados com a actividade metalúrgica.

Fase IV – Tibério/Cláudio | 1.ª metade do séc. II / **Fase IV a** – 1.ª metade séc. II | meados do séc. III
Terá sido nesta fase que se assiste à profunda remodelação "urbanística" no castro, com o definitivo abandono e destruição das estruturas castrejas, habitacionais e defensivas, e a construção de um conjunto de edifícios na plataforma superior, cujas características arquitectónicas revelam uma ruptura definitiva com o arquétipo da sociedade indígena, na qual a estrutura social se reflectia na organização estrutural do povoado.
A nova realidade cultural transformou os hábitos sociais e ampliou as necessidades de consumo, uniformizando práticas e comportamentos.
A grande panóplia de materiais de uso quotidiano – cerâmicas, vidros[56] e objectos metálicos – até aqui relativamente escassos, generalizam-se e dão origem a produções locais e regionais que permitem suprir a ampla procura dos novos produtos, provenientes das mais remotas origens do império.
A rotina do quotidiano altera-se profundamente modificando os hábitos alimentares, a higiene, o vestuário, comportamentos estes que reflectem a progressiva adopção de uma nova cultura. Entre os materiais arqueológicos mais significativos desta nova realidade destacam-se as ânforas, cuja presença revela o gosto pelo consumo do vinho e dos preparados de peixe.
No Monte do Padrão a cultura material diversifica-se alargando-se exponencialmente o espectro dos materiais importados, documentando-se a presença de vidros, ânforas, sigillatas gálicas, sud-gálicas e hispânicas, assim como, de materiais de âmbito regional tais como as cerâmicas bracarenses, ou as cerâmicas calcíticas pintadas e registando-se também a ocurência das primeiras espécies numismáticas[57].
O início da dinastia dos Flávios e a atribuição do *ius latii* à Hispânia com Vespasiano, no ano 73-74, tem vindo a ser interpretado como um momento decisivo no processo de romanização do noroeste peninsular, período ao qual correspondem uma parte muito significativa das obras alto-imperiais identificadas na região. Nesta fase assiste-se à continuação da remodelação estrutural do castro do Padrão, registando-se obras de ampliação e remodelação dos edifícios existentes na plataforma superior (fase IVa).

Fase V – 990 | finais séc. XII
Corresponde à fase de construção[58] e ocupação do primeiro mosteiro de Monte Córdova.
As evidências arqueológicas, ainda pouco claras, apontam para a existência de uma construção do séc. X, cuja planta integral não é ainda conhecida, à qual se encontra associado um conjunto de cerâmicas contemporâneas desta fase de ocupação.

Fase VI – Finais séc. XII-inícios do séc. XIII | finais séc. XVI-inícios do séc. XVII[59]
Reconstrução e remodelação do primeiro mosteiro. A esta fase encontra-se associada a extensa necrópole que se desenvolve a sul da igreja e do mosteiro. Em 1514, no reinado de D. Manuel, é retirado o priorado de S. Salvador de Monte Córdova ao mosteiro de Celanova, tendo sido nomeado um abade comendatário – António Castilbrac –[60] para administrar o mosteiro. A extinção definitiva do mosteiro dar-se-á em finais do século XVI, mais precisamente em 1597, poucos anos antes da trasladação da igreja para o local em que se encontra actualmente a igreja paroquial de Monte Córdova.

Fase VII – 1738 | ----___
Data da sagração da capela do Nosso Senhor do Padrão[61] que corresponde à última intervenção construtiva verificada na área arqueológica, embora a sua implantação seja marginal à área de dispersão das ruínas. Da sua construção resultou um interessante processo, sendo ainda hoje possível identificar os prédios agrícolas que garantiam a fábrica da capela (CORREIA 2004, 4; 2004, n.º 159).

Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 19' 21" N
Long. – 8º 37' 10" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 222 m (CM 1:25 000, S.C.E., fl. 97 – Bougado, S. Martinho, 1975)

---

[56] Para além de vários exemplares das formas de imortação mais comuns, como sejam as garrafas prismáticas, tipo Isings 50, ou as taças caneladas – *phiales côtéeles*, tipo Isings 3, merece particular destaque, pela sua raridade na produção vidreira do noroeste português, um fragmento de taça elaborado por justaposição com cronologia da 1ª metade do século I (MOREIRA 1997, 26, Est. XV, n.º 76).

[57] Referimo-nos em particular a três exemplares recolhidos nas intervenções realizadas por Carlos Faya Santarém, em 1952-53 (SANTARÉM 1955, 426).

[58] A primeira referência a um primitivo templo é fornecida por Frei Leão de S. Tomás, que, ao aludir à lenda do nascimento de S. Rosendo menciona: (...) *E o lugar, em q(ue) mais frequentemente fazia suas orações a Deos, era a Igreja do Salvador edificada no mais alto do monte Corduva, aonde sobia de sua casa a pé, & descalça, & pera q(ue) suas preces fossem mais aceitas à Magestade Divina.* (...), (TOMÁS 1651, 145).

[59] A data do abandono definitivo do Monte do Padrão, como local de implantação da *Igreja do Salvador*, como a nomeia Frei Leão de S. Tomás, terá ocorrido, segundo o mesmo autor, no início do séc. XVII: (...) *Poucos anos há, que a dita igreja do Salvador se mudou do alto do monte para outra parte da freguezia, aonde parece que ficuava mais accommodada pera serviço dos Parrochianos, que são mais de quatrocentos.* (...) (TOMÁS 1651, 161).

[60] A breve história do mosteiro de Monte Córdova e respectivo priorado de S. Salvador de Monte Córdova é apresentada por Fray Benito de la Cueva, em *Historia de los Monasterios y Priorados Anejos a Celanova* (CUEVA 1991). Fray Benito foi monge em Celanova no período que medeia entre 1613 e 1649.

[61] A capela do Nosso Senhor do Padrão encontra-se implantada no sopé do castro, na sua face este.

O castro de Alvarelhos encontra-se classificado como **Monumento Nacional** desde 16 de Julho de 1910 e possui uma Zona Especial de Protecção criada em 1976, posteriormente rectificada em 1992.

O imóvel localiza-se na freguesia de Alvarelhos, concelho da Trofa, distrito do Porto. O acesso à estação pode fazer-se através da EN n.º 318, ao km 8, no sentido Vilarinho, Vila do Conde, para Água Longa, Santo Tirso, tomando-se, de seguida, o caminho florestal que dá acesso à povoação de Sobre-Sá, que atravessa longitudinalmente toda a estação arqueológica.

O castro encontra-se implantado num dos contrafortes da franja este do maciço montanhoso conhecido por Serra de St.ª Eufémia, que se desenvolve com uma orientação sul/norte.

A extensa plataforma onde se encontra implantado apresenta um declive moderado para o vale da ribeira da Aldeia, afluente do rio Ave na sua margem esquerda.

O substrato rochoso é granítico, embora a estação se localize próximo de uma zona de contactos com xistos grauvaques onde é frequente o aparecimento de quartzitos e rochas ftaníticas.

A topografia revela um pendor com orientação oeste/este atenuado por duas elevações que contrariam o desnível natural em direcção ao vale. A primeira, denominada por Monte Grande, desenvolve uma planta circular com uma cota máxima de 222 m, formando uma plataforma superior, relativamente plana, mas pouco extensa, que corresponde à acrópole do povoado castrejo. As suas faces sul, norte e este têm um pendor mais marcado, interrompidas por um talude, hoje ocupado parcialmente por um caminho ao qual, provavelmente, corresponderá a sua única muralha. A sua face nordeste possui uma vertente mais suave, formando uma plataforma de ligação para o interior do maciço montanhoso que revela características semiplanálticas.

A segunda elevação, denominada por S. Marçal, frequentemente confundida e identificada como o topónimo da estação arqueológica, encontra-se na face sudeste do povoado. De pequena dimensão, possui uma configuração cónica com vertentes íngremes, hoje alteradas por um caminho que as circunda até ao topo. Na plataforma superior esteve implantada uma pequena capela, hoje completamente destruída, dedicada a S. Marçal.

A parte intermédia, localizada entre as duas elevações, forma uma plataforma bastante extensa, com orientação sudoeste/nordeste, com uma ligeira projecção para norte, definida nos seus extremos por duas linhas de água que delimitam a estação nas faces nordeste e sudeste, respectivamente.

A estação forma uma planta alongada, de perfil irregular, marcada por pendores vincados em todas as suas faces à excepção do lado noroeste.

Os terrenos em que se encontra implantada são hoje parcialmente ocupados por vegetação arbórea, existindo também alguns terrenos agrícolas dispersos pelos vários núcleos habitacionais existentes no interior da estação, nomeadamente em Monte Grande, Sá, Sobre-Sá, Quinta do Paiço e Quinta dos Aidos. Em tempos mais recuados, para além das alterações topográficas que sofreu com a construção de habitações e a criação de plataformas artificiais para a prática da agricultura, foi também alvo de exploração esporádica de pedra que originou seis pedreiras que, apesar de pequena dimensão, destruíram algumas ruínas e respectivas estratigrafias associadas.

As características ambientais em que o castro se insere definem-se pela sua implantação na unidade cartográfica Ru5.1, a que corresponde a unidade fisiográfica Qgo2, e terrenos sem aptidão agrícola A0. No entanto, nas suas imediações, para este, desenvolvem-se terrenos de moderada e elevada aptidão agrícola que correspondem, genericamente, ao vale desenhado pela ribeira da Aldeia (a norte, na zona de Alvarelhos, Cidói e Guidões – unidade cartográfica Cd2.4 = unidade fisiográfica Qxp1 = aptidão agrícola moderada A2/a sul na zona de Muro, S. Roque e Quintão – unidade cartográfica Te10.1 = unidade fisiográfica Qgp1 = terrenos de aptidão agrícola elevada).

Os trabalhos de investigação

O castro de Alvarelhos é frequentemente citado na bibliografia arqueológica devido a um conjunto de achados fortuitos ocorridos na segunda metade do século passado, de significativa importância para o conhecimento da romanização da área meridional do Convento Bracaraugustano, de que são exemplo a pátera de prata consagrada a *Marte*, em depósito no Museu Nacional de Arqueologia e do tesouro monetário de cerca de cinco mil denários encontrado em 1971.

A estação arqueológica, com excepção do projecto de investigação de que foi alvo na década de noventa, da responsabilidade científica do autor, nunca tinha sido objecto de uma intervenção sistemática, contando apenas com uma intervenção pontual efectuada por José Fortes, em 1899, e uma outra, também de pequena expressão, realizada por Serpa Pinto, em Setembro de 1926, no lugar dos Aidos.

O primeiro projecto de investigação implementado na estação arqueológica, da responsabilidade científica de Álvaro Moreira, foi submetido à apreciação do então IPPC e tinha por título *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e castro de Alvarelhos* tendo sido aprovado em 2 de Junho de 1992. Com a criação do Instituto Português de Arqueologia e na sequência das alterações regulamentares daí decorrentes, foi elaborado novo projecto, então com o título *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Área Arqueológica de Alvarelhos*, cuja aprovação ocorreu em 15 de Junho de 1998.

A intervenção arqueológica, ao nível da escavação, decorreu entre 1991 e 1998, tendo sido realizadas 11 campanhas das quais resultou uma área intervencionada de 1980 m^2.

As áreas intervencionadas compreendem duas zonas distintas que acompanharam o desenvolvimento das diligências efectuadas pela Câmara Municipal de Santo Tirso na aquisição de terrenos destinados ao estudo e valorização da estação arqueológica. A partir de 1995, com a aquisição de terrenos na plataforma intermédia da estação arqueológica, localizados entre o Monte Grande e o Monte de S. Marçal, designadamente de uma parcela de 4 000 m^2 na Bouça da Suvidade (Cividade), e em 1996 de uma outra parcela, contígua à anterior, com uma área de 20 000 m^2, desenvolve-se uma intervenção programada, em que a selecção das áreas a intervencionar obedeceu a critérios científicos pré-determinados.

Assim, nos anos de 1992/93 e 94 realizaram-se escavações na área sobranceira ao monte de S. Marçal, no interior da Quinta do Paiço, tendo sido intervencionadas, a *domus* do Tesouro, a *domus* da Colher de Prata e parte da *domus* da Lucerna Cristã. O critério de implantação da escavação de 1992 definiu-se pela observação de um conjunto de alinhamentos à superfície e pela existência de abundante material cerâmico de construção. Os resultados da intervenção, particularmente a identificação de um arruamento empedrado, que sugeria ser um dos principais eixos da estrutura do povoado, norteou a implantação da quadrícula para a intervenção da *domus* da Colher de Prata e da *domus* da Lucerna Cristã. A escavação da plataforma intermédia, após a identificação da *domus* da Lucerna do Cavalo e da Praça Pública, teve como objectivo identificar integralmente o centro cívico do povoado e as estruturas que lhe estavam directamente associadas, procurando-se um eixo longitudinal, cujo registo estratigráfico permitisse ter uma visão diacrónica da ocupação do povoado.

Bibli. – COSTA 1706, 366; SARMENTO 1883-1884 = 1993, 165, 168; 1970, 48-52; FORTES 1899, 7-28; FERREIRA 1907, 285; 1923, 47; AZEVEDO 1939, 101-102; SANTARÉM 1956, 63-64; 1977, 161-170; TEIXEIRA 1965, 46; ALMEIDA 1969, 31-32; 1973, 207; 1978, 29; TORRES 1978-1979, 15-250; SOEIRO 1980, 237-243; SILVA 1980, 79-90; 1986, 83, n.º 355; CRUZ 1982, 3, nota 2; CENTENO 1987, 34-41, 111; ALARCÃO 1988, 19, n.º 1/350; MOREIRA 1991b, 69-76; 1992, 34-47; 1992b, 34-47; 1997b, 141-142; 1998, 1-16; QUEIROGA 1992, 168, n.º 240.

P.M.H. – Doc. N.º 14 (907), 16 (908), 65 (979), 126 (979), 151 (986), 158 (990), 382 (1052), 413 (1059), 603 (1076), 616 (1083), 729 (1089).

Proposta cronológica

O resultado do projecto de investigação desenvolvido no castro de Alvarelhos ao longo da década de 90 permitiu definir uma periodização das diferentes fases de ocupação da estação. Neste sentido, apresentamos, como proposta cronológica provisória, um faseamento que identifica cada um dos principais momentos documentados estratigraficamente, que nos servirá como referência para a caracterização e enquadramento cronológico dos materiais apresentados no catálogo[62].

Fase I – (900/700 a.C. | 500 a.C.)

Corresponde à etapa do Bronze Final do norte de Portugal, cuja periodização tem vindo a ser definida entre 900/700-500 a.C., e identificada como a Fase I da cultura castreja (MARTINS; JORGE 1992, 356). Corresponde cronológica e culturalmente à Fase I do castro do Monte do Padrão.

[62] Excluímos propositadamente a inclusão de vestígios arqueológicos documentados no perímetro da estação cuja cronologia e natureza não se enquadram nos parâmetros definidos neste estudo. Referimo-nos em concreto a um túmulo megalítico que se localiza na face sudeste da estação, no sopé da elevação denominada por Monte Grande (MOREIRA 1991, 27, est. I; JORGE 1982, 768, 790, 794). Trata-se de uma mamoa de planta circular, com cerca de 36 m de diâmetro, com cratera de violação, onde são visíveis dois esteios, cuja estrutura interna se desconhece. São vários os materiais cerâmicos e líticos recolhidos no local que se encontram hoje em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, no Museu do Instituto de Antropologia, na Câmara Municipal de Vila do Conde (Gabinete de Arqueologia), e no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso. Entre os materiais cerâmicos merecem destaque um vaso hemisférico liso e um grupo de fragmentos decorados com técnicas de puncionamento arrastado que, Susana Oliveira Jorge, enquadra nas organizações temáticas III a e VI (JORGE 1986, 821). Os materiais líticos encontram-se representados por um machado polido de planta subtriangular, alongado e secção subelíptica.

Os materiais identificados em Alvarelhos não se encontram estratigraficamente documentados nas áreas intervencionadas, contudo, são enquadráveis neste período e permitem, por conexão com realidades arqueológicas próximas, devidamente estratigrafadas, efectuar a sua contextualização arqueológica.
Entre o espólio destacam-se dois fragmentos que formam um perfil completo de uma taça carenada de fundo umbilical (MARTINS 1990, 128, forma 5), vários fragmentos de produção manual com decoração tipo Baiões[63], e um amplo repertório de instrumentos líticos em sílex e em pedra polida. Referira-se ainda o aparecimento de um machado de talão de dois anéis, recolhido nas imediações, no lugar de Palmazão, Vila do Conde, que poderá estar directamente ligado à ocupação do Bronze Final deste povoado[64].
Os achados líticos são particularmente abundantes, evidenciando a perenidade de tradições artesanais anteriores, sendo de assinalar a reduzida expressão de instrumentos metálicos.
Amplamente documentada na bacia hidrográfica do rio Ave, a Fase I revela uma alta densidade de povoados, com características topográficas e de implantação heterogéneas, cujo enquadramento, conjugado com um alargado número de vestígios dispersos, eventualmente conotados com povoados na sua periferia, permite uma visão abrangente do quadro de povoamento[65].

Fase II – (138/136 a.C. | Tibério/Cláudio)
138-136 a.C. (*Decimus Iunius Brutus*) - 14/54 (reinado de Tibério-Cláudio)
Define a etapa que corresponde ao auge e declínio da cultura castreja que se desenvolve já na esfera do mundo romano e que tem vindo a ser balizada pelas diferentes propostas de periodização, entre os finais do séc. II a.C. e inícios do século I a.C., para uns (MARTINS 1990, 149), a partir da campanha militar de *Decimus Iunius Brutus* a meados do séc. I para outros (SILVA 1986, 43, Gráfico 2), ou mesmo, considerando a mesma campanha militar como início desta fase mas balizando-a com o início do reinado de Augusto (MOTES 2000, 231).
A este momento corresponde o auge da cultura castreja, cujas características culturais, quer ao nível da sua ergologia, quer ao nível da estrutura dos povoados, são amplamente conhecidas correspondendo à imagem vulgarmente transmitida sobre esta cultura.
Em Alvarelhos documenta-se a partir de finais do séc. II a.C. até ao reinado de Tibério-Cláudio, momento a partir do qual se registam as primeiras construções romanas, integradas numa reforma estrutural do povoado, devidamente planeada, que implicou o "sacrifício" das construções indígenas, designadamente no local que viria a ser o centro cívico do povoado.

Fase IIb – (Tibério/Cláudio | Vespasiano)
14/54 (Tibério/Cláudio)-69 (início do reinado de Vespasiano/atribuição do *ius latii* à Península)
Corresponde ao início da transformação do povoado castrejo num aglomerado urbano. Encontra-se cronologicamente definido entre o momento em que se registam as primeiras construções romanas e o momento a partir do qual se desenvolve o "projecto urbanístico" do povoado, cuja cronologia aponta para o período flaviano. Documenta-se fundamentalmente na face oeste da plataforma central, junto à praça, local que se convencionou designar por – Área Habitacional Sudeste.

Fase III – (Vespasiano | Diocleciano)
69/73-74 (atribuição do *ius latii* à Península) – 284/288 (criação da província da Galécia)
Define-se a partir do reinado de Vespasiano, em concreto, com a atribuição do *ius latii* à Península, em 73-74, data que tem vindo a ser consensualmente considerada como sendo o momento a partir do qual se efectiva e incrementa o processo de romanização da Galécia.
Em Alvarelhos regista-se em praticamente todas as áreas intervencionadas, merecendo particular destaque os estratos que documentam a construção da *Praça*, assim como os principais horizontes estratigráficos da *domus* da Lucerna do Golfinho.

Fase IV – (Diocleciano | início do séc. V)
284/288 (criação da província da Galécia) – 409/411 (fixação de Vândalos e Suevos na Galécia)
O final do século III - início do século IV marca uma nova fase que se estenderá por todo o século IV e início do séc. V, amplamente documentada em todo o noroeste peninsular, cuja riqueza de vestígios documenta um assinalável ressurgimento económico.
Corresponde ao período em que a *Gallaecia* é constituída como província, separando-se definitivamente da Citerior e conquistando, a partir desse momento, uma importância política e económica muito significativa, recuperando do relativo abatimento registado com a quebra da exploração aurífera a partir de meados do séc. III (ALMEIDA 1992, 192).
Em Alvarelhos documenta-se em todas as áreas intervencionadas com excepção da *domus* do Grafito, merecendo destaque o espólio e as estruturas produtivas detectadas na *domus* norte e Complexo Artesanal.

Fase V – (Início do séc. V | meados do séc. V)
409/411 (Fixação de Vândalos e Suevos na Galécia) – 455/459 (Guerra civil entre Suevos e Visigodos. Queda do reino Suevo).
Define-se a partir do início do séc. V – 409/411 – período em que se documenta a travessia dos Pirenéus dos povos germânicos e se regista a fixação de Vândalos e Suevos na Galécia até 455/459, momento que corresponde a um período de instabilidade, no qual se desenvolve a guerra civil que dará origem à queda do reino suevo[66]. Este momento, que abarca a primeira metade do séc. V, caracteriza-se pelo estado de frequente guerra civil e profunda insegurança, encontrando-se amplamente documentado pelo fenómeno de entesouramento, que se reflecte no achado de inúmeros tesouros monetários. Do ponto de vista arqueológico os elementos crono-estratigráficos não são abundantes, mas os existentes são extremamente significativos.
Em Alvarelhos documenta-se em todas as áreas habitacionais com excepção da *domus* do Grafito, merecendo destaque o espólio associado ao último horizonte cronológico da *domus* do Tesouro e da *domus* da Colher de Prata.

Fase VI – (séc. XIII | séc. XVI)
Corresponde à ocupação medieva. Encontra-se documentada pela igreja e necrópole que lhe está associada.
Para além dos elementos arqueológicos recolhidos, designadamente os numismáticos, cujas referências cronológicas sugerem uma ocupação balizada entre o reinado de D. Afonso III (1248-1279) e o reinado de D. João III (1521-1557), a ocupação medieva encontra-se também documentada nas Inquirições de D. Afonso III (1258), onde se menciona expressamente a igreja intervencionada. O seu abandono deverá ter ocorrido por meados do século XVI, durante o reinado de D. João III, conforme sugere a datação dos numismas recolhidos.

Achados arqueológicos
Com o propósito de documentar a significativa contribuição da estação arqueológica de Alvarelhos para o conhecimento da romanização da área meridional do Convento Bracaraugustano, ao longo da historiografia arqueológica portuguesa, reunimos o conjunto dos materiais mais significativos, recolhidos ao longo dos anos, que tem vindo a ser publicado de forma pontual e avulsa.

---

[63] Os materiais foram recolhidos em 1985 no decurso de uma intervenção de emergência realizada no lugar da Quinta dos Aidos e encontram-se hoje em depósito no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso. Existem ainda referências a outros materiais de superfície recolhidos pelo Prof. Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

[64] O machado de bronze foi recolhido num campo agrícola no mesmo local onde se encontra implantado um *casal*, em data por precisar, encontrando-se hoje em depósito na Câmara Municipal de Vila do Conde (CRUZ; BRITO 1991, 5-13; ALMEIDA 1992, s/n).

[65] No âmbito geográfico do nosso estudo, para além do castro de Alvarelhos, regista-se ocupação na Fase I, no castro do Monte do Padrão e na Bouça da Cova dos Mouros, Ardegães, Maia. Este último sítio constitui o único tipo de povoado aberto conhecido na região e compreende uma realidade arqueológica mais abrangente, composta por três monumentos megalíticos e um núcleo de arte rupestre, de que o painel insculturado mais conhecido é a Pedra de Ardegães. O sítio arqueológico desenvolve-se por aproximadamente 3 ha, e encontra-se implantado numa vertente de meia encosta, de declive suave, orientada a nascente, cuja hipsometria varia entre os 101m e os 120m. O local foi alvo de várias intervenções, encontrando-se já referenciado na bibliografia arqueológica. Contudo, recentes descobertas arqueológicas, forneceram uma noção mais precisa do horizonte cronológico-cultural, assim como revelaram com maior precisão a dimensão do povoado (SANTOS JÚNIOR 1940, 357; 1963, 119-120; TWOHIG 1981, 49-55). No que respeita a achados dispersos, conotados com esta fase e eventualmente relacionados com outros povoados, para além do machado de duplo anel, proveniente de Palmazão, Guilhabreu, Vila do Conde, relacionado com o castro de Alvarelhos, há a assinalar o "depósito de fundidor" identificado no lugar da Abelheira, S. Martinho de Bougado, Trofa, composto por 36 exemplares de machados de talão de dupla face e duplo anel (LIMA 1940, 88; SILVA 1986, Gráfico 4), mas cuja localização não permite relacioná-lo com nenhum povoado conhecido na região. Um outro achado documentado na região, hoje em depósito no MMAP, de que também se desconhece o contexto arqueológico, é proveniente do Chão da Presa/Geão, Santo Tirso. Por último, refira-se um machado de alvado de duplo anel, em depósito no MNA (11039), de proveniência incerta, amplamente referenciado na bibliografia (CARDOZO 1969, fig. 5; MONTEAGUDO 1977, 245, Tipo 41 C; HARDAKER 1976; COFFYN 1983, 194; 1985, 221, 331, carta 42, est. LV, n.º 4; SILVA 1986, Gráfico 4; MELO; ARAÚJO 2000, 53-56), enquadrado na tipologia de Monteagudo como Tipo 41 C Santo Tirso, mas cuja indefinição de proveniência não permite relacioná-lo com qualquer povoado.

[66] Foi efectivamente no Porto que o rei Requiário (448-456) se refugiou, após a derrota infligida pelo rei visigodo Teodorico II, na batalha do rio Orbigo, próximo de Astorga, tendo vindo a ser capturado e executado em Braga (SILVA 1994, 99).

Lápide funerária

Lápide encontrada em 1972 por Carlos Faya Santarém, no lugar de Sobre-Sá, Alvarelhos, deslocada do seu contexto arqueológico, servindo de padieira, na entrada de uma mina de água. Encontra-se actualmente em depósito no Museu de Etnografia e História da Maia.

Lápide funerária de granito de grão médio da região, de forma paralelepipédica, ligeiramente irregular. A lápide encontra-se fracturada no extremo inferior, onde há vestígios da existência de mais uma linha.

Não existe delimitação do campo epigráfico.

Gravação nítida e bem vincada, em caracteres actuários, de dimensão regular, de recorte desigual. A paginação é deficiente. No fim da antepenúltima linha, devido à exiguidade de espaço, as letras tiveram de ser mais apertadas e de menores dimensões, assim como os espaços interlineares.

Dim.: 77/80 cm x 28/31 cm x 15/20 cm; Camp. Epig.: 70 cm x 25 cm

Transcrição

MADE / QUIS(*enses*) / STATU / ERUNT / LADRO / NO . CA / MALI . F(*ilio*) / ANTONIO / A(*nimo*) . L(*ibentes*) . MO (*numentum*?) (...)

Leitura

Os Madequisenses erigiram de livre vontade este monumento a Ladrono António, filho de Camalo…

Alt. letras: *1*: **1**: 6; **2**: 7; **3.4**: 7;
2: **1**: 7; **2**: 5; **3**: 5,5; **4**: 5;
3: **1**: 6; **2**: 5,5: **3**: 6; **4**: 6,5; **5**: 5;
4: **1**: 4,5; **2**: 6,5; **3**: 5; **4**: 5,5; **5**: 6;
5: **1**: ?; **2**: 5,5; **3**: 6,5; **4**: 7; **5**: 5,5;
6: **1**: 6; **2**: 5,5; **3**: 5,5; **4**: 6;
7: **1**: 5; **2**: 4,5; **3**: 5; **4.5**: 5;
8: **1.2.3**: 5,5; **4**: 5; **5**: 6; **6**: 5,5; **7**: 5;
9: **1**: 6,5; **2**: 5; **3**: 5,5; **4**: 6;

Esp. inter. **1. 2**: 2; **3**: 2/4; **4**: 2/3; **5**: 2; **6**: 2; **7**: 1,5/2; **8**: 1/3; **9**: 1/2

A datação do monumento poderá ser efectuada segundo um critério paleográfico que o coloca em iguais circunstâncias com a inscrição da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, datada de meados do séc. III (inscrição dedicada pelos *Fidueneae* a *Cosunea*, divindade que tem vindo a ser identificada com Marte) onde também se verifica um alargamento da letra M (SILVA 1980, 85).

O antropónimo indígena *Camalus*, interpretado como de origem céltica por Untermann (UNTERMANN 1965, 85-86), encontra-se amplamente representado na Galécia e é particularmente abundante na região de Braga onde se regista 15 vezes (TRANOY 1981, 35), enquanto *Ladronus*, também um antropónimo indígena, é menos frequente, mas manifesta-se também em outros monumentos da região[67].

A gentilitas dos *Madequisenses* é apenas identificada a partir da leitura da presente lápide funerária. A fórmula utilizada sugere que o monumento foi erigido pela entidade sedeada no castro à memória de um outro indivíduo alheio a essa realidade sociológica. Alain Tranoy apresenta uma perspectiva que ultrapassa a simples interpretação do sentido restrito do monumento, atribuindo um outro significado à epígrafe, que funcionaria, neste caso, como uma marca de limite de território[68] dos *Madequisenses*, na circunstância, estabelecida na presença deste grupo e provavelmente de uma outra colectividade que não é mencionada na epígrafe (TRANOY 1981, 376). Quanto a nós, o sentido funerário do monumento, o local do seu aparecimento e a propriedade etimológica do radical *Madequis* limita e questiona mesmo esta interpretação.

Uma outra perspectiva de análise, quanto a nós melhor fundamentada do ponto de vista etimológico, histórico e arqueológico, relaciona e vincula a unidade suprafamiliar dos *Madequisenses* com o castro de Alvarelhos, local em que o monumento foi descoberto (SILVA 1980, 84-90; 1986, 278; 1995, 518).

A interpretação do vocábulo *Madequis* com significado de "terra húmida", que formas indo-europeias derivadas do radical *mad* parecem atestar (ERNOUT; MEILLET 1967, 377), etimologicamente concorda com a designação de raiz indo-europeia de *Madia* que é, na essência, o radical encontrado em *Madequis*, condizente com a toponímia medieval[69] para as "Terras da Maia", cujo espaço geográfico se desenvolve entre Leça e Ave, em torno do Castro de Alvarelhos e cujas características geomorfológicas parecem ganhar propriedade na designação de "terras húmidas".

Assim, pelas características arqueológicas do castro de Alvarelhos, que indiscutivelmente constitui o principal assentamento castrejo na região, é admissível que se vincule a unidade supra familiar dos *Madequisenses* ao castro, derivando a onomástica medieval do etnónimo de matriz indo-europeia para nomear um espaço geográfico que, eventualmente, corresponderia ao território dos *Madequisenses*[70], cuja expressão física da sua ascendência política administrativa e militar sobre a região se encontraria reflectida no *ex C(astello) Madiae*, como muito bem podia ser referido em alternativa à forma adjectivada da inscrição[71].

Bibli. – *Jornal de Notícias* 23/1/1973; LE ROUX; TRANOY 1974, 252, n.º 16; SANTARÉM 1977, 161-170, est. I; AE, 1977, 451; SILVA 1980, 84-86, est. III, V, n.º 2; TRANOY 1981, 376; ALARCÃO 1988, 19, n.º 1/350; MOREIRA 1992, 19, fot. 3;

Marco miliário

Marco miliário descoberto por Domingos de Oliveira Maia no decurso das obras de construção de um dos dois torreões que actualmente integram o solar da Quinta do Paiço, segundo informação epistolar do abade de S. Cristóvão do Muro a Martins Sarmento (SARMENTO 1970, 53-54). A sua descoberta será anterior a 1869, data em que é publicado pela primeira vez, por Emílio Hübner (*CIL II*, n.º 4736).

Coluna cilíndrica de granito com inscrição relativamente bem conservada, mas incompleta, uma vez que se encontra fragmentada na base. Conserva-se no local do seu achamento na Quinta do Paiço, Alvarelhos.

A leitura e transcrição, após a confrontação das diferentes versões[72], corresponde à apresentada por Vasco Mantas que conjugamos com a leitura do monumento (MANTAS 1996, 353).

Dim.: Altura máxima 1,12 m; Diâmetro máximo 1,94 m.

[67] Veja-se uma epígrafe proveniente de Penafiel (LE ROUX; TRANOY 1974, 251-252), e uma epígrafe funerária de Cárquere, Lamego – *CIL IIS*, 5248; *ILER* 4876, que apresenta a leitura *Laroni*, mas que, segundo interpretação de Armando Coelho, dever-se-á ler *Ladroni* (SILVA 1980, 85, nota 26).

[68] A existência de territórios definidos para os *castella* e respectivas unidades suprafamiliares parece hoje indiscutível, assumindo-se um princípio de ordenamento do povoamento com a hierarquização político-administrativa e militar. Alain Tranoy defende a existência destes territórios, considerando a possibilidade de estes possuírem fronteiras com limites físicos, mencionando, para o efeito, duas epígrafes depositadas no Museu de Chaves, onde se lê PRAEN ..., e uma outra, COROC... , cuja função seria concretamente de limite de território (TRANOY 1981, 375).

[69] Da abundante documentação medieva em que é mencionado, veja-se *Madia* – Censual de 1924, 44, 45, 46, 54, 55, 57, 63, 64, 125, 238, 342, 419 / Madya – 60, 65, 344, 419, 421 / *Terra de Madia* – 51, 56, 57, 59, 75, 223, 224, 225, 496 / *terra de Madya*, 72, 74, 75, 343, 493 / *castellum de Madia*, 71 / *Castelli Madie* - Inquiositiones (*Portugaliae Monumenta Historica* 1258) 505 (SILVA 1986, 278, nota 167).

[70] Em recente publicação, Jorge Alarcão aventa a hipótese de que parte do território a sul do Ave pudesse pertencer aos *Nemetati*, fundamentalmente baseado na ara votiva dedicada a *Neneoecus*, recolhida na capela de S. Bartolomeu, Santo Tirso – DOM (*ino*) DEO / N (*en*)EOEC(*o*) / SEVERU(*s*) / (S)ATURNI NI (F(*ilius*)) (EX) VO / TO POSU / IT (...) com a seguinte bibliografia – AZEVEDO 1957, 293-301; BLAZQUEZ MARTINEZ 1962, 122, fig. 31; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/357; ALBALAT 1990, 249, nota 14; MOREIRA 1992, 21-22, fot. 5 – e numa outra epígrafe proveniente da Quinta do Corgo (S. Simão, Burgães, Santo Tirso – DEO D/OMEN/O CUSU / NEMEO /ECO EX / VOTO / SEVE / RUS P / OSUI / T. – com a seguinte bibliografia de referência: *C.I.L.*, II 2375; *C.I.L.* II, S, 5552; *H.A.E.*, 514; COELHO 1887, 365, 369; SARMENTO 1895, 178-179; 1887, 234-235; 1930, 85; 1933, 289, 303-304, 309, 341; GUIMARÃES 1901, 48; VASCONCELOS 1905, 326-327, fig. 74; CUEVILLAS 1933-34, p. 354; CARDOZO 1935, 30; 1947, 93-95, 104, 109, 149,153; 1958, 105, 109; MATTOS 1947, p. 57; SANTARÉM 1953, 397-399; 1956, 64-65; AZEVEDO 1957, 296-301; BLAZQUEZ MARTINEZ1957, 57; 1962, 120-122; 1970, 72-73, fig. 24; BOUZA BREY 1957, 255-259; TOVAR 1960, 182, 189, 190; ENCARNAÇÃO 1970, 164-169, f. 26; 1975, 164-169, f. 26; TRANOY, 1981, 274; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/359; ALBALAT 1990, 249, nota 13. MOREIRA 1992, 22-23, fot. 6. O autor, baseando-se no mesmo princípio de que a existência de divindades tutelares próprias possibilitam definir círculos de pertença social, eventualmente correspondentes aos territórios dos *castella*, uma vez identificado o deus *Cosus*, a quem era dedicado o altar, sugere a existência de um *castellum* ou "cantão" com o nome de *Nene* ou *Nenia*, apoiando-se na epígrafe de Burgães, Santo Tirso, e relembrando a epígrafe de Sanfins, para a qual propõe a seguinte leitura - *Cosunae Ninidi (tanae) ou (Nimidi (anae)*. Colocamos algumas reservas a esta interpretação pelo facto de o epíteto se aproximar com mais propriedade ao topónimo de Nine - "Terra de Niñaes" (circunscrição medieval hoje incluída no concelho de Vila Nova de Famalicão), proposta aliás já defendida por vários autores (SILVA 1986; 289). Da mesma forma, a crer na existência de um território adstrito a cada *populi*, é admissível que, à semelhança do que sucede em estruturas sociais menores, estes limites fossem definidos por acidentes geográficos e/ou a rede hidrográfica e/ou a orografia sendo, portanto, difícil de imaginar que o rio Ave não constituísse uma linha divisória de diferentes territórios, nomeadamente entre os *Callaeci* e os *Nemetati*.

[71] Armando Coelho, autor que tem produzido vários ensaios sobre a evolução do povoamento proto-histórico e as organizações gentilícias da área meridional da cultura castreja, inicialmente colocou grandes reservas à localização dos *Madequisenses* com capital no castro de Alvarelhos (SILVA 1980, 88), no entanto, tem vindo a rever a sua posição para, em definitivo, propor a sua localização no coração das "Terras da Maia" com sede no castro de Alvarelhos (SILVA 1986, 278; 1995, 518).

[72] Linha1/2; 4/5 - Martins Capela e Vasco Mantas referem a existência das *hederas*; Linha 5 – TRIBU POTEST.XVIII (Soromenho e Vasco Mantas) / TRIB. POTEST XVII (Martins Capela); Linha 6 – COS.III.P.P. (Santarém; Vasco Mantas e *ILER*); Linha 8 é referenciada por Vasco Mantas.

Transcrição
IMP*(eratori) (hedera)* CAESARI / TRAIANO(*hedera*) HADRIANO / AUG(*usto*) / PONTIF . (*ici*) MAX (*imo*) / TRIB . (*unicia*) POTEST . (*ate*) XVIII / COS . (*n*) S (*ull*) III . P . (*atri*) P . (*atriae*) / A BRACARA AUG(*usta*) / (...).

Leitura
Ao imperador César Trajano Hadriano Augusto, Pontífice Máximo, do poder tribunício dezoito vezes, Cônsul três vezes, Pai da Pátria, a Bracara Augusta...

Alt. letras: *1*: **1** – **3**: 10
2: **1** – **7**: 10
3: **1** – **15**: 10
4: **1** – **3**: 10
5: **1** – **9**: 10
6: **1** – **15**: 10
7: **1** – **9**: 11
8: **1** – **11**: (?)

Esp. inter. **1**. 19; **2**: 3,5; **3**: 3,5; **4**: 4; **5**: 3,5; **6**: 3; **7**: 3; **8**: 2;

Apesar de fragmentado na base, omitindo a distância a *Bracara Augusta*, muito provavelmente corresponderia à milha XXIII ou XXIV, uma vez que, na Trofa Velha, apareceu um marco miliário dedicado a Constante que refere a XXI milha a *Bracara*.
Adriano exerceu o poder tribunício pela décima oitava vez entre 10/12 /133 e 9/12/134.

Bibli. – *CILII*, 4736; *ILER* 1849; 19; JORDÃO 1859, n.º 737; CAPELA 1895, 132-133, n.º 28; SANTARÉM 1956, 69-70; ALMEIDA 1969, 17; SARMENTO 1970, 48, 53-54; CRUZ 1940, 206; 1982, 33; MANTAS 1996, 352-356.

Ara votiva
Ara encontrada num terreno agrícola do Castro de Alvarelhos, em data anterior a 1893, momento em que, a partir da Quinta do Paiço, onde se encontrava depositada, terá sido transferida para o Museu da Sociedade Martins Sarmento, tendo sido posteriormente oferecida ao então Museu Etnológico Português, pelo abade Sousa Maia em 1905, através de Félix Alves Pereira que, nesse ano, efectuou uma visita à região de Entre-Douro-e-Minho e obteve inúmeros materiais arqueológicos provenientes de Alvarelhos.
Encontra-se actualmente no Museu Nacional de Arqueologia (MNA/n.º E 16711).
Ara votiva de grão fino da região, trabalhada nas quatro faces, ligeiramente danificada no fuste, sem prejuízo da leitura da epígrafe. Fuste liso. A inscrição ocupa a totalidade de uma das faces, não havendo qualquer definição do campo epigráfico. A base foi utilizada para a colocação da fórmula final consacratória. Apresenta no local do fóculo uma saliência cónica.
Tendência para alinhamento segundo um eixo de simetria. Inscrição em caracteres actuários, bem nítidos e vincados, com inclinação predominante à esquerda. Paginação deficiente. O espaço mal calculado, resultou numa última linha com caracteres de menores dimensões que os anteriores, assim como os espaços interlineares, particularmente o quinto espaço. Desta forma, foi necessário utilizar a base como suporte para a colocação da fórmula final consacratória.

Dim.: 66 cm x 23 cm x 80 cm; Camp. Epig.: 29 cm x 20 cm

Transcrição
GENIO / SATVR / NINVS / CATVR / ONI(*u*)S F(*ilius*) / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) A(*nimo*)

Leitura
Saturnino, filho de Caturão, de boamente cumpriu o voto ao Génio.

Alt. letras: *1*: **1**:4;**2.3.4.5**:4;
2: **1.2.3**:5;**4**:5,5;**5**:5;
3: **1**:5;**2**:4,5;**3.4**:4;**5**:5;
4: **1.2**:4,5;**3**:5,5;**4.5**:5,5;
5: **1.2.3**:3;**4**:4,5;**5**:4;
6: **1**:4,5;**2**:5;**3.4**:5,5;
Esp. inter.: **1**: 1,5/2; **2**: 2/2,5; **3**: 3; **4**: 1,5/2; **5**: 1,5; **6**: 2.

O culto ao *Genius* não conheceu um particular enraizamento no noroeste peninsular, sendo apenas conhecidas no Convento Bracaraugustano três dedicatórias oficiais de Braga[73] e três que invocam entidades locais – *Tongobricences*, *Laquinenses*, *Tiauranceaicus* (ENCARNAÇÃO 1985, 43; GARCIA 1991, 357).
O culto invocado a título privado, identifica-se na ara de Alvarelhos e na epígrafe da Quinta de Rios de Cima, freguesia de Caires, concelho de Amares[74].
A epígrafe de Amares revela algumas particularidades que a distancía da epígrafe de Alvarelhos, designadamente no que respeita à origem do dedicante e algumas características paleográficas, como seja, a menção da divindade no final, após a referência do dedicante.
A epígrafe de Alvarelhos não levanta problemas de leitura e tem sido unanimemente desdobrada da seguinte forma – GENIO / SATUR / NINUS / CATUR / ONI(*u*)S F(*ilius*) / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) A(*nimo*).
O facto de o Génio ser mencionado sem qualquer tipo de epíteto indígena tem sido interpretado como exemplificativo de um marco no processo de romanização, que aqui é reforçado pelo facto de o dedicante ser indígena e pelas características formais da própria epígrafe, designadamente a estrutura textual e a utilização da fórmula final consacratória – *votum solvit libens animo* – que revelam uma profunda aculturação.
A. Tranoy, ao referir-se ao culto da divindade tutelar romana *Genius*, tece um conjunto de considerações sobre a importância da epígrafe de Alvarelhos, que transcrevemos, por retratarem a importância documental da mesma. Assim, a invocação ao Génio do lugar, sem a menção do epíteto, acontece por este ser desnecessário devido ao carácter privado da invocação, indiciando, portanto, uma romanização florescente e reflectindo a existência de um importante local de culto integrado num aglomerado populacional relevante.

(...) Cet autel présente la particularité d'être surmonté d'une pomme de pin à l'emplacement habituel du focus : en invoquant son Genius, Saturninus fait un voeu pour s'attirer les faveurs du dieu et des gages d'immortalité dans l'au – delá, symbolisé par la pomme de pin, décor classique des monuments funéraires. Cet autel est aussi un jalon dans l'évolution des cultes du Nord-Ouest. De nombreux dieux indigènes attestés par l'épigraphie ont un rôle tutélaire qui put être, dans une première étape, assimilé au contenu d'un dieu romain dans des dédicaces mixtes avec un Genius, suivi d'un surnom indigène; l'evolution aboutit à la disparition du surnom local au profit du seul dieu romain: c'est ce processus qui est illustré par l'autel d'Alvarelhos où le Genius recouvre probablement une divinité locale dont le décor rapelle le caractère funeraire. (...) (TRANOY 1981, 322).

A personagem que dedica o monumento, *Saturninus,* é um indígena cuja filiação – *Caturonius* – é particularmente frequente na onomástica local e regional que tem por base o nome indígena *Caturo* que apresenta uma latinização por aproximação sendo a terminação entendida em *ius*. O nome Saturninus, apesar de não ser muito abundante na região, regista-se na ara votiva de S. Bartolomeu, Santo Tirso, na filiação do dedicante e tem vindo a ser apontado como ligado à antroponímia pré-romana (KAJANTO 1982, 18).

Bibli. – *CIL*, II, 6338 f; *ILER*, 543; GUIMARÃES 1901, 56; PIMENTEL 1902, 311; VASCONCELOS 1905, 296-298, fig. 139; CARDOZO 1935, 46; LIMA 1940, 43, 58-59; MATTOS 1947, 65; SANTARÉM 1956, 65-66; ALMEIDA 1969, 26; 1974, 194; TRANOY 1981, 322; ENCARNAÇÃO 1985, 41-49; ALARCÃO 1988, 19; GAMER 1989, 227, DL 11, Est. 60h; GARCIA 1991, n.º 260; MOREIRA 1992, 17-18, fot. 2; RIBEIRO, FERNANDES 2002, 459, n.º 125.

Pátera
Pátera de prata encontrada em 1861 em terrenos da Quinta do Paiço, Alvarelhos, Trofa. Hoje encontra-se depositada no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.
Prato com base circular emoldurado por canelura de perfil arredondado que delimita a área do fundo onde se encontra a inscrição e o baixo-relevo figurativo. A aba lateral é recortada e apresenta uma orientação oblíqua.
O fundo está decorado com a representação de um legionário ladeado por uma inscrição dourada. O guerreiro, barbado, tem elmo com penacho, veste túnica e *ocreae* e usa *coligae*. Na mão esquerda, repousando junto aos pés, segura um escudo oval e na mão direita segura uma lança. Encontra-se em excelente estado de conservação.
Depósito – Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, n.º Inv. Au 112.
Dim.: Diâmetro interno 8 cm; Altura máxima 20,8 cm; Largura máxima 22,7 cm.

[73] GENIO / AVGUSTI [...] (CIL II 5123; ILER 550; VASCONCELOS 1905, 326; TRANOY 1981, 328; GARCIA 1991, 379); GENIO / [C] AESARIS / [...] (VASCONCELOS 1905, 326; BELLINO 1904, 101, TRANOY 1981, 328; GARCIA 1991, 379); GENIO / MACELLI / FLAVIVS / VRBICIO / EX VOTO / POSVIT / SACRUM (CIL II 2413; ILER 547¸VASCONCELOS 1905, 294; TRANOY 1981, 322; GARCIA 1991, 379).
[74] A ara de Rios de Cima, concelho de Amares, foi identificada em 1983 por José Pedro Ribeiro e publicada em 1985 por José de Encarnação (ENCARNAÇÃO 1985, 41-49).

Transcrição
S(*extus*) . ARQUI(*us*) . CIM(*bri*) / L(*ibertus*) . SAUR(?) . V(*otum*) . S(*olvit*) . L(*ibens*) . M(*erito*)

Alt. letras. : *1*: **1**: 0,8; **2**: 0,8; **3**: 1; **4**: 1,3; **5**: 1,1: **6**: 1,2; **7.8**: 1; **9**: 0,9;
2: **1.2.3**: 0,9; **4**: 1,1; **5**: 1; **6**: 1,2; **7**: 1,3; **8**: 1,1; **9**: 1;

A interpretação de SAUR como teónimo indígena ou, em contrapartida, como cognome desconhecido do dedicante, dividiu as interpretações dos vários autores que se debruçaram sobre o estudo da peça.
Contam-se entre os partidários da interpretação de Hübner, que acima transcrevemos, Leite de Vasconcelos, Blázquez Martinez e José Encarnação, que consideram a abreviatura de SAUR (...) como correspondente ao nome do Deus (VASCONCELOS 1905, 310-311; BLÁZQUEZ MARTINEZ 1962, 124; ENCARNAÇÃO 1975, 273). Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Alain Tranoy e Jorge Alarcão, entre outros, valorizando a representação figurativa da pátera, que corresponde iconograficamente a Marte, interpretam SAUR (...) como o cognome abreviado do dedicante, em conformidade com a estrutura do texto, onde, inclusivamente, o nome do dedicante é também abreviado (ALMEIDA 1969, 28-29; TRANOY 1981, 314)[75].
Alan Tranoy cita paralelos de âmbito regional cuja iconografia se assemelha à presente e que, em certa medida, reforçam a interpretação da figura central, como o deus *Marte* a quem era dedicada a pátera. Refere-se, nomeadamente à estatueta proveniente do santuário da Nossa Senhora da Piedade, em Penafiel[76], e a uma outra em depósito no Museu Soares dos Reis, no Porto, de proveniência desconhecida (TRANOY 1981, 314).
Jorge Alarcão propõe uma interpretação que considera a possibilidade de a pátera ter sido consagrada por uma terceira pessoa. Neste caso, *Saur,* cujo desdobramento seria de *Saurus*, seria o indivíduo que teria actuado em nome do verdadeiro dedicante, interpretado pelo autor como *Sextus Arquius Cimber* (ALARCÃO 2000, 49). O deus, segundo o mesmo autor, estaria representado na pátera que, atendendo ao enquadramento arqueológico regional, poderia ser *Cosus*. A partir desta proposta teríamos o seguinte desdobramento;

S(*extus*) . Arqui(*us*) . Cim(*ber*) // L(*ucius*) . S(*aurus*) . V(*otum*) . S(*olvit*) . L(*ibens*) . M(*erito*)

Sexto Arquio Cimber através de Lucio Sauro [*a Cosus*] cumpriu o voto de boa mente.

Seguindo o mesmo raciocínio e aceitando o facto de a divindade se encontrar representada de forma figurada na pátera, sendo na expressão indígena o deus *Cosus,* ou na expressão romana, o deus *Marte*, quanto a nós, atendendo ao simbolismo formal do objecto, seria também possível e paleograficamente correcto, admitir a possibilidade de dois dedicantes:

S(*extus*) . Arqui(*us*) . Cim(*ber*) // L(*ucius*) . S(*aurus*) . V(*otum*) . S(*olverunt*) L(*ibentes*) . M(*erito*)

Sexto Arquio Cimber e Lucio Sauro [a *Cosus/Marte*] cumpriram o voto de boa mente.

A pátera, quanto à sua representação, é única no noroeste peninsular, indicando que poderia, eventualmente, ser produto de um centro extra peninsular, fundamentalmente se atendermos à fidelidade de representação do Deus adulto com atributos militares. Das condições de enterramento da peça, assim como do seu contexto arqueológico e estratigráfico nada sabemos, o que limita a sua interpretação, uma vez que poderia tratar-se de um ex-voto depositado num templo ou, simplesmente, pertencer a um estabelecimento civil integrado num *lararium*.

Bibli. – *CIL II*, n.º 2373; HÜBNER 1871, 69; VASCONCELOS 1905, 310-311, fig. 66; SANTARÉM 1956, 63-64; BLAZQUEZ MARTINEZ 1962, 124-125; ALMEIDA 1969, 28-29; ENCARNAÇÃO 1975, 270-274, fot. 65; TRANOY 1981, 314; ALARCÃO, 1988, 160; GARCIA 1991, 527-528, n.º 602, fot. N.º 602; MOREIRA 1992, 17, fot. 1; RIBEIRO 2002, 428-42.

Grafito
Grafito inscrito na face superior do bojo de uma talha, proveniente da *domus* do Grafito, intervencionada em 1986, pelo então Instituto Português do Património Cultural, sob a responsabilidade cientifica de Lino Augusto Tavares Dias, tendo a epígrafe sido publicada por José de Encarnação e, posteriormente, em parceria, pelos dois autores. A leitura proposta apresenta duas possibilidades de interpretação face à dupla significância do verbo *emere* que poderá significar *comprar* ou *tomar*, sendo que na primeira possibilidade se trataria de um aliciante publicitário e, no segundo, num âmbito mais restrito, familiar, tratar-se-ia de um conselho amigo de carácter medicinal de um tonificante ou xarope (ENCARNAÇÃO 1992, 10-12, lám. I, fig. 2, lám. II, fig. 1; DIAS; ENCARNAÇÃO, 1993,n.º 203, foto 203; *AE* 1992, 989; *AE* 1993, 1024; *HE* 1995, 321).
Veja-se a peça n.º MMAP 149 (2).

Tesouro monetário de 1893
O primeiro achado ocorrido em Alvarelhos é referido pelo Abade Pedrosa (SARMENTO 1933, 205, 211), como tendo aparecido em 1893, e seria composto por conjunto de moedas de prata do reinado de Augusto «todas do mesmo cunho». Em carta datada de 6 de Maio de 1894, o Abade informava Martins Sarmento.

(...) *As moedas que appareceram no Castro d'Alvarêlhos, são todas de prata, e d'Augusto, todas do mesmo cunho, tenho duas, mas imperfeitas* (...)

Segundo Rui Centeno (CENTENO 1987, 34), deverá pertencer a este tesouro um lote de sete moedas estudadas por José Fortes (FORTES 1899, 12-13), pouco antes de 1899, em que aparecem apenas quatro exemplares identificáveis *Caius e Lucius Caesares* (Lugdunum, 2 a.C.-(?) 4 d.C., RIC 207).
Paradeiro actual desconhecido.

Bibli. – LIMA 1940 b, 205; CENTENO 1987, 34.

Tesouro monetário de 1964
Conjunto de 523 denários examinados por Joaquim Torres (TORRES 1979, 30-31), e referenciado, posteriormente, por Rui Centeno (CENTENO 1987, 35), provavelmente pertencentes a um tesouro de maiores dimensões, encontrado em Abril de 1964, na área do castro. Os exemplares mais recentes identificados pelo autor são de *Octavianus/Augustus*, de c. 32-27 a.C.
Paradeiro actual desconhecido.

Bibli. – TORRES 1979, 30-31; CENTENO 1987, 35, N.º 20; ALARCÃO 1988, 1/348; CERRATO 1993, 65, n.º 9; VOLK 1997, 175, n.º 68; BARBOSA 1998/2002, 69.

Tesouro monetário de 1971, Sobre-Sá, Alvarelhos
Tesouro monetário descoberto em Maio de 1971, no lugar do Castro, na aldeia de Sobre-Sá, no decurso de trabalhos numa pedreira. O tesouro encontrava-se depositado num "vaso de barro grosseiro" e, segundo o relato de Joaquim Torres, teria cerca de 5 000 moedas (AR) e nove bolas de prata, duas delas com o grafito de CAESAR, numa das faces. Rapidamente disperso pelos trabalhadores e populares locais, e posteriormente vendido a coleccionadores, o tesouro acabou por desaparecer. Todavia, Joaquim Torres examinou 3 476 exemplares. Rui Centeno reviu e republicou o catálogo de Joaquim Torres e concluiu que as moedas estudadas eram 3 476 e não de 3 458 conforme refere o autor (TORRES, 1979, 16), ou, por engano, como refere na página 238, 3 454. Rui Centeno a este primeiro estudo, juntou mais cinco exemplares, dois dos quais apenas possuia a fotografia e três exemplares da sua propriedade.
Assim, o estudo global, que foi possível efectuar, é composto por 3 481 exemplares (3 474 denários, 6 quinários, 1 sestércio).

Bibli. – CENTENO 1976, n.º 6 ; 1977, 93-101, n.º 6; 1979, 105-109; 1987, 35, n.º 21; TORRES 1979, 3-250; CERRATO 1988, 137-138; ALARCÃO 1988 1/348, n.º 106; VILLARONGA 1993, 60, 88, n.º 155; VOLK 1997, 175, n.º 69; BARBOSA 1998/2002, 62-63;
Vejam-se as peças n.º MMAP 237 (2) a 237 (16).

[75] Esta interpretação é também seguida, ainda que timidamente, por José Garcia (GARCIA 1991, 527-528, n.º 602). Olivares Pedreño, em estudo recente sobre os deuses indígenas do noroeste, aborda a problemática da interpretação da epígrafe sem, no entanto, definir uma posição (PEDREÑO 2000, 76-77).

[76] A estatueta foi encontrada na abertura dos alicerces da basílica em 1886 (SOEIRO 1984, 86, est. V). A comparação das duas representações revela semelhanças assinaláveis, nomeadamente nos ícones que identificam o deus. Também neste caso se verifica um capacete do tipo coríntio, com penacho, assim como uma túnica que cobre uma couraça anatómica, com fechos bem marcados ao nível dos antebraços. As *ocreae* metálicas são idênticas em ambas as peças. A datação apresentada pela autora, que segue Garcia y Bellido, aponta para os séculos II-III da nossa era, justificando-se a sua presença no noroeste pelo seu baixo valor económico em comparação com a grande estatuária (SOEIRO 1984, 86).

Estatueta em bronze – *Nereida*
Recolhida em 1952, no lugar de Sobre-Sá, numa pedreira, juntamente com uma outra peça. Foi estudada e publicada por vários autores (SANTARÉM 1954, 31-39; MOREIRA 1991b, 69-79; 1992, 34-47, est. VI, fig. 1-2), e encontra-se hoje em depósito no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso.
Veja-se a peça n.º MMAP 256 (1).

Umbo de escudo
Umbo de escudo em bronze, feito a partir de uma só lâmina, com parte central hemisférica, fragmentada no centro, e aletas de perfil trapezoidal com orifícios nos vértices para fixação ao escudo. Tipo La Tène II, datável dos finais do séc. II, princípios do séc. I a.C. (ALMEIDA 1974, 197-207, est. I; SOEIRO 1980, 237-240, est. I; SILVA 1986, 205, Est. XC, n.º 6; MOREIRA 1992, 34-47, est. IV, fig. 1).
Veja-se a peça n.º MMAP 256.

Asas de sítula
Referenciadas por Carlos Faya Santarém como tendo aparecido juntamente com a Nereida em 1952 (SANTARÉM 1954, 31), em Alvarelhos, em local indeterminado. Os materiais foram publicados por vários autores (ALMEIDA 1974, 197-207, est. I; SOEIRO 1980, 238-239, est. II, 1/ 1B; MOREIRA 1992, 34-47, est. V, fig. 1-2).
1 – Pega de sítula formada por uma folha de bronze curvada em forma de cilindro com as abas dobradas e batidas, com a face interior aberta. O interior é formado por um cilindro de chumbo com dois orifícios cónicos nas extremidades para articulação da asa. Asa de secção quadrangular e formato oval com adelgaçamento progressivo para a extremidade. Remate pontiagudo.
Veja-se a peça n.º MMAP 247.
2 – Pega de sítula de formato cilíndrico formada por uma folha com abas dobradas. Na face interna o cilindro de chumbo é aberto e apresenta algumas irregularidades. O interior é formado por um cilindro de chumbo maciço que apresenta nas extremidades dois orifícios cónicos de encaixe da asa.
Veja-se a peça n.º MMAP 248.

Arreio de cavalo
Peça maciça em bronze formada por dois discos de abas voltadas para o interior soldadas a um eixo transversal de secção rectangular. Soldado ao eixo horizontal desenvolve-se um aro também de secção rectangular e perfil oval.
Não conhecemos qualquer paralelo para a peça, assim como desconhecemos a sua função. Contudo, o polimento acentuado que se verifica no interior do aro de suspensão sugere uma funcionalidade de articulação com um eixo que, eventualmente, pudesse constituir um freio. Desta forma, poder-se-á identificar a peça como um estribo com asa para preensão do bridão, marcando-se assim uma diferença entre o corpo do estribo e a aselha.
Veja-se a peça n.º MMAP 251.

Necrópole I
Referenciada por José Fortes e Carlos Alberto Ferreira de Almeida (FORTES 1899, 22; ALMEIDA 1969, 45, nota 17).

(...) *Não devo, porém, omitir a referencia a um pequeno vaso de barro ordinário de 0,14 m d'altura, sem ansas, e em perfeito estado de conservação, que por mero acaso encontrei no Museu Municipal do Porto. Lê-se n'um quarto de papel, que estava enrolado dentro do vaso, que foi um «achado feito no fim de maio de 1826»...«a um quarto de legoa afastado do monte em Alvarelhos» e que «apareceram juntamente mais peças todas de barro, que o dono do campo e trabalhadores com receio de moura encantada fizeram em migalhas». Pelas indicações topographicas não é possível identificar o local do achado com a estação, que estudamos. Era no entanto para registrar a referencia que se faz a Alvarelhos.*
De resto o vaso parece dever classificar-se como votivo, podendo crêr-se que estaria em alguma sepultura destruída inconscientemente pelos trabalhadores (...).

Necrópole II
Referenciada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que teve conhecimento do seu aparecimento em 1969, mas não refere qualquer informação quanto à sua localização (ALMEIDA 1969, 45, nota 17; 1970, 9, nota 31).

Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 20' 24" N
Long. – 8º 28' 44" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 84 m (CM 1:25 000, S.C.E., fl. 98 – Santo Tirso, 1977)
O conjunto de objectos arqueológicos recolhidos no início das obras do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, em 1915, num terreno desanexado à Quinta de Geão, junto do caminho do Corvilho, no lugar da Lagoa, viria a designar-se na bibliografia arqueológica por necrópole do Corvilho. Todavia, o contexto arqueológico do depósito é completamente desconhecido, não se sabendo qual a relação entre os diferentes materiais identificados e a eventual existência de estruturas associadas. Contudo, localmente regista-se uma forte tradição oral que refere "um cemitério muito antigo", eventualmente relacionado com achados fortuitos ocorridos nas imediações que, associada às características morfológicas das peças em questão que, por conexão com contextos arqueológicos do mesmo horizonte cronológico associado a espólio das mesmas características tipológicas permite, com alguma segurança, afirmar que muito provavelmente se trataria de um depósito funerário, cujo horizonte cronológico se situaria no Bronze Médio/Final.
Parte dos materiais arqueológicos então recolhidos foram oferecidos ao Abade Pedrosa pelo então provedor da Santa Casa da Misericórdia, Domingos Wenceslau Moreira da Silva e, mais tarde, os restantes foram ofertados pela sua filha, Conceição Marinho da Silva.
O seu estudo já foi abordado por vários autores (SANTARÉM 1956a, 169-177; SANCHES 1981, 97; 1982, 56-61; PEREZ 1997, 5-11, est. I, n.º 2). Actualmente o conjunto de materiais é constituído por apenas seis vasos tronco-cónicos e um bracelete de bronze (MMAP 34-41), embora exista a notícia do aparecimento de outros fragmentos cerâmicos, dos quais actualmente se desconhece o paradeiro.

Mamoa de Monte Grande, Alvarelhos, Trofa
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 17' 10" N
Long. – 8º 37' 10" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 194 m (CM 1:25 000, S.C.E., fl. 97 – Bougado, S. Martinho, 1975)

O imóvel localiza-se na freguesia de Alvarelhos, concelho da Trofa, distrito do Porto. O acesso à estação pode fazer-se através da EN n.º 318, ao km 8, no sentido Vilarinho, Vila do Conde, para Água Longa, Santo Tirso. O monumento localiza-se na face esquerda da estrada, sensivelmente a 50m.

Túmulo megalítico localizado na face sudeste da estação arqueológica de Alvarelhos, no sopé da elevação denominada por Monte Grande que integra a vertente este da serra de Santa Eufémia (MOREIRA 1991, 27, est. I; JORGE 1982, 768, 790, 794). Trata-se de uma mamoa de planta circular, com cerca de 36 m de diâmetro, com cratera de violação onde são visíveis dois esteios, mas cuja estrutura interna se desconhece. Foram vários os materiais cerâmicos e líticos recolhidos no local que se encontram hoje em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, no Museu do Instituto de Antropologia, na Câmara Municipal de Vila do Conde (Gabinete de Arqueologia) e no Museu Municipal Abade Pedrosa. Entre os materiais cerâmicos merecem destaque um vaso hemisférico liso e grupo de fragmentos decorados com puncionamento arrastado, que Susana Oliveira Jorge enquadra nas organizações temáticas III a VI (JORGE 1986, 821). Os materiais líticos encontram-se representados por um machado polido de planta subtriangular, alongado e secção subelíptica. Em depósito no MMAP encontram-se dois fragmentos de braçal de arqueiro.
Vejam-se as peças n.º MMAP 15-16.

Necrópole de Rorigo Velho, S. Tiago de Bougado, Trofa
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 19' 35" N
Long. – 8º 34' 25" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 35 m (CM 1:25 000, S.C.E., fl. 97 – Bougado, S. Martinho, 1975)

A necrópole galaico-romana de Rorigo Velho, assim designada pelo topónimo do lugar em que foi descoberta em 1939, foi identificada num terreno agrícola localizado a cerca de trezentos metros da EN n.º 14, que liga o Porto a Braga. Presumivelmente a estrada neste local seria coincidente com a via romana de ligação de *Bracara Augusta* a *Cale*, identificada no itinerário de Antonino como a via XVI, registando-se nas imediações vários locais em que se recolheram materiais de superfície que permitem esboçar a estrutura do povoamento romano da área envolvente.

Após a identificação de restos cerâmicos no início dos trabalhos de arroteamento do terreno e dada a conhecer a existência de vestígios arqueológicos, foi efectuada uma escavação arqueológica que teve como principais responsáveis Mendes Correia e António Cruz, coadjuvados por A. Marques de Almeida[77]. A

[77] Funcionário do Instituto Antropológico do Porto que participou em inúmeras escavações dirigidas por Mendes Correia.

escavação inicialmente consistiu na aberta de uma vala de 9 m por 2 m, tendo sido posteriormente abertas outras valas de 1,5 m.
O relato da escavação, apesar de pouco detalhado, permite concluir que se trataria de uma necrópole de incineração – *(…) o mobiliário assentava em escórias de fogo (…)* – tendo sido escavadas, na totalidade, oito sepulturas – cinco completas e três parcialmente destruídas, aludindo-se ao facto de as restantes, identificadas pelo aparecimento de cerâmica, terem sido destruídas pelos trabalhos agrícolas.
Segundo os autores, a dimensão das sepulturas rondava 80 x 40 cm, pelo que se presume que configurariam uma planta rectangular, sendo a sua distribuição irregular. O espólio era composto por cerâmicas, vidros, moedas e um par de brincos em prata. Actualmente, o espólio conhecido encontra-se repartido entre o Museu Municipal Abade Pedrosa, a Faculdade de Ciências do Porto e diversos particulares sendo composto por quarenta e cinco peças – quarenta e quatro objectos cerâmicos e uma pulseira de vidro. As cerâmicas dividem-se por quatro grupos formais, dos quais apresentamos 33 exemplares, que integram hoje a colecção do Museu Municipal Abade Pedrosa.
Como elemento cronológico de referência para a datação da necrópole merece destaque a alusão à recolha de cinco moedas, assim descritas pelo autor – 2 médios bronzes, do imperador Alexandre Severo (222-234); 1 duplo denário do imperador Galieno (cunhado nos anos 263 a 266); 1 médio bronze e 1 médio ou grande bronze, romanos imperiais, inclassificáveis (CRUZ 1940, 214).
Vejam-se as peças n.º MMAP 271-303.

Bibli. – CRUZ 1940, 214; 1982, 26-27; SANTARÉM 1952, 105-111; CARDOZO 1961, 50-69; 1970, 13-25; ALMEIDA 1969, 44; ALARCÃO 1988, 19, n.º 1/346; MOREIRA 1997, 31, est. XVII n.º 86.

Castro da Torre, Areias, Santo Tirso
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 21' 21" N
Long. – 8º 28' 33" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 63 m (CM 1:25 000, S.C.E., fl. 98 – Santo Tirso, 1977)

O castro da Torre localiza-se na freguesia de Areias, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto. O acesso à estação arqueológica pode fazer-se através da EM n.º 204, no sentido Santo Tirso-Famalicão, inflectindo-se, ao km 45, para a localidade de Freixieiro, cujo acesso, após 1 km de percurso, conduz ao imóvel.

O castro encontra-se implantado sobre um pequeno promontório sobranceiro ao rio Ave, na sua margem direita[78]. A plataforma superior do monte está hoje terraplenada e parcialmente ocupada por uma capela dedicada a Nossa Senhora "do Parto".
Na altura da construção de uma moradia na vertente sudeste, na década de 70 do século passado, apareceu, a cerca de três metros de profundidade, "uma rua lajeada, muita cerâmica e pedras aparelhadas". Na abertura de acesso à capela também apareceram "alicerces de casas e muita cerâmica".
A análise dos materiais cerâmicos e as características topográficas do terreno apontam para uma ocupação da Idade do Ferro, período romano e época medieval. Desta última há notícia da existência de uma torre ameada, demolida no séc. XIX, para reutilização dos materiais na construção da ponte sobre o rio Ave (LIMA 1956, 225-227)[79].
O conhecimento oficial da existência do castro por parte da edilidade remonta, pelo menos, à década de cinquenta, momento em que o então Presidente da edilidade, Alexandre Lima Carneiro, sugeriu a sua aquisição (Sessão de 12 de Abril de 1955).
Veja-se a peça n.º MMAP 332.

Bibli. – COSTA 1868/69, 324; PIMENTEL 1902, 64; LIMA 1956, 222-223; SANTARÉM 1956 c, 20; SILVA 1986, 83, n.º 337; CORREIA 1989, 36-38; QUEIROGA 1992, 168, n.º 241; DINIS 1993, 59-60; MOREIRA 2004, 27.

Mosteiro de S. Pedro de Roriz, Roriz, Santo Tirso
Coordenadas geográficas
Lat. – 41º 20' 43,7" N
Long. – 8º 22' 47" W (meridiano de Greenwich)
Alt. – 230 m (CM 1:25 000, S.C.E., fl. 98 – Santo Tirso, 1977)
A igreja de S. Pedro de Roriz encontra-se classificada como **Monumento Nacional** pelo Decreto de Lei de 16 de Junho de 1910, e beneficia de uma zona de protecção de 50 m estabelecida pelo n.º 3 do art.º 22, da Lei 13/85 de 6. 7.
O imóvel localiza-se na freguesia de Roriz, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto. O acesso ao imóvel pode fazer-se através da EN n.º 105, no sentido Santo Tirso-Guimarães, tomando-se, de seguida, a EN n.º 209 que se dirige para Paços de Ferreira por S. Tomé de Negrelos. Ao km 6,5 inflecte-se à direita pela EM n.º 1444 que conduz ao imóvel.

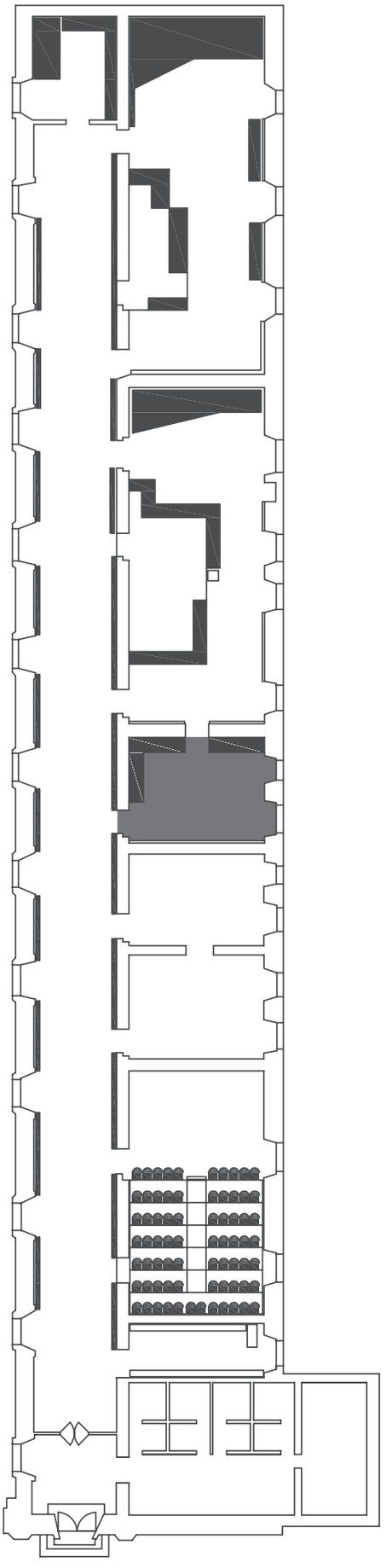
A igreja de Roriz fez parte de um importante mosteiro cuja fundação é atribuída a D. Toure Sernão por volta de 1070. No ano de 1073 regista-se a doação do mosteiro por D. Afonso Henriques aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Entre o século XII e inícios do século XIII os Cónegos Regrantes constroem a Igreja de S. Pedro de Roriz. O mosteiro funcionou até 1572, data da morte do seu último prior comendatário. Nesse ano extingue-se a comunidade monástica.
Na sua configuração actual, resultado de múltiplas intervenções, a igreja de S. Pedro de Roriz é constituída por uma nave de planta rectangular, alongada, e cabeceira de dois tramos com remate redondo pelo exterior e poligonal pelo interior. O corpo e a capela-mor possuem alçados bastante elevados, sendo a nave coberta por um telhado de duas águas e a cabeceira por abóbada de arestas radiais, incidindo nos ângulos do polígono interior da abside. Do lado sul da cabeceira encontra-se anexo um corpo mais baixo, de planta rectangular, com cobertura de telhado de duas águas, que serve actualmente de sacristia. Esta sala, antiga casa do Capítulo, delimitava pelo lado nascente o desaparecido claustro, que apresenta na frontaria do mesmo lado, após as obras de restauro, duas janelas, uma porta central, um arco quebrado com duas arquivoltas, e uma pequena rosácea na parede sul. A fachada principal da igreja revela um portal de arco quebrado com três arquivoltas decoradas com bolas, assentes em três colunas, duas das quais quase prismáticas. Possui tímpano liso, apoiado em consolas que representam cabeças de bovídeos. No alto, abre-se uma grande rosácea decorada com bolas e temas vegetalistas de talhe biselado. A empena, de duas águas, apresenta cornija decorada com bolas e remate encimado por cruz recortada. A fachada lateral norte da nave apresenta uma pequena porta de duas arquivoltas em arco quebrado, um nível de mísulas lisas de apoio de um antigo coberto lateral e três frestas muito altas e estreitas. A fachada lateral sul possui duas portas.
Veja-se a peça n.º MMAP 351

Bibli. – DGEMN 1937; AZEVEDO 1938; MATTOS 1943, n.º III, 1948, vol. I, 75, n.º 23; SOUSA 1948, n.º 23; SANTARÉM 1955a, 276-277; 1956d, 276-277, n.º 21; 486; 1978a, 259-260; 1986, 82-84; REAL 1982; BARROCA 1987, 357, n.º 9; 1987(a) 478, n.º 19; CORREIA 1997a.

[78] Topograficamente caracteriza-se por revelar uma plataforma superior relativamente plana definida pela curva de nível dos 60 m. As suas vertentes conferem boas condições naturais de defesa, com excepção da face norte, de ligação ao interior, cujo pendor é mais suave, que certamente implicaria um reforço do sistema defensivo.
[79] Sobre o paço senhorial da Torre Alta e seu domínio, veja-se: CORREIA 1989, 206-223; *Jornal de Santo Thyrso* de 2, 9, 16 e 23 de Outubro de 1987 e 28 de Outubro de 1988.

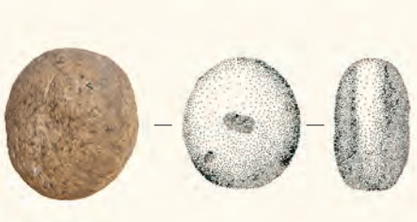
museu municipal **abade pedrosa**

Exposição permanente

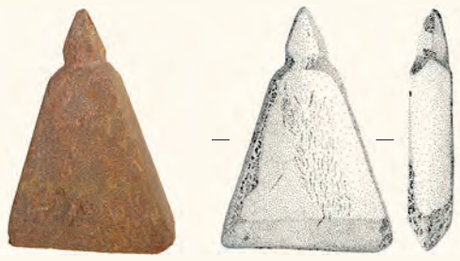


Peças - 1 a 40

MMAP 1. Mó dormente
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP X, 283.
Material – Granito.
Descrição – Elemento dormente de mó de naveta ou barquiforme de pequena dimensão. Contorno oval de recorte irregular. Face superior plana, muito polida, com arestas arredondadas. Secção sub-rectangular com fundo regularizado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze final / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 260 mm; Largura máxima 138 mm; Espessura máxima 70 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 21.



MMAP 2. Mó movente
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 X, M2.
Material – Granito.
Descrição – Elemento movente de mó de naveta ou barquiforme de pequena dimensão. Contorno circular de recorte regular. Faces planas e polidas com arestas arredondadas. Secção sub-rectangular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze final / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 75 mm; Largura máxima 67 mm; Espessura máxima 42 mm; Peso 330.1 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 21.

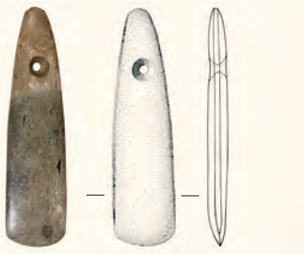


MMAP 3. Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 250.
Material – Arenito.
Descrição – Machado integralmente polido. Formato triangular rematado por talão pontiagudo demarcado do corpo por um ligeiro estrangulamento formado por um sulco que cobre todas as superfícies eliminando as arestas dos diferentes planos. Gume rectilíneo, simétrico. Secção rectangular com faces planas. Gume afiado sem vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze final / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 160 mm; Largura máxima 113 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 695.4 gr..

MMAP 4. Polidor
Proveniência – Desconhecida / N. Inv.º 929.
Material – Quartzito.
Descrição – Contorno oval de recorte simétrico. Faces planas e polidas com arestas arredondadas. Secção sub-rectangular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 117 mm; Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 70 mm; Peso 377.3 gr..

O seu desenvolvimento longitudinal, assim como, as faces planas e paralelas permitem admitir múltiplas funções na execução de actividades artesanais, tais como, a olaria e a preparação de peles. Provavelmente, o seu polimento acentuado será o resultado directo do seu emprego como polidor (EIROA; GIL; PÉRES; MAURANDI 1999, 96-97).

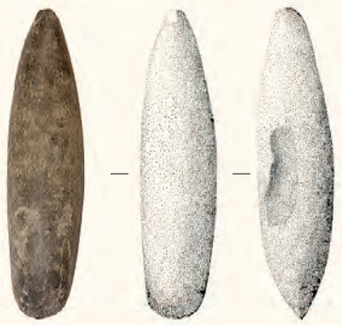
MMAP 5. Machado polido
Proveniência – Desconhecida / N. Inv.º – MMAP 922.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido. Contorno rectangular e gume plano-convexo. Secção sub-rectangular. Gume afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 104 mm; Largura máxima 29 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 304.6 gr..



MMAP 6. Machado polido
Proveniência – Monte da N. Sra. da Assunção, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP 934.
Material – Turmalina.
Descrição – Machado integralmente polido. Contorno trapezoidal, alongado, com gume plano-convexo descentrado e assimétrico. Talão pontiagudo de arestas arredondadas. Orifício para fixação de secção bitronco-cónica, ligeiramente descentrado e assimétrico. Secção biconvexa. Gume afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 173 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 155.1 gr..
Bibli. – PINTO 1930, 306; SANTARÉM 1952, 106-109.

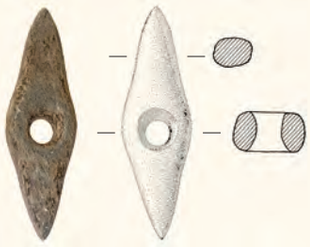
MMAP 7. Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A1 (C17.00), n.º 1761.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido de contorno subelíptico, alongado, de gume plano-convexo, irregular e assimétrico. Talão arredondado com vestígios de utilização. Secção sub-circular. Gume afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze Final / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 154 mm; Largura máxima 46 mm; Espessura máxima 47 mm; Peso 488.1 gr..

MMAP 8. Seixo talhado – *Pebble tool*
Proveniência – Desconhecida / N.º Inv.º MMAP X, 286.
Material – Quartzito.
Descrição – *Pebble tool* talhado a partir de um seixo rolado. Talhe unifacial elaborado por técnica de percussão directa com extracções bidireccionais de perfil curvo, conservando apenas um terço do córtex. Gume sem fio com arestas roladas.
Classificação e cronologia – Tipo Asturiense / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 68 mm; Largura máxima 56 mm; Espessura máxima 40 mm; Peso 223.4 gr..



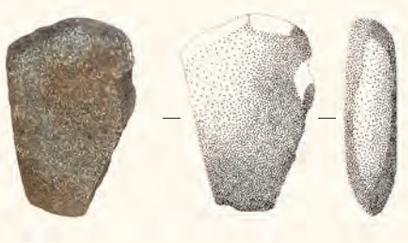
MMAP 9. *Azuela*
Proveniência – Desconhecida / N.º Inv.º – MMAP 923.
Material – Anfibolito.
Descrição – *Azuela* com superfície integralmente polida. Contorno subelíptico, alongado, com gume plano-convexo, simétrico. Talão pontiagudo com extremidade arredondada. Secção subcircular de contorno irregular. Gume afiado sem vestígios de utilização. Apresenta uma ligeira deformação na área central do corpo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 234 mm; Largura máxima 50 mm; Espessura máxima 50 mm: Peso 1033.5 gr..

MMAP 10. Machado polido
Proveniência – Desconhecida / N.º Inv.º – MMAP 224.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado polido num único plano. Contorno trapezoidal assimétrico. Gume plano-convexo descentrado e assimétrico. Talão de contorno rectangular. Secção sub-rectangular. Gume pouco afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 127 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 40 mm; Peso 393.4 gr..



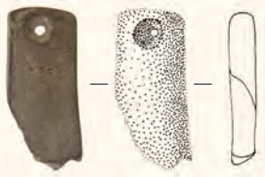
MMAP 11. Machado polido
Proveniência – Capela da N.ª Senhora da Assunção, Monte Córdova / N.º Inv.º MMAP 936.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido nos dois planos. Duplo gume simétrico. Orifício central de perfil cilíndrico. Secção circular. Gumes pontiagudos e afiados com claros vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 103 mm; Espessura máxima 29 mm; Largura máxima 47 mm; Diâmetro do orifício 17 mm; Peso 275.6 gr..
Bibli. – SANTARÉM 1955, 69-72.

MMAP 12. Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP 925.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido. Contorno subelíptico, alongado, de gume plano-convexo, simétrico. Talão pontiagudo com vestígios de utilização. Secção subcircular. Gume afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze Final / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 136 mm; Largura máxima 42 mm; Espessura máxima 32 mm; Peso 286 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 20.



MMAP 13. Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP 13.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado parcialmente polido, fragmentado. Faces laterais irregulares e desprovidas de polimento. Contorno trapezoidal, assimétrico. Secção sub-rectangular. Gume plano-convexo (?), simétrico. Talão de contorno sub-rectangular, fragmentado. Gume pouco afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 88 mm; Largura máxima 59 mm; Espessura máxima 22 mm; Peso 199.4 gr..

MMAP 14. Polidor
Proveniência – Desconhecida / N.º Inv.º MMAP 933.
Material – Quartzito.
Descrição – Polidor elaborado a partir de um seixo rolado integralmente polido. Contorno triangular com talão projectado. Faces planas e paralelas entre si. Arestas integralmente arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 87 mm; Largura máxima 93 mm; Espessura máxima 17 mm; Peso 205.5 gr..



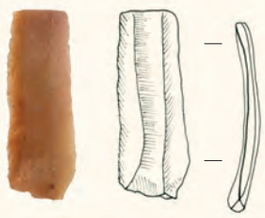
MMAP 15. Braçal de arqueiro
Proveniência – Mamoa de Monte Grande, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 932.
Material – Arenito.
Descrição – Fragmento de braçal de arqueiro. Formato e secção rectangular, ligeiramente assimétrico. Superfícies planas e cantos arredondados. Orifício de perfil tronco-cónico. Polimento integral.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 47 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 16 mm; Diâmetro do orifício – face superior 7 mm; face inferior – 3 mm; Peso 13.9 gr..

MMAP 16. Braçal de arqueiro
Proveniência – Mamoa de Monte Grande, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 931.
Material – Arenito.
Descrição – Fragmento de braçal de arqueiro. Formato e secção rectangular, assimétrico. Superfícies planas e cantos arredondados. Orifício de perfil tronco-cónico. Polimento integral.
Classificação e cronologia – Tipo … / Neolítico I Calcolítico / …
Dimensões – Comprimento máximo 33 mm; Largura máxima 17 mm; Espessura máxima 6 mm; Diâmetro do orifício – face superior 7 mm; face inferior – 3 mm; Peso 7.3 gr..

O braçal de arqueiro é um instrumento cuja função se relaciona com a utilização do arco e flecha, concretamente na protecção da face anterior do antebraço do atirador no momento do disparo, designadamente dos golpes da corda do arco no movimento basculante. Do ponto de vista do seu horizonte cronológico e cultural, considera-se característico do "horizonte campaniforme" mas que terá sobrevivido no tempo ao longo de uma parte significativa dos desenvolvimentos culturais da Idade do Bronze (EIROA; GIL; PEREZ; MAURANDI 1999, 94).

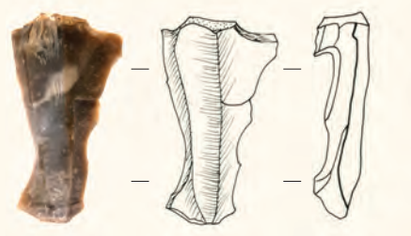
MMAP 16 (1). Pendente
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 99 B1 (D30.00), op. 18.
Material – Quartzito.
Descrição – Pendente integralmente polido de formato cónico, ligeiramente assimétrico. A face superior apresenta um orifício bitronco-cónico, assimétrico e descentrado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze Final / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 29 mm; Largura máxima 14 mm; Espessura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do orifício 7 mm; Diâmetro mínimo do orifício 5 mm; Peso 5 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 21.

MMAP 17. Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV 93 A (H21.02), n.º 2291.
Material – Anfibolito.
Descrição – Fragmento de machado, integralmente polido, de contorno subquadrangular e gume plano-convexo, assimétrico. Secção quadrangular. Gume parcialmente fragmentado e pouco afiado. Talão ausente.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 62 mm; Largura máxima 30 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 91.1 gr..

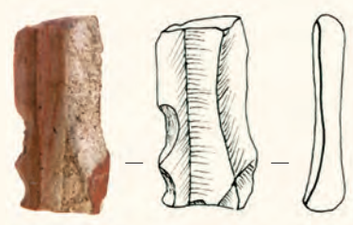


MMAP 18. Lâmina
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1 (R17.01), op. 48.
Material – Sílex de cor creme (cor – M75).
Descrição – Fragmento de lâmina de dorso alongado de secção subtrapezoidal, não retocada.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 46 mm; Largura máxima 17 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 4.4 gr..

MMAP 19. Lâmina
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 197.
Material – Sílex de cor creme (cor – K92).
Descrição – Fragmento de lâmina de dorso preparado com nervura central alteada de secção trapezoidal. Retoque integral, bifacial, marginal e oblíquo. Os bordos foram retocados através de reavivamentos oblíquos directos. Vestígios evidentes de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 39 mm; Largura máxima 21 mm: Espessura máxima 11 mm; Peso 10.2 gr..

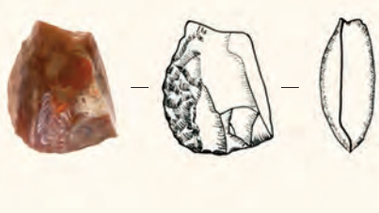


MMAP 20. Lasca
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1 (D 16.01) op. 81.
Material – Sílex acinzentado (cor – S73).
Descrição – Lasca de dorso preparado sem retoque e sem vestígios de utilização. Conserva nos dois topos vestígios do córtex original (capa calcária, rugosa e porosa).
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 25 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 8.7 gr..

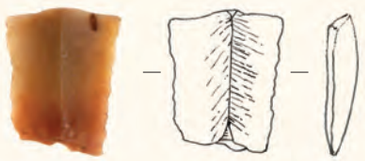


MMAP 21. Lâmina
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 95 A, op. 23
Material – Sílex rosado (cor – M11).
Descrição – Fragmento de lâmina alongada de dorso preparado com nervura central alteada de secção trapezoidal. Retoque parcial, unifacial, marginal e oblíquo. Conserva numa das faces vestígios do córtex original.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 35 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 6 m; Peso 4.5 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 19.

MMAP 21 (1). Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 143.
Material – Quartzito.
Descrição – Machado polido de contorno subtriangular de reduzidas dimensões. Gume convexo e ligeiramente assimétrico. Secção plano-convexa, irregular. Talão pontiagudo. Polimento integral. Gume com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 49 mm; Largura máxima 37 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 6.8 gr..



MMAP 21 (2). Raspador
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97, A2, op. 14.
Material – Sílex rosado (cor – S15).
Descrição – Raspador duplo, transversal e lateral sobre lasca truncada. Gume lateral em coche, com retoque directo, muito oblíquo e descontínuo, com abundantes vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 26 mm; Largura máxima 2 1mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 6,9 gr..



MMAP 21 (3). Lâmina
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 01 A, B1, Sep. 5, n.º 5211.
Material – Sílex de cor creme (cor – M79).
Descrição – Fragmento de lâmina alongada de dorso preparado com nervura central alteada de secção trapezoidal. Retoque integral, bifacial, marginal, oblíquo e escamoso. Os bordos foram retocados através de reavivamentos oblíquos directos. Conserva vestígios evidentes de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 22 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 1.8 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 19.

MMAP 22. Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1 (G18.00), op. 3.
Material – Anfibolito.
Descrição – Fragmento de machado integralmente polido. Contorno subelíptico, alongado, de gume plano-convexo, regular e simétrico, fragmentado numa das faces. Secção subcircular. Talão ausente.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 84 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 39 mm; Peso 190.7 gr. .

MMAP 23. Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 121.
Material – Anfibolito.
Descrição – Fragmento de machado integralmente polido de contorno subtrapezoidal, alongado. Gume assimétrico e secção sub-rectangular. Faces laterais rectilíneas e paralelas entre si. Intenso polimento no gume que revela vestígios de utilização. Talão fragmentado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 80 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 22 mm; Peso 129.1 gr. .

MMAP 24. Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD X, 91.
Material – Anfibolito.
Descrição – Fragmento de machado integralmente polido. Contorno trapezoidal, simétrico. Gume plano-convexo, descentrado e assimétrico. Secção sub-rectangular (?). Gume pouco afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 56 mm; Largura máxima 27 mm; Espessura máxima 23 mm; Peso 73.9 gr..

MMAP 25. Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD X, 90.
Material – Anfibolito.
Descrição – Fragmento de machado integralmente polido. Contorno trapezoidal, simétrico (?). Gume plano-convexo, assimétrico (?). Secção sub-rectangular (?) com arestas arredondadas. Gume pouco afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 64 mm; Largura máxima 32 mm; Espessura máxima 15 mm; Peso 38.5 gr..

MMAP 26. Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º ALV. 98 B1, A1 (F15.01), op. 174.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido de contorno subtrapezoidal, alongado. Gume assimétrico e secção sub-rectangular. Talão de contorno rectangular. Faces laterais irregulares. Intenso polimento no gume que revela vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 101 mm; Largura máxima 47 mm; Espessura máxima 22 mm; Peso 177.4 gr..

MMAP 26 (1). Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2 (E11.00), op. 72.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido de contorno subtrapezoidal, alongado. Gume plano-convexo, irregular e assimétrico, de secção subcircular. Talão pontiagudo com vestígios de utilização. Gume afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 115 mm; Largura máxima 49 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 340.8 gr..

MMAP 26 (2). Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 02, B1 (F 22.02), op. 61.
Material – Quartzito.
Descrição – Machado integralmente polido de contorno trapezoidal. Gume plano-convexo, simétrico. Secção subcircular. Talão apontado com vestígios de utilização. Gume afiado com intensos vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 98 mm; Largura máxima 53 mm; Espessura máxima 26 mm; Peso 274.8 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 20.

MMAP 27. Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A1 (G15.01), op. 86.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido. Contorno subelíptico, alongado, de gume plano-convexo, regular e simétrico. Secção subcircular. Talão pontiagudo sem vestígios de utilização. Gume muito afiado com vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 121 mm; Largura máxima 54 mm; Espessura máxima 34 mm; Peso 282,3 gr..

MMAP 27 (1). Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 98 B1, A1 (J 11.00), op. 171.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido. Contorno subtrapezoidal, alongado, de gume plano-convexo, irregular e assimétrico. Secção subcircular. Gume afiado com vestígios de utilização. Corpo assimétrico, ligeiramente deformado numa das faces laterais. Leve concavidade de recorte oval na face lateral do talão.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 127 mm; Largura máxima 49 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 321,5 gr..

MMAP 27 (2). Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 02A, B1 (F2.00), 044.
Material – Granito.
Descrição – Machado de reduzidas dimensões com polimento incipiente. Contorno trapezoidal, alongado, com gume plano-convexo, assimétrico. Secção sub-rectangular com arestas arredondadas. Gume pouco definido sem fio. Talão pontiagudo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 62 mm; Largura máxima 32 mm; Espessura máxima 18 mm; Peso 45.8 gr..

MMAP 27 (3). Cinzel polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99 B, op. 18.
Material – Anfibolito.
Descrição – Cinzel de reduzidas dimensões com polimento integral. Contorno sub-rectangular, alongado, com gume plano-convexo, assimétrico. Talão de contorno quadrangular, pouco definido, sem polimento. Secção subquadrangular com arestas arredondadas. Gume afiado com claros vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 79 mm; Largura máxima 22 mm; Espessura máxima 23 mm; Peso 74.6 gr..

MMAP 27 (4). Machado polido
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, (P14.00), op. 176.
Material – Anfibolito.
Descrição – Machado integralmente polido. Contorno triangular. Gume plano-convexo, simétrico, descentrado em relação ao eixo de simetria da peça. Talão inexistente. Secção sub-rectangular com arestas arredondadas. Gume afiado com claros vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 64 mm; Largura máxima 72 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 110.19 gr..

MMAP 28. Mó barquiforme de dupla face
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP 915.
Material – Granito.
Descrição – Fragmento de mó barquiforme de grande dimensão. Contorno sub-rectangular de recorte irregular. Face superior e inferior escavada, muito polida, com arestas arredondadas. Secção sub-rectangular com fundo externo regularizado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 59 mm; Largura máxima 49 mm; Altura máxima 21 mm.

MMAP 29. Taça carenada
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 029.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequeno calibre com distribuição uniforme. Superfície alisada e brunida com engobe ligeiro no exterior (cor - R35)[80].
Descrição – Taça carenada de fundo umbilical. Modelação manual evidenciando irregularidades na superfície e ligeira assimetria no perfil. Parede em calote com bordo alto, ligeiramente côncavo, com lábio de secção arredondada lançado para o exterior. Carena na face superior da parede de perfil arredondado. Encontra-se reconstituída a partir do terço inferior da parede.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1a; Tipo Manuela Martins 5A / Castro de Alvarelhos – Fase I.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 160 mm; Altura máxima 95 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.

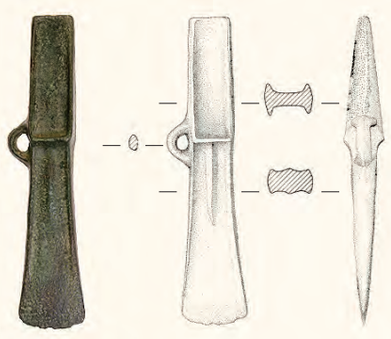
As taças carenadas constituem um tipo de recipiente com características morfológicas muito específicas e encontram-se amplamente documentadas em povoados no norte de Portugal. São geralmente produções com um acabamento muito cuidado, com superfícies externas alisadas e brunidas, constituídas por pastas relativamente bem depuradas com escassos elementos não plásticos. Morfologicamente apresentam a parede em calote, com carena média alta, bem vincada, com bordo vertical ou levemente aberto e lábio arredondado. Os fundos podem ser umbilicais ou rasos. As suas dimensões apresentam diferenças significativas. As suas variações morfológicas conduziram a uma subdivisão tipológica sem, no entanto, se fazer corresponder uma diferenciação cronológica[81]. A sua cronologia, definida nos castros de S. Julião, Coto da Pena e Castro de Barbudo, com base em datações por C14, no séc. X/IX a.C. (MARTINS 1990, 131), contraria, em certa medida, as cronologias anteriormente propostas (SILVA 1986, 119-120), que relacionavam este tipo de produções com a expansão de elementos culturais dos "Campos de Urnas" do centro de Espanha e sul de Portugal.

MMAP 30. Vaso tronco-cónico
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85, (M2.179), n.º 6315.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de cozedura irregular com núcleo negro. Composição arenosa com abundantes grãos de quartzo de diferente calibre. Superfície irregular de textura[82] friável. Alisamento incipiente revelando sinais de exposição ao fogo. Cor (R25).
Descrição – Vaso tronco-cónico. Modelação manual evidenciando uma forma ligeiramente assimétrica. Parede alta e espessa com carena junto ao bordo de perfil arredondado. Bordo vertical, ligeiramente côncavo, com lábio arredondado com suave projecção para o exterior. Fundo levemente convexo de assentamento irregular com aresta pouco marcada.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 129 mm; Altura máxima 144 mm; Espessura máxima do bordo 63 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. V, n. º 1: MOREIRA 2005, 21.

[80] As referências à cor das pastas e superfície dos recipientes cerâmicos são feita em relação ao código de cores de solos de A. Cailleux (CAILLEUX, sd).
[81] Armando Coelho considera 3 variantes em função da dimensão, do comportamento da carena, da existência ou não de asa e do fundo, às quais faz corresponder *in genere* à forma 8C de G. Marques e M. Andrade (SILVA 1986, 120, Gráfico 3). Manuela Martins considera três tipos (Forma 5 A/B/C) (MARTINS 1990, 127-128, Quadro 10).
[82] A composição das pastas cerâmicas está relacionada com a constituição das argilas e com os métodos de preparação, prévios à modelagem das peças. Como nos dias de hoje, até poderem ser utilizadas na fabricação de objectos, as pastas argilosas eram alvo de vários tratamentos específicos que passavam pela selecção e recolha das argilas, à sua maturação ao ar, pelo caldeamento e pelo processo de batimento. Geralmente, a plasticidade dos barros era equilibrada com a adição de minerais que constituíam, verdadeiramente, a estrutura da pasta, uma vez que, a maioria, não sofre dilatações ou contracções durante a secagem e cozedura das peças, especialmente o quartzo e a mica.
A caracterização dos elementos não plásticos (e. n. p.), presentes nas pastas cerâmicas, tem por objectivo contribuir para a sua classificação qualitativa, assim como para a eventual identificação de centros produtores, considerando-se, para o efeito, a sua identificação, quantidade, dispersão e calibre (Pequeno <0,05 mm / Médio> 0,05 e <1 mm / Grande> 1 mm).

Os vasos tronco-cónicos apresentam um perfil em forma de tronco invertido, podendo revelar perfis mais ou menos acentuados, assim como uma ligeira carena na face superior, junto ao bordo. São frequentes os exemplares que apresentam um bordo em forma de aba horizontal no decurso do Bronze Inicial e Médio, podendo apresentar, em alguns casos, uma asa de desenvolvimento vertical. As decorações mais frequentes são aplicações plásticas em forma de mamilos. Embora sejam conhecidos exemplares provenientes de ambientes habitacionais, os contextos funerários são onde mais frequentemente são identificados.
Constitui uma forma de forte expressão no norte de Portugal, apesar de constituir um tipo de vaso claramente de vocação funerária, sendo frequentes as ocorrências em monumentos megalíticos e em tumulações da Idade do Bronze (MARTINS 1985, 217). Os poucos exemplares conhecidos provenientes de ambientes habitacionais são provenientes de Areias Altas, Porto, e um outro exemplar, relacionado com um "esconderijo de fundidor", identificado em Sequeade, Barcelos (SOEIRO 1982, 62-67).

MMAP 31. Machado de talão de duas asas
Proveniência – Serra da Saia, Louro, Famalicão / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 31.
Material – Bronze.
Descrição – Machado de talão de duplo anel e faces simétricas. Lâmina plana, alargada por martelagem com gume de perfil curvo, ligeiramente fragmentado na extremidade. Apresenta três nervuras perpendiculares à lâmina em cada face com remate no encosto do talão. Talão com ressalto médio, elevado e espesso, com abas laterais decrescentes para o topo. Anéis de secção subcircular. Ausência de cone de fundição. Talão levemente desgastado no topo. Ausência de rebarbas de fundição e abundantes vestígios de utilização ao nível da lâmina, talão e gume.
Classificação e cronologia – Tipo Monteagudo 35 A / … / Bronze Final.
Dimensões – Comprimento máximo 230 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 33 mm; Peso 1134.1 gr..
Bibli. – PINTO 1930, 306; MOREIRA 2005, 19.



MMAP 32. Machado de talão de uma asa
Proveniência – Briteiros, Guimarães / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 32.
Material – Bronze.
Descrição – Machado de talão de um anel e faces simétricas. Lâmina plana, alargada com gume de perfil curvo, levemente fragmentado. Apresenta três nervuras perpendiculares à lâmina em cada uma das faces que se desenvolvem do início do gume ao encosto do talão. Talão rectangular com ressalto médio, elevado e espesso, com abas laterais decrescentes do início do talão ao topo. Anel de secção subcircular implantado no centro da face lateral dividindo a lâmina do talão. Ausência de cone de fundição. Ausência de rebarbas de fundição e abundantes vestígios de utilização ao nível do gume e talão.
Classificação e cronologia – Tipo Monteagudo 36 A / … / Bronze Final.
Dimensões – Comprimento máximo 190 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 24 mm; Peso 441.7 gr..
Bibli. – PINTO 1930, 306; MOREIRA 2005, 19.

MMAP 33. Machado de talão de duas asas
Proveniência – Chão da Presa, Santo Trso / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 33.
Material – Bronze.
Descrição – Machado de talão de duplo anel e faces simétricas. Encontra-se fragmentado ao nível do arranque do talão que corresponde ao limite superior dos anéis. Lâmina plana e espessa, alargada, com gume de perfil curvo, isenta de nervuras. Lâmina de secção trapezoidal, fragmentada ao nível do gume. Talão rectangular com ressalto médio e espesso com abas laterais, fragmentado ao nível do arranque inferior. Anéis de secção subcircular, assimétricos, implantados no centro das faces laterais dividindo a lâmina do talão. Ausência de rebarbas de fundição. Os vestígios de utilização são visíveis em ambas as faces da lâmina e no gume.
Classificação e cronologia – Tipo Monteagudo 35 A / … / Bronze Final.
Dimensões – Comprimento máximo 155 mm; Largura máxima 35 mm: Espessura máxima 40 mm; Peso 784.2 gr..
Bibli. – PINTO 1930, 306; MOREIRA 2005, 19.

MMAP 34. Pulseira decorada
Proveniência – Necrópole do Corvilho, Santo Tirso / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 34.
Material – Bronze.
Descrição – Bracelete aberto, maciço, fundido em molde e posteriormente martelado. Forma circular, ligeiramente achatada na face superior e inferior. Secção subquadrangular com interior plano e liso. Dorso exterior de secção circular. Remates em botão, de secção arredondada, com face interior lisa. Apresenta uma decoração na face exterior. Composição geométrica composta por três linhas longitudinais de simples pontos incisos, paralelas entre si. A partir dos remates apresenta incisões transversais (nove de um lado e cinco do outro) no aro, paralelas entre si.
Classificação e cronologia – Tipo... / Bronze Médio/Final / Corvilho.
Dimensões – Diâmetro máximo interno 61 mm; Espessura máxima do aro 13 mm; Remates 14 mm X 12 mm; Distância entre o extremo dos terminais 7 mm; Peso 150 gr..
Bibli. – SANTARÉM 1956b, 401-402; PEREZ 1997, 5-11.

MMAP 35. Vaso tronco-cónico
Proveniência – Necrópole do Corvilho, Santo Tirso / N.º Inv.º – COR 1086.
Material – Cerâmica. Pasta de estrutura compacta com abundantes elementos não plásticos formados por mica e quartzo, de pequeno calibre. O tratamento da superfície exterior foi efectuado por alisamento simples. Conserva vestígios de exposição ao fogo (cor - N70).
Descrição – Vaso de modelação manual de perfil subelíptico com inflexão acentuada ao nível do bojo. Fundo plano-convexo. Bordo formado por aba curta de orientação oblíqua com lábio arredondado. Asa lateral de desenvolvimento vertical, de secção rectangular, implantada ao nível intermédio da parede. A decoração é composta por cinco saliências circulares de perfil subelíptico "mamilos".
Classificação e cronologia – Tipo... / Bronze Médio/Final / Corvilho.
Dimensões – Altura máxima 82 mm; Diâmetro máximo do bordo 100 mm; Diâmetro máximo do bojo 95 mm; Diâmetro máximo do fundo 55 mm; Espessura média da parede 7 mm; Altura máxima da asa 41 mm; Largura média 20 mm; Espessura média 4 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61.

MMAP 36. Vaso tronco-cónico
Proveniência – Necrópole do Corvilho, Santo Tirso / N.º Inv.º – COR 1091.
Material – Cerâmica. Pasta de estrutura compacta com abundantes elementos não plásticos constituídos essencialmente por grãos de quartzo de calibre médio e, em menor percentagem, por mica. A superfície, de cor castanha, encontra-se bastante corroída conservando apenas algumas áreas com o alisamento original. Conserva vestígios de exposição ao fogo (cor - N70).
Descrição – Vaso de modelação manual de perfil tronco-cónico, levemente sinuoso. Bordo vertical com face plana e lábio de perfil pontiagudo projectado para o exterior. Paredes verticais de espessura irregular. Fundo plano e espesso, ligeiramente convexo. A parede regista os negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical.
Classificação e cronologia – Tipo... / Bronze Médio/Final / Corvilho.
Dimensões – Altura máxima 95 mm; Diâmetro máximo do bordo 112 mm; Espessura do bordo 9 mm; Diâmetro máximo do fundo 73 mm; Espessura média da parede 10 mm; Altura máxima provável da asa 40 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61.

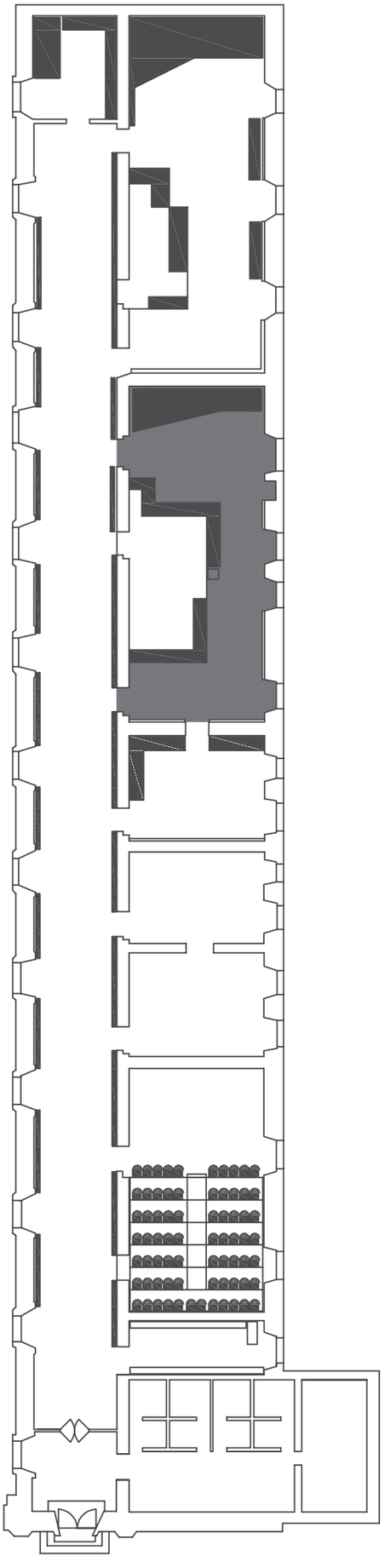
MMAP 37. Vaso tronco-cónico
Proveniência – Necrópole do Corvilho, Santo Tirso / N.º Inv.º – COR. 1088
Material – Cerâmica. Pasta de estrutura compacta e constituição grosseira com abundantes elementos não plásticos constituídos por grãos de quartzo de calibre médio. A superfície, de cor castanha clara, é rugosa e encontra-se muito degradada. Conserva vestígios de exposição ao fogo (cor - M51).
Descrição – Vaso de modelação manual de perfil subelíptico, ligeiramente contra-curvado, com estrangulamento ao nível da face inferior do bordo. Bordo de secção trapezoidal com face superior plana. A parede regista os negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze Médio/Final / Corvilho.
Dimensões – Altura máxima 98 mm; Diâmetro máximo do bordo 102 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm; Diâmetro máximo do bojo 112 mm; Diâmetro máximo do fundo 75 mm; Espessura média da parede 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61.

MMAP 38. Vaso tronco-cónico
Proveniência – Necrópole do Corvilho, Santo Tirso / N.º Inv.º – COR 1089.
Material – Cerâmica. Pasta de estrutura pouco compacta, muito friável, com núcleo negro, com abundantes elementos não plásticos constituídos por quartzo e, em menor percentagem, mica de calibre muito fino. A superfície conserva diferentes tonalidades que oscilam entre o castanho claro e muito escuro e apresenta um acabamento de má qualidade, efectuado através de alisamento pouco cuidado. Conserva vestígios de exposição ao fogo (cor - M75).
Descrição – Vaso de modelação manual de perfil tronco-cónico, ligeiramente sinuoso. Fundo plano. Bordo vertical de secção triangular. A parede conserva os negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical e secção plano-convexa.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze Médio/Final / Corvilho.
Dimensões – Altura máxima 75 mm; Diâmetro máximo do bordo 102 mm; Diâmetro máximo do fundo 60 mm; Espessura média da parede 9 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61.

MMAP 39. Vaso tronco-cónico
Proveniência – Necrópole do Corvilho, Santo Tirso / N.º Inv.º – COR 1087.
Material – Cerâmica. Pasta de estrutura compacta com abundantes elementos não plásticos constituídos essencialmente por mica de calibre muito fino e, em menor percentagem, por grãos de quartzo de calibre médio. A superfície, de cor castanha, encontra-se bem polida. Na face interior regista os negativos das matérias orgânicas que integravam a pasta e que desapareceram no momento da cozedura. Conserva vestígios de exposição ao fogo (cor - N51).
Descrição – Vaso de modelação manual de perfil tronco-cónico. Bordo formado por pequena aba de orientação oblíqua e face superior plana com lábio facetado. Carena interna de perfil anguloso muito marcada. A parede regista os negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical. Fundo plano.
Classificação e cronologia – Tipo … / Bronze Médio/Final / Corvilho.
Dimensões – Altura máxima 109 mm; Diâmetro máximo do bordo 122 mm; Diâmetro máximo do fundo 65 mm; Espessura média da parede 7 mm; Altura máxima da asa (?) 75 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61.

MMAP 40. Vaso tronco-cónico
Proveniência – Necrópole do Corvilho, Santo Tirso / N.º Inv.º – COR 1040.
Material – Cerâmica. Pasta de constituição compacta e composição grosseira, com abundantes elementos não plásticos constituídos por grãos de quartzo de calibre médio e mica de pequeno calibre. A superfície, de cor castanha, é apenas alisada e encontra-se muito corroída. Conserva vestígios de exposição ao fogo (cor - P51).
Descrição – Vaso de modelação manual de perfil tronco-cónico. Bordo extrovertido com lábio de secção arredondada. Fundo plano-convexo. A decoração é composta por uma fiada de quatro saliências circulares de perfil subelíptico e extremidade arredondada "mamilos".
Classificação e cronologia – Tipo... / Bronze Médio/Final / Corvilho.
Dimensões – Altura máxima 82 mm; Diâmetro máximo do bordo 93mm; Diâmetro máximo do fundo 65mm; Espessura média da parede 5mm.
Bibli. – SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61.

cata´logo_pt.indd 56 07/05/09 8:01:20



Peças - 41 a 163

MMAP 41. Peso de tear
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.194), 4559.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de cozedura irregular com núcleo negro. Composição arenosa com abundantes elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo de diferente calibre e nódulos ferrosos. Superfície irregular de textura friável. Alisamento incipiente revelando sinais de exposição ao fogo (cor – N25).
Descrição – Peso de cerâmica de modelação manual, de formato discóidal, assimétrico, com arestas laterais irregulares e perfil arredondado. Orifício central circular, ligeiramente descentrado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Diâmetro máximo 99 mm; Espessura máxima 27 mm; Diâmetro do orifício 21 mm; Peso 180 gr..
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. IV, n. º 6.

MMAP 42. Peso
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 95 A, op. 38.
Material – Xisto.
Descrição – Peso de formato rectangular com faces planas. O rebaixamento lateral encontra-se ligeiramente assimétrico e é formado por duas secções semicirculares. Polimento intenso em ambas as faces.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 72 mm; Largura máxima 51 mm; Espessura máxima 15 mm; Peso 84 gr..

MMAP 42 (1). Peso
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 01A, B1 (C15.01), op. 4.
Material – Quartzo.
Descrição – Peso. Seixo rolado de formato oval e secção plano-convexa. Os entalhes, realizados nas faces laterais, encontram-se ligeiramente descentrados e apresentam um perfil ovalado com desbaste em ambas as faces.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 69 mm; Largura máxima 46 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 57 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 20.

MMAP 42 (2). Peso
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 01A, B1 (B17.01), 5069.
Material – Quartzo.
Descrição – Peso. Seixo rolado de formato oval e secção plano-convexa. Os entalhes, implantados em cada uma das faces laterais, são convergentes e apresentam um recorte ovalado com desbaste em ambas as faces.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 54 mm; Largura máxima 48 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 46 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 20.

Este tipo de pesos, relativamente abundantes em povoados com ocupação do Bronze Final, foram inicialmente considerados como indicadores da actividade piscícola (BRANDÃO; LANHAS 1971, 581-589). Actualmente são interpretados como tendo funções mais diversificadas, designadamente relacionadas com a actividade de tecelagem (CANO PAN 1986).

MMAP 43. Machado polido
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.117), 4046.
Material – Anfibolito.
Descrição – Fragmento de machado polido de contorno sub-rectangular. Gume convexo, ligeiramente assimétrico. Secção plano-convexa. Polimento integral, mais acentuado no gume que conserva vestígios de utilização, apesar de muito afiado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 56 mm; Largura máxima 28 mm; Espessura 16 mm; Peso 46,5 gr..
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. IV, n. º 5.

MMAP 44. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 44.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos abundantes, bem calibrados, compostos por mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada, muito polida, com acabamento brilhante (cor - P92).
Descrição – Fragmento de bordo e parede de pote de modelação manual. Perfil ovóide com reservatório baixo. Parede reentrante vincada na face superior por ligeira carena a marcar o arranque do bordo. Lábio vertical de secção arredondada. Perfil ligeiramente assimétrico, com acabamento irregular ao nível da espessura da parede e alinhamento do bordo e carena.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 150 mm; Diâmetro máximo do bordo 295 mm; Largura máxima 81 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.

MMAP 45. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 M1 = 205 =, 5084.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura de cozedura irregular destacando-se um núcleo negro em contraste com as faces. Pasta grosseira, mal calibrada, com abundantes elementos não plásticos de diferente calibre, essencialmente formados por grãos de quartzo e, em menor percentagem, mica. Superfície alisada com espatulamento intenso, com vestígios de exposição ao fogo (cor - R5).
Descrição – Fragmento de parede e bordo de pote de perfil ovóide de modelação manual. Bordo recto, ligeiramente introvertido, rematado por um lábio de secção arredondada. Peça assimétrica com superfície irregular.
Classificação e cronologia – Tipo Manuela Martins fase I – Forma 1 / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 56 mm; Largura máxima 88 mm; Diâmetro máximo do bordo 140 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. III, n. º 8.

MMAP 46. Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique.
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 05A, op. 24.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada, com cozedura homogénea. Elementos não plásticos abundantes, bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (cor - P71).
Descrição – Fragmento de parede de vaso decorado com motivos geométricos de meandros alternados com motivos rectilíneos. A área rebaixada encontra-se preenchida com argila de cor branca, que se mantém perfeitamente conservada.
Classificação e cronologia – Tipo Manuela Martins fase I – Forma 1 / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 76 mm; Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 9 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 21.

A cerâmica tipo "boquique" caracteriza-se pela sua decoração efectuada por incisão com punção de ponta romba, podendo, ou não, ser preenchida com pasta branca. Os motivos predominantes são grinaldas, organizadas em bandas. Os fragmentos com incrustação de pasta branca são relativamente abundantes, enquanto que, no norte de Portugal apenas são conhecidos exemplares provenientes do Monte da Ínsua, S. João de Ponte, Guimarães.
O conjunto de fragmentos recolhidos revela uma certa semelhança com as demais produções regionais, pelo que será de admitir que se trata de uma produção local ou regional.
No noroeste português as referências a achados cerâmicos morfologicamente enquadráveis no tipo "Cogotas I" são relativamente pouco frequente. São conhecidos exemplares provenientes do povoado da Bouça do Frade, Baião (JORGE 1988, 70-71, fig. 37, n.º 1-2), da necrópole do Tapado da Caldeira, Baião (JORGE 1980, 36-44), um fragmento decorado com incrustação de pasta branca proveniente do Monte da Ínsua, S. João de Ponte, Guimarães (JORGE 1988, 71), um fragmento proveniente do povoado da Sola, Braga (BETTENCOURT 1991-92, 108-109, est. IX, s/nº), e vários exemplares provenientes do povoado da Lavra, Marco de Canaveses (SANCHES 1988, 129, fig. 3-4). Os materiais do Monte do Padrão, embora não sejam abundantes, encontram-se significativamente representados (MARTINS 1985, est. V, n.º 3-7; MOREIRA 1995, 13, est. I, II, n.º 3-4).

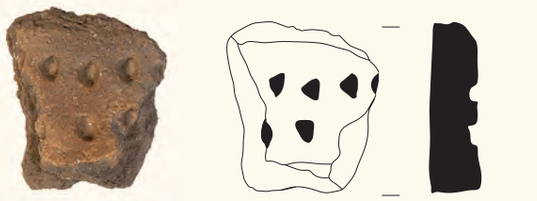
MMAP 47. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.0209), 5158.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura, com cozedura irregular conservando o núcleo negro em contraste com as faces. Pasta grosseira, mal calibrada, com abundantes elementos não plásticos formados por grãos de quartzo e, em menor percentagem, mica. Superfície alisada com espatulamento intenso. Abundantes vestígios de exposição ao fogo (cor - R51).
Descrição – Fragmento de parede e bordo de pote de perfil ovóide de modelação manual. Bordo recto, ligeiramente introvertido, rematado por um lábio de secção arredondada. Peça assimétrica com espessura e superfície irregular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 105 mm; Diâmetro máximo 175 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.

MMAP 48. Taça carenada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.195), 4424.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura homogénea. Elementos não plásticos bem calibrados e distribuídos uniformemente, compostos por mica, quartzo e, em menor percentagem, por feldspato. Superfície alisada com polimento intenso (cor - P70).
Descrição – Fragmento de bordo de taça carenada com asa. Modelação manual. Encontra-se fragmentado ao nível inferior da asa não permitindo caracterizar a parede, a carena e o fundo. Bordo vertical, ligeiramente projectado para o exterior, rematado por lábio de secção arredondada. Asa de secção arredondada implantada directamente sobre o lábio e na parede ao nível superior da carena.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2a / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Diâmetro máximo 60 mm; Altura máxima 101 mm; Espessura máxima 6 mm; Espessura da asa 9 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. III, n. º 4.

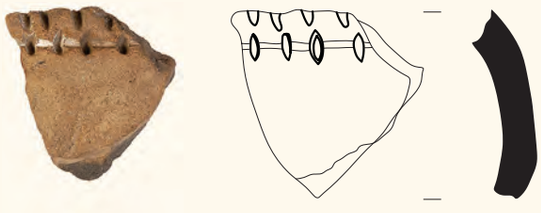
MMAP 49. Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M2.0116.)
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com cozedura uniforme (cor - S31). Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (cor - S31). Produção local ou regional.
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos, de formato oval, efectuados a punção, limitados na face superior por uma canelura.
Classificação e cronologia – Tipo "Cogotas" I, fase II / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 36 mm; Largura máxima 32 mm; Espessura máxima 8 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. V, n. º 4.

MMAP 50. Fragmento de cerâmica decorada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.182) 4278.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada, de composição laminar. Cozedura uniforme (cor - P51). Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequena dimensão com distribuição uniforme. Superfície alisada e polida (cor - P51).
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por uma sucessão de linhas incisas inscritas numa banda definida por duas linhas paralelas, também incisas.
Classificação e cronologia – Tipo "Baiões" Armando Coelho – A2, 41 (fase I) / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 25 mm; Largura máxima 26 mm; Espessura máxima 7 mm.

MMAP 51. Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.206), 5048.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada e compacta. Cozedura irregular com núcleo escuro (cor - N30). Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato, bem calibrados e com distribuição uniforme (cor - P51). Produção local ou regional.
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos de formato oval, efectuados a punção, limitados na face inferior por uma canelura, decorada com motivos verticais. A reduzida dimensão do fragmento não permite reconstituir integralmente o tema.
Classificação e cronologia – Tipo "Cogotas" I, fase II / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 74 mm; Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 5 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. V, n. º 3.

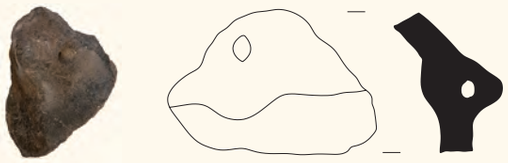


MMAP 52. Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 95 A, op. 21.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada, com cozedura homogénea (cor - N70). Elementos não plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (cor - P70). Produção local ou regional.
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modulação manual. Decoração composta por motivos incisos de formato oval, efectuados a punção, aparentemente organizados em linhas horizontais.
Classificação e cronologia – Tipo "Cogotas" I, fase II / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 31 mm; Largura máxima 27 mm; Espessura máxima 6 mm.



MMAP 53. Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.214), 5376.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, de cozedura irregular com núcleo escuro (cor - T51). Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (cor - P69). Produção local ou regional.
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos de formato oval, efectuados a punção.
Classificação e cronologia – Tipo "Cogotas" I, fase II / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 28 mm; Largura máxima 24 mm; Espessura máxima 4 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. V, n. º 7.

MMAP 54. Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M1.207), 5139.
Material – Cerâmica. Pasta de constituição arenosa, muito friável. Compactação média com cozedura homogénea (cor - M67). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por grãos de quartzo de dimensão média. Superfície alisada e pouco polida (cor - M67). Produção local ou regional.
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos de formato oval, efectuados a punção. A reduzida dimensão do fragmento não permite compreender o tema na sua totalidade, todavia a composição circular das linhas sugere uma temática relacionada com grinaldas.
Classificação e cronologia – Tipo "Cogotas" I, fase II / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 26 mm; Largura máxima 22 mm; Espessura máxima 4 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. V, n. º 6.

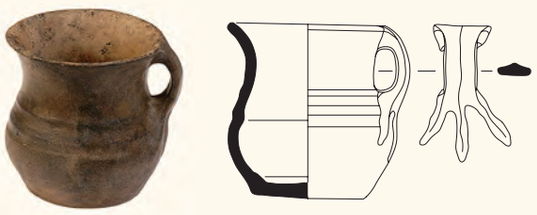


MMAP 55. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (M2.107), 6034.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de elevada depuração com cozedura homogénea (cor - S31). Elementos não plásticos de pequena dimensão, com distribuição uniforme, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida com vestígios de exposição ao fogo (cor - S31).
Descrição – Fragmento de parede e asa de taça carenada de modelação manual. Asa com perfuração lateral.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1a (fase I) / Monte Padrão – Fase I.
Dimensões – Comprimento máximo 40 mm; Largura máxima 35 mm, Espessura máxima 5 mm.
Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. III, n. º 7.

MMAP 56. Copo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 56.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com cozedura uniforme (cor - T73). Elementos não plásticos de pequena dimensão, compostos por quartzo e mica com distribuição uniforme. Superfície alisada e muito polida, com vestígios de exposição ao fogo, (cor - T73).
Descrição – Parede de copo modelado ao torno. Perfil em S, suave e pouco pronunciado, configurando um reservatório oval. Encontra-se fragmentado ao nível do fundo e do bordo. Parede de espessura regular sem estrias internas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase II.
Dimensões – Diâmetro máximo 69 mm; Espessura máxima 9 mm; Altura máxima 78 mm.

MMAP 57. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, 162.
Material – Cerâmica. Pasta homogénea, bem depurada, com cozedura homogénea. Elementos não plásticos constituídos por mica e quartzo de pequeno calibre com distribuição uniforme. Superfície alisada e polida uniformemente (cor - S51).
Descrição – Pote modelada ao torno. Perfil em S com parede contracurvada, simétrica, com fundo plano de assentamento pleno. Bordo lançado para o exterior rematado por lábio de secção arredondada. Parede de espessura irregular com espessamento progressivo para o fundo.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1e (fase III) / Monte Padrão – Fase II.
Dimensões – Diâmetro máximo 135 mm; Espessura máxima 7 mm; Altura máxima 90 mm.

MMAP 58. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (E1A.384), 062.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de pequena dimensão com distribuição uniforme, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida (cor - P51).
Descrição – Taça modelada ao torno. Perfil em S com parede contracurvada com simetria na curvatura. Bordo balançado para o exterior com lábio de secção arredondada. Fundo plano de assentamento pleno. Decoração composta por um canelura de perfil em U inscrita na face superior do bojo a marcar o início da curvatura do arranque do bordo.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1e (fase III) / Monte Padrão – Fase II.
Dimensões – Diâmetro máximo 114 mm; Espessura máxima 4 mm; Altura máxima 64 mm.



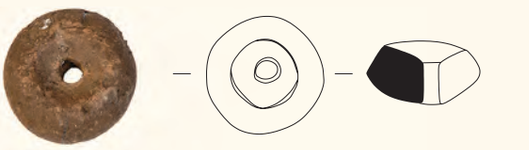
MMAP 59. Púcaro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (E1A.020), 1451.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes, com distribuição uniforme, bem calibrados, compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície alisada e muito polida (cor - P51).
Descrição – Púcaro modelado ao torno. Perfil em S com bojo ligeiramente rebaixado. Bordo projectado para o exterior rematado por lábio de secção arredondada. Fundo discóidal de assentamento pleno. Asa de secção plano-convexa com arestas arredondadas, implantada directamente no lábio e na face superior do bojo. A asa remata em três nervuras divergentes. Decoração composta por três caneluras de perfil arredondado, paralelas entre si, implantadas na face superior do bojo. Parede de espessura progressiva para o fundo.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C2b (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 75 mm; Espessura máxima 4 mm; Altura máxima 80 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.

MMAP 60. Panela de asa interior
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 60.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, feldspato e pequenos núcleos ferrosos. Superfície alisada com acentuado polimento e vestígios de exposição ao fogo (cor - R57).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede com asa interna modelada ao torno. Forma subtronco-cónica com paredes arqueadas e espessamento progressivo para o bordo. Bordo espesso com lábio plano projectado para o interior e ligeiramente descendente. Asas interiores de secção circular, horizontais, implantadas no terço superior da parede, paralelas ao bordo, formando um arco. O local de implantação das asas originou pequenas deformações na face externa da parede.
Classificação e cronologia – Tipo Martins 4 / Armando Coelho D2b2 (III – 3) / Castro de Alvarelhos – Fase II _IIb.
Dimensões – Diâmetro máximo 535 mm; Espessura máxima 14 mm; Altura máxima 140 mm.

MMAP 61. Panela de "asa de orelha"
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (E1A.022), 1849.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura irregular (cor - N50/N25). Elementos não plásticos muito abundantes, em percentagens semelhantes, compostos por quartzo, feldspato e mica. Superfície alisada com polimento mediano. Tonalidade escura com vestígios de exposição ao fogo na face superior da asa (cor - M50).
Descrição – Fragmento de asa, bordo e arranque de parede de panela de "asa de orelha". Parede curva com bordo em fita arqueada e aprumada. Asa com orifício para suspensão com vestígios de desgaste na face superior.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D2c – 6 A / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 100 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm

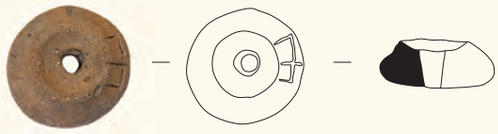
MMAP 62. Panela de asa interior
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 185.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta, com cozedura uniforme, bem depurada, com elementos não plásticos de pequena dimensão, compostos por mica e quartzo, distribuídos uniformemente, e, em menor percentagem, por feldspato. Superfície alisada e integralmente polida, com excepção da face inferior que apresenta uma textura rugosa. Tonalidade muito escura com vestígios de exposição ao fogo (cor - S 31).
Descrição – Fragmento de bordo de panela de asa interior modelada ao torno. Forma subtronco-cónica com parede arqueada e espessamento progressivo para o bordo. Bordo espesso com lábio plano e horizontal. Asa interior de secção circular, horizontal, implantada no terço superior da parede, paralela ao bordo, formando um arco.
Classificação e cronologia – Tipo Martins 6 / Armando Coelho D2b2 (II – 1) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 110 mm; Largura máxima 67 mm; Espessura máxima do bordo 12 mm.

MMAP 63. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, n.º 1103.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura, de coloração clara (cor - N71). Abundantes elementos não plásticos compostos por mica branca (moscovite) e alguns pontos ferrosos. Superfície alisada com polimento rudimentar. Encontra-se ligeiramente fragmentado da face lateral.
Descrição – Formato bitronco-cónico, ligeiramente assimétrico. Orifício descentrado. Cavidade superior com rebaixamento suave e pouco profundo. Faces laterais de arestas arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D2 (29) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 26 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 7.2 gr.

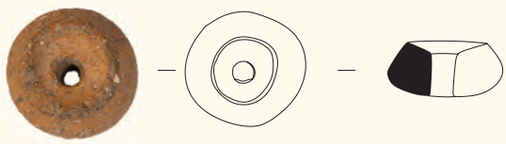


MMAP 64. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, n.º 1104.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, com cozedura homogénea. Elementos não plásticos constituídos por mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada com polimento incipiente, de tonalidade escura (cor - P 70).
Descrição – Formato bitronco-cónico, assimétrico. Orifício de perfil tronco-cónico com eixo descentrado. Cavidade superior com rebaixamento contínuo ao centro do orifício. Faces laterais convergentes com aresta de perfil arredondado.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D2 (29) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 23 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 5.2 gr.

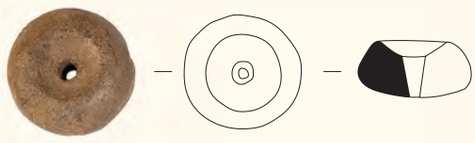
MMAP 65. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 222.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por moscovite e quartzo de pequena dimensão. Superfície alisada e polida de cor castanho-escuro (cor - T31).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena no terço inferior, assimétrico. Orifício tronco-cónico invertido, ligeiramente descentrado em relação ao eixo. Cavidade superior com rebaixamento regular e contínuo ao centro do orifício.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D2 (29) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 21 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 4 mm; Peso 5.4 gr..



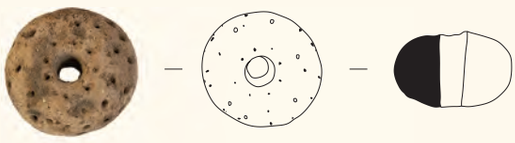
MMAP 66. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD E1A (006), 625.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, feldspato e pequenos núcleos ferrosos. Superfície alisada com acentuado polimento (cor - N70).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena no terço inferior de perfil arredondado, ligeiramente assimétrico. Orifício tronco-cónico invertido, descentrado em relação ao eixo. O orifício foi efectuado do fundo para o topo o que provocou o arrastamento e acumulação da pasta no topo superior. Cavidade superior pouco profunda com rebaixamento regular desde a aresta superior ao centro do orifício. Conserva um grafito na face lateral, implantado entre a carena e o topo superior, composto por três hastes verticais, paralelas entre si, unidas na base por um traço horizontal.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho H2 (68) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 35 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do orifício 6 mm; Peso 17.4 gr..



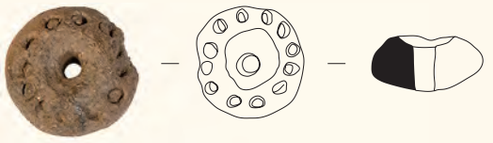
MMAP 67. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 67.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com elementos não plásticos compostos por quartzo de calibre médio e, pontualmente, mica e feldspato. Superfície alisada, medianamente polida, de cor clara (cor - M71).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena ao nível do terço inferior de perfil arredondado e fundo convexo. Orifício de perfil tronco-cónico centrado em relação ao eixo. Cavidade superior pronunciada com rebaixamento regular e contínuo desde a aresta superior ao limite do orifício.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D2 (29) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 24 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6.7 gr..



MMAP 68. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 68.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão, distribuídos uniformemente, compostos por mica e quartzo. Superfície alisada e integralmente polida, de tonalidade escura (cor - P51).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena de perfil arredondado, implantada no terço superior. Fundo plano. Orifício centrado ao eixo de perfil tronco-cónico, invertido, ligeiramente assimétrico. Cavidade superior pouco profunda de recorte irregular, com rebaixamento suave e progressivo desde a aresta superior ao limite do orifício.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D2 (29) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 31 mm; Altura máxima 15 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 15.2 gr..

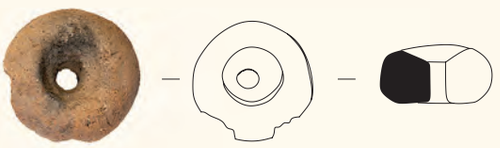


MMAP 69. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, n.º 070.
Material – Cerâmica. Pasta medianamente compacta com constituição arenosa e depuração mediana. Cozedura pouco uniforme apresentando manchas escuras à superfície. Elementos não plásticos bem calibrados, de pequena dimensão, compostos por mica, quartzo e feldspato, distribuídos uniformemente. Superfície alisada, sem polimento, de toque áspero e cor clara (cor - N75).
Descrição – Cossoiro discóidal de arestas arredondadas. Fundo e topo planos. Orifício centrado ao eixo de perfil tronco-cónico, invertido. Decoração composta por orifícios puncionados de diferente diâmetro que cobrem a face superior e a face lateral, sem organização aparente.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho G1 (47) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 28 mm; Altura máxima 16 mm; Diâmetro máximo do orifício 5/6 mm; Peso 12.2 gr..



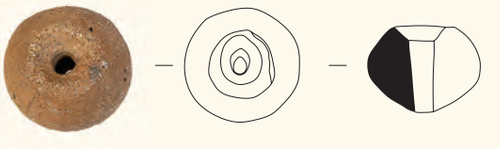
MMAP 70. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, n.º 1075.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta, bem depurada, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão, compostos essencialmente por mica, que aflora à superfície. Superfície alisada e integralmente polida de cor escura (cor - P71).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena de perfil arredondado implantada no centro da face lateral. Fundo plano-convexo. Orifício centrado ao eixo da peça de perfil cónico, ligeiramente assimétrico. Cavidade superior pouco profunda de recorte muito irregular, com rebaixamento suave e progressivo desde a aresta superior ao limite do orifício. Decoração composta por 12 círculos impressos na face superior, dispostos radialmente à volta do orifício.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D2 (30) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 26 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 4 mm; Peso 7.0 gr..
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. X, 99; MOREIRA 2005, 30.

MMAP 71. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, n.º 220.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta, bem depurada, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão, compostos essencialmente por mica e, em menor percentagem, por quartzo e feldspato. Superfície alisada e polida, com excepção da face inferior que apresenta uma textura rugosa. Tonalidade muito escura (cor - P71).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena de perfil arredondado, implantada na face inferior. Fundo plano-convexo. Orifício claramente descentrado do eixo da peça. Cavidade superior muito profunda, recortada num momento posterior à elaboração da peça, de recorte irregular. Encontra-se ligeiramente fracturado na face lateral.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho G2 (59) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 25 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 4/5 mm; Peso 6.3 gr..

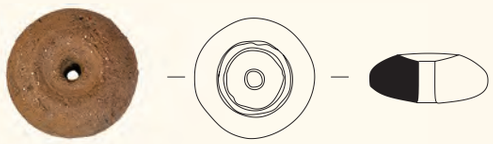


MMAP 72. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 E1A (010), 923.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura pouco uniforme, revelando uma tonalidade escura no núcleo da pasta. Pasta pouco depurada, com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, feldspato e elementos ferrosos, de diferente calibre e distribuição pouco uniforme. Superfície alisada, com polimento incipiente, de textura rugosa. Tonalidade clara com cor pouco uniforme (cor - M71).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena intermédia de perfil arredondado, assimétrico. Fundo plano-convexo. Orifício descentrado em relação ao eixo da peça, de perfil tronco-cónico, ligeiramente inclinado. Cavidade superior profunda, descentrada em relação ao orifício. Encontra-se fracturado no fundo e na face lateral.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2 (7) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 14 mm; Diâmetro máximo do orifício 6/7 mm; Peso 12.7 gr..

MMAP 73. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, n.º 219.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, friável, de textura arenosa com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes, bem calibrados, compostos por mica, quartzo e feldspato. Superfície rugosa com alisamento incipiente mas uniforme. Tonalidade clara resultante de uma cozedura oxidante (cor - N70).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena intermédia de perfil arredondado localizada no terço inferior. Fundo plano-convexo. Orifício descentrado em relação ao eixo da peça de perfil tronco-cónico. Cavidade superior profunda, com inclinação progressiva da aresta superior ao limite do orifício.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho G2 (57) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 28 mm; Altura máxima 14 mm; Diâmetro máximo do orifício 4/5 mm; Peso 11.2 gr..

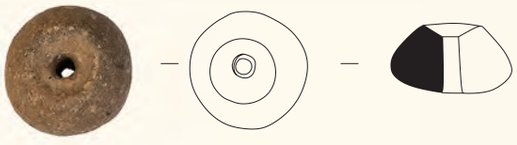


MMAP 74. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 92 A, op. 02.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura. Elementos não plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por mica, quartzo e, pontualmente, feldspato. Superfície alisada e muito polida coberta por uma aguada forte e espessa de tonalidade creme (cor - N71).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico de perfil arredondado, assimétrico, com carena muito pronunciada, localizada a meio da face lateral. Fundo curto formado apenas pelas arestas do orifício. Orifício de perfil tronco-cónico, descentrado em relação ao eixo da peça. Cavidade superior pouco profunda, ligeiramente deformada, com inclinação progressiva do topo superior ao limite do orifício.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho E2 (32) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 26 mm; Altura máxima 19 mm; Diâmetro máximo do orifício 4/5 mm; Peso 10.2 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.

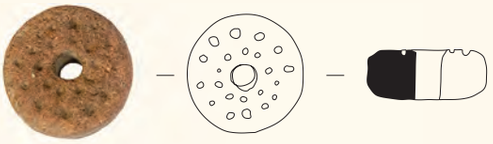


MMAP 75. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N. Inv.º – PAD 87 (000).
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes, bem calibrados, de dispersão irregular, compostos por quartzo, feldspato, núcleos ferrosos e, em maior abundância, por mica que aflora à superfície. Superfície alisada com polimento mediano, com excepção da face inferior, onde revela uma textura rugosa. Tonalidade mais clara na face superior (cor - N50).
Descrição – Cossoiro discóidal de parede curva e perfil arredondado, configurando uma carena intermédia muito suave. Orifício centrado em relação ao eixo, de perfil tronco-cónico invertido. Cavidade superior larga e pouco profunda. Apresenta como decoração um círculo concêntrico no interior a marginar a aresta. Na face lateral, ao nível da carena, apresenta também uma linha incisa que sugere uma divisão da peça em duas partes iguais.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho G2 (57) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 37 mm; Altura máxima 15 mm; Diâmetro máximo do orifício 6/4 mm; Peso 24.6 gr..

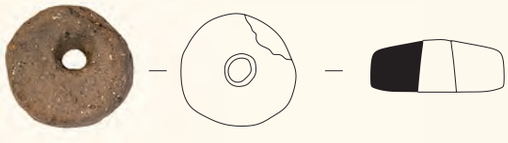
MMAP 76. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, n.º 208.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, feldspato, núcleos ferrosos e mica. Superfície alisada com polimento mediano. Tonalidade escura (cor - P51).
Descrição – Cossoiro discóidal de paredes rectas e arestas arredondadas, assimétrico, com espessura irregular. Orifício de perfil cilíndrico centrado em relação ao eixo. Faces superior e inferior planas, levemente deterioradas.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (2) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 29 mm; Altura máxima 13 mm; Diâmetro máximo do orifício 6 mm; Peso 12.4 gr..



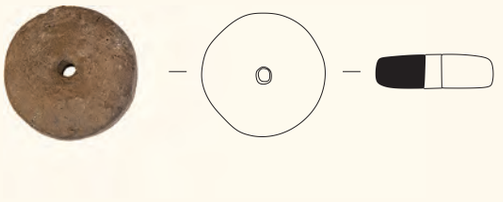
MMAP 77. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, n.º 215.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta, com cozedura uniforme, bem depurada. Elementos não plásticos de pequena dimensão, distribuidos uniformemente, compostos essencialmente por mica, quartzo, e, em menor percentagem, por feldspato. Superfície alisada e integralmente polida, com excepção da face inferior que apresenta uma textura rugosa. Tonalidade muito escura (cor - S51).
Descrição – Cossoiro bitronco-cónico com carena de perfil arredondado e fundo plano-convexo. Orifício de perfil tronco-cónico invertido, centrado em relação ao eixo. Cavidade superior pouco pronunciada com rebaixamento regular e contínuo desde a aresta superior ao limite do orifício, levemente deformada. Encontra-se ligeiramente fragmentado na face lateral ao nível da carena.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho H29 (69) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 27 mm; Altura máxima 14 mm; Diâmetro máximo do orifício 3/4 mm; Peso 11.5 gr..



MMAP 78. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, n.º 206.
Material – Arenito de grão fino e cor uniforme (cor - P30).
Descrição – Cossoiro discóidal de paredes rectas de espessura irregular, assimétrico, com arestas arredondadas. Orifício de perfil cilíndrico, descentrado em relação ao eixo, com ligeira deformação na face superior. Faces levemente deterioradas. Superfícies polidas e bem regularizadas. Decoração composta por pequenos pontos incisos na face superior, organizados em dois círculos concêntricos dispostos à volta do orifício de fixação da haste do fuso.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (2) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 34 mm; Altura máxima 15 mm; Diâmetro máximo do orifício 7 mm, Peso 20.1 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.



MMAP 79. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 91A (002), n.º 6051.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura irregular. Elementos não plásticos muito abundantes compostos por quartzo e, em maior abundância, mica que aflora à superfície. Tonalidade escura uniforme em toda a peça (cor - P70).
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento de cerâmica. Formato discóidal, assimétrico, de espessura irregular. Faces laterais planas e arestas arredondadas. Orifício de perfil tronco-cónico, deformado na face superior, descentrado em relação ao eixo da peça.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (4) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 28 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 7 mm; Peso 9.7 gr..

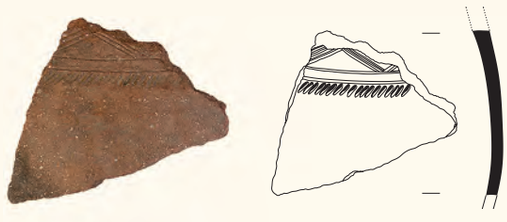


MMAP 80. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, n.º 213.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta, com cozedura uniforme, bem depurada. Elementos não plásticos de pequena dimensão, distribuídos uniformemente, compostos essencialmente por mica. Superfície alisada e integralmente polida, de tonalidade escura (cor - S51).
Descrição – Cossoiro discóidal de parede curva e arestas arredondadas. Orifício centrado em relação ao eixo, de perfil tronco-cónico, invertido. Faces planas. Encontra-se ligeiramente fragmentado na face superior junto à aresta.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (2) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 45 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 26.2 gr..

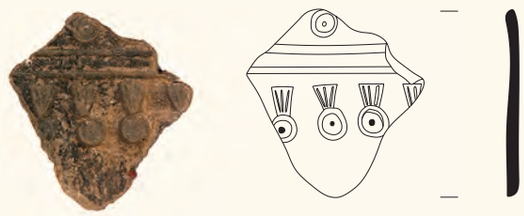
Os cossoiros (*verticilli*) são pequenos discos com perfuração central, cuja função se relaciona com a actividade têxtil, especificamente com a fiação. São objectos que registam uma ampla difusão e um largo espectro cronológico não podendo ser considerados específicos de uma determinada época ou civilização. Destinavam-se a ser colocados na face inferior do fuso, ao qual conferiam o equilíbrio necessário servindo de volante e de lastro durante o movimento rotativo. O repertório de formas é relativamente elevado, sendo admissível uma correspondência cronológica com o evoluir das formas mais simples para as mais elaboradas, associando-se também a gramática decorativa à evolução cronológica. A diferença de peso e dimensão tem vindo a ser valorizada por alguns autores, relacionando-a com a adequação para a fiação de determinado tipo de fibras de diferente dureza (SILVA 1986, 137), ponderando-se, inclusivamente, a possibilidade da funcionalidade dos exemplares de menor dimensão se relacionar com o vestuário.
O enquadramento crono-estratigráfico das peças mais antigas, documentados no Castro de Romariz, Vila da Feira, em horizontes cronológicos do séc. V a.C. (SILVA 1986, 137), elaborados em cerâmica púnica, tem permitido referenciar as primeiras formas desta técnica de fiação na região, vinculando-a a influências alógenas, de feição meridional, em consonância com a difusão de outras actividades artesanais como, por exemplo, a metalurgia do ferro, que se difunde na região no mesmo momento cultural.

MMAP 81. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 81.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão, distribuídos uniformemente, compostos essencialmente por mica. Superfície alisada, integralmente polida, de tonalidade escura (cor - P53).
Descrição – Pote modelado ao torno. Perfil em S, com reservatório bojudo e bordo lançado para o exterior. Lábio mais estreito que a parede de secção arredondada. Parede de espessura uniforme com vestígios de estrias do levantamento da peça. Fundo plano de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C1e / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Altura máxima 113 mm; Espessura máxima 6 mm; Diâmetro máximo do bordo 106 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 31.

MMAP 82. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 82.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, feldspato, núcleos ferrosos e mica. Superfície alisada com polimento mediano. Tonalidade escura (cor - S31).
Descrição – Pote de modelação ao torno. Perfil em S, assimétrico, com reservatório alto e bojudo e bordo lançado para o exterior. Colo curto e espesso. Lábio de secção arredondada, mais estreito que a parede, ligeiramente descendente. Parede de espessura uniforme com vestígios de estrias. Fundo plano, discóidal, de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C1e / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Altura máxima 108 mm; Diâmetro máximo do bordo 110 mm; Espessura máxima do bordo 7mm.

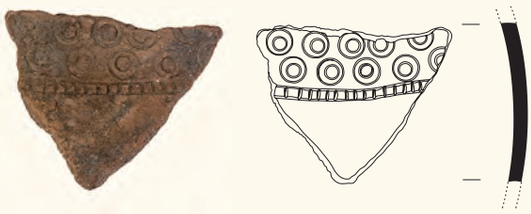


MMAP 83. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 109.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura, bem depurada, de composição laminar. Cozedura uniforme em ambiente oxidante (cor – N30). Elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo e, em maior percentagem, por mica, que aflora à superfície da pasta conferindo um aspecto brilhante à peça. Superfície alisada e polida (cor – N51).
Descrição – Fragmento de parede de pote. Decoração composta por motivos incisos organizados em banda. Face superior composta por um conjunto de linhas paralelas formando triângulos e, na face inferior, separado por uma banda composta por duas linhas incisas, um friso de pequenos alvéolos dispostos na diagonal, orientados à direita, paralelos entre si.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2 - 218 + 110 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Altura máxima 100 mm; Largura máxima 80 mm; Espessura máxima 8 mm.

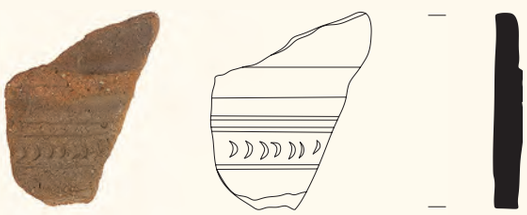


MMAP 84. Fragmento de cerâmica com decoração impressa e incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 109.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada de composição laminar. Cozedura uniforme em ambiente redutor (cor - P71). Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e núcleos ferrosos. Superfície alisada com vestígios de exposição ao fogo (cor - R70).
Descrição – Fragmento de parede de pote. Decoração impressa composta por medalhões triangulares rematados por círculos, dispostos na face inferior de uma banda formada por duas linhas incisas paralelas entre si.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C - 517 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 37 mm; Espessura máxima 5 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VII, 52.

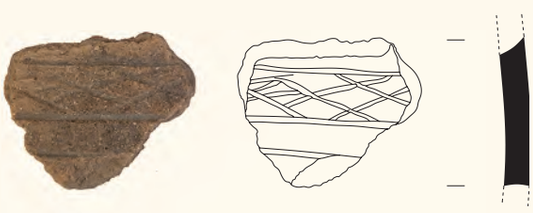
MMAP 85. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 116.
Material – Cerâmica. Pasta medianamente depurada de estrutura laminar, com cozedura homogénea (cor - P30). Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada com polimento incipiente (cor - N51).
Descrição – Fragmento de parede de pote de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos organizada em função de uma banda superior na qual se inscrevem uma série de pontos incisos, conjugada com triângulos compostos por linhas incisas, desfasadas entre si.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2 – 240 (fase II) / Monte Padrão – Fase II.
Dimensões – Comprimento máximo 50 mm; Largura máxima 31 mm; Espessura máxima 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VI, 37.



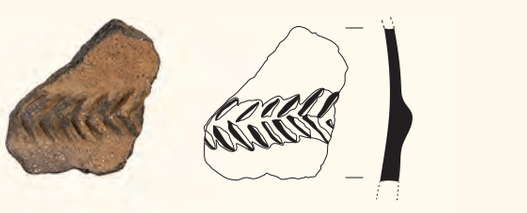
MMAP 86. Fragmento de cerâmica com decoração incisa e impressa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II B, 067.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (cor - T51). Estrutura laminar com poucos elementos não plásticos, compostos por mica de pequeno calibre. Superfície alisada e medianamente polida (cor - N51).
Descrição – Fragmento de parede de pote de modelação manual. Decoração composta por um conjunto de duplos círculos impressos, organizados em duas fiadas. O limite inferior consta de friso composto por duas linhas incisas, paralelas entre si, seccionadas por elementos verticais, formando pequenos rectângulos.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 559 (fase II) / Monte Padrão – Fase II.
Dimensões – Comprimento máximo 70 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VII, 50.



MMAP 87. Fragmento de cerâmica com decoração incisa e impressa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 118.
Material – Cerâmica. Pasta de composição arenosa e textura friável. Estrutura laminar com abundantes elementos não plásticos, compostos por quartzo e mica de calibre e distribuição irregular. Cozedura irregular revelando um núcleo mais escuro que as superfícies (cor - P50/P51). Superfície irregular sem polimento (cor - N51).
Descrição – Fragmento de parede de pote de modelação manual. Decoração organizada em bandas a partir de uma canelura superior de secção rectangular, junto da qual se desenvolvem três linhas incisas, paralelas entre si, onde se inscrevem um conjunto de crescentes.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 411 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 60 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 11 mm.



MMAP 88. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, 1078.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta, de estrutura laminar com cozedura irregular (cor - N47/P51). Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre. Superfície alisada e polida (cor - S51).
Descrição – Fragmento de parede de pote modelado ao torno. Decoração incisa formada por duas bandas, conservando a superior um motivo composto por linhas incisas cruzadas a formar triângulos.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 – 267 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 39 mm; Largura máxima 35 mm; Espessura máxima 6 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VI, 43.

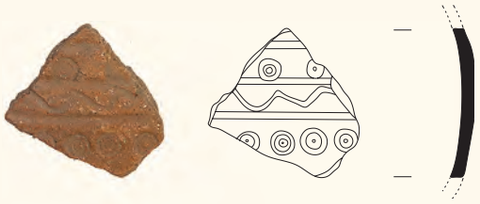


MMAP 89. Fragmento de cerâmica com decoração plástica
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 113.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar, com cozedura uniforme (cor - T31). Elementos não plásticos muito abundantes, constituídos por quartzo e mica, de calibre e distribuição pouco uniforme. Superfície alisada, pouco polida, coberta por uma aguada espessa e aderente de tom claro (cor - N51).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por uma nervura em relevo de secção triangular, na qual foi efectuado, por incisão, um motivo em espinha, composto por sulcos convergentes.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 651 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 52 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 13 mm.

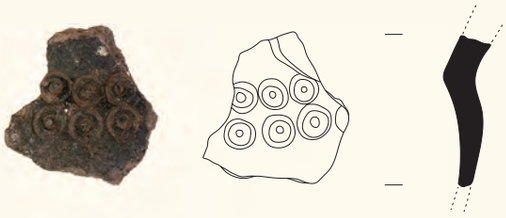
MMAP 90. Fragmento de cerâmica com decoração impressa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 M1 (009), 2977.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, pouco depurada, de estrutura laminar. Cozedura irregular, (cor - P50). Elementos não plásticos abundantes, mal calibrados, de distribuição irregular, compostos por quartzo, mica e, pontualmente, feldspato. Superfície alisada, pouco polida, aflorando à superfície as partículas de mica e quartzo. Intensos vestígios de exposição ao fogo na face superior (cor - N51/T31).
Descrição – Fragmento de parede de pote de modelação manual. Decoração composta por motivos impressos, organizados em linhas horizontais, sendo a face inferior composta por semicírculos concêntricos, a 2ª fila por banquetas de recorte trapezoidal, a 3ª novamente por semicírculos concêntricos e, por último, a 4ª fila, por círculos concêntricos.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase II_III.
Dimensões – Comprimento máximo 85 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 10 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 31.

MMAP 91. Fragmento de cerâmica com decoração plástica
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 122.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta, de estrutura laminar, com cozedura uniforme (cor - P31). Elementos não plásticos pouco abundantes, compostos por mica e feldspato de pequeno calibre e distribuição uniforme. Superfície alisada, muito polida e de tom brilhante (cor - P31).
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modelação ao torno. Decoração composta por um cordão aplicado com incisões transversais.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 38 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 6 mm.

MMAP 92. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 123.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura. Cozedura uniforme (cor - N55). Elementos não plásticos pouco abundantes e de calibre muito reduzido, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida (cor - P70).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por uma banda formada por duas linhas incisas, na qual se inscrevem elementos verticais também incisos, paralelos entre si, com ligeira inclinação à direita.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 650 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 34 mm; Largura máxima 33 mm; Espessura máxima 6 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VIII, 76.



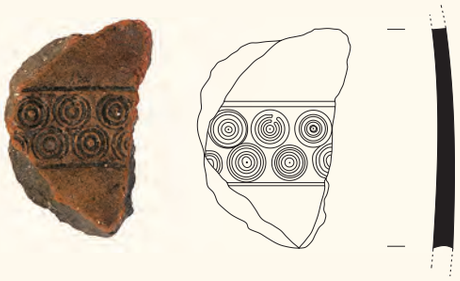
MMAP 93. Fragmento de cerâmica com decoração estampada e incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIB, C 1023.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar. Elementos não plásticos muito abundantes, bem calibrados e com distribuição uniforme. Cozedura uniforme (cor - P50). Superfície alisada e medianamente polida coberta por uma aguada fina de tonalidade clara (cor - P40).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por motivos impressos e incisos. Organização estruturada em bandas nas quais alternam círculos concêntricos e meandros.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 549 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 44 mm; Largura máxima 45 mm; Espessura máxima 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VI, 49.



MMAP 94. Fragmento de cerâmica com decoração estampada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 95 A, op. 40.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - P30). Estrutura laminar com elementos não plásticos distribuidos uniformemente, compostos essencialmente por mica de pequeno calibre. Superfície alisada e medianamente polida, de cor negra, com intensos vestígios de fuligem (cor - S51).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por duas fiadas de círculos concêntricos.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 559 (fase II) / Monte Padrão – Fase II_III.
Dimensões – Comprimento máximo 36 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 9 mm.

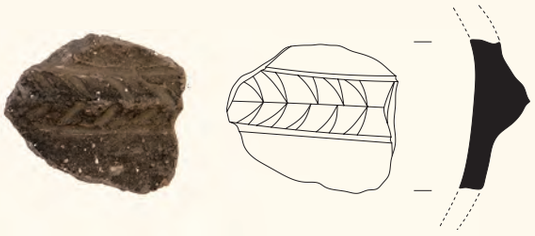
MMAP 95. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIB, 069.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura, bem depurada, de composição laminar. Cozedura uniforme em ambiente oxidante (cor - N29). Elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo e, em maior percentagem, por mica que aflora à superfície da pasta, conferindo um aspecto brilhante à peça. Superfície alisada e polida (cor - N29). A face interior encontra-se corroída.
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração inscrita numa banda composta por duas linhas incisas, formada por elementos incisos de recorte oval, dispostos em forma de espinha.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2 – 114 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 58 mm; Espessura máxima 9 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VIII, 65.

MMAP 96. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 106.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura. Praticamente desprovida de elementos não plásticos que apresentam um calibre muito pequeno. Cozedura uniforme (cor - M30). Superfície alisada e muito polida (cor - N70).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por três molduras em relevo, encontrando-se a do centro decorada com motivos incisos transversais, paralelos entre si.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 650 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 62 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 7 mm.



MMAP 97. Fragmento de cerâmica com decoração estampada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II B, C 1077.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta, de estrutura laminar com cozedura irregular (cor - R50/S31). Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre. Superfície alisada e polida (cor - R50).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por círculos concêntricos organizados em duas fiadas inscritas numa banda definida por duas linhas incisas, paralelas entre si.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C 557 (fase II) / Monte Padrão – Fase II_III.
Dimensões – Comprimento máximo 34 mm; Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VII, 51.

MMAP 98. Fragmento de cerâmica com decoração incisa e pontilhada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIB, C 1022.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura. Cozedura uniforme (cor - S73). Elementos não plásticos pouco abundantes, de calibre muito reduzido, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida (cor - S73).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por linhas incisas a configurar duas bandas, numa das quais se inscrevem linhas transversais de três pontos, paralelas entre si.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2 – 123 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 40 mm; Largura máxima 25 mm; Espessura máxima 6 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VIII, 78.



MMAP 99. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, 111.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de cozedura uniforme (cor - T29). Estrutura laminar com poucos elementos não plásticos, compostos apenas por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície alisada e medianamente polida, de cor negra, com intensos vestígios de exposição ao fogo (cor - T29).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por uma nervura em relevo, de secção triangular, no qual foi efectuado, por incisão, um motivo em espinha.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 651 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 40 mm; Largura máxima 35 mm; Espessura máxima 9 mm.

MMAP 100. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II B, C 1004.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta, de estrutura laminar, com cozedura irregular (cor - P30/S31). Elementos não plásticos com distribuição uniforme, compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre. Superfície alisada e polida (cor - P30).
Descrição – Fragmento de parede de vaso de modelação ao torno. Decoração composta por cordão aplicado com incisões transversais.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C 644 / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 31 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 8 mm.

MMAP 101. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II B, C 1061.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura, bem depurada, de composição laminar. Cozedura uniforme em ambiente oxidante (cor - R29). Elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo e, em maior percentagem, por mica que aflora à superfície da pasta, conferindo um aspecto brilhante à peça. Superfície alisada e polida (cor - P30).
Descrição – Fragmento de vaso de modelação manual. Decoração composta por triângulos formados por linhas incisas inscritos numa banda.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2 – 240 (fase II – III) / Monte Padrão – Fase II.
Dimensões – Comprimento máximo 78 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VI, 39; MOREIRA 2005, 30.

MMAP 102. Fragmento de cerâmica com decoração estampada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II B, C 1025.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta, de estrutura laminar com cozedura homogénea (cor - R50). Elementos não plásticos distribuidos uniformemente, compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre. Superfície alisada e polida (cor - R50).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração em bandas sucessivas formadas por linhas incisas com pontos puncionados, alternando entre bandas lisas e bandas decoradas.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 650 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 35 mm; Largura máxima 35 mm; Espessura máxima 5 mm.

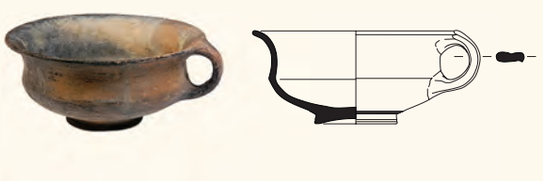
MMAP 103. Fragmento de cerâmica com decoração incisa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, 1076.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de calibre médio e distribuição uniforme. Cozedura uniforme (cor - P30). Superfície alisada, pouco polida, de textura rugosa com elementos não plásticos à superfície (cor - P30).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por um cordão aplicado com incisões transversais.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C – 644 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 85 mm; Largura máxima 48 mm; Espessura máxima 13 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VI, 22.

MMAP 104. Fragmento de cerâmica com decoração incisa e pontilhada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II B, C 1020.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura. Cozedura uniforme (cor - T30). Elementos não plásticos pouco abundantes de calibre muito reduzido, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida (cor - T30).
Descrição – Fragmento de parede de vaso modelado ao torno. Decoração composta por um conjunto de linhas incisas, paralelas entre si, intervaladas por linhas de pontos.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho D4 – 904 (fase II / III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 36 mm; Largura máxima 41 mm; Espessura máxima 4 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. VIII, 80.

MMAP 105. Mó rotativa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 105.
Material – Granito.
Descrição – Elemento dormente de mó rotativa. Contorno circular com orifício central de perfil cónico com faces laterais verticais. Secção cónica com topo superior aplanado. Face superior polida com claros vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase III
Dimensões – Diâmetro máximo 420 mm; Altura máxima 145 mm; Largura máxima 160 mm; Diâmetro orifício central 71 mm; Altura das faces laterais 145 mm.

MMAP 106. Mó rotativa
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 106.
Material – Granito.
Descrição – Fragmento movente de mó rotativa. Contorno circular com orifício central cónico e depressão envolvente de recorte tronco-cónico. Secção subtrapezoidal. Faces laterais planas. Face interna polida com claros vestígios de utilização.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 41 mm; Largura máxima 380 mm; Espessura máxima 120 mm.

MMAP 107. Panela
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 107.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior abundância, por mica (cor - N51). Superfície alisada e bem polida com abundantes partículas de mica à superfície. Conserva vestígios de exposição ao fogo (cor - M1).
Descrição – Fundo plano de assentamento pleno. Parede arqueada lançada para o interior com bordo bilobulado para aplicação de testo. Apresenta duas asas de fita, simétricas, com secção subtriangular em posição horizontal, implantadas no terço superior da parede.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho E3b (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 365 mm; Altura máxima 84 mm; Espessura máxima ao nível do bordo 14 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.



MMAP 108. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II E1, C2, 036.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta. Elementos não plásticos de pequena dimensão e bem calibrados entre si, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida com vestígios de aguada espessa e aderente (cor - M71/P30).
Descrição – Perfil em S, com carena marcada no terço inferior. Fundo com pé de secção triangular com fundo côncavo. Bordo projectado para o exterior rematado por lábio de perfil arredondado. Asa de fita de secção sub-rectangular com as arestas arredondadas, implantada ao nível superior do bordo e ao nível inferior da carena, no terço inferior da parede.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A2b (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 126 mm; Altura máxima 57 mm; Espessura máxima ao nível do bordo 6 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 31.

MMAP 109. Lucerna
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (E1A.00), 01.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, dura, com cozedura irregular, conservando um núcleo mais escuro que as superfícies (cor - P31/P50). Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo. Superfície alisada, áspera, com abundantes elementos não plásticos à superfície. Conserva vestígios de fuligem numa das faces.
Descrição – Fragmento de lucerna modelada ao torno, conservando estrias no fundo e parede. Conserva-se apenas 1/3 da peça, cujo recorte permite definir um corpo circular ou ligeiramente oval. Disco pouco individualizado de perfil côncavo. Parede alta e arqueada. Bico largo, bem definido, projectado para o exterior. *Rostrum* desprovido de qualquer tipo de decoração. Fundo plano de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo… / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 87 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima da parede 6 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.

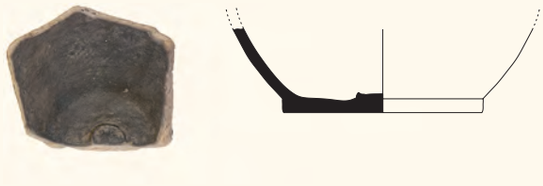
MMAP 110. Púcaro – *Cerâmica cinzenta fina*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (E1A.010), 811.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada e dura, com cozedura uniforme (cor - L31). Elementos não plásticos compostos apenas por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e muito polida (cor - R31).
Descrição – Fragmento de bordo de púcaro de perfil em S, fragmentado ao nível do arranque do bojo. Bordo aberto com lábio de perfil arredondado. Ombro marcado por um friso de perfil anguloso. O arranque da parede evidencia um perfil ovóide. Decoração brunida composta por linhas verticais, paralelas entre si, com espaçamento regular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo 75 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima da parede 5 mm.
Bibli. – SOEIRO 1981-1982, 107, est. X, 2.

MMAP 111. Púcaro – *Cerâmica cinzenta fina*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 (E1A.006), 531.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada e dura com cozedura uniforme (cor - L31). Elementos não plásticos compostos apenas por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e muito polida (cor - R31).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de púcaro. Perfil em S com parede arqueada, denotando um bojo baixo de perfil oval. Colo alto e arqueado com bordo projectado para o exterior rematado por lábio espessado de secção oval. Decoração brunida compostas por linhas quebradas inscritas sobre o colo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máxima 71 mm; Altura máxima 24 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.

MMAP 112. Copo – *Cerâmica cinzenta fina*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, s/n.º.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, dura, com cozedura uniforme (cor - M31). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e pouco polida (cor - N31).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de copo. Perfil em S, denotando um reservatório oval. Parede arqueada com colo curto e bordo projectado para o exterior. Lábio de espessura igual à parede de secção arredondada. Apresenta uma canelura de perfil triangular a marcar o limite inferior do colo e o arranque do bojo. Decoração brunida inscrita no colo e bojo composta por linhas verticais, paralelas entre si, rematadas na face inferior por um meandro.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo 69 mm; Altura máxima 44 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.
Bibli. – SOEIRO 1981-1982, 107, est. X, 8.

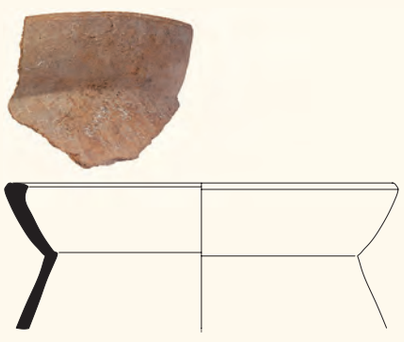
MMAP 113. Copo – *Cerâmica cinzenta fina*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD (E1A.20), 1553.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada com cozedura uniforme (cor - L31). Elementos não plásticos compostos essencialmente por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e muito polida (cor - R31).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de púcaro. Perfil em S com parede arqueada. Colo alto e curvo com bordo projectado para o exterior rematado por lábio pontiagudo. Canelura estreita a marcar o início do bojo. Decoração brunida de linhas paralelas inscritas sobre o colo e bordo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 72 mm; Altura máxima 33 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.

MMAP 114. Púcaro – *Cerâmica cinzenta fina*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II X, 251.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada com cozedura uniforme (cor - N31). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e pouco polida (cor - N31).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de púcaro. Perfil em S com parede arqueada. Colo alto e pouco pronunciado com bordo projectado para o exterior rematado por lábio espesso de secção oval. Decoração brunida composta por linhas verticais perpendiculares sobre o colo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 75 mm; Altura máxima 35 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.



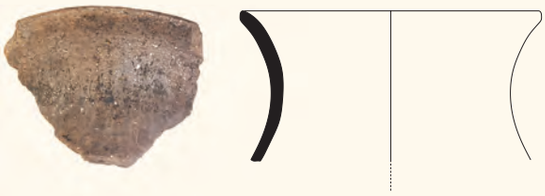
MMAP 115. Púcaro – *Cerâmica cinzenta fina*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, 068.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura uniforme (cor - L31). Elementos não plásticos compostos essencialmente por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e muito polida (cor - T31).
Descrição – Fragmento de fundo e arranque de parede. Fundo discóidal com aresta angulosa. Fundo ligeiramente convexo de assentamento irregular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Comprimento máximo do fundo 61 mm; Largura máxima do fundo 62 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.

MMAP 116. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 E (A1.020), 1599.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme (cor - P70). Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície alisada e muito polida com partículas de mica à superfície (cor - P70). Conserva sinais de exposição ao fogo na face inferior, junto ao fundo.
Descrição – Fragmento de fundo e arranque de parede de pote. Fundo plano, ligeiramente côncavo, com assentamento irregular. O encontro entre a parede e fundo forma uma moldura excisa de perfil arredondado. Parede arqueada com espessura regular.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho G1 – II1 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo do fundo 336 mm; Altura máxima 81 mm; Espessura máxima da parede 12,7 mm.



MMAP 117. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 E (A1.021), 1601.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme (cor - N51). Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície alisada e polida com partículas de mica à superfície (cor - P70). Conserva sinais de espatulamento na face superior do bojo.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de pote. Parede arqueada evidenciando um bojo baixo e largo, marcado por uma carena interna muito vincada de demarcação dos dois planos. Bordo largo e arqueado projectado para o exterior. Lábio facetado na face interna, onde desenvolve uma carena de perfil anguloso.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho G1b-IIA,1 (fase III) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 311 mm; Altura máxima 114 mm; Espessura máxima do bordo 18 mm.

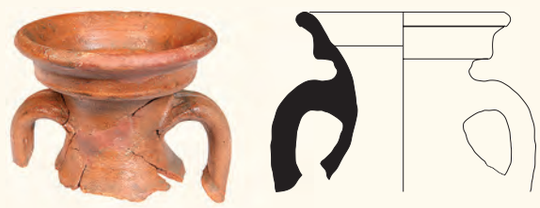
MMAP 118. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85E (1A.001), 045.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme (cor - P70). Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato, partículas ferrosas e mica. Superfície alisada e muito polida, com partículas de mica à superfície (cor - P70).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil em S. Colo curto, de perfil curvo, com bordo projectado para o exterior, rematado por lábio de perfil arredondado, ligeiramente pontiagudo.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C1c,6 (fase II) / Monte Padrão – Fase II_III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 188 mm; Altura máxima 64 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.



MMAP 119. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85 E (1A.006), 585.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura irregular, evidenciando um núcleo mais escuro (cor - P71). Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e mica. Superfície alisada e muito polida com partículas de mica à superfície (cor - P70). Conserva sinais de exposição ao fogo na face superior junto ao bordo.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil em S. Colo alto de perfil curvo, projectado para o exterior, rematado por lábio de perfil arredondado.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho C1c,6 (fase II) / Monte Padrão – Fase II_III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 126 mm; Altura máxima 61 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.

MMAP 120. Almofariz
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 99 B (E5 – 01), 1041,1116, 1682.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (cor - R40+S47). Elementos não plásticos abundantes, compostos por mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada coberta por engobe espesso e aderente (cor - R20).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam um perfil completo de almofariz. Perfil tronco-cónico, com paredes arqueadas. Bordo em forma de aba com lábio arredondado e ligeiramente descaído. Dorso do bordo com pequeno lábio arredondado marcado por friso de perfil em U. Vertedouro de planta trapezoidal, simétrico, com paredes verticais ligeiramente erguidas em relação à aba. Fundo plano e espesso de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo Dramont 2 / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 309 mm; Altura máxima 85 mm; Diâmetro máximo do fundo 152 mm; Espessura máxima do bordo 20 mm.

Os almofarizes (*mortaria*) são recipientes com características morfológicas muito específicas, definidas em função da actividade a que se destinavam. Foram utilizados essencialmente para triturar alimentos e condimentos, na preparação de molhos, na preparação de massa para o fabrico de pão e na elaboração de queijo[83] (BELTRAN 1990, 215; VAQUERO 1998, 1165; AGUAROD; 1992, 249). São ainda admitidas outro tipo de utilizações, nomeadamente na preparação de medicamentos, pigmentos e perfumes, ainda que nestes casos as peças apresentem diferenças formais substanciais.
As características gerais dos recipientes produzidos em cerâmica relacionam-se com o seu perfil curvilíneo, rematado por bordo em forma de aba ampla, mais ou menos invertida e com o bico utilizado para verter os preparados líquidos ou semilíquidos. As paredes, mais ou menos arqueadas, rematam num fundo largo e plano que atribui estabilidade à peça durante o processo de trituração. As superfícies interiores são normalmente ásperas e abrasivas, estando cobertas, total ou parcialmente, por uma fina camada de grãos de pedra ou por um conjunto de estrias paralelas feitas depois da primeira secagem da peça. Em alguns casos, são lisos, embora a acção de trituração lhes atribua também uma textura áspera, ideal para os propósitos a que se destinavam.
São peças feitas ao torno, de desenvolvimento horizontal, o que significa que são sempre mais largas do que profundas. Apesar de os seus rasgos morfológicos se encontrarem bem tipificados importa mencionar que existem variações significativas ao nível do bordo, aba e vertedouro, que permitem estabelecer uma tipologia com significado cronológico[84]. Outro elemento importante para o seu estudo e classificação são as marcas de ceramistas que alguns conservam na aba, junto ao vertedouro. O estudo destas marcas indica que o seu fabrico se tratava de produções secundárias de oficinas de materiais de construção, nomeadamente de tégulas, tijolos e materiais afins (BALIL 1982, 99).
O presente almofariz pertence à forma Dramont 2, cuja cronologia se situa entre 40-50 para inícios da sua fabricação, prolongando-se a sua produção até ao início do reinado de Trajano (HARTLEY 1973, 57). As produções italianas foram produzidas essencialmente nas oficinas do Tibre e da Câmpania (BELTRAN 1990, 215). O nosso exemplar constitui uma produção local ou regional de boa qualidade, que imita a forma italiana Dramont 2-D2 (JONQUERAY 1972, 22-29), que conheceu uma importante difusão.
Dos inúmeros paralelos publicados merecem destaque os exemplares provenientes de Conímbriga (ALARCÃO 1976, 82, est. XVII, n.º 390; 95, est. XXV, n.º 538), ambos integrados no grupo das cerâmicas alto-imperiais[85], o primeiro, integrado no grupo da cerâmica calcítica, e, o segundo, no grupo da cerâmica alaranjada fina; os exemplares provenientes do acampamento de Cidadela, Coruña (GALAN 1997, 287-288, fig. 5, n.º 7); os exemplares provenientes de Sasamón, Burgos (ABÀSOLO; GARCÍA 1993, 125, fig. 64, n.º 12-13; 136, fig. 69, n.º 1), de Arcóbriga, Saragoça (SÁNCHEZ 1992, 249, fig. 8.2.5) e os nove exemplares provenientes de Monte Mozinho, Penafiel, sete pertencentes ao sector A (SOEIRO 1984, 140, est. LXIV, 2-8), e dois pertencentes ao sector C (SOEIRO 1984, 232, est. CXVIII, 2-3).



MMAP 121. Ânfora
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92A,121.
Material – Cerâmica. Pasta de composição arenosa, compacta, com fracturas angulosas, composta por argilas bem depuradas. A superfície não denota a existência de qualquer engobe. Os elementos não plásticos são fundamentalmente compostos por quartzos e feldspato de calibre médio.
Descrição – Fragmento de bordo, gargalo e arranque de parede de ânfora para preparado piscícola.
Classificação e cronologia – Tipo Dressel 7-8-9-11, Classe 16 / Castro de Alvarelhos – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 209 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm; Altura máxima 181 mm.

[83] A sugestão de que os almofarizes com vertedouro serviam também para fazer queijo é feita por vários autores, nomeadamente por Hilgers (HILGERS 1969, 68-69), ainda que questionada por outros, designadamente por J. Nolen, (NOLEN 1994, 136).
[84] Beltrán Lloris, em função da variação destes elementos, individualiza 12 tipos: almofarizes com decoração digitada; almofarizes de lábio vertical; almofarizes de lábio horizontal; almofarizes de lábio de secção triangular; tipo Dramont 2; almofarizes de bico vertedouro pouco saliente; almofarizes de lábio pendente; tipo Sanrot 203; tipo Sanrot 204-207; Variante com viseira; Formas locais (BELTRAN 1990, 215-216).
[85] A categoria alto-imperial é definida pelo autor como sendo o período a que correspondem os estratos da época de Augusto, Cláudio, Flávios ou Trajano, por oposição à categoria tardo-romana que compreende as camadas estratigráficas atribuíveis aos finais do séc. III e, sobretudo, ao séc. IV (ALARCÃO 1974, 21).

O tipo de ânfora Classe 16 (Dressel 7-11, Beltran I, Vindonissa 586, Haltern 69, Camulodunum 186 A), no reportório de ânforas expostas no MMAP, constitui a única forma identificada como procedente da Bética, cujo conteúdo seria preparado de peixe. De distribuição geográfica idêntica à ânfora tipo Classe 15 os seus quantitativos, em Portugal, são mal conhecidos, à excepção de Conímbriga, onde regista padrões idênticos a outras regiões do império[86]. No noroeste encontra-se mal representada quantitativamente[87], em comparação com a forma Haltern 70, sendo, no entanto, importante constatar a exiguidade de estudos existentes e a falta de critério no tratamento dos dados estatísticos e comparativos. De qualquer forma, os indicadores existentes apontam para uma clara supremacia das ânforas vinárias béticas, em detrimento das ânforas da mesma região cujo conteúdo seria de preparados de peixe. Este facto tem vindo a ser interpretado por alguns autores como um testemunho da importância do vinho no contexto da romanização das populações da área setentrional da Península Ibérica, em contraponto com a difusão e consequente aceitação de preparados de peixe que, naturalmente, implicaria um maior enraizamento dos hábitos alimentares e culinários (NOLEN 1996, 21).
A sua forma caracteriza-se por possuir reservatório inferior alargado formando um perfil periforme com um bordo esvasado, lábio mais ou menos descaído e ressalto pronunciado no colo. A datação da sua produção situa-se entre o último quartel do séc. I a.C. e inícios do séc. II, sendo, no entanto, a época dos Júlios-Cláudios o seu momento de maior expansão (BELTRAN 1990, 222-223), decrescendo os seus quantitativos em época Flávia, para se tornar praticamente residual nos inícios do séc. II.

MMAP 122. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 01 (F24.03), 886.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme (cor - M50). Elementos não plásticos abundantes, compostos essencialmente por quartzo e, em menor quantidade, por mica e feldspato. A superfície é áspera e encontra-se coberta por um engobe espesso e muito aderente de cor creme (cor - L47), mas que não encobre totalmente os grãos de quartzo.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de gargalo de ânfora tipo Haltern 70. Bordo espesso.
Classificação e cronologia – Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão – Fase III_IV.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 157 mm; Altura máxima 64 mm; Espessura máxima do bordo 18 mm.

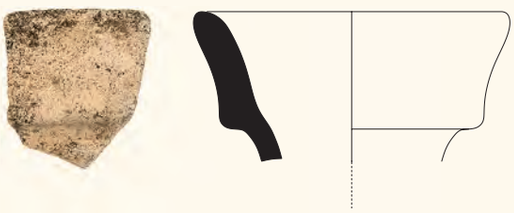
A ânfora tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583)[88], à semelhança do que sucede na esmagadora maioria dos assentamentos do noroeste peninsular[89], constitui a forma de maior expressão no conjunto do espólio anfórico procedente do castro do Monte do Padrão e do castro de Alvarelhos, constituindo a única forma documentada como contentor de vinho procedente da Bética.
Este tipo de vasilhame encontra-se em duas variantes (A e B) (FABIÃO 1989, 61-64), que o autor distingue da designação de "unusually small variant" que Peacock e Willians integram na mesma classe (PEACOCK; WILLIAMS 1986, 115), caracterizando-se a variante tradicional (variante B) pela forma do seu corpo cilíndrico rematado com pivot de perfil cónico, muito sólido, bocal muito aberto, lábio em forma de colarinho e asa de secção oval com canelura longitudinal de perfil em U muito funda. A segunda variante (A), de menor tamanho, apresenta características morfológicas idênticas à primeira, revelando, no entanto, um corpo de perfil ovóide.
São vários os autores que consideram esta forma como uma evolução da classificação proposta por Carlos Fabião, como Classe 67, identificada na Lomba do Canho, Arganil, com a qual revela uma acentuada semelhança morfológica (VIDAL 1993, 420; VAQUERO 1998, 1196).
Esta produção, típica da Bética, tem vindo a ser identificada como sendo um contentor de *defructum* (COLLS e outros 1977; SEALEY 1985, 62-64), embora alguns *tituli picti* sugiram outro tipo de produto como a sapa (COLLS; ETIENNE; LEQUÉMENT; LIOU; MAYET 1977, 71-74; LEQUÉMENT; LIOU 1978, 183-184). A indefinição do conteúdo deste tipo de contentores diluiu-se paulatinamente a partir de meados da década de setenta, com a publicação do naufrágio de Port-Vendres II e, mais recentemente, com a identificação de grainhas de uva em exemplares, em Punta de la Nao, Cadiz (GARCIA 1982, 51-61), ainda que, posteriormente, se registem opiniões divergentes, nomeadamente de autores britânicos, como, por exemplo, a de Parker e Price que argumentam que estes contentores se destinavam à conserva de frutos (PARKER; PRICE 1981, 221-228). Contudo, a generalidade dos autores tem vindo a aceitar que o seu conteúdo tivesse sido o vinho, justificando-se assim, a menção de Estrabão (ESTRABÃO III. 2. 6), relativamente à exportação do vinho da Bética, assim como a referência à importância que o vinho representava para as comunidades do noroeste hispânico (NOLEN 1995, 27, nota 8).
Constitui um tipo de vasilhame de ampla difusão por todo o ocidente do Império, desde a Grã-Bretanha ao limes germânico, incluindo a península Itálica e o norte de África (PEACOKOC; WILLIAMS 1986, 115). A cronologia proposta por Peacock e Williams sugere uma produção que abarcaria o período compreendido entre meados do séc. I a.C. e meados do séc. I da nossa era (PEACOCK; WILLIAMS 1986, 116), embora seja mais frequente e maior a sua difusão sob os Júlios-Cláudios até finais do séc. I (FABIÃO 1989, 61).

MMAP 123. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 89, (M1.01), 048.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura (cor - P47). Elementos não plásticos muito abundantes compostos por grãos de quartzo. Superfície áspera e friável, com engobe fino de cor creme mal conservado (cor - N30).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de gargalo. Parede recta com ressalto interno suave de perfil arredondado. Lábio de secção arredondada, ligeiramente projectado para o exterior.
Classificação e cronologia – Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão – Fase III_ IV.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 115 mm; Altura máxima 53 mm; Espessura máxima15 mm.

[86] Em Conímbriga registam-se cerca de 55 ânforas deste tipo, num total de 202, o que revela uma percentagem de cerca de 25%, apesar das reticências interpretativas apontadas pelo autor, que realça o âmbito limitado das intervenções (ALARCÃO 1976, 79).
[87] Por exemplo, nos povoados da Bacia Média do Cavado não é mencionado qualquer tipo de exemplar em dissonância com a forma Haltern 70 = Classe 15 (MARTINS 1990, 173). Em Monte Mozinho, onde não se conhecem indicadores estatísticos, apenas são referidos 5 exemplares (SOEIRO 1984, 138, est. LXI, 1-3; 184, est. LXXXIII, 14; 187).
[88] Beltran Lloris inclui-a na sua Forma – 1. Constitui efectivamente uma forma equivalente à Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583.
[89] O predomínio quase absoluto de ânforas tipo Haltern 70 nos níveis de ocupação de época alto-imperial nos assentamentos nordestinos, tem vindo sistematicamente a ser identificada e interpretada como um dos principais fluxos marítimos da época (LÓPEZ 1993-94, 204, 212). Este tipo de contentor, identificado em inúmeros castros do noroeste português, em especial nos da orla marítima, como, por exemplo, na Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim, na Citânia de Briteiros, Guimarães, no castro do Coto da Pena, Caminha, na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, na Cividade de Âncora, Viana do Castelo, (SILVA 1986, 30, 32, 38, 50), ou na Citânia de Santa Luzia, em Viana do Castelo (VIANA; OLIVEIRA 1954, 60, n.º 60-63), ou mesmo em assentamentos mais interiores, como no castro de Stº. Ovídio, Fafe (MARTINS 1981, 14, est. 4, n.º 1), tem vindo a ser interpretado por alguns autores como um fenómeno inquestionavelmente ligado às campanhas de Augusto (FABIÃO 1989, 111).

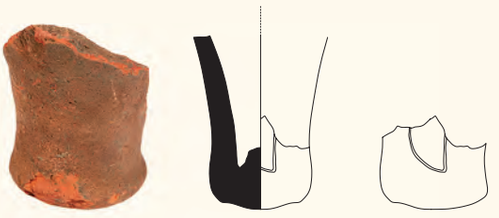
MMAP 124. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º - PAD 89, M2 (C5 =0145=).
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada e compacta com constituição arenosa, bem cozida, conservando um núcleo de cor avermelhada (cor - N39). Elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície alisada, com engobe espesso e aderente de cor creme (cor - M70) com grãos de quartzo à superfície (cor - M40).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de gargalo. Parede recta com ligeiro ressalto interno. Bordo em fita, projectado para o exterior, com lábio de secção arredondada, ligeiramente espessado.
Classificação e cronologia – Tipo Lusitana 10 (?) / Monte Padrão – Fase III_IV.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 117 mm; Altura máxima 68 mm; Espessura máxima da parede 14 mm.

A ânfora Lusitana 10 é um recipiente de pequena dimensão cuja produção está atestada nos complexos do Sado. A sua difusão tem início em finais do séc. II e ter-se-á prolongado até ao século IV-V, desconhecendo-se o tipo de produto transportado (DIOGO 1987, 184).



MMAP 125. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 89, M1 (C1.005), 124.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - K91). Elementos não plásticos constituidos por quartzo de pequeno calibre e distribuição uniforme. Superfície áspera, coberta por engobe espesso e aderente (cor - K91).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de gargalo. Parede recta sem ressalto interno. Bordo de fita, curto e espesso, levemente côncavo, rematado por lábio de secção arredondada, ligeiramente projectado para o exterior.
Classificação e cronologia – Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão – Fase III_IV
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 117 mm; Altura máxima 55 mm; Espessura máxima da parede 14 mm.

MMAP 126. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 89 M1 (C1.005), 594.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (cor - M70). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo e, em menor quantidade, por mica, feldspato e elementos ferrosos. A superfície apresenta uma textura áspera e encontra-se coberta por um engobe espesso, de cor creme, mas que não cobre os grãos de quartzo (cor - L70).
Descrição – Bico fundeiro de perfil tronco-cónico, comprido e compacto, fragmentado no fundo. Arranque de parede projectada para o exterior.
Classificação e cronologia – Classe 15, variante B (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão – Fase III_IV.
Dimensões – Altura máxima 100 mm; Largura máxima 79 mm; Espessura máxima da parede 10 mm.



MMAP 127. Ânfora
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A3 (I16.00), op. 200.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura de estrutura arenosa, ligeiramente mais clara no interior (cor - M27). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por grãos de quartzo de pequeno calibre com distribuição uniforme. Superfície áspera e friável, com engobe fino de cor acastanhada (cor - N30).
Descrição – Bico fundeiro de perfil tronco-cónico, curto e oco. Fundo ligeiramente convexo, com aresta angulosa a marcar o início da parede. Conserva parte de um grafito na parede externa que se encontra danificado na face superior, composto apenas por uma letra – D.
Classificação e cronologia – Tipo Lusitana 5, Almagro 50 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 91 mm; Largura máxima 74 mm; Espessura máxima da parede 12 mm.

A ânfora tipo Lusitana 5 é um contentor piscícola tradicionalmente datado do séc. IV-V. A sua produção está documentada no Sado e costa algarvia, tendo assumido neste último centro produtor características próprias (DIOGO 1987, 183, fig. 4, n.º 5).

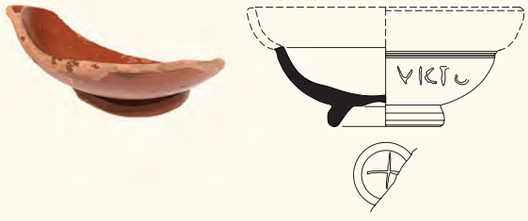
MMAP 128. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 89, M1 (C1.0814).
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura arenosa com cozedura uniforme (cor - M71). Elementos não plásticos à base de grãos de quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície áspera, coberta por engobe fino e aderente (cor - M75), com abundantes elementos não plásticos à superfície.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de gargalo. Parede recta sem ressalto interno. Lábio de secção arredondada, ligeiramente projectado para o exterior.
Classificação e cronologia – Tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão – Fase III_IV
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 134 mm; Altura máxima 53 mm; Espessura máxima da parede 14 mm.

MMAP 129. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 89 M1 (C1.08).
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura arenosa com cozedura uniforme (cor - L70). Elementos não plásticos à base de quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície alisada, áspera, coberta por engobe espesso e aderente (cor - L91), com abundantes elementos não plásticos à superfície.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede. Lábio extrovertido, em fita, pontiagudo e saliente. Colo alto e côncavo, marcado no interior por ressalto de perfil arredondado. Arranque de asa de fita, gamiforme, bilobada na face superior.
Classificação e cronologia – Tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão – Fase III_IV
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 127 mm; Altura máxima 95 mm; Espessura máxima da parede 15 mm.

MMAP 130. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 85E, (1A.030), 2138.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (cor - L75). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo e, em menor quantidade, por mica e feldspato. A superfície apresenta uma textura rugosa e encontra-se coberta por um engobe de cor creme, espesso e muito aderente, mas que não cobre os grãos de quartzo (cor - L75).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de reservatório. Lábio em fita, extrovertido e saliente. Colo alto e côncavo. Asas de fita gamiformes, bilobadas na face superior. Arranque do bojo a denunciar um formato barriloide.
Classificação e cronologia – Tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão – Fase III_IV
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 161 mm; Altura máxima 217 mm; Espessura máxima da parede 14 mm.

MMAP 131. Ânfora
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1 (S16 - 01), op.187.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada e compacta com constituição arenosa, bem cozida (cor - P40). Elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo de pequeno calibre. Superfície alisada, com grãos de quartzo à superfície (cor - M40).
Descrição – Fragmento de fundo de ânfora modelada ao torno. Perfil tronco-cónico rematado por base circular marcada por uma pequena moldura. Interior vazado com vestígios de repuxamento do levantamento da peça.
Classificação e cronologia – Tipo Lusitana 7, tipo Almargo 51 a-b / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do fundo 37 mm; Comprimento máximo 65 mm; Espessura máxima da parede 11 mm; Altura máxima 60 mm.

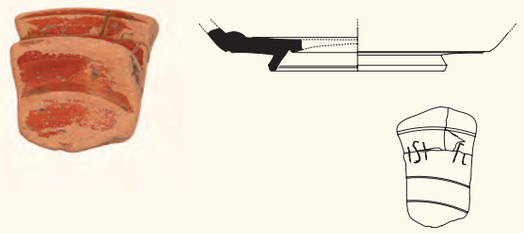
A ânfora tipo Lusitana 7 é um contentor piscícola cujo início de produção ocorreu no séc. III e ter-se-á mantido até finais do séc. V (DIOGO 1987, 183, fig. 3, n.º 3; DIOGO, ALVES 1988-1989, 227-240; DIOGO, CARDOSO, REINER 2000, 83). O fabrico em barros vermelhos com pastas de estrutura laminar, arenosas e muito quartzíticas, no qual o nosso exemplar se enquadra, que caracteriza o fabrico "A", encontra-se documentado nas olarias conhecidas no Sado e na costa algarvia.



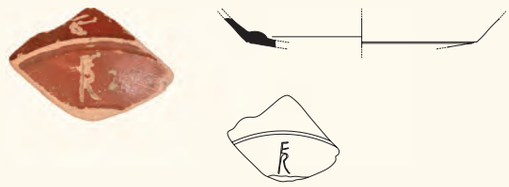
MMAP 132. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD IIX, 086.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - M25). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por calcite de cor amarela. Superfície coberta por verniz brilhante, espesso e aderente, com laivos metálicos (cor - R19).
Descrição – Fragmento de parede e fundo de taça. Parede arqueada de perfil curvo, rematada por pé com moldura hispânica. O arranque do plano do bordo configura um ressalto que se encontra marcada por dois frisos. Conserva um grafito inscrito na parede composto por cinco letras – VICTO(*ris*) / *Victoris*. O fundo regista um grafito composto por uma cruz.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 27, 3º grupo / Monte Padrão – Fase IV _IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo estimado 128 mm; Altura máxima estimada 55 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1951, 62-63; 1954, 428-429, est. XIV - XV; MOREIRA 2005, 38.

À semelhança do prato tipo Dragendorff 15/17, a taça tipo Dragendorff 27 revela uma evolução formal com transformações morfológicas assinaláveis com evolução cronológica. F. Mayet identificou quatro grupos, genericamente aceites e adoptados em termos de classificação pela maioria dos autores, sem que, no entanto, tenha precisado a sua correspondência cronológica.
As características morfológicas identificadoras da peça são constituidas pelo seu perfil biconvexo, formado por dois quartos de círculo com bordo arredondado. Pé baixo de secção triangular e fundo côncavo. O primeiro grupo caracteriza-se pelo seu pequeno tamanho com o quarto de círculo superior curto e bordo com lábio arredondado. O segundo, de maior tamanho e perfil ligeiramente mais esvasado, perde progressivamente o lábio, e o quarto de círculo superior aumenta o seu tamanho, embora se mantenha inferior ao primeiro. O pé diminui de dimensão com a tendência do fundo se tornar plano. O terceiro corresponde às peças de maiores dimensões com uma parede mais oblíqua onde os dois quartos de círculo igualam as suas dimensões e com fundo frequentemente moldurado. Por último, F. Mayet considera um grupo formado por peças de maiores dimensões cujo perfil é de tal forma aberto que sugere um recorte quebrado e não formado por dois quartos de círculo (MAYET 1984, 72).
Esta subdivisão em quatro grupos com características morfológicas distintas, embora evidencie as transformações morfológicas mais significativas com a correspondente relação cronológica, pelo menos nos três primeiros grupos, parece-nos, no entanto, difícil de manter sem ter em consideração um largo conjunto de diferentes

características que se desenvolvem dentro dos conjuntos de peças que formam o mesmo grupo, constatação aliás já apreciada por diferentes autores (VAQUERO 1998, 573-578; CARVALHO 1998, 75), considerando-se que a divisão morfológica proposta por F. Mayet não estabelece uma divisão evolutiva.
A cronologia atribuída a esta forma também não reúne consensos, nomeadamente no que respeita à data do término da sua produção. Fabricada a partir de meados do séc. I, baseada em protótipos sudgálicos, à semelhança da forma 15/17, terá tido uma longa duração até à primeira metade do séc. IV, segundo uns (PERALTA 1991, 61, 63)[90] enquanto que, para outros, neste período, a sua presença é apenas residual (MAYET 1984, 73).

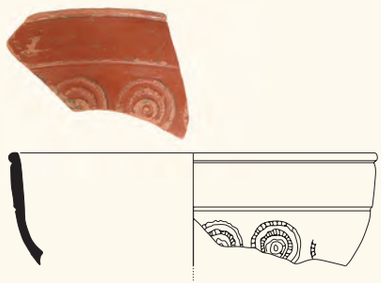


MMAP 133. Taça - *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, 1021.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - N20). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por pontos de calcite e partículas de feldspato. Superfície polida, coberta por verniz fino mas aderente (cor - R19), com reflexos metálicos.
Descrição – Fragmento de parede com carena muito marcada. Moldura interior fina e larga com assentamento no fundo. Parede plana com alargamento progressivo. Friso exterior ao nível do fundo do prato com perfil em U bem vincado. Pé anular com moldura hispânica. Grafito incompleto inscrito na parede do fundo.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 15/17 2º grupo – *Tritium Magallum* / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo do fundo 95 mm; Altura máxima 23 mm; Espessura máxima da parede 8 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. XVII, 159.



MMAP 134. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. IIX, 054.
Material – Cerâmica. Pasta compacta bem cozida (cor - L25). Elementos não plásticos constituídos apenas por pontos de calcite de cor amarela. Superfície coberta por verniz espesso e aderente (cor - R13).
Descrição – Fragmento de parede e arranque de fundo de taça. Parede recta projectada para o exterior. Carena externa marcada por friso e pequena canelura. Moldura interna curta e pouco espessa a separar a parede do fundo. Grafito inscrito na parede externa do fundo, configurando um nexo formado pelas letras R e F – R(u)F(us) / *Rufus*.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 15/17 – *Tritium Magallum* / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 51 mm; Largura máxima 66 mm; Espessura máxima 8 mm.

A taça tipo Dragendorff 15/17 constitui uma forma que evoluiu a partir do modelo sudgálico que regista uma grande variação de perfil e de dimensão ao longo do seu desenvolvimento. A sua evolução morfológica foi alterando as suas características afastando-a, irremediavelmente, dos protótipos sudgálicos até assumir uma forma completamente diferente. As várias etapas da sua transformação e respectiva correspondência cronológica não encontram, nos diferentes autores, a mesma interpretação. Mezquíriz considerou dois tipos. O primeiro, mais próximo dos protótipos sudgálicos, com parede esvasada e ângulo de união da parede com o fundo bem marcado. O segundo, mais evoluído, com perfil mais aberto, de formato tronco-cónico (MEZQUÍRIZ 1961, 54-55, est. 1). Françoise Mayet inicialmente subdividiu as diferentes etapas evolutivas em três grupos, corrigindo, posteriormente, a classificação em quatro, pese embora não precise as correspondências cronológicas de cada um deles (MAYET 1975, 183-184; 1984, 71, est. LVII-LX). Por último, Romero Carnicero, a propósito das ocorrências de *terra sigillata* hispânica em Numância, não só estabelece uma divisão em três grupos, com base na análise das características formais de cada um deles, como vincula a cada um dos tipos uma cronologia (ROMERO CARNICERO 1985, 188-190), servindo, a partir desse momento, como base de referência a outros trabalhos (VAQUERO 1998, 562-567).

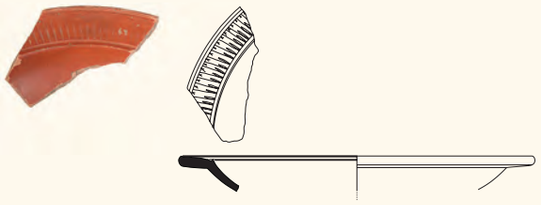


MMAP 135. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 99 B (E5. 01), op. 73.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - M17). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por pontos de calcite. Superfície coberta por verniz espesso e aderente com reflexos metálicos, bem conservado (cor - R19).
Descrição – Fragmento de bordo e parede de taça modelada ao torno. A decoração só conserva o registo superior. Corresponde ao estilo de círculos em que se observa uma seriação de círculos de perfil liso e roseta interior.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 37 – *Tritium Magallum* / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo 194 mm; Altura máxima 59 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 39.

A taça tipo Dragendorff 37 constitui a forma mais abundante das produções da terra sigillata hispânica quer nos centros produtores quer nos locais de consumo. É uma taça de perfil hemisférico com bordo vertical ou ligeiramente reentrante, que manifesta uma grande variedade de dimensões e perfis. Distinguem-se dois grupos. O primeiro, constitui a forma de bordo amendoado, mais rara[91], que se caracteriza pela sua grande dimensão, com um diâmetro ao nível do bordo na ordem dos 250/300 mm. Apresenta um bordo curto e espesso, mais ou menos introvertido que termina num lábio em forma de amêndoa (MAYET 1984, 84). Destingue-se ainda pela qualidade excepcional do verniz, geralmente espesso e aderente. A cronologia proposta por F. Mayet apoia-se nas estratigrafias de Pompaelo e Conímbriga que remetem o início da sua difusão para o último quartel do séc. I.
A forma de bordo simples é mais abundante. O seu perfil aproxima-se mais do protótipo sudgálico com bordo arredondado e vertical, não constituindo, no entanto, uma forma homogénea tanto nas suas dimensões como no perfil. O perfil mais abundante caracteriza-se pela forma arredondada rematada por um bordo vertical ou ligeiramente introvertido, oscilando o seu diâmetro entre 180 mm e 200 mm[92]. Encontra-se na forma decorada em todos os três estilos, constituindo a variante de maior duração. A sua cronologia, sugerida pela estratigrafia de Pompaelo, regista o início da sua fabricação no último quartel da nossa era prolongando-se a sua produção até à primeira metade da centúria seguinte (MAYET 1984, 84). Embora não se possa estabelecer um esquema evolutivo, alguns autores identificam deter-

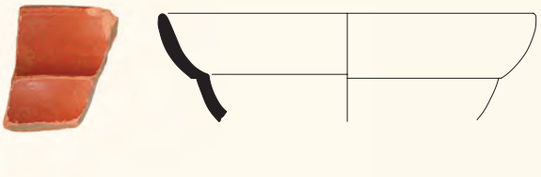
[90] Juan Ángel Paz Peralta cita a propósito os exemplos de *Bursão* e *Turiaso*, datados da segunda metade do séc. III e primeira metade do séc. IV, respectivamente. Acrescenta ainda três exemplos que ilustra, provenientes de Saragoça, Borja e Tarazona, embora considere o primeiro como um elemento residual (PERALTA 1991, 61-63, fig. 5, n.º 20-22).
[91] De salientar que a proporção identificada em Conímbriga é na ordem de 5/6 fragmentos da forma simples para 1 fragmento de bordo amendoado.
[92] É de notar que as dimensões sugeridas por F. Mayet encontram noutras situações grande divergência. Por exemplo, no acampamento de Rosinos e de Vidriales, Zamora, do conjunto de 34 peças identificadas as dimensões oscilam entre 106 mm e 235 mm, sendo o diâmetro médio mais habitual à volta dos 144 mm a 198 mm, onde se registam 24 peças (VAQUERO 1998, 629).

minadas peculiaridades formais com períodos específicos da sua produção. Carretero Vaquero, seguindo Romero Carnicero, identifica as peças de perfil hemisférico com o bordo vertical ou ligeiramente reentrante, lábio pouco destacado, pé baixo, com fundo externo côncavo, com o período inicial da sua produção *post* 75 até um período avançado do séc. II (ROMERO CARNICERO, 1985, 159-160; VAQUERO 1998, 631). Por outro lado, as peças que desenvolvem um perfil com um movimento oblíquo para o exterior, em que o bordo se alarga e abre, com lábio mais assumido com um engrossamento para o exterior, identificam-se com as produções da terceira centúria.

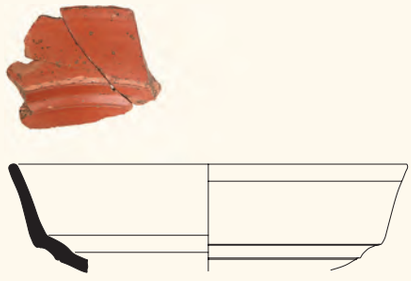


MMAP 136. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 99 B (D 5 – 01), op. 75.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - N20). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por pontos de calcite e partículas de feldspato de calibre fino e distribuição uniforme. Superfície polida, coberta por verniz espesso e aderente, bem conservado (cor - R20), apresentando reflexos metálicos muito intensos.
Descrição – Fragmento de bordo e parede de taça. Parede arqueada. Aba curta e espessa, ligeiramente descendente, marcada por um friso junto da carena que demarca a parede do bordo. Lábio de perfil arredondado. Decoração roletada inscrita na aba, delimitada por dois frisos.
Classificação e cronologia – Tipo Hispânica 4 – *Tritium Magallum* / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 241 mm; Altura máxima 22 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 38.

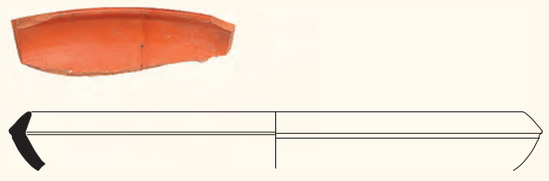
A forma Hispânica 4 caracteriza-se por possuir a parede curva com bordo formado por uma aba horizontal ou ligeiramente introvertida, com decoração roletada e, por vezes, completada por asas perfuradas em forma de laço. Possui pé de altura média sem moldura hispânica (MEZQUÍRIZ 1961, 75-77; VAQUERO 1998, 595-599). Romero Carnicero situa a sua origem nos anos 70/80, momento a partir do qual, até final da centúria, iria configurar o tipo. A mesma autora, baseando-se nos materiais provenientes de Numância, forma um esquema evolutivo com correspondência cronológica que define três etapas (ROMERO CARNICERO 1985, 228-229). À primeira, compreendida entre 70/80 e o final do séc. I, diriam respeito peças de pequeno tamanho, com bordos horizontais ou inclinados para baixo com decoração roletada, pé moldurado com altura média sem moldura hispânica. O segundo momento compreende os finais do séc. I e todo o séc. II, com especial incidência para a primeira metade. Constituiria o período em que se consolidariam todos os aspectos formais e de decoração característicos desta forma, cujos rasgos morfológicos consistem na existência de uma aba de perfil horizontal com ranhuras que delimitam a área da decoração roletada e pé baixo com moldura hispânica, verificando-se, nos exemplares de maior tamanho, a aplicação de asas. A terceira etapa compreenderia os últimos anos do séc. II até um momento indeterminado do séc. III, data em que terminaria a sua produção, ao qual correspondem os pratos com bordos oblíquos com pé rudimentar.



MMAP 137. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 99 B (F07.00), op. 05.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e medianamente dura com cozedura uniforme (cor - N19). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por pontos calciticos de cor amarelada de pequeno calibre e distribuição uniforme. Superfície polida coberta por verniz espesso e muito aderente (cor - R20).
Descrição – Fragmento de bordo e parede de taça. Parede modelada em dois planos assimétricos de perfil convexo. Bordo reentrante com lábio vertical de secção arredondada.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 27 – *Tritium Magallum* / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 107 mm; Altura máxima 30 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.



MMAP 138. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 99 B (D5.01), op. 53.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada e limpa com cozedura uniforme (cor - N35), praticamente isenta de elementos não plásticos. Apresenta pontos calciticos de tom amarelado de distribuição uniforme. Superfície com verniz espesso e aderente, bem conservado (cor - S17).
Descrição – Bordo e parede de taça modelada ao torno. Parede recta, ligeiramente concava, projectada para o exterior, rematada por bordo com lábio arredondado. Carena externa marcada por friso e canelura que configura a canelura interna, que é larga e baixa.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 15/17 – *Tritium Magallum* / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 207 mm; Altura máxima 55 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.

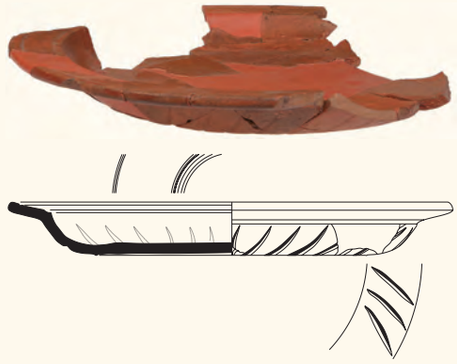


MMAP 139. Prato – *African red slip ware*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1 (S11.03), op. 301.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta e dura com cozedura uniforme (cor - N20). Elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo, cerâmica moída e, em menor percentagem, partículas muito finas de mica. Superfície alisada e muito polida (cor - R20).
Descrição – Fragmento de bordo e parede de prato modelado ao torno. Bordo em forma de aba interior de secção triangular, reentrante, marcado por carena exterior ao nível do arranque da parede, com lábio muito estreito e pontiagudo. Parede com estreitamento progressivo para o fundo.
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 61 A, 325 – 400/425 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo ao nível do bordo 284 mm; Altura máxima 33 mm; Espessura máxima 10 mm.

Os pratos tipo Hayes 61 constituem, indiscutivelmente, a forma mais representada das produções norte-africanas em ambientes tardo-romanos da área meridional do Convento Bracaraugustano. As suas principais características consistem no facto de possuir fundo plano, paredes arqueadas, bordo reentrante e lábio triangular. Hayes distingue dois tipos, A e B, caracterizando-se o segundo por possuir maior profundidade e apresentar paredes mais abertas e lábio vertical. No entanto, para Lamboglia e Gandolfi constituem formas distintas, correspondendo o tipo A à forma 54 e o tipo B à forma 53 (GANDOLFI 1983, 81). A cronologia sugerida para o tipo A é 325-400/420 e 400-450 para o tipo B.
Estes pratos, em particular a variante A, são muito frequentes em todo o mundo mediterrânico e terão constituido, porventura, a peça mais difundida da produção da *sigillata clara D* em áreas que registam ocupação tardo-romana, tanto pelo seu número, como pela influências que representaram para as produções locais de cerâmica comum e imitações com engobe vermelho. Por exemplo, os 111 fragmentos identificados em Conímbriga faz com que se constitua como a forma mais abundante de toda a gama de *sigillata clara D* (DELGADO 1976, 263-264).
São numerosos os paralelos que encontramos na área meridional do Convento Bracaraugustano que servem de referência para o nosso exemplar. Identifica-se um exemplar no castro de Guifões, Matosinhos, do tipo A com decoração do tipo Hayes 44 B (ALMEIDA; SANTOS 1974, 51, Grav. 1, est. I, 1), três exemplares provenientes da necrópole de S. Brás, Paços de Ferreira, sendo um deles decorado com o estilo tipo Hayes A (ii) (SILVA 1986 b, 124, est. XXX, n.º 1-2), com datação entre 350-420, um exemplar proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira (ALMEIDA 1972, 197), e vários exemplares identificados em Tongobriga, nomeadamente provenientes das termas (DIAS 1997, 60).
Substancialmente diferente é o panorama que nos oferece o tipo B. Em Conímbriga, apenas se encontra representado por três fragmentos e na área meridional do Convento Bracaraugustano não encontramos qualquer paralelo.

MMAP 140. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD II, 1100.
Material – Cerâmica. Pasta compacta muito depurada. Elementos não plásticos praticamente inexistentes, revelando apenas alguns pontos de calcite. Verniz espesso, mal conservado (cor - R17).
Descrição – Taça modelada ao torno. Parede curva e bordo vertical simples sem demarcação do lábio. Lábio simples, vertical, de secção triangular. O pé é baixo e apresenta moldura hispânica, característica das oficinas hispânicas do norte.
Classificação e cronologia – Tipo Rit. 8 / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 148 mm; Altura máxima 60 mm; Espessura máxima da parede 4mm.

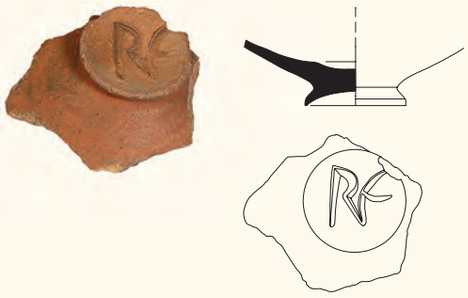
A taça tipo Ritterling 8 é uma forma que imita o modelo sudgálico seu predecessor. Apresenta parede curva e bordo simples, sem demarcação do lábio, que pode ser vertical ou ligeiramente introvertido. O pé é baixo, quase inexistente, apresentando sempre a moldura hispânica, característica das oficinas hispânicas do norte. O seu diâmetro oscila entre 90 mm a 220 mm e a altura entre 40 mm e 90 mm. A sua produção perdura ao longo do tempo das produções hispânicas, tendo, portanto, uma ampla cronologia (PERALTA 1991, 59). Apesar das variações de tamanho, geralmente evidenciando um aumento progressivo, não constituir factor determinante para valorizações cronológicas deverá, neste caso, ser ponderado uma vez que a forma sudgálica possui menores dimensões, que geralmente se incrementam com o passar do tempo. Ao invés, parecem existir determinadas características que definem as produções mais precoces, como por exemplo, a delimitação externa ou interna do bordo, a curvatura da parede, a preponderância da altura em relação ao diâmetro e a existência de moldura hispânica no pé (ROMERO CARNICERO, 1985, 185). Desta forma, parece lícito admitir que as formas de maiores dimensões e de bordo esvasado constituam os tipos mais tardios, da mesma forma que as características do verniz, que tendencialmente evoluiu para um laranja pálido, parece proporcionar a mesma leitura.
Este tipo de taça contitui um produto de difusão limitada, tanto nos quantitativos como na área de dispersão, tendo sido identificada a sua presença mais meridional em Mérida e Torre de Palma (MAYET 1984, 70). A título de exemplo, em Monte Mozinho, Penafiel, num horizonte de 1099 fragmentos de *sigillata* de *Tritium Magallum*, apenas foi detectado 1 exemplar (CARVALHO 1998, 68). Em Tongobriga, de que não dispomos de indicadores quantitativos nem de caracterização das peças que figuram nas listagens estratigráficas, apenas podemos constatar a existência de dois exemplares (DIAS 1997, 103).



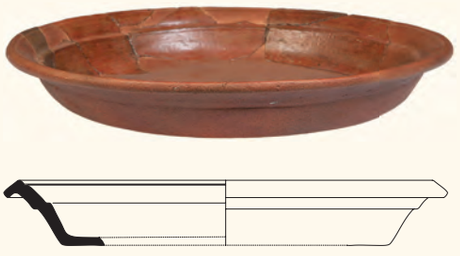
MMAP 140 (1). Prato – *African red slip ware*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B. A4, op. 35.
Material – Cerâmica. Pasta muito compacta e dura com elevado grau de depuração, praticamente isenta de elementos não plásticos (cor - N39). Superfície muito polida (cor - R39/R20).
Descrição – Fragmentos de prato que formam um perfil completo. Parede arqueada de ligação directa ao fundo. Bordo em aba, ligeiramente soerguida, decorada com duas caneluras incisas e lábio arredondado. A decoração no exterior é composta por incisões na diagonal que provocaram no interior um ligeiro relevo. O fundo é formado pelo prolongamento da parede originando um assentamento radial, sendo o interior ligeiramente mais alto. A decoração interna é composta por quatro círculos concêntricos inscritos no fundo, no interior dos quais se desenvolveria o motivo central do qual apenas é perceptível o arranque de uma palmeta.
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 59 A, 320 – 380/400 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 275 mm; Altura máxima 34 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.

Os pratos tipo Hayes 59 (HAYES 1972, 96-10, fig. 15), caracterizam-se pela sua base plana, parede curva e bordo amplo, formando uma aba horizontal ou ligeiramente erguida, com lábio arredondado, frequentemente decorado no fundo com motivos estampados, organizados no interior de círculos. Hayes distingue dois tipos. O primeiro, E1 A, com caneluras verticais no exterior da parede provocando ressaltos no interior. O segundo, E1 B, de parede lisa. Gandolfi estabelece quatro tipos distintos de bordo: 1, bordo com três "degraus" que descem para o interior, característico da segunda metade do séc. V; 2, aba plana com caneluras na face superior; 3, constitui a variante de Lamboglia 51 B (LAMBOGLIA 1963, 195), possui bordo liso, ligeiramente inclinado para o interior; 4, caracteriza-se pela existência de uma série de caneluras na parede externa (GANDOLFI 1983, 72-76, fig. 3). Adoptando esta distinção, o nosso exemplar integra-se no tipo 4, uma vez que revela caneluras verticais na parede exterior do bordo. O nosso prato é proveniente de Alvarelhos – *domus* da Lucerna do Cavalo e integra-se na Fase IV/V, cuja amplitude cronológica abrange o séc. IV e a primeira metade do séc. V – sendo, portanto, coincidente com a cronologia proposta por Hayes que sugere para o tipo A 320-380/400 e para o tipo B 320-420 (HAYES 1972, 100).
Os pratos tipo Hayes 59 constituem uma das formas mais frequentes e difundidas no mundo romano (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 83). Todavia, a sua representação no noroeste peninsular é relativamente escassa, contando-se apenas, na área geográfica da Galiza, dois exemplares publicados provenientes de Lugo, um do tipo A e outro do tipo B (GASCÓN 1993, 298, fig. 1, 5-6).

Os exemplares conhecidos e publicados próximos de nós, nomeadamente provenientes de Conímbriga, onde constitui a terceira forma mais representada no conjunto das produções norte-africanas, são datados através da cronologia sugerida por Hayes, não havendo referência ao seu enquadramento crono-estratigráfico. Situação idêntica sucede com um fragmento proveniente de Balsa, Tavira, do tipo A, cuja datação sugerida compreende o séc. IV e princípios do séc. V (NOLEN 1994, 100, est. 22, n.º 32). Em Braga, na zona das Carvalheiras, é identificado um fragmento de bordo datado do séc. IV (DELGADO; LEMOS 1985, 162, est. 10)[93]. Em Tongobriga, em toda a relação de materiais que suporta a leitura estratigráfica dos distintos espaços intervencionados – Fórum, Termas, Áreas habitacionais e Necrópole – é apenas mencionado um exemplar do tipo B, proveniente da área das Termas, cuja datação aponta para a 2ª remodelação, com cronologia *post* 334/336 (DIAS 1997, 60). Conhece-se ainda um outro prato de perfil completo proveniente do castro de Guifões, Matosinhos, tipo Hayes 59 B, mas que também não possui enquadramento estratigráfico (ALMEIDA; SANTOS 1974, 51, grav. 2).



MMAP 141. Púcaro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 141.
Material – Cerâmica. Pasta de estrutura laminar, compacta, com cozedura uniforme (cor - N55). Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, feldspato e elementos ferrosos bem calibrados entre si com distribuição uniforme. Superfície alisada, medianamente polida, coberta no exterior por uma aguada pouco espessa de tonalidade clara (cor - P35).
Descrição – Fundo de púcaro modelado ao torno. Fundo composto por pé de assentamento radial com fundo côncavo. Arranque de parede de desenvolvimento curvo prefigurando um reservatório de perfil oval. Grafito inscrito no fundo com estilete rombo enquanto a pasta se encontrava fresca sendo visíveis as arestas de arrastamento da pasta. Grafito composto por duas letras RF – R(*u*)f(*us*).
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máxima do fundo 31 mm; Altura máxima 21 mm; Espessura máxima da parede 5 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 39.



MMAP 142. Prato – *Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º - s/n.º, MMAP 142.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (cor - P30). Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica, bem calibrados e com distribuição uniforme. Superfície alisada e medianamente polida, coberta por um engobe espesso e aderente no interior e no exterior (cor - T39).
Descrição – Prato modelado ao torno. Parede arqueada desenvolvida em dois planos demarcados por uma carena angulosa. O segundo plano desenvolve-se em forma de aba, de perfil convexo, projectada para o exterior e rematada por um lábio arredondado. Fundo plano de assentamento pleno de ligação contínua com a parede.
Classificação e cronologia – Tipo Martim 59/67 – Delgado 59/67 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo 312 mm; Altura máxima 46 mm; Espessura máxima da aba 10 mm; Diâmetro máximo do fundo 232 mm.

Do largo conjunto das cerâmicas romanas, genericamente designadas por "Cerâmica Comum", com o desenvolvimento da investigação foram-se criando grupos que pelas suas características morfológicas e especificidades de fabrico formavam conjuntos que permitiam individualizá-los. Assim aconteceu com as produções de engobe interno vermelho pompeiano – pompejanisch-roten platten (RIGAUD DE SOUSA 1971, 451-455), com as produções designadas por "cerâmica bracarense" (ALARCÃO 1965, 45-50; ALARCÃO; DELGADO; MARTINS 1976, 92-109) e, mais recentemente, com as *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável*.
As primeiras referências bibliográficas que encontramos a este tipo de produção no norte de Portugal datam de 1974, de um estudo de materiais cerâmicos romanos provenientes de Guifões, Matosinhos, onde se apresentam, na expressão dos autores, alguns fragmentos de imitação da *sigillata clara D* (ALMEIDA; SANTOS 1974, 55-56).
A designação de *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável* é adoptada por Manuela Delgado, autora que, pela primeira vez, individualiza e caracteriza esta produção em materiais procedentes de *Bracara Augusta*. As suas características morfológicas e técnica de fabrico constituem, segundo a autora, os elementos identificadores deste tipo de produção (...) *técnica de fabrico e o carácter não vitrificável do engobe vermelho são denominador comum destas cerâmicas que permite, de imediato, distingui-las e pressupor a existência duma tradição tecnológica que vinda desde o séc. I d.C., se prolongou, sem interrupções aparentes, até meados do séc. V d.C.* (...) (DELGADO 1993-94, 113-149).

O prato tipo Delgado 59/67 (DELGADO 1993-94, 126, est. VII, n.º 30-34), à semelhança do que sucede em Braga, constitui, a par do tipo Hayes 61, a forma mais comum desta produção. Conforme menciona a autora o prato imita perfeitamente o perfil do tipo Hayes 59 e adoptou algumas alterações ao nível do bordo características da forma tipo Hayes 67. O nosso exemplar apresenta assinaláveis variações ao nível do bordo, nomeadamente na largura e orientação da primeira aba junto ao lábio, cujo elemento principal é a existência de um friso profundo que marca e diferencia o lábio da aba. A forma não se encontra inscrita na tipologia de Hayes ou Atlante mas imita um prato de *sigillata clara D*, encontrado em França, no sítio galo-romano de Lestrade em Mireval – Lauragais (Aude) (MARTIN, 1977, 99-101, fig. 3, n.º 2 e 3, fig. 5, n.º 1), que, segundo o autor, constitui "uma forma bastarda" que aglutina características da forma tipo Hayes 59 A e a forma tipo Hayes 67 que lhe sugeriram uma classificação de tipo 59/67 (...) *Ces quelques remarques m'ont amené à faire provisoirement le type 59/67*. (...) (MARTIN, 1977, 99-101). O autor propõe uma cronologia balizada entre 350-380, privilegiando a semelhança com o tipo Hayes 59 A (320/380-400) e a presença da decoração estampada do estilo A (ii) (350-420). Para além dos exemplares referenciados provenientes de Braga, um outro prato, proveniente de Guifões, Matosinhos (ALMEIDA; SANTOS 1974, 56, grav. 7), classificado pelos autores com tipo 59 de Hayes, embora com reservas, apresenta todas as características morfológicas que caracterizam esta forma híbrida.
O enquadramento estratigráfico do nosso exemplar remete para a datação proposta, podendo, eventualmente, prolongar-se para a primeira metade do séc. V.[94]

[93] Citado por Naveiro Lopez como o único exemplar no NW hispânico (LOPEZ 1991, 45).
[94] Integrados na forma 59A de Hayes são conhecidos dois pratos de imitação na região de entre Leça e Ferreira, provenientes da necrópole da Boavista, Paços de Ferreira (SILVA 1986 b, 124, est. XXX, n.º 3). Apresentam uma decoração em estampilhas do estilo decorativo A (iii) de Hayes, com uma datação sugerida entre 410 e 470.

MMAP 143. Taça

Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99 B1 (C3.01), op. 78.

Material – Cerâmica. Pasta muito depurada e compacta com cozedura uniforme (cor - L77). Elementos não plásticos com pouca expressão e reduzido calibre, compostos por mica e feldspato. Superfície polida (cor - L91).

Descrição – Taça modelada ao torno. Parede arqueada rematada por bordo formado por aba horizontal e lábio arredondado, ligeiramente descendente. Fundo composto por pé anelar de aresta facetada com assentamento radial. Fundo interno convexo. Decoração inscrita na aba composta por pintura de cor ocre (cor - P39), formada por grupos de três linhas transversais paralelas entre si.

Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.

Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 114; Altura máxima 53 mm; Diâmetro máximo do fundo 46 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.

MMAP 144. Prato

Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A (I 30.01), 3068.

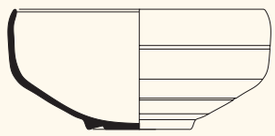
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - N51). Elementos não plásticos compostos por quartzo bem calibrado, de pequeno tamanho, distribuído de forma homogénea. Contém também feldspato, mica e nódulos ferrosos. Superfície externa de textura irregular revelando um polimento mediano com intensos vestígios de exposição ao fogo (cor - T51).

Descrição – Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prato. Corpo tronco-cónico com parede muito aberta. Bordo espessado com superfície superior plana e recta com lábio inclinado para o interior. Fundo ligeiramente côncavo.

Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.

Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 153 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.

Pratos *(catini e catilli)* constituem a forma mais simples da cerâmica comum romana e encontram uma representação supra-regional, com presença assegurada em todas as estações romanizadas.



MMAP 145. Taça – *Cerâmica cinzenta fina tardia*

Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A (I30.01), op. 73.

Material – Cerâmica. Pasta compacta, dura, com cozedura uniforme e composição laminar (cor - R31). Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por mica e feldspato. Superfície alisada e muito polida. Cor escura brilhante (cor - T73).

Descrição – Taça modelada ao torno. Parede vertical com bordo de perfil arredondado, ligeiramente projectado para o interior. Bojo curvo e parede reentrante com orientação oblíqua. Fundo formado por pé falso, de perfil triangular, levemente elevado em relação à base. Base discóidal de assentamento pleno. A decoração é formada por duas caneluras de perfil em U, localizadas na face intermédia da parede e do bojo.

Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase V.

Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 125 mm; Altura máxima 60 mm; Espessura máxima da parede 4 mm; Diâmetro máximo do fundo 54 mm.

A *cerâmica cinzenta fina tardia* constitui um fabrico que se distingue claramente das cerâmicas comuns suas contemporâneas, quer pelas formas, constituição das pastas e tratamento das superfícies, quer pela sua decoração.

Trata-se de uma produção uniforme que se pode subdividir em dois grupos considerando como elemento diferenciador a constituição da pasta e o acabamento. Um primeiro grupo, de características mais uniformes, é composto por pastas finas e depuradas com abundante matéria não plástica, bem calibrada, composta por mica e finos grãos de quartzo. O tratamento da superfície externa das peças é constituido por um polimento intenso e brilhante. O segundo grupo é constituído por pastas medianamente depuradas, com elementos não plásticos compostos essencialmente por quartzo. O acabamento é pouco cuidado, sem polimento final, do qual resulta uma superfície baça e ligeiramente irregular. As formas identificadas são essencialmente pratos e taças que podem, grosso modo, ser consideradas como produtos influenciados por produções forâneas. Em alguns casos constituem imitações fidedignas, nomeadamente das *sigillatas claras* e das *sigillatas paleocristãs*, noutros apenas se identificam alguns elementos particulares, designadamente os decorativos, e noutros ainda em que se verifica uma conjugação de elementos de diferentes formas, resultando em peças híbridas com uma certa originalidade.

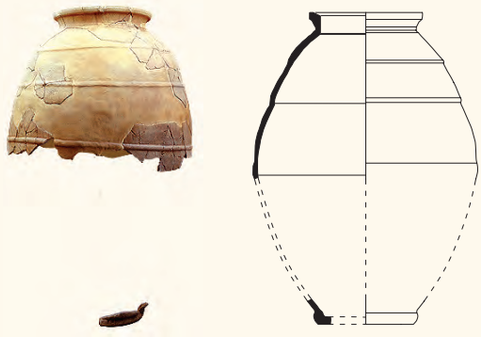
Em Conímbriga, a abordagem ao estudo deste tipo de cerâmicas foi elaborado sob o título de *Céramiques grises du Bas*-Empire (DELGADO 1976, 65-69), onde se incluíam as *sigillatas* paleocristãs cinzentas, tal a sua proximidade morfológica.

Não dispondo de qualquer classificação, tipológica ou cronológica, como aliás acontece para a maior parte dos grupos de cerâmicas no marco geográfico que abrange a nossa área de estudo[95], para além dos elementos fornecidos pelas escavações de Conímbriga, o enquadramento estratigráfico do exemplar aqui apresentado remete para um horizonte cronológico compreendido entre o séc. IV e 1ª metade do século V.

[95] Esta produção cerâmica nunca foi alvo de um estudo sistemático sendo raras as referências em que se descriminam e identificam como um tipo de produção individualizada no largo espectro das cerâmicas comuns.

MMAP 146. Talha
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 71.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de constituição laminar com cozedura homogénea. Acabamento exterior cuidado com polimento acentuado notando-se, no entanto, a existência de elementos não plásticos à superfície, nomeadamente grãos de quartzo e elementos ferrosos (cor - 70M).
Descrição – Talha. Perfil elíptico. Bordo vertical de secção rectangular e face superior plana com ligeira depressão central. Gargalo curto e vertical decorado na face interior com uma linha ondulante formada por depressões repuxadas. Parede de perfil elíptico, alongada, com abundantes depressões e irregularidades. Fundo discóidal com carena pronunciada.
Classificação e cronologia – Tipo …. / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 723 mm; Diâmetro máximo do bojo 928 mm; Espessura máxima do bordo 40 mm; Altura máxima 1312 mm[96].

MMAP 147. Talha
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 (J21.02), op. 51.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. O elemento não plástico predominante é o quartzo. Superfície com acabamento espatulado com polimento intenso (cor - 70 M).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de talha de pequenas dimensões. Bordo espesso de secção triangular com face superior plana. Colo alto, aprumado, com ligeira curvatura para o interior. Ombros arredondados formando um perfil elíptico no bojo. Ângulo obtuso a demarcar o colo da parede do bojo formando uma carena interna. Fundo plano, horizontal, de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo …. / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 320 mm; Altura máxima 715 mm; Espessura máxima do bordo 24 mm; Diâmetro máximo do fundo 216 mm.



MMAP 148. Talha
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 83.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Do conjunto de elementos não plásticos destaca-se o quartzo, distribuído de forma homogénea. Surge na forma de quartzo branco opaco, cinzento e branco translúcido. Contém também feldspato, mica e nódulos ferrosos. Superfície apenas alisada e mal regularizada (cor - 67 M).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil parcial de talha de corpo elíptico. Bordo vertical com lábio espessado, de forma prismática. A face superior é horizontal e ligeiramente inclinada para o interior. O remate exterior da aba apresenta uma ligeira canelura de perfil arredondado. Gargalo vertical a formar um perfil quebrado com o ombro que é disfarçado e pouco pronunciado. A parede apresenta três caneluras de perfil arredondado.
Classificação e cronologia – Tipo …. / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima (existente) 745 mm; Diâmetro máximo do bordo 320 mm; Espessura máxima do bordo 38 mm.

MMAP 149. Balde
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 98 B6, A1 (E9.01), op. 12, 17.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. O elemento não plástico predominante é o quartzo. A mica encontra-se na variedade moscovita (mais abundante) e biotítica. Pontualmente registam-se restos carbonizados e nódulos ferrosos. Superfície alisada por espatulamento e polimento (cor - 47 L).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de balde. Bordo de perfil triangular com face superior plana e ligeira aba projectada para o exterior. Perfil elíptico com fundo de assentamento estreito em relação ao diâmetro máximo do bojo. Asas de orientação transversal, em fita, de perfil trapezoidal e secção plano-convexa. Fundo plano com moldura bem vincada. A decoração é composta por uma canelura de secção rectangular implantada no terço inferior do bojo.
Classificação e cronologia – Tipo…… / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 368 mm; Altura máxima 520 mm; Espessura máxima do bordo 56 mm; Diâmetro máximo do fundo 152 mm.

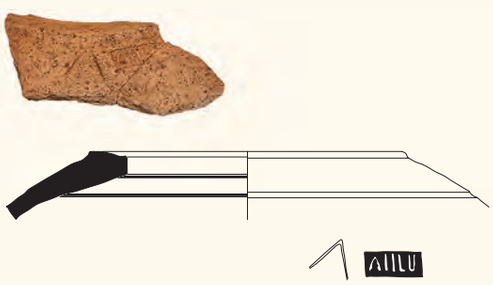
Constitui a versão de maiores dimensões deste tipo de recipientes, que aqui assume, exclusivamente, a função de armazenamento. Identificamos em Conímbriga um paralelo, morfologicamente muito semelhante, embora sem asas, que o autor enquadra no capítulo das cerâmicas tardo-romanos (ALARCÃO 1974, 124, est. L, n.º 901). De Monte Mozinho, Penafiel, é também conhecido um exemplar próximo ao nosso que, lamentavelmente, apresenta apenas o fundo e parte do arranque da parede, mas que regista o mesmo tipo de morfologia e de decoração, também formada por uma canelura de secção plano-convexa que marca o início do terço final da parede (SOEIRO 1984, 231, fig. CXVI, n.º 1).

[96] A proporcionalidade verificada nesta talha, parece corresponder à "fórmula" para as talhas de perfil oblíquo. A correspondência efectua-se na relação de 2/3 no que respeita ao diâmetro do bordo para o diâmetro máximo do bojo. Da mesma forma, o diâmetro máximo do bojo parece corresponder a 2/3 do comprimento máximo. Ao contrário, as talhas de perfil ovóide, apresentam sensivelmente a mesma altura e diâmetro máximo do bojo, correspondendo o bordo a cerca de 1/3 deste.

MMAP 149 (1). Talha
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 86, n.º Inv.º 3455.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Depuração mediana com abundantes elementos não plásticos constituidos à base de mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada e bem polida (cor - N 27).
Descrição – Fragmentos de bordo, parede e fundo de talha de média dimensão. Reservatório de perfil oval, com colo curto e bordo em aba oblíqua projectada para o exterior. Lábio espessado de perfil arredondado. Fundo discóidal de assentamento pleno com aresta arredondada e saliente.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 74 mm; Largura máxima 158 mm; Diâmetro máximo do bordo 308 mm; Espessura máxima do bordo 25.5 mm.

MMAP 149 (2). Talha
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 86 (A3.01), 195.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e friável. O elemento não plástico predominante é o quartzo. A mica surge em menor proporção e o feldspato surge de forma ocasional. Os nódulos ferrosos estão presentes de forma generalizada. O acabamento revela marcas de torno no interior e exterior. A peça apresenta um acabamento exterior muito cuidado com polimento pouco acentuado, onde são visíveis os elementos não plásticos à superfície. É revestido por uma aguada de tom creme, espessa e muito aderente (cor - 47L).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de corpo elíptico. Bordo esvasado de perfil anguloso. Forma duas faces planas divergentes, vincadas por uma carena interna localizada imediatamente abaixo do lábio. No exterior forma uma aba rebaixada com os cantos arredondados. Na separação do arranque da parede com o bordo forma uma carena interna pronunciada e de perfil anguloso. Na parte superior da parede conserva um grafito que permite a sua leitura completa. EME / ME / BONO / TUO (toma-me para teu bem).
Comprimento máximo do grafito 140 mm; Altura máxima 75 mm.
Altura máxima das letras – 1ª linha / **1**; 25: **2**;25: **3**;30: **4**;25: **5**;27. mm I 2ª linha / **1**;20: **2**;22: **3**;25: **4**;32: **5**-6;30. mm
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IIB_III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 608 mm; Altura máxima 150 mm; Espessura máxima do bordo ao nível da carena interna 23 mm.
Bibli. – ENCARNAÇÃO 1992, 7-14; DIAS; ENCARNAÇÃO 1993, 45.

O desenho do perfil do bordo representa uma forma única em Alvarelhos e encontra-se pouco documentada na área do noroeste peninsular. Apenas identificamos um exemplar proveniente de Conímbriga que se aproxima do nosso, apesar de apresentar um bordo mais curto e menos oblíquo, e o diâmetro ser substancialmente inferior (ALARCÃO 1974, 85, est. XXI, n.º 439).
O grafito gravado na face superior do bojo é composto pela seguinte frase: EME. ME / BONO. TVO (Compra-me para teu bem ou Toma-me para teu bem), sendo que os pontos se encontram representados por folhas de heras, com uma finalidade claramente estética (ENCARNAÇÃO 1992, 11).
A peça foi já alvo de um pequeno estudo, cuja interpretação da mensagem foi considerada pelo autor como sendo um slogan publicitário relativo à venda do seu conteúdo (ENCARNAÇÃO 1992, 11-12).



MMAP 149 (3). Talha
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, Ig. 1280.
Material – Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. O elemento não plástico predominante é o quartzo que revela um calibre muito irregular. A mica também é muito abundante registando-se pontualmente a presença de feldspato. Existem restos de nódulos ferrosos de grande tamanho.
A peça apresenta a superfície exterior muito polida, sem elementos não plásticos visíveis à superfície, apesar de se encontrar em elevado estado de degradação (cor - 20 M).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de corpo ovóide e bordo reentrante. Bordo engrossado com a face superior plana. Revela na face interna um rebaixamento que forma a base para assentamento da tampa. Parede muito esvasada de espessura regular. Possui uma marca no ombro precedida por um grafito.
Classificação e cronologia – Tipo Veja 49-6; Irastorza 011 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 324 mm; Altura máxima 120 mm; Espessura máxima do bordo 32 mm.

Corresponde a um tipo de talha de corpo ovóide ou periforme destinado ao armazenamento de líquidos que, em muitos casos, estaria semi-enterrado (VEGAS 1973, 118)[97]. Possui fundo plano e bordo convergente, de plano horizontal, O nosso exemplar não conserva os fragmentos da parede que permitiriam averiguar da existência ou não de asas, no entanto, os exemplares morfologicamente semelhantes apresentam duas asas opostas, aplicadas ao nível do ombro.

Tipologicamente integra o tipo 49-6 de Vegas (VEGAS 1973, 117-118, fig. 42)[98], com correspondência ao tipo 011 na variante C de Irastorza, relativa aos materiais provenientes de Lugo (IRASTORZA 2001, 219, fig. 92, n.º 8)[99].

Constitui uma forma particularmente bem representada em estratos tardo-romanos. De Conímbriga as formas mais aparentadas são os n.º 898 e 928 (ALARCÃO 1974a, 124, est. L, n.º 898, est. LII, n.º 928), apesar dos seus reduzidos 160 mm de diâmetro do bordo em oposição aos 324 mm do nosso exemplar. No entanto, o autor salvaguarda que outros exemplares tipologicamente semelhantes, possuem diâmetros entre 208 mm e 420 mm. Mais próximo de nós, apenas em Braga se encontra documentado (GASPAR 1985, XX, n.º 12).

Esta forma encontra-se particularmente bem representada no sul de Portugal, designadamente em S. Cucufate, Vidigueira, no que corresponde à III *villa*, cuja cronologia é equivalente à nossa Fase IV/V, onde são apresentados 36 exemplares nas suas múltiplas variantes (ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET 1990, 244-247, est. XCIX-CI, n.º 1-36). Um exemplar intacto foi recolhido na Herdade da Machoqueira, Évora, que apresenta as mesmas características morfológicas do nosso exemplar. Apesar de ser proveniente de um contexto arqueológico não possui enquadramento estratigráfico que faz com que a autora o classifique com reservas como do séc. IV - V (NOLEN 1985 b, 105-109, est. 1-2). Outros paralelos podem ser apreciados em Cascais, provenientes da *villa* romana do Alto da Cidreira (ENCARNAÇÃO; CARDOSO; NOLEN 1982, 9-20), em Sines, provenientes de Sousela dos Chãos (SOARES 1987, 193-202, fig. 3, n.º 42), em Grândola, com dois exemplares provenientes da estação romana do Cenado do Castelo (FERREIRA; FARIA 1991, 100, fig. 9-10), e, por último, um exemplar proveniente de Palmela (FERNANDES; CARVALHO 1996, 111, fig. 6).

A marca encontra-se inscrita no ombro, imediatamente abaixo do bordo. A cartela é de formato rectangular onde se encontram impressas cinco letras – AIILU –, precedidas por um grafito que compõe um V invertido.

MMAP 150. Púcaro

Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B6, A1, op. 12.

Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. No conjunto dos elementos não plásticos destaca-se o quartzo de pequeno calibre, distribuído de forma homogénea. Surge na forma de quartzo branco opaco, cinzento e branco translúcido. Contém também feldspato, mica e nódulos ferrosos. O acabamento da peça é grosseiro, não revelando qualquer polimento ou alisamento, pelo que os elementos não plásticos afloram à superfície (cor - 70 M).

Descrição – Perfil completo de púcaro de perfil ovóide. Corpo elíptico com bordo projectado para o exterior. Lábio arredondado com irregularidades. Carena interna de perfil arredondado formada pelo estreitamento do colo. Parede com espessura irregular com abundantes estrias com espaçamento irregular. Fundo plano, ligeiramente côncavo, com espessamento central. Asas em fita, de secção plano-convexa, ligeiramente soerguidas em relação ao bordo.

Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.

Dimensões – Altura máxima 141 mm, Diâmetro máximo do bordo 124 mm, Diâmetro máximo do fundo 73 mm, Espessura máxima do bordo 5 mm.

Os púcaros são vasilhas de reduzida dimensão e com perfis variados. Revelam frequentemente fabricos cuidados com pastas bem depuradas e acabamentos esmerados com alisamento das superfícies e muitas vezes com engobe espesso e bem aderido. As decorações são, na maior parte dos casos, constituídas por pintura, embora existam exemplares com decoração impressa (LOBATO 1995, 56, est. XVIII, n.º 61).

As suas características morfológicas e as suas reduzidas dimensões indicam que serviriam para conter líquidos em pequenas quantidades ou para beber. Ao contrário do que sucede no sul de Portugal, onde este tipo de peças parece evidenciar preferencialmente duas asas (NOLEN 1985, 67)[100], a maior parte dos exemplares conhecidos no norte possui apenas uma.

Constitui uma forma particularmente abundante no noroeste português tendo sido publicados vários exemplares, entre outros, provenientes de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO 1995, 56, est. XVIII, n.º 58-61), de Braga (MARTINS; DELGADO 1989-90, 163, fig. 101), de Gondomil, Viana do Castelo (ALMEIDA; ABREU 1987, 206, est. III, n.º 2), de Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973, 209-222, est. VI, n.º 3), e de várias necrópoles a região de Penafiel, nomeadamente da necrópole de S. Martinho de Recesinhos, da necrópole de Boa Vista, da necrópole de Igreja (SOEIRO 1984, 44, fig. XIII, n.º 3; 77, fig. XXXIII, n.º 2-3; 90, XXXVIII, n.º 9), e, em diferentes horizontes cronológicos de Monte Mozinho, Penafiel.

MMAP 151. Taça – *Cerâmica cinzenta fina tardia*

Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4 (C13.02), op. 42 / 296.

Material – Cerâmica. Pasta medianamente depurada com elementos não plásticos compostos essencialmente por grãos de quartzo de calibre médio. Acabamento cuidado com polimento intenso. Superfície muito brilhante embora ligeiramente irregular (cor - T31).

Descrição – Perfil completo de taça. Parede arqueada. Bordo vertical de perfil arredondado, ligeiramente engrossado. Parede curvilínea de espessura regular. Fundo discóidal com pé baixo de assentamento pleno.

Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.

Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 130 mm; Altura máxima 53 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.

---

[97] Apesar de bem representado em Alvarelhos e das condições de enterramento dos extractos a que se reporta permitirem a leitura integral dos espaços e posição da maior parte destes grandes contentores, este tipo de recipiente não foi em nenhum caso detectado nestas condições de depósito.

[98] O *dolium* apresentado é proveniente de Tarragona, do estrato D, com cronologia do princípio do séc. V.

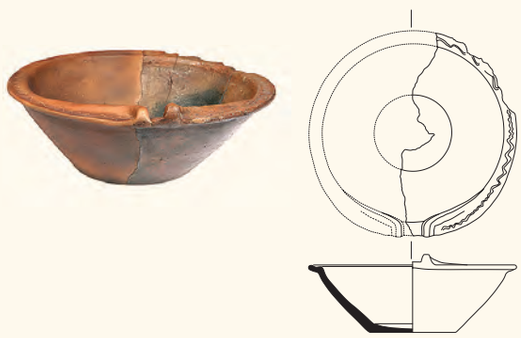
[99] Embora o exemplar mencionado não proceda de um estrato arqueológico bem datado, a sua associação estratigráfica a sigillata hispânica tardia aponta um horizonte cronológico semelhante ao nosso (IRASTORZA 2001, 222).

[100] A autora a propósito cita materiais provenientes da *villa* romana de Cardílio e das necrópoles alentejanas de Reguengo, Farrobo, Aramenha, Valdoca e Stº. André.

MMAP 152. Copo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A (H 25.00), op. 113.
Material – Cerâmica. Pasta depurada com cozedura uniforme. Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo e a mica. A superfície é polida com acabamento cuidado (cor - R69).
Descrição – Copo de perfil completo. Perfil sinuoso, em S, muito marcado. Bordo muito aberto a formar uma ligeira aba com lábio arredondado virado para o exterior. Bojo de perfil ovóide. Fundo com pé discóidal, muito espesso, com espessamento na parte central. Possui um friso muito fino no pé junto à ligação com o bojo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 85 mm; Altura máxima 89 mm; Diâmetro máximo do fundo 36 mm, Espessura máxima do bordo 3mm.

MMAP 153. Prato
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – s/n.º, ALV. 92.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor - P75). Elementos não plásticos abundantes compostos por mica e quartzo de pequena dimensão e bem calibrados. Superfície espatulada com alisamento deficiente. Conserva vestígios de exposição prolongada ao fogo, (cor - T73).
Descrição – Fragmento de prato com perfil completo. Parede arqueada com bordo vertical, rematado com lábio pontiagudo. Fundo plano de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 181 mm; Diâmetro máximo do fundo 116 mm; Altura máxima 35 mm; Espessura máxima da parede 4 mm.

MMAP 154. Prato
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A (I 24.02), 6262 – 6266.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, feldspato e, em maior quantidade, quartzo. Superfície áspera com acabamento deficiente. Vestígios de exposição ao fogo no fundo e parede externa (cor - N55).
Descrição – Fragmentos de bordo, parede e fundo de prato. Parede arqueada com bordo reentrante e lábio introvertido, espessado em relação à parede. Fundo plano de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 221 mm; Altura máxima 53 mm; Diâmetro máximo do fundo 168 mm; Espessura máxima do lábio 9 mm.

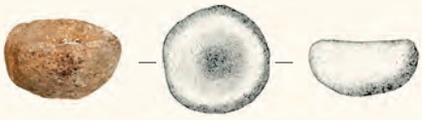


MMAP 155. Almofariz
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, op. 23.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura uniforme. No conjunto dos elementos não plásticos predomina o quartzo de tamanho médio, bem calibrado. A mica surge em menor proporção e o feldspato de forma ocasional. O acabamento revela marcas de torno no interior (cor - 47R).
Descrição – Fragmento de perfil completo de almofariz com vertedouro trapezoidal. Perfil tronco-cónico com paredes ligeiramente arqueadas. Bordo largo, em forma de aba, com lábio arredondado e soerguido. Vertedouro elevado. Fundo plano com adelgaçamento na parte central. Decoração inscrita na aba composta por um meandro inciso.
Classificação e cronologia – Tipo Vegas 7d / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo ao nível da aba 284 mm; Altura máxima 106 mm; Diâmetro máximo do fundo 117 mm; Espessura máxima da aba 7 mm.

É uma produção local ou regional em cerâmica comum de boa qualidade. A forma inspira-se no tipo Santrot 204-207 (BELTRAN 1990, 216), Vegas 7d (VEGAS 1973, 32, n.º 970). Esta forma, datada do séc. III-IV, tem sido sugerida por vários autores como de possível origem norte-africana[101].
Forma um perfil tronco-cónico com paredes finas e ligeiramente arqueadas. O bordo é largo, em forma de aba, com lábio arredondado em viseira ligeiramente soerguida e reentrante. O vertedouro é de planta trapezoidal, simétrico, com paredes verticais ligeiramente erguidas em relação à aba. O fundo é espesso e plano com adelgaçamento na parte central. A decoração da aba é composta por um meandro inciso.
São escassos os paralelos para este tipo tardio de almofarizes, no entanto, identifacamos alguns exemplares muito semelhantes provenientes de São Cucufate, Vidigueira (ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET 1990, 39, est. XXV, n.º 299; 43, est. XXVIII, n.º 365), de Conímbriga, integrados no conjunto de cerâmicas tardo-romanas que, para além das semelhanças morfológicas, apresentam o mesmo tipo de decoração (linha ondulada na face superior da aba) (ALARCÃO 1975, 110, n.º 680; 131, est. LIII, n.º 931), e, por último, de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 265, fig. CXXXV, n.º 1).

[101] Refira-se que se identificou neste mesmo aposento, no cunhal sudoeste, um forno, sendo provável que a utilização do almofariz se relacione com o trabalho da panificação.

MMAP 155 (1). Almofariz
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 155(1).
Material – Quartzito.
Descrição – Seixo rolado, cilíndrico, de formato tronco-cónico, ligeiramente assimétrico. Faces regularizadas pelo uso como percutor. Polimento intenso e generalizado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 128 mm; Espessura máxima 51 mm.



MMAP 155 (2). Almofariz
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 155(2).
Material – Granito.
Descrição – Base de almofariz de planta circular, assimétrica, com face superior côncava de recorte irregular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 98 mm; Altura máxima 55 mm.

MMAP 156. Taça
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 156.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, pouco depurada, com cozedura uniforme (cor - P49). Elementos não plásticos à base de quartzo e mica de dimensão média, mal distribuídos. Superfície áspera, regularizada por espatulamento com polimento deficiente (cor - P49).
Descrição – Perfil completo de taça de média dimensão. Parede arqueada com bordo vertical e lábio pontiagudo. Fundo formado por pé discóidal de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 188 mm; Altura máxima 80 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.

MMAP 157. Prato – *Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B (D13.01), 3931, 3932, 4000.
Material – Cerâmica. Pasta de estrutura arenosa, muito compacta, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo bem calibrados e de distribuição regular. Superfície regularizada com polimento cuidado. Acabamento formado por engobe espesso e bem aderido no interior e exterior (cor - S20).
Descrição – Perfil completo de prato. Parede arqueada com bordo projectado para o interior marcado por carena externa de perfil anguloso, rematado por lábio de secção triangular com a aresta arredondada. Fundo plano de assentamento pleno. Decoração inscrita no fundo interno composta por dois círculos concêntricos incisos.
Classificação e cronologia – Tipo – Imitação Hayes 61 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo ao nível da carena 368 mm; Diâmetro máximo do fundo 297 mm; Altura máxima 46 mm; Espessura máxima da parede 9 mm.

MMAP 158. Taça – *Sigillata hispânica*
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, 996.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e medianamente dura, com cozedura uniforme (cor - N19). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por pontos calciticos de cor amarela de pequeno calibre e distribuição uniforme. Superfície polida, coberta por verniz espesso e muito aderente (cor - R20).
Descrição – Perfil completo de taça de *sigillata* hispânica tipo Dragendorff 27. Parede modelada em dois planos assimétricos de perfil convexo. Bordo ligeiramente reentrante com lábio vertical de secção arredondada. Fundo formado por pé com moldura hispânica. No interior, no fundo da parede, conserva duas linhas incisas. No fundo identifica-se a existência de uma cartela ilegível.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 27 – *Tritium Magallum* / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 132 mm; Altura máxima 64 mm; Diâmetro máximo do fundo 57 mm; Espessura máxima da parede 4 mm.

MMAP 158 (1). Lucerna
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94, op. 109.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta e dura, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica de pequena dimensão, bem distribuída. Superfície alisada com polimento mediano (cor - P30 / M33).
Descrição – Lucerna em cerâmica comum decorada. O disco é circular e prolongado por um canal largo. Bico de recorte oval sem destaque. *Influbium* de recorte circular, parcialmente fragmentado. Orla decorada com motivos geométricos formados por traços incisos e elementos em relevo com cruzes e círculos, obedecendo às regras de repetição simples. A asa é uma pegadeira simples perfurada, implantada directamente no *rostrum*. Fundo côncavo de assentamento radial.
Classificação e cronologia – Tipo Ponisch IV – A / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 113 mm; Largura máxima 80 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm.

Lucerna profusamente decorada com motivos geométricos formados por traços incisos e elementos em relevo com cruzes e círculos, obedecendo às regras de repetição simples. Constitui um exemplo de produção local ou regional de inspiração em modelos forâneos.
O único exemplar publicado, morfologicamente próximo à nossa lucerna, é proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira, (ALMEIDA; SANTOS 1974, 21, est. VI, n.º 1 e 2)[102], infelizmente sem referência estratigráfica ou cronológica. Apesar das semelhanças morfológicas apresenta como elemento diferenciador uma decoração moldada no disco, onde forma doze gomos, enquanto que o nosso exemplar apresenta uma sequência de três círculos em relevo. A constituição da pasta, na descrição do autor, é de cor branca, com engobe de tom laranja, pouco aderente. O autor classifica-a como tipo Walters 30, comparando-a às produções gregas do séc. IV, sem, no entanto, referir qualquer sugestão cronológica. Contudo, se atendermos às referências cronológicas do conjunto de materiais em análise, o seu enquadramento é seguramente a segunda metade do séc. IV - inícios do séc. V.
Trata-se, efectivamente, à semelhança do nosso exemplar, de uma lucerna tipo Ponisch IV-A[103] cujas características morfológicas assentam fundamentalmente na existência de um canal terminado numa protuberância e separado do disco. A decoração, sempre de tipo geométrico, desenvolve-se na margo. O nosso exemplar pertence à subvariante A, uma vez que apresenta o rostro e o canal alongado. As produções norte-italianas, inicialmente datadas do ano 70 da nossa era (LOESCHCKE 1919, 286-269), são actualmente consideradas como tendo tido início por meados do séc. I, uma vez que a data anteriormente considerada é hoje tida como momento de início da produção de imitações no Reno e Danúbio (BUCHI 1975, XXIX-XXXIII), considerando-se o seu apogeu os sécs. II-III, prolongando-se a sua produção, em determinados locais, até ao final do séc. IV, como parece corroborar o contexto arqueológico de um exemplar procedente de Romanos, Saragoça (TAFALLA 1988, 20, fig. 33, lám. XVI, 1a-1b), morfologicamente idêntico ao nosso exemplar, embora com um tipo de decoração geométrica simplificada e estilizada.

MMAP 158 (2). Lucerna
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 98 B1 (G13.00), op. 123.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com abundantes elementos não plásticos, compostos por mica, quartzo e cerâmica moída. A superfície, ligeiramente rugosa, não apresenta qualquer vestígio de engobe. Coloração castanho-alaranjada com abundantes vestígios de fuligem (cor - N49).
Descrição – Lucerna completa, ligeiramente fragmentada na orla do *infulbium*. Apresenta um corpo oval, ligeiramente irregular, com disco pouco individualizado. A asa de perfil circular é perfurada e apresenta um desenvolvimento oblíquo. No centro, o orifício de alimentação apresenta-se rodeado por um motivo composto por pérolas de recorte irregular. A decoração no *rostrum* é composta por pérolas alternadas com linhas onduladas convergentes para o centro.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 65 mm; Largura máxima ao nível do disco 48 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm.

MMAP 159. Taça
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92, op. 48.
Material – Cerâmica comum. Pasta bem depurada com cozedura uniforme. Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo e a mica de pequeno calibre. Contém abundantes nódulos ferrosos de pequena dimensão. A superfície externa é alisada e polida (cor - M29).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de taça. Perfil sinuoso, em S, pouco pronunciado. Bordo esvasado rematado por lábio pontiagudo virado para o exterior. Fundo com pé discóidal de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 246 mm; Altura máxima 54 mm; Diâmetro máximo do fundo 47 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.

As taças, por oposição às tigelas ou malgas, são peças de fabrico mais cuidado que iam à mesa com comida ou eram utilizadas para beber ou para comer papas e sopas (NOLEN 1985, 93). São geralmente mais pequenas que as malgas e tigelas e conheceam variações ligeiras ao nível do perfil da parede, bordo e fundo. À semelhança do que referem Jorge e Adília Alarcão a propósito do estudo dos vidros romanos do Museu de Vila Viçosa, para formas similares (...) *a forma muito simples deve ter-se fabricado em todas as épocas, o que torna inútil a procura de paralelos* (...) (ALARCÃO; ALARCÃO 1967, 4-6, est. 3, n.º 6), também as taças se fabricaram em todas as épocas.
A presente taça constitui, provavelmente, a forma mais comum deste tipo de peças. Trata-se certamente de um fabrico local ou regional com inúmeros paralelos de âmbito regional ou supra-regional com cronologia muito lata, amplamente representada em ambientes funerários e habitacionais. O nosso exemplar apresenta perfil sinuoso com bordo oblíquo, de secção arredondada, ligeiramente esvasado. A parede é ligeiramente arqueada e o fundo é formado por um falso pé, discóidal, plano. Os paralelos desta forma, particularmente comum, podem observar-se, para além de muitos outras proveniências[104], na necrópole de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO 1995, 51-54, est. XII-XIV, n.º 35-48), e na necrópole das Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973, est. II, n.º 2; est. IV, n.º 5).

[102] Esta lucerna foi anteriormente publicada por Carlos Teixeira a propósito de um peso "bizantino" (TEIXEIRA 1935, 3-4), referindo um outro exemplar proveniente do castro de Fiães e demais material em depósito no então Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e também por Ferreira de Almeida a propósito de um estudo alargado sobre lucernas romanas em Portugal (ALMEIDA 1953, 187, est. 44, n.º 219).
[103] Dreseel Lamboglia31 / Ivanyi, XII / Palol 15 / Ponsich IV B e C / Deneauve XII / Provoost V 9, 2.
[104] Veja-se, por exemplo, os materiais provenientes da necrópole de S. Brás, Frazão, Paços de Ferreira (SILVA 1986 b, est. XXIII, n.º 1), necrópole da Devesa Grande, Meixomil, Paços de Ferreira (SILVA 1986b, XXXIII, n.º 2), necrópole da Boavista, Frazão, Paços de Ferreira (SILVA 1986b, est. XXIII, n.º 3), necrópole de Codes, Rio de Moinhos, Paredes (SOEIRO 1984, fig. XXV, n.º 8), necrópole da Quinta da Boavista, Canelas (SOEIRO 1984, fig. XXXIV, n.º 7), necrópole de Monte Mozinho, Penafiel (ALMEIDA 1974, est. XII, n.º 5), e necrópole do Freixo, Marco de Canaveses (DIAS 1995, est. c, n.º 6, d, 1).

MMAP 159 (1). Taça
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, lg. 7558.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de composição arenosa com cozedura uniforme. Acabamento cuidado apresentando um polimento acentuado com revestimento de aguada espessa e aderente (cor - 69L).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de uma taça de imitação da forma Dragendorff 24/25 da *sigillata* hispânica. Bordo vertical, ligeiramente reentrante, de secção arredondada. Carena exterior de perfil triangular com espessamento da parede. Fundo com pé ligeiramente aberto e com moldura hispânica. A decoração é composta por um conjunto de pequenos frisos de diferentes espessuras dispostos ao nível inferior da parede.
Classificação e cronologia – Imitação da forma Dragendorff 24/25 / Castro de Alvarelhos – Fase IIB_III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 103 mm; Altura máxima 32 mm; Diâmetro máximo do fundo 54 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.

Morfologicamente imita a forma Dragendorff 24/25 da terra *sigillata hispânica*. Constitui uma forma relativamente comum, de âmbito supra regional, de que podemos referir paralelos no mesmo horizonte cronológico provenientes de necrópoles do Alto Alentejo, nomeadamente um exemplar proveniente da necrópole da Horta das Pinas (NOLEN 1985, 105, est. XXXVIII, n.º 391; 1995-97, 350)[105].

MMAP 159 (2). Copo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, lg. 8293.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta e dura. Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo de pequeno calibre. Contém também mica branca e abundantes nódulos ferrosos. Acabamento cuidado revelando uma superfície alisada e muito polida (cor - 52P).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de copo. Perfil sinuoso em S. Bordo esvasado com lábio arredondado virado para o exterior. Fundo com pé discóidal, ligeiramente côncavo, com espessamento no interior. Decoração composta por um friso localizado no arranque do bojo de perfil triangular e canelura na parte superior do bojo de secção em U.
Classificação e cronologia – Tipo Martins 1a / Castro de Alvarelhos – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 89 mm; Diâmetro máximo do fundo 51 mm; Altura máxima 94 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.

Os copos *(pocullae)* são recipientes de dimensões reduzidas que, à semelhança dos púcaros, serviam para beber. Constituem formas muito difundidas cuja morfologia revela uma longa duração tendo, no entanto, conhecido inúmeras variantes. São frequentes os exemplares pintados com motivos geométricos em época tardo-romana. Um primeiro ensaio tipológico, elaborado a partir dos materiais provenientes das necrópoles de *Bracara Augusta* (MARTINS; DELGADO 1989-1990, 161), com base no seu perfil, considera a existência de três tipos. O nosso exemplar é uma produção local e enquadra-se na forma 1A.

MMAP 159 (3). Taça
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2 (A10.02), op.70.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por quartzo, mica e feldspato. Acabamento de boa qualidade apresentando a superfície polida (cor - R47).
Descrição – Perfil completo de taça. Parede arqueada com bordo projectado para o exterior rematado por lábio de perfil arredondado. Fundo discóidal configurando um pé baixo de assentamento pleno. Decoração composta por duas caneluras incisas na face intermédia da parede.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 314 mm; Altura máxima 122 mm; Diâmetro máximo do fundo 100 mm; Espessura máxima da parede 5 mm.

MMAP 160. Pote
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, (J20.02), 2786, op. 162.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura, medianamente depurada. Elementos não plásticos abundantes, compostos por quartzo e mica de diferente calibre. Superfície alisada e medianamente polida (cor - R71).
Descrição – Pote de perfil elíptico de bordo contra-curvado. Bordo espesso com lábio de perfil vertical. Face interna quase vertical com friso para assentamento de testo. A face externa do bordo é definida na face inferior por uma ligeira canelura demarcada por um friso. Parede pouco esvasada e bojo baixo, revelando estrias de utilização de torno rápido. Fundo plano, discóidal, de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 176 mm; Diâmetro máximo do fundo 156 mm; Altura máxima 247 mm; Espessura máxima da parede 11 mm.

Os potes (*ollae*) integram um largo conjunto de recipientes de armazenagem e incluem-se no grupo de peças cujas características consistem no facto de possuírem mais altura que largura, ou seja, são formas fechadas, de desenvolvimento vertical. O colo é reentrante e o bordo esvasado, evidenciando inúmeras variantes de perfil. Os lábios, geralmente arredondados ou pontiagudos, apresentam também muitas variantes quanto ao perfil, orientação e secção, podendo ou não apresentar uma aba ou carena interna para receber um testo. Os fundos são geralmente discóidais. Em termos gerais, poder-se-á afirmar que constituem um grupo de características bastante homogéneas, cuja forma se mantém continuamente em uso com pequenas alterações. A sua dimensão varia de forma significativa, em função do seu uso.

[105] A peça foi pela primeira vez publicada por Abel Viana e Dias de Deus em 1958 (VIANA; DEUS 1958, 56, est. XIX, N.º 173).

Como recipiente de cozinha[106] era utilizado para armazenar comida, vários ingredientes, restos de refeições ou mesmo para cozinhar determinado tipo de alimentos como sopas ou cozidos (NOLEN 1985, 113).

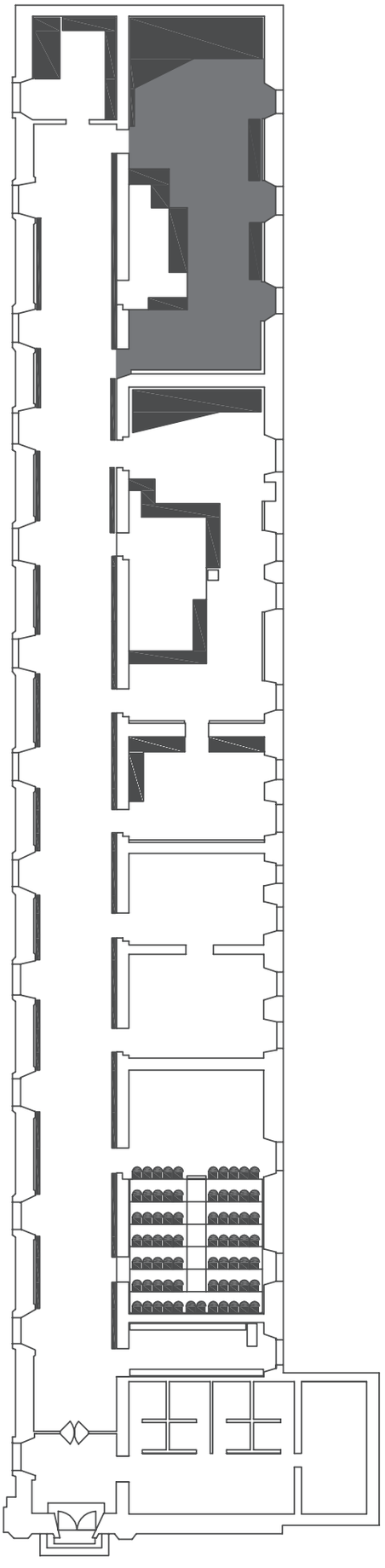
MMAP 161. Prateira – *African red slip ware*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 114, 30, 21, 26, 23.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, praticamente isenta de elementos não plásticos. Superfície interna e externa muito polida com acabamento de alta qualidade (cor - R37).
Descrição – Fragmentos de bordo, arranque de parede e fundo que formam perfil completo de prateira. Bordo moldurado e ascendente, formando uma aba ligeiramente descendente rematada por um lábio espesso marcado no interior por um friso. Perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano vincado por uma estria profunda no exterior, formando um pé falso. Decoração delimitada por um círculo composta por motivos estampados do estilo A de Hayes, estilo A (ii).
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 67, 360 – 470 / Castro de Alvarelhos – Fase V.
Dimensões – Diâmetro máximo 400 mm; Altura máxima 73 mm; Diâmetro máximo do fundo 155 mm; Espessura máxima da parede 9 mm.

MMAP 162. Prateira – *African red slip ware*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 19.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada, praticamente isenta de elementos não plásticos. Superfície regularizada, muito polida, com acabamento de alta qualidade (cor - P17).
Descrição – Perfil completo de prateira. Bordo moldurado e ascendente, formando uma aba ligeiramente curva, rematada por lábio espesso vincado no interior por um friso. Perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano marcado por uma estria profunda no exterior, formando um falso pé. Decoração delimitada por um círculo composta por motivos estampados do estilo A de Hayes - estilo A (ii).
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 67, 360 – 470 / Castro de Alvarelhos – Fase V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 428 mm; Altura máxima 78 mm; Diâmetro máximo do fundo 161 mm; Espessura da parede 10 mm.

A prateira tipo Hayes 67 é considerada como uma das formas mais difundidas na segunda metade do séc. IV. Caracteriza-se pelo seu bordo moldurado e ascendente e lábio espesso, frequentemente marcado no interior por um friso. Revela um perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano marcado por uma estria profunda no exterior, formando um pé falso. Quando decorada, os motivos estampados são do estilo A. Hayes sugere uma cronologia geral entre 360-470 para a sua difusão, apresentando três grupos distintos em função da sua decoração com cronologias balizadas entre 360-420 para o estilo A (ii); 400-450 para o estilo A (iii) e c. 450 para os motivos simplificados com apenas um elemento (HAYES 1972, 112-116, fig. 19).
Em Portugal encontra uma difusão muito assinalável, sendo conhecidos cinco exemplares em Balsa, Tavira (NOLEN, 1994, 101, est. 21, n.º 34-36), em S. Cucufate, Vidigueira, num horizonte de 330 peças identificadas 20 pertencem à forma 67 (ALARCÃO, ÉTIENNE; MAYET 1990, 48, fig. 6). Em Conímbriga, encontra-se amplamente representada, apesar de a ausência de fundos decorados impedir qualquer analogia com os grupos estabelecidos por Hayes.
A nível regional não são muitos os exemplares conhecidos que possam contribuir para uma aferição da cronologia proposta. Refira-se, no entanto, um exemplar documentado na necrópole de S. Pedro da Lomba, Amarante, decorada com círculos concêntricos (estilo A - ii) cuja cronologia se baliza entre 360-420 (JORGE 1995, 202, est. II, n.º 1). Assinale-se a presença de um fragmento de uma peça na *villa* romana de Noville, Mugardos, em que o autor identifica, a partir do perfil do bordo, semelhanças com as peças dos grupos B ou C, datando-a, do séc. V (LOSADA 1992, 64, fig. VI, n.º 12).
Apesar da sua ampla difusão e representatividade nas formas identificadas, não foi uma forma imitada de modo sistemático por produções em cerâmica comum, nomeadamente pelos fabricos que denominamos por *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*, de que apenas se conhece um exemplar proveniente da necrópole romana de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO 1995, est. XI, n.º 32).

MMAP 163. Prateira – *African red slip ware*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 195.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada. Elementos não plásticos em pouca quantidade compostos por mica e cerâmica moída. Superfície interna e externa muito polida com acabamento de alta qualidade (cor - R37).
Descrição – Fragmento de bordo e parede de prato modelado ao torno. Bordo introvertido, com lábio de secção triangular, reentrante, marcado por carena exterior ao nível do arranque da parede. Parede de perfil arqueado com estreitamento progressivo para o fundo. Fundo plano de assentamento radial. Decoração composta por dois círculos inscritos no interior.
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 61 A, 325 – 400/425 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.
Dimensões – Diâmetro máximo 320 mm; Diâmetro máximo do fundo 273 mm; Altura máxima 37 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.

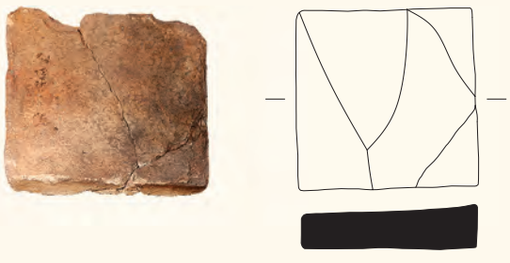
[106] Naturalmente este tipo de recipientes encontrou inúmeras utilizações para além do seu uso estritamente culinário. Representa, inclusivamente, um tipo de peça amplamente identificada em ambientes funerários, no entanto, no caso específico de Alvarelhos, todos os exemplares recolhidos são provenientes de ambientes domésticos, sendo, a maior parte deles, relacionáveis com aposentos identificados como cozinhas.



Peças - 164 a 303

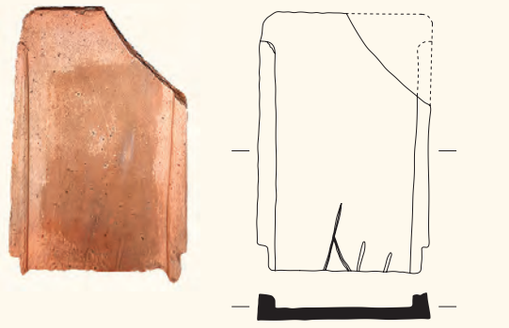
MMAP 164. Tijolo - *Cuneatus*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, Sub.S. A4 (C8.02), op. 96 (1).
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Abundantes elementos não plásticos, compostos por grãos de quartzo e cerâmica moída. Superfície alisada com polimento acentuado. Vestígios de fuligem à superfície (cor - R20).
Descrição – *Cuneatus*. Formato quadrangular e secção trapezoidal com espessura progressiva. Arestas bem definidas e cantos angulosos.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Largura máxima 330 m; Comprimento máximo 320 mm; Espessura máxima 70 mm; Espessura mínima 50 mm.

MMAP 165. Tijolo - *Cuneatus*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, Sub.S. A4 (C8.02), op. 96 (2).
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Abundantes elementos não plásticos, compostos por grãos de quartzo e cerâmica moída. Superfície alisada com polimento acentuado. Vestígios de fuligem à superfície (cor - R45).
Descrição – *Cuneatus*. Formato quadrangular e secção trapezoidal com espessura progressiva. Arestas bem definidas e cantos angulosos.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Largura máxima 320 mm; Comprimento máximo 330 mm; Espessura máxima 70 mm; Espessura mínima 50 mm.

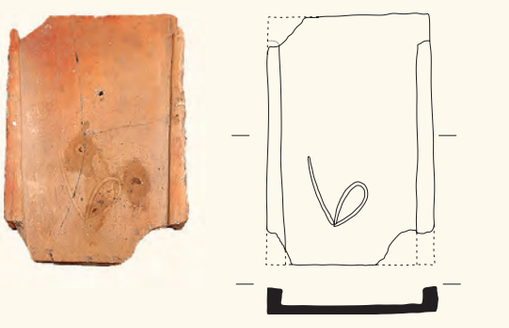


MMAP 166. Tijolo - *Cuneatus*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, Sub.S. A4 (C8.02), op. 96 (3).
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Abundantes elementos não plásticos, compostos por grãos de quartzo e cerâmica moída. Superfície alisada com polimento acentuado. Vestígios de fuligem à superfície (cor - M53).
Descrição – *Cuneatus*. Formato quadrangular e secção trapezoidal com espessura progressiva. Arestas bem definidas e cantos angulosos.
Classificação e cronologia – Tipo …. / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Largura máxima 320 mm; Comprimento máximo 320 mm; Espessura máxima 80 mm; Espessura mínima 60 mm.

Os tijolos de secção prismática destinados à formação de arcos, permitem formar a curvatura do arco mantendo a espessura da argamassa, conferindo, desta forma, uma maior solidez e estabilidade ao elemento arquitectónico. Para a expressão francesa de *voussoir*, vulgarmente utilizada para designar este tipo de peças, não existe a equivalência latina. Vitrúvio, ao referir-se aos elementos que formam um arco, utiliza o termo *cuneus* que significa curva (VI, 8,3). Gerald Brodribb, ao abordar o estudo de "tijolos e telhas romanas" utiliza a expressão *cuneatus* para os tijolos sólidos e *tubulus cuneatus* para os vazados (BRODRIBB 1987, 44-45). Os nossos exemplares enquadram o grupo de 300 mm x 300 mm o que corresponde, sensivelmente, a um pé quadrado (29 cm x 29 cm), na designação latina *pedalis*. A diferença de espessura entre a face superior e a inferior é sensivelmente de 2 centímetros.



MMAP 167. Tégula
Proveniência – Desconhecida / N.º Inv.º – 80 X.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de constituição grosseira. Elementos não plásticos de diferente calibre, muito abundantes, com distribuição irregular, compostos por quartzo, cerâmica moída e abundantes pontos ferruginosos. Cozedura homogénea. Cor bege (cor - 91K). Superfície coberta por uma fina película avermelhada (cor - N45) lisa e impermeável, resultante da sedimentação das partículas mais finas da argila arrastadas pela água.
Descrição – Tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente com encaixe superior com interrupção do rebordo e encaixe inferior de tipo universal. Rebordo com contorno trapezoidal com aresta interior suavizada. Superfície plana, ligeiramente empenada. Encontra-se fragmentada no canto superior direito.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso A / … / meados do séc. I – meados do séc. III /….
Dimensões – Comprimento máximo 620 mm; Largura máxima 415 mm; Espessura máxima ao nível do rebordo 65 mm; Espessura da superfície interna 31 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.



MMAP 168. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP. 168.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos, muito abundantes à base de quartzo e, em maior percentagem, cerâmica moída, apresentando pontualmente pontos ferruginosos (cor - M27). Superfície alisada sem qualquer tipo de revestimento de cor bege (cor - M27).
Descrição – Tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente. Encaixe superior com interrupção do rebordo e encaixe inferior de tipo universal. Rebordo de contorno sub-rectangular com aresta ligeiramente suavizada. Superfície plana, ligeiramente empenada. Encontra-se fracturada no canto superior esquerdo e nos cantos inferiores.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso A / Monte Padrão – Fase IV_IVa
Dimensões – Comprimento máximo 630 mm; Largura máxima 415 mm; Espessura ao nível do rebordo 68 mm; Espessura da superfície interna 26 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.

MMAP 169. Imbrex
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP. 169.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito abundantes à base de cerâmica moída e, em menor percentagem, quartzo, apresentando pontualmente nódulos de cerâmica moída, de tonalidade mais clara e pontos ferruginosos (cor - L51). Superfície coberta por uma fina película avermelhada (cor - P13) lisa e impermeável.
Descrição – Formato trapezoidal com curvatura irregular e assimétrica em relação ao eixo da peça. Forma de meia cana, aberta e baixa pela parte inferior, mais alta e também aberta pela parte superior. Espessura irregular. Fracturada no topo superior direito.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso A / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 390 mm; Largura máxima 255 mm; Espessura máxima 32 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.

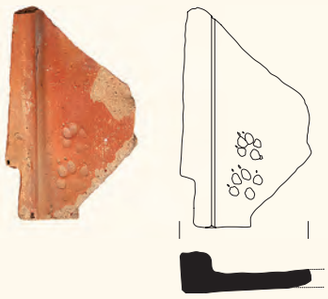
A telha plana ou de rebordo *tégula* – e a telha curva – *imbrex* – constituem o sistema de cobertura característico e exclusivo da construção romana, representando a sua presença um claro sinal de romanidade, uma vez que a sua utilização se deixa de registar a partir da Alta Idade Média.
As *tegulae* são o elemento de cobertura por excelência revelando uma longa duração nos métodos de fabrico e técnicas construtivas. No entanto, importa assinalar a sua versatilidade enquanto material construtivo, tendo sido utilizado secundariamente como complemento na edificação de muros ou pavimentos, na construção de canalizações e, de forma muito significativa, na construção de sepulturas, das quais se destacam as denominadas "de cavalete" (LOSADA 1992, 247-248).
Apesar de amplamente documentadas, as marcas de fabricantes tem apenas proporcionado classificações gerais (DIAS 1997, 130-131), não sendo razoável extrapolar resultados de carácter cronológico ou de classificação tipológica, por uma vez que estes tipos de produções, não só provavelmente seriam ocasionais, como seriam resultado de encomendas esporádicas e pontuais, destinadas a edifícios em construção, um pouco à semelhança das produções medievais, em telheiras comunitárias. Em núcleos urbanos secundários, de dimensão relativamente reduzida, é difícil imaginar um ritmo construtivo que exigisse uma especialização de produção, mesmo considerando a elevada dinâmica económica regional na qual Alvarelhos e o Monte do Padrão desempenhariam funções de núcleos polarizadores das actividades produtivas.

MMAP 170. Base de coluna
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, PAD. II X, 806.
Material – Granito.
Descrição – Base de coluna em granito da região de bom recorte e proporções. Base de planta rectangular, formando um soco de 10 cm de espessura. Toro recuado de perfil convexo, marcado por canelura na face superior. Sumoscampo desenvolvido marcado na face inferior por um ligeiro toro de perfil curvo de demarcação. Na face superior conserva-se um círculo de acerto de perfil em U.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro do Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo da base 460 mm; Largura máxima da base 250 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.

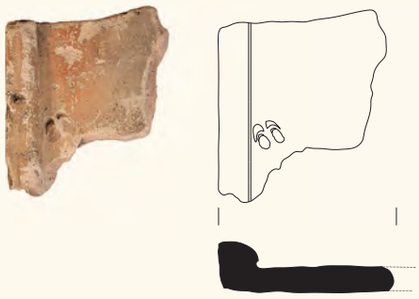
MMAP 170 (1). Ara votiva
Proveniência – Ervosa, Santo Tirso / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 170.1.
Material – Granito.
Descrição – Ara encontrada na capela de S. Bartolomeu, em Santo Tirso[107], onde servia de pia para água benta, tendo sido retirada, em 1952, por Carlos Faya Santarém e posteriormente depositada no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso, onde se encontra actualmente.
Ara votiva trabalhada nas quatro faces, com arestas muito erosionadas e fracturada na base. Base de forma quadrangular moldurada com três toros. O capitel, de forma paralelepipédica com os cantos arredondados, tem uma cruz gravada no seu lado esquerdo e dois pequenos orifícios circulares na face.
Caracteres actuários, muito ténues, de recorte desigual, de difícil leitura, com inclinação predominante à direita. Paginação muito deficiente, sem qualquer alinhamento ou eixo de simetria.
O estado de conservação da epígrafe apresenta grande dificuldade de leitura, em particular nas suas últimas linhas, tendo originado diferentes leituras. Apresentamos a leitura de Armando Coelho (SILVA 1986, 289, nota 338), em correcção à que apresentamos anteriormente (MOREIRA 1992, 21-22), após uma observação mais detalhada do monumento.
Dim.: 82 x 24 x 24 cm; Campo Epigráfico. 16,5 x 17 cm.

Transcrição
DOM (*ino*) DEO / NENEOECO / SEVERU (*s*) / (*s*) ATURNI / NI F (*ilius*) VO / TO POSU / IT NUMIN (*i*) / ...
Leitura
Ao deus *Neneoeco*, Severo, filho de Saturnino, erigiu em cumprimento de voto....
Alt. Letras : *1*: **1.2**: 1,8; **3**: 2; **4.5**: 2,5; **6**: 2,2.
2: **1**: 2,2; **2**:?; **3**:?; **4.5**: 2; **6**: 2,5; **7**: 2,2; **8**;?.
3: **1**:?; **2**: 2,6; **3**: 2; **4**: 3,3; **5**: 3; **6**:2; **7**:?.
4: **1**:?; **2**: 2; **3.4**: 2,5; **5**: 3; **6**: 1,8; **7**:?.
5: **1**: 2,4; **2**: 2; **3.4.5**:?; **6**: 1,8; **7**:2.
6: **1.2**: 2; **3**: 2,5; **4**: 1,8; **5**: 2,5; **6**:1,5.
7: **1**: 2,5; **2**: 2.
Esp. inter.: **1**: 0,5/1; **2**: 1/1,5; **3**: 1; **4**: 0,5; **5**: 1,5/2; **6**: 2; **7**: 1,5.
Cruz: dim.: 130 mm x 120 mm com sulcos de perfil em U
Fóculo: Diâmetro exterior 170 mm; Profundidade máxima 650 mm.
Bibli. – *I.L.E.R.* 896; AZEVEDO 1957, 293-301; BLAZQUEZ 1962, 122, fig. 31; TRANOY 1981, 274; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/357; ALBALAT 1990, 249, nota 14; GARCIA 1991, 303, n.º 51; MOREIRA 1992, 21-22, fot. 5; 2005, 33.

[107] A ermida de S. Bartolomeu,esteve implantada no lugar de Ervosa, freguesia de Santo Tirso, até 1530, tendo sido trasladada para o local onde actualmente se encontra por iniciativa de D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, Abade comendatário de Santo Tirso e Prior comendatário de Landim (CORREIA 1997, 98-100). Na capela encontram-se três epígrafes, duas delas renascentistas, contemporâneas da edificação e uma outra medieval incrustada na parede do corpo da capela na face este, datada de 1116. D. Miguel da Silva, reconhecidamente um humanista convicto, terá tido certamente o cuidado de recuperar todos os vestígios epigráficos agrupando-os na capela de S. Bartolomeu, explicando-se, desta forma o aparecimento da epígrafe romana neste contexto.

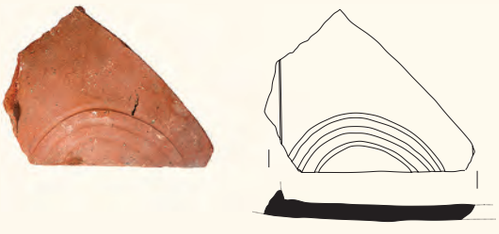


MMAP 171. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 478.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes à base de quartzo e, em maior percentagem, cerâmica moída, apresentando pontualmente pontos ferruginosos (cor - L51). Superfície alisada, coberta por uma aguada espessa e aderente, de cor vermelha (cor - R37).
Descrição – Fragmento de tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente com encaixe inferior de tipo universal. Rebordo de contorno trapezoidal com aresta interior suavizada. Superfície plana, ligeiramente empenada. Conserva-se apenas um terço do seu comprimento máximo. Regista duas pegadas de um felino, provavelmente de gato, produzidas durante o processo de secagem.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso A / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 320 mm; Largura máxima 185 mm; Espessura ao nível do rebordo 60 mm; Espessura da superfície interna 25 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.

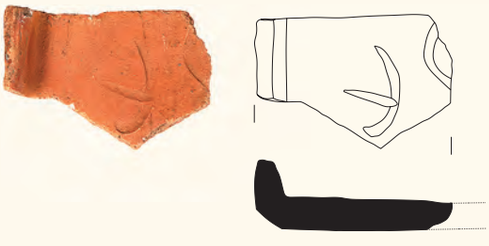


MMAP 172. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 257.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes à base de quartzo e cerâmica moída (cor - K30). Superfície alisada coberta por uma aguada espessa e aderente, de cor bege (cor - L51).
Descrição – Fragmento de tégula. Rebordo decrescente com encaixe inferior de tipo universal. Rebordo de contorno trapezoidal com aresta arredondada e ângulo inferior marcado por canelura de perfil arredondado. Conserva uma pegada de porco ou de caprino.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso A ou B / Monte Padrão – Fase IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 210 mm; Largura máxima 190 mm; Espessura ao nível do rebordo 56 mm; Espessura ao nível da superfície interna 28 mm.

MMAP 173. Imbrex
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 082.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes à base de quartzo e cerâmica moída (cor - M35). Superfície alisada de cor bege (cor - M70).
Descrição – Fragmento de imbrex. Curvatura irregular e assimétrica em relação ao eixo da peça. Forma de meia cana, aberta e baixa. Espessura irregular. Fracturada no topo superior direito. Conserva um grafito elaborado previamente à secagem da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IVa.
Dimensões – Comprimento máximo165 mm; Largura máxima 170 mm; Espessura máxima 20.9 mm.

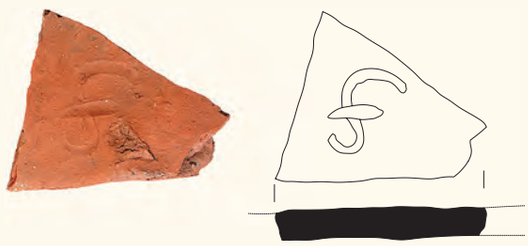


MMAP 174. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 464.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes à base de quartzo e cerâmica moída (cor - P17). Superfície alisada de cor avermelhada (cor - P35).
Descrição – Fragmento de tégula. Apenas conserva a superfície interna não permitindo a sua classificação tipológica. Conserva um grafito digitado de três círculos concêntricos elaborados previamente à secagem da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 370 mm; Largura máxima 300 mm; Espessura ao nível da superfície interna 37 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.

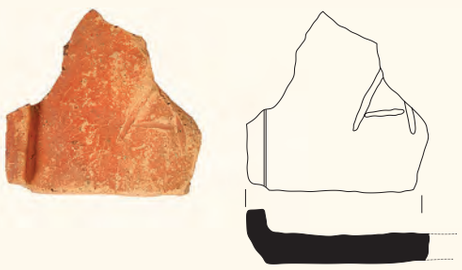


MMAP 175. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, s/n.º.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Estrutura laminar. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo e cerâmica moída (cor - N40). Superfície alisada de cor alaranjada coberta por uma aguada espessa e aderente (cor - R20).
Descrição – Fragmento de tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente com encaixe superior sem interrupção do rebordo. Rebordo com contorno sub-rectangular de espessura irregular e aresta superior arredondada. Superfície plana, ligeiramente empenada, com espessura irregular. Conserva-se apenas o canto superior esquerdo. Regista dois grafitos, um dos quais incompleto. Ambos foram digitados num momento prévio à secagem da peça.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso B / Monte Padrão – Fase IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 185 mm; Largura máxima 125 mm; Espessura ao nível do rebordo 57 mm; Espessura ao nível da superfície interna 24 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.

MMAP 176. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II X, 387.
Material – Cerâmica. Pasta pouco compacta e friável. Cozedura irregular evidenciando um núcleo de cor rosada, em contraste com as superfícies beges (cor - L69). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo e cerâmica moída (cor - M27). Superfície alisada, de cor bege, coberta por uma aguada fina e pouco aderente.
Descrição – Fragmento de tégula. Rebordo trapezoidal de arestas arredondadas com ligação interna suavizada. Conserva um grafito elaborado a estilete num momento prévio à secagem da peça.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso … (decadente) / Monte Padrão – Fase IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 156 mm; Largura máxima 150 mm; Espessura ao nível do rebordo 62 mm; Espessura da superfície interna 40 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.



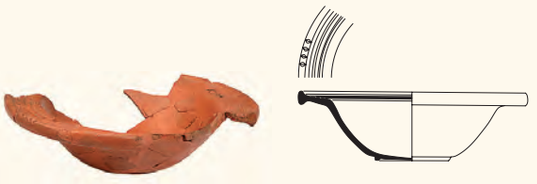
MMAP 177. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II X, 393.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes à base de quartzo e cerâmica moída (cor - P17). Superfície alisada, de cor avermelhada (cor - P35).
Descrição – Fragmento de tégula. Superfície interna plana com espessura irregular. Conserva um grafito digitado que configura um S interrompido por um traço, elaborado previamente à secagem da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 155 mm; Largura máxima 135 mm; Espessura máxima 25 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 37.



MMAP 178. Tégula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II X, 359.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo e cerâmica moída (cor - K30). Superfície alisada, de cor bege, com aguada espessa de cor alaranjada (cor - P40).
Descrição – Fragmento de tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente com encaixe superior sem interrupção do rebordo. Rebordo com contorno sub-rectangular de espessura irregular com arestas superiores arredondadas. Conserva-se apenas o canto superior esquerdo. Regista na face superior um grafito digitado que compõe a letra A.
Classificação e cronologia – Tipo Cardoso A ou B / Monte Padrão – Fase IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 220 mm; Largura máxima 205 mm; Espessura ao nível do rebordo 66 mm; Espessura ao nível da superfície interna 30 mm.

MMAP 179. Talha
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. s/n.º.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Do conjunto de elementos não plásticos destaca-se o quartzo branco, bem calibrado, de pequena dimensão, distribuído de forma homogénea. Contém também feldspato, mica e nódulos ferrosos. Superfície alisada e regularizada, (cor - 67M).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil parcial de talha de corpo elíptico de média dimensão. Bordo vertical com lábio espessado, em aba, de forma prismática. A face superior é horizontal e ligeiramente inclinada para o interior. O remate da aba conserva uma ligeira canelura de perfil arredondado. Apresenta um ligeiro gargalo vertical que forma um perfil anguloso. A parede apresenta três caneluras de perfil arredondado, paralelas entre si.
Classificação e cronologia – Tipo …. / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 338 mm; Altura máxima 504 mm; Diâmetro máximo do bojo 557 mm; Espessura máxima do bordo 23 mm.

MMAP 180. Prato – *African red slip ware*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 85, 93.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura de constituição laminar com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito finos de distribuição uniforme compostos por mica e feldspato. Cor uniforme (N13). Superfície com acabamento de elevada qualidade, alisada e muito polida, de toque acetinado. Cor levemente manchada resultante do contexto de enterramento (P13).
Descrição – Perfil completo de prato de fundo plano marcado por uma fina canelura a configurar o ressalto para assentamento. Parede curva, reentrante. Bordo com lábio de perfil triangular, pontiagudo, com face externa plana, rematada por uma carena angulosa que marca o início da curvatura da parede. A decoração é organizada por três círculos concêntricos sendo a primeira orla constituída por quadrados reticulados tipo Hayes 67 (HAYES 1972, 241, fig. 42, a), alternados por rosetas tipo 44 B (HAYES 1972, 239, fig. 41h). O círculo interno é decorado com palmetas ovóides dispostas radialmente a partir do circulo central do tipo estilo A1 (HAYES 1972, 229, fig. 38, 1a), alternado com rosetas nos espaços intercalares do tipo 44 B.
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 61 A, 325 – 400/420 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo ao nível do bordo 304 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm.



MMAP 180 (1). Taça – *African red slip ware*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 37, 57, 43.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de calibre uniforme, compostos por quartzo e feldspato (R19). Superfície com acabamento cuidado, muito polida (R20).
Descrição – Fragmentos que formam perfil completo de taça tipo Hayes 73. Aba horizontal, ligeiramente descendente, com três caneluras de perfil rectangular, paralelas entre si. Lábio amendoado, de desenvolvimento vertical, decorado por grupos de quatro caneluras transversais de formato trapezoidal. Parede reentrante, levemente curva. Fundo composto por um pé anelar, curto, de assentamento radial, com secção rectangular e arestas angulosas.
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 73, 420-475 / Castro de Alvarelhos – Fase V.
Dimensões – Diâmetro máximo ao nível do bordo 82 mm; Altura máxima 67 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm.

A taça tipo Hayes 73 (HAYES 1972, 121-124, fig. 21), forma um perfil curvilíneo e possui uma aba horizontal com três caneluras de perfil rectangular paralelas entre si. O lábio é amendoado e decorado por grupos de quatro caneluras transversais de formato trapezoidal. Apesar de o autor datar a sua produção entre 420 a 475, são conhecidos exemplares em Moosberg, Alemanha, em níveis estratigráficos datados de finais do séc. IV. É uma forma particularmente difundida na Europa continental sendo conhecidos vários exemplos provenientes de Tarragona (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 73), Mérida (VÁZQUEZ 1987, 44), e Saragoça (PERALTA 1991, 195, fig. 85, n.º 79). Os exemplares mais próximos de nós, que podem servir de paralelo e confronto cronológico, são procedentes de Conímbriga (DELGADO 1976, 256-257, est. LXXII, n.º 86), e cronologicamente integram a segunda metade do séc. V.

MMAP 181. Taça – *Sigillata hispânica tardia*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 36.
Material – Cerâmica. Pasta de compactação mediana de constituição laminar revelando uma cozedura homogénea. Elementos não plásticos em pouca abundância, compostos por mica e feldspato. Cor uniforme (R13). Superfície de textura irregular, muito degradada, com polimento irregular. Cor homogénea (P25).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de taça. Perfil acampanado com parede estruturada em dois planos. O primeiro, mais baixo, relativo ao reservatório apresenta um perfil curvo e, o segundo, formado a partir de uma carena interna desenvolve a parede do bordo que se apresenta recta, de desenvolvimento oblíquo. O bordo remata com um lábio de perfil arredondado de secção oval. O fundo é formado por um falso pé, baixo e curto, de desenvolvimento anelar, com assentamento radial. Decoração organizada em duas bandas inscritas na face inferior do reservatório que integram motivos geométricos que se repetem numa composição simétrica. A primeira, mais larga, encontra-se dividida em espaços iguais por caneluras verticais onde se organizam três círculos concêntricos. Na segunda, encontram-se representados triângulos, círculos e rectângulos, respectivamente.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 37 Tardia B / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 290 mm; Altura máxima 147 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.

MMAP 182. Taça – *Sigillata hispânica tardia*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 32.
Material – Cerâmica. Pasta de compactação média de constituição laminar com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por pequenas partículas de feldspato e mica. Cor uniforme (N13). Superfície irregular, levemente deteriorada, com polimento irregular. Conserva algumas manchas escuras resultantes do contacto com uma camada de incêndio (P20).
Descrição – Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de taça. Perfil acampanado com parede estruturada em dois planos, compreendendo o primeiro o reservatório e, o segundo, a parede do bordo que se apresenta recta de desenvolvimento oblíquo. O bordo remata com um lábio de perfil arredondado de secção oval. O fundo é formado por um falso pé, baixo e curto, de desenvolvimento anelar com assentamento radial. A decoração ocupa apenas a face intermédia e inferior do reservatório e apresenta-se inscrita numa banda paralela ao bordo. Os motivos compreendem círculos separados por bastões. Os círculos apresentam duas bandas internas nas quais se inscrevem crescentes, intervalados por pontos. A composição não é simétrica, sendo o remate composto por um círculo de menor dimensão.
Classificação e cronologia – Tipo Dragendorff 37 Tardia B / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 250 mm; Altura máxima 127 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.

A forma Dragendorff 37 Tardia[108] é uma taça que, em termos gerais, poderia ser descrita como possuindo um reservatório cuja parede é ligeiramente contra-curvada, com bordo alto e aberto, pé baixo e fundo com moldura típica dos produtos do vale do Ebro (MAYET 1984, 257). Verificam-se, no entanto, inúmeras variedades, designadamente ao nível do bordo, que conduziram alguns autores à elaboração de diferentes grupos. F. Mayet opõe-se claramente à divisão estabelecida por Palol que estabelece uma distinção entre dois grupos: o primeiro (A e B), composto pelos vasos feitos a molde, e outro, (C e D) composto pelos vasos torneados que imitam os anteriores. Apreciadas em pormenor as diferenças enunciadas por Palol, já consideradas por Lopez Rodriguez (RODRIGUEZ 1985, 21-22), e actualmente seguidas pela maioria dos autores[109], verifica-se que as variantes mencionadas, A e B se distinguem pela existência ou não de lábio. Assim, seguindo a descrição adoptada por Paz Peralta o tipo A caracteriza-se por ter um bordo alto e aberto com tendência para a verticalidade e lábio liso. O tipo B corresponde a um vaso com o bordo aberto e recto sendo rematado por um bordo com lábio arredondado no qual se inscrevem os nossos exemplares.

[108] A designação de Dragendorff 37 Tardia constitui, para a maioria dos autores, uma terminologia incorrecta por um largo conjunto de razões, nomeadamente, pelo facto de os seus principais rasgos morfológicos evidenciarem proximidade com outros modelos da produção hispânica como a Dragendorff 29 ou 27. No entanto, é unânime a decisão de manter a terminologia adoptada por esta já se encontrar fortemente implantada na bibliografia arqueológica (MAYET 1984, 257; PERALTA 1991, 117; RODRIGUEZ 1985, 16).
[109] Nomeadamente Mezquíriz (MESQUÍRIZ 1985, 170, est. XLVI-XLVII), e Paz Peralta (PERALTA 1991, 117).

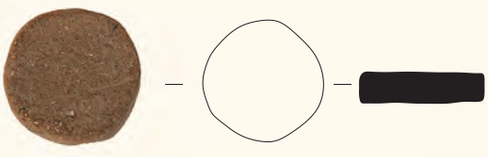
MMAP 183. Taça – *Sigillata sudgálica*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 106.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por pontos de calcite e partículas muito finas de feldspato. Cor uniforme (S37). Superfície com acabamento cuidado com verniz espesso e aderente, cor (R17).
Descrição – Fragmento de bordo, parede e fundo que formam perfil completo de taça. Parede estruturada em dois planos (1/3 correspondente ao bordo e 2/3 relativos ao reservatório), demarcados por uma curvatura convergente que origina uma carena interna bem vincada com aresta angulosa. Bordo curto e ligeiramente curvo, com lábio vertical de secção arredondada e espessado em relação à parede do bordo. Canelura interna e externa bem marcada. Fundo anelar com moldura, alta e bem marcada, de desenvolvimento oblíquo.
Classificação e cronologia – Taça tipo Dragendorff 27, Cláudio – Vespasiano / Castro de Alvarelhos – Fase IIB_III.
Dimensões – Diâmetro máximo 80 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima do bordo 4,5 mm.

As taças tipo Dragendorff 27 dividem-se em dois grandes grupos. Os critérios tipológicos valorizam fundamentalmente as suas dimensões e pequenas subtilezas formais. O primeiro grupo inclui taças de pequenas dimensões, cujos diâmetros oscilam entre os 70 mm e 80 mm. O segundo integra peças cujos diâmetros variam entre 110 mm e 125 mm.
As características morfológicas que caracterizam as primeiras produções, nas quais se enquadra a nossa peça, compõem-se, fundamentalmente, pela canelura exterior do pé e pela canelura interior localizada imediatamente abaixo do bordo (OSWALD; PRICE 1966, 186). As características tipológicas que o nosso exemplar apresenta, nomeadamente o bordo com lábio triangular, ligeiramente descaído na face exterior e canelura interna na face interior a marcar o lábio, identificam-na com as primeiras produções da época de Cláudio (OSWALD; PRICE 1966, 168). Todavia, o seu perfil, do qual se salienta a carena interna muito vincada e alta, assim como a existência de uma canelura de perfil rectangular, na face interna e externa, individualizam-na das produções que se identificam na região. Peças morfologicamente semelhantes encontram-se em Rosino de Vidriales (VAQUERO 1998, 545, fig. 223, n.º 10), e Acróbriga (RODRÍGUEZ; JUAN 1992, 16, fig. 1.2.2., n.º 20).

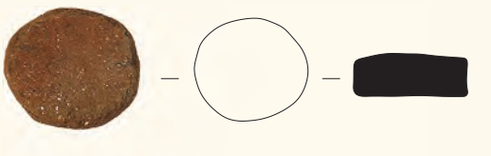
MMAP 184. Taça – *Cerâmica cinzenta fina tardia*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A (l 30.02), 1265, 6383, 6875.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme de composição laminar. Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por mica e feldspato. A análise por espectrometria de fluorescência de raios X permite a sua integração no grupo 15 das cerâmicas comuns provenientes do castro de Alvarelhos. Superfície bem polida, revelando um acabamento cuidado.

Grupo 15	SiO2(%)	A1203 (%)	Fe203 (%)	K20 (%)	Na20 (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%
Valor médio	53,05	33,22	7,78	3,16	0,15	1,35	0,09	1,05	515	301	63	282	358	---
Desvio padrão	1,81	2,19	0,99	0,51	0,12	0,13	0,02	0,18	79	55	9	35	43	---

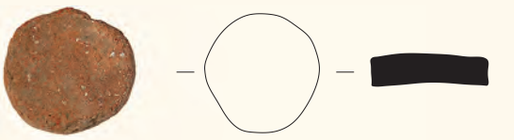
Descrição – Perfil completo de taça carenada. Parede superior vertical, ligeiramente reentrante, rematada por lábio de perfil arredondado projectado para o exterior. Parede marcada ao nível intermédio por uma carena de perfil anguloso. Parede inferior recta com ligação angulosa ao fundo. Fundo formado por falso pé de formato discóidal de assentamento pleno. A decoração é formada por duas linhas muito finas na zona intermédia da parede superior e por um friso muito ténue marcado na carena.
Classificação e cronologia – Tipo …. / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 93 mm; Altura máxima 59 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.



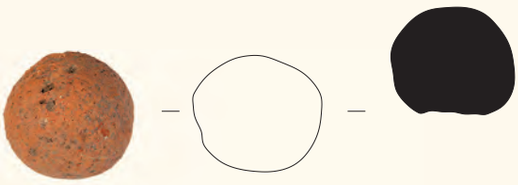
MMAP 185. Peça de jogo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 207.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes, compostos por quartzo e mica e, em menor quantidade, por feldspato. Superfície alisada e medianamente polida de tonalidade escura (cor - P70). Superfície inferior ligeiramente rugosa de tonalidade mais clara (cor - N70).
Descrição – Peça de jogo elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento de cerâmica. Formato discóidal, ligeiramente irregular. Faces laterais rectas e arestas ligeiramente arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 30 mm; Espessura máxima 8 mm; Peso 9.2 gr..



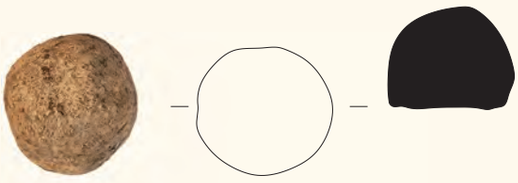
MMAP 186. Peça de jogo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 91 A, 689.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes, compostos essencialmente por mica. Superfície superior alisada e polida de tonalidade escura (cor - P53). Superfície interna alisada de tonalidade mais escura (cor - R49).
Descrição – Peça de jogo elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento de cerâmica. Formato discóidal, ligeiramente irregular. Espessura irregular. Faces de perfil convexo com arestas arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 33 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 14.5 gr..



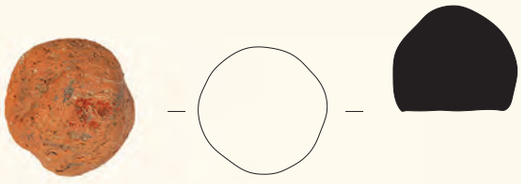
MMAP 187. Peça de jogo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A (H27.02), 5367.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme. Elementos não plásticos pouco abundantes, compostos essencialmente por mica. Superfície superior alisada com polimento deficiente de tonalidade escura (cor - P49). Superfície interna igualmente irregular (cor - P53).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal, irregular, ligeiramente convexo. Espessura irregular. Faces laterais de perfil convexo com arestas irregulares.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 32 mm; Espessura máxima 9 mm; Peso 9.9 gr..



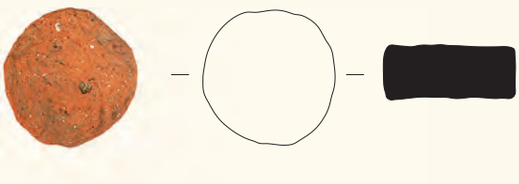
MMAP 188. Peça de jogo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, op. 162.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, cerâmica moída e por nódulos ferroso. Superfície regularizada, pouco polida, de tonalidade clara (cor - M35).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma bulbiforme, ligeiramente assimétrica, com face anterior plana. Recorte irregular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 25 mm; Espessura máxima 21 mm; Peso 12.1 gr..



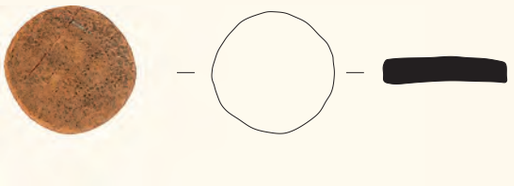
MMAP 189. Peça de jogo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, 545.
Material – Cerâmica. Pasta friável, pouco compacta, com elementos não plásticos compostos por mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície irregular, medianamente polida, de tonalidade clara (cor - L50).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma bulbiforme de recorte irregular, assimétrica, com face anterior plana.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 26 mm; Espessura máxima 20 mm; Peso 10.0 gr..



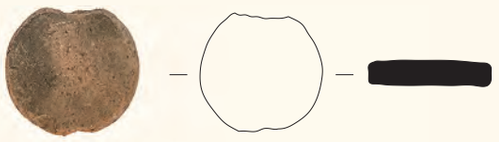
MMAP 190. Peça de jogo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, op. 09.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, cerâmica moída e nódulos ferrosos. Superfície regularizada, pouco polida, de tonalidade clara (cor - M35).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma esférica de recorte irregular, assimétrica, com a face anterior ligeiramente regularizada.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 26 mm; Espessura máxima 20 mm; Peso 12.7 gr..



MMAP 191. Peça de jogo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 86, 67.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, cerâmica moída e nódulos ferrosos. Superfície áspera, pouco polida, de tonalidade clara (cor - M39).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma discóidal de recorte irregular. Faces laterais de perfil convexo com arestas arredondadas. Superfície superior ligeiramente convexa.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 55 mm; Espessura máxima 24 mm; Peso 85.6 gr..

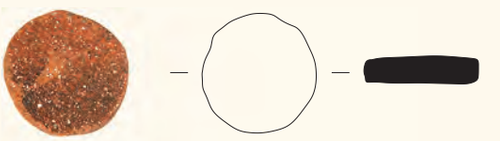


MMAP 192. Peça de jogo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 212.
Material – Cerâmica. Pasta pouco compacta com elementos não plásticos compostos por mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície superior irregular, medianamente polida, de tonalidade clara (cor - L50). Superfície anterior polida coberta por uma ligeira aguada.
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma discóidal. Faces laterais rectas com arestas arredondadas. Superfície superior ligeiramente convexa e anterior ligeiramente côncava.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 54 mm; Espessura máxima 9 mm; Peso 26.8 gr..

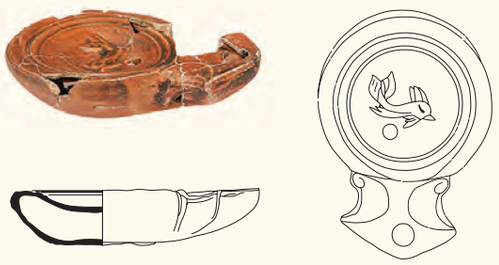


MMAP 193. Peça de jogo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 214.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura. Elementos não plásticos pouco abundantes, compostos por quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície superior alisada e medianamente polida (cor - P51). Superfície anterior alisada sem polimento (cor - S51).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma discóidal de recorte simétrico. Secção plano-convexa. Faces laterais de perfil recto com arestas arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 50 mm; Espessura máxima 9 mm; Peso 28.1 gr..
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. X, 113.

MMAP 194. Peça de jogo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 86 =024=, 1758.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura irregular revelando um núcleo de tonalidade escura. Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície superior alisada e medianamente polida de tonalidade clara (cor - P45). Superfície interior sem polimento (cor - M50).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma discóidal de recorte simétrico. Secção plano-convexa. Faces laterais de perfil vertical com arestas arredondadas. Revela um pequeno orifício centrado na face anterior.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 43 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 17.7 gr..



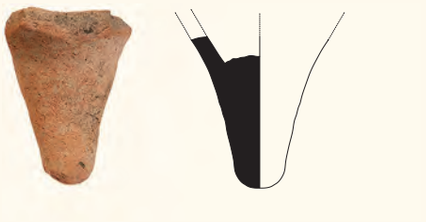
MMAP 195. Peça de jogo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, (A6.01), op. 132.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície superior alisada e medianamente polida, de tonalidade clara, com abundantes partículas de mica à superfície (cor - P20). Superfície interior sem polimento revelando estrias de torno (cor - N45).
Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma discóidal de recorte assimétrico. Secção plano-convexa. Faces laterais de perfil recto com arestas arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 38 mm; Espessura máxima 8 mm; Peso 14 gr..



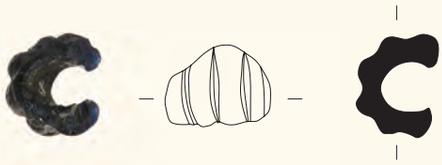
MMAP 195 (1). Lucerna
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 316, 345.
Material – Cerâmica. Pasta muito depurada com poucos elementos não plásticos, de pequeno calibre, semelhante ao grupo 1a, definido por Jannette Nolen, cuja origem, a autora considera ser a Bética (NOLEN 1994, 38). Conserva um engobe de cor laranja amarelado aderente e de muito boa qualidade.
Descrição – Lucerna com *discus* de corpo tronco-cónico com *infludium* circular e volutas em ponta no *rostrum*. As volutas nascem dos vértices do triângulo que desenha o extremo do *rostrum* dispondo-se uma em cada lado. *Margus* estreito, separado do *discus* por três molduras. *Discus* amplo, ligeiramente côncavo, decorado com um golfinho à direita. Orifício de alimentação ligeiramente descentrado.
Classificação e cronologia – Tipo Bailey A – III [110] / Castro de Alvarelhos – Fase IIB.
Dimensões – Diâmetro máximo 70 mm; Comprimento máximo 99 mm; Altura máxima 19 mm; Espessura máxima do fundo 3mm.

MMAP 196. Ânfora
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 196.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (cor - L75). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos essencialmente por quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. A superfície apresenta uma textura rugosa e encontra-se coberta por um engobe de cor creme, espesso e muito aderente, mas que não cobre os grãos de quartzo (cor - L75).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de reservatório de ânfora vinária. Lábio extrovertido, em fita e saliente. Colo alto e côncavo. Asas de fita, gamiformes, bilobadas na face superior. Arranque do bojo a denunciar um formato barriloide.
Classificação e cronologia – Tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Castro de Alvarelhos – Fase II_IIB.
Dimensões – Diâmetro máximo do bordo 159 mm; Altura máxima 283 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.

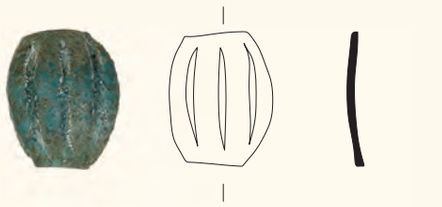
[110] DRESSEL LAMBOGLIA 1952, 9-B; LOESCHCKE 1919, I-B; DENEAUVE 1969, IV-B; PROVOOST 1976, IV-2; LEIBUNDGUNT 1977, VI.



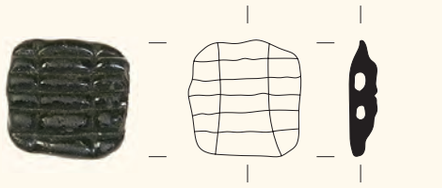
MMAP 197. Ânfora
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 335.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (cor - M70). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, feldspato e elementos ferrosos. Superfície coberta por um engobe de cor creme, que não cobre os grãos de quartzo que constituem o elemento não plástico predominante (cor - L70).
Descrição – Bico fundeiro de perfil tronco-cónico, comprido e compacto, com fundo arredondado. Arranque de parede projectada para o exterior.
Classificação e cronologia – Tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Padrão – Fase III_IV.
Dimensões – Altura máxima 112 mm; Espessura máxima da parede 12 mm; Largura máxima do fundo 85 mm.



MMAP 198. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 992.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho, opaca, de qualidade média, isenta de impurezas e bolhas de ar.
Descrição – Fragmento de conta de formato tubular, ligeiramente assimétrica. Orifício centrado de perfil recto. Decoração composta por gomos verticais moldados a quente, por pressão.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Altura máxima 9 mm; Diâmetro máximo 12 mm; Diâmetro interno do orifício 5 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. XI, 117.

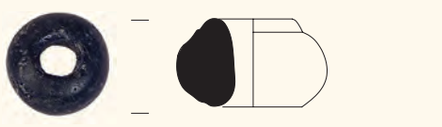


MMAP 199. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / PAD. II, X, 989.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-turquesa, opaca, de qualidade média, com impurezas e bolhas de ar. A fractura revela um núcleo arenoso desprovido de coloração.
Descrição – Fragmento de conta de formato oval, simétrica. Orifício de perfil irregular. Decoração composta por gomos verticais moldados a quente, por pressão.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Altura máxima 14 mm; Diâmetro máximo 11 mm; Espessura máxima 4 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. XI, 118.

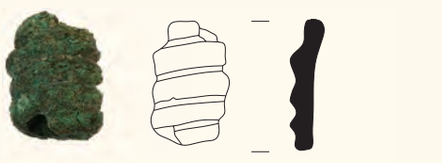


MMAP 200. Conta
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93, op. 71.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor negra, opaca, de qualidade elevada.
Descrição – Conta de formato subquadrangular, com dois orifícios laterais de diminuta dimensão. A decoração é composta por um conjunto de linhas incisas moldadas a quente, por pressão.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo16 mm; Diâmetro máximo 17 mm; Espessura máxima 4 mm; Diâmetro máximo dos orifícios 1.3 mm.

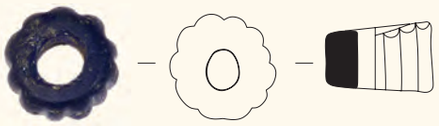
As contas quadrangulares são peças relativamente mal representadas em Portugal. Conhecemos apenas um paralelo publicado no sul de Portugal, cujas características morfológicas se aproximam do nosso exemplar. Trata-se de uma conta, de cor negra, proveniente da *villa* romana de S. Cucufate, Vidigueira (NOLEN 1988/90, 49-50, est. VI, n.º 133). A cronologia sugerida por Havernick (último quartel do séc. III-finais do séc. IV), em certa medida é coincidente com o nosso registo estratigráfico, não sendo, no entanto, a sua interpretação contextual completamente esclarecedora, uma vez que a autora (HAVERNICK 1981, 265-276), considera a possibilidade de este tipo de conta incorporar vários elementos de uma pulseira, o que os achados isolados, em certa medida, parecem contrariar.



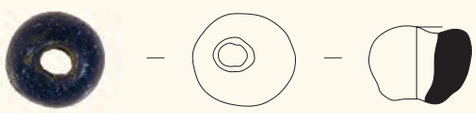
MMAP 201. Conta
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 A, op. 172.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho, opaca, de boa qualidade. Superfície ligeiramente corroída.
Descrição – Conta de formato cónico, ligeiramente assimétrica. Orifício de perfil cónico, ligeiramente descentrado em relação ao eixo central da peça. Não possui decoração.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 9 mm; Altura máxima 14 mm; Diâmetro do orifício 5 mm.



MMAP 202. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão / N.º Inv.º – s/n.º, PAD. II, X.
Material – Bronze.
Descrição – Fragmento de conta de formato cilíndrico elaborada a partir de um fio de bronze de secção circular, enrolado em círculos justapostos, soldados entre si.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 7 mm; Altura máxima 5 mm; Espessura do fio 2 mm; Peso 0.6 gr..

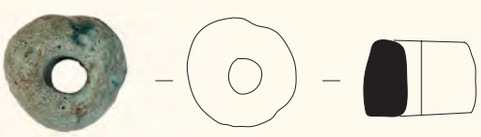


MMAP 203. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, PAD. II, X.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho, opaca, de qualidade média, isenta de impurezas e bolhas de ar.
Descrição – Conta de formato cilíndrico, assimétrica, decorada por 11 gomos verticais, moldados a quente, por pressão. Faces laterais polidas. Orifício central de perfil recto, ligeiramente descentrado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 13 mm; Altura máxima 8 mm; Diâmetro do orifício 5 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 39.



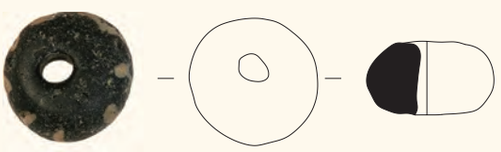
MMAP 204. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 990.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho, opaca, de baixa qualidade, com abundantes impurezas e bolhas de ar.
Descrição – Conta de formato subcilíndrico de recorte assimétrico. Face inferior aplanada com assentamento irregular. Orifício central cilíndrico, de perfil irregular e descentrado em relação ao eixo da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 13 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 5 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. XI, 116; MOREIRA 2005, 39.

MMAP 205. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 991.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho, opaca, de baixa qualidade, com abundantes impurezas e bolhas de ar.
Descrição – Fragmento de conta de formato subcilíndrico de recorte assimétrico. Fundo aplanado de assentamento irregular. Orifício central de perfil cilíndrico, descentrado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 14 mm; Altura máxima 7 mm; Diâmetro máximo do orifício 7 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. XI, 119.

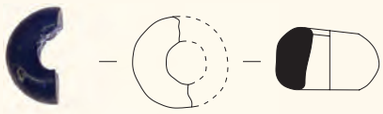


MMAP 206. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04, B1 (K33.01), op. 35.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-turquesa, opaca, de baixa qualidade, com impurezas e bolhas de ar. A superfície encontra-se corroída e mal conservada.
Descrição – Conta de formato subcilíndrico de recorte assimétrico. Encontra-se deformada e revela defeitos de fabrico. Sugere ter sido decorada com gomos verticais moldados a quente, por pressão. A face inferior apresenta-se ligeiramente aplanada. O orifício de suspensão revela um perfil oval e encontra-se descentrado em função do eixo da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 18 mm; Altura máxima 14 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 39.

MMAP 207. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 02, B1 (G31.01), op. 57.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho, opaca, de qualidade média, com abundantes impurezas e bolhas de ar.
Descrição – Fragmento de conta de formato cilíndrico de recorte assimétrico. Fundo ligeiramente aplanado com polimento acentuado. Orifício centrado de perfil cilíndrico.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Largura máxima (existente) 13 mm; Altura máxima 9 mm.



MMAP 208. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99 B1 (D29.04), op. 35.
Material – Vidro. Pasta vítrea, de cor negra, opaca, de qualidade média, com abundantes bolhas de ar.
Descrição – Conta em pasta vítrea, negra, com inclusão de meandro em pasta branca. Formato circular, assimétrico, de espessura variável. Orifício de suspensão de perfil circular, descentrado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 21 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm.



MMAP 209. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 02 (G26.02), op. 63.
Material – Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho, opaca, de boa qualidade. Superfície ligeiramente corroída.
Descrição – Fragmento de conta de colar de formato cónico, ligeiramente assimétrica. Orifício de perfil cónico, descentrado em relação ao eixo central da peça. Não possui decoração.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 14 mm; Altura máxima 7 mm; Diâmetro do orifício 6 mm.

MMAP 210. Bastonete cosmético "osculatório"
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 210.
Material – Bronze.
Descrição – Bastonete cosmético, "osculatório". Peça composta por um vastágo liso, de secção quadrangular, de espessura irregular, rematado no extremo inferior por uma argola e, na parte superior, por um elemento de configuração cordiforme com os remates inferiores repuxados e virados para cima. Os dois elementos foram elaborados individualmente e posteriormente soldados à haste de suporte. Peça ligeiramente assimétrica em relação ao eixo definido pela vareta de suporte dos dois elementos.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 58 mm; Espessura máxima 9 mm; Comprimento da haste 31 mm; Espessura da haste 4 mm; Diâmetro da pega 21 mm; Espessura da pega 4 mm; Motivo cordiforme – Largura máxima 19 mm; Comprimento máximo 26 mm; Peso 13.5 gr.

MMAP 211. Alfinete
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 211.
Material – Bronze.
Descrição – Alfinete fragmentado ao nível intermédio da haste. Cabeça de formato tronco-cónico moldurada na face inferior por uma canelura de perfil triangular que diferencia a haste da cabeça. Haste de secção circular com aumento progressivo de espessura.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 28 mm; Espessura da haste 2,5 mm; Diâmetro da cabeça 5 mm; Altura máxima da cabeça 4 mm; Comprimento máximo da haste (existente) 24 mm; Peso 0.7 gr..

MMAP 212. Alfinete
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 212.
Material – Bronze.
Descrição – Alfinete fragmentado ao nível intermédio da haste. Cabeça esférica moldurada na face inferior por um canelura de perfil arredondado que diferencia a haste da cabeça. Haste de secção circular de espessura irregular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo (existente) 41 mm; Espessura da haste 2.5 mm; Diâmetro da cabeça 6 mm; Peso 1.7 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 38.

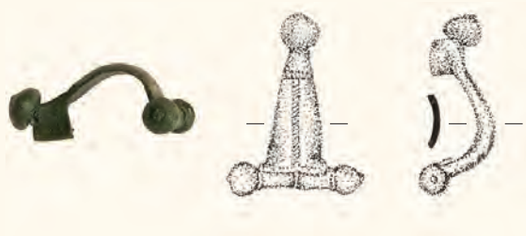
MMAP 213. Alfinete
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 213.
Material – Bronze.
Descrição – Alfinete fragmentado no terço inferior da haste. Cabeça oval, moldurada na face inferior por duas caneluras de perfil arredondado que diferenciam a haste da cabeça. Haste de secção circular com aumento progressivo de espessura.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa
Dimensões – Comprimento máximo (existente) 40 mm; Espessura da haste 3 mm; Comprimento da cabeça 6 mm; Diâmetro da cabeça 3 mm; Peso 1.0 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 38.

MMAP 214. Alfinete
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 214.
Material – Bronze.
Descrição – Alfinete fragmentado ao nível superior da haste. Cabeça bitronco-cónica, de recorte simétrico, decorada na face inferior por três caneluras concêntricas. Haste de secção circular com adelgaçamento progressivo para o fundo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo (existente) 28 mm; Espessura da haste 3 mm; Diâmetro máximo da cabeça 11 mm; Peso 3.9 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 38.

MMAP 215. Fíbula
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – Alv. 93 A, op. 225.
Material – Bronze. Observação ao microscópio óptico – Amostra bronze ao estanho (14%) com 2% de chumbo. Elementos menores - Sb 0,5%, Ag - 0,2 %, Ni - 0.14 %. Microestrutura bifásica, notando-se as dentrites de solidificação primária.
Descrição – Fíbula. Arco de secção plano-convexa. Pé de secção quadrangular com espessamento progressivo rematado com largo disco com gola. Ausência de eixo e fuzilhão. Descanso perpendicular ao arco com apoio curvo. Ausência de mola e fuzilhão.
Classificação e cronologia – Tipo Sabroso A / Castro de Alvarelhos – Fase II_IIb.
Dimensões – Diâmetro máximo do disco 23 mm; Comprimento máximo do pé 30 mm; Comprimento máximo do descanso 23 mm; Espessura do arco 4 mm; Peso 21,9 gr..

As fíbulas tipo Sabroso devem o seu nome à estação epónima onde se identificaram cerca de 10 exemplares (FORTES 1905/08, 18, fig. 19). É tida como uma produção indígena, de influência post-hallstática, introduzida na área castreja a partir do séc. V a.C. A sua cronologia de maior difusão parece reportar-se a meados do séc. I a.C. a meados do séc. I[111] (SILVA 1986, 189).
Este tipo de fíbula, com larga expressão na península, revela uma elevada concentração na área castreja, registando-se a sua presença em mais de uma dezena de castros[112] (PONTE 1980, 116-117, fig. 2; SILVA 1986, 188, gráfico 5; est. CI, n.º 3-14), o que permitiu a alguns autores interpretarem tal facto, como sendo resultado da localização de um centro produtor. Armando Coelho aponta a Citânia de Briteiros, Guimarães, como eventual centro de produção, devido ao facto de aí se ter recolhido um exemplar em fase intermédia de construção e onde é maioritária a presença deste tipo de fíbulas em relação a outros tipos (SILVA 1986, 188-189).

MMAP 216. Fíbula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 214.
Material – Bronze.
Descrição – Arco de fita de secção plano-convexa decorado com quatro caneluras longitudinais. Cartela rectangular com quatro caneluras transversais. Pé rematado com botão esférico, ligeiramente soerguido, com moldura inferior decorada por anel golpeado e descanso fragmentado. Charneira com eixo de ferro. Fusilhão de secção circular fragmentado.
Classificação e cronologia – Tipo Aucissa / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 46 mm; Largura do aro 9/6 mm; Espessura do aro 3 mm; Diâmetro do botão 7 mm; Espessura do fusilhão 3 mm; Peso 5.9 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.



MMAP 217. Fíbula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 94 A, op. 23.
Material – Bronze.
Descrição – Arco de fita de secção plano-convexa com canelura longitudinal decorada com um motivo expiral limitado por duas caneluras transversais também decoradas com o mesmo motivo, um inscrito a meio da cartela e o outro no remate superior do arco. Cartela rectangular, curta e pouco desenvolvida. Pé rematado por botão cónico, ligeiramente soerguido. Descanso perpendicular ao arco com apoio curvo com vestígios do fuzilhão. Charneira com eixo de bronze rematado por botões cónicos.
Classificação e cronologia – Tipo Aucissa / Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 34 mm; Largura do aro 11/5 mm; Espessura do arco 2 mm; Diâmetro do botão terminal 7 mm; Diâmetro dos botões laterais 6 mm; Largura da cartela 12 mm; Peso 6.1 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.

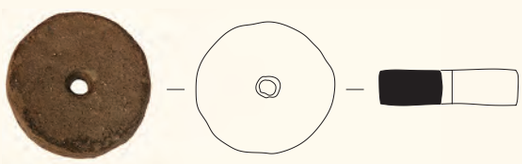
As fíbulas tipo Aucissa[113] (Camullodunum 17, Almgren 242, Bohme 8, Collingwood, Ritterling 5 A)[114], são formas de La Tène III cujas características principais residem no facto de possuírem um arco semicircular, individualizado do pé por um anel ou moldura, que remata com botão, com variação de formato nas três variantes. O fuzilhão é recto e a articulação da cabeça é formada por uma charneira. As três variantes (A, B, C), distinguem-se por aspectos morfológicos no arco, no espelho e no pé, assim como por aspectos decorativos, implicando variações cronológicas significativas (PONTE 1973, 27-28). A variante A regista uma maior incidência no período de Augusto-Tibério a Cláudio, enquanto a variante B, embora a maior parte dos achados se integre no período do reinado de Tibério a Nero, ainda subsiste sob os Flávios[115]. A variante C, cronologicamente regista o mesmo comportamento sendo a maior parte dos achados datados de meados do séc. I.

[111] As fíbulas tipo Sabroso e Santa Luzia revelam importantes influências continentais, designadamente de grupos celto-germânicos da área do Reno que, no período Halstatt D, sensivelmente no séc. VI a.C., invadem França (PONTE 1995, 85-86).
[112] Entre outros, Sabroso, Briteiros, Guimarães; Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira; Cividade de Terroso, Póvoa do Varzim; Castro do Monte de Padrão, Santo Tirso; Castro de Vilar de Mouros Caminha; Castro de Belinho, Esposende; Monte Redondo, Guisande, Braga; Cividade de Bagunte, Vila do Conde; Santo Estêvão, Vila do Conde; Castelo de Guifões, Matosinhos; Castro do Gove, Baião; Citânia de Santa Tecla, La Guardia (SILVA 1986, 188; PONTE 1980, 116-117, fig. 2).
[113] Deve a sua denominação à marca que identifica o seu fabricante, sendo, no entanto, conhecidos outros no continente europeu como – *Carinus, Iulius, Marullus, Ursinus, Cartilius, Cartilia, Dagomattus, Valer, Durotix e Durnacus* (PONTE 1973, 25-26).
[114] HAWKES; HULL 1947, 322; ALMGREN 1923, 109, est. XI, n.º 242; BOHME 1972, 5-112; HAWKES; HULL 1947, 322; RITTERLING 1933, est. IX.
[115] Salete Ponte refere a propósito os achados de Richborough (HAWKES; HULL, 1968, 84, est. 30, n.º 42), e de Saalburg (SIMON 1968, 7, fig. 9, n.º 1), a que acrescentaríamos os exemplares provenientes de Conímbriga, nomeadamente os exemplares n.º 52 a 54 (ALARCÃO; PONTE 1979, 119, est. XXVIII, n.º 52-54).

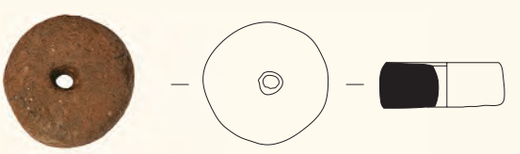
MMAP 218. Fíbula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 218.
Material – Bronze.
Descrição – Aro de secção plano-convexa com vinco longitudinal no dorso. Pé alto, dobrado em arco, com apêndice em posição oblíqua, rematado por balustre vasiforme, apoiado em anel de secção sub--triangular. Ausência de mola e fusilhão.
Classificação e cronologia – Tipo Sabroso C / Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 42 mm; Largura do arco 29 mm: Altura do arco 22 mm; Espessura do arco 4 mm; Comprimento do balustre 16 mm; Diâmetro do balustre 6 mm; Peso 8.5 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 30.

MMAP 219. Fíbula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 219.
Material – Bronze.
Descrição – Aro de fíbula de secção plano-convexa com vinco longitudinal no dorso. Decoração organizada em duas bandas composta por dois alinhamentos de punções triangulares contrapostas em denticulado, separadas na linha média do dorso por duas linhas paralelas. Fragmentada ao nível do arranque do pé. Ausência de mola e fusilhão.
Classificação e cronologia – Tipo Sabroso C / Padrão – Fase III.
Dimensões – Comprimento máximo 42 mm; Largura do aro 34 mm; Altura do arco 24 mm; Espessura do arco 4 mm; Peso 4 gr..
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. V, 10.

MMAP 220. Fíbula
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 220.
Material – Bronze.
Descrição – Fíbula anular. Aro de secção circular com vinco para apoio do fusilhão e rebaixamento para encaixe da charneira. Fusilhão de secção circular com diminuição progressiva da espessura.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 32 mm; Espessura do aro 5 mm; Comprimento do alfinete 32 mm; Secção do alfinete 4/3 mm; Peso 12.8 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 39.

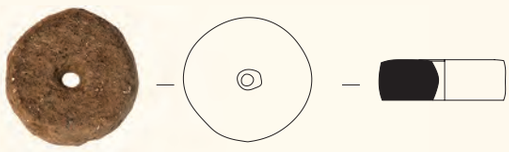


MMAP 221. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 84 X, 560.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos à base de quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfícies alisadas e polidas com abundante mica à superfície. Tonalidade escura (cor - R51).
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal com secção plano-convexa, pouco marcada. Paredes rectas com arestas arredondadas. Orifício centrado com perfil bitronco-cónico.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 41 mm; Espessura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 25.4 gr..



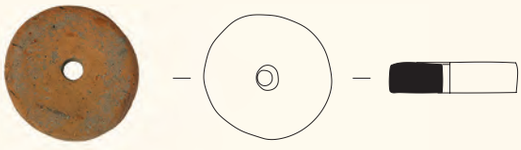
MMAP 222. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 91 A, 3517.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos constituídos por quartzo e mica. Superfícies medianamente polidas (cor - R69).
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal de recorte irregular, secção plana com espessura irregular. Paredes rectas com arestas arredondadas. Orifício descentrado com perfil bitronco-cónico.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 34 mm; Espessura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 17.5 gr..

MMAP 223. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 217.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos à base de quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfícies alisadas e polidas com abundante mica à superfície. Tonalidade escura (cor - R50).
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal, assimétrico. Secção plano-convexa com espessura irregular. Paredes rectas com arestas arredondadas. Orifício ligeiramente descentrado de recorte irregular.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 31 mm; Espessura máxima 11 mm; Diâmetro máximo do orifício 6 mm; Peso 14.4 gr..

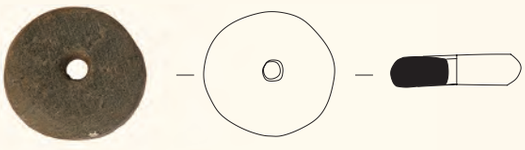


MMAP 224. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º de Inv.º – PAD. 84 X, 561.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos constituidos por quartzo e, em maior quantidade, mica. Superfícies alisadas com abundante mica à superfície. Tonalidade escura (cor - P70).
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal de recorte regular. Secção plana com espessura irregular. Paredes laterais rectas com arestas arredondadas. Orifício descentrado com perfil bitronco-cónico.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 28 mm; Espessura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do orifício 4 mm; Peso 9.1 gr..

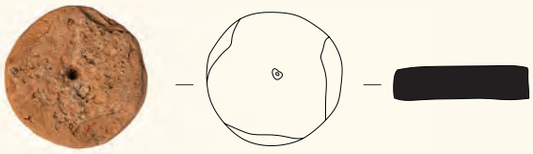
MMAP 225. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 221.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura homogénea. Elementos não plásticos pouco abundantes, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada com polimento deficiente. Tonalidade escura (cor - R70).
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal, simétrico. Secção inferior plano-convexa e cavidade superior pronunciada. Orifício centrado de perfil tronco-cónico.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 24 mm; Espessura máxima 11 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 7.3 gr..



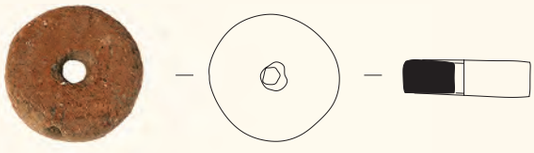
MMAP 226. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 202.
Material – Cerâmica. Pasta compacta praticamente isenta de elementos não plásticos. Superfície alisada e polida. Tonalidade clara (cor - N55). Cerâmica púnica.
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal, simétrico. Secção plano-convexa com paredes laterais rectas e arestas arredondadas. Orifício centrado de perfil recto.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase II.
Dimensões – Diâmetro máximo 33 mm; Espessura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 9.8 gr..



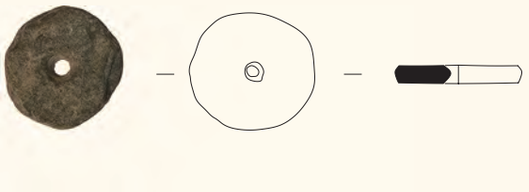
MMAP 227. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 95 A, op. 12.
Material – Xisto (cor - S73). Superfície irregular intensamente polida.
Descrição – Formato discóidal, assimétrico. Secção plana de espessura irregular. Faces laterais com arestas erosionadas. Orifício descentrado de perfil tronco-cónico. Na face inferior apresenta um sulco transversal que ultrapassa o orifício de fixação do fuso.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 32 mm; Espessura máxima 8 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 13.6 gr..



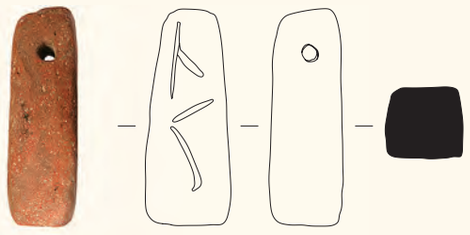
MMAP 228. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 86 (004), 102.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de calibre irregular, compostos por quartzo, mica e feldspato. Superfície polida, ligeiramente friável, de tonalidade clara (cor - L70). Superfície inferior (cor - L70).
Descrição – Disco de cerâmica com orifício central incompleto. Formato discóidal de secção plano-convexa com paredes laterais rectas, muito irregulares.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Diâmetro máximo 38 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 15.2 gr..



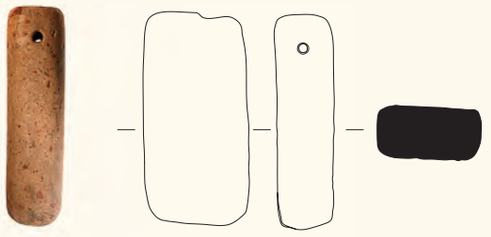
MMAP 229. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 209.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos à base quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfícies alisadas e polidas com abundante mica à superfície. Tonalidade escura (cor - P55).
Descrição – Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal, assimétrico. Secção plano-convexa com espessura irregular. Paredes rectas com arestas arredondadas. Orifício ligeiramente descentrado de recorte irregular com perfil tronco-cónico.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 29 mm; Espessura máxima 8 mm; Diâmetro máximo do orifício 6 mm; Peso 7.9 gr..



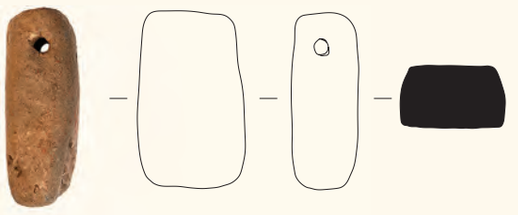
MMAP 230. Cossoiro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 1072.
Material – Xisto (cor - S73). Superfícies irregulares medianamente polidas.
Descrição – Formato discóidal de recorte irregular. Secção plana de espessura irregular. Faces laterais verticais, muito irregulares, com arestas erosionadas. Orifício descentrado de perfil bitronco-cónico, com eixo ligeiramente oblíquo.
Classificação e cronologia – Tipo Armando Coelho A1 (3) / Monte Padrão – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo 35 mm; Espessura máxima 5 mm; Diâmetro máximo do orifício 4.5 mm; Peso 9.7 gr..



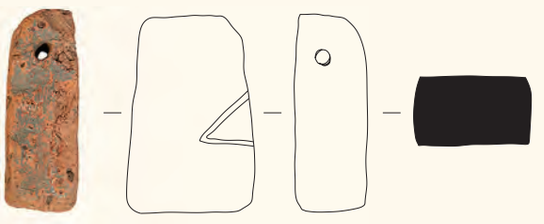
MMAP 231. Peso de tear
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 336.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito abundantes, de diferente calibre, compostos por quartzo, mica e cerâmica moída. Superfícies alisadas ligeiramente rugosas. Tonalidade avermelhada (cor - R19).
Descrição – Peso de formato trapezoidal de secção quadrangular e orifício lateral. Faces planas com arestas arredondadas. Orifício descentrado de perfil bitronco-cónico. Face superior irregular com perfil arredondado. Apresenta numa das faces laterais um grafito modelado com a pasta fresca que compõem um meandro.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 124 mm; Largura máxima 49 mm; Diâmetro do orifício 9/10 mm; Peso 348.5 gr..



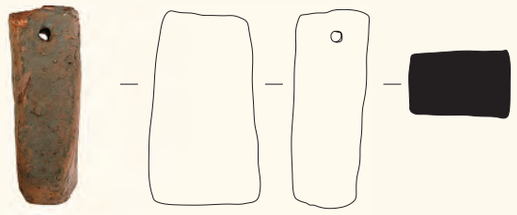
MMAP 232. Peso de tear
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 84 X, 666.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, mica e, em maior quantidade, cerâmica moída. Pasta de cor bege (cor - M27). Superfícies polidas.
Descrição – Peso de formato paralelipipédico de secção rectangular e orifício lateral. Faces planas e assimétricas com arestas arredondadas. Orifício lateral de perfil recto, centrado ao eixo da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 129 mm; Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 34 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 375 gr..



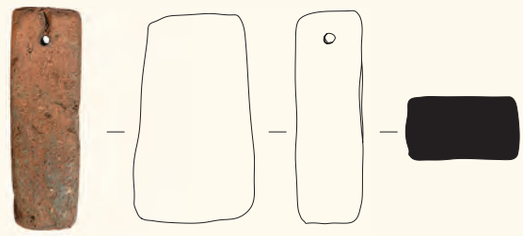
MMAP 233. Peso de tear
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 232.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta, com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de diferente calibre, muito abundantes, compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces alisadas e bem polidas com superfície ligeiramente irregular. Tonalidade escura (cor - P69).
Descrição – Peso de formato paralelipipédico de secção rectangular. Orifício lateral. Faces planas e assimétricas com arestas muito arredondadas. Orifício lateral de perfil recto centrado ao eixo da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 109 mm; Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 41 mm; Diâmetro do orifício 8 mm; Peso 337.2 gr..



MMAP 234. Peso de tear
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 330.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces regularizadas, sem polimento, com superfície áspera. Apresenta uma cobertura de tonalidade escura (cor - N30).
Descrição – Peso de formato trapezoidal de secção rectangular. Faces irregulares com arestas arredondadas. Orifício lateral descentrado com perfil recto. Apresenta na face um grafito modelado representando um V.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 115 mm; Largura máxima 75 mm; Espessura máxima 41 mm; Diâmetro do orifício 10 mm; Peso 525.4 gr..
MMAP 235. Peso de tear



Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 231.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces regularizadas, sem polimento, com superfície áspera. Apresenta parcialmente uma aguada de tonalidade escura (cor - N30).
Descrição – Peso de formato trapezoidal de secção rectangular e orifício lateral. Faces irregulares com arestas arredondadas. Orifício lateral centrado com perfil recto. Face superior em plano inclinado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 115 mm; Largura máxima 68 mm; Espessura máxima 48 mm; Diâmetro do orifício 7 mm; Peso 475.0 gr..



MMAP 236. Peso de tear
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 230.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces regularizadas, sem polimento, com superfície áspera. Apresenta em parte uma cobertura de uma aguada de tonalidade escura (cor - N30).
Descrição – Peso de formato trapezoidal de secção rectangular. Orifício lateral, ligeiramente assimétrico. Faces planas com arestas arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV_IVa.
Dimensões – Comprimento máximo 122 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 37 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 535.0 gr..

MMAP 237-239. Moedas romanas

A elaboração do catálogo das moedas teve em consideração fundamentalmente três objectivos; fácil leitura, consulta rápida e identificação eficaz de cada exemplar, incluindo-o num determinado período monetário, e agrupando-os pelas respectivas casas de moeda. Após a seriação dos exemplares surge a denominação da moeda (Denarius, Antoninianus, As, Follis, e, no caso das moedas conhecidas pelo seu módulo, Æ1, Æ2, Æ3, Æ4 - Æ1, se a moeda tem 25 mm ou mais de diâmetro / Æ2, se a moeda tem de 25 a 21 mm de diâmetro / Æ3, se a moeda tem de 21 a 17 mm de diâmetro / Æ4, se a moeda tem menos de 17 mm de diâmetro / Minimus, se a moeda tem menos de 12 mm de diâmetro / Minimissimus se a moeda tem cerca de 2 mm de diâmetro). Segue-se a identificação do governante para indicar sob que mandato a moeda foi emitida e a legenda do anverso e do reverso. O catálogo internacional pelo que a moeda foi classificada menciona-se pelas respectivas abreviaturas convencionadas *(BMC, CCR, RRC, RIC, LBRC e RIC X)*.

MMAP 237 (1). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (2).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – C Vibius C. f. Pansa – 90 a.C.
Anverso – Cabeça de Apolo laureada à direita; orla de pontos.
Reverso – Minerva numa quadriga, C. VIBIUS.C.F. no exergo; orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 6.00h. / 19 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.5 gr..
Classificação e cronologia – *BMC* 2244 – 79 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 133, n.º 1190-1217.

MMAP 237 (2). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (3).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – C Vibius C. f. Pansa – 90 a.C..
Anverso – Cabeça de Apolo laureada à direita e PANSA por detrás; marca junto ao queixo (E).
Reverso – Minerva numa quadriga, C. VIBIUS.C.F. no exergo; orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 6.30h. / 18 mm | **Marca / Peso** – E / 3.6 gr..
Classificação e cronologia – *BMC* 2244-79 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 133, n.º 1190-1217.

MMAP 237 (3). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (4).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – M. Plaetorius M.f. Cestianus Aed. (aedilis). CUR. (curulis) – 67 a.C..
Anverso – CESTIANUS por detrás do busto de Cibele; busto à direita com torres e uma pele de leão no ombro; globo por baixo do queixo.
Reverso – M. PLAETORIUS AED. CUR.EX.S.C. (sella curulis) e um símbolo.
Eixo / Diâmetro – 3h. / 18 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.6 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 409/2; *CRR* 808; *BMC* 3574-95 B. (Plaetoria) 3 Haeb 2134 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 164, n.º 2049-2054.

MMAP 237 (4). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (5).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – C. Vibius C. f. Pansa – 90 a.C..
Anverso – Cabeça laureada de Apolo, para a direita, por trás PANS[A], para baixo; orla de pontos.
Reverso – Minerva em quadriga, para a direita, com troféu na mão direita, lança e rédeas na esquerda. No exergo [C VIBIUS CF]; orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 2.30h. / 18.2 mm | **Marca / Peso** – __/ 2.7 gr..
Classificação e cronologia – *RRC* 324/5b; *BMC* 2244-79 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 88, n.º 152-156.

MMAP 237 (5). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (6).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – M. Junius Silanus – 139 a. C..
Anverso – Cabeça de ROMA com elmo para a direita; com X à frente; orla de pontos.
Reverso – Dióscoros para a direita; por baixo M. IUNI; no exergo Roma; orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 10.00h. / 18.5 mm | **Marca / Peso** – __/ 3.8 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 220/1; *CRR* 412; *BMC* I 867 B. (Junia) 8; *Haeb* 463 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 88, n.º 152-156.

MMAP 237 (6). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (7).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – L. Rutilius Flaccus – 77 a.C..
Anverso – Cabeça de Roma com elmo e visor de três peças; por trás FLAC; orla de pontos.
Reverso – Vitória numa biga com rédeas na mão direita; no exergo L. RUTILI.
Eixo / Diâmetro – 5.15h. / 19.5 mm | **Marca / Peso** – __/ 3.7 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 387/1; *CRR* 780; *BMC* I 3242 B. (Rutilia) 1 *Haeb.* 1874 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 153-154, n.º 1769-1782.

MMAP 237 (7). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (8).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – C. N. Lentulus – 87 a.C..
Anverso – Cabeça de Marte com elmo coríntio para a direita, visto por trás, lança no ombro esquerdo e espada no direito; orla de pontos.
Reverso – Victória em biga, para a direita, com rédeas na mão direita e coroa na esquerda; por baixo C. N. LENTUL.; orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 6h. / 20 mm | **Marca / Peso** – __ / 4.2 gr..
Classificação e cronologia – *CRR* 702; *BMC* 2440, B (Cornélia) 50 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 234, n.º 3438.

MMAP 237 (8). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (9).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – C. Fonteius – 114-113 a.C..
Anverso – Janiforme. Cabeça dos Dióscoros laureada; à esquerda do pescoço E; e à direita do pescoço*; orla de pontos.
Reverso – Barco, para a esquerda; por cima, C. FONT: por baixo, ROMA; orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 11h. / 19 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.3 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 290/1; *CRR* 555; *BMC* II 293, 608 B (Fonteia) 1 *Haeb.* 629 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 110, n.º 584-587.

MMAP 237 (9). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (10).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – C Vibius C. f. Pansa – 90 a.C..
Anverso – Cabeça de Apolo laureada à direita e PANS[A] por detrás.
Reverso – Minerva numa quadriga, [C. VIBIUS.C.F.] no exergo; orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 5.30h. / 18 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.5 gr..
Classificação e cronologia – *BMC* 2244 – 79 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 133, n.º 1190-1217.

MMAP 237 (10). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (11).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – Q. Curtius – 116 - 115 a.C..
Anverso – Cabeça de Roma com um x atrás e Q. CURT à frente: orla de pontos.
Reverso – Júpiter numa quadriga e M. SILA por baixo dos cavalos e um litus por cima; no exergo ROMA
Eixo / Diâmetro – 6.00h. / 20 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.7 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 285/2; *CRR* 537; *BMC* II 257, 483 B. (Curtia) 2 *Haeb.* 641 / Castro de Alvarelhos – Fase II
Bibli. – TORRES 1979, 108-109, n.º 521-533.

MMAP 237 (11). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (12).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – L. Marcius Censorinus – 82 a.C..
Anverso – Cabeça de Apolo laureada à direita; orla de pontos.
Reverso – L. CENSOR à esquerda, em pé com odre de vinho ao ombro, atrás uma coluna com uma figura (Minerva?); orla de pontos.
Eixo / Diâmetro – 2h / 18 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.6 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 363/1a; *CRR* 737e; *BMC* 2660 f. var. B (Márcia) 24 *Haeb.* 1508 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 143-144, n.º 1452-1473.

MMAP 237 (12). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (13).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – Mn. Aemilius Lepidus – 114 - 113 a.C..
Anverso – Cabeça de mulher para a direita com diadema; por trás *; à frente, ROMA, para cima.
Reverso – Três arcos sustentam estátua de cavaleiro; à volta W. AEMILIO; nos arcos LEP.
Eixo / Diâmetro – 3h / 19 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.8 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 291/1; *Com* 7; *CRR* 554; *BMC* II 291, 590 B (Aemilia) 7 *Haeb.* 592 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 110 -111, n.º 588-598.

MMAP 237 (13). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (14).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – L. Iulius Bursio – 85 a.C..
Anverso – Busto de Jénius ou Apollo Vejovis à direita, laureado e com asas, tridente e símbolos atrás.
Reverso – Vitória numa quadriga, no exergo L.IULI.BURSIO; orla de ponto.
Eixo / Diâmetro – 11.00h. / 18 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.0 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 352/1ª; *CRR* 728; *BMC* I 2507 B. (Julia) 5 *Haeb.* 1647 f. var. / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 139, n.º 1349-1375.

MMAP 237 (14). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (15).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – L. Titurius L.f. Sabinus – 89 a.C..
Anverso – Cabeça de Tatius à direita; A.PV (argento público) à frente da cabeça: orla de pontos.
Reverso – Tarpeia de frente entre dois soldados com escudos, por cima um crescente e uma estrela; por baixo, no exergo, L. TITURI.
Eixo / Diâmetro – 6h / 12.5 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.0 gr..
Classificação e cronologia – *Cr.* 344 / 2 c; *CRR* 699 a; *BMC* 2326 B.; *Haeb.* 1378 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 135, n.º 1272-1277.

MMAP 237 (15). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – MMAP 237 (16).
Material – Prata.
Descrição – *Denarius* – C. IULIUS CAESAR – 49-48 a.C. (itinerante).
Anverso – Elefante, para a direita, pisa serpente; no exergo, CAESAR; orla de pontos.
Reverso – Emblemas pontifícios – cululus, aspergillum, securis, victimaria e apex; orla de pontos .
Eixo / Diâmetro – 1.30h / 16 mm | **Marca / Peso** – __ / 3.0 gr..
Classificação e cronologia – *RRC* 443/1; *CRR* 1006; *BMC* II 390, 27 B. (Júlia) 9 *Haeb.* 235 / Castro de Alvarelhos – Fase II.
Bibli. – TORRES 1979, 183-184, n.º 2407-2620.

MMAP 238 (1). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão / N.º Inv.º – MMAP 238 (1).
Material – Bronze.
Descrição – *As* – Campanha de P. Carisius, 27 – 25 a. C..
Anverso – [IMP]. AVG. DIVI. F – Cabeça nua de Augusto à esquerda.
Reverso – Escudo (*caetra*) redondo com umbo central.
Eixo / Diâmetro – 0h. / 25 mm | **Marca / Peso** – __ / 6.8 gr. .
Classificação e cronologia – Villaronga 3 / Monte Padrão – Fase III.

MMAP 238 (2). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP 238 (2).
Material – Bronze.
Descrição – *As* – Cláudio I, 41 – 54, At. Hispânico.
Anverso – TI CLAVDIVS CAESAR [AVG PM TRP IMP] – Busto à esquerda.
Reverso – SIC – Minerva à direita.
Eixo / Diâmetro – 6.30h / 27 mm | **Marca / Peso** – __ / 10 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* 68 / Monte Padrão – Fase IV.
Bibli. – SANTARÉM 1954, est. XVII, 149.

MMAP 238 (3). Moeda
Proveniência - Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP 238 (3).
Material – Bronze.
Descrição – *As* – Cláudio I (?), 41 – 54 (?), At. Hispânico (?).
Anverso – [TI CLAVDIVS CAESARAVG PM TRP IMP] – Busto à esquerda.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Diâmetro – __ / 29 mm | **Marca / Peso** – __ / 9.5 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* 68 (?) / Monte Padrão – Fase IV.

MMAP 238 (4). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 261.
Material – Bronze.
Descrição – *As* – Cláudio I, 41 – 54, Roma (Provincial?).
Anverso – TI CLAVD[IVS CAESAR AVG PMTR PIMP] – Busto à esquerda.
Reverso – S|C – Minerva à direita.
Eixo / Módulo – 6h / 27 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 8.6 gr..
Classificação e cronologia – *RIC*, n.º 68 / Castro de Alvarelhos – Fase II_IIB.

Flávios – Antoninos (69 / 192)

MMAP 239 (1). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – MMAP 237 (1).
Material – Prata (forrado).
Descrição – *Denarius* – Vespasiano – 75 ou 76.
Anverso – […] – Cabeça laureada para a direita.
Reverso – Ceres sentada, para a esquerda, com espiga de trigo e facho.
Eixo / Diâmetro – 6.00h. / 17.5 mm | **Marca / Peso** – __ / 1.5 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* 90 ou 91 / Monte Padrão – Fase IV.
Bibli. – CENTENO 1987, 116, est. XIX – Castro do Monte Padrão n.º 2.

MMAP 239 (2). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 69.
Material – Bronze.
Descrição – *Sestércio*, Trajano (?), –, –.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – ilegível.
Eixo / Módulo – (?) / 28 gr. | **Marca / Peso** – __|__ / 9.5 gr..
Classificação e cronologia – (?) / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (3). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 94.
Material – Bronze.
Descrição – *Sestércio*, Cómodo, Roma, 180 – 193.
Anverso – [M. COMMO]DVS. ANTONINVS AVG – Busto à direita.
Reverso – Felicitas de pé, à esquerda, com ceptro e cornucópia.
Eixo / Módulo – 12h / 30.4 – 32.6 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 17.8 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* III, p. 413, n.º 402 (?) / Castro de Alvarelhos – Fase III.

Reformas (260 / 469)
I – (260 / 294)
Roma

MMAP 239 (4). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 70.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, DIANAE CONS AVG, Roma, 256 – 268.
Anverso – [IMP. GALLIENS AVG] – _.
Reverso – [DIANAE CONS AVG] – Antílope passeando à esquerda.
Eixo / Módulo – (?) / 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* V, p. 146, n.º 5 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (5). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 119.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Cláudio II, IOVI VICTORI, Roma, 268 – 270.
Anverso – [IMP. C. CLAVDI]VS AVG – Cabeça raiada à direita.
Reverso – IOVI VICTRI – __|N - Júpiter de pé, à direita, sustentando raio e ceptro.
Eixo / Módulo – 5h / 19.5 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1.4 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* V, p. 215, n.º 54 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (6). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 84.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, Roma, 256 – 268.
Anverso – [GALLIENNVS AVG] – Busto raiado à direita.
Reverso – [APOLLINI CONS AVG] – Centauro à direita.
Eixo / Módulo – 7h / 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* V, parte 1, p. 145 n.º 164 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (7). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 127.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, Roma, 267 – 268.
Anverso – [GA]LLIENVS AV[G] – Busto raiado à direita.
Reverso – NEPTVNO CONS AVG – Capricórnio à direita.
Eixo / Módulo – 6h / 19.8 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1.6 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* n.º 245 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (8). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 207.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, Roma, 261.
Anverso – GALLIENVS AVG – Busto raiado à direita.
Reverso – [VIRTVS] AVG – Marte de pé, para a esquerda com globo e lança.
Eixo / Módulo – 12h / 17.5 mm | **Marca / Peso** – P | / 1.8 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* 317; Con. 383 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (9). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A3, op. 38
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, Roma, 256 – 268.
Anverso – [GALLIENVS AVG] – Busto raiado à direita.
Reverso – [LAETITIA AVG] – *Laetitia*, de pé, de frente, cabeça à esquerda, com bolsa e âncora.
Eixo / Módulo – 12h / 18.7 mm | **Marca / Peso** – IV / 1.4 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* V, parte1, p. 150, n.º 226 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (10). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 77.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, Roma, 256 – 268.
Anverso – [GALLIENVS AVG] – Busto raiado à direita.
Reverso – ilegível.
Eixo / Módulo – (?) / 19 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 3.2 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (11). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 102.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, Roma, 256 – 268.
Anverso – [GALLIENVS AVG] – Busto raiado à direita.
Reverso – [LIBE-RAL AVG] – Liberalitas de pé, com tessera e cornucópia.
Eixo / Módulo – 11h / 19 mm | **Marca / Peso** – Sl / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – *RIC*. V, 1, p. 151, n.º 227 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

Milão
MMAP 239 (12). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 155.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, Milão?, 261 – 266.
Anverso – GALLIENVS AVG – Busto raiado à direita.
Reverso – DIANAE. CONS AVG – Veado caminha para a esquerda.
Eixo / Módulo – 11h / 21 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 2.6 gr..
X
Classificação e cronologia – *RIC* 179 (?) / Castro de Alvarelhos – Fase III.

Casa da moeda indeterminada
MMAP 239 (13). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 79.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, –, 259 – 268.
Anverso – [GALLIENVS AVG] – Busto raiado à direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 7h / 21.5 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1.5 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (14). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 207a.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, -, 259 – 268.
Anverso – [GALLIENVS AVG] – Busto raiado à direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 6h / 21.2 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 2.0 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (15). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 46.
Material – Bronze .
Descrição – *Antoniniano*, Galieno, –, 256 – 268 (?).
Anverso – GALLIENVS AVG – Busto raiado à direita.
Reverso – CONSECRATIO – Águia, de frente, cabeça à direita.
Eixo / Módulo – 12h / 21 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 3.2 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* 226 / Castro de Alvarelhos – Fase III.

MMAP 239 (16). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 198.
Material – Bronze.
Descrição – *Antoniniano*, Cláudio II, –, 268 – 270.
Anverso – [IMP C] CLAVDIVS [AVG] – Busto raiado e couraça para a direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – (?) / 19 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 3.2 gr..
Classificação e cronologia – *RIC. V.* (?) / Castro de Alvarelhos – Fase III.

II – (294 / 312 / 13)
Roma

MMAP 239 (17). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 45.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Constantino I, Roma, 312 – 313.
Anverso – IMP CONSTANTINVS PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – GENIO POPV. LI ROMANI – RT – Génio, de pé, para a esquerda, com *modius* na cabeça, *patera*, na mão direita e cornucópia na esquerda; *chamys* pende-lhe do ombro esquerdo.
Eixo / Módulo – 6h / 21.5 – 26 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 3.7 gr..
Classificação e cronologia – *RIC VI*, n.º 292 A / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Ticinium

MMAP 239 (18). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 75.
Material – Bronze.
Descrição – *As Follis*, Maximiano, Ticinum, 300 – 303.
Anverso – [MAXIMINIANVS] NOB CAES – Busto laureado à direita.
Reverso – SACRA MONET AVGG ET CAESS NOSTR – Moneta de pé, à esquerda, segurando na mão direita uma balança e na esquerda uma cornucópia - [P]S -.
Eixo / Módulo – 12h / 26.6 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 5.8 gr..
Classificação e cronologia – *RIC VI*, p. 286 n.º 44 b / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (19). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 98 B1, A1, op. 205.
Material – Bronze.
Descrição – *As Follis*, Diocleciano, Ticinium, 300 – 305.
Anverso – IMP C DIOCLETIANVS PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – SACRA MONET AVGG ET CAESS NOSTR – Moneta de pé, à esquerda, segurando na mão direita uma balança e na esquerda uma cornucópia – PTT.
Eixo / Módulo – 5.45h / 27 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 8.3 gr..
Classificação e cronologia – *RIC VI*, p. 286, n.º 43 A / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Treveris
MMAP 239 (20). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 1.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ1*, Constantino I, Treveris, 309.
Anverso – IMP CONSTATINVS PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – MATRI PATRI CONSERVATORI – PRT – ….
Eixo / Módulo – 5.45h / 25.5 mm | **Marca / Peso** – SIF / 4.5 gr..
PTR
Classificação e cronologia – *RIC*. VI, n.º 831 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (21). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 286.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Maximino II, Treveris, 310-313.
Anverso – IMP MAXIMINVS PF AVG – Busto à direita com diadema de pérolas com fecho em roseta.
Reverso – GENIO. PO ROM. – ….
Eixo / Módulo – 6h / 23 mm | **Marca / Peso** – [T]|[F] / 2.0 gr..
PTR
Classificação e cronologia – *RIC. VI*, p. 226, n.º 845 A; Con. 1195 / Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada
MMAP 239 (22). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 120.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ2*, Constantino I, -, 330-333.
Anverso – CONSTANTINVS PF A[VG] – Busto à direita com diadema de louros e rosetas, couraça e *paludamentum*.
Reverso – […] – Três estandartes.
Eixo / Módulo – 12h / 22 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 2.4 gr..
Classificação e cronologia – *RIC*. VII, p. 235, n.º 8 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (23). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 33
Material – Bronze.
Descrição – *Æ1*, Maximiano, –, 294-295.
Anverso – [IMP C] MAXIMINI. ANVS PF AVG – Busto laureado e couraça para a direita.
Reverso – [GENIO POPV. LI ROMANI] – Génio, de pé, para a esquerda, com pátera na mão direita e cornucópia da esquerda.
Eixo / Módulo – 6h / 27.5 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 9.6 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* (?) / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

III – (313 / 317)
Arles

MMAP 239 (24). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 58.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Constantino I, Arles, 313-315.
Anverso – [IMP] CONSTANTINVS PF AVG – Busto drapeado, com a cúria, laureado à direita.
Reverso – [SOLI IN]VI. CTO COMITI – Sol de pé, para a esquerda, com a mão direita levantada e globo na esquerda; a *chlamys* cai-lhe do ombro esquerdo.
Eixo / Módulo – 6.312h / 20 mm | **Marca / Peso** – [T]|F / 1.7 gr..
SARL
Classificação e cronologia – *RIC VII*, p. 240, n.º 75 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Trier
MMAP 239 (25). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 46.
Material – Bronze.
Descrição – *As Follis*, Licínio I, Trier, 315-316.
Anverso – IMP LCINIVS P.F. AVG – Busto à direita, laureado com a cúria.
Reverso – GENIO POP ROM. – Génio torreado de pé, à esquerda, com pátera na mão direita e cornucópia na mão esquerda.
Eixo / Módulo – 5h / 22 mm | **Marca / Peso** – AIS / 2.4 gr..
PTR
Classificação e cronologia – *RIC* VII, p. 170, n.º 85 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada
MMAP 239 (26). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 163.
Material – Bronze
Descrição – *Antoniniano*, –, –, –.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 5h / 19.5 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 2.1 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

IV – (317 / 330)
Antioquia

MMAP 239 (27). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 147.
Material – Bronze – Prateada.
Descrição – *Follis*, Antioquia, Iº Período, 324-330 (H14. AA).
Anverso – [FL AVGVSTA] – Busto à direita, velado, com manto de imperatriz.
Reverso – SMAN[TA] – Quadriga.
Eixo / Módulo – 11h / 16 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0.7 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Arelate

MMAP 239 (28). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 119.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Constantino I, Arelate, 325-326.
Anverso – CONSTANT. TINVS AVG – Cabeça laureada para a direita.
Reverso – VIRTV. SAVGG – Torreão de acampamento com quatro merlões e uma estrela por cima, nove fiadas de pedra.
Eixo / Módulo – 6h / 20 mm | **Marca / Peso** –____|___ / 2.2 gr..
SA RL
Classificação e cronologia – *RIC* VII, p. 265, n.º 291; LBRC 292 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (29). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 128.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constantino II, Arelate, 317-318.
Anverso – [IMP. CONSTAN]TINVS PF – Busto laureado com couraça e *paludamentum* para a direita.
Reverso – SOLI IN VI CTOCOMITI – Sol de pé, para a esquerda, com mão direita levantada e globo na esquerda; a *chlamys* cai-lhe do ombro esquerdo.
Eixo / Módulo – 6h / 20.5 mm | **Marca / Peso** – C | S / 2.1 gr..
PA[RL]
Classificação e cronologia – *RIC VII*, p. 248, n.º 144 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Roma
MMAP 239 (30). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 98 B1, A1, op. 85.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Crispo, Roma, 317-326.
Anverso – FL IVLCRISPVS NOB CAES – Busto laureado, vestido coma cúria, à esquerda.
Reverso – PROVIDEN. TIAE CAESS – Torreão de acampamento com dois merlões e uma estrela por cima.
Eixo / Módulo – 6h / 19 – 21 mm | **Marca / Peso** – R P / 2.4 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* VII, p. 330, n.º 288 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

V – (330 / 335)
Arelate

MMAP 239 (31). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 133.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constâncio II, Arelate, 330 – 335.
Anverso – [FL. IVL. CONSTANT] IVS NOB. C. – Busto à direita, com a cúria.
Reverso – [GLOR. IA] EXERC. ITVS – Dois soldados e dois estandartes.
Eixo / Módulo – 6h / 17 mm | **Marca / Peso** – _____|_____ / 1.1 gr..
[PCON]ST
Classificação e cronologia – *LBRC* I, n.º 359 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (32). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 85.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constantino I, Arelate, 330-331.
Anverso – [CONST] ANTI. [NVS MAX AVG] – Busto laureado à direita.
Reverso – [GLORIA EXERCIT]VS – Dois soldados e dois estandartes.
Eixo / Módulo – 7h / 17 mm | **Marca / Peso** – _____*____ / 1.4 gr..
[P]CONST
Classificação e cronologia – *RIC VII*, n.º 345 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Lugdunum
MMAP 239 (33). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 13.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constantinopla, Lugdunum, 330-335.
Anverso – CONSTAN. TINOPOLIS – Busto de *Constantinopolis* com elmo laureado, *trabea* e ceptro para a esquerda.
Reverso – […] – Vitória, de pé, para a esquerda, com pé sobre proa de navio e ceptro na mão direita, apoia-se em escudo com a mão esquerda.
Eixo / Módulo – 12h / 19 mm | **Marca / Peso** – ___|___/ 0.8 gr..
•PLG
Classificação e cronologia – *RIC*, n.º 246 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada

MMAP 239 (34). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 130.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constantinopla, –, 332-333 ou 335.
Anverso – CONSTANT. INOPOLIS – Busto de *Constantinopolis* com elmo laureado, *trabea* e ceptro para a esquerda.
Reverso – Vitória, de pé, para a esquerda, com pé sobre proa de navio e ceptro na mão direita, apoia-se em escudo com a mão esquerda.
Eixo / Módulo – 6h / 17.3 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 2.5 gr..
Classificação e cronologia – *RIC* p. 657, n.º 107; *LBRC* I, p. 28, n.º 1249 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

VI – (335 / 337)
Alexandria

MMAP 239 (35). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 147 a.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Roma, Alexandria, 335-337.
Anverso – VRBS ROMA – Busto de *Roma* com elmo de viseira, crista e *trabea*, para a esquerda.
Reverso – […] – Loba com Gémeos; duas estrelas, por cima.
Eixo / Módulo – 6h / 16 mm | **Marca / Peso** – _____|_____ / 1.1 gr.
[S] MAL(?)•
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Aquileia
MMAP 239 (36). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 62.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Constâncio II, Aquileia, 335-337.
Anverso – CONSTANT. IVS PF AVG – Busto laureado, com a cúria, *paludamentum* à direita.
Reverso – [GLORI. AEXER. CITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.9 gr..
[•AQ]S
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 681/ 692 b / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Arelate
MMAP 239 (37). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 100.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Constantino II, Arelate, 335-337.
Anverso – [CONSTANTINVS] IVNN[C] – Busto laureado com cúria à direita.
Reverso – [GLORI. AEXER. CITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 1h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___X___ / 0.6 gr..
PCONS•
Classificação e cronologia – *LRBC I*, p. 11 n.º 406 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (38). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 144.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Arles, 335-337.
Anverso – [FL IVL CONSTANS NOB C] – Busto à direita com diadema.
Reverso – […] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 14 mm | **Marca / Peso** – _____P____ / 1.3 gr..
[P]CONS[ ]
Classificação e cronologia – *LBRC I*, p. 11, n.º 401 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Roma
MMAP 239 (39). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 115.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Roma, 335-337.
Anverso – [DL] CONSTANTS NOB CAES – Busto com a cúria, *paludamentum* e diadema à direita.
Reverso – [GLOR. IAE] EXERC. [ITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.7 gr..
R*P
Classificação e cronologia – *LBRC I*, p. 15, n.º 569 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (40). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 81.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Roma, Roma, 335-337.
Anverso – [VRBS ROMA] – Busto de *Roma* com elmo de viseira e crista, e *trabea*, para a esquerda.
Reverso – […] – Loba de pé, para a esquerda, amamenta os Gémeos.
Eixo / Módulo – (?) / 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.4 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC*, n.º 571 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

VII – (337 - 341)

Nicomédia
MMAP 239 (41). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 72.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, Nicomédia, 337-341.
Anverso – CONSTAN. TIVS AVG – Busto à direita.
Reverso – GLOR. IAEXERCITVS – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 5.h / 16 mm | **Marca / Peso** – ___|____ / 0.8 gr..
SMN[A]
Classificação e cronologia – *LBRC I*, p. 27 n.º 1136 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Constantinopla
MMAP 239 (42). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 42a.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Helena, Constantinopla, 337-341.
Anverso – FL IVL HE[LENAE AVG] – Busto laureado com manto à direita.
Reverso – PAX PVBLICA – Paz de pé, à esquerda, com lança transversal e ramo.
Eixo / Módulo – (?) / 16 mm | **Marca / Peso** – ____|____ / 0.7 gr..
CONSH
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 1046 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Lugdunum
MMAP 239 (43). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 25.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, Lugdunum, 337-341.
Anverso – CONSTANTI. VS PF AVG – Busto laureado, com cúria à direita.
Reverso – GLORI AEXER CITVS – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 12h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
PL[G]
Classificação e cronologia – *LBRC I*, n.º 252 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (44). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 96.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II ou Constante, Lugdunum, 337-341.
Anverso – COM […] – Busto à direita com diadema e cúria.
Reverso – GLORI AEXER CITVS – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6.h / 14 mm | **Marca / Peso** – __Y__ / 0.6 gr..
PLG
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 249 a 251A / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (45). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 104.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Lugdunum, 337-340.
Anverso – [CONSTAN. NS] AVG – Busto à direita com diadema e cúria.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 16 mm | **Marca / Peso** – __P__ / 1.6 gr..
[PLG]
Classificação e cronologia – *RIC VIII*, n.º 9 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Roma
MMAP 239 (46). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 118.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Teodora Augusta, Roma, 340.
Anverso – [FL MAX THE. ODORAE AVG] – Busto de Teodora com penteado à maneira de coroa de louros, manto e colar, para a direita.
Reverso – [PIETAS ROMANA•] – Pietas, de pé, de frente, cabeça à direita, com criança ao peito.
Eixo / Módulo – 6h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr..
[R]P
Classificação e cronologia – *RIC VIII*, p. 251, n.º 54, Est. 1, 43 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Arelate
MMAP 239 (47). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 152.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Arles, 337-341.
Anverso – [CONSTA]NS. PF AVG – Busto laureado com cúria à direita.
Reverso – [GLOR. IAE] EXER[CITVS] – Dois soldados um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 15 mm | **Marca / Peso** –___G___ / 1.0 gr..
[P]ARL
Classificação e cronologia – *LRBC I*, p. 11 n.º 442 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (48). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 64d.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Arelate, 337-341.
Anverso – CONSTANS [P F AVG] – Busto laureado à direita, com a cúria.
Reverso – [GLOR] [IA EXERC][ITVS] – Dois soldados apoiados num escudo, sustentando lanças, com um estandarte no meio.
Eixo / Módulo – 6h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___G___ / 1.0 gr..
[PARL]
Classificação e cronologia – *LBRC I*, n.º 442 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (49). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 90.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Arelate, 337-341.
Anverso – CONSTANS. PF [AVG] – Busto à direita.
Reverso – [VICTORIAE DD AVGG Q NN] – Duas vitórias face a face.
Eixo / Módulo – 12h / 15 mm | **Marca / Peso** – ____P___/ 0.7 gr..
SARL
Classificação e cronologia – *LBRC I*, p. 12, n.º 449 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (50). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 90.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, Arelate, -.
Anverso – [CONSTANTINVS IVN NC] – Busto com diadema com rosetas, couraça e *paludamentum*, para a direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 14 mm / **Marca / Peso** – ____O____ / 0.8 gr..
[PCONST]
Classificação e cronologia – *LBRC I*, n.º 411 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Siscia
MMAP 239 (51). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 84c.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, Siscia, 337-341.
Anverso – […]AVG – Busto com diadema à direita, com a cúria.
Reverso – [GLORIA] EXERCITVS – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 11h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.7 gr..
ASIS
Classificação e cronologia – *LBRC I*, n.º 777 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada

MMAP 239 (52). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 57.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto com diadema a direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 12h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.4 gr..
Classificação e cronologia –__ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (53). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 61.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto com diadema a direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6.312h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.7 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (54). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 63.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constantino II, –, 337-341.
Anverso –[DV CONSTANTI. NVS PF AVG] – Cabeça velada, para a direita.
Reverso – […] – Constantino I, em quadriga, guiado pela mão de Deus.
Eixo / Módulo – 12h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr. (fragmentada).
Classificação e cronologia – *LRBC I*, p. 25, n.º 1041 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (55). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 95.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, –, –, 335-341.
Anverso – DN[…]S PF AVG […] – Busto com diadema à direita
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6.h / 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (56). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 110.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Constâncio II, –, 335-341.
Anverso – DN FL CO […]. – Busto com diadema à direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS]. -…
Eixo / Módulo – 11h / 14 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (57). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 117.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constâncio II, –, 337-361.
Anverso – DN CONSTANTIVS PF AVG […] – Busto com diadema à direita.
Reverso – FEL TEMP [REPA]RATIO – Cavaleiro, caído ao lado da montada, para a direita, levanta os braços, olhando o agressor.
Eixo / Módulo – 12h / 18 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (58). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 41.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto com diadema à direita.
Reverso –[GLOR. IA EXERC.ITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 5h / 14 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (59). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 60.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto com diadema à direita.
Reverso – [GLOR. IA EXERC.ITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 1h / 12 – 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (60). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 115.
Material – Bronze.
Descrição –, *Æ 4*, –, –, 335-341.
Anverso – Ilegível – Busto à direita com diadema.
Reverso – [GLOR. IA EXERC.ITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 1h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr.
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (61). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 60.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto com diadema à direita.
Reverso – GLOR. IA EXERC.ITVS – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 12h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.9 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (62). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 129.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – Ilegível – Busto à direita com diadema.
Reverso – [GLOR. IA EXERC.ITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 12h / 15 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (63). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 64g.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – Ilegível – Busto à direita com diadema.
Reverso – [GLOR. IA EXERC.ITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 4h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (64). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 117c.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – Ilegível – Busto laureado à direita.
Reverso – GLOR. IA EXERC.ITVS – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 0.30h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (65). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 95.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, –, –.
Anverso – […]IVS PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – (?) / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (66). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 103.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335 – 341.
Anverso – DN[…] – Busto laureado à direita.
Reverso – […] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 11h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (67). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 110.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – DN[…] – Busto laureado à direita.
Reverso – […] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 12 – 14 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (68). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 26.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constantino II, –, 337-341.
Anverso – DV CONSTANTI. [NVS PF AVG] – Cabeça velada, para a direita.
Reverso – […] – Constantino I, em quadriga, guiado pela mão de Deus.
Eixo / Módulo – 12h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.9 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 1041 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (69). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 50.
Material – Bronze.
Descrição – *Minimus*, Constantino II, –, 337-341.
Anverso – DV CONST[ANTI. NVS PF AVG] – Cabeça velada, para a direita.
Reverso – […] – Constantino I, em quadriga, guiado pela mão de Deus.
Eixo / Módulo – 12h / 11 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 1041 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (70). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 71.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto com diadema à direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 12h / 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (71). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 84.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto laureado à direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 13.9 – 14.06 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (72). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 85.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, –, 335-341.
Anverso – […] IVS PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 0.312h / 13.7 – 13.8 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.9 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (73). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 113.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, –, 335-341.
Anverso – [F]L CONS[TANTIVS NOB C] – Busto laureado à direita.
Reverso – GLORIA EXERCITVS – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 12h / 13.1 – 13.8 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (74). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 145.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto laureado à direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – 6h / 15 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0.7 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (75). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 98 B1, A1, op. 67.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 335-341.
Anverso – […] – Busto laureado à direita.
Reverso – [GLORIA EXERCITVS] – Dois soldados e um estandarte.
Eixo / Módulo – (?) / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.5 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

VIII – (341 / 348)

Arelate

MMAP 239 (76). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 64f.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Arelate, 341-346.
Anverso – DN CONST [ANS PF AVG] – Busto à direita, diademado, com a cúria.
Reverso – [VICTORIAEDDAVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 14mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
PARL
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 463 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (77). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 64h.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, Arelate, 341-346.
Anverso – […]VS PF A [VG] – Busto à direita, diademado, com a cúria.
Reverso – [VIC]TORIAEDDAV[GGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 13 – 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
PARL
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 455 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Cyzicus
MMAP 239 (78). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 117.
Material – Bronze.
Descrição – *Minimus*, –, Cyzicus, 341-346.
Anverso – […] AVG[…] – Busto à direita.
Reverso – […] PVBLICA […] – …
Eixo / Módulo – (?) / 12 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (79). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 117s.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, Cyzicus, 341-346.
Anverso – […] – Busto com diadema à direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 12h / 13 – 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.4 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (80). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 82.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constantinopla, Cyzicus, 341-346.
Reverso – Ilegível.
Anverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 12h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Nicomédia
MMAP 239 (81). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 117a.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Nicomédia, 341-346.
Anverso – […]NS PF AVG – Busto à direita.
Reverso – VOT/XX/MVLT/XXX dentro de coroa de louros.
Eixo / Módulo – 6h / 14 – 16 mm | **Marca / Peso** – ____|___ / 0.8 gr..
SMN[A]
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 1150 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Treveri
MMAP 239 (82). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 64b.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, Treveri, 341-346.
Anverso – CONSTANT[…] – Busto à direita, diademado, com a cúria.
Reverso –[VIC]TORIAEDDAV[GGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 15 – 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
[TR]P
Classificação e cronologia – *LRBC I*, p. 6, n.º 140 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Lugdunum
MMAP 239 (83). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 98 B1, A1, op. 207.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, Lugdunum, 341-346.
Anverso – [CONSTANTI VS PF AVG], – Busto com diadema à direita.
Reverso – [VIC]TORIAEDDAV[GGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 13 mm | **Marca / Peso** – ST / 0.9 gr..
[PLG]
Classificação e cronologia – *LRBC I*, p. 8, n.º 260 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada
MMAP 239 (84). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 88.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, –, 341 – 346.
Anverso – [CONSTANTI VS P]F AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – [VICTORIAEDDAVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 14 – 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (85). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 108.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, –, 341-346.
Anverso – [DV]CONSTANTI. NVS[PT AVGG] – Busto velado à direita.
Reverso – […] – Imperador, de pé, velado.
Eixo / Módulo – 6h / 15.4 – 15.9 mm | **Marca / Peso** – VN | MR / 1.5 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC I*, p. 23, n.º 962 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (86). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 112.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Constante, –, 341-346.
Anverso – […] S PF AVG […] – …
Reverso – [VICTORIAEDDAVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 13.4 – 16.3 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC I*, p. 18, n.º 701 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (87). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 38.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 341-346.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – [VICTORIAEDDAVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 13 – 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (88). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 76.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 341-346.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso –[VICTORIAEDDAVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 12.4 – 13.3 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (89). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 92.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 341-346.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – [VICTORIAEDDAVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 13 – 13.9 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (90). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 117b.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constante, –, 341-346.
Anverso – CONSTANS PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – [VICTORIAEDDAVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (91). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 20.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 341-346.
Anverso – CONST [ANTANS PF AVG] – Busto laureado à direita.
Reverso – [VICTORIA]EDDAVGGQ[NN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 14.5 – 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (92). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 93.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 341-346.
Anverso – CONST AN[TANS PF AVG] – Busto laureado à direita.
Reverso – VICTORIAEDDAVGGQNN – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 14.9 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (93). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 65.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Roma, –, –.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 7h / 13.8 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 0.7 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (94). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 84a.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, oficina ocidental, 341-346.
Anverso – […] – Busto à direita com diadema e cúria.
Reverso – VICTORIAEDDAVG[GQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
Classificação e cronologia – *LBRC I*, n.º 158 – 160 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (95). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 104.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 341-346.
Anverso – […] – Busto à direita com diadema.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 6h / 15 – 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.5 gr..
Classificação e cronologia – *LBRC I*, n.º 158 – 160 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (96). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 149a.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 341-346.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – 6h / 14 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (97). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 5.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, oficina ocidental, 347-348.
Anverso – [DN CONSTANTS PF AVG] – Busto à direita com diadema e cúria.
Reverso – [VICTORIAE DD AVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.2 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (98). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 54.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, oficina ocidental, 347-348.
Anverso – [DN CONSTANTS PF AVG] – Busto à direita com diadema e cúria.
Reverso – [VICTORIAE DD AVGGQNN] – Duas vitórias afrontadas, sustentando coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 16.6 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.9 gr.
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (99). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 275.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 347-348.
Anverso – [DN CONSTANTI.] S PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – VOT/XX/MVLT/XXX dentro de coroa de louros.
Eixo / Módulo – 6h / 15 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 1.1 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC I*, n.º 1399 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

X – (351 / 353 / 354)
Arles

MMAP 239 (100). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 73.
Material – Bronze.
Descrição – *Follis*, Decêncio César, Arles, 350-353.
Anverso – DN DECNTI / VS CAESAR – Busto à direita com a cúria. Atrás A.
Reverso – [VICTORIAE DDNN AVG ET CAES] – Duas vitórias segurando uma coroa inscrita – VOT/N/ MVL/X – F (P)AR.
Eixo / Módulo – 12h / 20.9 – 23.9 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2.8 gr..
F[P]AR
Classificação e cronologia – *RIC VIII*, p. 216, n.º 168 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Cyzicus

MMAP 239 (101). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 95.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio Galo, Cyzicus, 351-354.
Anverso – [DN FL CL CONSTANTIVS NOB CAES] – …
Reverso – FEL TEMP. REPARATIO – Cavaleiro caído.
Eixo / Módulo – 12h / 11.2 – 12.9 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr.
SMKA
Classificação e cronologia – *RIC VIII*, n.º 106 / *LRBC II*, n.º 2493 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Roma

MMAP 239 (102). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 123.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, Roma, 352-354.
Anverso – DN CONSTAN. TIVS AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – FEL TEMP REPARATIO – …
Eixo / Módulo – 12h / 12 – 12.5 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2.2 gr..
R P
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada

MMAP 239 (103). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 64a.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 352-354.
Anverso – […] PF AVG – Busto laureado à direita.
Reverso – [G]LORIA RO[MANORUM] – …
Eixo / Módulo – 12h / 16 – 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___/ 1.0 gr..
Classificação e cronologia – *LBRC II*, p. 60, n.º 680 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

XI – (354 / 356)
Roma
MMAP 239 (104). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 173.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constâncio Galo, Roma, 352-354.
Anverso – DN FL CL CONSTANTIVS NOB CAES – Busto à direita, atrás.
Reverso – FEL TEMP. REPARATIO – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 12h / 19.8 – 20.4 mm | **Marca / Peso** – $\frac{_T_|__}{R\Omega P}$ / 2.6 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC II*, n.º 662 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada
MMAP 239 (105). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 56.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, –, –, 354-356.
Anverso – [DN CONSTANTIVS PF AVG] – Busto à direita.
Reverso – [FEL TEMP. REPARATIO] – …
Eixo / Módulo – (?) / 18 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.7 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

XIII – (358 / 361)
Arelate

MMAP 239 (106). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 117r.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constâncio II, Arelate, 355-360.
Anverso – DN CONSTAN. TIVS PF AVG – Busto à direita.
Reverso – FEL TEMP REPARATIO – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 12h / 17 – 19 mm | **Marca / Peso** – $\frac{_MI__}{CON}$ / 2.6 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC II*, n.º 458 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada
MMAP 239 (107). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 78.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, –, –, 346-361.
Anverso – DN CONSTAN. TIVS PF AVG – Busto à direita.
Reverso – FEL TEMP REPARATIO – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 12h / 17 – 19 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 1.6 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (108). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 83.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, –, –, 346-361.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – FEL TEMP [REPARATIO] – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 6h / 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2.1 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (109). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 117.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 346-361.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – [FEL TEMPREPARATIO] – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – (?) / 14 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – _ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (110). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 49.
Material – Bronze
Descrição – *Æ3*, –, –, 346-361.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – [FEL TEMP REPARATIO] – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 5h / 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.5 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (111). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 64.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, –, –, 346-361.
Anverso – […] – Busto à direita.
Reverso – [FEL TEMP REPARATIO] – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 6h / 17 – 17.9 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (112). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 62.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constâncio II, –, 346-361.
Anverso – DN CONSTAN [TIVS PF AVG] – Busto com diadema à direita.
Reverso – [FEL TEMP REPARATIO] – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 6h / 14.6 – 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.5 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (113). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 117e.
Material – Bronze.
Descrição – ?, –, –, 346-361.
Anverso – […] AVG – Busto com diadema à direita.
Reverso – [FEL TEMP RE]PARATIO – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 6h / (?) | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.9 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (114). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 29.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Constâncio II, –, 346-361.
Anverso – DN CONSTA […] – Busto com diadema à direita.
Reverso – FEL TEMP [REPARATIO] – Vitória na proa.
Eixo / Módulo – 5h / 16 mm | **Marca / Peso** – MI / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (115). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 69.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Constâncio II, –, 346-361.
Anverso – DN CONSTAN [TIVS PF AVG] – Busto com diadema à direita.
Reverso – [FEL TEMP REPARATIO] – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 12h / 19 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.6 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (116). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 84b.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 346-361.
Anverso – Ilegível.
Reverso – [FEL TEMP REPARATIO] – …
Eixo / Módulo – 6h / 14.5 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (117). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 40.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 358-361.
Anverso – [DN CONSTAN TIVS PF AVG] – Busto com diadema à direita.
Reverso – [SPES REIPVBLICE] – …
Eixo / Módulo – 12h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (118). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 52.
Material – Bronze.
Descrição – *Minimissimus*, –, –, 358-361.
Anverso – Ilegível.
Reverso – [SPES REIPVBLICE] – …
Eixo / Módulo – (?) / 11 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.3 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (119). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 88.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 358-361.
Anverso – [DN CONSTAN TIVS PF AVG] – Busto com diadema à direita.
Reverso – [SPES REIPVBLICE] – …
Eixo / Módulo – (?) / 12 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.4 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (120). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 88a.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 358-361.
Anverso – [DN CONSTANTIVS PF AVG] – Busto com diadema à direita.
Reverso – [SPES REIPVBLICE] – …
Eixo / Módulo – (?) / 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.2 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (121). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1, op. 191.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 358-361.
Anverso – [DN CONSTAN TIVS PF AVG] – Busto com diadema à direita.
Reverso – [SPES REIPVBLICE] – …
Eixo / Módulo – (?) / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

XIV – (361 / 364)
Casa da moeda indeterminada

MMAP 239 (122). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 93.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Juliano, –, 354-363.
Anverso – DN CL IVLIANVS NOB C – Busto à direita.
Reverso – FEL TEMP [REPARATIO] – Soldado a trespassar guerreiro equestre.
Eixo / Módulo – 12h / 16.6 – 18 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 3.1 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

XV – (364 / 378)
Roma

MMAP 239 (123). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 4.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ3*, Valentiniano I, Roma, 367-375.
Anverso – [D]N VA[LEN]. S PF AVG – Busto diademado com pérolas, couraça e *paludamentum*, para a direita.
Reverso – SECVRITAS REIPVBLICAE – Vitória caminha para a esquerda com coroa e palma.
Eixo / Módulo – 6h / 18.5 – 19 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.8 gr..
SMRP
Classificação e cronologia – *RIC* IX, n.º 24 b / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

Casa da moeda indeterminada
MMAP 239 (124). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 126.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Graciano, –, 378-383.
Anverso – DN GRATIA. [NVS] PF AVG – Busto diademado com pérolas, couraça e *paludamentum*, para a direita.
Reverso – VOT / XV / MVLT XX dentro de coroa de louros.
Eixo / Módulo – 12h / 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.2 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC II*, n.º 144 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

XVI – (378 / 383)
Casa da moeda indeterminada

MMAP 239 (125). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 78.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ2*, Graciano, –, 378-383.
Anverso – DN GRATIA. NVS PF AVG – Busto diademado com pérolas, couraça e *paludamentum*, para a direita.
Reverso – REPARATIO. REIPVB – Imperador, de pé, para a esquerda, leva na mão esquerda uma Vitória sobre globo e levanta, com a direita, uma mulher ajoelhada, que usa coroa em forma de torre.
Eixo / Módulo – 6h / 21.3 – 23 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 3.6 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC II*, p. 57 n.º 548 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

MMAP 239 (126). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 6.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, atelier ocidental, –.
Anverso – […] – Busto laureado coma cúria, para a direita.
Reverso – SPES RO MA NORVM – Torreão de acampamento, com dois merlões, em cima uma estrela.
Eixo / Módulo – 12h / 12.1 – 13 mm / **Marca / Peso** – ___|___ / 0.9 gr..
Classificação e cronologia – *LRBC II*, n.º 560 / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

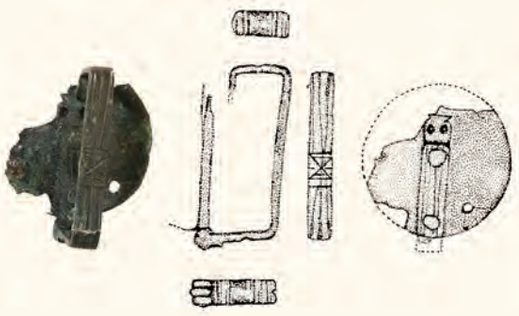
MMAP 239 (127). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A4, op. 114.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Teodósio I, –, –.
Anverso – DN THEODO. SIVS PF AVG – Busto diademado com pérolas, couraça e *paludamentum*, para a direita.
Reverso – VICTOR. IAAVGGQ – Vitória caminha para a esquerda com coroa e palma.
Eixo / Módulo – 12h / 12 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.6 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

XVII – (383 / 395)
Casa da moeda indeterminada

MMAP 239 (128). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 55.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, –, –, 375-387.
Anverso – Ilegível.
Reverso – [VOT (?) MULT (?)] –…
Eixo / Módulo – (?) / 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.

XVIII – (395 / 408)
Casa da moeda indeterminada

MMAP 239 (129). Moeda
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 100.
Material – Bronze.
Descrição – *Æ4*, Arcádio, –, –.
Anverso – [DN ARCADI]. VS P F AVG – Busto diademado com pérolas, couraça e *paludamentum*, para a direita.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – (?) / 11.9 – 13 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – __ / Castro de Alvarelhos – Fase IV.



MMAP 240. Espelho de fechadura
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – Alv. 95 B, A4, op. 116.
Material – Bronze
Descrição – Fechadura. Espelho circular com ligeiro rebordo na parte superior. Encontra-se ligeiramente fracturada na face inferior. Possui quatro orifícios para fixação. Asa de formato rectangular fixada ao «espelho» através de dois rebites. Na parte superior possui uma charneira que possibilitaria a articulação necessária para elevar a tampa. Na face superior encontra-se decorada com três linhas longitudinais incisas que, na parte central, formam um quadrado decorado com linhas cruzadas. A peça pertenceria, provavelmente, a uma pequena arqueta de madeira e funcionaria simultaneamente como asa de suspensão e de articulação da tampa.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo da asa 52 mm; Espessura máxima da asa 2 mm; Peso 19,7 gr..

MMAP 241. Argola
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 23.
Material – Bronze.
Descrição – Argola formada a partir de um fio de secção circular com as pontas enroladas uma na outra, em forma de hélice. A secção do fio encontra a sua maior espessura no centro adelgaçando-se progressivamente para as extremidades. Possui uma pequena chapa enrolada com um pequeno orifício.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo 35 mm; Secção máxima 3,5 mm; Peso 7 gr..

As argolas em bronze, pelo facto de, na maior parte dos casos, se recolherem dissociadas dos objectos de que eventualmente fariam parte, fossem de madeira, de couro, ou outros, revelam dificuldades acrescidas na sua interpretação funcional. O nosso exemplar é formado por um fio de secção circular, em que as extremidades se enrolam sobre o fio do aro de forma a criar uma preensão segura[116]. Possui uma pequena chapa de espessura muito fina enrolada à volta do aro com um orifício. A interpretação mais corrente para objectos semelhantes é que estes tenham servido para suspensão de diferentes tipos de objectos[117]. Pela sua reduzida dimensão, obrigatoriamente destinar-se-ia a suspender ou mesmo a acomodar pequenos objectos. Encontramos em Conímbriga duas argolas exactamente iguais ao nosso exemplar com cronologia de início do séc. II.

MMAP 242. Fíbula
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 02.
Material – Bronze. Observação ao microscópio óptico – Amostra de bronze com 12 % Sn e 2 % Pb. Presença de elementos menores; 1,4 % Zn; 0,2 % Fe; 0,3 % Au. A amostra está corroída, pelo que a microestrutura apenas evidencia esse estado.
Descrição – Fíbula. Aro de secção biconvexa, decorado longitudinalmente com uma nervura no dorso, sem vestígios da mola. Pé alto, dobrado em arco, com apêndice em balustre encimado por tronco em forma de cone rematado por disco e esférula em posição vertical. Ausência de fuzilhão.
Classificação e cronologia – Tipo Sabroso C / Castro de Alvarelhos – Fase II
Dimensões – Comprimento máximo 62 mm; Altura máxima do pé 44 mm; Peso 33,3 gr..

MMAP 243. Fíbula
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 205.
Material – Bronze.
Descrição – Fíbula anular romana, tipo Fowler B1. Anel oval de secção circular, com extremidades decoradas por três anéis. Fuzilhão de secção circular.
Classificação e cronologia – Tipo B2 de Fowler; tipo Ponte B51 / Castro de Alvarelhos – Fase III.
Dimensões – Diâmetro interno 22 mm; Diâmetro externo 29 mm; Espessura 4 mm; Peso 9,1 gr.

A presente fíbula anular pertence ao tipo B2 de Fowler (FOWLER 1960, 151). A cronologia sugerida pela autora da tipologia aponta o séc. I como período de maior difusão, no entanto, existem elementos estratigráficos de Sallburg e Zugmantel que permitem enquadrar este tipo de fíbulas no séc. II e primeira metade do séc. III (BOHME 1972, 16-19, est. 31)[118]. Os exemplares publicados provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 120, est. XVII, n.º 68-69), são ambos de época Flavia, assim como o exemplar proveniente da necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 215, est. XVI, n.º 6). O nosso exemplar é proveniente do Ap. I da *domus* da Colher de Prata, Fase III, datada de época Flavia, revelando o mesmo enquadramento cronológico que as peças provenientes de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 263, est. CXXXIV, n.º 7). Salete Ponte classifica este tipo de fíbula anular como tipo Ponte B51.2a atribuindo-lhe uma lata cronologia compreendida entre o séc. I e o séc. IV (PONTE 2004, 213, Q. 1f)[119].

[116] Exactamente o mesmo tipo de solução de engate, com cruzamento das hastes e posterior enrolamento das extremidades, encontra-se documentado numa pulseira procedente da *villa* de Villaverde Bajo, Madrid (BOSQUED; RAMOS 2001, 112).

[117] Salete Ponte e Adília Alarcão enumeram um conjunto de possibilidades de funcionalidade para este tipo de objectos a partir de várias sugestões de diferentes autores (ALARCÃO; PONTE 1979, 183, notas 106-109). Por exemplo, para suspensão de pinças, alfinetes de toucado (MARTIN 1976, 299-300; CAPELLE 1975, 17), agulhas (REICHSTEIN 1975, 155, est. 90, n.º 8), lucernas (BMG 119, fig. 104), ou mesmo chaves (REICHSTEIN 1975, 147, est. 130, n.º 3).

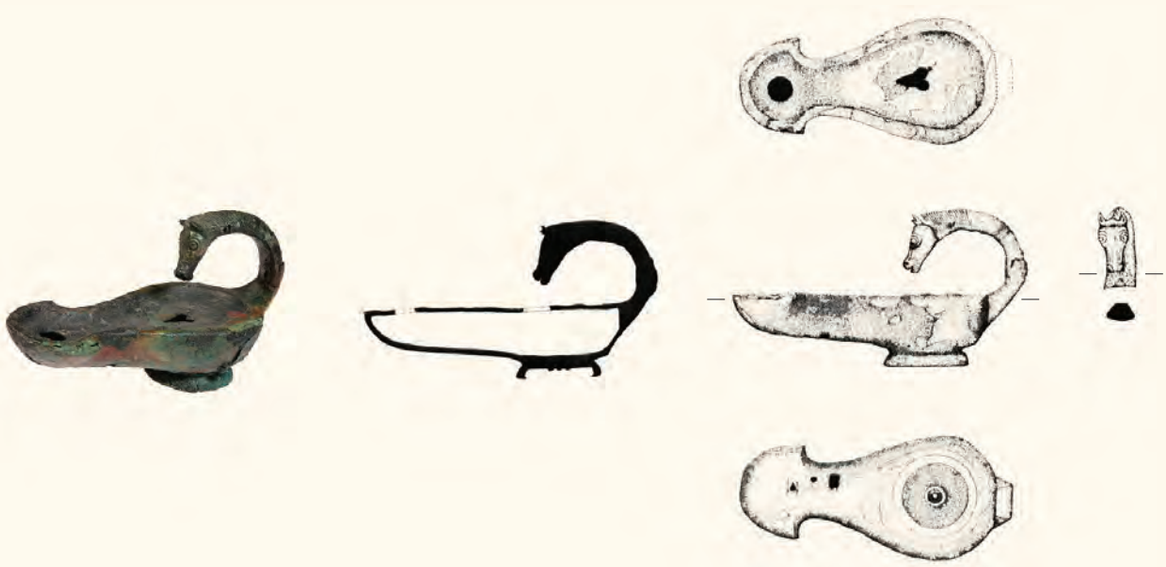
[118] Esta é a cronologia normalmente adoptada para a classificação deste tipo de fíbulas sem enquadramento estratigráfico, como é o caso dos materiais provenientes de Conímbriga de escavações anteriores a 1962 (PONTE 1973, 32, est. XI-XIII n.º 56-72).

[119] A autora enquadra a difusão deste tipo de fíbula no quadro do intenso tráfego comercial entre a Hispânia e as demais comunidades extra peninsulares sob o domínio romano (PONTE 2004, 213).

MMAP 244. Fecho de cinturão
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 210.
Material – Bronze. Observação ao microscópio óptico – Cobre 91%; Chumbo 2%; Estanho 5%.
Descrição – Fecho de cinturão de formato rectangular e remate em argola com suporte de engate oponente, também em bronze, de formato quadrangular e espigão curvo em ferro. Possui dois orifícios para fixação no cinto através da aplicação de rebites.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 42 mm; Largura máxima 45 mm; Peso 58,6 gr..

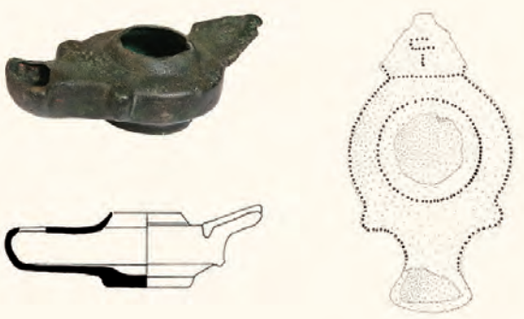
O presente fecho de cinturão é um exemplar cuja morfologia se distingue claramente do tipo de placas e fivelas estilisticamente mais elaboradas tipo Simancas. Possui um formato rectangular e remate em argola. Como elementos de fixação ao cinto, ao contrário da placa NMAP n.º 249, não possui botões, mas sim dois orifícios em cada uma das extremidades. O suporte de engate oponente, também em bronze, apresenta uma forma quadrangular e possui um espigão curvo em ferro. A sua simplicidade, sobretudo quando comparada com algumas peças suas contemporâneas, induz-nos a pensar que poderia corresponder a um fecho utilizado com outras funções, nomeadamente na atrelagem de cavalo. Morfologicamente, não se aproxima de peças do mesmo horizonte cronológico, no entanto, o método de funcionamento parece corresponder às suas congéneres, aliás confirmada pelo seu enquadramento cronológico. O conjunto de materiais provenientes de Alvarelhos que revelam afinidades morfológicas, estilísticas e cronológicas com os materiais provenientes do Douro, nomeadamente das necrópoles de Simancas e Fuentespreadas, em certa medida contribuem para contrariar a existência de uma subcultura tardo-romana do Douro. O seu carácter militar de filiação romano-germânica inicialmente defendido por Palol, presumindo na existência de um limes tardo-romano ao largo da linha do Douro, defendido por tropas germanizadas, é seguido posteriormente por Caballero Zoreda que chega a subdividir em vários grupos a dita subcultura do Douro, incluindo, por exemplo, a área da Foz do Douro como um núcleo (ZOREDA 1974, 186). A. Fuentes Domínguez questionou o carácter militar das "necrópoles do Douro" de forma conclusiva, sendo hoje suficientemente claro que a área de dispersão deste tipo de materiais ultrapassa em grande medida a área do Douro, ocupando praticamente toda a área a que corresponde hoje Portugal, assim como a Meseta sul de Espanha, estudada por Aurrecoechea Fernandéz (FERNANDÉZ 1995/96, 49-99), em contextos habitacionais de *villae* e cidades, pondo definitivamente em causa o carácter estritamente militar deste tipo de objectos.

MMAP 245. Lucerna
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B2, A2, op. 50.
Material – Bronze.
Descrição – Lucerna. Disco oval, rebaixado por orla de secção rectangular, marcado por volutas estilizadas e bico semicircular. Orifício de alimentação recortado em forma de coração. Orifício de iluminação circular perfeitamente centrado no bico. Pé circular, soldado ao *infundibulum*, de secção rectangular com base ligeiramente alargada e redobrada para o interior. Na face interna possui um círculo em relevo à volta de um ponto. Pega formada por haste semicircular, de secção trapezoidal junto ao *infundibulum*, desenvolvendo-se progressivamente para uma secção circular, orientada no sentido do orifício de alimentação. A haste, sensivelmente a meio, encontra-se soldada por um grampo de ferro. No seu terço final representa a cabeça de um cavalo. A crina, muito estilizada, é representada por linhas incisas com orientação oblíqua.
Classificação e cronologia – Tipo - Loeschcke XX; Valenza III; Pozo tipo VI / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 178 mm; Altura máxima 95 mm; Diâmetro do orifício de iluminação 15 mm; Diâmetro máximo do pé 46 mm; Peso 581,5 gr..



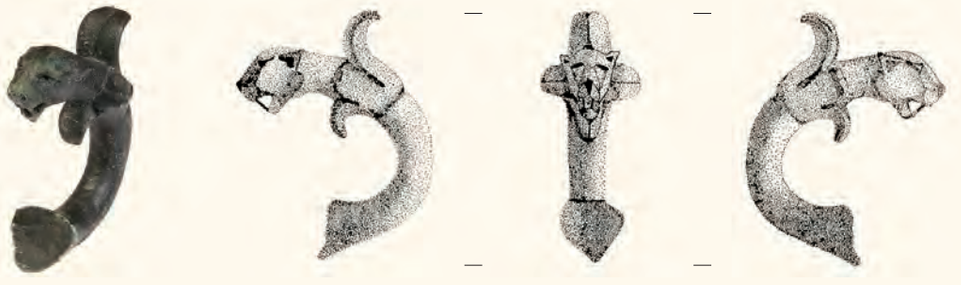
Este tipo de lucernas, enquadráveis tipologicamente no tipo Loeschcke XX/Valenza III/Pozo VI, cujos principais rasgos morfológicos se definem pelo facto de possuírem um corpo alongado, ligado directamente no mesmo plano ao bico, que se apresenta invariavelmente em semicírculo, após um ligeiro estrangulamento, pronunciado por volutas estilizadas e por apresentarem um orifício de alimentação em forma de lágrima ou lanceolado, com asas altas e curvas, decoradas com figuras de deuses, mascaras de teatro e animais, são, durante a segunda metade do século I, e primeiro quartel do século II, das mais comercializadas por todo o império.
Este exemplar faz parte de um conjunto de lucernas muito característico que se difundiu por todo o império. A sua origem parece estar relacionada com peças helenísticas de cerâmica, datáveis do séc. I a.C., tendo sido, no entanto, apenas no decurso do séc. I que se produzem em metal, assumindo então características peculiares.

Alcançou a sua maior expressão nos finais do séc. I-início do séc. II, não sendo de excluir uma produção mais tardia (FRANKEN 1998, 66-67).
Este tipo de asas figurativas, além de representarem faces humanas[120], cabeças, bustos de deuses e máscaras de teatro, registam também uma larga gama de animais, como, por exemplo, leões, panteras, cavalos, galos, patos, gansos, golfinhos e grifos.
A Lucerna de Filloedo[121] (VALVERDE; ALÉN 1959, 178), que constitui o paralelo geograficamente mais próximo do nosso, possui também um disco oval rebaixado por uma orla de secção rectangular, marcado por volutas estilizadas. À semelhança do nosso exemplar possui um fundo plano, discóidal, em falso pé. Aqui os orifícios de alimentação e iluminação são ambos circulares. A asa é formada por uma haste semicircular, soldada ao *infundibulum* e remata com a cabeça de um cisne, que possui no pescoço uma ligeira moldura formada por dois anéis.
Na área meridional do Convento Bracaraugustano são em número muito reduzido os exemplares de lucernas em bronze publicadas ou em depósito de museus.



MMAP 245 (1). Lucerna
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 107.
Material – Bronze.
Descrição – Lucerna. Disco circular sobrelevado com orifício de alimentação de recorte irregular, sem canal. Volutas estilizadas demarcando e estrangulando o bico, que desenvolve um orifício irregular. Fundo discóidal, plano, formado por um falso pé. Decoração geométrica, muito simples, composta por um círculo concêntrico de pontos incisos no disco e pela mesma composição em toda a orla. A asa é uma pegadeira simples, com nervura central na face anterior.
Classificação e cronologia – Tipo Loeschcke XX; Valenza III; Pozo tipo VI / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 111 mm; Largura máxima do disco 61 mm; Peso 181,7 gr..

MMAP 245 (2). Lucerna
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 95 B, A4, op. 49.
Material – Bronze.
Descrição – Pega de lucerna em bronze com representação de cabeça de leão moldurado por quatro folhas. A representação do felino reveste-se de um realismo assinalável. A pega desenvolve um arco semicircular revelando no seu extremo inferior uma área de encosto de perfil concavo de adaptação à face anterior do corpo da lucerna onde estaria soldada. A moldura, a partir da qual se desenvolve a representação felina, é formada por quatro folhas que desenham um perfil curvo.
Classificação e cronologia – Tipo Loeschcke XX; Valenza III; Pozo tipo VI / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 775 mm; Diâmetro máximo da haste 13 mm; Peso 181 gr..



MMAP 246. Asa de pátera
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 208.
Material – Bronze. Observação ao microscópio óptico – Amostra de cobre com 6% Pb e 0,3 % Sn. Outros elementos menores são: 0,2 % Ag, 0,2% Au e 0,1% Sb. A microestrutura é monofásica, com chumbo segregado em glóbulos nos limites de grão.
Descrição – Asa de pátera litúrgica similar ao tipo Boesterd 73. Forma cilíndrica que termina com uma cabeça de animal estilizada, sendo o elemento mais identificativo os cornos de um carneiro. O cabo não é totalmente maciço, revelando na sua parte inferior uma cavidade longitudinal que acompanha a totalidade da peça. Os remates do suporte da pátera são ligeiramente engrossados revelando dois orifícios para a colocação de rebites para a sua fixação, encontrando-se dois deles *in situ*. A parte final do cabo, a que corresponde a cabeça de animal, é pontiaguda e possui, na sua parte inferior, um orifício que a atravessa transversalmente que, provavelmente, serviria para suportar um elemento de suspensão.
Classificação e cronologia – Tipo Boesterd 73 / Eggers 155 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 115 mm; Diâmetro máximo do cabo 19 mm; Peso 133,2 gr..

[120] São frequentes os exemplares nos quais a decoração da asa consiste num rosto rodeado de uma cabeleira coroada por um diadema ou "chapéu" curvilíneo, com estrias verticais paralelas e volutas nos extremos, onde descem três tranças onduladas. Este tipo de lucernas regista uma difusão que cobriu todo o império e têm vindo a ser interpretadas como uma representação de uma máscara teatral de tragédia ou, inclusivamente, como uma personificação da sua musa, Melpómene. São vários os exemplares publicados na área peninsular. Veja-se, por exemplo, a lucerna proveniente de Lancia, Villasabariego, de León (MORENO 1925-26, 50, l. 10; TAFALLA 1993, 58-59, n.º 28). Provenientes de Itália são conhecidos inúmeros exemplares que permitiram inclusivamente subdividir tipologicamente a forma (VALENZA 1981, 91-118).
[121] A peça foi dada a conhecer em 1954-56 e encontra-se em depósito no Museu de Pontevedra (VALVERDE; ALEN 1959, 178).

Asa de pátera litúrgica tipo Boesterd 73/Eggers 155 (BOESTERD 1956, 28, n.º 73). As peças mais abundantes representam, de forma mais ou menos realista, a cabeça de um carneiro, embora existam também representações de cães[122] como, por exemplo, a proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira (CORTEZ, 1950, 29; ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 10)[123]. O nosso exemplar, embora muito estilizado, representa a cabeça de um carneiro, cujos elementos mais visíveis são duas saliências semicirculares que configuram os cornos. Possui um orifício transversal na extremidade que, possivelmente, serviria para a sua suspensão. A sua fixação à pátera far-se-ia através de rebites, que ainda se conservam, revelando uma solução idêntica às peças provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, VII, 155, est. XXXVIII, n.º 19 e 20), que evidenciam semelhanças assinaláveis com o nosso exemplar. Um outro paralelo, morfologicamente idêntico, é proveniente de Braga, e apareceu no decurso de uma sondagem realizada por R. Santos da Cunha, em 1964, tendo sido publicada em 1966 por Rigaud de Sousa (RIGAUD SOUSA 1966, 589-599). Trata-se também de um cabo de pátera em bronze rematado por uma cabeça de carneiro, muito estilizada, cujo elemento mais evidente, à semelhança do nosso, são os cornos. A peça encontra-se hoje depositada no Museu dos Biscainhos em Braga.
Outros exemplos em diferentes materiais, nomeadamente em vidro, são conhecidos em Pompeia. A peça mais emblemática, hoje depositada no Museu Arqueológico de Nápoles, é formada por uma taça de perfil hemisférico, com uma asa facetada, de perfil hexagonal, rematada por uma de cabeça de carneiro. O fundo interno é decorado por uma cabeça de sátiro envolta numa grinalda de parras de uva com os respectivos frutos (Museu Arqueológico Nacional, Nápoles, Inv.º N.º 13521) (BECHI 1835, 29; WHITTEHOUSE 1991, 19-20, fig. 5).

MMAP 246 (1). Asa de caçarola
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op.99.
Material – Bronze.
Descrição – Asa e fragmento de bordo de caçarola. O bordo e a asa foram fundidos conjuntamente. A asa, de secção rectangular, possui no remate uma argola de suspensão e mantém a sua configuração até próximo do bordo, onde se alarga ligeiramente, retomando uma secção rectangular, para novamente se alargar e fundir com o bordo, que possui uma ligeira aba horizontal.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 207 mm; Espessura máximo 4 mm; Peso 56,1 gr..

As caçarolas e os passadores[124] constituem achados frequentes em áreas habitacionais e integram a ampla gama de utensílios metálicos de cozinha. A caçarola apesar de muito fragmentada conserva ainda parte do bordo, arranque da parede, e um fragmento do fundo. Constitui uma forma não identificável na tipologia de Boester ou na de Eggers. A nossa peça revela uma morfologia idêntica[125] ao exemplar n.º 21 de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 155, 157, est. XXXVIII, n.º 21), cuja referência cronológica é semelhante uma vez que foi recolhida num estrato de destruição da ocupação bárbara e a nossa enquadra-se na Fase IV-V de Alvarelhos. Um paralelo, morfologicamente próximo, é proveniente da *villa* tardo-romana de Titi Juan de la Cruz (Pinto, Madrid), cujo desenho do cabo apresenta, à semelhança do nosso, um desenvolvimento triangular junto à ligação com o recipiente (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 186, lâm. LXXII, n.º 641).

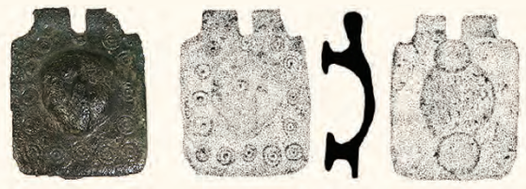
MMAP 247. Asa de sítula
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 1952, s/n.º / MMAP 247.
Material – Bronze.
Descrição – Asa de sítula de formato cilíndrico formada por uma folha com abas dobradas. Na face interna o cilindro é aberto e apresenta algumas irregularidades. O interior é formado por um cilindro de chumbo maciço que apresenta nas extremidades dois orifícios cónicos de encaixe da asa.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IIB_V.
Dimensões – Comprimento máximo 107 mm; Espessura máxima da folha de bronze 3 mm; Diâmetro máximo exterior 30 mm; Comprimento máximo do cilindro de chumbo 97 mm; Diâmetro máximo do cilindro de chumbo 97/99 mm; Peso 480 gr..

MMAP 248. Asa de sítula
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 1952, s/n.º, MMAP 248.
Material – Bronze.
Descrição – Pega de sítula formada por uma folha de bronze curvada em forma de cilindro com as abas dobradas e batidas, com a face interior aberta de recorte desigual. O interior é formado por um cilindro de chumbo com dois orifícios cónicos nas extremidades para articulação da asa. Asa de secção quadrangular e formato oval com adelgaçamento progressivo para a extremidade onde remata em forma pontiaguda.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IIB_V.
Dimensões – Comprimento máximo 102 mm; Espessura máxima da folha de bronze 3/4 mm; diâmetro máximo exterior 30 mm; Comprimento máximo do cilindro de chumbo 94 mm; Diâmetro máximo do cilindro de chumbo 97/99 mm; Peso 540 gr..
Bibli. – MOREIRA 1992, 34-47, est. V, fig. 1.

As duas peças foram recolhidas em 1952, desconhecendo-se o seu contexto estratigráfico e a respectiva cronologia relativa. Morfologicamente as peças são idênticas, indicando que formariam um par, eventualmente do mesmo recipiente. São formadas por uma folha de bronze, em forma de cilindro, com as abas dobradas e batidas. A face interior, aberta, de recorte desigual, sobrepõe-se uma à outra. No interior possuem um cilindro de chumbo, que não adere à folha de bronze, com dois orifícios cónicos nas extremidades para articulação da asa. A asa, que apenas uma das peças conserva, n.º 248, é maciça, de secção quadrangular e formato oval, com adelgaçamento progressivo para a extremidade onde remata em forma pontiaguda, introduzindo-se nos orifícios do cilindro de chumbo.

[122] Huet Bacelar, a propósito das notas arqueológicas de Rui de Serpa Pinto, refere um apontamento do autor a propósito do castro de Fiães que constituía uma nota arqueológica pronta para publicação, sob o título *Cabo de Pátera de Fiães da Feira*. Apresenta uma ilustração do autor com a seguinte legenda – Fiães. *Detalhe dum cabo de pátera de Bronze*. Fiães da Feira. (BACELAR 1984, 78, fig. 3). O desenho apenas representa a fase terminal do cabo da pátera, onde se encontra representado, de forma estilizada, um cão ou um carneiro.
[123] C. A. Ferreira de Almeida, a propósito da classificação tipológica, aproxima-a da forma Boesterd 73, ou da de Eggers 155 (ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 10).
[124] O termo passador é vulgarmente utilizado para designar este tipo de peça, assim como o termo coador.
[125] Os pormenores que as diferenciam são elementos menores, nomeadamente o orifício para suspensão que o nosso exemplar apresenta no remate da asa, assim como os elementos decorativos compostos por duas linhas incisas inscritas no cabo do exemplar de Conímbriga que o nosso não regista.

Teresa Soeiro publicou pela primeira vez as peças (SOEIRO 1981, 237-243), não indicando qualquer paralelo. Quanto à sua função, seguimos de perto a opinião da autora que sugere pertencerem a uma vasilha metálica, possivelmente uma bacia baixa e aberta. Como modelos aproximados refiram-se as formas apresentadas por Eggers (EGGERS 1951, n.º 91, 92), e de Boesterd (BOERSTED 1956, n.º 154).



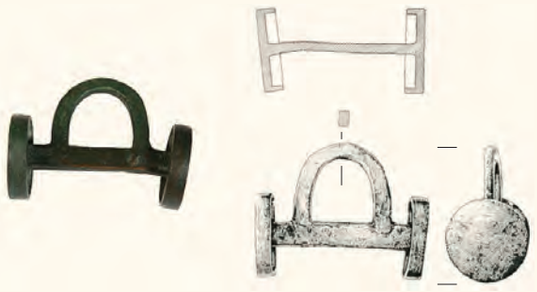
MMAP 249. Fivela de cinto
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 103.
Material – Bronze.
Descrição – Fecho de cinturão de formato rectangular com dois espigões de fixação na face anterior. A peça é formada a partir de uma lâmina única, rematada com uma charneira formada por dois orifícios criados por reviramento e soldagem. Nos orifícios articular-se-ía um eixo a partir do qual se faria a prensão ao cinto. Os espigões serviriam de fixação na parte oponente. A decoração no espelho do fecho é constituída por motivos geométricos dispostos na orla. São constituídos por dois círculos concêntricos com um ponto central, efectuados através de uma matriz por puncionamento. No centro, em relevo, existe uma face grosseira, onde se destaca o queixo, nariz e olhos.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 41 mm; Largura máxima 31 mm; Espessura média da lâmina 2 mm; Peso 19,2 gr..

As placas de cinturão tipo Simancas estão bem documentadas e foram já objecto de vários estudos[126]. O nosso exemplar revela uma clara filiação morfológica e estilística com os materiais tardo-romanos do vale do Douro.
Apenas se conhece parte da peça, uma vez que lhe falta a fivela, respectiva articulação e o espelho oponente de fixação ao cinto que serviria de charneira ao fecho. A parte remanescente da peça corresponde precisamente à placa de fixação ao cinturão que possui dois botões[127] na face anterior. A decoração é constituída por motivos geométricos dispostos na orla, composta por dois círculos concêntricos com um ponto central, efectuados através de uma matriz, por puncionamento. No centro, em relevo, existe uma face grosseira onde, de forma simplificada, se representa um rosto no qual se destacam o queixo, o nariz e os olhos.
No noroeste português não conhecemos qualquer paralelo apesar de existirem fechos de cinturão, do mesmo horizonte cronológico, que utilizam uma decoração padronizada semelhante, evidenciando a mesma matriz de puncionamento. O exemplar procedente do Sector B de Monte Mozinho, Penafiel, sem origem estratigráfica definida, (SOEIRO 1984, 263, est. CXXXIV, n.º 8) revela um fabrico grosseiro e apesar de apresentar características morfológicas significativamente distintas do nosso exemplar, evidencia o mesmo tipo de decoração na orla. O mesmo tipo de decoração, é perceptível na placa de cinturão proveniente da estação arqueológica de La Bienvenida, Ciudad Real, com cronologia centrada no séc. V (AURRECOECHEA; FERNANDÉZ; KLINK 1986, 255, est. I, n.º 8). À mesma gramática formal e decorativa pertencerá uma fivela peltiforme proveniente de Monsanto, Idanha-a-Nova, decorada com dois animais (leões?) afrontados (PONTE, MARQUES 1980, 60-61, fig. 2). As características deste tipo de peças definidas por Sommer (SOMMER 1984), e tipologicamente subdivididas em variantes por Bohme (BOHME 1986, 482-485), enquadram o nosso exemplar no tipo Sissy[128] de dispersão fundamentalmente gálica que apresenta como decoração cabeças de leões heraldicamente afrontadas[129].

MMAP 250. Argola
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 91.
Material – Bronze.
Descrição – Argola em bronze formada por fita de secção sub-rectangular unida por dois espigões e lâmina, também em bronze. Forma tronco-cónica.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro interno máximo 88 mm; Espessura máxima da lâmina 4 mm; Peso 122,6 gr..

Argola formada por uma fita de secção rectangular unida por uma fina chapa aplicada no interior com dois cravos também em bronze. O aro desenvolve um perfil cónico, apresentando na face superior vestígios de martelagem. A sua configuração sugere uma função de elemento de pressão de um objecto composto por vários componentes, eventualmente de madeira[130]. Contudo, poderia ter tido outro tipo de função ligada ao acondicionamento do vasilhame metálico, nomeadamente servindo de pé a qualquer espécie de vaso tipo sítula.
A sua função é difícil de precisar devido à sua versatilidade e, possivelmente, a sua multifuncionalidade. Em Conímbriga são estudados sete exemplares de diversas dimensões e com ligeiras diferenças morfológicas (ALARCÃO; PONTE 1979, 183-184, est. L, n.º 234-240).
Em Fuentespreadas as anilhas recolhidas na sepultura 1, associadas a um conjunto de objectos identificados como pertencentes a guarnições da atrelagem de cavalo – botões, peitorais e passadores (ZOREDA 1974, 87, fig. 20) – conduziram o autor a considerá-los, ainda que com reservas, como elementos de ligação entre correias que necessitassem de um desenlace simples mas, simultaneamente, que exercessem alguma tensão entre elas (ZOREDA 1974, 114). Deste ponto de vista, uma vez que o nosso exemplar revela uma semelhança morfológica considerável com as peças mencionadas, e que são vários os elementos de atrelagem de cavalo identificados no mesmo contexto, poder-se-ia considerar hipoteticamente uma funcionalidade semelhante.

[126] Após o estudo pioneiro e sistemático de Palol (PALOL SALLELAS 1969, 93-160), seguiu-se o trabalho de Caballero Zoreda (ZOREDA 1974), e mais recentemente de Perez Rodríguez e F. Aragon (RODRÍGUEZ; ARAGON 1992; 1992 a), e, embora de âmbito mais genérico, o de Joaquín Aurrecoechea Fernandéz (FERNANDÉZ 1995/96, 49-99).
[127] Este tipo de botões, formados por cabeça circular, plana, soldado às placas, juntamente com o tipo característico de articulação entre as placas e a respectiva fivela através de bisarga, constituem características próprias de cinturões do século II e III (FERNANDÉZ 1995/96, 64).
[128] Tipologicamente corresponde também ao grupo I de Palol que se encontra representada pela fivela da sepultura 10 de S. Miguel de Arroyo (PALOL 1969, 93-160).
[129] Um paralelo muito próximo ao exemplar de Monsanto é proveniente de La Bienvenida, Ciudad Real (AURRECOECHEA; FERNANDÉZ; KLINK 1986, 254, est. I, fig. n.º 9). À semelhança da fivela portuguesa, apresenta dois animais afrontados, possivelmente cavalos, a formar a ligação com o travessão. Os autores, por conexão com um exemplar semelhante proveniente da sepultura 141 da necrópole de Simancas, datam a peça no séc. V.
[130] A sua configuração sugere um tipo de função próxima à dos aros metálicos que sustentam as aduelas de madeira dos barris, embora o seu pequeno diâmetro (88 mm), limite um tipo de interpretação no estrito senso, aproximando-se mais da segunda possibilidade de suporte de um recipiente metálico. Em Conímbriga é apresentado um aro, morfologicamente idêntico, embora de diâmetro ligeiramente inferior (60 mm), a que os autores atribuem peremptoriamente a função de pé de vaso (ALARCÃO; PONTE 1979, 156, 160, est. XL, n.º 56).



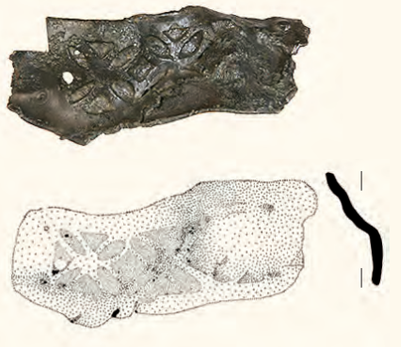
MMAP 251. Arreio de cavalo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 1952, s/n.º, MMAP 251.
Material – Bronze.
Descrição – Objecto formado por dois discos circulares, com rebordo interno em forma de aba, soldados perpendicularmente a uma haste de secção rectangular que, por sua vez, possui, também soldada uma outra haste de secção rectangular e perfil semicircular. Encontra-se em excelente estado de conservação evidenciando em alguns pontos um polimento acentuado, em particular a haste semicircular na sua face interna, indicando que se encontraria fixa a uma tira de couro ou a uma corda, sugerindo tratar-se de um bridão.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IIB_V.
Dimensões – Altura máxima 64 mm; Largura máxima 78 mm; Diâmetro máximo dos discos 41 mm; Peso 131,6 gr..

MMAP 252. Armela de sítula
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 102 (2).
Material – Bronze.
Descrição – Armela de sítula tipo III de M. Delgado. Peça de formato triangular, espessa, encimada por anel de suspensão, de configuração oval, com elevado desgaste na face superior. No espelho é grosseiramente representada uma face com olhos, nariz, boca e bigode. Na orla, em forma de moldura, são representadas incisões transversais que, na parte superior, se encontram reticuladas por incisões verticais.
Classificação e cronologia – Tipo - IV, Grupo A de Manuela Delgado / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 67 mm; Largura máxima 34 mm; Largura interna do anel de suspensão 17 mm; Peso 91,4 gr..

Enquadra-se tipologicamente no tipo IV do grupo A de Manuela Delgado, (DELGADO 1970, 25, est. II, 5 a 13)[131], que se poderia designar de feições realistas. Possuem um formato triangular e ausência de travessão. O espelho é decorado por um rosto muito vincado, com bigode inscrito num polígono formado pela barba e pela franja sobre a fronte.

MMAP 252 (1). Armela
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 49.
Material – Bronze.
Descrição – Armela figurativa com duas perfurações centrais, nos quais se conservam dois cravos em ferro. Peça larga e espessa onde a face representada possui apenas o nariz e a boca bem vincados, rodeados de barba estilizada, através de pequenas incisões radiais. As molduras horizontais constituem a decoração da junção do mascarão e o anel de suspensão.
Classificação e cronologia – Tipo – II, Grupo A de Manuela Delgado / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 67 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 76,4 gr..

Enquadram-se no tipo II do grupo A de Manuela Delgado que corresponde a um tipo de máscara estlizada. Este exemplar tem um formato ovalado, e apenas conserva bem definidos os olhos e a boca, enquadrados pela representação da barba em forma de meia-lua, com cabelo estilizado, representado por linhas horizontais.



MMAP 253. Placa de cinturão
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op. 221.
Material – Bronze. Observação ao microscópio óptico – Amostra de bronze ao estanho (9% Sn) com alto teor de chumbo (17%), 1,4 % Fe, 0,2 % Sb, 0,1 % Zn e 0,06 % Ag. A estrutura manifesta alto teor de chumbo em glóbulos e uma matriz bifásica.
Descrição – Placa em bronze de formato rectangular, fragmentada, com um orifício numa das extremidades. Decorada em baixo relevo com motivos geométricos de triângulos e folhas ovaladas formando uma estrela com ligação através de um triângulo.
Classificação e cronologia – Tipo Sommer / Grupo II, forma B, tipo e / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 90 mm; Largura máxima 39 mm; Espessura média 2 mm; Peso 69,6 gr..

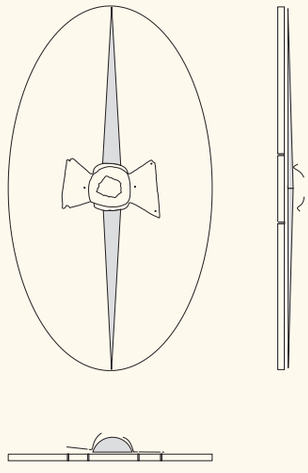
A placa revela um estado de conservação deficiente o que, aliado a algumas características formais, muito particulares, dificulta a sua classificação. Das peças que compunham o conjunto, placa e respectiva fivela, apenas resta a primeira. Possui um formato rectangular com recorte irregular. Os vestígios da charneira já não são visíveis, assim como os botões de fixação ao cinto. A decoração é formada por um baixo-relevo, que apenas em alguns locais perfura integralmente a placa. É composto por motivos geométricos formados por triângulos e folhas ovaladas representando uma estrela com ligação através de um triângulo, que se repete três vezes, formando um tema seriado.
Devido à sua dimensão não se vincula directamente com as placas das fivelas tipo Simancas, geralmente estreitas, que Perez Rodríguez e M. Aragón relacionam com os "cingula" ultra pirenaicos da primeira metade do séc. IV (RODRÍGUEZ; ARAGÓN 1992). Também a sua decoração, formada por temas seriados, geralmente compostos por arcos, ferraduras e motivos serpentiformes, totalmente perfurados, as afastam do nosso exemplar, embora sejam evidentes as afinidades técnicas e estilísticas.
Embora não tenhamos identificado qualquer paralelo regional é clara a sua filiação com os materiais do Vale do Douro, nomeadamente os provenientes de Villasequia de Yepes, Carpio de Tajo (FERNANDÉZ 1995/96, 55, n.º 1-4).

[131] Manuela Delgado cria três grandes divisões (Grupos A, B, C) que, por sua vez, se subdividem em tipos I a VI para o grupo A, sem qualquer subdivisão para o grupo B e, para o grupo C com três tipos distintos I a III.

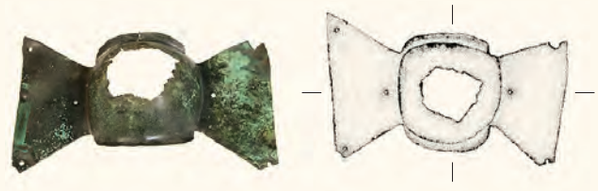
MMAP 254. Armela
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 109.
Material – Bronze.
Descrição – Armela figurativa com duas perfurações centrais com cravos em ferro. Peça larga e espessa onde a face representada possui apenas o nariz e a boca bem vincados, rodeados de barba estilizada, através de pequenas caneluras radiais. As molduras horizontais constituem a decoração da junção do mascarão e o anel de suspensão.
Classificação e cronologia – Tipo I de Manuela Delgado / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 78 mm; Largura máxima 74 mm; Diâmetro interno do anel de suspensão 11 mm; Peso 176, 8 gr..

MMAP 255. Armela
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 102(1).
Material – Bronze.
Descrição – Armela com duas perfurações centrais com cravos em ferro. Peça larga e espessa onde a face representada possui apenas o nariz e a boca bem vincados, rodeados de barba estilizada, através de pequenas caneluras radiais. As molduras horizontais constituem a decoração da junção do mascarão e o anel de suspensão,
Classificação e cronologia – Tipo I de Manuela Delgado / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 67 mm, Espessura máxima 11 mm; Peso 76,4 gr..

Ambas as peças correspondem ao tipo I das armelas figurativas da tipologia de Manuela Delgado (DELGADO 1970, 17, est. I, n.º 1 a 8). São peças genericamente descritas como sendo de fabrico grosseiro e trabalho tosco. O processo de moldagem é elaborado através de moldes bivalves com retoque final para eliminar as rebarbas.
A título descritivo decompõem-se em três partes fundamentais; espelho, olhal e travessão. Os nossos exemplares possuem espelho decorado com rosto ligeiramente ovalado cercado por uma coroa raiada. O travessão, em meia cana, é composto por duas molduras decoradas por incisões verticais, de perfil em V, e é rematado nas extremidades por duas protuberâncias ovaladas. O rosto é trabalhado de forma grosseira representando um sátiro.
Este tipo de armela é particularmente abundante no norte de Portugal em época tardo-romana, embora a cronologia muitas vezes sugerida seja pouco precisa, sendo menos frequentes na região sul do país[132], assim como na área da Estremadura, com raras excepções, nomeadamente as provenientes da estação ibero-romana de La Bienvenida, Ciudad Real (AURRECOECHEA; FERNANDÉZ; KLINK 1986, 268, est. V, n.º 2-4).



MMAP 256. Umbo de escudo
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 1952, s/n.º, MMAP 256.
Material – Bronze.
Descrição – Umbo de escudo elaborado através de martelagem a partir de uma só folha, com parte central esférica, fragmentada no centro. Aletas de perfil trapezoidal, com orifícios nos vértices para fixação com cravos.
Classificação e cronologia – Tipo Lá Téne II / Castro de Alvarelhos – Fase II_IIb.
Dimensões – Comprimento máximo 140 mm; Largura máxima 85 mm; Altura máxima 25 mm; Espessura máxima1 mm; Peso 280 gr..
Biblio: ALMEIDA 1974b, 15, est. I, 3; SOEIRO 1981, 239-240, est. I, 1; SILVA 1986, 205, est. XC, 6; MOREIRA 1992, 34-47, est. IV, fig. 1.

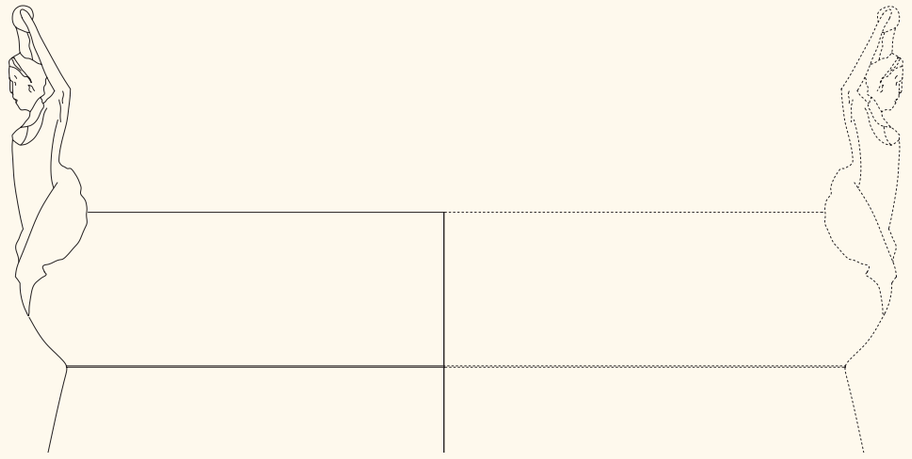


Constitui a única peça enquadrável no grupo de instrumentos classificáveis como *equipamento militar*. Do ponto de vista tecnológico, a peça foi elaborada por martelagem a partir de uma única folha através de estiramento progressivo. Apresenta um formato trapezoidal. A parte central é esférica e encontra-se fragmentada no centro. As aletas laterais desenvolvem um perfil trapezoidal e possuem orifícios nos vértices para fixação.
Os escudos laténicos, datados do século III a.C. ao século I a.C., sofreram alterações que se reflectem na sua classificação. Ao contrário dos seus paralelos mediterrânicos e do noroeste da península, redondos ou curvos, o escudo laténico desenvolve uma morfologia elíptica de superfície plana, sustentada por uma nervura central saliente – *spina*. O alongamento do escudo e a aplicação do reforço implicaram a utilização do umbo como elemento de fixação da *spina*, de reforço de toda a estrutura e, simultaneamente, de reforço da zona da empunhadura, para protecção da mão. A partir do século III, com a generalização da sua utilização, a variação morfológica dos umbos permitiu fixar uma tipologia evolutiva com correspondência cronológica (RAPIN 1991, 478-485).
A sua classificação enquadra o modelo tardio de La Tène II, datável dos finais do séc. II, a meados do séc. I a.C., tendo recolhido opinião unânime dos autores que abordaram o seu estudo (ALMEIDA 1974 b, 15, est. I, n.º 3; SOEIRO 1981, 239-240, est. I, n.º 1; SILVA 1986, 205, est. XC, n.º 6).
Constitui uma peça única no noroeste peninsular e demarca-se claramente do tipo de escudos representados na estatuária castreja. Os paralelos são provenientes de ambientes funerários, nomeadamente de Ampurias (ALMAGRO 1953, 309-310, 319), da necrópole de Cabrera de Mataró (AGUILLÓ 1939-40, 78), e da representação do relevo de Osuna (BELLIDO 1947, 238, 243). A estatuária revela também paralelos muito expressivos deste tipo de objecto, como, por exemplo, a estátua que representa um guerreiro gaulês armado de escudo de Mondragon (Vaucluse, Avignon)[133] datada do séc. I a.C.

[132] Apesar de serem relativamente menos frequentes, conhecem-se inúmeras peças, tanto provenientes de ambientes habitacionais como funerários – a propósito vejam-se os objectos referenciados no quadro tipológico de Manuela Delgado (DELGADO 1970, 42-43), e variadíssimos outros, como seja o proveniente de Santo Estêvão de Alenquer, Paredes (PEREIRA 1970, 66, est. IV, n.º 31), os seis exemplares provenientes de Terrugem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, est. III, n.º 19-24), e os três exemplares tipo I, provenientes das minas de Aljustrel (VIANA; ANDRADE; FERREIRA 1954, 10, est. V, n.º 13-16).
[133] Museu Calvet, Avignon (RAPIN 1991, 320).

Ao contrário da opinião de alguns autores (SILVA 1986, 181), que consideram a ausência de paralelos regionais como indicadores da escassez de relações célticas do noroeste peninsular durante a segunda Idade do Ferro, julgamos ser mais plausível considerar a sua presença em Alvarelhos como resultante de contactos com áreas mais romanizadas a sul ou mesmo com o exército romano.

MMAP 256 (1). Asa de sítula. Nereida
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 1957, s/n.º, MMAP 256 (1).
Material – Bronze.
Descrição – Nereida. A estatueta representa um corpo feminino, nu até às ancas, terminando em duas caudas de peixe erguidas sobre uma base que representa águas ondulantes, estilizadas em forma de escamas. Encontra-se fracturada em dois locais, um dos quais, localizado no extremo inferior, e outro no seu lado esquerdo, onde lhe falta a extremidade da cauda de peixe. No interior da peça existe um orifício cónico, de recorte oval, que se prolonga até à base do umbigo. O seu interior revela uma superfície convexa com um pequeno rebordo para fixação. Por trás das caudas de peixe existem dois orifícios com cerca de 10mm de profundidade, orientados no sentido da figura.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase II_IIb.
Dimensões – Comprimento máximo 130 mm; Largura máximo 115 mm; Peso 310 gr..
Bibli – SANTARÉM 1954, 31–39; MOREIRA 1991 b, 69–76; 1992, 34-47, est. VI, fig. 1–2.



A estatueta foi recolhida em 1952 no lugar de Sobre-Sá, Alvarelhos, e foi publicada, pela primeira vez, por Carlos Faya Santarém, na década de 50 do século passado (SANTARÉM 1954, 31-39).

A figura apresenta um corpo feminino, nu até às ancas, rematado por duas caudas de peixe erguidas sobre uma base que representa águas ondulantes, estilizadas em forma de escamas. Encontra-se fracturada em dois locais, um dos quais localizado no extremo inferior, e outro no seu lado esquerdo, onde lhe falta a extremidade da cauda de peixe. A peça é maciça e foi fundida em molde e depois polida. As caudas de peixe foram soldadas posteriormente. No interior da peça existe um orifício cónico, de planta oval, que se prolonga até à base do umbigo. No seu interior revela uma superfície côncava com um pequeno rebordo para fixação. Na face anterior das caudas de peixe existem dois orifícios com cerca de 10 mm de profundidade, orientados no sentido da figura, cuja função seria a de receber o fecho da tampa.

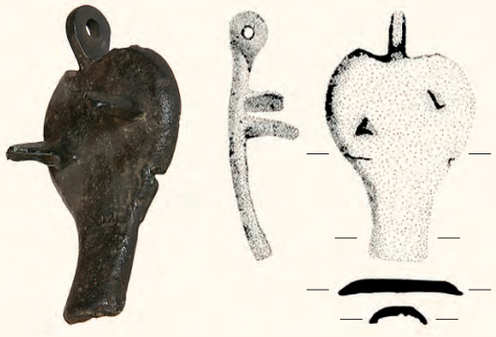
A escultura desenvolve-se num espaço geométrico de forma piramidal, no qual as formas se conjugam harmoniosamente, sugerindo a ideia de movimento. O objectivo é conseguido pela conjugação de um elemento estilizado, definido pela linha sinuosa do corpo, originada pela elevação dos braços que produz uma inclinação do corpo para trás, obrigando a uma ligeira torção do tronco e a uma maior elevação do cotovelo direito, conferindo à imagem uma posição natural, em contraposição com a organização rígida do espaço em que se insere.

A cabeça encontra-se ligeiramente voltada para a direita e levemente inclinada para a frente. A rudeza da face contrasta com a leveza das formas femininas da figura. A fronte e o nariz formam linhas rectas em oposição às linhas sinuosas que representam as arcadas supraciliares, a boca e o queixo. Os olhos, amendoados, bem vincados, onde se notam levemente as pupilas, são o elemento de maior requinte escultórico na face, não sendo, no entanto, suficiente para alterar a sua natureza inexpressiva. O penteado, formado por madeixas divididas a meio, é rematado por dois bandós largos e ondulados e um puxo entrelaçado, chato e curto.

A figura iconograficamente representa uma Nereida. A dispersão de vestígios relacionáveis com o culto a estas divindades, evidencia uma profunda relação com a costa marítima e com as actividades a ela ligadas[134]. De uma forma geral, foram representadas sob uma forma híbrida, de sereia, e, como atributo, ostentam uma concha ou búzio que, no caso vertente, está estilizado em forma de um disco ovalado, sustentado por cima da cabeça.
Sem dúvida a peça teria uma função decorativa. A figura, ligeiramente inclinada e a forma côncava da base, com um ligeiro rebordo na parte superior, adaptar-se-ia perfeitamente ao bordo de um vaso. O orifício no interior da peça sugere a possibilidade da existência de um espigão que reforçaria a sua fixação. Por último, apresenta dois pequenos orifícios localizados no extremo inferior, de forma semicircular, para aplicação de rebites.
Desconhecidas as condições do achado e a inexistência de paralelos no mundo romano peninsular, não adiantamos uma cronologia para a peça, embora a sua conotação com o tesouro de denários encontrado em 1971, da época de Augusto, sugira uma datação por volta do câmbio de era.

MMAP 256 (2). Sineta
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 94 A, op.07.
Material – Bronze. Observação ao microscópio óptico – Amostra de bronze com 15 % Sn e 5 % Pb, tendo elementos menores; 0,5 % Au e 0,1 % Fe. A microestrutura evidencia o chumbo segregado e uma matriz bifásica.
Descrição – Sineta de formato cónico rematada por anel de suspensão de configuração triangular, com espessamento da fita na parte superior. Vestígios de anel de suspensão do batente em ferro. O anel de suspensão foi soldado à peça e, posteriormente, repuxado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 51 mm; Diâmetro máximo da boca 54 mm; Largura do anel de suspensão 16 mm; Peso 69,7 gr..

As sinetas são objectos relativamente frequentes e são inúmeras as peças conhecidas cuja tipologia se relaciona com o nosso exemplar, embora de horizontes cronológicos distintos. A peça proveniente da necrópole de Stº. André, Montargil (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1994, 122, est. LXXVII (D 1-5)), apresenta características morfológicas idênticas à nossa, apesar de possuir quatro pés, revelando a sua utilização como sineta de mesa. Um outro paralelo, também do sul de Portugal, é proveniente de Alcácer do Sal, apresentado sem referência cronológica (SCHULE 1969, n.º 10, est. 108). De Monte Mozinho, Penafiel, onde se conhecem vários exemplares de cronologia semelhante, as características morfológicas são significativamente distintas, nomeadamente no que se observa no exemplar proveniente do espólio recolhido no Museu de Etnografia do Porto, de antigas escavações, sem referência estratigráfica (SOEIRO 1984, 263, est. CXXXIV, n.º 9). De Fiães são conhecidos dois exemplares que, apesar de se não conhecer o seu contexto arqueológico, o conjunto do material com que estavam armazenados no Instituto de Antropologia da Faculdade de Letras do Porto sugere uma datação tardia (ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 7 e 8). Outros paralelos, de âmbito geográfico mais alargado, são provenientes da necrópole de Santo Estêvão de Alenquer, Paredes (PEREIRA 1970, 69, est. IV, n.º 35), e da *villa* Cardílio, Torres Novas (ALARCÃO; ALARCÃO 1966-67, 58-88)[135].



MMAP 256 (3). Tampa de *lagoena*
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 100.
Material – Bronze. Observação ao microscópio óptico – Bronze ao estanho (8 % Sn) com elevado teor de chumbo (11 %). Teores de elementos menores: 0,4 % Zn, 0.8 % Fe, 0.2 Sb e 0.07 % Ag. A estrutura é típica neste tipo de bronze, com o chumbo segregado na forma de glóbulos.
Descrição – Tampa de jarro destinado a servir água ou vinho *lagoena*. A tampa de formato oval, com prolongamento para o bico, era articulada pela saliência anterior que, por sua vez, se uniria por um eixo com duas outras saliências implantadas no bordo do jarro, formando uma charneira. Na parte superior, na área central, com um ligeiro desajustamento, possuiria uma pequena argola, que se encontra fragmentada, que permitiria abrir a tampa do jarro e assim mantê-la durante o acto de servir.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 86 mm; Largura máximo 51 mm; Espessura máximo 4 mm; Peso 98,8 gr..

Os jarros de bronze de bico alongado, de formato periforme, com boca circular e asa sinuosa, são peças pertencentes a jarros tipo Boester 257-258 (BOESTER 1956, 70-71, n.º 257-258), ou Eggers 128 (EGGERS 1951, 171). São objectos elaborados a partir de uma só peça que remata numa embocadura reforçada, em forma de bico espalmado.
Designados por *lagoena* na nomenclatura latina, os jarros de bocal em bico constituem peças de mesa destinadas a servir água ou vinho (HILGERS 1969, 230), constituindo uma forma muito difundida nas províncias romanas, mas cujo estudo e respectivo enquadramento cronológico se encontra muito incompleto. O estudo evolutivo da peça, elaborado por B. Raev, considera dois grupos cronológicos distintos. Ao primeiro, mais antigo, de filiação ao sul de Itália, vinculado ao tipo Wehringen (Alemanha), com inúmeros paralelos no centro e sul da Europa, corresponderia uma datação do início do séc. I. O segundo grupo, a que corresponde o tipo Eggers 128 e a variante 128 a, é considerado como pertencente aos jarros tipo Straldza (Bulgária), com proposta de datação para o séc. II-III, (RAEV 1977, 616, 632-634).
No entanto, como observou Adília Alarcão (ALARCÃO 1996, 26), desde o início da sua produção até aos exemplares mais tardios, o jarro conheceu inúmeras variações em toda a sua morfologia.
Os exemplares publicados são relativamente escassos e muito incompletos, evidenciando importantes variações tipológicas que revelam variações cronológicas ou diferentes centros produtores. Os três vasos identificados no cabo Higer evidenciaram ligas de cobre, estanho e chumbo, com teores destes últimos elementos na ordem de 8% e 10%, respectivamente. As ligas dos jarros de Higer revelam percentagens em estanho particularmente baixas (1,645%, 6,303% e 6,786%), normais de chumbo (11,167%, 19,25% e 14,27%), de estanho (0,242% e 2,249%), e de cobre na ordem (97,71% e 89,77%). Adília Alarcão, apesar de não conhecer a composição da liga metálica dos jarros de Conímbriga, atendendo à dureza do material e à cor da superfície, considera-os como semelhantes aos jarros de Higer, valorizando as percentagens de ferro (1,192% e 3,905%), assumindo, implicitamente, o mesmo local de origem para a sua produção, que admite ser a região mineira de Irun, cuja cronologia se fixa no séc. II-III, em função da morfologia dos bocais e da asa (URTEAGA 1986, 120).

[134] A epigrafia regista vários exemplos que vinculam o culto a estas divindades à costa marítima. Em homenagem a Nereida aparece, por vezes, o cognome Neris, ligado a gentílicos latinos bem conhecidos, com particular predominância em cidades marítimas, como, por exemplo, em Barcelona, onde se identificam lápides com a seguinte leitura: Cornelia Neris, mãe de um edil e duúnvirio de Barcelona; CIL – II 4523 = ILER 5555 / Iulia Neris, filha de um edil de Barcelona; CIL - II 4525 = 3955. Documentam-se ainda epígrafes com o cognome de Neris em Sagunto e Cartagena. Segundo José D'Encarnação, este antropónimo estará ligado a um extracto populacional relacionado com a actividade marítima e comercial. O exemplo nacional é-nos fornecido pelo mesmo autor e reporta-se a uma lápide funerária proveniente da necrópole romana da Quinta do Arroio, Luz, Tavira; Consagrada aos Deuses Manes. Aqui jaz Albia Nereida, de sessenta anos, que a terra te seja leve (ENCARNAÇÃO 1984, 40).

[135] Proveniente de Terrujem, Elvas, encontra-se publicado um exemplar idêntico ao nosso, que apesar de os autores não sugerirem qualquer cronologia, os materiais com que se encontram associados, nomeadamente armelas de sítulas e *sigillatas claras D*, remetem para um horizonte tardo-romano (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, est. III, n.º 26).

O n.º 12 de Conímbriga (ALARCÃO, ETIENNE, 1976, 154, est. XXXVII, n.º 12), mais completo que o nosso exemplar, ilustra bem a forma de funcionamento da tampa, cuja base de encaixe serve praticamente de negativo para o seu assentamento. As análises por espectrometria de raio X do nosso exemplar revelam uma estrutura típica com glóbulos de chumbo segregados nas seguintes percentagens: cobre 79,73%, estanho 8%, ferro 0,8% e chumbo 11%, que o demarca claramente da composição das ligas dos jarros de Higer, nomeadamente nas percentagens de estanho e cobre. Por sua vez, a proximidade percentual dos componentes com os resíduos de fundição, identificados em materiais da mesma proveniência, levam-nos a supor uma fabricação local, inspirada nos modelos provinciais do séc. III, embora o seu contexto estratigráfico permita atribuir uma cronologia entre o séc. IV e inícios do séc. V.
Outros exemplares do mesmo tipo, com claras semelhanças com o nosso, são provenientes do complexo mineiro de Valongo, especificamente do Fojo das Pombas, Penafiel (CASTRO 1962, 166-176), da Quinta das Alagoas, Benquerença, Penamancor (BENTO 1989, 432, fig. 8), e de Cabeço de Vaiamonte, em Monforte (ALARCÃO 1996, 28, fig. 5, n.º 21).

MMAP 256 (4). Alfinete
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, op. 02.
Material – Bronze.
Descrição – Alfinete. Cabeça em forma de placa perfurada com três orifícios, para suspensão de pendoloques. Haste de perfil cilíndrico com estreitamento progressivo para a ponta.
Classificação e cronologia – Tipo Beckmann 114 – 119 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 151 mm; Espessura máxima 3 mm; Peso 18,7 gr..

Os alfinetes, genericamente designados por *acus,* tinham diversas funções de uso pessoal, nomeadamente para fixar peças de vestuário ou, mais frequentemente, para fixar os penteados, funcionando como peça de adorno, designando-se então por *acuis crinalis* ou *comatoria*. Foram fabricados em inúmeros suportes, nomeadamente, osso, madeira, marfim, bronze, cobre, ferro e metais preciosos.
Geralmente frequentes em ambientes habitacionais e espaços funerários no noroeste peninsular, são referenciados na bibliografia de forma episódica e pouco detalhada, sendo difícil mencionar paralelos que permita aferir cronologias ou definir características morfológicas e estilísticas.
Um primeiro ensaio tipológico foi elaborado por Elsa França a propósito dos alfinetes de Conímbriga recolhidos em escavações anteriores a 1962 (FRANÇA 1968, 68-96), que constituiu, a partir desse momento, a referência mais frequente para os achados deste tipo.
O nosso exemplar enquadra-se no tipo 136/137 de Beckmann, ou no Grupo B tipo X de Elsa França (BECKMANN 1966, 39 est. 4, n.º 136-137; FRANÇA 1968, 71). Apresenta uma cabeça em forma de espátula com três perfurações para suspensão de anéis que sustinham os pendeloques. Provenientes de Conímbriga identificam-se alguns exemplares tipologicamente semelhantes ao nosso, com o mesmo horizonte cronológico, que são datados com o apoio da cronologia estabelecida na tipologia de Beckmann que os coloca num amplo horizonte cronológico do séc. I ao III (ALARCÃO; PONTE 1979, 130, est. XXX, 139-142). O contexto arqueológico do nosso exemplar é claramente posterior ao apresentado por Beckmann, remetendo a sua classificação para um horizonte do séc. IV - primeira metade do séc. V.

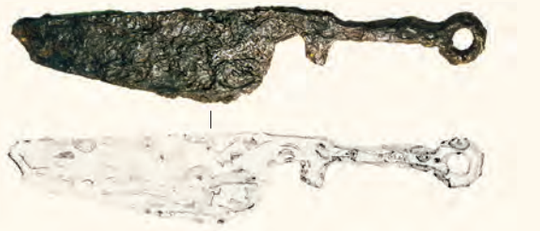
MMAP 257. Asa de freio
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – Alv. 96 B, A4, op. 24.
Material – Ferro.
Descrição – Asa de freio. Formato sinuoso, em forma de oito, com argola superior ovalada. A parte inferior, mais larga, é recta na base e achatada no centro onde forma um disco com um orifício central para prisão do freio. A peça foi elaborada a partir de uma haste de ferro única, de secção quadrangular, que conserva sensivelmente a mesma espessura por toda a peça, com excepção do disco que foi achatado para os fins específicos a que se destina.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V
Dimensões – Altura máxima 95 mm; Largura máxima 71 mm; Peso 55,8 gr..

Estribo de aro curvilíneo, sem decoração, com orifício para a passagem do bridão deslocado para a parte inferior da peça e aselha na parte superior. Não existe distinção propriamente dita entre o corpo do estribo e a aselha, o que resulta numa configuração em forma de oito, com a parte inferior mais larga.
Isabel Pereira, ao estudar os elementos de freio tardo-romanos de Conímbriga estabelece três grupos em função da sua morfologia – o primeiro, formado por placas circulares, com um orifício central para a passagem do eixo do freio, geralmente decoradas; o segundo, a que pertencente o nosso exemplar, formado por um aro de forma curvilínea, geralmente com orifício descentrado, isentos de decoração; por último, o terceiro, também de perfil em S, morfologicamente idêntico ao anterior, mas decorado com motivos zoomórficos.
A cronologia fornecida para estes materiais tem sido feita por conexão com objectos de outras proveniências, nomeadamente, a partir de um paralelo representado no mosaico do *tepidarium* da *villa* romana de Dueñas, datado do segundo quartel do séc. IV (PALOL, 1967, 196-225, fig. 3). Carballero Zoreda considera como data do seu aparecimento o início do séc. IV, relacionado com a subcultura das necrópoles do Douro (ZOREDA 1974, 80).
O nosso exemplar é proveniente do estrato de destruição da ocupação da Fase IV/V, da *domus* da Lucerna do Cavalo correspondendo à cronologia sugerida. São conhecidos paralelos com claras semelhanças com o nosso exemplar, nomeadamente provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 103, est. XXII, n.º 99; PEREIRA 1970, 10, est. II, n.º 1), da necrópole de Fuentespreadas, Zamora, com cronologia situada no séc. IV (ZOREDA 1974, 74-86, fig. 18), e da *villa* tardo-romana de Tinto De La Cruz-Pinto, Madrid (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 190, lam. LXXXIX, n.º 656)[136].

[136] A peça proveniente da *villa* tardo-romana de Tinto De La Cruz – Pinto, Madrid, apresenta significativas semelhanças com o nosso exemplar. A sua forma triangular conserva o seu formato original e revela um maior equilíbrio na proporção das formas. Tecnologicamente apresenta as mesmas características construtivas tendo sida elaborada a partir de uma peça única, de secção quadrangular.

MMAP 258. Sino
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 72.
Material – Ferro. Análise ao microscópio óptico – Amostra de Fe-Cu com cerca de 11% de cobre. Estrutura bifásica.
Descrição – Sino em ferro e cobre. Corpo rectangular, tronco-cónico, com cantos arredondados, feito a partir de uma só folha de ferro com o interior coberto por uma fina folha de cobre. Da asa apenas restam os orifícios de encaixe. Batente inexistente.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 96 mm; Largura máxima 96 mm.

Os sinos e chocalhos constituem um grupo de artefactos relativamente vulgares em áreas habitacionais e mesmo em contextos funerários. São vários os paralelos conhecidos na Península, nomeadamente em Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 181-182, est. L, n.º 220, 221, 222), no Castro de Fiães, Vila da Feira (ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 9), na necrópole de Stº. André, Montargil (NOLEN 1981, 122-123, est. XIX, D. 11.7), na necrópole de Fuentespreadas, Zamora (ZOREDA 1974, 114-119, fig. 26-27), e na *villa* romana de la Olmeda, Pedrosa de La Veja, Palencia (PALOL; CORTEZ 1974, 99, fig. 24). A sua técnica de fabrico caracteriza-se pelo facto do objecto ser elaborado a partir de uma única folha de ferro configurando uma superfície rectangular ou cónica rematada por uma costura vertical num dos lados. O remate da face inferior apresenta-se dobrada para o interior. Os ombros são batidos e arredondados. A face interna é revestida por uma fina lâmina de cobre. A suspensão é geralmente feita a partir de uma asa de secção rectangular que acompanha longitudinalmente a face superior dos sinos[137].



MMAP 259. Punhal
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 96 B, A2, op. 35.
Material – Ferro.
Descrição – Punhal em ferro com lâmina de perfil e secção triangular, plana no dorso e afiada no gume. O cabo constitui um prolongamento da lâmina e apresenta uma secção circular rematado por uma argola. No remate da lâmina possui um ligeiro espessamento e um espigão de protecção na sua base inferior que se encontra fragmentado na extremidade.
Classificação e cronologia – Tipo Simancas 60 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 333 mm; Largura máxima do gume 68 mm; Comprimento máximo da lâmina 186 mm; Comprimento máximo do punho 74 mm; Espessura máximo do gume 11 mm.

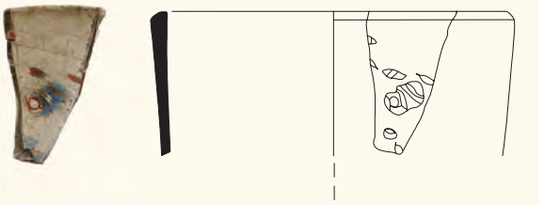
Enquadra-se tipologicamente no tipo Simancas 60[138] e é formado por uma peça única que compreende a lâmina, guarda-mão e cabo.
Este tipo de punhais possui bainha em bronze ou em ferro, frequentemente decorados com motivos hispano-romanos, referentes à gramática decorativa da *sigillata hispânica tardia* e das cerâmicas pintadas que, geralmente, compreendem motivos circulares enquadrados por motivos geométricos ou vegetalistas (PALOL 1964 fig. 2, 5, 11)[139]. A configuração da lâmina, o perfil do dorso da lâmina, a existência ou não de "guarda-mão", assim como a empunhadura e respectivos remates permitem formar dois tipos distintos. O nosso exemplar enquadra-se na empunhadura tipo IV e lâmina tipo B.
Em Espanha compreendem uma ampla distribuição que abrange as províncias de Valladolid, Salamanca, Zamora, Burgos, Madrid e Segóvia[140]. De Portugal apenas são conhecidos quatro exemplares, estando dois deles referenciados por Russel Cortez, provenientes do castro de Trepa, Sobral Pichorro (CORTEZ 1950, 52-92), um outro exemplar em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (ZOREDA 1974, 58, nota 86), de que desconhecemos as características morfológicas e respectiva proveniência e um outro proveniente do castro de S. Julião, Ponte/Couceiro, Vila Verde (SILVA 1986, 177, 201, est. XC, n.º 2)[141].
Este último, quanto a nós, merece uma atenção especial (MOREIRA 1988, 44, fot. 1). Trata-se de um punhal de 390 mm de comprimento com lâmina em ferro de perfil e secção triangular com dorso plano e gume afiado. O cabo, em bronze, é constituído por duas peças tubulares separadas por uma anilha de ferro, rematado em argola. Inicialmente interpretado como "uma nova espada curta dos guerreiros galaicos" por Mário Cardozo, foi posteriormente classificado por Armando Coelho, ainda que com reservas, como do tipo biglobular da cultura da Meseta, atribuindo-lhe uma cronologia no interior da sua Fase II[142] (SILVA 1986, 177). Quanto a nós, tipologicamente, o punhal enquadra-se no tipo Simancas II, que corresponde ao tipo de lâmina sem guarda-mão. Revela inclusivamente semelhanças assinaláveis ao nível da empunhadura tipo II, idêntica ao nosso exemplar que também remata em argola. Desta forma, a sua cronologia corresponderia ao séc. IV-V, cuja ocupação do local onde foi recolhido não contraria (MARTINS 1988, 25)[143].
Este tipo de punhal é hoje entendido como sendo de clara tradição proto-histórica, com evidentes relações com os punhais usados pelas tropas romanas do limes renano desde o séc. I e ocupam um período cronológico que compreende os séculos IV e V (PALOL 1964, 102; ZOREDA 1974, 67; DOMÍNGUEZ 1989, 152). Actualmente é consensual que este tipo de punhais não se associa a qualquer tipo de funcionalidade militar, mas que se relaciona com actividades de carácter venatório.
O nosso exemplar é proveniente da *domus* da Lucerna do Cavalo da Fase IV/V, correspondendo-lhe, portanto, uma cronologia consentânea com os paralelos apontados, nomeadamente com os exemplares provenientes da necrópole de Fuentespreadas, Zamora, como os quais revela uma proximidade morfológica assinalável.

[137] A propósito da técnica de fabricação deste tipo de sinos ou chocalhos veja-se (ZOREDA 1974, 118, fig. 28), em particular o esquema que apresenta (fig. 1), no qual se representam os diferentes passos executados a partir do corte da folha de ferro até à aplicação da asa. No entanto, identifica-se um pormenor, relativo ao capeamento de bronze efectuado no interior dos chocalhos que sugere que este era feito através de um banho de bronze, aspecto que os nossos exemplares não revelam, uma vez que se distingue claramente a existência de duas folhas distintas, a primeira de ferro, de maior espessura, que corresponde à parte exterior, e uma segunda, mais fina, de bronze que apenas cobre o interior.
[138] Tipologia criada por Palol onde os punhais são genericamente denominados por Simancas (PALOL 1964, 67-102), pese embora o facto de a necrópole ter sido descoberta e estudada anteriormente (MANESCAU 1936, 39).
[139] Podem apreciar-se outros exemplos, também em bronze, ainda que decorativamente pobres, provenientes da *villa* tardo-romana de Tinto Juan De La Cruz – Pinta, Madrid (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 189, lam. LXXVIII, n.º 647).
[140] Caballero Zoreda, seguindo Palol, apresenta a listagem dos achados ocorridos até 1974. No total apresenta vinte e dois exemplares entre punhais e bainhas, onde inclui dois provenientes do castro de Trepa, Sobral Pichorro (ZOREDA 1974, 58). A acrescentar à primeira lista encontram-se mais três provenientes da *villa* tardo-romana de Tinto Juan De La Cruz – Pinto, Madrid, enquadráveis no grupo II de Caballero Zoreda (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 199, lam. LXXXVIII, n.º 658).
[141] O punhal encontra-se actualmente em depósito no Museu Pio XII, em Braga.
[142] A que corresponde, segundo o autor, o período cronológico compreendido entre 500 a.C. e 150 a.C. (SILVA 1986, 66-67, Tabela cronológica Gráfico 2).
[143] Apesar de a autora não apresentar dados estratigráficos concludentes de uma ocupação tardo-romana refere as escavações arqueológicas aí realizadas pelo P. João de Freitas, nas quais foi recolhido espólio enquadrável neste período, designadamente moedas de Constantino, dois pratos de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* (MARTINS 1988, 125, est. LXXXVII, n.º 44-45). Importa referir que o primeiro, n.º 44 é uma forma tipo Delgado 59/67 ou Martin 59/67, muito bem documentada estratigraficamente em Alvarelhos na nossa fase IV-V, cuja cronologia relativa se situa entre 350-380, privilegiando-se a sua inspiração no tipo 59 A de HAYES (320/380-400). O segundo é um prato tipo Hayes 59, também bem documentado em Alvarelhos, nos mesmos horizontes cronológicos e em ambientes funerários da região, como, por exemplo, na necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado, Trofa.

MMAP 260. Sino
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. M1.
Material – Ferro. Caracterização micro-estrutural – Amostra de bronze com cerca de 7% de estanho, 7% de ferro, 2 % de chumbo e 0,2 % de antimónio e de zinco.
Descrição – Sino chapeado no interior a cobre. Corpo sub-rectangular com face superior oval. Da asa de suspensão externa conservam-se apenas os arranques que revelam uma secção rectangular, em forma de fita. A mesma asa perfura a face superior do sino para formar a argola interna para suspensão do badalo. Tipologicamente semelhante à peça n.º 258, o presente exemplar distingue-se do anterior por apresentar uma secção subcircular que, geralmente, corresponde aos exemplares de maiores dimensões e que, tendencialmente, apresentam o perfil do aro de suspensão circular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Altura máxima 124 mm; Largura máxima 117 mm; Peso 266,5 gr..

MMAP 261. Colher
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – Alv. Alv. 94 A, op. 89.
Material – Prata.
Descrição – Colher com concha de formato oval e haste de secção quadrangular com adelgaçamento progressivo até à ponta. A ligação entre a haste e a concha é feita através de uma voluta que cria dois planos diferentes. A decoração inscrita na haste ocupa cerca de 2/3 da mesma e forma um desenho geométrico composto por um conjunto de traços incisos.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 101 mm, Largura máxima 26 mm; Peso 10,8 gr..

As colheres em prata são particularmente comuns na Europa Central, Inglaterra e Península Ibérica e foram alvo de abundantes estudos dispondo-se hoje de ampla bibliografia de referência[144].
São diversas as utilidades que lhes são atribuídas no âmbito das tarefas domésticas, quer no domínio das actividades de higiene pessoal, nomeadamente para manuseamento de unguentos e perfumes, quer para procedimentos farmacêuticos ou de medicamentação, na administração, doseamento e preparação dos respectivos medicamentos.
Todavia, é também plausível uma dimensão de carácter religioso para algumas delas, em directa relação com as primeiras comunidades cristãs. Garcia y Bellido aponta algumas pistas quanto à função que poderiam ter desempenhado. Uma das possibilidades consiste na sua utilização na eucaristia, à moda do médio oriente, cujo costume se encontra preservado na igreja ortodoxa (BELLIDO 1971, 95). As inscrições que muitas delas conservam em que o aclamativo *vivas in Deo* ou *vivas in Christo*, como por exemplo, na colher proveniente de Terrugem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, fig. 2, 19 - 24), precedido por um nome, *Elias*, permite admitir uma função relacionada com o baptismo, no qual o nome do baptizado era gravado como recordação, passando para a sua pertença, assim se explicando o contexto habitacional de muitos dos achados, assim como, o contexto funerário de algumas delas. O facto de serem de um metal precioso parece corroborar esta perspectiva, uma vez que os exemplares conhecidos em bronze não conservam inscrições do tipo aclamativo, explicando-se a natureza do metal como forma de valorizar o baptismo, de forma a vincar o acontecimento como o principal passo na vida cristã. A sua conservação, à semelhança dos dias de hoje, reveste-se de crenças, relacionadas com a protecção divina, nas quais se atribuem propriedades profiláctica ou curativas, com o mesmo sentido em que se conservam medalhas ou escapulários (BELLIDO 1971, 96).
Conhecem-se vários exemplares portugueses em prata que documentam este tipo de interpretação como, por exemplo, o já referido exemplar proveniente de Terrujem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, fig. 2, 19 - 24). Esta colher apresenta uma concha de formato oval, haste de secção quadrangular, evoluindo para circular, tendo como elemento de ligação uma voluta de características naturalistas. Conserva uma inscrição na face anterior implantada num campo rebaixado - *AELIAS . VIVASIN*. rematado com a representação de um CRISMON. Sobre a haste conserva duas letras A Q. Um outro exemplar, proveniente de Nossa Senhora da Luz, Lagos, de características similares, apresenta uma haste de secção circular separada da concha por uma voluta. A decoração incisa na face exterior da concha, desenha uma folha com nervuras radiais (BELLIDO 1971, 94, fig. 2).
Os exemplares em bronze, relativamente mais frequentes, geralmente não são decorados e apresentam formas mais estilizadas sendo as volutas substituídas por travessões rectangulares. São conhecidos vários exemplares que abrangem a totalidade do território português. Provenientes do sul, identificam-se colheres procedentes de Idanha-a-Velha, Terrugem, Elvas, Tróia e Setúbal (BELLIDO 1971, 94 - 95). Ainda do sul de Portugal, encontra-se publicada uma outra colher proveniente da Herdade da Barrosinha, Alcácer do Sal, que condiz com as características morfológicas deste tipo de colheres (SOUSA; SEPÚLVEDA 1997, 117, est. II, n.º 1 - 2). Em áreas mais setentrionais encontra-se publicado um exemplar de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 161, est. XLI, n.º 63), cujas características correspondem à simplificação das formas das colheres de prata. De Monte Mozinho, Penafiel, identifica-se uma colher (SOEIRO 1984, 263, CXXXIV, n.º 10), sem contexto estratigráfico de referência, cujas características morfológicas a aproximam ao exemplar proveniente de Conímbriga. A decoração é composta por grupos de três linhas incisas dispostas obliquamente em relação ao cabo.
A cronologia deste tipo de materiais tem vindo a ser apontada como sendo característica do séc. IV (MELENDO 1998, 94; ALARCÃO; PONTE 1979, 161), sendo, no entanto, provável que a sua utilização se tenha prolongado pelo séc. V, como parece ser o caso da colher recolhida na *villa* romana de S. Miguel de Odrinhas, Sintra, cuja ocupação da segunda *villa* aponta para o séc. V (SOUSA 1989, 182).



MMAP 262. Copo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99, B1 (G31.00), op. 4.
Material – Vidro incolor, translúcido, de boa qualidade, com pequenas impurezas negras e bolhas de ar.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de copo. Parede recta, ligeiramente esvasada, rematada por bordo vertical, facetado, polido ao fogo. A decoração é composta por pequenos elementos coloridos de vidro integrados na pasta.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima 3 mm; Diâmetro máximo do bordo 64 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 39.

[144] Veja-se, a propósito, (PAINTER 1965, 1 - 15; 1975, 62 - 69; MILICIC; VETTERS 1970). O catálogo de V. Milicic e H. Vetters, apesar de apenas compreender os achados da Europa Central recolhe mais de quatrocentos exemplares de cerca de 150 localidades distintas. Será de assinalar que em Espanha os exemplares conhecidos são relativamente pouco abundantes. Garcia y Bellido cita um exemplar em prata proveniente de Bruñel, Jaén, sem concretizar as suas características morfológicas mencionando, no entanto, que não possui qualquer inscrição (BELLIDO 1971, 97). De bronze conhecemos um exemplar proveniente da Andaluzia com rasgos morfológicos idênticos à colher proveniente da Herdade da Barrosinha, Alcacer do Sal (MELENDO 1998, 194, Est. LII, n.º 4).

MMAP 263. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 94 A, op. 47.
Material – Vidro. Pasta vítrea de excelente qualidade. O interior é formado por uma pasta branca, opaca, e a exterior de cor esmeralda, ligeiramente translúcida.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de taça. Parede recta, com ténue curva ao nível do bordo. A demarcação do bordo e a parede faz-se pela presença de um friso inciso de perfil em V. Lábio recto, ligeiramente espessado e inclinado para o interior, apresentando arestas angulosas, ligeiramente polidas ao fogo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Comprimento máximo 26 mm; Espessura máxima 2 mm; Diâmetro máximo do bordo 110 mm.

A presente taça merece particular destaque na indústria vidreira romana do noroeste peninsular, uma vez que a sua técnica de fabrico, por justaposição de dois vidros de diferentes cores, constituindo portanto um vidro laminado, não se encontra documentada em nenhum outro exemplar publicado. Morfologicamente não se enquadra em nenhuma das tipologias de referência (MOREIRA 1997, 26).

MMAP 264. Garrafa quadrangular
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, op. 06.
Material – Vidro translúcido de boa qualidade, desprovido de bolhas de ar e impurezas, de cor azul água.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de garrafa prismática soprada em molde. O bordo forma uma aba para o exterior, curta, ligeiramente descendente, rematada por um lábio arredondado. O interior é perfeitamente vertical e bem destacado do arranque do gargalo por uma reentrância de perfil em V. Não possui decoração.
Classificação e cronologia – Tipo Isings 50 / Monte Padrão – Fase IV.
Dimensões – Comprimento máximo 16 mm; Espessura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do bordo 99 mm.

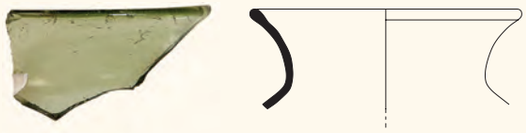
As garrafas prismáticas constituem uma das peças mais bem representadas em Portugal. A presente forma pertence ao tipo Isings 50 (ISINGS 1957, 63-66, forma 50 A/B). A autora distingue dois tipos – A e B, sendo as primeiras mais baixas e de corpo mais largo. Cronologicamente, estas peças começam a ser produzidas a partir do reinado de Cláudio e mantendo-se até ao século II, sendo, no entanto, o seu auge na época flávia. As peças dos sécs. III e IV são em menor número e já de inferior qualidade, com vidro muito delgado e com muitas impurezas.
Os seus principais rasgos morfológicos consistem no facto de possuirem um corpo quadrangular com fundo plano ou ligeiramente côncavo. O gargalo é cilíndrico e curto de perfil tronco-cónico, rematado por um bordo espesso, em forma de aba, com lábio arredondado. A transição do corpo para bordo faz-se com um ângulo de 90º com arestas arredondadas. Apresenta uma ou duas asas aplicadas de perfil rectangular com nervuras longitudinais que se desenvolvem a partir do ombro ao limite inferior do bordo. As suas dimensões variam entre 12 e 43 cm de altura.
Tecnologicamente são peças sopradas em molde, possivelmente de madeira, em cujo fundo se gravavam composições geométricas, florais, motivos figurativos e as marcas de oficina, de forma que as peças quando sopradas ficassem com uma decoração em relevo no fundo. As suas cores predominantes são o azul gelo e o verde água.
Este tipo de peças são geralmente associadas à comercialização de produtos importados, com o vinho, o azeite, e o *garum*. Dos vários exemplares publicados provenientes de Monte Mozinho, Penafiel, merece particular destaque o n.º 19 que apresenta uma composição no fundo exterior, dividida em nove quadrados, onde são representados na fila intermédia as seguintes letras; L.L.F. São vários os autores que identificam esta marca de oficina como procedente da Lusitânia, devido à grande concentração de peças e a sua exclusividade no mundo romano, restringida à Península. Os paralelos existentes procedem de Vila Viçosa (ALARCÃO; ALARCÃO 1967, 18, n.º 33), Alandroal (ALARCÃO 1975, 47-52), Conimbriga (ALARCÃO 1976, 169, est. XXXV e XXXVI, n.º 50-72), Monte Mozinho, Penafiel (3, 5, 13, 16, 18, 19, 20), Monte Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 1997, 51, est. XV, n.º 75), e Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 215, est. XVII, n.º 5).

MMAP 265. Copo/taça
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 69.
Material – Vidro translúcido de cor verde musgo, de boa qualidade, desprovido de bolhas de ar e impurezas.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça de perfil tronco-cónico, soprado. O bordo é engrossado sem formar qualquer tipo de ressalto. Não possui decoração.
Classificação e cronologia – Tipo Isings 96/106 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo ao nível do bordo 84 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.

MMAP 266. Copo/taça
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 93 A, op. 218.
Material – Vidro translúcido de cor verde musgo, de qualidade média, com bolhas de ar alongadas e impurezas negras.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de copo/taça, de perfil tronco-cónico, soprado. Bordo engrossado. A decoração é composta por dois toros paralelos ao bordo colocados na parte superior da parede.
Classificação e cronologia – Tipo Isings 96/106 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Diâmetro máximo ao nível do bordo 93 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Obs. – Análise química por espectrometria de fluorescência de raios X – Amostra de vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, manganês 4%, ferro 3%, bário 3%, isento de chumbo e estanho.

Este tipo de recipiente possui características ímpares, a que convencionamos designar por copo/taça. Tipologicamente classifica-se por tipo Isings 96/106, devido ao facto de não se enquadrar directamente em nenhum dos dois tipos, constituindo uma forma bastarda que aglutina características morfológicas dos dois. Efectivamente, estas taças de perfil campaniforme não podem ser consideradas como uma variante de parede aberta do tipo Isings 96, ou, com a mesma propriedade, uma variante pouco funda do tipo Isings 106. Se, por um lado, as suas características morfológicas se aproximam das taças do tipo Isings 106, a sua diminuta dimensão, especialmente o diâmetro, coloca-as mais próximas das taças tipo Isings 96. As suas características consistem na existência de um bordo engrossado ao fogo e um reservatório de perfil tronco-cónico, um fundo côncavo de assentamento radial, com vestígios de utilização de pontel no centro e na decoração composta

por pequenos cordões de vidro da mesma cor, provocados pela rotação da peça. A sua datação surge perfeitamente delimitada pela segunda metade do século IV e primeira metade do século V.
Um exemplar morfologicamente próximo às nossas peças é identificado em Balsa, Tavira (NOLEN 1994, 179-180, est. 35, n.º 99), que sugere uma comparação, do ponto de vista puramente tipológico, com os designados *palm cups* (LITH VAN, 1987, 47-59, fig. 36; ALARCÃO 1963, 205-206, n.º 34, est. V, n.º 1), característicos dos sécs. III-IV/V, e mesmo posteriores.



MMAP 267. Boião
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 117.
Material – Vidro verde gelo, translúcido, de qualidade média.
Descrição – Fragmento de bordo, arranque de gargalo e pança de boião. Bordo ligeiramente engrossado e bojo muito esvasado.
Classificação e cronologia – Tipo Isings 68 / Castro de Alvarelhos – Fase III.
Dimensões – Diâmetro máximo ao nível do bordo 60 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.

As principais características dos boiões consistem no facto de possuírem colo baixo e largo, corpo esférico e bordo revirado, por vezes muito projectado para o exterior. É uma forma muito comum em todo o território podendo-se encontrar paralelos em Conímbriga (ALARCÃO; ALARCÃO 1965, 97-98, Est. VII, n.º 154-159; ALARCÃO 1976, 171, est. XXXVII, n.º 88-89), no Castro do Monte de Santa Maria, Vila da Feira (ALARCÃO 1971, 41, est. V, n.º 54), e, em Braga, provenientes da escavação das Carvalheiras (DELGADO; MARTINS 1989-90, 163, est. VI, n.º 20 = LOPEZ 1991, fig. 12, n.º 15). Ainda dentro deste grupo existem duas peças relevantes, uma proveniente do Castelo de Guifões, Matosinhos (ALARCÃO; ALARCÃO 1963, 9-10, fig. 3, fot. 3), e uma outra, proveniente da Necrópole de Bouços, Paços de Ferreira (SILVA 1986a, 125, est. XXXI, n.º 7). O mesmo tipo de bordo é comum à forma Isings 67b e 67c. O seu horizonte cronológico encontra-se entre o século I e II, mas surge com maior incidência no século II. Convêm, no entanto, referir que existem peças desta mesma forma com datações que se prolongam até ao séc. IV, aliás como sugere Harden para as peças de York (HARDEN 1962, 140, fig. 89).

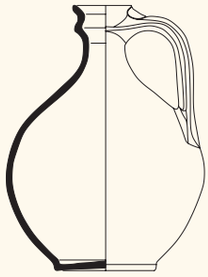
MMAP 268. Copo/taça
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A, (J30.01), 6669.
Material – Vidro translúcido de qualidade média.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça, de cor verde musgo. Possui um ligeiro estrangulamento do corpo junto ao bordo que provoca uma saliência que destaca o engrossamento do bordo. Não possui qualquer tipo de decoração.
Classificação e cronologia – Tipo Isings 96/106 / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 23 mm; Espessura máxima 3 mm; Diâmetro máximo do bordo 100 mm.

MMAP 269. Garrafa?
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B1, A2, op. 35.
Material – Vidro translúcido de qualidade média com bolhas de ar alongadas. Cor verde musgo.
Descrição – Fragmento de parede e gargalo de garrafa (?). Decoração composta por fio enrolado em espiral a partir do arranque do bojo até ao desenvolvimento do gargalo. Bordo fragmentado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.
Dimensões – Comprimento máximo 28 mm; Espessura máxima 5 mm.

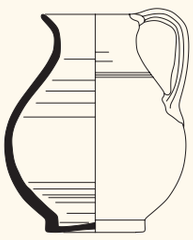
MMAP 270. Conjunto de vidros derretidos
Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 97 B3, A1 (M12-02), op. 52 (3 frag.) / 31 (2 frag.) / 152.
Material – Vidro de cor verde azeitona com muitas impurezas integradas na pasta ainda quente. Análise química por espectrometria de fluorescência de raio x - Vidro de silicato de cálcio - CaO 14%, sódio Na2O 7%, manganês 2%, ferro 2%, praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre.
Descrição – Nódulos disformes. Desperdícios da produção artesanal de vidro.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV_V.

Necrópole galaico-romana de Rorigo Velho

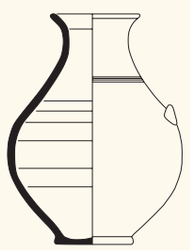
MMAP 271. Jarro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1112.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre. Superfície alisada com polimento acentuado de fabrico cuidado. Cor creme (cor - M35).
Descrição – Jarro de perfil em S com corpo oval. Colo moderadamente estrangulado com bordo extrovertido de desenvolvimento oblíquo, rematado por lábio arredondado. Pé de desenvolvimento vertical com fundo côncavo e espessura irregular. Decorado na base do colo com três linhas incisas, paralelas entre si. O bojo encontra-se decorado com seis linhas horizontais pintadas a ocre, formando duas bandas. O interior da banda central é preenchido em branco, sobre a qual se inscreve uma matriz em V a ocre.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III - séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 230 mm; Diâmetro máximo da base 71 mm; Diâmetro máximo do bordo 82 mm; Diâmetro máximo do bojo 162 mm.



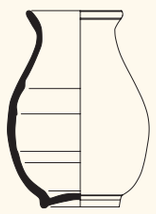
MMAP 272. Bilha
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1113.
Material – Cerâmica. Pasta homogénea com cozedura regular. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de calibre irregular. Superfície alisada e polida com vestígios de engobe de cor castanha (cor - M53).
Descrição – Bilha de perfil em S de corpo globular com reservatório simétrico. Gargalo bitronco-cónico com bordo extrovertido e lábio boleado, projectado para o exterior. Bocal circular. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical, com dedeira entre o bordo e a parte superior da asa. Pé curto de desenvolvimento oblíquo com fundo ligeiramente côncavo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 224 mm; Diâmetro máximo da base 85 mm; Diâmetro máximo do bordo 51 mm; Diâmetro máximo do bojo 169 mm.



MMAP 273. Púcaro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 939.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Cor avermelhada. Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície alisada, ligeiramente rugosa, com vestígios de aguada fina de cor avermelhada (cor - N69).
Descrição – Púcaro de pequenas dimensões de perfil em S. Corpo oval com colo de perfil cilíndrico com estrangulamento suave. Bordo curto e aberto com lábio arredondado, ligeiramente pontiagudo. Asa de fita de secção plano-convexa com nervura interior, assimétrica. Pé curto de desenvolvimento oblíquo com aresta excisa de perfil arredondado. Fundo côncavo de assentamento lateral. Decorado com duas linhas incisas, paralelas entre si, na base do colo acima do arranque da asa.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 141 mm; Diâmetro da base 60 mm; Diâmetro máximo do bordo 69 mm; Diâmetro máximo do corpo 115 mm.



MMAP 273. (1) Púcaro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1095.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Cor castanha com manchas irregulares (cor - M50). Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre.
Descrição – Púcaro de perfil em S com corpo esférico. Colo alto e estrangulado. Bordo aberto de desenvolvimento oblíquo, fragmentado ao nível do lábio. Arranque de asa de fita de secção plana-convexa. Fundo discóidal de desenvolvimento vertical com ressalto de perfil arredondado e assentamento pleno. Decoração composta por um conjunto de três linhas incisas paralelas ao bordo que marcam o arranque do colo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 122 mm; Diâmetro da base 35 mm; Diâmetro máximo do bordo 62 mm; Diâmetro máximo do corpo 122 mm.



MMAP 274. Copo
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1098.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura irregular. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. A superfície apresenta polimento acentuado e acabamento cuidado com engobe espesso, de cor castanha (cor - N50).
Descrição – Copo de perfil em S. Colo alto de estrangulamento suave. Bordo aberto e lábio de perfil arredondado. Fundo discóidal de desenvolvimento oblíquo em ressalto com fundo côncavo de assentamento lateral. A decoração é composta por duas bandas de estrias incisas, paralelas ao bordo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 115 mm; Diâmetro da base 44 mm; Diâmetro máximo do bordo 57 mm; Diâmetro máximo do corpo 82 mm.

MMAP 275. Púcaro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1111.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de pequeno calibre compostos por mica e quartzo. Superfície deficientemente polida, rugosa, de cor avermelhada (cor - N55).
Descrição – Púcaro de perfil em S com corpo oval. Encontra-se fragmentado ao nível do arranque do colo não conservando qualquer elemento relativo ao bordo e fixação da asa. Arranque de asa em fita de secção plano-convexa de desenvolvimento oblíquo, extrovertida. Pé discóidal de desenvolvimento vertical com fundo côncavo de assentamento lateral. Decoração composta por três linhas pintadas a ocre, paralelas entre si, ao nível do bojo, abaixo do arranque da asa. Apresenta ainda outros dois motivos pintados no arranque para o colo, com duas linhas serpentiformes de cada lado e ao meio um motivo em espinha (cor - P55).
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 125 mm; Diâmetro da base 48 mm; Diâmetro máximo do bojo 101 mm.

MMAP 276. Copo
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1097.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de pequeno calibre compostos por mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada com acabamento cuidado com vestígios de engobe de cor castanho escuro (cor - N69).
Descrição – Copo de perfil em S e colo alto. Bordo aberto de desenvolvimento oblíquo com lábio arredondado. Fundo discóidal de desenvolvimento vertical com acentuado espessamento para o interior ao nível da carena. Decoração composta por três bandas de duas linhas incisas ao nível do colo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 104 mm; Diâmetro da base 41mm; Diâmetro máximo do bordo 56 mm; Diâmetro máximo do corpo 80 mm.

MMAP 277. Copo
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1108.
Material – Cerâmica. Pasta medianamente compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada, rugosa, com vestígios de fuligem (cor - M71).
Descrição – Copo de perfil em S. Desenvolvimento assimétrico. Colo alto de estrangulamento suave. Corpo oval e esguio com bordo aberto, rematado por lábio arredondado. Fundo discóidal com pé de projecção vertical e assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 97 mm; Diâmetro da base 55 mm; Diâmetro máximo do bordo 60 mm; Diâmetro máximo do corpo 77 mm.

MMAP 278. Púcaro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1096.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Cor acastanhada com manchas mais claras (cor - N57). Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequeno calibre.
Descrição – Púcaro de pequenas dimensões de perfil em S com corpo oval. Colo curto e estrangulado. Bordo extrovertido com lábio arredondado com espessura inferior à parede. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical, ligeiramente assimétrica e soerguida em relação ao nível do bordo. Pé de desenvolvimento vertical, com aresta ligeiramente excisa de perfil arredondado. Fundo plano de assentamento pleno com espessura progressiva para o centro. Decoração composta por uma linha incisa paralela ao bordo que diferencia o corpo e o colo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 145 mm; Diâmetro da base 46 mm; Diâmetro máximo do bordo 52 mm; Diâmetro máximo do corpo 104 mm.

MMAP 279. Taça – *Cerâmica cinzenta fina tardia*
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1115.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Abundantes elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície polida com engobe de cor negra.
Descrição – Taça de parede curvilínea com bordo vertical e lábio arredondado, simples, ligeiramente introvertido. Fundo constituído por pé de perfil trapezoidal de assentamento directo. Fundo convexo com espessamento progressivo para o centro.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 62 mm; Diâmetro da base 53 mm; Diâmetro do bordo 125 mm.

MMAP 280. Bilha
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1099.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície com alisamento e polimento irregular. Textura rugosa, pouco homogénea, de cor castanha (cor - P70).
Descrição – Bilha trilobada de perfil em S com corpo oval. Colo curto e estrangulado com bordo muito extrovertido e lábio arredondado. Bocal trilobado, simétrico, com vertedouro bem desenhado e prolongado. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical, fragmentada ao nível do arranque, junto ao bojo. Fundo plano de assentamento lateral.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 228 mm; Diâmetro máximo da base 93 mm; Diâmetro máximo do bojo 187 mm.

MMAP 281. Jarro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 937.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, feldspato e cerâmica moída de pequeno calibre. Superfície com alisamento deficiente. Textura rugosa (cor - M35).
Descrição – Jarro de perfil em S. Corpo oval, simétrico. Colo alto de perfil cilíndrico com estrangulamento suave. Bordo extrovertido com lábio arredondado e espesso. Asa de fita de secção plano-convexa, assimétrica, de desenvolvimento vertical, ligeiramente aberta e soerguida em relação ao nível do bordo. Pé de desenvolvimento vertical com aresta ligeiramente excisa de perfil arredondado, com fundo côncavo. Decoração composta por duas linhas incisas, paralelas ao bordo, que diferenciam o corpo e o colo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 239 mm; Diâmetro da base 71 mm; Diâmetro máximo do bordo 77 mm; Diâmetro máximo do corpo 165 mm.

MMAP 282. Prato
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 947.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura irregular, de cor acastanhada (cor - N69). Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada de textura rugosa, concrecionada.
Descrição – Prato de paredes arqueadas de desenvolvimento oblíquo e bordo reentrante. Lábio espesso de perfil arredondado, facetado na face exterior. Apresenta uma canelura muito ténue junto ao bordo de perfil em U. Fundo plano de espessura irregular com espessamento progressivo para o centro.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 45 mm; Diâmetro da base 107 mm; Diâmetro máximo do bordo 170 mm.

MMAP 283. Prato
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 946.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície alisada com textura rugosa, apresentando sinais de fuligem no exterior e interior.
Descrição – Prato de paredes rectas de desenvolvimento oblíquo. Bordo vertical, facetado no exterior, marcado por carena externa de perfil arredondado, com lábio pontiagudo, levemente introvertido. Fundo plano de desenvolvimento oblíquo com assentamento integral e espessura regular.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 39 mm; Diâmetro da base 92 mm; Diâmetro máximo 147 mm.

MMAP 284. Prato
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 942.
Material – Cerâmica. Pasta medianamente compacta com cozedura homogénea. Cor castanha (cor - M75). Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, feldspato e nódulos de argila de calibre médio. Superfície alisada de textura rugosa.
Descrição – Prato de paredes rectas de desenvolvimento oblíquo com bordo reentrante, facetado no exterior. Lábio introvertido, espessado, de perfil arredondado. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral. Espessura irregular com espessamento progressivo para o centro. Decoração composta por uma moldura de perfil arredondado na face superior da parede.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 37 mm; Diâmetro da base 73 mm; Diâmetro máximo 102 mm.

MMAP 285. Prato
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 941.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura regular. Cor castanha. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de calibre médio. Superfície alisada com acabamento irregular com vestígios de fuligem.
Descrição – Prato de paredes rectas de desenvolvimento oblíquo. Bordo introvertido, marcado por uma carena externa de perfil anguloso, facetada no exterior. Lábio introvertido de projecção oblíqua e perfil arredondado. Fundo plano com assentamento integral e espessura regular.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 53 mm; Diâmetro da base 137mm; Diâmetro máximo do bordo 209 mm.

MMAP 286. Tigela
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1080.
Material – Cerâmica. Pasta pouco compacta com composição irregular e porosa. Elementos não plásticos compostos por mica, feldspato e nódulos de argila de calibre médio. Superfície com alisamento deficiente com vestígios de engobe de cor avermelhada (cor - L75).
Descrição – Taça de paredes arqueadas de espessura irregular. Bordo com aba curva e pendente com adelgaçamento progressivo até ao lábio. Aba diferenciada do corpo por duas caneluras paralelas de perfil em U. Corpo arredondado com fundo ligeiramente côncavo de assentamento lateral.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 60 mm; Diâmetro da base: 66 mm; Diâmetro máximo do bordo 190 mm.

MMAP 287. Tigela
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 943.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de calibre médio, compostos por mica, quartzo e cerâmica moída. Superfície deficientemente alisada, rugosa, com vestígios de engobe de cor avermelhada (cor - M50).
Descrição – Taça de paredes arqueadas com bordo formado por aba curva e pendente, de perfil arredondado. Corpo arredondado, ligeiramente assimétrico, com fundo côncavo. Fundo plano de assentamento directo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 67 mm; Diâmetro da base 110 mm; Diâmetro máximo 245 mm.

MMAP 288. Púcaro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1092.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada e compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e cerâmica de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada, com vestígios de engobe de cor castanha (cor - M49).
Descrição – Púcaro de perfil em S com corpo oval. Colo alto e estrangulado. Bordo aberto de desenvolvimento oblíquo com lábio de perfil arredondado. Arranque de asa de fita, assimétrica, de secção plano-convexa. Fundo discóidal, ligeiramente côncavo, com pé de projecção vertical com ressalto de perfil arredondado. Decoração composta por duas linhas incisas, paralelas ao bordo, inscritas ao nível do terço superior do corpo após o arranque da asa.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 165 mm; Diâmetro da base 51 mm; Diâmetro máximo do bordo 58 mm; Diâmetro máximo do corpo 117 mm.

MMAP 289. Prato – *Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1084.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de calibre médio. Superfície com acabamento homogéneo com polimento acentuado e engobe vermelho, espesso e bem conservado (cor - S37).
Descrição – Prato de imitação de *sigillata clara D*, tipo Hayes 59 B. Prato de paredes planas de desenvolvimento oblíquo. Bordo formado por aba curta com face superior plana e lábio de perfil arredondado. Fundo plano, ligeiramente côncavo. Assentamento lateral e espessura irregular com espessamento progressivo para o centro.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 30 mm; Diâmetro da base 135 mm; Diâmetro máximo do bordo 197 mm.

MMAP 290. Prato – *African red slip ware*
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1109.
Material – Cerâmica. Superfície lisa e homogénea com polimento acentuado conservando vestígios de engobe no interior e exterior do recipiente (cor - N37). Pasta compacta com cozedura uniforme de cor rosada. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre.
Descrição – Prato tipo Hayes 67. Paredes arqueadas com aba e bordo moldurado e ascendente. Lábio espessado marcado por um friso interno. Perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano marcado por uma estria profunda, formando um pé falso. Apresenta ainda duas linhas concêntricas, paralelas entre si, no fundo interior do prato.
Classificação e cronologia – Tipo Hayes 67 / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 50 mm; Diâmetro da base 90 mm; Diâmetro máximo do bordo 262 mm.

MMAP 291. Bilha
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 940.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos à base de mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada com polimento deficiente de cor avermelhada (cor - N55).
Descrição – Bilha de perfil em S de corpo globular com reservatório baixo. Gargalo bitronco-cónico e bordo extrovertido com lábio boleado, projectado para o exterior. Bocal circular. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical com dedeira entre o bordo e a parte superior da asa. Pé de desenvolvimento vertical com fundo plano, de assentamento pleno. A decoração é composta por uma canelura de perfil arredondado que demarca o bojo do colo, ligeiramente acima da implantação da asa.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 221 mm; Diâmetro da base 86 mm; Diâmetro máximo do bordo 55 mm; Diâmetro máximo do bojo 164 mm.

MMAP 292. Tigela
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1082.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme de cor rosada. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de médio calibre. Superfície rugosa com alisamento irregular com vestígios de engobe de cor avermelhada (cor - N37).
Descrição – Taça de paredes arqueadas. Bordo de desenvolvimento oblíquo com lábio arredondado. Fundo constituído por pé de perfil trapezoidal que forma um anel de assentamento directo. Fundo ligeiramente convexo com adelgaçamento progressivo para o centro.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 58 mm; Diâmetro da base 85 mm; Diâmetro máximo do bordo 161mm.

MMAP 293. Tigela
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1081.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura irregular. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície rugosa com alisamento irregular com vestígios de engobe pouco espesso (cor - M70).
Descrição – Taça de paredes arqueadas, ligeiramente assimétricas. Bordo de projecção oblíqua e lábio espessado de superfície superior plana e aresta interna pontiaguda. Fundo discóidal, ligeiramente côncavo. Assentamento lateral.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 55 mm; Diâmetro da base 85 mm; Diâmetro máximo do bordo 165 mm.

MMAP 294. Prato
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1083.
Material – Cerâmica. Pasta medianamente compacta com cozedura uniforme de cor rosada. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície externa alisada com engobe de cor vermelha (cor - N37), espesso e aderente. O interior não sofreu qualquer acabamento conservando as estrias da elevação da parede ao torno.
Descrição – Prato de pequenas dimensões com parede arqueada. Bordo de desenvolvimento vertical com lábio arredondado. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral. Espessamento progressivo para o centro. Decoração composta por um friso de pequenas estrias incisas, paralelas ao bordo, implantadas na face superior da parede.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 30 mm; Diâmetro da base 80 mm; Diâmetro máximo do bordo 135 mm.

MMAP 295. Pulseira
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 09.
Material – Vidro. Pasta vítrea opaca, de cor negra, de boa qualidade.
Descrição – Pulseira. Aro assimétrico com uma das bases mais larga que a outra formando um perfil tronco-cónico. Secção plano-convexa. Decoração composta por nervuras que formam gomos oblíquos, ligeiramente irregulares, que compõem um motivo seriado composto por Vs contínuos.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Diâmetro mínimo 63 mm; Diâmetro máximo 66 mm; Espessura média 16 mm.
Bibli. – SANTARÉM 1992, 109-111.

As pulseiras ou braceletes *(armillae)* em vidro são particularmente abundantes, todavia não despertaram particular interesse por parte dos investigadores que se dedicaram ao estudo do vidro romano[145].
O nosso exemplar corresponde a um tipo de pulseira, de secção plano-convexa[146], com decoração modelada, composta por nervuras verticais e pequenos gomos horizontais. A sua cor negra parece corresponder a uma prática muito generalizada em época tardo-romana, de imitação do azeviche, então muito em moda.
São cinco os exemplares da área geográfica envolvente, todos de diferentes proveniências, com semelhanças tipológicas com o nosso exemplar; Meixomil, Paços de Ferreira (CARDOZO 1961, 69; 1970, 13-25, est. I), castro de Fiães, Vila da Feira (CARDOZO 1961, 50-53; 1970, 13-25, est. II), castro de Terroso, Vila do Conde (CARDOZO 1961, 50-53; 1970, 13-25, est. III), e duas da cidade de Braga (RIGAUD DE SOUSA 1973, 27, fig. 2). Na área meridional da Galiza identificam-se dois exemplares, também de cronologia tardia, um proveniente de Rio Caldo (RODRÍGUEZ 1991, 30), e o outro da *villa* romana da Toralla, Vigo (CUÑARRO 1993, fig. 6, n.º 15).
O uso de pulseiras por homens e mulheres foi frequente desde tempos muito remotos, quer como resposta a motivações de ordem estética, quer como sinal de distinção social ou mera crendice. Este tipo de pulseira de secção em D, lisa ou decorada com nervuras, é muito comum no mundo romano e está muito bem documentada em Portugal. Os exemplares dividem-se entre os três tipos conhecidos; decoradas com golpes verticais, golpes diagonais e lisas. Estes materiais, quando fora de contexto, são particularmente difíceis de datar pela sua ampla duração. Harden refere a propósito das pulseiras de Karandis, que as peças em vidro negro parecem ser de época tardo-romana, enquanto os exemplares de vidro em cores mescladas se encontram nos estratos pré e pós romanos, tendo sido recolhidas naquela estação a partir dos inícios do séc. II até ao séc. V (HARDEN 1969, 47-72). Também as decorações em época tardia, quando existentes, são compostas por incisões, ressaltos ou nervuras. Do ponto de vista cronológico as pulseiras provenientes de Conímbriga (ALARCÃO 1976, 212, est. XLVI, n.º 310-314; FRANÇA 1969, 59-61, est. IV, n.º 24-31), revelam a mesma amplitude cronológica, assim como as de S. Cucufate, Vidigueira (NOLEN 1988-90, 50, est. V, n.º 134-135). Outros paralelos podem ainda encontrar-se em Balsa, Tavira (NOLEN 1994, 182, est. 41, n.º 124-125), e Santiago do Cacém (BARATA 1993, 73-76).

[145] Refira-se a propósito que o primeiro trabalho que analisa tipologicamente um conjunto alargado, de proveniência oriental, é apenas publicado em 1988 (SPAER 1988, 51-61).
[146] Num estudo recente, sobre vidros tardo-romanos provenientes da província de Saragoça, María Palomar propõe uma classificação em quatro grupos em função da secção – circular; semicircular; plana e apontada – sem que, no entanto, faça uma valoração cronológica (PALOMAR 2001, 400-401).

MMAP 296. Púcaro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1110.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com elementos não plásticos de pequena dimensão compostos por mica e quartzo. Superfície alisada, ligeiramente rugosa. Engobe de cor bege (cor - M71).
Descrição – Púcaro de perfil em S de corpo oval, suavemente carenado. Colo alto e muito curto de estrangulamento suave. Bordo curto e extrovertido com lábio arredondado, ligeiramente pendente. Asa de fita de secção plano-convexa com nervura interna, ligeiramente soerguida em relação ao nível do bordo. Carena baixa e pouco vincada. Pé de desenvolvimento oblíquo com aresta excisa. Fundo côncavo de assentamento lateral.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 155 mm; Diâmetro da base 50 mm; Diâmetro máximo do bordo 62 mm; Diâmetro máximo do corpo 50 mm.

MMAP 297. Jarro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1094.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea de cor avermelhada. Elementos não plásticos de pequeno calibre compostos por quartzo e mica. Superfície alisada, levemente rugosa, com vestígios de aguada de cor castanha (cor - M70).
Descrição – Jarro de perfil em S, de corpo oval. Desenvolvimento vertical com colo curto e medianamente estrangulado. Bordo extrovertido com lábio arredondado de projecção oblíqua. Apresenta o negativo da implantação da asa ao nível superior do corpo e encontra-se fragmentado ao nível do bordo onde se encontraria implantada. Fundo discóidal de perfil côncavo e assentamento lateral, com aresta excisa de perfil arredondado. Peça pintada ao nível do terço superior do corpo com duas bandas paralelas, sendo cada uma delas composta por duas linhas brancas (cor - K92) e uma ocre (cor - L29) no meio.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 222 mm; Diâmetro da base 69 mm; Diâmetro máximo do bordo 72 mm; Diâmetro máximo do corpo 143 mm.

MMAP 298. Bilha
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1114.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea.Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e cerâmica moída de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada. Conserva vestígios de engobe de cor bege (cor - K91).
Descrição – Bilha trilobada de perfil em S, de corpo globular. Colo alto de desenvolvimento vertical. Bordo trilobado, assimétrico, com lábio arredondado de espessura irregular. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical, ligeiramente soerguida em relação ao bordo. Na junção da asa ao bordo apresenta uma dedeira de recorte irregular. Fundo discóidal de assentamento integral, de espessura irregular com espessamento progressivo para o centro.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 166 mm; Diâmetro da base 68 mm; Diâmetro máximo do bojo 136 mm.

MMAP 299. Prato
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 945.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea de cor castanha. Elementos não plásticos à base de mica, feldspato e quartzo de calibre médio. Superfície alisada com acabamento irregular que conserva vestígios de fuligem no interior e exterior (cor - N50).
Descrição – Prato com paredes arqueadas de desenvolvimento oblíquo. Bordo vertical rematado por lábio espessado de perfil arredondado, ligeiramente introvertido. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 45 mm; Diâmetro da base 125 mm; Diâmetro do bordo 156 mm; Diâmetro máximo 170 mm.

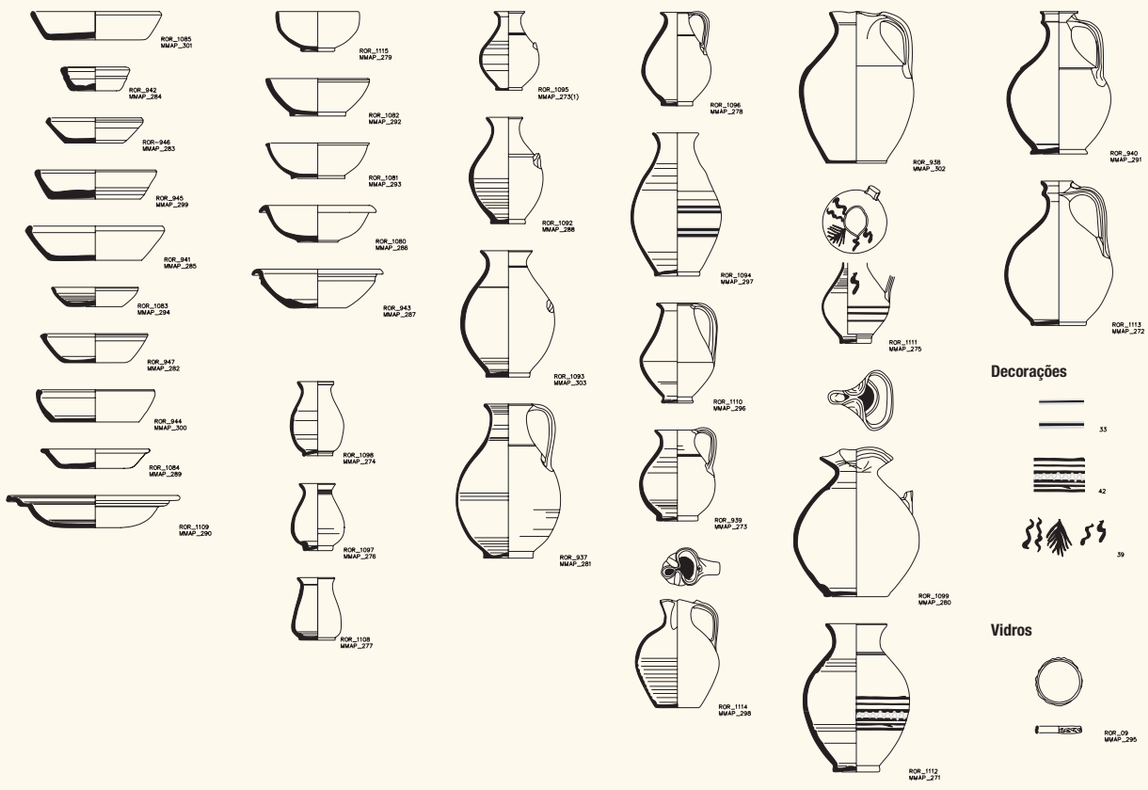
MMAP 300. Prato
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 944.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea de cor creme. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de calibre médio. Superfície externa deficientemente alisada (cor - N70). O interior conserva estrias de elevação da peça no torno.
Descrição – Prato com paredes arqueadas de desenvolvimento oblíquo. Bordo reentrante e lábio boleado, ligeiramente facetado na face superior com espessamento assimétrico. Parede de espessura irregular com espessamento progressivo para a base. Fundo plano de assentamento integral e espessura regular.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 50 mm; Diâmetro da base 195 mm; Diâmetro máximo do bordo 205 mm.

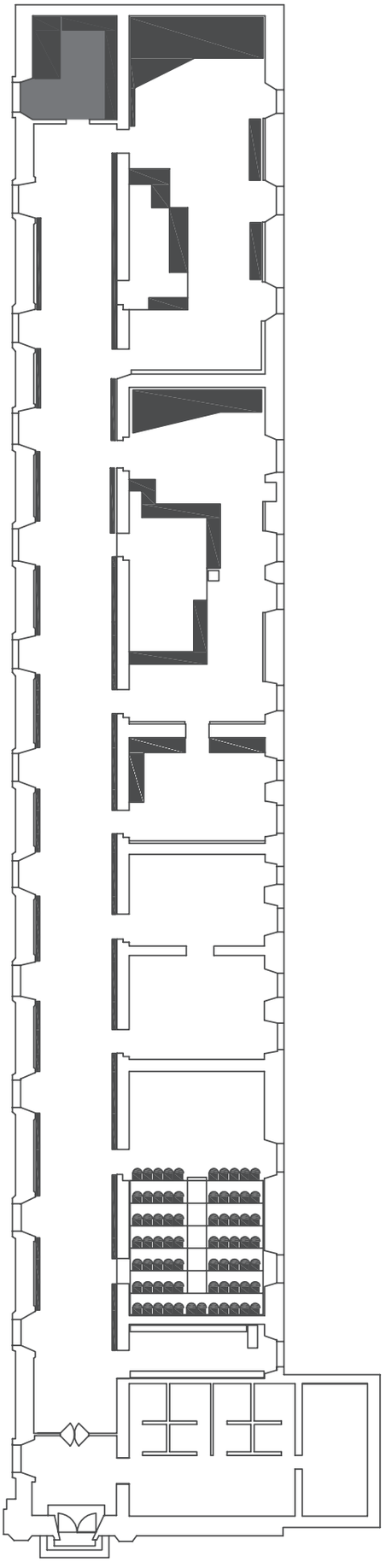
MMAP 301. Prato – *Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1085.
Material – Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos à base de mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada com engobe vermelho no exterior e interior (cor - R13).
Descrição – Prato de paredes rectas de desenvolvimento vertical. Bordo vertical facetado no exterior e lábio boleado com espessamento simétrico. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral. Espessura irregular com espessamento progressivo para o centro.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 44 mm; Diâmetro da base 176 mm; Diâmetro do bordo 210 mm.

MMAP 302. Bilha
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 938.
Material – Cerâmica. Pasta pouco compacta com cozedura irregular. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de calibre irregular. Superfície rugosa com alisamento deficiente de cor cinzenta (cor - N71).
Descrição – Bilha trilobada de perfil em S, de corpo oval. Colo alto e curto. Bordo assimétrico com lábio arredondado. Asa de fita de secção plano-convexa e nervura central interna de desenvolvimento oblíquo, ligeiramente soerguida em relação ao bordo. Na junção ao bordo apresenta uma pequena dedeira em negativo formada por pressão. Fundo plano, discóidal, de espessura regular e assentamento pleno. Decoração composta por pequena canelura de perfil arredondada a vincar a transição do colo para o bordo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 235 mm; Diâmetro da base 70 mm; Diâmetro máximo do bojo 181 mm.

MMAP 303. Jarro
Proveniência – Necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado / N.º Inv.º – ROR. 1093.
Material – Cerâmica. Pasta pouco compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície com alisamento deficiente (cor - M77).
Descrição – Jarro de perfil em S com corpo oval simétrico. Colo alto. Bordo aberto de desenvolvimento oblíquo com lábio em bisel com superfície superior plano-convexa. Arranque de asa em fita de secção plana. Fundo plano de assentamento pleno. Decoração composta por linha incisa, paralela ao bordo, implantada ao nível inferior do colo.
Classificação e cronologia – Tipo … / 2ª metade séc. III – séc. IV.
Dimensões – Altura máxima 196 mm; Diâmetro da base 66 mm; Diâmetro máximo do bordo 80 mm; Diâmetro máximo do corpo 144 mm.

Necrópole galaico-romana de Rorigo Velho
Quadro sinóptico





Peças - 304 a 351

MMAP 304. Moedas medievais

MMAP 304 (1). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K32.01), op. 15.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Sancho II.
Anverso – SA[NC]II REX – Motivo central formado por quatro escudetes postos em cruz com as pontas voltadas para o centro. Campo desprovido de grânulo central.
Reverso – [PO] RT VG AL – Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços. Não existem elementos acessórios a cantonar a cruz.
Eixo / Módulo – _ _ / 16 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.4 gr..
Classificação e cronologia – D. Sancho II, 1223 – 1248; F. Vaz – S2.43 (?); M. Marques Tipo PRb / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (2). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (J32.00), op. 05.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Sancho II.
Anverso – [SANCII REX] (?) – Motivo central formado por quatro escudetes, postos em cruz com as pontas voltadas para o centro.
Reverso – [PO RT VG AL] (?) – Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços acantonada alternadamente por estrelas e pontos.
Eixo / Módulo – _ _ / 17 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.5 gr..
Classificação e cronologia – D. Sancho II, 1223 – 1248; F. Vaz – S2.17; M. Marques *Tipo K* / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (3). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (J32.00), op. 02.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Sancho II.
Anverso – REX SAN[CIVS] – Escudo de tipo português, carregado de besantes.
Reverso – [PO] RT VG AL – Cruz equilateral longa, acantonada alternadamente por estrelas e pontos. Braços com travessa ao nível da transição do campo para a bordadura com alargamento progressivo.
Eixo / Módulo – _ _ / 14 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.4 gr..
Classificação e cronologia – Sancho II, 1223 – 1248; F. Vaz – S2.11; M. Marques *Tipo K* / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (4). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º - PAD. 03 A, B1 (G24.01), op. 9.
Material – Bolhão.
Descrição – 1/2 *Dinheiro*, D. Sancho II (cortado a meio).
Anverso – [SANCI REX] (?) – Motivo central formado pelo escudete inferior, de tipo português, colocado na vertical sem besantes.
Reverso – [PO RT VG AL] (?) – Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços. Não existem elementos acessórios a cantonar a cruz.
Eixo / Módulo – _ _ / 9 – 16 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.3 gr..
Classificação e cronologia – D. Sancho II, 1223 – 1248; F. Vaz – S2.38? M. Marques *Tipo PRa* / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (5). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 03 A, B1 (F20.01), op. 28.
Material – Bolhão.
Descrição – 1/2 *Dinheiro*, D. Sancho II (cortado a meio).
Anverso – SAN[CI REX] – Motivo central formado pelo escudete inferior, de tipo português, colocado na vertical sem besantes.
Reverso – [PO RT] VG AL – Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços. Não existem elementos acessórios a cantonar a cruz.
Eixo / Módulo – _ _ / 9.8 – 15.5 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.3 gr.
Classificação e cronologia – D. Sancho II, 1223 – 1248; F. Vaz – S2.38? M. Marques *Tipo PRa* / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (6). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 05 A, B1 (I30.01), op. 51.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Afonso III.
Anverso – [ALFONSVS REX] – Cruz simples, ligeiramente pátea, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de rosetas e crescentes.
Reverso – [PO RT VG AL] – Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, rodeado por quatro pequenos escudos inscritos sobre a bordadura com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda.
Eixo / Módulo – _ _ / 14 – 14.5 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.4 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso III, 1248 – 1279; F. Vaz – A3.43 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (7). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 04 A, B1 (J34.01), op. 82.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Afonso III.
Anverso – Ilegível.
Reverso – [PO RT VG] AL – Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, com escudo inscritos sobre a bordadura com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda.
Eixo / Módulo – _ _ / 11 mm / **Marca / Peso** – _ _ / 0.3 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso III, 1248 – 1279; F. Vaz – A3.43 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (8). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K21.01), op. 106.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Dinis.
Anverso – [D . RE(X PORTVGL'] - Cruz simples, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes.
Reverso – [AL GA RB II] – Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, com escudo inscritos sobre a bordadura com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda.
Eixo / Módulo – _ _ / 14 mm / **Marca / Peso** – _ _ / 0.9 gr..
Classificação e cronologia – D. Dinis, 1279 – 1325; F. Vaz – Di.15 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (9). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 03 A, B1 (F23.01), op. 10.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Dinis.
Anverso – D. REX PORAVGL' – Cruz simples, equilátera, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes.
Reverso – [RB] II [AL] GA – Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, com escudo inscritos sobre a bordadura interna com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda.
Eixo / Módulo – _ _ / 17 mm / **Marca / Peso** – _ _ / 0.5 gr..
Classificação e cronologia – D. Dinis, 1279 – 1325; F. Vaz – Di.30 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (10). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 03 A, B1 (F24.01), op. 8.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Dinis.
Anverso – D . REX [PORAV]GL – Cruz simples, equilátera, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes.
Reverso – GA RB II [PORA] – Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, enquadrado com quatro escudos inscritos sobre a bordadura com um número indiferenciado de besantes que seccionam a legenda.
Eixo / Módulo – _ _ / 15 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.5 gr..
Classificação e cronologia – D. Dinis, 1279 – 1325; F. Vaz – Di.23 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (11). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99 A, B1 (F23.01), op. 45.
Material – Bolhão.
Descrição – *Dinheiro*, D. Afonso IV.
Anverso – [ALF REX P]ORTVGL' – Cruz simples, curta, equilátera, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes.
Reverso – AL GA RB II – Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, enquadrado com quatro escudos inscritos sobre a bordadura com o mesmo número de besantes, que seccionam a legenda em quatro partes.
Eixo / Módulo – _ _ / 15 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 0.6 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso IV, 1325 – 1357; F. Vaz – A4.03 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (12). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K32.02), op. 170.
Material – Bolhão.
Descrição – *½ Real (Branco)* (1415 – 1433), D. João I.
Anverso – Coroa arcada com três florões a enquadrar a marca P O inscrita no campo, à esquerda e à direita da sigla.
Reverso – Cinco quinas soltas no campo.
Eixo / Módulo – _ _ / 17 mm | **Marca / Peso** – PO / 1.0 gr..
Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F. Vaz – J1.130 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão – Fase VI.
Bibli. – MOREIRA 2005, 52.

MMAP 304 (13). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (L34.02), op. 237.
Material – Bolhão.
Descrição – *½ Real (Branco)* (1415 – 1433), D. João I.
Anverso – Coroa arcada com três florões a enquadrar a marca P O inscrita no campo, à esquerda e à direita da sigla.
Reverso – Cinco quinas soltas no campo.
Eixo / Módulo – _ _ / 17 mm | **Marca / Peso** – PO / 0.8 gr..
Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F. Vaz – J1.130 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (14). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (J32.00), op. 06.
Material – Bolhão.
Descrição – *½ Real* (1392 – 1397), D. João I.
Anverso – IHNS . DEI . GRA . REX: - Coroa arcada com três florões a enquadrar a legenda IHNS inscrita no campo, com a marca L no fundo ladeada por pontos. Campo definido por bordadura interior de pontos de separação da legenda, também ela enquadrada por bordadura exterior de pontos.
Reverso – Motivo central composto por florão com cinco quinas no interior, inscrito no campo definido por bordadura interna de pontos. Legenda definida por bordadura externa de pontos.
Eixo / Módulo – _ _ / 17 mm | **Marca / Peso** – L / 0.9 gr..
Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F. Vaz – J1.37 (Cunhada em Lisboa) / Monte Padrão – Fase VI.
Bibli. – MOREIRA 2005, 52.

MMAP 304 (15). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD 99 A, B1 (E32.01), op. 27.
Material – Bolhão.
Descrição – *½ Real* (1386), D. João I.
Anverso – AUDITORIVM . NOSTRO – Coroa arcada com três florões a enquadrar a legenda IHNS inscrita no campo, com a marca P no fundo ladeada por pontos. Campo definido por bordadura interior de pontos de separação da legenda, também ela enquadrada por bordadura exterior de pontos.
Reverso – Motivo central composto por florão com cinco quinas no interior, inscrito no campo definido por bordadura interna de pontos. Legenda definida por bordadura externa de pontos.
Eixo / Módulo – _ _ / 15.5 mm / **Marca / Peso** – P / 0.5 gr..
Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F. Vaz – J1.80 (1386) (Cunhada no Porto) / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (16). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99 A, B1 (F33.05), op. 24.
Material – Bolhão.
Descrição – *½ Real (Branco)* (1415 – 1433), D. João I.
Anverso – Coroa arcada com três florões a enquadrar a marca P O inscrita no campo, à esquerda e à direita da sigla.
Reverso – Cinco quinas soltas no campo.
Eixo / Módulo – _ _ / 18 mm | **Marca / Peso** – PO / 0.5 gr..
Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F. Vaz – J1.130 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (17). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99 A, B1 (G32.00), op. 3.
Material – Cobre.
Descrição – *Real preto*, D. Afonso V.
Anverso – [+ ADIUTORI] – Motivo central composto pela sigla real coroada. A sigla A, acompanhada pela marca de oficina P, encontra-se enquadrada pela coroa e inscrita em campo limitado por cercadura de pontos e legenda.
Reverso – [+ ALFOnSVS] – O motivo central é composto por cinco quinas posta em cruz, delimitada por cercadura de pontos e legenda.
Eixo / Módulo – _ _ / 16.1 mm | **Marca / Peso** – P / 0.7 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso V, 1438 – 1481; F. Vaz – A5.140 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (18). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99 A, B1 (F33.01), op. 12.
Material – Cobre.
Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.
Anverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com castelo de três torres dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar.
Reverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo de cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se vêem as extremidades floreadas.
Eixo / Módulo – _ _ / 21.2 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 1.3 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso V, 1438 – 1481; M. Marques tipo a?, pp. 144 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (19). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 05 A, B1 (L23.01), op. 24.
Material – Cobre.
Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.
Anverso – [° CEPTA + DOMIN] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com castelo de três torres dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar.
Reverso – [+ REX : PORTUGAL : T : A] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se vêem as extremidades floreadas.
Eixo / Módulo – _ _ / 21 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 1.9 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso V, 1438 – 1481; F. Vaz – A5.144 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (20). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 05 A, B1 (M32.00), op. 85.
Material – Cobre.
Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.
Anverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura dupla, sendo a exterior serrilhada, com castelo de três torres sem ligação dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar.
Reverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se vêem as extremidades floreadas.
Eixo / Módulo – _ _ / 22 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 1.7 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso V, 1438 – 1481; F. Magro – grupo 1.2.2 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (21). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (J28.Sep.12), op. 166.
Material – Cobre.
Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.
Anverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura dupla, sendo a exterior serrilhada, com castelo de três torres dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar.
Reverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se vêem as extremidades floreadas.
Eixo / Módulo – _ _ / 19 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 1.2 gr..
Classificação e cronologia – D. Afonso V, 1438 – 1481; F. Magro – grupo 1.2.2 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (22). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K34.00), op. 62.
Material – Cobre.
Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I.
Anverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com castelo de três torres ladeado por pontos e banhado pelo mar de ondas contínuas.
Reverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo coroado com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos. Escudetes salientes e besantes incusos, rodeado por pontos.
Eixo / Módulo – _ _ / 19 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 1.2 gr..
Classificação e cronologia – D. Manuel I, 1495 – 1521; F. Vaz – E1.60 (Cunhada em Lisboa); F. Magro – grupo 3.1.6 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (23). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (J32.01), op. 40.
Material – Cobre.
Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I.
Anverso – […] – Campo limitado por bordadura, com castelo de três torres pequenas, banhado por mar de ondas soltas.
Reverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo coroado com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos. Escudetes salientes e besantes incusos, rodeado por pontos.
Eixo / Módulo – _ _ / 16 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 2.1 gr..
Classificação e cronologia – D. Manuel I, 1495 – 1521; F. Magro – grupo 5.1.5 / Monte Padrão – Fase VI.
Bibli. – MOREIRA 2005, 52.

MMAP 304 (24). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K33.02), op. 135.
Material – Cobre.
Descrição – *Ceitil*, D. João III.
Anverso – […] – Campo limitado por bordadura, com castelo de três torres pequenas com muralha baixa e porta, banhado por mar de ondas contínuas.
Reverso – […] – Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo coroado com cinco quinas postas em cruz. Escudetes salientes e besantes incusos, rodeado por pontos.
Eixo / Módulo – _ _ / 17 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 1.4 gr..
Classificação e cronologia – D. João III, 1521 – 1557; F. Magro – grupo 4. 1.2 / Monte Padrão – Fase VI.

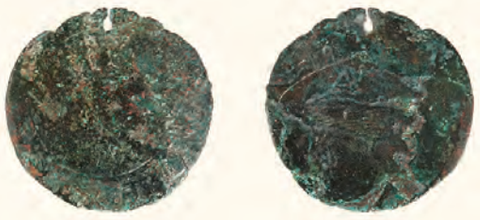
Moedas Batidas

MMAP 304 (25). Moeda
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 05 A, B1 (J32.02), op. 75.
Material – Cobre.
Descrição – *X Reais*, D. João III.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 36 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 13.4 gr..
Classificação e cronologia – D. João III, 1521 – 1557; F. Vaz – J3.191 / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (26). Moeda (?)
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K28.00), op. 33.
Material – Cobre.
Descrição – Moeda batida.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 27 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 3.1 gr..
Classificação e cronologia – //? / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (27). Moeda (?)
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K22.00), op. 19.
Material – Cobre.
Descrição – Moeda batida.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 28 – 29 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 2.8 gr..
Classificação e cronologia – //? / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (28). Moeda (?)
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K26.01), op. 99.
Material – Cobre.
Descrição – Moeda batida.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 30 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 7.7 gr..
Classificação e cronologia – // ? / Monte Padrão – Fase VI.

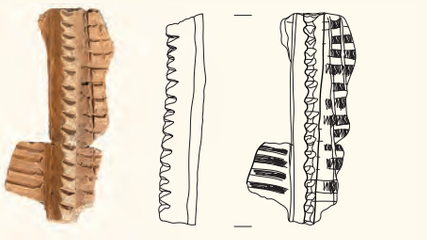


MMAP 304 (29). Moeda (?)
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1, op. 144.
Material – Cobre.
Descrição – Moeda batida.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 29 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 3.9 gr..
Classificação e cronologia – //? / Monte Padrão – Fase VI.

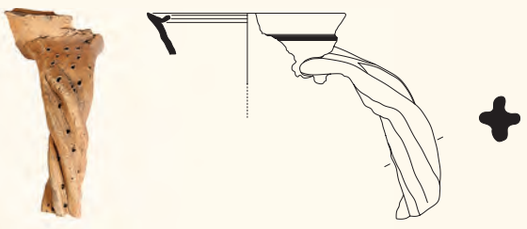
MMAP 304 (30). Moeda (?)
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1, op. 109.
Material – Cobre.
Descrição – Moeda batida.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 30 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 4.7 gr..
Classificação e cronologia – //? / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (31). Moeda (?)
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 04 A, B1 (K22.02), op. 184.
Material – Cobre.
Descrição – Moeda batida.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 28 – 29 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 4.7 gr..
Classificação e cronologia – //? / Monte Padrão – Fase VI.

MMAP 304 (32). Moeda (?)
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 05 A, B1 (Sep. 19), op. 84.
Material – Cobre.
Descrição – Moeda batida.
Anverso – Ilegível.
Reverso – Ilegível.
Eixo / Módulo – _ _ / 30 mm | **Marca / Peso** – _ _ / 5.0 gr..
Classificação e cronologia – //? / Monte Padrão – Fase VI.



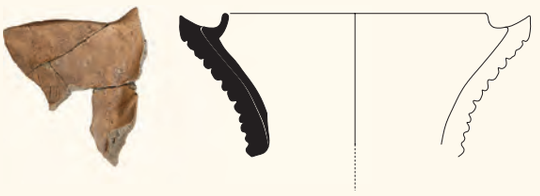
MMAP 305. Jarro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 99, B1 (G31.01), 439.
Material – Cerâmica. Pastas de elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (cor - N92). Elementos não plásticos pouco abundantes, de pequeno calibre e distribuição homogénea, compostos por quartzo, mica e feldspato (cor - N67). Acabamento cuidado com polimento intenso.
Descrição – Fragmento indiferenciado de parede de jarro com cinta vertical aplicada. Cinta de perfil triangular decorada no vértice com golpes horizontais de recorte arredondado. Parede decorada por bandas horizontais formadas por linhas incisas verticais.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 74 mm; Largura máxima 32 mm; Espessura da parede 4 mm.



MMAP 306. Jarro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 86 (1A.005), 455, 458.
Material – Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (cor - N92). Elementos não plásticos muito abundantes, de pequeno calibre e distribuição homogénea, compostos por quartzo, mica e feldspato (cor - N67). Acabamento cuidado com polimento intenso. Superfície coberta por aguada espessa e aderente.
Descrição – Fragmento de bordo e asa de jarro. Bordo extrovertido rematado por lábio triangular que se projecta para o interior para configurar uma aba, desenhando um perfil em U. Asa formada por quatro nervuras de perfil arredondado, torcidas entre si, decorada por um conjunto de orifícios, dispostos aleatoriamente.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 93 mm; Espessura da parede 3 mm; Espessura da asa 19 mm; Diâmetro máximo do bordo 90 mm.

As cerâmicas vulgarmente designadas por tipo "Sr.ª do Leite" são produções de expressão regional que revelam características morfológicas muito próprias e bem definidas. Tipologicamente apresentam uma gama variada de formas que incluem, entre outras, jarros, malgas e potes. As pastas mais características revelam um elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo e cozedura homogénea. Os elementos não plásticos, sempre abundantes e de calibre variável, são compostos por quartzo, mica, feldspato e cerâmica moída. Geralmente, as peças deste grupo cerâmico são profusamente decoradas com motivos incisos, golpeados ou com orifícios, apresentando frequentemente cintas verticais aplicadas, de perfil triangular, que se desenvolvem do fundo ao bordo (GASPAR 1985, 51-125).

MMAP 307. Fragmento com decoração plástica aplicada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 86 (1A.009), 722.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada de estrutura laminar. Elementos não plásticos muito abundantes, de médio calibre, compostos por quartzo e mica. Cozedura uniforme revelando um núcleo avermelhado (cor - N45). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (cor - N79). Vidrado espesso e aderente.
Descrição – Fragmento de parede de vaso com aplicação plástica de face humana. Rosto assimétrico de recorte ovalado, com nariz recto, queixo arredondado e barba lisa, estilizada. Os olhos são redondos e salientes, com pupilas dilatadas, formados por orifícios, que conferem uma grande expressividade ao rosto. Boca entreaberta, ligeiramente descaída para a direita
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 42 mm; Largura máxima 39 mm; Espessura máxima 28 mm.



MMAP 308. Jarro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87 (R29/30.008), 488, 489.
Material – Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza. Toque vítreo e cozedura irregular revelando um núcleo mais escuro que a superfície (cor - N92). Elementos não plásticos de pequeno calibre, muito abundantes, de distribuição homogénea, compostos por quartzo, mica e feldspato (cor - P70). Acabamento cuidado com polimento intenso. Superfície coberta por aguada espessa e aderente.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de jarro. Bordo extrovertido rematado por lábio triangular que se projecta para o interior configurando uma aba de perfil em U. Arranque de vertedouro ligeiramente soerguido em relação ao bordo, revelando um perfil triangular. Decoração composta por linhas incisas organizadas em bandas verticais.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 75 mm; Largura máxima 71 mm; Espessura máxima da parede 3 mm; Diâmetro máximo do bordo137 mm.

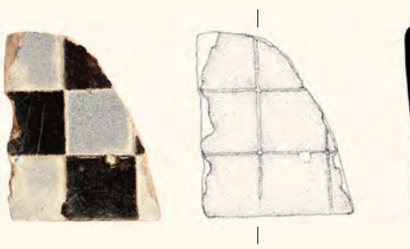
MMAP 309. Azulejo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87, (R30.02), 344.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada de estrutura laminar com abundantes vacúolos alongados (cor - M75). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos essencialmente por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmalte de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado ou negro. Esmalte espesso e aderente.
Descrição – Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou "cuenca". A temática decorativa enquadra-se no designado estilo "hispano-mourisco", apresentando uma composição geométrica com laçarias, conjugada com motivos estilizados de cariz naturalista.
Classificação e cronologia – Tipo hispano-árabe / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 142 mm; Largura máxima 111 mm; Espessura máxima 27 mm.

MMAP 310. Azulejo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. s/n.º / MMAP 310.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura homogénea de cor bege (cor - M75). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado ou negro. Esmalte em mau estado de conservação.
Descrição – Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou "cuenca". O motivo decorativo apresenta uma composição geométrica com laçarias e motivos naturalistas.
Classificação e cronologia – Tipo hispano-árabe / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 89 mm; Largura máxima 84 mm; Espessura máxima 28 mm.

MMAP 311. Azulejo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87, (Q31.00), 4.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura uniforme de cor bege (cor – M75). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos essencialmente por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo e amarelo melado.
Descrição – Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou "cuenca". O motivo decorativo apresenta uma composição estilizada com laçarias e motivos naturalistas.
Classificação e cronologia – Tipo hispano-árabe / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 69 mm; Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 24 mm.

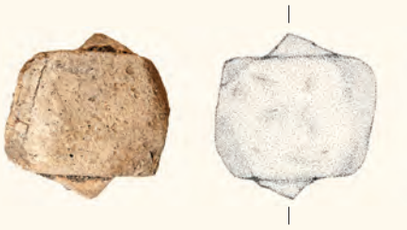
MMAP 312. Azulejo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87, (Q31.00), 191.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura uniforme de cor bege (cor - M75). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado ou negro.
Descrição – Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou "cuenca". O motivo decorativo apresenta uma composição estilizada com laçarias e motivos naturalistas.
Classificação e cronologia – Tipo hispano-árabe / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 76 mm; Largura máxima 60 mm; Espessura máxima 28 mm.

MMAP 313. Azulejo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87 (R30.01), 24.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada de estrutura laminar. Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos essencialmente por mica e quartzo (cor - M75). Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado ou negro.
Descrição – Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou "cuenca", cuja gramática decorativa se enquadra no designado estilo "hispano-mourisco", apresentando uma composição geométrica com laçarias, conjugada com motivos estilizados de cariz naturalistas.
Classificação e cronologia – Tipo hispano-árabe / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 63 mm; Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 26.



MMAP 314. Azulejo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87, (Q31.00), 1.
Material – Cerâmica. Pasta bem depurada de estrutura laminar com abundantes vacúolos. Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos por mica e quartzo (cor - M90). Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca e castanho morado ou negro.
Descrição – Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou "cuenca", formando uma composição geométrica de quadrados alternados.
Classificação e cronologia – Tipo hispano-árabe / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 104 mm; Largura máxima 83 mm; Espessura máxima 26 mm.

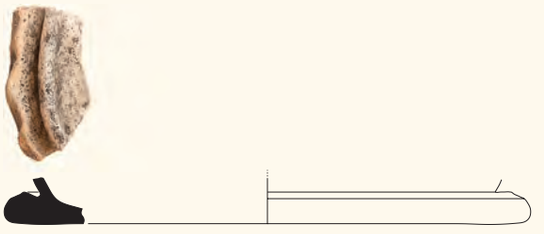
Os azulejos designados de caixilho ou enxaquetados são característicos de finais do séc. XV, princípios do séc. XVI, sendo contemporâneos dos azulejos designados de "corda seca" de ampla difusão peninsular. Este tipo de azulejo surge nos templos cristãos em Espanha e Portugal, formando superfícies cerâmicas policromas em coberturas, pavimentos e outros tipos de revestimentos interiores. Entre os exemplos de maior significado artístico encontra-se a cobertura da Sé Velha de Coimbra (CALADO 1999, 171).



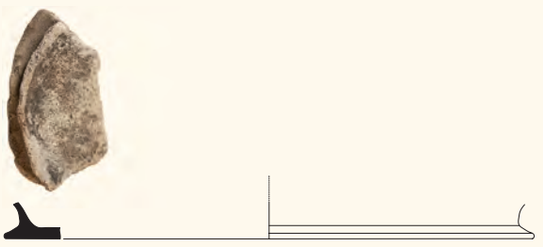
MMAP 315. Ladrilho
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. s/n.º, MMAP. 315.
Material – Granito. Conserva vestígios de argamassa de fixação.
Descrição – Ladrilho de formato rectangular com duas aletas triangulares implantadas nas faces laterais, ligeiramente assimétricas. A sua morfologia e o acentuado polimento de uma das faces sugerem uma utilização de revestimento de pavimento.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 76 mm; Largura máxima 80; Espessura máxima 37 mm.

MMAP 316. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, (J17.02), 1996.
Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar e cozedura uniforme (cor - L92). Elementos não plásticos constituídos por quartzo, mica e feldspato de calibre pouco uniforme. Superfície alisada, pouco polida (cor - N92).
Descrição – Pote. Bordo recto em plano horizontal, ligeiramente espessado. Parede vertical ligeiramente reentrante. Decoração composta por depressões digitadas ao nível do bordo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 57 mm; Espessura máxima 13 mm; Diâmetro máximo do bordo 301 mm.

MMAP 317. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, (G18.03), 2367.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, mal depurada, com cozedura uniforme (cor - T73). Elementos não plásticos muito abundantes, constituídos por quartzo, mica e feldspato de calibre pouco uniforme. Superfície rugosa e friável (cor - P51).
Descrição – Fragmento indiferenciado de parede de pote com cinta aplicada, de perfil triangular, decorada por sequência de traços transversais orientados para o centro formando uma espinha.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 70 mm; Largura máxima 41 mm; Espessura máxima 19 mm.

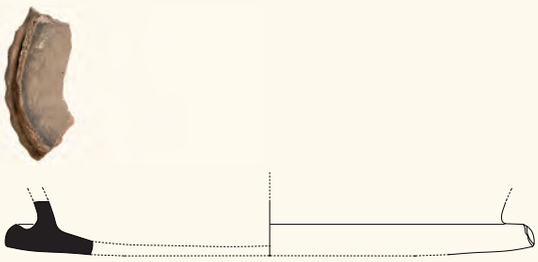


MMAP 318. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, (I17,02), 200.
Material – Cerâmica. Pasta pouco compacta, mal depurada, de composição arenosa. Cozedura uniforme (cor - L73). Elementos não plásticos muito abundantes, constituídos por quartzo, mica e feldspato de calibre irregular. Superfície rugosa e friável (cor - M71).
Descrição – Fragmento de fundo e arranque de parede de pote de dimensões médias. Fundo discóidal de assentamento pleno, projectado para o exterior. Decoração composta por depressões digitadas na aresta exterior do fundo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 68 mm; Largura máxima 32 mm; Diâmetro máximo do fundo 279 mm.



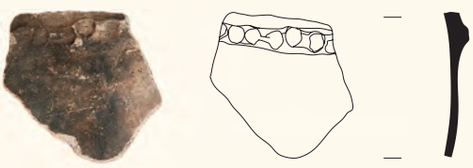
MMAP 319. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, (I16.00), 637.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, mal depurada, de composição arenosa. Cozedura uniforme (cor – M73). Elementos não plásticos muito abundantes, constituídos essencialmente por quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. Superfície rugosa e friável (cor - N92).
Descrição – Fragmento de fundo e arranque de parede de pote de grandes dimensões. Fundo discóidal de assentamento pleno com projecção para o exterior. Arestas erosionadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 112 mm; Largura máxima 60 mm; Diâmetro máximo do fundo 440 mm.

MMAP 320. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87 (R29/30), 008, 544.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, de composição arenosa e estrutura laminar. Cozedura uniforme (cor - L92). Elementos não plásticos abundantes, constituídos por quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. Superfície rugosa com alisamento irregular (cor - M31).
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de asa de pote de médias dimensões. Bordo de desenvolvimento vertical rematado por lábio pontiagudo, ligeiramente extrovertido. Arranque de asa de fita decorada por conjunto de incisões efectuadas a punção, organizadas em linhas horizontais.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 39 mm; Largura máxima 57 mm; Espessura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do bordo 260 mm.



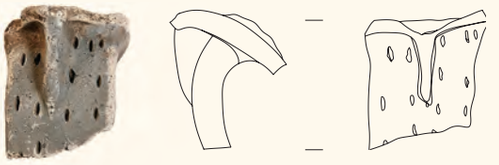
MMAP 321. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, (I17.02), 1904.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada com composição arenosa e estrutura laminar. Cozedura uniforme (cor - R75). Elementos não plásticos muito abundantes, constituídos essencialmente por quartzo, de diferente calibre e, em menor quantidade, mica e feldspato de calibre irregular. Superfície rugosa com alisamento irregular (cor – N92). Vestígios de fuligem na face externa.
Descrição – Fragmento de fundo e arranque de parede de pote de grandes dimensões. Fundo discóidal de assentamento pleno com projecção para o exterior. Superfície rugosa com acabamento rudimentar. Decoração composta por depressões digitadas na aresta exterior do fundo.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 134 mm; Largura máxima 48 mm; Espessura do fundo 8 mm; Diâmetro do fundo 228 mm.

MMAP 322. Cântaro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87, (P31. 01), 22.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, de composição arenosa e estrutura laminar. Cozedura uniforme (cor - L92). Elementos não plásticos abundantes, constituídos por quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. Superfície rugosa com alisamento irregular (cor - M31).
Descrição – Fragmento de asa de fita de cântaro. Decoração composta por conjunto de incisões efectuadas a punção, organizadas em linhas horizontais.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 49 mm; Largura máxima 42 mm; Espessura máxima 10 mm.



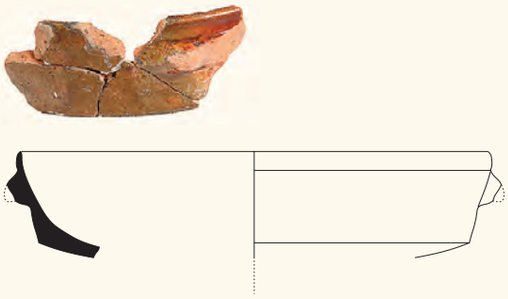
MMAP 323. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, (I17.03), 1591.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, de composição arenosa e estrutura laminar. Cozedura uniforme (cor - M31). Elementos não plásticos muito abundantes constituídos por quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. Superfície rugosa com alisamento irregular (cor - N92). Vestígios de fuligem na face externa.
Descrição – Fragmento indiferenciado de parede de pote. Decoração composta por depressões digitadas sobre cinta horizontal. Distribuição e profundidade irregular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 67 mm; Largura máxima 62 mm; Espessura máxima 9 mm.

MMAP 324. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87 (M3.04), 76.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos de pequeno calibre, muito abundantes. Cozedura uniforme (cor - T73). Superfície interna e externa polida com acabamento brilhante (cor - T92). Modelação manual revelando irregularidades na superfície e na espessura.
Descrição – Fragmento de taça que permite a reconstituição integral do perfil. Taça de perfil tronco-cónico com fundo plano e bordo extrovertido. Lábio pontiagudo, ligeiramente reentrante. Possui quatro asas nas faces laterais agrupadas duas a duas. Asas de desenvolvimento vertical, perfuradas lateralmente, de secção circular. Decoração incisa na face interior do bordo compondo um meandro de recorte irregular. A decoração no exterior encontra-se inscrita na carena superior e é composta por incisões de recorte oval organizadas em forma de espinha.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 88 mm; Largura máxima 41 mm; Espessura máxima 8 mm; Diâmetro máximo 107 mm.

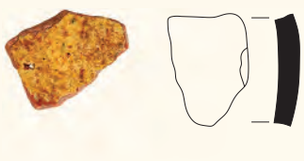


MMAP 325. Pote
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 92 A, (I17.02), 1905.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, mal depurada de estrutura laminar. Elementos não plásticos muito abundantes compostos por quartzo e mica. Cozedura uniforme, revelando um núcleo acinzentado (cor - M92). Acabamento rudimentar com polimento deficiente.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de asa de pote de grandes dimensões. Bordo de desenvolvimento vertical rematado por lábio arredondado, marcadamente extrovertido. Asa de fita de secção plano-convexa, assimétrica, reforçada na face superior por nervura vertical, que se desenvolve do terço superior até ao bordo. Decoração composta por conjunto de incisões efectuadas a punção sem organização definida.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 75 mm; Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 14 mm.

MMAP 326. Púcaro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 85 X, 32.
Material – Cerâmica. Pasta compacta e bem depurada. Elementos não plásticos pouco abundantes e de pequeno calibre. Cozedura uniforme (cor - N45). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (cor - N79). Vidrado espesso e aderente apenas no exterior.
Descrição – Conjunto de fragmentos que forma a parte inferior de um púcaro. Reservatório oval, rematado por fundo discóidal de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Altura máxima 86 mm; Largura máxima do bojo 124 mm; Diâmetro do fundo 76 mm; Espessura da parede 6 mm.



MMAP 327. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD.87 (P29.01), 212.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada de estrutura laminar. Elementos não plásticos muito abundantes, de médio calibre, compostos por quartzo e mica. Cozedura uniforme, revelando um núcleo avermelhado (cor - N45). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (cor - N79). Vidrado espesso e aderente.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de taça ou malga. Parede curta, ligeiramente arqueada, rematada por lábio pontiagudo, ligeiramente reentrante. Apresenta duas asas, curtas, de desenvolvimento horizontal, integradas na modelação da peça. O reservatório é definido por uma carena externa, bem vincada, que define o arranque da parede inferior da peça.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 80 mm; Altura máxima 51 mm; Diâmetro máximo do bordo 197 mm.



MMAP 328. Fragmento de cerâmica vidrada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87, (P29.00), 80.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, praticamente isenta de elementos não plásticos. Estrutura laminar com pequenos vacúolos (cor - N45). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (cor - N79). Vidrado espesso e aderente, estalado no exterior.
Descrição – Fragmento indiferenciado de parede de taça ou púcaro.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 34 mm; Largura máxima 24 mm; Espessura máxima 7 mm.

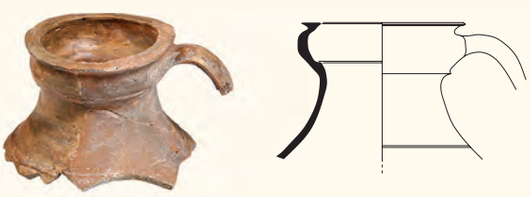
MMAP 329. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87, (P29.14), 285.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos pouco abundantes e de pequeno calibre. Cozedura uniforme (cor - N45). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (cor - N79). Vidrado espesso e aderente.
Descrição – Fragmento indiferenciado de parede de taça ou púcaro.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 32 mm; Largura máxima 34 mm; Espessura máxima 7 mm.

MMAP 330. Púcaro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 87 A, (K33), 489.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada, com elementos não plásticos abundantes, de médio calibre. Cozedura irregular, revelando um núcleo acinzentado (cor - M31). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (cor - N79). Vidrado espesso e aderente, desgastado no fundo do anel do pé.
Descrição – Fragmento de fundo de púcaro em forma de anel de assentamento pleno.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 42 mm; Altura máxima 13 mm; Diâmetro do fundo 69 mm.

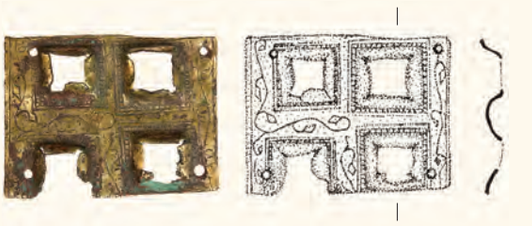
MMAP 331. Taça
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 05 A, B1 (L34-02), op. 52.
Material – Pasta cerâmica de tom rosáceo (cor - M25), de compactação elevada e estrutura laminar. Cozedura homogénea. Os elementos não plásticos são compostos por grãos de quartzo e cerâmica moída, ambos de calibre muito fino. Vidrado cinzento (L92), no interior e exterior, espesso e bem aderido com fissuras.
Descrição – Taça. Fragmento de fundo e arranque de parede de taça. Parede arqueada de desenvolvimento curvo com fundo composto por pé anelar. Pé de secção triangular de arestas arredondadas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Altura máxima 24 mm; Espessura máxima da parede 6 mm; Diâmetro do fundo 66 mm.

MMAP 332. Caçarola
Proveniência – Castro da Torre, Areias / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 332.
Material – Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada. Elementos não plásticos muito abundantes, de calibre médio, compostos por quartzo e mica. Cozedura uniforme. Acabamento rudimentar com polimento deficiente. Textura ligeiramente rugosa. Superfície externa coberta por fuligem (cor - T92).
Descrição – Caçarola. Perfil curvo com fundo disciforme de assentamento pleno. Bordo reentrante rematado por aba projectada para o exterior, ligeiramente descendente. Asa tubular aplicada ao nível do terço superior do reservatório de desenvolvimento horizontal, ligeiramente soerguida. Decoração composta por uma banda de linhas incisas, paralelas entre si, que se prolongam do bojo para a asa.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro da Torre, Areias.
Dimensões – Comprimento máximo 181 mm; Altura máxima 78 mm; Diâmetro máximo do bordo 138 mm.

MMAP 333. Lamparina
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 91, (J24.02), s/n.º.
Material – Cerâmica. Pasta de compactação mediana de estrutura laminar. Cozedura homogénea (cor - N39). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos por mica e quartzo (cor - N39). Acabamento cuidado com polimento intenso.
Descrição – Lamparina. Formato disciforme com reservatório rebaixado e rebordo em forma de aba. Encontra-se fragmentado ao nível das arestas da aba. Modelação ao torno com acabamento cuidado.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 138 mm; Largura máxima 135 mm; Diâmetro do reservatório 93 mm; Profundidade do reservatório 23 mm.



MMAP 334. Cântaro
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. II, X, 150, CP 251.
Material – Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo e cozedura irregular, revelando um núcleo escuro (cor - N92). Elementos não plásticos abundantes, de pequeno calibre e distribuição homogénea, compostos por quartzo, mica e feldspato (cor - N67). Acabamento cuidado com polimento intenso. Superfície coberta por aguada espessa e aderente.
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de jarro de médias dimensões. Parede arqueada desenvolvendo um reservatório de perfil oval. Gargalo curto de perfil arredondado, ligeiramente espessado. Bordo de secção triangular com face superior horizontal, projectado para o exterior, configurando uma aba curta de perfil anguloso. Asa de fita aplicada ao nível do gargalo, com secção plano-convexa.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 105 mm; Largura máxima 81 mm; Espessura máxima da parede 3.5 mm; Diâmetro máximo do bordo142 mm.

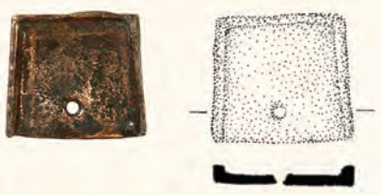


MMAP 335. Aplique decorativo
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 335.
Material – Bronze dourado.
Descrição – Aplique decorativo. Placa metálica de recorte rectangular com quatro orifícios quadrangulares, dispostos simetricamente, rasgados na própria placa. Arestas ligeiramente reviradas para o interior para fixação dos materiais encastrados. Nas arestas apresenta orifícios para fixação. A decoração, elaborada através de cinzelamento, conjuga motivos geométricos a moldurar os orifícios de encastrar e motivos naturalistas estilizados nos espaços intermédios. O acabamento é composto por douramento na face superior. Encontra-se ligeiramente fragmentada na face superior direita.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 34 mm; Espessura máxima 1 mm; Peso 6 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 52.

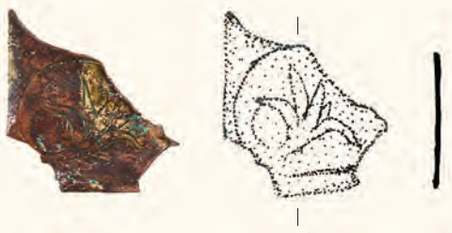
MMAP 336. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 336.
Material – Lacre.
Descrição – Conta subesférica com face polifacetada. Orifício centrado com base facetada.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Diâmetro máximo 19 mm; Diâmetro do orifício 2 mm; Peso 9.1 gr..

MMAP 337. Anel
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 337.
Material – Bronze.
Descrição – Anel. Fita de secção plano-convexa. Fecho efectuado por sobreposição do aro. Encontra-se deformado e fragmentado em dois pontos.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 22 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 2 mm; Peso 1.1 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 39.

MMAP 338. Conta
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 338.
Material – Azeviche.
Descrição – Conta esférica com superfície muito polida. Orifício de suspensão centrado, de perfil cilíndrico.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Diâmetro 19 mm; Diâmetro do orifício 3 mm; Peso 4.1 gr..



MMAP 339. Aplique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 339.
Material – Cobre com douramento.
Descrição – Elemento decorativo. Placa de recorte trapezoidal com abas laterais dobradas e orifício de fixação na face superior. Douramento integral.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 20 mm; Largura máxima 22 mm; Espessura máxima 1 mm; Peso 4.4 mm.

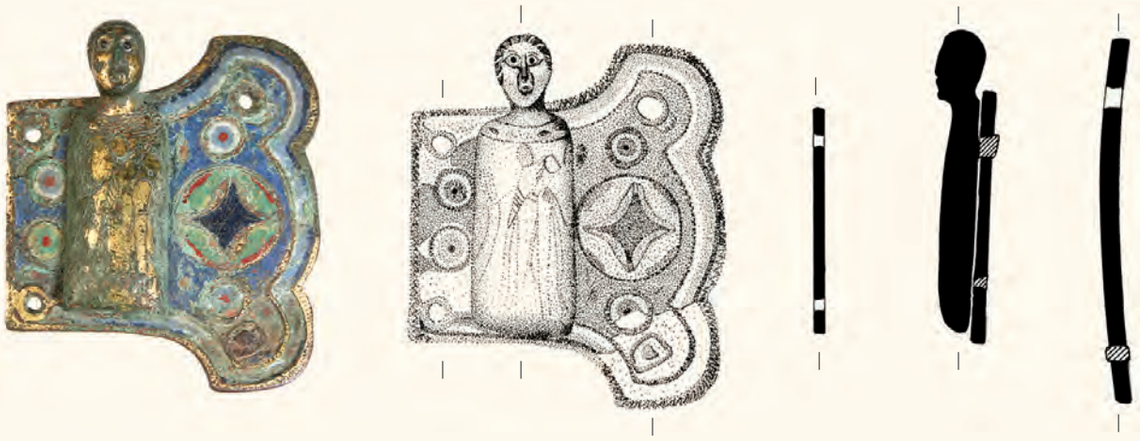


MMAP 340. Aplique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP. 340
Material – Bronze com douramento.
Descrição – Aplique metálico decorado. Placa metálica de recorte irregular. A decoração, elaborada através de cinzelamento, revela um motivo vegetalista, estilizado, inscrito num círculo. O acabamento é composto por douramento na face superior. Encontra-se fragmentada na face superior e na parte lateral direita.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 22 mm; Largura máxima 19 mm; Espessura máxima 0.5 mm; Peso 0.7 gr..

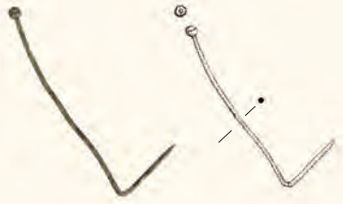
MMAP 341. Aplique
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP. 341.
Material – Bronze dourado.
Descrição – Aplique. Placa de recorte cordiforme com duas aletas laterais, simétricas, com orifício central para aplicação de um rebite. A aleta direita conserva ainda o rebite que se encontra ligeiramente revirado na face inferior. Decoração inscrita no centro da placa composta por um baixo-relevo de um florão estilizado em seis pétalas simétricas. A enquadrar o motivo central, nas faces laterais e superior, encontra-se uma banda preenchida com linhas incisas, ligeiramente onduladas. O douramento encontra-se em muito mau estado de conservação, sendo apenas perceptível nos interstícios das linhas incisas mais profundas.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 58 mm; Largura máxima 75 mm; Espessura máxima 3 mm; Peso 27.7 gr..

MMAP 342. Corrente
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 342.
Material – Bronze.
Descrição – Corrente composta por elementos individuais de dupla argola aberta. Argolas de recorte oval dispostas alternadamente.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 337 mm; Largura máxima 4 mm; Peso 13.8 gr..

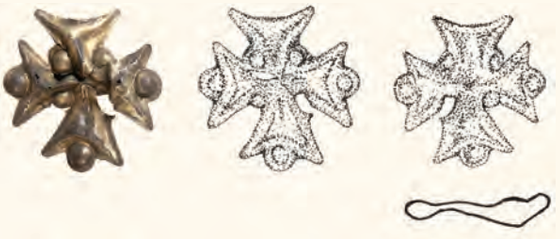
MMAP 343. Placa esmaltada
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 343.
Material – Bronze dourado com esmalte policromático em *champelevé*.
Descrição – Formato trapezoidal com a face lateral direita recortada em três lóbulos. A peça foi elaborada a partir de um placa de 4mm de espessura, na qual foi efectuado um rebaixamento para aplicação de esmalte policromo. Apresenta quatro orifícios localizados nas extremidades para fixação. Conserva uma figura em relevo, aplicada à placa com dois cravos ao fundo esmaltado. A figura apresenta-se em posição frontal revelando um modelado simples, com pouco volume. O rosto apresenta um recorte ovalado, com nariz recto, queixo quadrado e cabelo liso, estilizado. Os olhos são redondos e salientes, com pupilas dilatadas, elaboradas com pequenos pontos de esmalte negro, que conferem uma grande expressividade ao rosto, de acordo com a posição estática e austera da figura. A personagem retratada veste uma túnica larga, decorada com bandas em volta do pescoço, mangas e fundo. A cobrir os ombros possui um manto. O tratamento do panejamento é produzido por pequenas linhas incisas, de perfil anguloso, pouco profundas. O fundo é decorado com motivos geométricos e motivos florais estilizados. O limite exterior da área esmaltada é delimitado por um pequeno "murete" que percorre a totalidade da peça, sugerindo uma noção de profundidade. O motivo decorativo base é constituído pelo círculo, nos quais se desenvolvem motivos fitomórficos.
Classificação e cronologia – Produção de Limoges / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 84 mm; Altura máxima 100 mm; Espessura média 4/5 mm; Altura máxima da figura 86 mm; Largura máxima 28 mm; Peso 86.3 gr..
Bibli. – MOREIRA 1997A, 83-87; 2005, 52.



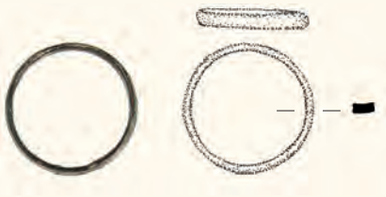
As características estilísticas e decorativas da peça enquadram-se no românico de tradição bizantina, de acordo com as características escultóricas da figura humana representada, que revela, pela austeridade formal da composição e simplicidade das formas, uma elevada carga simbólica.
As particularidades formais da peça sugerem tratar-se de uma placa de revestimento de uma arqueta relicário. A elevada qualidade do trabalho de ourivesaria e de aplicação do esmalte, em sintonia com alguns paralelos estilísticos, sugerem tratar-se de uma produção do centro de Limoges (MOREIRA 1997a, 83-87).



MMAP 344. Alfinete
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 05 A, B1 (Sep. 06.2006), op. 67.
Material – Bronze.
Descrição – Alfinete de toucado. Cabeça esférica elaborada por fio enrolado à volta da haste. Decoração na face intermédia da cabeça composta por uma linha incisa que separa a cabeça em duas partes iguais. Haste de secção circular de espessura irregular rematada por ponta afiada. Encontra-se dobrado no terço inferior.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte do Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 68 mm; Espessura da cabeça 3 mm; Espessura da haste 1 mm; Peso 0.8 gr..



MMAP 345. Cruz
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso / N.º Inv.º – Pad. 04 A, B1 (K21. 00), op. 11.
Material – Prata dourada
Descrição – Cruz de braços iguais, de perfil triangular, rematada na face superior dos braços por motivos esféricos. Na junção da face inferior dos braços, junto ao centro, repete-se a representação dos motivos esféricos. O processo de fabrico consistiu na união de duas faces iguais, através de soldagem em toda a periferia. O volume da peça é produzido através da criação de nervuras centrais que se desenvolvem através dos braços em direcção ao centro da cruz. O douramento, ainda que bem conservado, apenas se regista numa das faces e é composto por uma finíssima película.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte do Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo 30 mm; Largura máxima 29 mm; Espessura máxima 6 mm; Peso 1.7 gr..
Bibli. – MOREIRA 2005, 53.

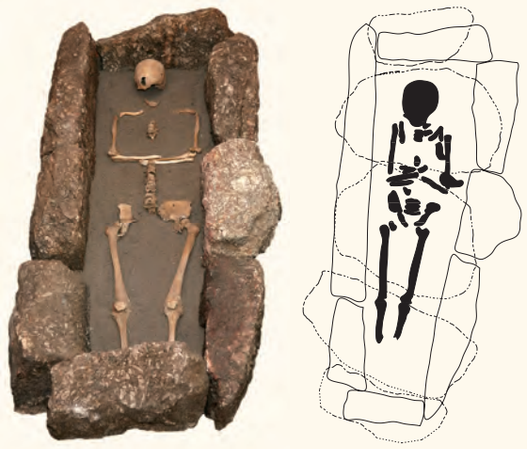


MMAP 346. Anel
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. 05 A, B1 (sep. 03.2006), op. 63.
Material – Bronze.
Descrição – Anel. Fita de secção plano-convexa com duas linhas incisas laterais, paralelas à aresta exterior.
Classificação e cronologia – Tipo … / Castro do Padrão – Fase VI.
Dimensões – Diâmetro máximo 21 mm; Espessura máxima 1 mm; Peso 1.6 gr..

MMAP 347. Estela discóidal
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – Pad. 04, B1, (K26. 00), op. 16.
Material – Granito.
Descrição – Estela discóidal em granito de grão fino da região. Disco circular decorado nas duas faces e talão de formato sub-rectangular. Decoração composta por quatro círculos concêntricos, com sulcos de perfil em U. No centro uma cruz de braços iguais com ligeira inclinação à esquerda. Na outra face a decoração é semelhante, apresentando-se contudo mais vincada.
Classificação e cronologia – Tipo …. / Monte do Padrão – Fase VI.
Dimensões – Altura máxima 570 mm; Altura do pé 260 mm; Largura máxima do pé 250/290 mm; Espessura do pé 110/130 mm; Diâmetro máximo do disco 310/320 mm; Espessura máxima do disco 80/100 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 51.

MMAP 348. Estela discóidal
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova, / N.º Inv.º - Pad. 04 A, B1, (K21.00), op. 11.
Material – Granito.
Descrição – Fragmento de estela discóidal, com inscultura de uma cruz numa face. Encontra-se fragmentada pelo terço inferior. Recorte subcircular, ligeiramente côncava, com textura irregular. Na face exterior encontra-se apenas afeiçoada, apresentando a superfície muito irregular. A cruz, de braços iguais, encontra-se gravada no centro do disco, revelando um sulco profundo de perfil circular.
Classificação e cronologia – Tipo … / Monte do Padrão – Fase VI.
Dimensões – Altura máxima 400/410 mm; Largura máxima 480 mm; Espessura máxima do disco 100/110 mm.
Bibli. – MOREIRA 2005, 51.

Na Idade Média, uma forma de homenagear os mortos, para além dos rituais das tumulações, consistiu na colocação de lápides à cabeceira das sepulturas. As estelas discóidais medievais normalmente apresentam uma configuração de "palmatória", ou seja, uma parte superior em forma de disco e a inferior em espigão, destinada a ficar enterrada.
A sua iconografia, geralmente muito rica, permite uma abordagem multifacetada, nomeadamente na área da economia, sociologia, religião e antropologia, uma vez que os temas patentes fornecem inúmeras informações. A iconografia representada de maior expressão é a crucífera, seguindo-se os motivos geométricos e a representação de instrumentos de ofícios.



MMAP 349. Sepultura
Proveniência – Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova / N.º Inv.º – PAD. s/n.º, MMAP 349.
Material – Granito e espólio osteológico.
Descrição – Estrutura rectangular com paredes definidas por blocos de granito de formato e calibre irregular, sumariamente trabalhadas, dispostas verticalmente, estruturadas por encosto simples. A cobertura era formada por cinco lajes de dimensões variadas, de formato trapezoidal com recorte irregular, dispostas horizontalmente sobre a caixa.
Classificação e cronologia – Sepultura de caixa / Monte Padrão – Fase VI.
Dimensões – Comprimento máximo (ext.) 1880 mm, (int.) 1580 mm; Largura máxima (ext.) 860 mm, (int.) 500 mm.

O cemitério do Monte do Padrão enquadra-se no fenómeno da emergência dos cemitérios rurais, polarizados em torno das igrejas paroquiais, documentado no noroeste peninsular a partir do séc. IX, a que, vulgarmente, se designa por *tumulatio apud eclesiam*[147].
Os vários tipos de sepulcros identificados no Monte do Padrão – sarcófagos, sepulturas de tampa única e sepulturas de caixa – revelam uma comunidade cristã de diferentes estratos sociais, com poder aquisitivo diferenciado, polarizada em torno da igreja paroquial e mosteiro anexo.
A presente sepultura pertence ao terceiro tipo de enterramentos identificados até ao momento, vulgarmente designado por "sepultura de caixa". Este tipo de sepultura, própria dos estratos mais baixos da sociedade medieval, revela poucos cuidados construtivos devido à falta de recursos dos seus proprietários, mas também originado pelo seu carácter oculto, não revelando qualquer elemento que as individualize, constituindo, por isso, enterramentos anónimos retratando, na feliz designação de Mário Barroca, "a morte despersonalizada" (BARROCA 1987, 299). Este tipo de enterramento terá sido, porventura, o mais vulgarizado a partir do século XII, embora a sua origem se possa situar cronologicamente no séc. X, revelando-se como um fenómeno de longa duração, documentado na região até finais do séc. XVI, como

[147] A emergência do processo de *tumulatio apud ecclesiam* por oposição à *tumulatio ad sanctos*, fenómeno tipicamente urbano, consiste numa prática tipicamente rural, que se desenvolve a partir do séc. IX, verificando-se, a partir desse momento, a polarização dos cemitérios em torno das igrejas paroquiais (BARROCA 1987, 24).

Castro do Monte do Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso
Ocupação medieval - planta simplificada, s/esc.

é o caso do Monte do Padrão (MOREIRA 1999-2004), Convento da Costa e S. Torcato (BARROCA 1987, 301), embora do ponto de vista arqueológico não abundem os registos arqueológicos publicados na região[148]. A generalização deste tipo de sepultura resulta do facto de serem construídas a partir de um material abundante, muitas vezes aproveitado de construções de cronologia anterior, não necessitando para o efeito de trabalho especializado e por serem de elementar construção (BARROCA 1987, 300).

O enterramento neste tipo de sepultura era efectuado sem qualquer tipo de caixão, sendo o corpo depositado apenas envolvido num sudário, geralmente na posição de *decubito supino* e, posteriormente, coberto com terra. São relativamente abundantes os casos de identificação de moedas no interior das sepulturas, fenómeno que se relaciona com a sobrevivência de determinados cultos pagãos, nomeadamente com o pagamento da "viagem" ou "portagem" conforme as variações regionais das crenças populares, próprias de uma religião cristã não oficial, mas vivida com a convivência de inúmeras crenças pagãs.

Estruturalmente as caixas das sepulturas apresentam paredes definidas por blocos de granito de formato e calibre irregular, sumariamente trabalhadas, muitas vezes reaproveitadas de construções anteriores, dispostas verticalmente, estruturadas por ajuste de encosto simples, com a face orientada para o interior do sepulcro, formando uma planta rectangular, com dimensões que oscilam entre 1,60 m/1,80 m x 0,60 m/0,70 m. A cobertura é formada por lajes de dimensões variadas, de formato trapezoidal e recorte irregular, de talhe rudimentar, dispostas horizontalmente com a face melhor nivelada orientada para o interior do sepulcro. As suas plantas subdividem-se em três tipos, sem diferenciação cronológica – uma de formato sub-rectangular, por vezes com as faces laterais abauladas, com os extremos planos; outro de contorno trapezoidal com a face superior mais larga que o fundo; e outra de contorno antropomórfico com definição do encaixe da cabeça bem definido. Este último tipo, vulgarizado a partir do século XI, tem vindo a ser explicado por alguns autores como tendo tido origem na preocupação de imobilizar a cabeça do defunto numa posição vertical, olhando o céu, pormenor que parece ser solucionado, de forma mais simples, nos restantes tipos, com a colocação de uma laje "almofada" na base ou na vertical, configurando um contorno antropomórfico que, juntamente com uma das faces laterais da sepultura, garantia a manutenção da posição pretendida.

O cemitério medieval historicamente enquadra-se no momento em que o cemitério cristão se polariza no adro da igreja, no qual a maioria dos *filii ecclesiae* se contenta em ser sepultado (...) *espaço sagrado, aonde chegava a fortaleza do som dos ritos, o poder da aspersão da água benta e a sombra das cruzes da igreja* (...) (ALMEIDA 1978, 11).

[148] São vários os cemitérios intervencionados na área meridional da Diocese de Braga, que constituem um paralelo com o cemitério do Monte do Padrão. Entre outros veja-se: Vila Chão do Marão, Amarante Freixo, Marco de Canaveses, Igreja paroquial; S. Nicolau, Marco de Canaveses, Igreja Paroquial (BARROCA 1987, 331); Monte Crasto, Vila Boa de Quires, Marco de Canaveses (VASCONCELOS 1905, 327; MIRANDA 1937, 10; AGUIAR 1947, 357; BARROCA 1987, 331), Sanfins de Ferreira, Paços de Ferreira, Citânia de Sanfins (SILVA; CENTENO 1980, 57-78; BARROCA 1987, 332), Cête, Paredes, Mosteiro de Cête (MATTOS 1946a, 78-79; BARROCA 1987, 332), Rebordosa, Paredes, Capela de Santa Luzia (BARREIRO 1922, 695; BARROCA 1987, 333), Guilhufe, Penafiel, Mata da Casa do Souto (MIRANDA 1937, 8; BARROCA 1987, 333), Lagares, Penafiel, Igreja Velha (BARROCA 1987, 333-334).

MMAP 350. Capitel
Proveniência – Mosteiro de S. Pedro de Roriz, Roriz / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 350.
Material – Granito.
Descrição – Capitel de apoio de coluna adossada. Estrutura piramidal marcada na face inferior por toro saliente. Composição decorativa assimétrica, composta por motivos estilizados de cariz naturalista, conjugados com laçarias.
Classificação e cronologia – Tipo … / séc. XIII - XIV.
Dimensões – Altura máxima 340 mm; Largura máxima 485 mm; Comprimento máximo 350 mm.

MMAP 351. Tampa de sepultura
Proveniência – Mosteiro de S. Pedro de Roriz, Roriz / N.º Inv.º – s/n.º, MMAP 351.
Material – Granito.
Descrição – Tampa de sepultura de planta rectangular com arestas facetadas. Apresenta três campos demarcados – o primeiro, que corresponde à face superior, revela um campo quadrangular decorado com um motivo floral de quatro pétalas inscrito num círculo; o segundo, ao centro, define também um campo quadrangular no qual se inscreve uma cruz românica inserta num círculo; por último, o terceiro apresenta um campo rectangular onde se regista a inscrição.
Encontra-se mutilada em três zonas, sendo que as duas fracturas inferiores afectam a epígrafe. Uma afecta a epígrafe na zona do nome e a outra corta o campo epigráfico em baixo, mutilando a quarta regra.
Classificação e cronologia – Tipo … / Epígrafe funerária / séc. XII_XIII.
Dimensões – Comprimento máximo 1460 mm; Largura máxima 500 mm; Espessura máxima 115 mm.
Campo epigráfico – Comprimento máximo 390 mm; Altura máxima 580 mm; Altura média das letras 1.**1**: 8,5 cm; **1.2**: 8,5 cm; **1.3**: 8,5 cm.
Bibli. – MATTOS 1943, n.º III, 1946a, vol. I, 75, n.º 23; SOUSA 1948, n.º 23; SANTARÉM 1956d, 276-277, n.º 21; BARROCA 1987, 357, n.º 9; 2000 478, n.º 19;

Leitura
X : Kalendas : OCToBris / Era : Ma : CCa : XXX^{a} / I^{a} : OBiit : BOM […] / […]
Leitura de Mário Barroca (BARROCA 2000, 513 - 515).

Bibliografia

Abreviaturas – *instituições*

D.G.E.M.N – *Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais*
I.P.P.C. – *Instituto Português do Património Cultural*
G.E.A.P. – *Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*
I.P.A. – *Instituto Português de Arqueologia*
M.N.A. – *Museu Nacional de Arqueologia*
M.M.A.P. – *Museu Municipal Abade Pedrosa*
S.C.E. – *Serviços Cartográficos do Exercito*
U.A.U.M. – *Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho*

Abreviaturas – *bibliografia*

A.A.H. – Acta Arqueológica Hispánica - Madrid.
A.E.A. – Arquivo Español de Arqueologia – Madrid
A.P. – *O Archeólogo Português / A.P.* – Arqueólogo Português – Lisboa
B.M.C. – *Coins of the Roman Empire*, London
C.I.L. – *Corpus Inscriptionum Latinarum* = Hübner 1869-92
C.R.R. – *The Coins of the Roman Republic* (E. A. Sydenham)
D.L. - *Douro Litoral* – Porto.
F.C. – Isabel Pereira; Jean-Pierre Bost et Jean Hiernard, *Fouilles de Conímbriga*, vol III, *Les monnaies*, Paris, 1974.
F. Magro – MAGRO, Francisco A. C. – *Ceitis*, 1986, Sintra
F. Vaz – VAZ, J. F.; SALGADO, J. – *Livro das moedas portuguesas*, 1984-85, Lisboa.
H.E. – *Hispânia epigráfica. Archivo Epigráfico de Hispânia* - Madrid
I.L.E.R. – *Inscriptiones Latinas de la españa Romana* = Vives 1971-72
JST – *Jornal de Santo Thyrso* – Santo Tirso
L.B.R.C. – *Late Bronze Roman Colnage*, London
M. Marques – MARQUES, M. G. – *História da moeda medieval portuguesa*, 1996 Mem Martins.
P.M.H. – *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae*
R.S. L. – *Rivista di Studi Liguri* – Bordighera
R.I.C. – Roman Imperial Coinage, London
H. A. E. – *Hispânia Antiqua Epigraphica* – Madrid
ATLANTE – Atlante delle forme ceramiche I; ceramiche fine romana nel bacino mediterraneo (Medio tarde impero), Roma, 1981. (= Atlante I) Atlante delle forme ceramiche II; ceramiche fine Romana nel Bacino mediterraneo. (Tarde ellenismo e primo imperio), Roma 1985 (= Atlante II)

Bibliografia

A

ABÁSOLO, J. A.; **GARCIA**, R.
(1993) - *Excavaciones en Sasamón (Burgos)*, Excavaciones Arqueológicas en España, 164, Madrid.

AGUIAR, P. M. Vieira de
(1947) - *Descrição Histórica, Corográfica e Folclórica do Marco de Canaveses*, Porto.

AGUILLÓ, J. M. E.
(1939-40) - La Caetra y el Scutum en Hispaniae Durante la Segunda Edad del Hierro, *Boletim del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, vol. VI, Valladolid, pp. 57-84.

AGUAROD, C.
(1992) - Cerámica de cocina importada, Arcóbriga, II, *Las Cerámicas Romanas*, (dir. Luis Caballero Zoreda), Zaragosa, pp. 237-246.

ALARCÃO, Adília Moutinho
(1965) - Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée á Bracara Augusta (Portugal), *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, 8, pp. 45-50.
(1996) - O Jarro metálico de tipo Eggers 128. Antecedentes, variantes e imitações, *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, pp. 25-37.

ALARCÃO, Adília Moutinho; **DELGADO**, M.; **MARTINS**, Alina N.
(1976) - Uma cerâmica aparentada com as «paredes finas» de Mérida, *Conímbriga*, XV, Coimbra, pp. 91-110.

ALARCÃO, Jorge
(1963) - Vidros Romanos do Museu Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, LXXIII (1-2), Guimarães, pp. 175-209.
(1971) - Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos, *Conímbriga*, vol. X, Coimbra, sep., pp. 1-19.
(1971a) - Vidros romanos de Aramenha e Mértola, *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. V, Lisboa, pp. 191 - 200.
(1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conímbriga*, (Suplemento de Biblos, 8) Coimbra.
(1975) - Bouteilles carrées au fond décoré du Portugal romain, *Journal of Glass Studies*, 17, New York, pp. 50-52.
(1976) - *Fouilles de Conimbriga. Céramiques divers et Veres – Les Amphores*, Paris, pp. 79-195.
(1988) - *Roman Portugal*, vol. II (fasc. 1), Warminster.
(1992) - A evolução da cultura castreja, *Conímbriga*, XXXI, Coimbra, pp. 39-71.
(2000) - Sobre os cantões proto-históricos do noroeste de Portugal, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 2-3, 2ª Série, Porto, pp. 45-50.

ALARCÃO, Jorge; **ALARCÃO**, Adília
(1963) - Quatro pequenas colecções de vidros romanos, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (3-4), Guimarães, pp. 367-390, sep. 1-23.
(1963a) - Vidros romanos do Museu Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (1-2), Guimarães, pp. 175-209.
(1965) - *Vidros romanos de Conímbriga*, Coimbra.
(1966-67) - Achados na *villa* romana de Cardílio (Torres Novas), *Arquivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV, Beja, pp. 58-88.
(1967) - Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa, *Conímbriga*, vol. VI, Coimbra, sep. pp. 1-45.

ALARCÃO, J.; **ETIENNE**, R.
(1979) - *Fouilles de Conimbriga. Trouvailles Divers – Conclusions Générales*, VI, Paris.

ALARCÃO, J.; **ETIENNE**, R.; **MAYET**, F.
(1990) - *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris.

ALARCÃO, A.; **PONTE**, Salete
(1976) - Les Lamps, *Fouilles de Conímbriga – Céramiques Diverses et Verres*, VI, Paris, pp. 93 - 121.
(1979) - *Fouilles de Conímbriga – Trouvailles Diverses*, Conclusions Génerales, VII, Paris, pp. 11-200.
(1979) - Trouvailles diverses, *Fouilles de Conímbriga – Trouvailles Diverses, Conclusions Génerales*, VII, Paris, pp. 11 - 200.

ALBALAT, Blanca García Fernández
(1990) - *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas*, A Coruña.

ALBERTOS FIRMAT, M. L.
(1975) - Organizaciones suprafamiliares en la Hispania antigua, *Studia Archeologica*, 37, Valladolid.
(1977) - Perduraciones indígenas en la Galicia romana: los castros, las divindades y las organizaciones gentilicias en la epigrafia, *Actas del Coloquio Internacional sobre el Bilenario de Lugo*, Lugo, pp. 17-27.

ALMEGREN, O.
(1923) - *Studien uber Nordeuropaische ibelformen der ersten nachchristlichen Jahrhunderte mit Berucksichting der provinzialromischen und studrussischen Formen,* Mannus - Bibliothek, 32, Leipzig.

AFONSO, Nascimento
(2004) - *Antologia de Poetas Tirsenses*, Santo Tirso.

ALFOLDY, G.
(1975) - *Die Romischen Inschriften von Tarraco*, Berlim.

ALMAGRO, M.
(1953) - *Las necrópolis de Ampúrias*, Monografias Ampuritanas, II, Barcelona.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira
(1969) - *A romanização das Terras da Maia*, Estudos sobre a Terra da Maia, IV, Maia.
(1970) - Algumas notas sobre o processo da romanização da zona de entre Douro e Ave, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 3-9.
(1972) - Cerâmica Romana de Fiães, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série História*, 3, Porto, pp. 191-205.
(1972a) - *Primeiras impressões sobre a arquitectura românica portuguesa*, Porto 1972, p. 29, 33;
(1973) - Necrópole galaico-romana de Vila do Conde, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série História*, 4-5, Porto.
(1974) - *Escavações no Monte Mozinho* (1974), Centro Cultural Penafidelis, Penafiel.
(1974a) - A cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, 84 (1-4), Guimarães, pp. 171-179.
(1974b) – Influências meridionais na cultura castreja, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série História*, n.º 4-5, Porto, pp. 197-207 = C.N.A. 1973, Huelva, 1975, pp. 491-498.
(1978) - *Casteologia medieval de Entre-Douro-e-Minho*. Desde as origens até 1220, (tese complementar de doutoramento – F.L.U.P.) Porto, (policopiado)
(1978 a) - *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho,* Dissertação de doutoramento em História da Arte, F.L.U.P., Porto, vol. 2, (policopiado).
(1986) - O Românico, *História da Arte em Portugal*, Lisboa, vol. 3, pp. 82-84;

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; **SANTOS**, Eugénio dos
(1972) - O castro de Fiães, 2, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série História*, Porto, n.º 3, Porto, pp. 147-168 = (sep. 1-26).

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; **SANTOS**, Joaquim Neves dos
(1974) - Cerâmica Romana, tardia de Guifões, *Archeológica Opuscula*, 1, Porto, pp. 49-56.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado
(1992) - *Plano Director de Vila do Conde – Relatório de Arqueologia*, Vila do Conde, (policopiado).
(1995) - A romanização do concelho de Vila do Conde, Actas do *Congresso Histórico – 150 anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, pp. 51-72.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; **ABREU**, Alberto Antunes
(1987) - A necrópole de incineração de Gondomil, Valença, "Seminário Luso-Galaico comemorativo do Foral de Caminha", *Lucerna*, 2ª Série, vol. II, Porto, pp. 187-243.

ALMEIDA, J. A. Ferreira
(1953) - Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, II, 2, Lisboa, pp. 5-208.

ALMEIDA, José António Ferreira de
(1976) - *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa.

ANDRADE, Miguel Montenegro
(1952) - Carta geológica da região de Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. I, n.º 3, Santo Tirso, pp. 303-315.

ARGAIZ, Gregorio
(1675) - *La soledad Laureada por San Benito y sus hijos en las Iglesias de España*, t. III, Teatro monástico de la provincia Bracarense, Alcalá.

AURRECOECHEA, J.; **FERNANDEZ**, C. ; **KLINK**, A. Caballero
(1986) - Mobiliario metálico del yaciemento ibero-romano de La Bienvenida en la provincia de Ciudad Real, *Oretum*, Vol. II, Ciudad Real, pp. 249-292.

AZEVEDO, Agostinho
(1938) - *O mosteiro de Roriz. Subsídios para a sua história*, Artes e Letras, Suplemento Literário de "Novidades", n.º 25, Porto.
(1939) - *A terra da Maia. Subsídios para a sua monografia*, vol. I, Porto.

AZEVEDO, Rogério de
(1957) - A ara de Burgães e a ara de Ervedosa, *O concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. V, n.º 3, Santo Tirso, pp. 293-301.

B

BACELAR, António Alberto Huet
(1984) - Notas arqueológicas de Rui de Serpa Pinto sobre o litoral entre Douro e Vouga, Actas das Jornadas de História Local e Regional de Vila Nova de Gaia, *Gaya*, II, Porto, pp. 73-82.

BAILEY, D. M.
(1980) - *A Catalogue of the Lamps in the British Museum*, II, Roman Lamps made in Italy, Londres.

BALIL, Alberto
(1982) - Notas de Arqueologia Palentiana: una lucerna hallada en Dueñas, *Publicaciones de la Institución "Tello Téllez de Meneses*, 46, Palencia, pp. 93-107.

BARATA, F. S.
(1993) – Alguns vidros romanos do Museu Municipal de Santiago do Cacém, *Vipasca*, n.º 2, Santiago do Cacém, pp. 73-76.

BARBOSA, Maria Benedita Coelho da Silva
(1988/2002) - Tesouros monetários romanos em Portugal: da república ao reinado de Augustus, *Numus*, 2ª Série – vol. XXI / XXV, Porto, pp. 7-144.

BARBOSA, Vilhena
(1863) - Santo Tirso, *Archivo Pitoresco*.
(1886) - *Monumentos de Portugal*, Lisboa.

BARREIRO, José do
(1922) - *Monografia de Paredes,* Porto.

BARROCA, Mário Jorge
(1987) - *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho* (Séc. V a XV), Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Porto, policopiado.
(2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa* (862-1422), Porto.

BECHI, G.
(1835) - *TAV. XXVIII e XXIX*, Museo Reale Borbonico, 11, Naples.

BECKMANN, B.
(1966) - Studien uber die Metallnadeln der romischen Kaisertzeit im freien Germanien, *Saalburg Jahrbuch*, XXII, Berlim, pp. 7-100.

BELLIDO, A. García y
(1947) - *El arte Iberico*, Ars Hispaniae, vol. I, Madrid.
(1971) - Cochleares romano - visigodos de la Península Hispánica, *Conímbriga*, X, Coimbra, pp. 93 - 97.

BELLINO, Albano
(1904) - Epigrafia romana de Braga, *O Archeólogo Português*, IX, Lisboa, pp. 101.

BELTRAN LLORIS, M.
(1990) - *Guía de la cerámica Romana*, Zaragosa.

BENTO, Mário Pires
(1989) - Novos achados arqueológicos em Meimoa e Benquerença (Penamacor), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 432-437.

BETTENCOURT, Ana M. S.
(1991-92) - O povoado da Sola, Braga: Notícia preliminar das escavações 1991-92, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, pp. 97-118.

BLAZQUEZ MARTINEZ, José Maria
(1957) - Aportaciones al estudio de la religiones primitivas de España, *Archivo Español de Arqueologia*, XXX, Madrid, pp. 15 - 86.
(1962) - *Las religiones primitivas de Hispania, Fuentes literárias y epigráficas*, vol. I, Roma.
(1970) - *Las religiones indigenas del areá noroeste de lá Peninsula Iberica en relacion com Roma*, Legio VII, Gemina, Leon.

BOESTERD, Maria H. P. den
(1956) - *Description of the Collections in the Rijksmuseum G. M. Kam at Nijmegen, V. The Bronze Vessels*, Nijmegen.

BOSQUED, Concepcion Blasco; **RAMOS**, Pablo Gómez
(2001) - Avance de los resultados analíticos de objectos metálicos del Museo de San Isidro de Madrid, *Estudios de prehistoria y Arqueologia Madrileñas – Museu de San Isidro de Madrid*, n.º 11, Madrid, pp. 105-114.

BOHME, A.
(1972) - Die Fibeln der Kastelle Saaburg und Zugmantel, *Saalburg Jahrbuch*, XXIX, Berlim, pp. 5-112.
(1986) - Das Ende der Romerherrschaft in Britannien die Angelsachsische Besiedlung England im 5. *Jahrbuch des Romisch* - Germanischen Zentralmuseum zu Maiz, 33.

BOUZA BREY, Fermin
(1957) - A deidade galaica Cusuneneoeco, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. IV, n.º 2, Santo Tirso, pp. 252-259.

BRANCO, Fernando Castelo
(1963) - Correspondência de Leite de Vasconcelos com o Abade Sousa Maia, *Câmara Municipal do Porto – Boletim Cultural*, n.º 26 (1-2) Mar. Jun., Porto, pp. 29-73.

BRANDÃO, Domingos de Pinho; **LANHAS**, Fernando
(1969) - Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico. Parcela 109.4 (Concelho de Matosinhos e Vila do Conde), *Revista de Etnografia*, 12 (2), Porto, pp. 295-344.
(1971) - «Pesos de rede» ou pesos de pedra com entalhes para pesca. Tentativa de sistematização, *Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 581-589.

BRODRIBB, Gerald
(1987) - Roman brick and tile, Gloucester.

BUCHI, E.
(1975) - *Lucerne del Museo di Aquileia, I: Lucerne romane com marchio di fabbrica*, Aquileia.

C

CABRERA, R. Barroso; **OVEJERO**, S. Jaque; **GONZÁLEZ**, M. Major; **PABLOS**, J. Morín; **COBO**, E. Penedo; **BAZTÁN**, Pilar Oñate; **VÁZQUEZ**, Juan Sanguino
(2001) - Los yacimientos de Tinto Juan de la Cruz - Pinto, Madrid - (séc. I al VI d.C.) 1ª parte, Estudios de *Prehistoria y Arqueologia Madrileñas - Museo de San Isidro de Madrid*, n. º 11, Madrid, pp. 129-204.

CAILLEUX, A.
(sd) – *Notice sur le code des couleurs des sols – Boubée*, Paris.

CALADO, Rafael Salinas
(1999) – *Azulejaria na Madeira e na Colecção da Casa – Museu Frederico de Freitas*, Lisboa.

CANO PAN, J. A.
(1986) - La industria lítica tallada en la cultura castreña de Galicia, *Actas – Coloquio de Proto-História e História Antiga da Península Ibérica*, Santiago de Compostela (policopiado).

CAPELA, Manuel José Martins
(1895) - *Milliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal. Relíquias d'epigraphia romana transladadas dos próprios monumentos*, Porto.

CAPELLE, T.
(1975) - Die fruhgeschichtlichen Metallfunde von Domburg auf Walcheren (Nerderlandse, Oudheden, 5).

CARANDINI, A; **TORTORELLA**, S.; **SAGUI**, L.; **TORTORICI**, E.
(1981) - *II. Cerámica Africana, Suplemento Encicliopedia dell'Arte Antica, Classica e Orientale. Atlante delle forme ceramiche, I, Cerámica fine romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Imperio)*, Roma, pp. 9-227.

CARNEIRO, Alexandre Lima
(1955) - *Documentário – Dicionário geográfico de Portugal, O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, 3 (4), Porto, pp. 450-453.

CARDOSO, Jorge
(1666) - *Agiológo lusitano*, III.

CARDOZO, Mário
(1935) - *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*, vol. I, Guimarães. = (1972) - *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*, 2ª Edição, Guimarães.
(1947) - *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento (Arqueologia e Epigrafia – 1879-1899)*, Guimarães.
(1958) - *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento (1879-1899)*, Guimarães
(1961) - *Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal, Revista de Guimarães*, 71, (1-2), Guimarães, pp. 50-69.
(1961a) - *Francisco Martins Sarmento. Esboço da sua vida e obra científica*, Guimarães.
(1969) - Machados de bronze ornamentados, *Abrente*, vol. I, La Coruña, pp. 75-79.
(1970) - Pulseiras romanas de vidro encontradas em Portugal, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia,* 2, Lisboa, pp. 13-25.
(1972) - *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga, 2ª Edição*, Guimarães.
(1974) - *Correspondência epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento (1879-1899)*, Guimarães.

CARNEIRO, Alexandre Lima
(1955) - *Documentário* – Dicionário geográfico de Portugal, *O Concelho de Santo Tirso. Boletim – Cultural*, 3 (4), Porto, pp. 450-453.

CARVALHO, Teresa Pires de
(1998) - *A Terra Sigillata de Monte Mozinho. Contributo para a história económica do povoado,* Cadernos do Museu, Penafiel, n.º 3, Penafiel.

CASTRO, L. Albuquerque
(1962) - Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo), *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 15, Lisboa, pp. 431-438; = *Archivo Español de Arqueologia*, 35, Madrid, pp. 166-176.

CENTENO, Rui Manuel Sobral
(1976) - *Moedas Hispano-Romanas no Museu de Antropologia* "Dr. Mendes Corrêa", Porto.
(1977) - O tesouro de denarii do Alto do Corgo (Concelho de Valença), *Conímbriga*, XVI, Coimbra, pp. 93-101.
(1979) - (Recensão de) J. Torres – Tesouro monetário do Castro de Alvarelhos. Estudo numismático – seriação cronológica e histórica, Boletim Cultural - Santo Tirso 1979, *Numunus*, 2ª série, II, Porto, pp. 105-109.
(1987) - *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto.
(1991) - Tesouro monetário romano da região de Chaves, *Numus*, 2ª Série, vol. 11, Porto, pp. 99-120.

CERRATO, Cruces Blázquez
(1988) - *Tesorillos*, Barcelona
(1993) - *La circulación monetaria*, Salamanca.

COELHO, F. Adolfo
(1887) - Nome de deuses lusitânicos, *Revista Lusitana*, I, Lisboa, pp. 351-378.

COFFYN, A.
(1983) - La fin de Lâge do Bronze dans le centre – Portugal, *O Arqueólogo Português*, IV Série, 1, Lisboa, pp. 169-196.
(1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.

COLMENERO, A. Rodríguez
(1995) - "Lugo, capital romana del extremo noroeste peninsular. Genesis de uma ciudad", *Lucus Augusti. Urbs Romana. Los orígenes de la ciudad de Lugo*, Lugo, pp. 11-18.
(1996) - "Lucus Augusti, capital de la Gallecia septentrional", *Los Finisterres atlánticos en la Antiguedad. Epoca prerromana y romana (Coord. Fernández Ochoa)*, Madrid, pp. 129-133.

COLLS, D.; **ETIENNE**, R.; **LEQUÉMENT**, R.; **LIOU**, B.; **MAYET**, F.
(1977) - *L' Épave de Port – Vendres II et le commerce de la Bettique à l'époque de Claude*, Archeonautica, n. º 1, Paris.

CORREIA, Francisco Carvalho
(1989) - *Areias até ao séc. XI*, Ave – Cadernos de Cultura, 4, Câmara Municipal de Santo Tirso, Braga.
(1997) - A paróquia de S. Bartolomeu de Ervosa. As inscrições, *Santo Tirso Arqueológico,* 2ª Série, n.º I, Porto, pp. 88 - 122.
(1997a) – *O mosteiro de Roriz*, Guias do Património do Concelho de Santo Tirso, n.º 2, Porto.
(2000) – O Abade Pedrosa. Perfil de humanista de um sacerdote. Na senda dos pioneiros da arqueologia de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 2-3, 2ª Série, Santa Maria da Feira, pp. 15-44.
(2000a) – Para a História do Património artístico do concelho de Santo Tirso – Vilarinho: O inventário do mosteiro de 1770, *Santo Tirso da cidade e do seu termo*, vol. I, Braga, pp. 398-408.
(2004) - A capela do Senhor do Padrão, Monte Córdova. Elementos para a sua história, *Jornal de Santo Thyrso*, 5 de Março de 2004.
(2004a) – Para a história do Património artístico do concelho de Santo Tirso. A capela do Senhor do Padrão (Monte Córdova), *Jornal de Santo Thyrso*, Página Literária de Cultura Tirsense, n.º 159.

CORTEZ, Fernando Russel
(1950) - Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal. Séculos V a VII (Alguns elementos para a sua cronologia), *O Instituto*, Coimbra, pp. 52-92.
(1953) - Aspectos do neolítico de Portugal, *Archivo de Prehistoria Levantina*, IV, Valência.

COSTA, A. Carvalho
(1706) - *Corografia Portugueza*, T. I, Lisboa.
(1868/69) - *Corografia Portugueza e descripçam Topográfica do Reyno de Portugal*, 3 vol., Lisboa (2ª ed., Braga 1868-1869).

CRUZ, P. Belchior da
(1896) - Notícias várias, 1. Thesouro de moedas romanas, *O Archeólogo Português*, vol. II, Lisboa, p. 292.

CRUZ, António
(1940) - Novos vestígios da ocupação do Termo do Porto pelos romanos. A necrópole luso – romana de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, *Boletim Cultural*, C.M.P., vol. III, Fasc. 1, Porto, pp. 203-215.
(1982) - O Reguengo de Bougado, *Actas do Colóquio de História Local e Regional*, (Santo Tirso 17-18 de Março de 1979), Santo Tirso, pp. 1-85.

CRUZ, Domingos Jesus; BRITO, Mário
(1991) - A colecção arqueológica do Abade Sousa Maia, *Vila do Conde*, N/S, 7, Vila do Conde, pp. 5-13.

CUEVA, Fray Benito De La
(1991) - *Historia de los Monasterios y Priorados anejos a Celanova*, edición, notas e índices por María Teresa Gonzalez Balasch, introduccíon por José Ignacio Fernández de Viana y Vietes, Granada.

CUEVILLAS, Lopez;
(1933 - 34) - Estudos sobre a edade do ferro no noroeste da peninsula – A relixion, *Archivo Español de Arqueologia*, VI, Madrid, pp. 295-367.

CUÑARRO, José Manuel Hidalgo
(1993) - Nuevas aportaciones sobre el Vigo romano, *Galicia: da romanidade á xermanización*, Santiago de Compostela, 1992, pp. 227-240.

CUNHA, D. Rodrigo da
(1623) - *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 2ª parte, Porto.
(1634) - *Da História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Braga.

D

DELGADO, Manuela
(1970) - Elementos de sítulas de bronze de Conímbriga, *Conímbriga*, IX, Coimbra, pp. 15-44.
(1976) - Céramique à engobe rouge non grésé, *Fouilles de Conímbriga*, VI, Paris, pp. 52-58.
(1976a) - Céramiques Grises du Bas-Empire, *Fouilles de Conímbriga*, VI, Paris, pp. 65-69
(1993-94) - Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável, *Cadernos de Arqueologia,* Série II, n.º 10-11, Braga, pp. 113-149.

DELGADO, Manuela; **LEMOS**, Francisco Sande
(1985) - Zona das Carvalheiras – Notícia das Campanhas de Escavação de 1984 e 1985, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 3, Braga, pp. 151-176.

DELGADO, Manuela; **MARTINS**, Manuela
(1988-90) - Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, 1988, Braga, pp. 77-190.

DENEVAU, J.
(1969) - *Lamps de Carthage*, Paris.

DEUS, António Dias; **LOURO**, Henrique S.; **VIANA**, Abel
(1955) - Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas, Portugal, *Actas do III Congresso Arqueológico Nacional*, Galicia1953, Saragoça, pp. 568-578.

DGEMN
(1937) - Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais – *Igreja de S. Pedro de Roriz*, Boletim n.º 9, Lisboa 1937.

DIAS, Lino Augusto Tavares
(1995) - Cerâmica comum romana em Tongobriga. Trabalho complementar à dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).
(1997) - *Tongobriga*, Lisboa.

DIAS, Lino Augusto Tavares; **ENCARNAÇÃO**, José de
(1993) - Grafito procedente do Castro de Alvarelhos (Conventus Bracaraugustanus), *Ficheiro Epigráfico*, 45, Lisboa.

DINIS, António Pereira
(1993) - *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio a.C.*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, policopiado.

DIOGO, A. M. D.
(1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV, 5, pp. 179-191.

DIOGO, A. M. D. ; **ALVES**, F. J. S.
(1988-1989) - Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e Alcácer do Sal, *O Arqueólogo Português*, Série, IV, 6/7, Lisboa, pp. 227-240.

DIOGO, A. M. D.; **CARDOSO**, J. P.; **REINER**, F.
(2000) - Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do rio Arade, Algarve, *Revista de Arqueologia,* vol. 3, n.º 2, Lisboa, pp. 81-118.

DOMÍNGUEZ, A. Fuentes
(1989) - *La necrópolis tardorromana de Abalate de las Nogueras (Cuenca) y el problema de las denominadas "Necrópolis del Duero"*, Cuenca.

DRESSEL, H.
(1899) - *Corpus Inscriptionum Latinarum (Est. II: Amphorarum Formae)*, vol. XV, 2, Berlim.

E

EGGERS, Hans Jurgen
(1951) - Der Romische Import im freien Germanien, Hamburgo.

EIROA, Jorge Juan; GIL, José Alberto Bachiller; **PÉREZ**, Ladislao Castro; **MAURANDI**; Joaquín Lomba
(1999) - *Nociones de tecnología y tipología en Prehistoria*, Barcelona.

ENCARNAÇÃO, José de
(1970) - Lápides a divindades indígenas no Museu de Guimarães, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, Guimarães, pp. 207-238.
(1975) - *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
(1984) - *Inscrições romanas do convento Pacensis*, Coimbra.
(1985) - O culto ao Génio no Noroeste Peninsular, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 41-49.
(1992) - A propósito de um grafito romano achado no castro de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, 2, Santo Tirso, pp. 7-14.

ENCARNAÇÃO, José de; **CARDOZO**, Guilherme; **NOLEN**, Janette
(1982) - A *villa* romana do Alto da Cidreira em Cascais, *Arquivo de Cascais*, 4, Cascais, pp. 9-20.

ERNOUT, A.; **MEILLET**, A.
(1967) - *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, 4ª ed., Paris.

ESTAÇO, Gaspar
(1625) - *Várias antiguidades de Portugal*, Lisboa.

F

FABIÃO, Carlos
(1989) - Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil), *Cadernos da UNIARQ*, n.º 1, Lisboa.

FARTO, J. Angel Acuña
(2000) - Propuesta de conservación para la estación arqueológica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 2 - 3, 2ª Serie, Porto, pp. 65 - 76.

FAO
(1976) - *A Framework for Land Evaluation*, FAO Soils Bulletin, 32, Roma.
(1983) - *Guidelines: Land Evaluation for Rainfed Agriculture*, FAO - Soils Bulletin, 52, Roma.

FERNANDES, Isabel Cristina; **CARVALHO**, António Rafael
(1996) - *Elementos para uma carta arqueológica do período romano no concelho de Palmela. Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*, Câmara Municipal do Seixal, Seixal.

FERNÁNDEZ, Joaquín Aurrecoechea
(1995-96) - Las guarniciones de cinturón y atalaje de tipología militar en la Hispania Romana, a tenor de los bronces hallados en la Meseta Sur, *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas*, 10, Mdrid, pp. 49-99.

FERREIRA, Monsenhor J. Augusto
(1907) - O Couto e Mosteiro de Vairão, *O Archeólogo Português*, 12, Lisboa, pp. 281-289.
(1923) - *Vila do Conde e o seu Alfoz*, Porto.

FERREIRA, Marisol Aires; **FARIA**, João Carlos Lázaro
(1991) - Estação romana do Cenado do Castelo (Escola Primária de Grândola), *Conímbriga*, XXX, Coimbra, pp. 95-104.

FERRO COUSELO, Jesús
(1973) - Monte Córdoba, priorado de San Rosendo de Celanova en Portugal, *El pleito de Celanova com la Ordem de Cristo*, livro n.º 354, *Boletim Auriense*, III, Arquivo Histórico Provincial de Orense, Orense, pp. 7-13.

FOWLER, E.
(1960) - *The origins and the devlopments of the penannular brooch in Europe, Proceedings of the Prehistoric Society,* London.

FORTES, José
(1899) - A estação archeológica de Alvarelhos, *Archeologia Portuguesa*, I, Porto.
(1905) - Necrópole lusitana – romana da Lomba (Amarante), *Portugália*, 2, Porto, pp. 252-262.

FRANÇA, Elsa Ávila
(1968) - Alfinetes de toucado, Romanos, de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. VII, Coimbra, pp. 67-96.
(1969) - Anéis, braceletes e brincos de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. VIII, Coimbra, pp. 17-61.

FRANKEN, Norbert
(1998) Romische und spatantike Brozen im Akademischen Kunstmuseum der Universitat Bonn, *Bonner Jahrbucher*, Band 198, Bona, pp. 49-119.

G

GALAN, J.F. Doval
(1997) - Los morteros del campamento de Cidadela, *Gallaecia*, 15, A Coruña, pp. 285-300.

GAMER, G.
(1989) - *Formen Römisher Altäre auf der Hispanischen Halbinsel*, Mainz.

GANDOLFI, D.
(1983) - La terra sigillata chiara D proveniente dagli scavi di Albintimilium, *Rivista di Studi Liguri*, XLVII, 1-4, pp. 53-149.

GARCIA, G. Chic
(1982) - Consideraciones en torno a una ânfora encontrada en Punta de la Não (Cádiz), *Homenaje al Prof. Dr. Hernández Diaz*, 1, Sevilha, pp. 51-61.

GARCIA, José Manuel
(1991) - *Religiões antigas de Portugal. Aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos. Fontes epigráficas*, Lisboa.

GASCÓN, Covadonga Carreño
(1993) - Sigillata Africana en Lucus Augusti, *Actas del XXII Congresso Nacional de Arqueologia,* vol I, Vigo, pp. 297-303.

GASPAR, Alexandra
(1985) - Escavações arqueológicas na rua de N.ª Sr.ª do Leite, Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 51-125.

GONÇALVES, Theotonio
(1888) - Folhetim. O Penedo da Moira, *Jornal de Santo Thyrso*, 15 de Março 1988, n.º 306.

GORGES, Jean - Gérad
(1974) - *Les villas hispano - romaines. Inventaire et Problématique Archeeologique*, Paris.

GUIMARÃES, Oliveira
(1901) - Catálogo do Museu Arqueológico, *Revista de Guimarães*, vol. XVIII, Guimarães, pp. 38-72.

H

HAWKES, , c. f. c.; **HULL**, M. R.
(1947) - *Camulodunum.First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Reports of the Society of Antiquaries of London, XIV, Oxford.

HAYES, J. W.
(1972) - *Late Roman Pottery*, London.

HARDAKER, R.
(1976) - Las hachas de cubo en la Península Ibérica, *Cuardenos de Pre-historia y Arqueologia Castellonense*, N.º 3, Castellon de la Plana, pp. 151-171.

HARDEN, D. B.
(1962) - *Glass in Roman York*, "Royal Commission on Historical Monuments" England "An Inventory of the Historical Monuments in the city of York", vol. I Eburacum.
(1969) - Ancient glass I. Pré Roman, *The Archaeological Journal*, 125, London, pp. 47-72.

HARTLEY, K. F.
(1973) - La diffusions des mortiers, tuilles et autres produits en provenance des fabriques italiennes, *Chaiers d'Archéologie Subaquatique*, II, Paris, pp. 49-60.

HAVERNICK, T. E.
(1981) - Irilobitenperlen, Beitrage zur Glasforschung, *Die wichtigsten Aufsatze von* 180 bis 1981, mainz am Rhein, pp. 265-276.

HILGERS, W.
(1969) - *Lateinische Gefassnamen. Bezeichnungen, Funktion und Form romischer Gefasse nach den antiken Schriftquellen*, Dusseldórfia.

HIPÓLITO, Mário de Castro
(1960-61) - Dos tesouros de Moedas romanas em Portugal, *Conímbriga*, vol. II-III, Coimbra, pp. 1-116.

HÜBNER, Emilio
(1871) - *Notícias archeológicas de Portugal*, Lisboa.
(1893) - *Monumenta linguae ibericae*, Berlim 1983.
(1890) - *Romische Herschaft in Westeurola*, Berlim.

I

IGLESIAS, Miguel Anxo Araújo
(1999) - *San Rosendo, Bispo e Fundador*, Parroquia de San Rosendo e Concello de Celanova.

IRASTORZA, Enrique J. Alcorta
(2001) - *Lucus Augusti. II. Cerámica común romana de cocina y mesa hallada en las excavasiones de la ciudad*, Catalogación Arqueológica y Artística de Galicia del Museo de Pontevedra, Coruña.

ISINGS, C.
(1957) - *Roman Glass from Dated Finds*, Archaeologica Traiectina, II, Groningen.

K

KAJANTO, Liro
(1982) - *The Latin Cognomia*, Roma, (1ª edição 1965 Helsínquia)

J

JONQUERAY, J.P.
(1972) - Contribuition à l'étude de lépave Dramont D, à Saint-Raphael, d'ápres les travaux du G.E.S.M.S.R., *Chaiers d'Archéologie Subaquatique*, II, Paris, pp. 11-34.

JORDÃO, Levy Maria
(1859) - *Portugaliae Inscriptiones Romanas*, Lisboa.

JORGE, A. M. Guedes
(1995) - Necrópole Luso-Romana de incineração (Lomba-Amarante), *Actas do 1º Congresso Internacional sobre o rio Douro*, Porto, pp. 199-212.

JORGE, Susana Oliveira
(1980) - *A necrópole do Tapado da Caldeira*, Arqueologia, 2, Porto, pp. 36-44. =
(1980) - A estação do Tapado da Caldeira, Baião, *Portugália*, Nova Série - I, Porto, pp. 29-50.
(1986) - *Povoados da Pré – História recente da Região de Chaves – V.ª P.ª de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, Braga.
(1988) - *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas, 2, GEAP, Porto.

JORGE, Victor Oliveira
(1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, (dissertação de doutoramento – Faculdade de Letras da Universidade do Porto), policopiado, Porto.

L

LAMBOGLIA, N.
(1963) - Nuove osservazione sulla terra sigillata chiara, II, (Tipi C, lucente e D), *Rivista di Studi Liguri*, XXIX, 11-4, Bordighera, pp. 145-212.

LAMBOGLIA, N.; **BELTRÁN**, A.
(1952) - Apuntes sobre cronologia cerâmica, *Caesaraugusta*, 3, Zaragoza.

LEAL, A. Pinho; **FERREIRA**, A.
(1873-1928) - *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 12 vols.

LEIBUNDGUNT, A.
(1977) - *Die romischen Lampen in der Schweiz*, Berna.

LEMOS, Francisco Sande
(1989) - *O Abade Pedrosa e a Arqueologia de Santo Tirso*, Cadernos do Ave, 2, Santo Tirso.

LEQUÉMENT, R.; **LIOU**, B.
(1978) - Un Noveau Document Sur le Vin de Bétique, *Archaeonautica*, 2, Paris, pp. 183-184.

LE ROUX, Patrick
(1982) - *L´armé romaine et l'órganisation des provinces ibériques d'auguste a l'invasion de 409*, Paris
(2002) - Soldats et cultes indigènes dans les provinces occidentales au haut-empire, *Conímbriga*, XLI, Coimbra, pp. 105-128.

LE ROUX, Patrick; **TRANOY**, Alain
(1973) - Rome et les indigènes dans le Nord - Ouest de la Péninsule Ibérique. Problèmes d' epigraphie et d'histoire, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, IX, Madrid, pp. 177-231.
(1974) - Contribution à l'étude des régions rurales du NO hispanique au Haute - Empire: deux inscriptions de Penafiel, III, *Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 249-258.

LIMA, Augusto César Pires de
(1940) - A correspondência Martins Sarmento – P. Joaquim Pedrosa, *Revista de Guimarães*, vol. 50, n.º 1-2, Guimarães, pp. 77-105.
(1940b) - A correspondência Martins Sarmento - P. Joaquim Pedrosa, *Revista de Guimarães*, vol. 50, n.º 3-4, Guimarães, pp. 181-214.
(1940c) - A freguesia de S. Tiago de Areias, Sep. *Boletim do Douro Litoral*, Porto.
(1951) - Os arquivos paroquiais, *O concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. I, n.º 1, pp. 70-73.
(1951) - Os arquivos paroquiais. A sua importância. Exemplos, Sep., *O concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, Santo Tirso.
(1956) - O lugar da Torre, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, 4, (3), Santo Tirso, pp. 222-223.

LIMA, Joaquim Alberto Pires de Lima
(1948) - *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, vol. III, Junta Provincial do Douro Litoral, Porto.

LIMA, António Augusto Pires de; **CARNEIRO**, Alexandre Lima
(1947) - *O nosso Concelho. Santo Tirso – Zona de Turismo*, Vila Nova de Famalicão.

LITH VAN, Sophia M. E.
(1987) - Late roman en early Merovingian Glass from a Settlement Site at Maastricht (Dutch South Limburg), *Journal of Glass Studies*, 29, pp. 47-59.

LOBATO, Maria José Folgado
(1995) - A Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia), *Portugália*, Nova Série, vol. XVI, Porto, pp. 31-110.

LOESCHCKE, Sigfried
(1919) - *Lampen aus Vindonissa*, Zurich.

LÓPEZ, Juan Naveiro
(1991) - El comércio antiguo en el NO peninsular, *Monografías do Museo Arqueolóxico*, 5, A Coruña.
(1993-94) - Las ánforas de las Carvalheiras (Braga), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 10-11, Braga, pp. 181-201.

LOSADA, Fermin Perez Losada
(1992) – Estúdio do material arqueolóxico procedente da *villa* romana de Noville (Murgados, A Coruña), *Minius*, I, Ourense, pp. 57-88.

M

MAGRO, Francisco A. Costa
(1986) - *Ceitis*, Sintra.

MAYET, Françoise
(1975) - Les sigillées hispaniques, *Fouilles de Conimbriga*, Dir. Alarcão, J.; Etienne, R., Paris, pp. 153-248.
(1984) - *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain, Paris. Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*, Paris.

MANESCAU, S. Rivera
(1936-39) - La necrópolis visigoda de Simancas (Notas para su estudio), *Boletim del Seminario de A. y Arqueologia*, V, Madrid.

MANTAS, Vasco Gil
(1996) - *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, Coimbra (Tese de doutoramento - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) policopiado, Coimbra.

MARQUES, Mário Gomes
(1996) - *História da Moeda Medieval Portuguesa*, Mem Martins.

MARTIN, M.
(1976) - *Das frankische Graberfeld von Basel* – Bernerring, Bâle.

MARTIN, Th.
(1977) - Quelques formes inédites de sigillée claire D, *Figlina*, 2, pp. 99-106.

MARTINS, Manuela
(1981) - O Povoado Fortificado de S. Ovidio, *Cadernos de Arqueologia – Monografias*, n.º 1, Braga.
(1985) - Sondagens arqueológicas no Castro de Monte Padrão em Santo Tirso, *Cadernos de Arqueologia*, Série II (2), pp. 217-230.
(1988) - *A Citânia S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia – Monografias, 2, Braga.
(1990) - *O povoamento proto – histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cavado*, Cadernos de Arqueologia – Monografias, n.º 5, Braga.

MARTINS, Manuela; **DELGADO**, Manuela
(1989-90) - As necrópoles de Bracara Augusta. Os dados Arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, 6-7, Braga, pp. 41-186.

MARTINS, Manuela; **JORGE**, Susana Oliveira
(1992) - Substrato cultural das etnias pré-romanas do Norte de Portugal, "Paleoetnologia de la Peninsula Iberica", Actas de la Reunión celebrada en la facultad de geografía e Historia de la Universidad Complutense, Madrid, 13-15 Diciembre de 1989, *Complutum*, n.º 2-3, Madrid, pp. 347-372.

MATTOS, Armando de
(1943) - *Nótulas Epigráficas (I ª Série)*, Porto, (sep. *De Douro - Litoral*, fasc. VII).
(1946) - Epigrafia do Douro Litoral. II. Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 2ª Série, vol. V, Porto, pp. 21-30.
(1946a) - Epigrafia do Douro Litoral. II. Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 2ª Série, vol. VI, Porto, pp. 60-79.
(1947) - Epigrafia do Douro Litoral. II. Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 2ª Série, vol. VII, Porto, pp. 56-76
(1947a) - Epigrafia do Douro Litoral. II. Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 2ª Série, vol. VIII, Porto, pp. 60-75.
(1947b) - Epigrafia do Douro Litoral. II. Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 2ª Série, vol. IX, Porto, pp. 58-73.
(1948) - Epigrafia do Douro Litoral. II. Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 3ª Série, vol. I, Porto, pp. 65-76.

MELENDO, Enrique Luis Borbobia
(1988) - *Instrumental Medico-Quirurgico en la Hispania Romana*, Madrid.

MELO; Ana Ávila; **ARAÚJO**, Maria de Fátima
(2000) - Machados de Bronze de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II Série, n.º 2-3, Porto, pp. 53-66.

MENÉNDEZ, José Jorge Arguello; **TEIXEIRA**, Ricardo; **FONSECA**, Vítor
(2002) - *Sondagens Arqueológicas na área envolvente da estação romana de Portos. Reconversão em via larga e electrificação da linha de Guimarães. Troço Santo Tirso – Lordelo. Portos. 02 – Relatório Preliminar de Avaliação, Porto*, policopiado.

MEZQUÍRIZ DE CATALÁN, M. A.
(1961) - *Terra Sigillata Hispánica*, Valência.
(1985) - Terra Sigillata Hispánica, Atlante delle Forme ceramiche (Ceramica fine Tardo romana nel bacino Mediterraneo) – *Enciclopedia Dell'Arte Antica Classica e Orientale*, Roma, vol. II, pp. 97-174.

MILICIC, V.; **VETTERS**, H.
(1970) - *Zu den spatkaiserzeitlichen und merowingischen Silverloffeln*, Bericht der Romish-Germanischen Kommission, 49, Berlim.

MIRANDA, Abílio
(1937) - *Sepulturas medievais*, Terras de Penafiel, vol. I, Penafiel.

MONTEAGUDO, L.
(1977) - Die Beile Auf der Iberischen Halbinsel, *Prahistorische Bronzefunde*, XI, n. º 6, Munich.

MONTEIRO, J. N.
(1985) - Apontamentos para uma monografia de Sequeirô. Sequeirô pré-romano, 4-6, *Boletim Paroquial de Sequeirô*, Santo Tirso.

MOREIRA, Álvaro Brito
(1988) - *A metalurgia do ferro na Cultura Castreja*, Tese de licenciatura, policopiado, Porto.
(1991) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. O Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, I, Santo Tirso, pp. 26-34.
(1991a) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão* (Pad. 91), Santo Tirso (policopiado).
(1991b) - Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano, *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense, vol. VI, Porto, pp. 69-76.
(1992) - Epigrafia romana do concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II, Santo Tirso, pp. 15-33.
(1992b) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, 1ª Série, II, Santo Tirso, pp. 34-47.
(1995) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão* (Pad. 95), Santo Tirso (policopiado).
(1997) - Vidros romanos no noroeste Português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1, II Série, Porto, pp. 14-82.
(1997a) - Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Uma placa esmaltada do Castro do Monte do Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1-2, 2ª Série, Santa Maria da Feira, pp. 83-87.
(1997b) - Portugaliae Monumenta Histórica. Diplomata et Chartae, Doc. 413(1059), vol. I, 1867. Comentário, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1, II Série, Porto, pp. 141-142.
(1998) - *Área arqueológica de Alvarelhos. Memória e Identidade*, Santa Maria da Feira.
(2004) - A necrópole romana da Quinta da Devesa, Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 4, 2ª Série, Barcelos, 7-54.
2004a) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. O castro de Santa Margarida, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 4, 2ª Série, Barcelos, 55-68.
(2005) - O Castro do Monte do Padrão. *Do Bronze Final ao fim da Idade Média*, Santa Maria da Feira.

(2005a) - O Castro do Monte do Padrão. Património e Identidade, Actas do Congresso – Castro, um lugar para habitar, Penafiel, 5 e 6 de Novembro de 2004, *Cadernos do Museu*, Penafiel, n.º 11, pp. 255-276
(2005b) - A origem romana da cidade de Santo Tirso, *Escola Secundária de Tomaz Pelayo – 50 anos da sua história*, Santo Tirso, pp. 9-25.

MORENO, M. Gómez
(1925-26) - *Catálogo Monumental de España. Província de Léon* (1906-1908), Madrid.

MOTES, J. Maluquer de
(2000) - Formación y Dessarrollo de la cultura Castreña, *Pyrenae*, 2-2/3, Barcelona, pp. 215-230.

N

NOLEN, Jannette U. Smit
(1981) - A necrópole de Santo André, *Conímbriga*, XX, Coimbra, pp. 5-180.
(1985) - *Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa.
(1985a) - Nota sobre um Dolium da Herdade da Machoqueira, *Conímbriga*, XXIV, Coimbra, pp. 105-109.
(1988/90) - Vidros de S. Cucufate, *Conímbriga*, vol. XXVII, Coimbra, pp. 5-59.
(1994) - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares* – Balsa, Lisboa.
(1995-97) - Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 13/15, Lisboa, pp. 347-392.
(2002) - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, (vários autores – coordenação de José Cardim Ribeiro), Lisboa

O

OSWALD, F.; **PRICE**, T. D.
(1966) - *An introduction to the study of Terra Sigillata*, London.

P

PAINTER, K. S.
(1965) - A Roman silver Treasure from Canterbury, *Journal of the Archaeology Association*, 3ª Série, XXVIII, London, pp. 1-15.
(1975) - A Roman Christian silver treasure from Biddulp, Staffordshire, *The Antiquaies Journal*, LV, London, pp. 62-69.

PALOL SALLELAS, P. de
(1964) - Cuchillo hispanoromano del siglo IV de J. C., *Boletim del Seminario de Estudios de Arte e Arqueologia*, XXX, Madrid, pp. 67-102.
(1967) - Das Okeanos-Mosaik in der Romischen zu Dueñas, *Madrider Mitteilungen*, VIII, pp. 196-225.
(1969) - La necrópolis de San Miguel del Arroyo y los broches hispanorromanos del siglo IV, *Boletin del Seminario de Estudios de Arte e Arqueologia*, XXXIV-XXXV, Valladolid, pp. 93-160.

PALOL SALLELAS, P. de; **CORTÉZ**, J.
(1974) - *La villa romana de la Olmeda, Pedrosa de la Veja (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970*, A. A. H., n. º 7, Madrid.

PALOMAR, María Esperanza Ortiz
(2001) – Vidrios procedentes de la provincia de Zaragoza: El Bajo Imperio Romano, *Catálogo: Fondos del Museo de Zaragoza*, Zaragoza.

PARKER, A.; **PRICE**, J.
(1981) - Spanish Exports of the Claudian Period: the significance of the Port Vendres II wrecK reconsidered, *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*, 10 (3), London, pp. 221-228.

PASSOS, Carlos de
(1956) - *O Mosteiro e a Igreja de Santo Tirso*, Sep. O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural da Câmara Municipal de Santo Tirso, Porto.

PEACOCK, D. P. S.; **WILLIAMS**, D. F.
(1986) - *Amphorae and the Roman Economy. An Introductory Guide*, London, Longman.

PEDREÑO, J.C. Olivares
(2000) – Los dioses indígenas en el Noroeste de Portugal, *Conímbriga*, XXXIX, Coimbra, pp. 58-83.

PERALTA, Juan Ángel Paz
(1991) - *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*, Zaragoza.

PEREIRA, Isabel; **BOST**, Jean-Pierre; **HIENARD**, Jean
(1974) - Les Monaies, *Fouilles de Conímbriga*, vol. III, Paris.

PEREIRA, Isabel
(1970) - Elementos de freios tardorromanos de Conímbriga, *Conímbriga*, IX, Coimbra 1970, pp. 7-14.

PEREIRA, Maria Amélia Horta
(1970) - O Dolium cinerário, com Skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer), *Conímbriga*, vol. IX, Coimbra, pp. 45-74.

PÉREZ, Ladislao Castro
(1997) - Brazalete de Bronce de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, Santo Tirso, pp. 5-11.

PIMENTEL, Alberto
(1902) - *Santo Thyrso de Riba D'Ave*, Club Thyrsense, Santo Tirso.

PINTO, Marcelo Mendes
(1995) - Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Támega. Estado actual da investigação, La moneda hispánica y território, *Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*, Madrid, vol. XIV, pp. 231-237.

PINTO, Rui de Serpa
(1929) - Nótulas Ceramográficas – I – Um vaso pintado de Lamego, *Arqueólogo Português*, vol. XXVII, Lisboa, pp. 159-164.
(1930) - Machados de bronze das margens do Ave, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, Porto, 4 (3), pp. 306-308.

PONTE, Salete
(1973) - Fíbulas pré-romanas e romanas de Conímbriga, *Conímbriga*, XII, Coimbra, pp. 159-197.
(1980) – A génese das fíbulas do noroeste Peninsular, *Actas do seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2, Guimarães, pp. 111-119.
(1984) - Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro, *Lucerna*, Porto, pp. 111-114.
(1995) - A fíbula do noroeste Peninsular – Expressão residual da vida comunitária nos castros, Actas do 1º Congresso Internacional sobre o rio Douro – Vila Nova de Gaia 1986, *Gaya*, VI, Vila Nova de Gaia, pp. 83-87.
(2004) - Fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal, *Conímbriga*, XLIII, Coimbra, pp. 199-213.

PONTE; Salete; **MARQUES**, Carlos Santos
(1980) - Fíbula anular romana e fivela de cinturão romana do Museu Eduardo Malta (Covilhã), *Arqueologia*, Porto, pp. 60-61.

PONTES, J. M. da Cruz
(1976) - *Martins Capela e o renascimento tomista em Portugal no século XIX*, Braga.

POZO, Salvador
(1997) - *Lucernas antiguas en bronce de la BAETICA. Ensaio de clasificatión. Tipologi y Cronología*, BSAA, Valladolid.

PROVOOST, A.
(1976) - Les lampes antiqúes en terre cuite. Introduction et essai de typologie géneral avec détails concernant les lampes trouvées en Italie, *L'Antique Classique*, XLV, Bruxelas, pp. 2-39; 550-586.

Q

QUEIROGA, Francisco
(1992) - *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*, (dissertação de doutoramento), Oxford, policopiado.

R

RAEV, Boris A.
(1977) - Römische Bronzegefäbe in Thrakien und Mösien, *Bericht des Römisch-Germanischen Kommission*, 58.

RAPIN, André
(1991) - *Lármamento, I Celti*, (coord. Sabatino Moscati) Milano, pp. 478-485.

REAL, Manuel Luís e Pedro Sá
(1982) - *O Mosteiro de Roriz na arte românica do Douro Litoral*, Santo Tirso (sep.), Actas do Colóquio de História Local e Regional – Santo Tirso 1979.

REICHSTEIN, J.
(1975) - Die Kreuzformige, Neumunster.

RESENDE, André
(1593) - *De Antiquitatibus Lusitanie*, Lisboa.

RIGAUD DE SOUSA, J.
(1971) - Cerâmica típica de Braga, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Coimbra, pp. 451-455.

RIBEIRO, José Cardim
(2002) - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, (Vários autores - coordenação de José Cardim Ribeiro), Lisboa.

RIBEIRO, José Cardim ; **FERNANDES**, Clara Alves
(2002) - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, (vários autores - coordenação de José Cardim Ribeiro), Lisboa.

RIGAUD DE SOUSA, J.
(1966) - Subsídios para a Arqueologia Bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
(1971) - Cerâmica típica de Braga, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Coimbra, pp. 451-455.
(1973) - Subsídios para a Carta Arqueológica de Braga, *Studia Archeológica, Santiago de Compostela* – Valladolid, (sep.), pp. 7-28.

RITTERLING, E.
(1993) - *Das Fruhromische Lager bei Hofheimim Taunus*, Annalen dês Vereins fur nassauisch Altertumskunde und Geschichte Forschung, XL, Wiesbaden.

RODRÍGUEZ, José Ramon López
(1985) - *Terra sigillata hispánica tardía decorada a molde de la Península Ibérica*, Valladolid.

RODRÍGUEZ, Pérez; **ARAGON**, F.
(1992) - Los cingula militae tardorromanos de la Península Ibérica, *Boletím del Seminario de Arte y Arqueologia*, 58, Madrid.
(1992a) - Los broches de los cinturones tardorromanos y el inicio de la presencia germánica en la Península Ibérica, *Codex Aquilarensis*, 4.

RODRÍGUEZ, A.; JUAN, L. C.
(1992) - *Terra sigillata Gálica, Arcóbriga II. Las Cerámicas Romanas*, Dir. L. Caballero Zoreda, Zaragosa, pp. 15-34.

RODRÍGUEZ, M. Xusto
(1991) – Galicia. Romanización en el valle del río Caldo, *Revista de Arqueología*, 126, Madrid, pp. 22-31.

ROMERO CARNICERO, M. V.
(1985) - *Numancia I. La terra sigillata*, Barcelona.

ROSADO FERNANDES, R. M.
(1996) - *De Antiquitatibus Lusitanie*, (Tradução e comentário de R.M. Rosado Fernandes), Lisboa.

Y

YANGUAS, J. Santos
(1984) - *Comunidades indígenas y administración romana en el noroeste Hispanico*, Vitória.

S

SANCHES, Maria de Jesús
(1981) - Recipientes cerâmicos da Pré-história recente do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 88-98.
(1982) - Vasos da Estação Arqueológica do Corvilho, *Arqueologia*, 5, Porto, pp. 56-61.
(1988) - O povoado da Lavra (Marco de Canaveses), *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 125-134.

SANCHÉZ, M. A.
(1983) - *Cerámica Común, Arcóbriga, II*, Las Cerámicas Romanas (dir. Luis Caballero Zoreda), Zaragoza, pp. 247-281.

SANTARÉM, Carlos Faya
(1951) - O castro de Monte Padrão, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. 1 (1), Santo Tirso, pp. 105-11.
(1952) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. II (I), Santo Tirso, pp. 105-111.
(1952a) - Uma curiosa lápide funerária encontrada no Mosteiro de Roriz, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. II, n.º 3, Santo Tirso, pp. 401-402.
(1952-53) - Inscrições portuguesas do concelho de Santo Tirso. Séculos XII a XIX, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, II, Porto, pp. 435-462.
(1953) - Duas inscrições romanas inéditas do concelho de Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. II, n.º 3, Santo Tirso, pp. 397-401.
(1954) - Um bronze de arte, *Revista de Guimarães*, 64 (1-2), Guimarães, pp. 31-39.
(1954) - O castro de Monte do Padrão. Campanhas de 1952-53-54, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 3 (4), Santo Tirso, pp. 397-429.
(1954-55) - Inscrições portuguesas do concelho de Santo Tirso. Século XII-XIX, *O Concelho de Santo Tirso* – Boletim Cultural, III, Porto, pp. 57-93.
(1955a) - Inscrições portuguesas do concelho de Santo Tirso. Séculos XII a XIX, *O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 4 (3) , Porto, pp. 271-288.
(1955b) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa - Espólio arqueológico do Corvilho, Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. II, n.º 2, Santo Tirso, pp. 169-177.
(1956) - Inscrições romanas no concelho de Santo Tirso, *O concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. V, Santo Tirso, pp. 63-70.
(1956a) - Um notável instrumento pré-histórico do círculo nórdico, encontrada em Monte Córdova, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, IV, Porto, pp. 69-72.
(1956b) - *Santo Tirso. Ligeiros apontamentos para uma monografia*, Santo Tirso.
(1977) - Uma inscrição romana de Alvarelhos, Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, Santo Tirso, pp. 161-170.
(1979) - Génese do concelho de Santo Tirso, *Actas do Colóquio de História Local e Regional*, (Santo Tirso, 17-18 de Março de 1979), Porto, 407-414.

SANTOS JÚNIOR, J. R.
(1940) - Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português – Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)*, Lisboa, Comissão executiva dos Centenários. Secção dos Congressos, vol. I, Lisboa, pp. 327-376.
(1963) - As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 19 (2), Porto, pp. 111-144.

SARMENTO, Francisco Martins
(1883-84) - Inscrições inéditas, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses*, vol. IV, 2ª Série, Lisboa
(1884) - O soldado que venceu Viriato, *A vida Moderna*, n.º 6, Porto, pp. 303-304.
(1885) - A inscrição de Burgães, *A vida Moderna*, vol. VI, n.º 6, Porto.
(1887) - Para o Pantheon Lusitano, *Revista de Guimarães*, vol. I, Porto, pp. 227-240.
(1888) - A propósito dos «Roteiros de Thesouros», *Revista de Guimarães*, vol. V, Porto, pp. 5-11.
(1895) - A inscrição de Santo Tirso, *A vida Moderna*, vol. XVI, n.º 17, Porto, pp. 178-179.

(1930) - Carta a Martins Capela, *Revista de Guimarães*, vol. XL, Guimarães, pp. 83-87.
(1933) - *Dispersos*, vol. I – II, Coimbra.
(1970) - Os inéditos de Martins Sarmento, Antíqua, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, 1-2, Guimarães, pp. 11-72.

SCHULE, W.
(1969) - Die Meseta – *Kulturen der Iberischen Halbinseln*, Berlim 1969.

SEALEY, P. R.
(1985) - *Amphoras from the 1970. Excavations at Colchester Sheepen*, B. A. R. - B. S., 142, Oxford.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da
(1980) - Organizações gentílicias de entre Leça e Ave, *Portugália*, Nova Série, 1, Porto, pp. 79-90 = (1982) *Actas do Colóquio de História Local e Regional*, (Santo Tirso - 1979), Santo Tirso, pp. 381-399.
(1986) - *Cultura castreja no noroeste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
(1986a) - Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização, *Paços de Ferreira - Estudos monográficos*, Paços de Ferreira, pp. 95-196.
(1994) - Origens do Porto, História do Porto (dir. Luís A. de Oliveira Ramos), Porto, pp. 44-117.
(1995) - A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a.C., *Revista da Faculdade de Letras – História*, Universidade do Porto, Porto, pp. 505-546.
(1999) - *Citânia de Sanfins*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; **CENTENO**, Rui Manuel Sobral
(1980) - Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) 1977-1978, *Portugália*, Nova Série, vol. I, Porto, pp. 57-78.

SIMON, E. M.
(1968) - *Das Klein Kastell Degerfeld in Butzbach, Kr. Friedberg (Hessen) Datierung und Funde, Saalburg* – Jahrbuch, 25, Berlim, pp. 5-64.

SOARES, Antónia Coelho
(1987) - Materiais arqueológicos da Cousela dos Chãos (Sines), *Setúbal Arqueológica*, VIII, Setúbal, pp. 193-202.

SOEIRO, Teresa
(1981) - Objectos em bronze do castro de Alvarelhos, *Gallaecia*, n.º 6, A Coruña, pp. 237-243.
(1981-82) - Monte Mozinho: Cerâmica cinzenta fina, *Portugália*, Nova Série, n.º 2, Porto, pp. 97-120.
(1982) - Esconderijo de Sequeade (Barcelos), *Arqueologia*, 5, Porto, pp. 62-67.
(1984) - *Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*, Penafiel – Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, n.º 1, Penafiel.

SOMMER, M.
(1984) - Die GurtelGurtelbeschlage des 4. Und. 5. Jahrhunderts im romischen Reich. *Boner Hefte zur Vorgeschichte*, 22, Bonn.

SOUSA, Élvio Melim
(1989) - O Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, *Ler História*, n.º 15, pp. 182-182.

SOUSA, Élvio Melim; **SEPÚLVEDA**, Eurico
(1997) - Materiais inéditos da necrópole romana da herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal - A Colecção dos comendadores Nunes Correia, *Conímbriga*, XXXVI, Coimbra, pp. 103-122.

SOUSA, J. M. C.
(1948) – Inscrições dos séculos VIII a XII existentes em Portugal, *Ethnos*, vol. III, Lisboa, pp. 113-133.

SPAER, M.
(1988) - The pré-islamic glass bracelets of Palestine, *Journal of Glass Studies*, 30, New York, pp. 51-61.

T

TAFALLA, Maria Teresa Amaré
(1988) - *Lucernas romanas en Aragon*, Instituicion Fernando el Católico, Zaragosa.
(1993) - *Guía /catálogo de 100 piezas*. Museo de León, coord. Luis A. Grau Lobo, Valladolid, pp. 58-59, n.º 28.

TEIXEIRA, Carlos
(1935) - Um peso bizantino, inédito, de Braga, *Alto Minho*, n.º 3, (sep.), Viana do Castelo.

TEIXEIRA, C.; **MEDEIROS**, A. Cândido; **ASSUNÇÃO**, C. Torre
(1965) - Carta Geológica de Portugal (1:50 000). Notícia explicativa da folha 9 – A, Póvoa de Varzim, S. G. P., Lisboa.

TOMÁS, Frei Leão de S.
(1651) - *Benedicta Lusitana*, Coimbra = Fac-símile, Lisboa 1974, 2 vols.

TWOHIG, E. Shee
(1981) - A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, n.º 3, GEAP, Porto, pp. 49-55.

TORRES, Joaquim
(1979) - *Tesouro monetário do castro de Alvarelhos. Estudo numismático – Seriação cronológica e histórica*, Boletim Cultural de Santo Tirso, vol. I, Santo Tirso, n.º 2-3.

TOVAR, A.
(1960) - *Lenguas prerromanas de la Península Ibérica*, Enciclopédia Linguística Hispânica, vol. I, Madrid.

TRANOY, Alain
(1981) - *La Galice Romaine. Recherces sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'antiquité*, Paris.
(1989-90) - As necrópoles de Bracara Augusta. As inscrições funerárias, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6-7, Braga, pp. 183-230.

U

UNTERMANN, J.
(1965) - *Elementos de um atlas antroponímico de la Hispania antigua*, Madrid.
(1980) - Los teónimos de la región lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas, *Actas del VI Congresso de Lenguas y Culturas Paleohispánicas*. Lisboa, 1980, pp. 343-363.

URTEAGA, M. Mercedes
(1986) - *Bronces romanos de Higer*, Hondarriba (País Vasco), Munibe, 40, pp. 111-122.

V

VALENZA, Nazarena
(1977) - *Le lucerne di bronzo del Museo di Napoli*, pp. 157-177, Tav. LXXII-LXXV, In – CARANDINI, A. – L'instrumentum domesticum di Ercolno e Pompei nell prima età imperiale, Roma.
(1981) - *Museo Nazionale Archeologico di Napoli. Catalogo delle lucerne in bronzo*, Roma.

VALDEIRAS, Manuel Garcia
(1997) - En defensa da musealización da estación arqueolóxica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º, 2ª Série, Porto, pp. 131-137.

VALVERDE, Filgueira J. ; **ALEN**, A. García
(1959) - *Adiciones a la Carta Arqueológica de la provincia de Pontevedra*, E.M.P., XIII, Pontevedra.

VAQUERO, Santiago Carretero
(1998) - *El Campamento Romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora) - La cerámica, Valladolid* 1998 (Tesis Doctoral - policopiado).

(1999) - El Ejército romano del Noroeste Peninsular durante el alto imperio. Estado de la cuestión, *Gladius*, Tomo XIX Madrid, pp. 143-157.

VASCONCELOS, José Leite
(1905) - *Religiões da Lusitânia*, vol. II, Imprensa Nacional, Lisboa.
(1906) - Notícias epigráphicas – Lápide de Guidões, *O Archeólogo Português*, vol. XI, Lisboa, pp. 371-373.
(1915) - *História do Museu Entnológico Português*, Lisboa.

VAZ, A. Luís
(1942) - *Mestre e Precursor* (Crítica da vida e obra do P.e Martins Capela, no 1º centenário do seu nascimento), Lisboa.

VAZ, J. Ferraro; **SALGADO**, Javier
(1984-85) - Livro das Moedas de Portugal, Lisboa

VÁZQUEZ, A.
(1987) - *Sigillata Africana en Augusta Emerita*, Mérida, Badajoz.

VEGAS, M.
(1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*, Publicaciones Eventuales, 22, Barcelona.

VIANA, A. ; **OLIVEIRA**, M. S.
(1954) - «Cidade Velha» de Santa Luzia (Viana do Castelo), *Revista de Guimarães*, LXIV, Guimarães, pp. 40-72.

VIANA, Abel; **ANDRADE**, Ruy Freire D'; **FERREIRA**, Oliveira Veiga
(1954) - Minerações romanas de Aljustrel, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXV, Sep., Lisboa, pp. 1-16.

VIANA, Abel; **DEUS**, A. Dias de
(1958) - *Campos de Urnas do concelho de Elvas* (Paço Ducal de Vila Viçosa, Materiais da secção de Arqueologia), Coimbra.

VIDAL, J. Molina
(1993) - Las ánforas "Lomba do Canho 67". Aportaciones al estudio de un nuevo tipo: difusión y valorización económica, *XXII Congresso Nacional de Arqueologia - Zamora*, II, Vigo, pp. 419-424.

VILLARONGA, Leandre
(1993) – *Tresors*, Barcelona.

VILLAR, Francisco
(1993 - 95) - Um elemento de reliogiosidad indoeuropea: Trebarune, Toudopalandaigae, Trebopala, Pales, Vispála, *Kalathos*, 13-14, pp. 355-358.

VOLK, T. R.
(1997) - Inventari dels conjunts de monedes d'or i de plata de la Península Ibérica: D'August a Neró (prereforma), La moneda en temps d'August, *MNAC*, Barcelona, pp. 157-191.

W

WHITEHOUSE, David
(1991) - Cameo Glass. Roman Glass: *Two Centuries of Art and Invention – Occasional Papers*, Vol. XIII, London, pp. 19-32.

Z

ZOREDA, Luis Caballero
(1974) - La necrópolis tardorromana de Fuentespeadas (Zamora). Um asentamiento en el valle del Duero, *Excavaciones Arqueológicas en España*, 80, Madrid.

Instituto Português de Museus
Rede Portuguesa de Museus